

Sandra Carvalho

OS TRÊS REINOS

A Saga das
Pedras Mágicas

EDITORIAL PRESENÇA

11

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PRÓLOGO

Os brados de Freya, filha do *jarl* Throst e da feiticeira Catelyn da Ilha dos Sonhos, ecoavam por entre as árvores robustas e frondosas da Floresta Sombria. O guerreiro que a fizera cativa resmungava, enquanto a arrastava sobre o solo coberto de neve. Como é que uma rapariga tão pequena e franzina podia oferecer tamanha resistência? Se não conseguisse silenciá-la, em breve os vikings que cercavam a sua aldeia escutariam o berreiro... A rainha Aesa avisara-o de que, se algo sucedesse à prisioneira, a sua família estaria condenada. E a feiticeira que regia a sorte do povo vândalo jamais ameaçava em vão!

— Cala-te imediatamente ou corto-te a língua! — fremiu o homem, detendo-se para impor a sua vontade. Porém, em vez de acatar, a jovem estrebuchou com tal veemência que acabou por se escapar.

Livre do aperto das mãos de ferro, Freya desatou a correr às cegas, buscando forças no pânico que a assolava. Sabia perfeitamente que, se voltasse a ser capturada, a aguardava um destino pior do que a morte. Por isso, invocou a magia que vivia no seu sangue, para que a escuridão da noite não lhe guardasse segredos; para que os pés não tropeçassem nas armadilhas do terreno; para tornar-se invisível aos olhos do vândalo. Tinha de encontrar a irmã... Não podia ser demasiado tarde!

No seu encalço, o guerreiro praguejava, esbarrava nos troncos das árvores e enfiava as botas nas raízes ocultas pela neve e pela lama. Caiu. Levantou-se. Voltou a cair. Bravejou a sua ira. Cuspiu pragas. Freya continuou a correr, ganhando vantagem. O peito ardia-lhe e o coração doía-lhe, tal o esforço, mas nem pensou em desistir. O silêncio que se seguira ao clamor de Edwina era um mau presságio; um vazio que alimentava o seu horror.

Subitamente, uma sombra mais negra do que as trevas barrou-lhe o caminho. Freya sufocou um grito e tentou desviar-se. Uma mão raspou-lhe o braço... E esse fraco contato bastou para que as suas forças se extinguissem. Caiu desamparada sobre o manto de neve;

as pernas moles como geléia. Antes que pudesse reagir, um homem puxou-a contra o peito... O mesmo que, há pouco, Freya vira prostrar Edwina. Abriu a boca para troar a sua revolta, mas descobriu-se sem voz. Quem era esse ser abominável que devorava todo o seu alento? Quem era essa criatura... capaz de sujeitar a Guardiã da Lágrima do Sol?

— Muito bem, Snari! Serás recompensado pelo excelente desempenho que tiveste esta noite!

Freya voltou a cabeça a custo, na direção da voz gélida. A chama de uma tocha fulgiu e iluminou o trilho. Aesa, rainha do povo vândalo e mestra da Arte Obscura, surgiu de entre as árvores, arrastando o corpo envelhecido. Porém, apesar de arquejar de cansaço, não desmanchava o sorriso que lhe encarquilhava ainda mais as faces. O pote de ferro que carregava parecia pulsar com vida própria, exalando uma maldade tão intensa que consumia o ar. Quedou-se diante da jovem, esboçando um gesto reprovador, enquanto retrucava:

— Onde julgavas que ias, princesinha abençoada? Socorrer a tua querida irmã? — Deitou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada. — Lamento...

O guerreiro que deixara Freya fugir irrompeu do meio das árvores e estacou bruscamente, ao ver a sua presa nas garras de outro predador. O olhar esbugalhado de medo fixou-se na rainha, que interrompera o discurso para o mirar com um esgar de desprezo. Suspirou de alívio, ao verificar que a sua atenção regressava à cativa do príncipe Snari. A feiticeira rangeu os dentes e silvou:

— Já me fizeste perder muito tempo!

Freya tentou mover-se mais uma vez... Porém, já mal conseguia respirar. Aterrada, viu a bruxa estender uma mão ao encontro da sua testa; dedos esqueléticos, que terminavam em unhas aguçadas... cobertas de sangue! O coração da jovem falhou uma batida. Os pulmões recusaram-se a receber o ar e todo o seu ser foi percorrido por uma dor violenta. Aquele sangue pertencia a Edwina! A sua irmã estava morta!

Então, uma voz tormentosa que pouco tinha de humano estrondeou-lhe dentro da mente, carregando uma ordem simples:

"*Dorme!*"

E os olhos de Freya fecharam-se.

Helga, filha de Vestein, sentiu uma pontada trespassar-lhe o peito. Perdeu o fôlego e tombou de joelhos no chão, amparando a queda com as mãos. Cerrou os olhos e mal conteve um grito. Concentrou-se em respirar, em manter-se consciente...

À sua volta, a escuridão condensava-se, como se a luz que alimentava a Terra estivesse a fenecer; como se o próprio Sol agonizasse. A angústia estrangulava-lhe a garganta qual coleira de ferro. Deixou escapar um gemido sufocado, na sua ânsia por reagir. Um ganido ecoou através da névoa que lhe toldava os sentidos e uma língua quente encharcou-lhe as faces pálidas. Essa sensação molhada ajudou-a a agarrar-se à realidade. Aos poucos, a dor atenuava-se... A mente recuperava o discernimento.

As mãos da princesa vidente do povo vândalo envolveram o pescoço de *Conselheiro*, o seu cão-lobo, que ganhava em aflição enquanto lhe lambia o rosto. Abraçou o animal e tranquilizou-o. Já vislumbrava o brilho do seu corpo, assim como a névoa ardente libertada pela lareira que aquecia a casa. Apesar de ter nascido cega, Helga possuía o dom da percepção. A energia dos seres vivos e das coisas inanimadas chegava até si sob a forma de partículas de luz, que lhe permitiam distinguir não só as feições exteriores, como a natureza das essências. Mais calma, respirou fundo e murmurou, acariciando o pelo cinzento do cão:

— Não te preocupes, fiel amigo. Eu estou bem...

O silêncio tornou a instalar-se na modesta cabana. Helga manteve os olhos fechados e aprofundou a concentração. Não tinha dúvidas de que a indisposição que a prostrara resultará de um acontecimento funesto. Só sentira semelhante tormento na noite em que o pai fora assassinado. Recordava a aflição que experimentara, ao tentar descobrir o que lhe estava a acontecer. Nesse dia falhara... Falhara miseravelmente, porque um poder superior lhe bloqueara a Visão! O seu povo convencera-se de que os Vikings haviam sido responsáveis pela morte do rei vândalo. A princesa sabia que tal não era verdade... No entanto, a desconfiança que lhe retalhava o

coração era tão cruel que jamais se atrevera a expressá-la. Se Aesa tivera coragem de derramar o sangue do próprio neto, após este a ter contrariado, o que lhe faria se ela a desafiasse?

Nesse instante de indefinição, Helga receou por Helgi. No dia anterior, o seu gêmeo embrenhara-se nas trevas dos Pântanos Nebulosos, liderando um grupo de jovens, entre os quais se encontravam Koll e Ymir, os irmãos mais novos, e Villi, o melhor amigo. O bloqueio imposto pelos Vikings impedia os Vândalos de caçar na floresta e, na estação amena, a terra recusara-se a prover-lhes sustento. Ante o desespero do povo, o príncipe decidira enfrentar as brumas gélidas, aproveitando uma brecha no cerco inimigo que lhes permitia alcançar a costa. Caçar nos fiordes, no pico do Inverno, era desafiar a morte. Porém, Helgi dispusera-se a correr o risco, na derradeira tentativa de evitar que as crianças da aldeia se finassem de fome. Raud, o seu irmão mais velho, feito rei dos vândalos após a morte do pai, inquietara-se ao vê-los partir. Contudo, a rainha aplaudira a iniciativa... Sem Helgi por perto, era-lhe mais fácil dobrar a vontade de Helga.

O último confronto com a Guardiã da Lágrima do Sol deixara Aesa tão debilitada, que dependia da bisneta para realizar os sortilégios que requeriam maior poder. Ainda nessa noite, a jovem vidente tivera de acompanhá-la até à barreira de espinheiros, no limite da aldeia, a fim de lançar um encantamento sobre as trevas, para que a feiticeira e a sua escolta passassem despercebidos aos olhos e ouvidos dos Vikings, enquanto se esgueiravam através da floresta. Helga não ousava contrariar a bisavó, principalmente desde que Snari se tornara a sua sombra. Sabia do que o primo era capaz... Por isso engolia em seco e obedecia, mesmo quando não lhe era prestada nenhuma justificação.

Assim que sentiu a magia inundar-lhe o sangue, a princesa encheu-se de coragem e libertou a mente, perscrutando a noite em busca do fenômeno que a perturbava. Deixou para trás a barreira de espinheiros e atravessou a Floresta Sombria, até atingir a fronteira com o território da Gente Bela. Então, deparou com um brilho resplandecente que lacerava as trevas... Uma luz que brotava do solo e se fundia com um nevoeiro úmido e quente, palpitante de

vida, fulgurante de poder. Para seu assombro, não existia uma gota de malignidade naquela manifestação. A sua origem era pura... Maravilhosa!

Fascinada, a essência de Helga abeirou-se do remoinho colorido, estendendo os braços ao encontro do calor que este emanava, ofegando de antecipação. No momento em que os dedos trêmulos tocaram a névoa, esta dissipou-se, revelando um trilho verdejante, ladeado por árvores majestosas. Não havia neve nesse caminho. Não existiam pedregulhos, nem raízes mortas. O Vento Norte fora domado e ronronava melosamente contra a sua pele. A princesa do povo vândalo entreabriu os lábios para libertar um suspiro de satisfação... E foi nesse preciso instante que viu o lobo.

No meio do trilho, como se aguardasse a sua chegada, estava uma fera colossal, quase tão imponente como a forma mística do seu irmão gêmeo. Porém, em vez de negro, aquele lobo possuía pêlo cinzento e brilhante. E os olhos que a fixavam eram verdes... tão verdes como a floresta virgem que os rodeava. Helga enterneceu-se sob aquele olhar intenso; o coração assolado por uma estranha sensação que a forçava a sorrir, a respirar com mais força, a desejar aproximar-se da besta, apertar os braços em torno do seu pescoço e afundar o rosto na suavidade do seu pêlo. Todavia, mal se atreveu a dar um passo, a figura do lobo estremeceu.

Assustada, a princesa apelou a toda a sua vontade para sustentar a energia que alimentava a Visão. Contudo, uma sombra brotara do nada e consumia a luz que a acalentava. A fera ainda se quedava no trilho, desfrutando da magia radiosa... Mas Helga jamais a conseguiria alcançar. Não era digna de tal honra!

Ouviu o seu próprio brado, enquanto a essência era arrastada até ao corpo. Ao tomar consciência da realidade, arfou de surpresa... Porém, a macieza do pêlo que lhe acariciava a face pertencia a *Conselheiro* e não à criatura sagrada que a encantara. O cão manteve-se imóvel, como se compreendesse a gravidade do momento. A princesa estreitou-o com afeto e permitiu-se ceder às lágrimas. Desde menina que ouvia falar da Montanha Sagrada, o berço da magia da Terra; um refúgio abençoado, onde o Conhecimento era oferecido aos puros de coração. Jamais imaginara

que, um dia, haveria de vislumbrar os trilhos desse lugar místico... Todavia, nessa noite, ainda que por breves instantes, tal graça fora-lhe concedida!

No fim, ficara tão absorvida pela surpresa, que esquecera o verdadeiro propósito da sua incursão. O pressentimento que a transtornara permanecia um mistério. Porém, crescia em Helga a certeza de que não tardaria a conhecer a verdade. Fora da sua porta uma multidão reunia-se, saudando o regresso da rainha Aesa com um clamor aguerrido. E o calafrio instintivo que percorria a princesa era quanto bastava para lhe provar que algo terrível acontecera.

Na aldeia do povo vândalo as casas despertavam. Homens e mulheres agasalhavam-se à pressa, para contrariar o ar gélido da noite, e saíam ao encontro da rainha. Depressa o terreiro ficou iluminado pelas chamas dos archotes. Ao lado de Aesa, Snari saboreava a vitória. Hoje, todo o povoado admitiria a sua excelência, a sua supremacia! Só lamentava que Helgi tivesse partido para caçar. Ver o choque do primo, no instante em que se deparasse com a presa que ele carregava nos braços, sublimaria o seu triunfo. Dos varões de Vestein, apenas Raud, o novo rei, estava presente. Snari mal conteve a vontade de cuspir de desprezo, ao ver o primo aproximar-se. Tinha de manter a calma... Um a um, aqueles que se colocavam entre ele e o trono haveriam de tombar! Porém, não podia precipitar-se. Devia ser paciente e hábil, para que o seu destino se cumprisse. Um dia, não só os Vândalos se vergariam ao seu poder, mas todos os reinos do Norte.

A voz de Aesa elevou-se, extasiada, declarando a morte da princesa Edwina do povo viking. Snari aguardou por elogios, por reconhecimento... Afinal, fora ele quem forçara o Guardiã da Lágrima da Lua a roubar o pote de cinzas da feiticeira Gwendalin, da guarda do Povo da Terra! E fora ele quem subjugara a Guardiã da Lágrima do Sol... Todavia, esperou em vão. A rainha chamava a si toda a glória pelo êxito da campanha.

Snari cerrou os dentes com força, empurrando o céu-da-boca com a língua. Se se rebelasse contra essa injustiça, perderia o pouco que conquistara. Enquanto azedava de frustração, os seus olhos ficaram cativos da jovem que rompia caminho por entre a multidão. Susteve

o fôlego, fulminado pela visão do corpo voluptuoso, enfeitado por cabelos rubros e olhos tão verdes como o mar bravio. Por que é que, quando ela surgia, tudo o resto se desvanecia na sua mente?

Aesa anunciava a captura da Loba Prateada e os guerreiros soltavam exclamações de assombro. Gríma conseguiu chegar à frente e sorriu carinhosamente, ao deparar com o meio-irmão. Snari voltou o rosto com brusquidão, engolindo em seco. Odiava-a! Odiava-a pela sua simpatia! Odiava-a pela sua beleza! Odiava-a... Tanto quanto a desejava! Como pudera o destino impor-lhe o tormento de se apaixonar pela filha bastarda do seu próprio pai? Siguror era o culpado da sua desventura! Ele... e a rameira que usurpara o lugar da sua mãe!

Os seus tortuosos pensamentos assumiram forma quando Halldora surgiu, empurrando aqueles que se interpunham entre ela e a prisioneira.

— Essa cadela é filha de Throst... — gritava, desvairada. — O maior inimigo dos Vândalos! Exijo a sua morte!

O burburinho que se erguia em torno da mulher extinguiu-se abruptamente, mal o príncipe Siguror avançou para conter o seu ímpeto. Os olhos de Snari faiscaram de rancor, ao encarar o pai. Por mais anos que vivesse, jamais haveria de perdoá-lo!

Halldora, filha do poderoso chefe viking Arngrim, fora entregue a Bror, rei dos Vândalos, por Arnorr, seu irmão mais velho, para firmar uma aliança contra o rei Steinarr e o *jarl* Throst, a quem declarara guerra. No entanto, a escrava não aquecera a cama do seu senhor. Impossibilitado de aumentar a descendência e perante o entusiasmo que o filho mais novo revelara pela jovem de cabelos de fogo, Bror condescendera em entregá-la a Siguror. Apesar da tenra idade, Snari lembrava-se perfeitamente da tarde em que o pai trouxera a escrava para casa... Das incontáveis vezes que vira a mãe chorar, desgostosa por ter perdido o afeto do marido. Do dia em que Gríma nascera... E da noite em que a mãe fora encontrada morta, no fundo de um precipício. Um lamentável acidente, tinham-lhe dito... Contudo, Snari crescera com a convicção de que fora Halldora quem empurrara a sua mãe para a queda fatal. E magoava-o pensar que a bisavó sabia

a verdade e nada fazia para castigar a maldita criatura. Um dia, seria a sua mão a impor justiça!

Enquanto observava o pai a acariciar os cabelos da escrava, quase suplicando que se acalmasse, Snari mastigava uma ira sem limites. Gríma veio confortar a mãe e, de novo, as entranhas do vidente enodaram-se. Um dia, haveria de matar os três: o pai e a madrasta, porque os execrava... A meia-irmã, porque a amava. Gríma nunca compreendera a razão por que ele lhe voltava as costas, quando o procurava para conversar. E acreditava que a antipatia de Snari por Helgi se devia à preferência da rainha pelo outro bisneto. Em parte, tal era verdade... Porém, o que realmente enlouquecia Snari era o fato de Gríma estar prometida ao Espírito da Escuridão. Se Helgi não fosse tão arredo, ter-se-iam casado há muito... E imaginar a mulher que desejava nos braços do seu detestável primo, o prodigioso guerreiro abençoado pelos deuses, inflamava o seu ódio.

Exclamações de pasmo brotaram da multidão, no momento em que Aesa puxou pelos longos cabelos negros e encaracolados da prisioneira, exibindo-lhe o rosto inanimado. Alguns homens recuaram instintivamente. Aqueles que tinham participado na última batalha contra os Vikings podiam testemunhar que se tratava da guerreira do príncipe Ivarr, cuja destreza em combate era apregoada por todo o Norte. Inclusive, Ozur, um respeitado general, vira-a defrontar o príncipe Helgi... e prostrá-lo! Passada a surpresa, os guerreiros exprimiram o seu asco... Muitas vozes juntaram-se à de Halldora, demandando uma morte exemplar para a Loba Prateada, que provasse aos inimigos a superioridade do povo vândalo.

— A prisioneira não será molestada de nenhuma forma — ordenou Aesa com brusquidão. — Tenho planos para ela.

— Com todo o respeito, minha rainha... — atreveu-se Ozur. — Para além de pertencer à guarda de Ivarr, essa mulher é filha de Throst, o Primeiro Homem de Steinarr. Não demorará muito até que o exército viking venha reclamá-la.

— Não tendes o que recear! — contrapôs a feiticeira, sorrindo deliciada. — Só a Guardiã da Lágrima do Sol possuía poder para destruir os espinheiros... A sua morte deixou os Vikings desprovidos

de magia. Quem se atrever a aproximar-se dos meus domínios, enfrentará o seu fim!

— Talvez os Vikings não possam transpor a barreira de espinhos... — ousou contestar o general. — Mas irão reforçar o cerco! E a nossa aldeia está a definhar à fome! Não suportaremos mais uma estação...

— Não me ouviste, Ozur? — impacientou-se a rainha. — Sem magia, em breve o poderoso exército de Steinarr estará reduzido a cinzas. E esta rapariga há de tornar-se a nossa melhor arma! Garanto-vos que, após cumprir o destino que lhe tracei, os Vikings serão os primeiros a desejar a sua morte.

Helga pôs uma capa sobre os ombros e enfrentou a noite. *Conselheiro* marchava ao seu lado, nada incomodado pela neve que prendia as botas dos humanos. Toda a aldeia afluía ao terreiro. O alarme passava de boca em boca. A rainha fizera uma prisioneira na floresta...

— Este dia ficará assinalado na história dos Vândalos! — discursava Aesa, gesticulando com uma mão, enquanto a outra apertava um pote de ferro junto ao peito. — Hoje bati-me contra a minha maior inimiga... e derrotei-a! Sim, meu povo! Finalmente, a Guardiã da Lágrima do Sol está morta!

Helga estacou, paralisada. De repente, era como se o gelo que cobria o solo lhe trespassasse a carne e a impedisse de se mover, de respirar, de pensar... até o coração parar de bater. Não! Não podia ser verdade! Porém, assim se explicava a agonia que, há pouco, a subjugara. Helga e Edwina partilhavam uma ligação especial, impossível de justificar. Em nome desse elo, muitas regras tinham sido quebradas de ambos os lados da guerra que opunha os Vândalos aos Vikings. Fora por acreditar que a Guardiã da Lágrima do Sol seria capaz de pôr fim ao conflito sangrento que dividia os dois povos, que Helga convencera o rei Vestein a procurar o rei Steinarr. Agora, o seu pai estava morto... Se Edwina também se finara, já não havia esperança de alcançar a paz!

Conselheiro ganiu levemente e bateu-lhe com a pata na perna. Helga cambaleou e levou as mãos ao peito, empurrando o ar para dentro dos pulmões. Precisava de reagir... Se a rainha surpreendesse

o seu horror, haveria de associá-lo a fatos do passado que lhe tinham causado grande estranheza... e concluiria que a bisneta a traía. Foi então que Aesa exibiu a prisioneira, qual valioso troféu de caça. Esta jazia nos braços do príncipe Snari, vítima da sua terrível capacidade de sugar a vitalidade dos seres.

— Não... — Um gemido dolente escapou dos lábios de Helga. Ofegante de aflição, reviu o momento em que o irmão gêmeo fora trazido à sua presença, após a cruenta batalha contra os Vikings. A jovem chorara de felicidade por verificá-lo a salvo, pois julgara que o Espírito da Escuridão iria tombar às mãos do Espírito da Luz. Contudo, não tardara a aperceber-se de que, apesar de ter escapado à morte, Helgi jamais voltaria a ser o mesmo. O seu coração recebera um rude golpe. No instante em que o seu destino se cumprira, descobrira que a guerreira do príncipe Ivarr, conhecida como “Loba Prateada”, não era outra senão Freya, a menina por quem se apaixonara durante a sua missão de conquista das pedras mágicas da feiticeira Aranwen. Freya fora incapaz de matá-lo... mas marcara-o com o seu ódio. Agora, por obra do destino, encontrava-se à mercê dos Vândalos!

Talvez a princesa viking merecesse o castigo que a rainha lhe preparava... Afinal, era responsável pela infelicidade de Helgi! Porém, a percepção de Helga forçava-a a ver para além da revolta e do ressentimento ancestrais. A energia espargida pela essência da prisioneira chegava até si como uma onda de calor, que lhe abraçava o coração e apaziguava o espírito; a mesma sensação sadia e restauradora que Edwina sempre lhe transmitira. Algo estava errado! Essa rapariga não podia ser a mulher fria e implacável que cuspira o seu rancor na cara de Helgi!

Movida pelo instinto, a vidente ajoelhou-se diante de *Conselheiro* e desatou o fio que trazia ao peito, de onde pendia o medalhão gravado com o símbolo da sua linhagem — um corvo com um ramo de espinheiro no bico. Atou-o ao pescoço do cão e murmurou:

— Traz o Helgi para casa, meu amigo! Depressa!

Susteve-se a custo, tremendo como uma árvore débil sob a fúria do vento. Aesa calara os argumentos de Ozur e distribuía ordens. Helga respirou fundo, ao ouvi-la chamar o seu nome. Vacilou um

passo... Contudo, o segundo já detinha a mesma firmeza que se expressava no seu rosto, ao inclinar-se reverentemente diante da rainha.

Helga abriu a porta da sua cabana e Aesa entrou, olhando em redor com manifesto desagrado. Apesar de poder partilhar da sua riqueza, a bisneta teimava em dormir no chão, sobre almofadas; comer em tigelas rachadas; cobrir-se com mantas gastas pelo tempo... O único presente que aceitara das suas mãos fora uma harpa, quando ainda era criança. Durante anos, tocara-a com verdadeira paixão. Todavia, há muito que a bonita música que os seus dedos extraíam do instrumento não alegrava a aldeia. No dia em que a jovem nascera, Aesa convencera-se de que teria uma aliada na magia da sua essência. Agora, duvidava seriamente que assim fosse... Helga era demasiado melindrosa, excessivamente dedicada ao próximo para se tornar uma mestra da Arte Obscura. Nos últimos anos, essa constatação enfurecera a feiticeira. Contudo, finalmente o coração mole da bisneta haveria de servir os seus propósitos!

Os guerreiros pousaram o corpo inerte da prisioneira sobre as almofadas que forravam o canto onde Helga dormia. Após dispensá-los, Aesa fixou a bisneta, exibindo um sorriso de satisfação:

— Sabes quem é essa rapariga? — perguntou.

A expressão da jovem manteve-se tão vazia quanto o olhar cego, ao negar com a cabeça.

— Toca-lhe! — desafiou a rainha. — Sente o seu poder! No seu sangue corre a magia de "O Que Tudo Vê"! Graças a essa fedelha concretizarei a profecia do filho do dragão... E livrar-me-ei do exército viking de uma vez por todas! Se Throst e Catelyn quiserem salvar a filha, terão de convencer o arrogante Steinarr a retirar-se da Floresta Sombria e a jamais voltar a pisar solo vândalo!

Helga engoliu em seco, apreensiva. Mal pousou as mãos na testa da princesa viking, a sua mente foi invadida por estranhas formas e sons. Pelos olhos da cativa, presenciou o instante em que, arrebatado pela paixão, o Espírito da Escuridão lhe entregara o amuleto que Vestein lhe pusera ao pescoço, no dia em que nascera... O mesmo instante em que Freya correspondera,

oferecendo-lhe a pedra mágica azul, que se encontrava à sua guarda, como prova de amor e garantia de que o seguiria, qualquer que fosse o rumo que tomasse. E testemunhou muito mais! Tanto, que recuou atordoada.

— Diz-me, Helga! — quase gritou Aesa, com fervorosa ansiedade. — O que te foi revelado?

A vidente susteve o fôlego. O que fazer? Menosprezar o valor da presa não lhe concederia a liberdade... Condená-la-ia à morte! Precisava de ganhar tempo... Tempo para refletir. Tempo para assimilar todas as informações que a haviam fulminado, numa batida de coração. Tempo para salvar a jovem que jazia diante de si, à mercê dos caprichos da mais terrível e impiedosa das feiticeiras — a sua bisavó. Devia-o a Helgi... A Edwina... E a Vestein, seu amado pai.

— Ela é forte... — começou, orando para que a rainha julgasse que o seu tremor se devia à impressão causada pela energia de Freya. — Muito, muito poderosa! E valiosa! Do seu ventre pode nascer o homem que libertará o Conhecimento Superior das Lágrimas do Sol e da Lua.

— Eu sabia! — exclamou Aesa, triunfante. — Agora, só me resta comprovar a sua virtude...

— Não é necessário! — atalhou Helga, reprimindo o sobressalto. — Se ela já tivesse conhecido homem, a magia tê-lo-ia denunciado! — A feiticeira negou com a cabeça, objetando num tom mordaz:

— A magia ainda te guarda muitos segredos... E eu estou demasiado fraca para vislumbrar além da sua carne. — Deteve o novo protesto da bisneta com um gesto firme. — O herdeiro de Steinarr é um predador. Nenhuma mulher está segura ao seu lado! Custa-me acreditar que uma fêmea tão perfeita tenha escapado incólume ao seu ardor... Iremos esclarecer essa dúvida à maneira dos humanos. Se o príncipe a desonrou, ela não poderá servir o meu propósito.

A percepção chegou lentamente e trouxe consigo a dor. Por um instante, Freya só sentiu um tormento lancinante, como se todos os seus ossos estivessem quebrados e um incêndio lhe deflagrasse no

interior do corpo. Depois, as lembranças começaram a fustigá-la, cobrindo-a qual onda gigante que a arrastou para um remoinho de confusão e horror. Recordava tudo o que acontecera, até ter sido capturada por aquele homem abominável. O que se seguira parecia-lhe irreal; fragmentos de um nefando pesadelo: dezenas de archotes brilhavam na noite. Uma multidão abrasada pelo ódio agitava os punhos. A feiticeira maldita lutava com as suas roupas, invadindo-lhe a intimidade com dedos gélidos e afiados como lâminas. E uma voz suave deslizava na sua mente; um murmúrio carinhoso, capaz de resgatá-la às garras da loucura. "*Confia em mim.*" — dizia. — "*Vou ajudar-te...*"

Sentou-se com um grito apavorado; a pele coberta de suores frios. A esperança de que os seus temores fossem infundados depressa se desvaneceu. Estava numa casa estranha, deitada no chão entre almofadas e mantas. As chamas de uma lareira iluminavam um espaço exíguo e modesto. O cheiro de ervas curativas perfumava o ar... E uma mulher flutuava ao seu encontro, trazendo uma malga fumegante nas mãos. Um vestido simples, de lã gasta, cobria-lhe o corpo alto e esguio, contrastando fortemente com o castanho acobreado dos seus longos cabelos lisos.

Freya recuou até as costas baterem na madeira da parede. Apesar do medo, reconhecia naquela figura etérea algo de familiar e benigno. Ainda que se esforçasse a cada instante, a negridão da sua magia era incapaz de devorar a luz que lhe envolvia a essência... E o seu rosto era igual ao de Helgi! A jovem viking deixou escapar um gemido de temerosa comoção; os pensamentos como raios a queimarem a mente. Então, a outra falou:

— Este chá irá restabelecer-te. Bebe! Não temos muito tempo.

Freya aceitou a malga, mas foi incapaz de a levar aos lábios. As lágrimas escorreram-lhe pelas faces, ao indagar num tom angustiado:

— A Edwina está morta?

Helga não se moveu. Sem fôlego, viu a jovem cativa rutilar, numa mistura de prodigiosas cintilações. A sua essência era constituída por partículas de luz tão perfeitas como as de Edwina. Porém, existiam tonalidades que se fundiam com o brilho das estrelas... As mesmas

que a vidente reconhecia da pedra mágica que, durante algum tempo, Helgi guardara junto do coração — a cor maravilhosa denominada “azul”.

— Não estou certa — declarou por fim, com franqueza. — A rainha anunciou a morte da Guardiã da Lágrima do Sol... Ainda assim, recuso-me a acreditar! Eu tive uma Visão de luz... Vi os trilhos da Montanha Sagrada! Teria tal sucedido se a esperança houvesse findado?

Freya engoliu em seco, observando a jovem de pele branca, olhar vazio e cabelos de cobre. Por várias vezes, Edwina garantira-lhe que a salvação do povo vândalo repousava nas mãos da princesa vidente. Todavia, depois do que sofrerá, não lhe era fácil encarar a irmã de Helgi como uma aliada no infortúnio. Afinal, essa simpatia podia não ser mais do que um plano para que descuidasse a sua defesa! Obrigou-se a beber o chá, enquanto pensava no destino da Guardiã da Lágrima do Sol. Se a irmã estivesse morta, as sombras cobririam o mundo; os homens livres afogar-se-iam no sangue da guerra e os mestres da Arte Obscura escravizariam os sobreviventes... O líquido quente apaziguou a sua consumição. Contudo, mal se permitira respirar fundo, já Helga lhe segurava as mãos, dizendo gravemente:

— Uma grande tempestade marcha sobre ti... Terás de te armar com todas as forças para lhe resistir.

O coração de Freya quase parou de bater, tal o ardor das suas palavras. E o pior ainda estava para vir:

— A rainha planeia fazer nascer do teu ventre aquele que há de concretizar a profecia do Guardiã da Montanha, unir o conhecimento das Lágrimas do Sol e da Lua e tornar-se um deus na Terra. Dentro de dois dias, estarás pronta para conceber... E um dos seus herdeiros irá impor-te a sua vontade.

Aturdida, Freya só conseguiu tartamudear:

— Mas... Como é possível que Aesa não saiba...? — Calou-se abruptamente, tomando consciência de que quase cedera o mais valioso dos seus segredos. No entanto, Helga já respondia, com uma firmeza que a arrepiou:

— Ela ignora a tua história e não deve sequer desconfiar que o teu ventre já deu fruto! Eu iludi a sua percepção; fi-la crer na tua virtude. Mesmo quando decidiu confirmá-la com os seus próprios olhos, manteve a verdade fora do seu alcance. Não foi difícil! Ainda que tente disfarçar diante do povo, o poder da rainha é uma sombra de outrora.

A voz da vidente denunciava orgulho, por ter sido capaz de enganar a bisavó. Freya sacudiu a cabeça, mais confusa e assustada do que nunca:

— E por que o fizeste? Poupar-me-ias a humilhação...

— A rainha ter-te-ia morto, sem hesitar!

— Não seria a morte um destino menos cruel do que aquele que me reservam?

— A morte física, talvez! — retrucou Helga, ignorando a sua indignação. — Porém, Aesa haveria de te usurpar a essência, para se apoderar da tua magia. O teu espírito subsistiria dentro do seu corpo, sujeito aos mais bárbaros tormentos. As tuas recordações tornar-se-iam suas! A traição de Helgi seria exposta, assim como os segredos da tua família... E o teu segredo!

Freya arquejou, apertando a testa entre as mãos com a cabeça prestes a explodir. Nesse momento de desespero, fixou Helga e suplicou:

— Por favor, tens de ajudar-me a fugir!

— Não posso...

— Pela amizade que partilhaste com a Edwina...

— Eu não posso! — Helga debruçou-se e pousou-lhe as mãos nos ombros. — O poder da rainha enfraqueceu, mas não se extinguiu! No instante em que se sentir ameaçada, não terá pejo em atacar o seu próprio povo e cobrir esta terra de sangue; em sugar as essências de homens, mulheres e crianças numa cegueira predatória, para recuperar a energia que a torna magnânima. Todos aqueles que amo, e tento proteger desde o dia em que nasci, perecerão... E, com Snari por perto, não me atrevo a desafiá-la! Sinto muito, mas terás de fazê-la acreditar que o seu plano se concretizou. Assim, voltará a atenção para outras questões e dar-nos-á tempo para buscar uma solução.

— Jamais me submeterei a tamanha perversidade! — reclamou Freya, afastando as mãos da vidente. — Prefiro morrer, a entregar-me aos caprichos de um monstro!

— Eu posso convencê-la a escolher o Helgi — afirmou Helga, estudando a reação da jovem. — Se estiveres sob a proteção do meu irmão, ninguém ousará molestar-te.

O coração de Freya soluçou dentro do peito. Tantas coisas terríveis tinham acontecido, que nem sequer se lembrara que “ele” estava por perto; que assistira ao seu sofrimento, sem mover um dedo para socorrê-la.

— O teu irmão pensa que fui eu que o enfrentei, na última batalha que opôs os nossos povos — arfou, lutando para não perder a voz. — Sei que me odeia...

— O Helgi odeia a guerreira do príncipe Ivarr — objetou Helga, aliviada por constatar que a sua observação não a deixara indiferente. — Não por ela o ter subjugado... Mas por ter desprezado o seu amor! Sim... O meu irmão nunca deixou de te amar! Quando descobrir que não és a Loba Prateada, fará tudo para te ajudar.

Freya encarou a vidente e estremeceu. O poder de Helga era muito superior ao seu. Ela fora capaz de entrar na sua mente, iludindo a própria Aesa! Sabia que a Loba Prateada era sua irmã gêmea... E descobrira a existência de Thorson! No entanto, não parecia disposta a usar essa informação para prejudicá-la. Aliás, a menos que fosse uma mestra de falsidade, capaz de enganar a Guardiã da Lágrima do Sol acerca da pureza do seu coração, Helga estava a arriscar a própria vida, ao tentar divisar uma forma de pôr termo ao reinado de terror da feiticeira. Nesse instante decisivo, a jovem viking decidiu seguir o instinto e ceder-lhe a sua confiança. Respirou fundo e apelou, suplantada pela emoção:

— Gostaria de vê-lo... Quero ser eu a explicar-lhe o que se passou, desde o dia em que nos separamos na Ilha dos Sonhos.

Helga deixou escapar um suspiro que denunciou inquietação, ao replicar:

— Esse é o maior problema... Helgi não se encontra na aldeia.

— O quê? — gemeu Freya, sentindo o sangue gelar. — Mas, então...

— Eu já mandei chamá-lo. Temos de acreditar que chegará a tempo.

— E se não chegar? — objetou a jovem; o alento reduzido a cinzas. — Se o Helgi não vier... que esperança me resta?

Helga envolveu-lhe as mãos, contrapondo:

— Temos de unir energias para guiar os seus passos. A rainha quer que eu conquiste a tua confiança, por isso não estranhará a nossa proximidade. Deves ser forte... Não só por ti, mas por todos aqueles que amas!

Aesa acordou restabelecida e jubilosa. Depois de sujeitar Magnor, o escravo viking que a servia, ao ardor insaciável da sua luxúria, ordenou que o rei Raud, o príncipe Siguror, o príncipe Snari e a princesa Helga viessem à sua presença. Era tempo de pôr em marcha o seu plano genial.

Mal conteve uma exclamação de desprezo, quando os seus herdeiros a reverenciaram. Todos eles, de alguma forma, representavam uma decepção. Siguror, o neto, vivia obcecado com a idéia de combater os Vikings. No entanto, mal a noite caía, transformava-se num cachorro submisso; rastejava e gania à mercê de uma mulher que carregava o sangue que ele tanto detestava. Não admirava que o próprio filho o odiasse! Se Aesa não estivesse atenta, Snari já teria estripado o pai e a madrasta! Apesar de se ter revelado uma fonte crescente de poder obscuro, o bisneto vidente possuía uma personalidade altamente instável. A rainha não se fiava na sua lealdade. Snari era demasiado egoísta, rancoroso, ambicioso... Todavia, nesse momento, dependia da sua ajuda, já que aqueles que elegera para se tornarem seus guerreiros em corpo e em espírito pareciam determinados a contrariá-la.

Helgi e Helga eram dois insurrectos! Aesa tinha de os manipular e ameaçar para que se vergassem aos seus desígnios. Esperara que a desventura do pai lhes tivesse ensinado que, para lá dos espinheiros, longe da sua proteção, só existia sofrimento e morte. Após o assassinato de Vestein, o espírito de Helgi regressara ao seu domínio... Porém, o de Helga ainda lhe resistia. Na noite anterior, a mestra da Arte Obscura deixara claro que, se a bisneta falhasse na

missão que lhe atribuíra, enfrentaria a sua fúria e cairia em desgraça diante da rainha e do povo. Devia ganhar a confiança da herdeira de “O Que Tudo Vê”; apelar a todos os argumentos, para que esta a encarasse como uma aliada. Aos poucos, sem que a prisioneira se apercebesse, Helga teria de lhe dominar a mente e escravizar a vontade. Um dia, Freya seria libertada... E quando Throst e Catelyn menos esperassem, a sua princesinha abençoada estaria a conduzi-los para uma armadilha letal, tal como sucedera com Steinarr e Magnor.

Raud começou a tremer no instante em que Aesa anunciou os seus planos para a jovem viking. A expressão da mestra da Arte Obscura severizou-se ainda mais quando ele a questionou com manifesta repulsa:

— E quem se deitará com a escrava, para concretizar a profecia de que falais, minha rainha?

— Não me parece que devas ser tu! — intrometeu-se Snari, enfrentando o esgar desagradado da bisavó. — Afinal, não queremos que o primogênito do rei dos vândalos nasça com sangue viking, pois não?

— Eu podia oferecer-me para a tarefa — começou Siguror, em tom de gracejo. — Só que a minha mulher não ficaria nada satisfeita!

O olhar furibundo de Snari abateu-se sobre o pai. Tal zombaria soava-lhe aos ouvidos como a confirmação de que fora Halldora quem assassinara a sua mãe. Os ânimos ter-se-iam encrespado se Raud não tivesse interferido, obviamente aliviado com o apoio do primo:

— Snari falou com sabedoria! Que seja um dos meus irmãos a sacrificar-se!

— Os teus irmãos partiram para caçar — objetou Aesa, denunciando impaciência.

— Talvez seja melhor aguardar o seu regresso, minha rainha — sugeriu Helga com candura. — A escolha da semente que fecundará o ventre da prisioneira deve ser ponderada...

— Eu deitar-me-ei com a escrava! — insurgiu-se Snari, avançando com tamanha brusquidão, que Helga foi obrigada a recuar. — O filho da profecia deve ter sangue forte... E tendes de concordar, querida

rainha, que nenhum dos meus primos supera a magia da minha essência!

Aesa fitou-o, perplexa. Jamais lhe passara pela cabeça que o bisneto se oferecesse para desempenhar aquela missão. Hesitou, refletindo... Então, Helga tornou a intervir:

— O pai dessa criança tem de ser o Helgi! Ele é o Espírito da Escuridão, agraciado pelos deuses. Não existe poder entre os Vândalos que exceda o seu!

As últimas palavras foram dirigidas a Snari, ríspidas e glaciais. O primo abriu a boca para cuspir a ira mas conteve-se, pois a rainha já replicava:

— O Helgi seria a minha escolha, se aqui estivesse. Porém, não está e é-me impossível aguardar o seu regresso! Quero a escrava prenhe, logo que a Lua reclame o domínio do céu.

— Mas, minha rainha... — Desta vez, Helga teve de se concentrar para que a voz não tremesse. — A profecia fala do filho de um guerreiro e de uma vidente...

— Não! — atalhou Snari, com deletéria convicção. — A profecia fala de uma criança que resultará da mistura de sangue guerreiro com sangue vidente, provenientes de uma Rainha do Sol e de um Rei da Lua. Eu sou um Rei da Lua e a prisioneira é uma Rainha do Sol! Eu sou um vidente... e ninguém contesta o valor da Loba Prateada como guerreira!

Foi a vez de Helga abrir a boca... e forçar-se a fechá-la. Contrariar as declarações do primo seria expor o segredo de Freya e condená-la. Restava-lhe esperar que a rainha escutasse a voz da razão. No entanto, Aesa acenava em concordância e determinava:

— Se o destino ditou a ausência de Helgi, neste momento crucial, tu darás vida à profecia, Snari. Prepara-te de corpo e espírito para essa missão. Amanhã, ao início da noite, a escrava viking ser-te-á entregue. Continua a servir-me bem e saberei recompensar-te!

A aldeia do povo vândalo estava em festa. As chamas das fogueiras elevavam-se acima da barreira de espinheiros e os gritos dos guerreiros anunciavam ao Norte a supremacia da rainha Aesa. A morte da Guardiã da Lágrima do Sol silenciara aqueles que se

atreviam a questionar se não teria sido melhor ceder ao domínio do rei Steinarr, em vez de definharem de fome. A feiticeira era louvada enquanto exibia o cristal mágico no centro do terreiro, elevando-o para que a Lua testemunhasse a sua vitória. As densas nuvens negras que ocultavam a face da rainha da noite começaram a tingir-se de vermelho. Em pouco tempo, os trovões estremeciam a terra e os relâmpagos guerreavam quais espadas de fogo, forçando os Homens a sustarem a respiração, ante o ímpeto violento da tempestade que se aproximava.

A porta da casa de Helga foi escancarada sem cortesia. O rei vândalo entrou e surpreendeu a escrava viking abraçada à sua irmã, pranteando copiosamente. Enquanto os dois guerreiros agarravam a prisioneira e a arrastavam para a rua, a gritar e a espernear, os olhos de Raud fixaram-se na vidente, repletos de censura e temor. Aguardou que ficassem sós, para indagar:

— O que pensas que estás a fazer? Aquela mulher é nossa inimiga...

— A rainha mandou-me conquistar a sua confiança — atalhou a irmã, sem se dar ao trabalho de ocultar a revolta que lhe consumia as entranhas. — É isso que estou a fazer! Todos nós nos inclinamos diante de Aesa... a bem ou a mal!

— Tu não me enganas, Helga! Estás a tramar alguma... Essa rebeldia ainda será a tua morte!

— Não te preocupes, querido irmão! — replicou a vidente, mordaz. — Se, um dia, a rainha me castigar, não apelarei à clemência... e muito menos à bravura do meu rei, para me defender!

Raud engoliu um rugido, cerrou os dentes e saiu, batendo com a porta. Helga deixou-se cair de joelhos sobre as almofadas que, na noite anterior, tinham acolhido o seu sono e o sono de Freya. Nesse instante, toda a esperança parecia desfeita. Cruzou os braços sobre o peito e deitou a cabeça para trás; o olhar cego descortinando para além do telhado coberto de neve, acima das nuvens de fogo e de cinza, até encontrar o olhar igualmente branco da Lua, fonte do seu poder. Deixou a essência fundir-se com a magia dos seus antepassados... E entregou uma prece à rainha da noite.

Lá fora, o clamor dos aldeões subia de tom, desafiando o fragor da tempestade. O tempo correu, até perder o significado. Absorvida pela energia que lhe abrasava o espírito, Helga mal percebeu que a porta da cabana se tornara a abrir. Foi só quando um corpo robusto e peludo a derrubou, e uma língua quente e ensopada lhe banhou as faces, acompanhada por um latido de alegria, que a vidente despertou para a realidade.

Freya gritou até a garganta se lacerar. Lutou com toda a veemência, ignorando a dor do aperto das mãos dos guerreiros, que quase lhe separavam os braços do tronco. Deixou o corpo pesar e fincou os pés na neve. Quando um terceiro vândalo se aproximou dos companheiros, ganhou impulso, levantou as pernas e pontapeou-o na face com um berro raivoso. O homem praguejou, cuspidando sangue para o chão. À sua volta, a multidão regozijava, ao ver a Loba Prateada ser conduzida para a cabana, onde teria lugar o ritual que a rainha feiticeira preparara.

Em pânico, a filha de Throst e Catelyn viu as nuvens rasgarem-se sobre a sua cabeça, até a forma redonda e sorridente da Lua surgir, rodeada por rios de fogo. Um violento aguaceiro abateu-se sobre a aldeia, transformando a neve em lama e exaltando os ânimos do povo, levando-os ao delírio. O rosto da mestra da Arte Obscura pairou sobre a face aterrada de Freya, denunciando a forma abominável da sua essência. Enquanto a jovem clamava de horror, as mãos encarquilhadas da feiticeira deslizaram pela sua testa, pelos seios, até ao ventre; os lábios mirrados bramindo palavras que carregavam sombras de perdição.

Freya sentiu as forças abandonarem-na e pendeu nos braços dos seus algozes. A visão enevoava-se... A audição distorcia-se... Como se envolvida pelas malhas perversas de um pesadelo, foi incapaz de reagir quando a ergueram no ar. Combatendo a inconsciência, percebeu que a transportavam, até sentir o corpo repousar numa superfície macia e seca. Depois, uma porta bateu... E os brados dos Vândalos e a veemência da tempestade afastaram-se da sua percepção atormentada.

Durante algum tempo, nada aconteceu. Por entre os olhos semi-cerrados, Freya discerniu o brilho quente de uma lareira. Os estalos da madeira que o fogo consumia eram trompas de alarme a massacrarem-lhe a mente. Porém, não tinha ânimo para se mover. O medo e a luta contra os seus captores haviam-na esgotado. Jazia inerte, sobre mantas de lã perfumadas com essências que lhe invadiam o nariz, incendiavam o sangue e queimavam a carne... Aos poucos, esse ardor incômodo ajudou-a a contrariar a inação. Ergueu-se sobre um braço e os seus olhos esbugalharam-se de horror, ao verificar que um homem alto e magro abandonava a obscuridade onde se ocultara, até se deter em frente da lareira; as vestes negras contrastando com o brilho escarlate das chamas que o envolviam numa aura flamejante.

— A rainha ordenou-me que fosse rápido... — A voz grave de Snari cingiu Freya qual mortalha sufocante. — Era seu desejo que estivesse desacordada no instante em que eu te subjugassem. Tencionava poupar-te, para que as recordações não te levassem a rejeitar a criança que se formará no teu ventre. Contudo, eu tenho outros planos! Quero-te bem desperta, rameira viking... Bem consciente de tudo o que se irá passar! Nos últimos dias, sonhei com o momento em que estarias à minha mercê... Em que o teu corpo se contorceria sob o meu, renegando a união. Em que o teu olhar me imploraria para parar. Em que a tua voz carpiria por misericórdia...

— És um monstro! — cuspiu Freya; o desprezo assimilando o medo.

Lentamente, Snari começou a avançar. Apreciou o rubor que inundava as faces da mulher que o encarava com um misto de temor e desafio; as labaredas de ódio que se acendiam no olhar verde. Sem pressa, ajoelhou-se diante do corpo debilitado e levou os dedos aos caracóis negros que lhe cobriam os ombros e o peito, antes de responder:

— Sim, miserável... Sou um monstro! O ser mais terrível e implacável que caminha sobre a Terra! E esta noite tu experimentarás o meu poder!

— Não te darei o prazer que almejas! — mastigou Freya, sustentando o olhar do príncipe. — Não me ouvirás suplicar! Não me

ouvirás gritar...

— Ai, não? — Os dedos compridos e magros enterraram-se nos cabelos da presa, até alcançarem o pescoço. Mal lhe tocou, a energia que a animava extinguiu-se e a jovem caiu para trás, arquejando em busca de ar. — Quem pensas que és, Loba Prateada, para me arrostar? Farás o que eu quiser! E eu quero ouvir-te uivar!

Snari prostrou Freya sob o seu peso, com um urro selvagem. Sem vestígio de compaixão ou pudor, rasgou-lhe o vestido e expôs-lhe os seios. Todavia, em vez de desfrutar da visão luxuriante das formas firmes e rosadas, cerrou as mãos na garganta da rapariga com um ímpeto assassino; as unhas dilacerando a pele macia quais garras, ao mesmo tempo que libertava a magia obscura da sua essência com uma exaltação alucinada.

Freya sentiu a energia do carrasco penetrar-lhe a carne e gelar-lhe o sangue, sem alento para afastá-lo. Snari esquecera a missão que a sua rainha lhe atribuíra e só rosnava:

— Grita! Grita! Uiva, maldita!

A funesta essência cortava quais lâminas, causando uma dor indescritível; um martírio que ganhava consistência, subia e concentrava-se na garganta de Freya, forçando-a a abrir a boca, exigindo escapar-se sob a forma de um berro ensurdecido. Apelando à razão que lhe restava, a jovem cerrou os dentes e estrangulou a respiração dentro do peito. A magia que vivia no seu sangue podia não ser rival para a de Snari... Contudo, ainda assim, seria sua aliada! Deixar-se-ia tombar no esquecimento, muito antes de ele alcançar o seu intento.

— Grita, cadela! — rugia agora o vândalo, enlouquecido de raiva. — Grita ou juro que te mato!

Ao perceber que a consciência da vítima se desvanecia, libertou-lhe o pescoço e forçou a magia negra a recuar. Frustrado, agarrou um punhado de cabelos e arrancou a cabeça da jovem da almofada, desferindo-lhe um par de bofetadas que ecoaram pela cabana... e encobriram o estrondo da porta que se abria. No instante em que o punho de Snari se preparava para aumentar a violência da agressão, duas mãos fecharam-se sobre os seus ombros, ao mesmo tempo que uma voz trovejava:

— Sai de cima dela, animal!

O corpo do vidente voou pelo ar, como se não tivesse peso, e esmagou-se no chão. Atordoado, piscou os olhos, sem acreditar no que estes lhe revelavam. Helgi encontrava-se diante dele, rubro de ira, bufando de indignação. Como era possível? Por trás do seu odiado primo, ocultava-se a sombra da irmã gêmea. Helga era a mentora dessa calamidade... Bastava de humilhações! Essa noite, Snari teria a sua vingança! Era tempo de os irmãos escolhidos pelos deuses mergulharem nos confins do submundo!

— Cuidado, Helgi! Não deixes que ele te toque...

Tarde demais! O vidente saltou com a velocidade e a eficácia de uma fera, tombando sobre o primo e arrastando-o na queda. Surpreendido pelo ardor aguerrido do homem que sempre fugia quando o uso da força era exigido, Helgi caiu, prostrado sob o corpo ossudo. Então, Snari apertou-lhe o pescoço e cuspiu o seu rancor:

— Desde criança que sonho com este momento! Onde estão os deuses que te concederam a sua graça, Espírito da Escuridão? Por que não te açodem? Também eles se submetem ao meu poder!

Helgi sacudiu a cabeça; a ira fundindo-se com o assombro. O discurso do primo só podia significar uma coisa: Snari enlouquecera! Furioso, agarrou-lhe os pulsos e contrariou o seu arrebatamento, obrigando-o a erguer-se sem sequer se esforçar. O vidente parecia cada vez mais desvairado. Mirava-o com olhos arregalados. Abria e fechava a boca como um peixe prestes a sufocar. Enterrava as unhas nas suas mãos, como se acreditasse ser possível suplantá-lo com arranhões. De repente, desatou a praguejar:

— Cai! Desfalece! Verga-te ao meu poder, maldito!

Impaciente, o guerreiro empurrou-o para longe com um bramido que estremeceu a cabana. Snari cambaleou e caiu sobre o traseiro, ganindo de raiva. Sem acreditar que o seu ataque falhara, levantou-se de um salto e tornou a investir, berrando como um possesso. Helgi rangeu os dentes e, com uma rapidez impressionante, lançou o punho ao rosto do primo. Este rodou sobre si próprio e embateu na parede, sob a força do impacto. Já não se levantou.

— A sua magia não te causa dano! — arquejou Helga, sem esconder o espanto e o alívio.

Porém, Helgi não a escutava. A sua atenção voltava-se para a mulher que o fixava, por trás de uma cortina de lágrimas. Freya pressionava uma manta contra o peito e ofegava, tremendo como uma folha entregue à fúria do vento. O guerreiro deu um passo na sua direção, sem saber o que dizer ou fazer...

Nesse instante, a rainha Aesa irrompeu pela cabana.

Freya apertava a manta entre os dedos, incapaz de sustentar o tremor que a invadia. Piscou os olhos, para se libertar das lágrimas e fixar com clareza o guerreiro por quem se apaixonara, há muitos anos, e que acreditara jamais tornar a ver. Helgi continuava a ser um homem robusto... No entanto, perdera a luz que outrora o fizera rutilar entre os demais. Os seus ombros dobravam-se sob o peso de uma exaustão que não era apenas física. E o rosto... O rosto estava envelhecido para a idade e marcado rudemente pelo punhal de Thora.

A lâmina da Loba Prateada dilacerara a face direita de Helgi, desde o maxilar até à testa, privando-o de um dos seus lindos olhos. Parte da impressionante cicatriz estava oculta por uma tira de couro preto, atada em redor da cabeça. A vista que lhe restava, de um azul celeste inconfundível, buscava-a agora, preenchida por uma violenta comoção. Nesse breve instante em que o mundo prendeu o fôlego, Freya interrogou-se se Helga teria tido tempo de lhe revelar a verdade... Então, a feiticeira Aesa fez a sua aparição, clamando exaltada:

— O que julgas que estás a fazer, Helgi? Como te atreves a profanar o ritual?

O bisneto encarou-a e interrompeu a altercação:

— Ouvei rumores de que a minha rainha pretende concretizar a profecia do filho do dragão. Vim reclamar o meu direito de sangue de ser o pai dessa criança.

— Ouviste rumores... — repetiu Aesa num rosnado sarcástico, voltando-se para Helga. — Vós andais a conspirar nas minhas costas!

— Não nego que mandei chamar o meu irmão — Helga inclinou-se em reverência, mas manteve a firmeza na voz. — Como sacerdotisa do povo vândalo, é meu dever defender os interesses do nosso

sangue e da coroa. Helgi é o Espírito da Escuridão; o campeão da minha rainha! — O seu olhar cego virou-se para Snari, que se sentava onde tombara, espargindo uma energia púrpura tal a indignação que o assolava. — Se a profecia for concretizada por alguém... inferior, os deuses ficarão ofendidos e irão negar-nos a sua graça.

— Não vos deixeis enganar, minha rainha! — reagiu Snari intempestivamente. — A única vez que Helga agiu por sua iniciativa foi para envenenar o rei Vestein contra vós! E Helgi jamais deixaria a sua heróica caçada e atravessaria os Pântanos Nebulosos, de regresso a casa, sem um motivo bastante forte!

— É verdade, Helgi... — sibilou Aesa, arrastando as palavras, enquanto destruía a distância que a separava do bisneto e mergulhava no olhar azul. — Ainda que a justificação de Helga faça sentido, a tua presença aqui obriga-me a cogitar... Por que abandonaste a tua missão e arriscaste enfrentar a minha ira, para tomares o lugar de Snari neste ritual?

— Por ódio! — respondeu o guerreiro, sem pestanejar. — Esta mulher marcou o meu corpo e o meu espírito... Chegou a minha vez de retribuir! Demando de vós a oportunidade de servir o meu povo, enquanto sacio a fome de vingança.

— Helgi mente! — acusou Snari, erguendo-se a custo. — Ainda há pouco atacou-me como um louco, tentando proteger a escrava!

— Como te atreves? — fremiu Helgi, ameaçador. — Por que defenderia uma mulher que me humilhou? O único mentiroso aqui és tu!

— Minha rainha... — recomeçou Snari, mas Aesa interrompeu-o:

— Chega de discussão! A Lua sobe no céu e o filho do dragão tem de ser gerado. Após o cumprimento da profecia, eu indagarei dos motivos de cada um, para que nada do que aqui se passou fique por explicar. Agora, deixem-me decidir...

— Não há o que decidir! — estrebuchou Snari, agitando os punhos na direção da bisavó. — Vós concedestes-me o direito de me deitar com a escrava! Ides voltar com a palavra atrás?

Helga fechou os olhos e suspirou de alívio. A sua frieza e o domínio de Helgi haviam sido recompensados. Com esta explosão, o

primo acabara de comprometer a sua causa. Aesa já bravejava:

— Como te atreves a questionar-me, Snari? Eu sou a senhora do destino dos Vândalos! Eu determino o que é melhor para o meu povo! Além disso, se desejaesses cumprir a profecia tão ardorosamente como reclamas, terias feito o que é devido muito antes de Helgi te interromper! — Voltou-se para o Espírito da Escuridão e sentenciou: — Apesar de já me teres decepcionado mais do que uma vez, devo admitir que continuas a ser o melhor entre os meus herdeiros. Estou disposta a ceder ao teu apelo, com uma condição.

— Tudo o que a minha rainha quiser — respondeu Helgi irrefletidamente.

— Se, por ódio, és capaz de superar a aversão ao sangue viking, deveras fazer o mesmo para me aprazer — retornou a feiticeira, implacável. — Estou farta das tuas desculpas para fugir ao casamento! Se te deitares com a escrava esta noite, desposarás Gríma na próxima lua cheia. — Sorriu triunfante, ao ver o bisneto empalidecer. — Agora, se esta imposição te desagrada, sai da cabana, para que Snari conclua o ritual!

Helga reteve o fôlego. Não previra essa complicação! Esperava que o irmão mantivesse o discernimento, ou tudo estaria perdido e a jovem viking seria abandonada à mercê dos caprichos de Snari.

Helgi apertou os maxilares e cessou de respirar. Tinha de concentrar-se no seu objetivo e esquecer o resto. Por entre a comoção, distinguia os soluços atormentados de Freya, que aguardava a sua resposta. Soprou o ar com força e aquiesceu:

— O desejo da minha rainha é a minha vontade!

Muito poderia ter sido declarado de seguida, mas o urro animalesco de Snari mergulhou a cabana em silêncio. O vidente saiu desembestado, incendiado por um ódio capaz de derreter glaciares. Ciente da fragilidade da sua vitória, Helga não tardou a segui-lo. Aesa ainda se deteve, fitando o seu herdeiro com uma expressão grave, antes de acrescentar:

— Não te distraias! O tempo da magia esgota-se...

Quando a porta se fechou atrás da feiticeira, Helgi libertou um gemido de dor. Incapaz de se conter, deixou-se cair ao lado da

mulher que amava e tomou-a nos braços, buscando os lábios trêmulos para um beijo carregado de paixão. As lágrimas de ambos misturaram-se; os corpos derretendo-se no calor da proximidade. No instante em que se apartaram para recuperar o fôlego, Freya acariciou a cicatriz profunda que lhe marcava a face, balbuciando:

— A Helga contou-te? Não fui eu...

— Freya! — atalhou ele, silenciando-a com a ponta dos dedos. — Enquanto aqui estiveres, serás a Loba Prateada! Jura-me que tudo farás para sobreviver... — Ao vê-la hesitar, elevou o tom de voz: — Jura!

— Eu juro — soluçou a jovem, estremecendo. — Mas tenho medo...

Helgi calou-a com um beijo que a fez esquecer o perigo que enfrentavam. Nada mais importava, além do sentimento que lhe enchia o peito. Dia após dia, durante os duros anos de separação, Freya repetira a si própria que morreria feliz se tivesse oportunidade de abraçá-lo uma vez mais. Agora que o reencontrara, só pensava em viver... Viver para amá-lo! Viver para vê-lo acalentar Thorson...

De súbito, o corpo másculo ficou tenso. Assustada, ela procurou o olhar azul, apelando:

— Helgi...

— Luta comigo! — ordenou o guerreiro com firmeza, deixando-a estupefata.

— O quê...?

— Luta comigo! — repetiu, com uma urgência quase desesperada. Só então Freya sentiu o que a percepção de Helgi já alcançara. Aesa deixara a cabana... Todavia, a sua essência erguia-se sobre eles como a sombra maligna e implacável da morte. Vinha certificar-se de que a sua vontade era cumprida... Confirmar que o arrebatamento do Espírito da Escuridão resultava realmente do ódio e não de um propósito escuso, como Snari insinuara.

Os olhos de Freya tornaram a encher-se de água, quando os braços poderosos de Helgi a subjugaram e as mãos fortes lhe afastaram a roupa com rudeza... Esse não era o momento de recordar, de desfrutar do amor que acordava no seu peito e encontrava resposta no olhar do homem que escondia o rosto nos

seus cabelos. Tinha uma dura batalha pela frente! Uma batalha que não podia perder... Por si, por Helgi... Por Thorson!

No instante em que as lágrimas lhe ruíram pelas faces, a jovem viking começou a debater-se contra o ardor crescente do príncipe vândalo.

CAPÍTULO 1

As estrelas fulgiam em tons de branco, amarelo, azul e vermelho. Depois, surgiam cintilações verdes, laranja, violeta... Por fim, as cores misturavam-se para originar reflexos aos quais o conhecimento humano nunca atribuíra nome. Estes cobriam-me como chuva e colavam-se à pele; dissolviam-se na água.

Eu flutuava no líquido morno de um sonho maravilhoso. Bolhas de ar estalavam junto ao meu corpo; cada uma com o poder de sarar. Por vezes despertava submersa, observando aquela estranha realidade através da cortina aquosa. Os meus pulmões estavam cheios de água mas, ainda assim, respirava livremente. Teria morrido? Não! Contudo, também não me sentia viva. Estava... suspensa. O tempo era-me indiferente. Se não fosse pelas estrelas resplandecentes, julgaria ter recuado até ao instante em que aguardava no ventre da minha mãe pelo momento certo para nascer. Até escutava as batidas de outro coração... Ou seria o eco do meu? Pouco importava! De bom grado passaria a eternidade mergulhada naquela harmonia.

Não existiam dias nem noites nesse sonho. A medida que a consciência regressava, questionei se o meu corpo teria perecido, deixando a mente cativa da essência da Lágrima do Sol. De que outra forma podia justificar as cores brilhantes, o calor ameno... a serenidade absoluta?

Então, num desses intervalos de tempo indeterminado, a dor fulminou-me. O meu ventre ardia como se fosse alimento para uma fogueira. Queria respirar, mas o sangue que me inundava a boca sufocava-me. Estava a morrer... E eu não queria morrer!

Gritei e consegui escutar o meu clamor. Dei por mim rodeada de água, esbracejando freneticamente, numa luta desesperada para não me afogar. A luz que até então me acalentara tornava-se agressiva, cegava-me de tão rutilante. No âmago desse desespero,

sentime presa e debati-me com um ardor efêmero. O meu corpo estava dormente, massacrado, como se todos os ossos tivessem sido esmagados. Ainda assim, estrebuchava em busca de ar. O aperto que me impunha a imobilidade fortaleceu-se. O mundo rodopiou. As luzes separaram-se da água. A água pairou sobre os meus olhos. Comecei a enjoar sem controlo; um líquido viscoso jorrando-me em cascata dos lábios... Não era água. Não era sangue. Seria, talvez, uma mistura de ambos e de algo mais; uma substância negra, com laivos esverdeados, sabor a fel e cheiro pútrido.

Quando a náusea cessou, fiquei vazia. A luta para respirar por entre as golfadas de vômito deixara-me esgotada. A força que me condicionara os movimentos já somente me amparava. Sem alento para reagir, percebi-me desfalecida contra um peito robusto... O peito de um homem! Havia conforto e segurança nessa sensação, como se um halo protetor me abrigasse de todo o mal. Essa era a impressão que o meu pai me transmitia, sempre que me abraçava.

Obriguei-me a abrir os olhos... Todavia, em vez do azul celeste do olhar do *jarl* Throst, deparei com o verde luminoso de uma floresta exuberante de vida... E a ansiedade de um rosto que me era tão familiar como a minha própria essência. Num fôlego de agonia, as recordações afloraram-me à mente, dilacerando-me a razão. Eu queria voltar para a tranqüilidade do esquecimento, onde nada nem ninguém me poderia magoar! Apelei ao alento que me restava para cerrar os olhos. Recusava-me a acordar! Não suportava sofrer mais! Negava a verdade... Renunciava à consciência... E abraçava o nevoeiro colorido com um alívio arroubado.

— *Edwina...*

Ergui a cabeça devagar, receosa do que ia descobrir para lá da dormência mística onde me refugiara. A névoa colorida afastou-se para ceder passagem a uma senhora de excelsa beleza e magia. Suspirei de alívio e sorri ao reconhecer a minha mãe. A feiticeira Catelyn retribuiu o sorriso e estendeu-me as mãos. No instante em que os nossos dedos se enlaçaram, a sua energia envolveu— me. Sentime inundar por uma tranqüilidade restauradora... Todavia, assim que a minha mãe me conduziu para fora da bruma cintilante, sofri um sobressalto. Não fora o meu corpo que despertara, mas o

espírito. Aos pés da forma brilhante da minha essência, uma mulher e um homem jaziam abraçados: Edwin dormia... Eu estava inconsciente.

Ainda que subjugado pelo cansaço, o meu primo estreitava-me com firmeza, mantendo-me imóvel sobre a pedra polida que reinava no centro de uma lagoa animada por milhares de bolhas de ar quente, de modo a que apenas os meus ombros e a cabeça se sustinham acima do nível da água. Prendi o fôlego, ao achar-me nua. Contudo, não tive tempo de experimentar a vergonha, pois o alvor da minha pele realçou grosseiramente a enorme ferida que me marcava o ventre. O punhal de Aesa retalhara-me do umbigo até ao peito. Eu mais parecia um animal desviscerado, pronto a servir de repasto num banquete de horrores!

— *Como é possível que esteja viva?* — sussurrei, perplexa.

Então, a luz que me abençoava os olhos findou bruscamente. Se não fosse o aperto da mão da minha mãe, teria gritado de susto. O eco de um cântico divino chegava-me aos ouvidos:

"Um futuro para aqueles que sonham..."

De imediato, compreendi o que a Visão tencionava revelar-me. Na escuridão opressora de uma floresta cerrada, distinguiram-se as formas de dois corpos prostrados sobre a neve. Edwin rastejava ao meu encontro... Eu agonizava, engasgada em sangue.

"Um futuro para aqueles que amam..."

Edwin puxava-me para os seus braços. Chorava compulsivamente, desesperava... mas tentava alentar-me, segurar-me à vida por mais um instante, mesmo sabendo que não havia esperança. Eu aninhava-me no seu peito, respirando a custo. Ainda recordava o esforço que fizera para dizer que nunca deixara de amá-lo e que o amaria para além da morte.

"Um futuro para aqueles que lutam..."

Edwin desenterrava o punhal do meu ventre. Eu fechava os olhos... E, nesse momento, um esplendor brotava do solo e iluminava a floresta. Quando o clarão se tornou suportável, o Rei da Lua deparou com algo que nunca vira antes: um nevoeiro colorido e quente, que se colava à pele, invadia os pulmões e restabelecia a essência. Onde há pouco só existiam árvores robustas, abria-se

agora um trilho forrado de erva virgem e perfumada, ladeado por arbustos carregados de flores exuberantes. Edwin sabia o que isso significava... E não estava em posição de questionar o caprichoso destino. Ajeitou-me nos seus braços, clamando com ardor:

— *Não desistas, Rainha do Sol... Eu não hei de perder-te esta noite!*

E carregou-me ao colo através do caminho esplendoroso, rumo ao berço da magia da Terra. Enquanto as nossas figuras se dissipavam na névoa, a voz da minha mãe acariciou-me a mente, trazendo-me de volta à luz de outra realidade:

— *As forças que governam o destino do mundo pousaram os olhos em ti. Se tivesses perecido, o Homem estaria condenado à escravidão, sob o jugo dos feiticeiros malditos.*

Dentro da lagoa onde Edwin me mantinha, as bolhas de ar quente desviavam-se do seu rumo e aglomeravam-se sobre a minha barriga, adquirindo insalubres tons de amarelo, verde e púrpura, até formarem uma espuma de vurmo que flutuava ao sabor de uma corrente quase imperceptível, desaparecendo entre as rochas. Com o fôlego suspenso, depreendi que a água era responsável pelo meu restabelecimento. A sua natureza mística sarava-me por dentro e por fora. Todas as respostas surgiam diante dos meus olhos... Porém, ainda assim, não conseguia acreditar!

Catelyn da Ilha dos Sonhos alcançou-me os pensamentos e volveu:

— *É verdade! Este é o coração da Montanha Sagrada; a caverna onde, um dia, o Dragão do Conhecimento repousou, enquanto a Terra enfrentava o caos... E o santuário onde a fusão da tua essência com a essência de Edwin se consolidou, no instante em que vós fostes gerados. Apesar de terdes seguido rumos distintos, a sorte uniu finalmente o Rei da Lua e a Rainha do Sol, neste berço de magia, quando o futuro do Homem se decide.*

Sacudi a cabeça, atordoada.

— *Mas... Como é possível estarmos aqui, se a Montanha rejeita a essência de Edwin?*

Catelyn tomou o meu rosto entre as mãos, antes de contrapor:

— *Terás de procurar essa resposta dentro do coração, querida! Não podes continuar a renunciar à consciência. Deves abandonar as sombras e despertar...* — Beijou-me as faces, concluindo solenemente: — *Enfrenta o teu destino com determinação! A jornada de Edwina, filha da Montanha Sagrada, ainda mal se iniciou.*

A sua essência principiou a desvanecer-se... Tentei detê-la, sentindo-me desamparada e terrivelmente assustada. Contudo, descobri-me só, cativa de uma periclitante realidade que balançava entre a vida e a morte. A minha mãe viera ao meu encontro para me forçar a reagir. Eu não queria ceder às brumas do esquecimento, desistir, fenecer... Porém, também não possuía alento para retomar uma guerra mais do que perdida! Que futuro podia existir para a Guardiã da Lágrima do Sol e o povo que dela dependia? As pedras mágicas de Aranwen tinham caído nas garras de dois mestres da Arte Obscura. Aesa apoderara-se das cinzas da feiticeira Gwendalin... Até o cristal do Sol se perdera para o inimigo! Despertar para quê? Para descobrir que Freya morrera? Que eu negligenciara a minha missão e condenara o reino viking, por causa de um homem que me mentira, roubara e traíra?

Deixei escapar um soluço. Aos pés da minha essência, o corpo permanecia desacordado, mas duas grossas lágrimas escorriam-me pelas faces. Sofri um sobressalto quando os olhos de Edwin se abriram. De imediato, amparou-me junto do peito e apelou, numa voz rouca e ansiosa:

— Edwina... Estás a ouvir? Por favor, suplico-te... Acorda! Acorda, amor...

O meu coração contraiu-se. Amor? Como se atrevia Edwin a invocar tal sentimento, depois do que fizera? Eu, sim, amara-o! Amara-o para além da razão, contra tudo e contra todos. Amara-o, mesmo atormentada pela certeza de que ele seria o causador da minha desgraça. Bastaria que o Rei da Lua tivesse honrado o elo que ligava as nossas essências; que tivesse confiado em mim e partilhado as dificuldades com que batalhava, para que Aesa jamais saboreasse a vitória.

Talvez devido à energia curativa que Edwin me cedia, ou à indignação e desencanto que me fustigavam, senti a essência

regressar à carne com um ímpeto doloroso. E abri os olhos... Sem que estivesse preparada, dei por mim a fixar o olhar verde-floresta, nua nos braços do meu primo, com a sua respiração a esbrasear-me as faces e os cabelos a cobrirem-me os seios. Engasguei-me com o ar e comecei a debater-me veementemente; a recordação da batalha que a Floresta Sombria testemunhara devorando qualquer réstia de razão que me pudesse apaziguar o espírito. Eu quase matara o Rei da Lua nesse confronto... Eu quase morrera! Escutei o meu clamor como se não me pertencesse, misto de desespero, confusão e raiva:

— Fica longe de mim!

Edwin não se moveu, demasiado surpreendido para reagir. Porém, quando a ordem se repetiu, num tom ainda mais agudo, os seus olhos escureceram e os lábios cerraram-se. Recuou devagar, como se mortalmente ferido... E mergulhou na lagoa, sem um protesto ou um queixume, deixando-me sobre a pedra, tremendo sem controlo, chorando copiosamente, torturada pelas memórias de um passado funesto... E convicta de um futuro de desesperança.

A água tornou-se o meu mundo. Embalava-me. Confortava-me. Restituía-me a vitalidade ao corpo e a magia ao espírito. Saciava-me a fome e a sede. A medida que as forças se restabeleciam, o nevoeiro colorido abandonava os meus sonhos. Estes eram agora povoados por imagens que desafiavam o discernimento.

Uma coluna de guerreiros percorria florestas sem fim. As suas vestes confundiam-se com os troncos das árvores e a folhagem de Inverno. O solo coberto de neve não lhes dificultava os movimentos. Eram filhos da terra, do vento, da chuva... Eram a Gente Bela.

Um menino de cabelos castanhos acobreados e olhos azuis celestes contorcia-se no chão, gritando sem parar. A senhora Doralia, nativa do Povo dos Penhascos, recorria aos seus conhecimentos místicos para lhe serenar o espírito. Porém, era inútil. O meu sobrinho Thorson lutava contra um chamamento que só ele conseguia ouvir; um apelo que eu própria testemunhara em criança, nas noites em que a minha essência viajara ao encontro de Edwin, para amenizar o seu tormento — o estridor tenebroso da Arte

Obscura. Nos alvéolos de rocha negra da Ilha do Fogo, o Rei da Lua assimilara a minha energia curativa para escapar à loucura... Thorson não tinha ninguém suficientemente poderoso a quem recorrer. Até Oriana fugia do quarto, mal as sombras se precipitavam contra o companheiro! O petiz só se tranqüilizava junto de Thora... Mas por quanto tempo?

O espectro maligno de Aesa elevava-se sobre a barreira de espinheiros, perscrutando a noite tempestuosa com uma sofreguidão assassina. Necessitava de almas para apaziguar a fome insaciável da sua essência. Estava demasiado fraca para rejuvenescer o corpo e seduzir os guerreiros incautos com um beijo mortal. Por isso caçava-os, usando as trevas como escudo, para, no fim, se atirar às suas gargantas qual predadora voraz, bebendo o néctar das suas vidas com arrebatado júbilo.

Sobre a copa das árvores da Floresta Sombria, os relâmpagos rasgavam o céu. Numa modesta cabana da aldeia do povo vândalo, uma jovem de longos caracóis negros e intenso olhar verde despertava, coberta de suores frios. Outra mulher estreitava-a... Desde criança que Freya receava os temporais. Porém, Helga entendia a sua aflição e consolava-a. As duas quedavam-se, tão próximas como se unidas por um elo invisível. Aos seus pés, um cão-lobo fixava-as com uma devoção apaixonada; as chamas da lareira refletindo-se no olhar azul cristalino... E esse sonho prosseguia, fortalecendo-se como uma Visão.

A porta da casa abria-se e Helgi, Espírito da Escuridão, entrava, solicitando a ajuda da irmã gêmea. A terrível doença que prostrava os mais jovens e fracos, de entre o seu povo, não cessava de alastrar. Desta vez, o infortúnio abatera-se sobre o lar de Delling. A viúva ainda não recuperara da perda do marido, já o seu primogênito caía à cama, delirando de febre, desfazendo-se em suor, tossindo sem parar.

Helga apressou-se a socorrer o sobrinho. Helgi deteve-se com os olhos presos na jovem viking que puxava as cobertas sobre o peito. O maior desejo do seu coração era abraçá-la. Porém, sabia que uma simples fraqueza arruinaria a diminuta esperança que lhes restava. Respirou fundo, derrotado, e voltou as costas à mulher que amava,

sem dizer uma palavra. Assim que a porta se fechou, Freya tapou a cabeça com a manta e entregou-se novamente ao choro. Só que, desta vez, não era o medo da tormenta que a fazia soluçar.

A Visão dissipava-se... A água envolvia-me. Era o meu universo. Era a minha vida. Já não sentia dor, só dormência. Estava preparada para enfrentar a realidade, que me aguardava para lá do conforto ameno e silencioso. Estava pronta para encarar Edwin!

Despertei sobre a pedra que reinava no centro da lagoa e tive de piscar os olhos, encandeada pelo esplendor dos cristais que forravam as paredes da caverna. Nesse berço de magia, as noites e os dias da Terra perdiam o significado. A Montanha Sagrada era senhora do tempo... E mestra da nossa sorte.

Instintivamente, levei os dedos à ferida que me marcava o ventre. O único vestígio que restava da brutalidade de Aesa era uma linha avermelhada e fina. Pressionei-a, temerosa, mas não me doeu. A água sarara o meu corpo, introduzindo-se em lugares que as mãos do mais hábil curandeiro seriam incapazes de alcançar, estancando as hemorragias, limpando e restaurando as entranhas que o punhal retalhara, reconstruindo-me com uma perícia que nem a magia do Povo da Terra podia igualar.

O Rei da Lua não se encontrava ao alcance do olhar e a minha essência estava demasiado fraca para buscá-lo. Teria partido? Deparei com a sua túnica sobre a pedra e vesti-a, sem me fazer rogada, uma vez que a camisa de noite que trouxera da casa da rainha Lyria devia estar em farrapos. No entanto, Edwin enganava-se, se julgava que tal cortesia bastaria para alcançar o meu perdão! Apesar de lhe dever a vida, não me esquecia de que ele era o responsável pela desgraça que se abatia sobre nós.

Por um instante, desejei que o meu primo tivesse descido a Montanha; desaparecido para sempre... Então, vi-o surgir do interior da cascata que alimentava a lagoa, como se nascido da própria água. Um ser poderoso, belo... quase sublime! Sob o brilho dos cristais, a sua pele cintilava como se coberta de pó de estrelas. Os músculos dos braços, peito e barriga faziam inveja ao mais possante dos guerreiros. As calças encharcadas pouco deixavam à imaginação...

Cerrei os olhos e os dentes, sufocada por uma emoção que me incendiava o sangue e usurpava as forças. Não queria sentir-me assim... Não podia sentir-me assim! O desejo que Edwin despertava em mim quase me condenara à morte. Combati a exaltação que me assolava, até recuperar o fôlego. Pensar que ele estava a gargalhar de contentamento, ao verificar o quanto me perturbava, ajudava a esfriar o ardor. Todavia, quando abri os olhos, constatei que se sentara na margem e fixava a cascata com uma expressão perdida. Como podia eu libertar a ira, ante tamanha vulnerabilidade?

Deslizei para a água e as bolhas de ar envolveram-me, esgueirando-se para o interior da túnica, beijando-me a pele. Senti um prurido sobre o corte do punhal e percebi que a magia ainda não concluíra o seu trabalho. Nadei devagar, receando ser subjugada pela dor. Contudo, não tardei a assentar os pés no fundo branco e liso. Poucos passos e estava diante do Rei da Lua.

Edwin manteve os olhos no chão, parcialmente encobertos pelos cabelos compridos; a madeixa rubra flamejando entre o ouro dos caracóis molhados... E o corpo robusto mirrou sob o meu olhar, retraiu-se e estremeceu como se temesse uma agressão. Nós havíamos lutado, na Floresta Sombria, antes da aparição de Aesa. Eu derrotara-o facilmente, porque ele se negara a resistir. Só o apelo do coração me impedira de matá-lo... O mesmo malfadado apelo que, agora, me vergava as pernas e forçava a sentar.

Quedei-me em silêncio, dominando a respiração. Tinha de ser forte, ou mais valia atirar-me à lagoa e deixar-me afogar! Concentrei-me na Visão que me abalara o espírito. Freya enfrentava um perigo colossal! Urgia resgatá-la aos Vândalos... Contudo, para isso, eu necessitava de compreender o que nos estava a acontecer, a fim de definir opções. As respostas oscilavam à distância de uma pergunta... Porém, por mais que me empenhasse, não conseguia falar.

O Rei da Lua parecia igualmente estonteado. Engoliu em seco, com tamanha dificuldade que o som chegou-me aos ouvidos. O seu olhar atreveu-se a procurar o meu, enquanto murmurava num tom quase inaudível:

— Julguei que te ia perder...

Não! Não! Esse caminho era proibido! Eu devia ser fria, objetiva, dura, se queria vencer essa guerra e salvar aqueles que dependiam de mim. Impulsionada pela comoção, a voz brotou-me do âmago, carregada de ressentimento:

— A tua mestra fez um bom trabalho!

As faces de Edwin empalideceram e a mágoa inundou-lhe a expressão, ao replicar:

— Aesa não é minha mestra! Só cumpri as suas exigências porque não tive escolha...

— Tomas-me por parva? — retruquei, azeda.

— Tu conhece-a! Juro que tentei ludibriá-la! Na cidade do Povo da Terra cheguei a acreditar que me poderia fortalecer o suficiente para enfrentá-la e àquele demônio que a serve... Contudo, Snari descobriu o meu plano e fez-me um ultimato.

— Um ultimato? — repeti jocosamente.

— Ele sabia que te preparavas para regressar a casa — defendeu-se, quase suplicante. — Ameaçou emboscar-te na Serra Rochosa, se eu não cumprisse as suas exigências.

— E como a Serra Rochosa é um território demasiado hostil, preferiste atrair-me para a Floresta Sombria, onde os vândalos se moveriam com maior impunidade. Assim, para além do que tinhas acordado com Aesa, ainda lhe oferecerias a Guardiã da Lágrima do Sol!

A acusação foi cortante. O Rei da Lua exclamou o meu nome, num protesto. Depois, ao verificar que nenhum dos seus argumentos me impressionava, socou a pedra do chão e praguejou:

— Raios! Eu pedi-te... supliquei-te que voltasses para trás! Por que não me deste ouvidos?

— Estás a troçar de mim? — exprobrei. — Querias que confiasse em ti, depois do que fizeste? Tu és um mestre da Arte Obscura e nunca deixarás de o ser! A maldade está enraizada na tua essência, no teu sangue... — Vi o seu olhar arregalar-se de choque e de dor, mas fui incapaz de conter o vômito de fúria que me envenenava as entranhas. — É a voz da tua mãe que te ecoa na mente, sempre que tens de tomar uma decisão! Foi para deitar as mãos às suas cinzas, que te vendeste a Aesa? O que te prometeu essa maldita? Que te

entregaria o poder da bruxa que te pôs no mundo, se me deixasses à sua mercê?

— Basta! — trovejou ele, erguendo-se de um salto. — Tu não sabes o que estás a dizer! Como pude alimentar a ilusão de que... Não passas de uma menina mimada e presunçosa, tão cheia de si mesma que não vê um palmo para além da arrogância!

— O quê? — brami, levantando-me atrás dele e agitando os punhos cerrados. — Como te atreves a ofender-me? Tu, que és o maior dos mentirosos! Um ladrão! Um assassino...

— Um assassino que te salvou a pele! — fremiu com desdém.

— Só o fizeste pela oportunidade de subir a Montanha Sagrada!

O meu grito ecoou pela gruta, prolongando-se até ao infinito.

O funéreo silêncio que se seguiu caiu sobre mim qual chuva de granizo, despojando-me da raiva e estrangulando-me de angústia. Eu quisera demonstrar o quanto a sua perfídia me magoara. Todavia, acabara por deixar-me subverter pelo rancor e dissera coisas terríveis... coisas que nem sequer sentia! Sem fôlego, vi o olhar verde-floresta encher-se de água. E a voz de Edwin atingiu-me como uma chicotada:

— Não tornes a dirigir-me a palavra!

Antes que eu pudesse reagir, mergulhou na lagoa. Atravessou-a com braçadas vigorosas e desapareceu por trás da cascata.

As forças abandonaram-me. Deixei-me tombar na margem, apertando a cabeça entre as mãos. Por que me sentia tão contristada, se fizera o que era devido? Não podia admitir que Edwin se aproximasse de mim; que me enredasse na sua sedução. Ele traíra-me e voltaria a trair-me, se a oportunidade o favorecesse. Era a sua natureza! Todavia, por mais que uma parte de mim clamasse que era impossível lançar luz sobre o negrume da essência do meu primo, a outra continuava a defendê-lo. Que execrando sentimento era esse, que me subjugava o corpo e perturbava a razão? Que me tornava fraca, mesmo ridícula, aos olhos do inimigo? Eu não queria amar o Rei da Lua! Porém, cada vez mais se afigurava que arrancar o coração do peito era a única maneira de pôr termo a tamanha maldição.

Sentia a água... Porém, também ouvia distintamente o galope dos cavalos. Abri os olhos e vi-me diante da rainha Lyria do Povo da Terra. Os guerreiros que ela liderava tinham chegado ao castelo do rei Steinarr. Os pesados portões de madeira abriam-se para conceder passagem aos aliados do povo viking. O rei Cyrus seguia a esposa como uma sombra; a expressão austera comprovando que esse era o último sítio onde desejava estar.

Tentei manifestar-me a Lyria quando ela desmontou. Afinal, estávamos tão próximas que podia escutar as batidas descompassadas do seu coração. O seu nervosismo era óbvio! A rainha da Gente Bela não ia apenas rever o pai do seu filho... Ia também anunciar o desaparecimento de duas princesas da casa. Essa era a minha oportunidade de lhe dizer que estava bem e pedir que concentrasse os seus esforços no resgate de Freya. Porém, por mais que apelasse; por mais que estendesse o braço ao seu encontro, não conseguia declarar-lhe a minha presença. Será que a fraqueza que me prosternava impedia a minha essência de se revelar?

Esforcei-me por chamar a atenção de Lyria, até temer que a perseverança me esgotasse e condenasse a recuar, antes de testemunhar o que ia acontecer. Nessa estranha existência, que se dividia entre o sonho e a realidade, vi o príncipe Ivarr avançar para receber a soberana. A afável troca de cortesias não ocultava a apreensão que constrangia ambas as partes. Ao lado do rei-lobo, Thora lutava contra a ansiedade. O seu rosto denunciava uma aflição crescente, como se tivesse guardado, até ao último instante, a esperança de que Lyria lhe traria boas novas. Essa expectativa acabara de se finar.

O rei Steinarr recebeu Lyria na sala de reuniões, acompanhado exclusivamente por Ivarr e Thora, em resposta à solicitação da rainha para que a sua conversa fosse resguardada dos ouvidos dos demais. Comportou-se como um cavalheiro, inclinando-se respeitosamente diante de uma das poucas mulheres que o perturbavam, para, depois, lhe beijar a mão com uma suavidade estudada. Era evidente que se preparara para esse reencontro, refreando vigorosamente os seus sentimentos. O rei Cyrus manteve

uma distância fria, quase desrespeitosa, guardando a porta como se temesse que alguém desobedecesse às ordens do soberano viking e irrompesse pela sala. Steinarr ignorou-o. A antipatia que os separava tinha raízes profundas... Todavia, pelo menos por hoje, as rivalidades deviam ser esquecidas.

Os ventos selvagens que fustigavam o Norte esgueiravam-se por entre as sólidas paredes do castelo; desafiavam as chamas dos archotes e da lareira. Os seus assobios tenebrosos assombravam o silêncio do aposento. Steinarr parecia incapaz de parar de fixar a mulher alta e esguia, que o contemplava com olhos azuis de noite estrelada. As fitas prateadas que enfeitavam os longos cabelos lisos de Lyria impunham-lhe recordações pouco adequadas à sobriedade da ocasião. Por baixo da barba cerrada, as faces do rei viking adquiriam um tom rosado, à medida que o seu coração debelava o controlo da mente. A passagem do tempo fora generosa para com o guerreiro-urso. Steinarr ainda exibia o vigor da juventude no corpo poderoso e o ardor da determinação no olhar verde cristalino. Só os fios grisalhos, que se imiscuíam entre os cabelos negros, traíam a sua idade. Contudo, aos olhos da rainha do Povo da Terra, o humano continuava tão atraente como no dia em que o vira pela primeira vez.

Um som pouco lisonjeiro escapou da garganta de Cyrus, lembrando Steinarr e Lyria do propósito da visita. Thora ousou dirigir-se à rainha, numa voz que revelava inquietação:

— Por favor, digei-me, senhora... Como estão as minhas irmãs? Estranhos rumores têm chegado até nós, vindos do Norte. Falam da captura de uma princesa viking pelos Vândalos...

Os olhos de Steinarr procuraram os do filho, numa recomendação muda. Ivarr agarrou o braço da sua guerreira, obrigando-a a recuar. Contudo, Lyria não se mostrou afrontada pela audácia de Thora. Pelo contrário, fitou-a com complacência antes de declarar:

— Deixemos de lado as cerimônias, Steinarr, pois o assunto que me traz à tua presença é extremamente sério e desagradável. Como sabes, recebi Edwina e Freya na minha casa, durante algum tempo... Na noite que antecederia o seu regresso a este castelo, algo estranho aconteceu. Ao despertarmos, descobrimos que as princesas

tinham desaparecido, assim como o pote de cinzas da feiticeira Gwendalin.

— O quê?

O grito de Steinarr fez estremecer as paredes de pedra e sobrepôs-se ao estrondear da trovoadas. Thora levou as mãos aos lábios para conter um gemido. Sentindo o seu tremor, Ivarr desprezou o comedimento e amparou-a nos braços; a expressão rígida revelando que se preparava para o pior. Foi ele quem solicitou, ante o sobressalto do rei e o horror da guerreira:

— Continue, senhora... Nós precisamos de saber a verdade! — Lyria esboçou um gesto de desalento, antes de prosseguir:

— Durante dias, os meus guerreiros perscrutaram a floresta. Não restam dúvidas de que Freya está cativa dos Vândalos. Quanto a Edwina... — A voz falhava-lhe, como se se recusasse a proferir as palavras fatais. — Lamento...

— A minha irmã está morta? — balbuciou Thora, num sussurro estrangulado.

Os lábios de Lyria apartaram-se, mas foi incapaz de falar. Todos se surpreenderam quando Cyrus interveio:

— Nós deparamos com vestígios de sangue, na fronteira com a Floresta Sombria. Todavia, foi impossível determinar o paradeiro da Guardiã da Lágrima do Sol e do Guardiã da Lágrima da Lua. As marcas deixadas na neve eram, no mínimo, estranhas... Juraria que se sumiram no ar!

— O Guardiã da Lágrima da Lua? — inquiriu Steinarr, fixando Lyria com o cenho franzido.

A rainha recuperara a compostura e já afirmava:

— A Edwina deixou a minha cidade em perseguição do seu primo Edwin...

— O primo da Edwina está no Norte? — bradou Ivarr, dividido entre a surpresa e a indignação.

Só então a rainha do Povo da Terra se apercebeu de que muito ficara por esclarecer na mensagem que eu enviara ao meu marido. Passou a mão pela testa; o cansaço assimilando o brilho da pele alva. Pela primeira vez, senti-a decepcionada, até zangada comigo. Ainda assim, não havia censura na sua voz, quando relatou a forma

como eu surgira nos seus domínios, suplicando-lhe que salvasse Edwin, após o ataque dos lobos negros de Aesa. Esse não era o momento de julgar... O equilíbrio entre as forças do bem e do mal oscilava à beira do abismo. Era premente achar uma solução para contrariar a vantagem da mestra da Arte Obscura... e salvar Freya de um destino tenebroso.

Antes que a reunião findasse, a minha essência afastou-se do castelo de Steinarr. Tentei resistir à mudança, desejosa de conhecer o juízo daqueles que me eram queridos. Porém, a Visão ou o delírio que me arrastava nesse rodopio insano impôs-me a escuridão. De novo, dei por mim rodeada de água. Acreditei ter regressado à Montanha Sagrada... Todavia, descobri-me ao relento, à mercê da violenta tempestade que assolava o Norte. A água tombava do céu com tal ímpeto, que quase me arrancava a pele. E, ao meu lado, encharcada até aos ossos, tremendo sem controlo e respirando aos borbotões, encontrava-se Freya.

“Quem me dera que a Edwina estivesse aqui!” — Pensava, por entre lufadas de agonia. — “A minha irmã saberia o que fazer.”

Fora o seu apelo que me guiara até à aldeia dos Vândalos. Freya estacara diante de uma das habitações viradas para o terreiro. A chuva apagara os archotes e as trevas engoliam com voracidade o fogo dos relâmpagos. As rajadas de vento chicoteavam o corpo frágil da minha irmã, empurrando-a para longe da porta. Choros e gritos ecoavam, vindos do interior da casa, quase sempre abafados pelo ribombar dos trovões.

“A Edwina saberia o que fazer!” — Tornou, sem me pressentir a um passo de distância. Tal como sucedera junto de Lyria, a minha essência era incapaz de interferir nas revelações da Visão.

Aprensiva, decidi investigar o que se ocultava por trás daquela porta, que tanto angustiava Freya. Deslizei através da madeira, qual alma penada de um conto sombrio, e penetrei numa sala decorada com tapeçarias de cores festivas, onde cada ponto confirmava a devoção e o rigor da mão que o bordara. Todavia, há algum tempo que a alegria se apagara no olhar da dona da casa e as suas mãos pouco mais faziam do que enxugar lágrimas. A jovem de cabelos e olhos cor de mel não sorria desde que a morte do marido fora

anunciada. Agora, era o seu primogênito que se finava, sem que ela nada pudesse fazer para salvá-lo.

Um rapaz pouco mais velho do que Thorson jazia sobre a arca de madeira que, um dia, o pai entalhara com belas cenas de caça, enrolado em cobertas manchadas de suor. Os cabelos acobreados colavam-se à testa e os olhos azuis celestes fixavam o teto, delirantes de febre. Entre cada fôlego, os lábios inchados e gretados entreabriam-se, e o corpo sacudia-se penosamente, deixando escapar arrepiantes sons guturais. A sua debilidade era tão extrema, que já nem tinha forças para tossir. Ao seu redor, um grupo de mulheres carpia como se lhes estivessem a arrancar a pele. Só duas continham as emoções: uma, a jovem ruiva que cingia os ombros da mãe do enfermo, confortando-a; outra, a vidente que se inclinava sobre a criança.

Helga tentava que o sobrinho bebesse o chá que ela preparara, mas o pequeno não reagia. Os seus olhos fechavam-se, derrotados. A mãe agitava os braços e soluçava de aflição. Um coro de guinchos desvairados sobrepunha-se ao seu pranto. No âmago dessa confusão, um homem emergiu das sombras da parede, apelando alarmado:

— Helga...

A vidente fechou os olhos cegos e respirou fundo. Os seus ombros descaíram, quando respondeu ao irmão gêmeo:

— Sinto muito, Helgi! Fiz tudo o que estava ao meu alcance!

— Não! — gritou a mãe do petiz, tentando lançar-se em frente para abraçá-lo. — Os deuses já me tiraram o Delling! Não podem levar o nosso filho...

Helgi interferiu, puxando a cunhada contra o peito. Nesse preciso instante, a porta abriu-se e uma figura franzina e encharcada fez a sua aparição.

Todos os rostos se viraram para Freya. Uma mulher ruiva, com olhos de mar açoitado pela tempestade, destacou-se das restantes, sacudindo os punhos e vociferando:

— O que faz essa rameira aqui? — E, antes que alguém reagisse, acometeu sobre a minha irmã, que só conseguiu entarmelar:

— Eu posso ajudar o menino...

As suas palavras transformaram-se em gemidos de dor. A mulher que a sujeitava apelou à robustez do corpo fenomenal para lhe ferrar os dedos nos cabelos e sacudi-la como se fosse uma boneca de trapos, enquanto rugia:

— Vieste contemplar os frutos da tua obra, bruxa? Pois vou ensinar-te...

— Chega, Halldora! — A voz de Helga rasgou o ar, paralisando a agressora. — As ordens da rainha foram claras. A prisioneira não deve ser molestada!

Halldora! Quantas histórias eu já escutara acerca da maldade daquela mulher? A irmã do sanguinário Gunnulf devia estar a delirar de satisfação, por o caprichoso destino lhe ter concedido a oportunidade de pôr as garras em cima de uma filha da sua odiada Catelyn. Temi que ignorasse a ordem da princesa... Contudo, libertou os caracóis negros e empurrou Freya com desprezo, rosnando:

— Um dia hei de banhar-me no teu sangue traiçoeiro! Não sossegues no sono... Eu sou paciente! — Encarou as mulheres que a observavam, mudas de pasmo, e acrescentou: — Foi assim que a mãe desta cadela entrou na casa do grande Gunnulf, com passos suaves, palavras mansas... A escrava que tinha o poder de curar! Eu entreguei-lhe a minha confiança; tratei-a como uma irmã... Quando dei por mim, já me tinha roubado o noivo, destruído a harmonia da minha família e envenenado o povo da Terra Antiga contra o seu líder. Se hoje os Vândalos vivem confinados a esta aldeia, sob o ferro de um tirano que se intitula rei do Norte, vendo os filhos perecerem de fome e de doença, podem agradecer a Throst e Catelyn! — Como se isso não bastasse, ainda se voltou para Helga. — A rainha ficará satisfeita por saber que a bisneta favorita se certifica do cumprimento da sua vontade. É pena que, em outras ocasiões, não tenha sido assim! Não é verdade, princesa? Será que esta súbita dedicação à rainha não é um pretexto para dissimular uma cumplicidade com a prisioneira?

— Basta, Halldora! — A voz de trovão de Helgi fez as mulheres saltarem de susto. — Não admito que questiones a lealdade da

minha irmã! Põe-te daqui para fora, antes que tenha de te recordar que também és uma escrava em solo vândalo.

A hedionda criatura berrou de raiva, mas retrocedeu assim que o Espírito da Escuridão ameaçou um passo. Na sala erguia-se um burburinho de espanto e indignação. Diante do olhar relampejante de Helgi, Halldora rodou nos calcanhares e saiu, deixando a porta escancarada; a chuva que caía em torrente do céu, inundando o chão. As outras mulheres reuniam, agora, coragem para protestar. Impaciente, o príncipe vândalo enxotou-as para a rua:

— Chega de confusão! Se estes são os últimos instantes do meu sobrinho, que desfrute deles em paz! Fora! Fora!!!

Uma jovem afrontou-o, fixando o seu olhar como se não o temesse:

— Começo a acreditar que a minha mãe tem razão, quando afirma que essa maldita te enfeitiçou, na noite em que se deitaram juntos para cumprir o ritual. De que outra forma se explica a tua irrascibilidade? Sabes que te amo, Helgi... E tenho suportado muitas humilhações, chorado miríades de lágrimas em nome desse amor! Porém, garanto-te que não permitirei que a história da minha mãe se repita conosco! Essa escrava não se há de intrometer entre nós dois, nem que eu tenha de matá-la e ao vosso bastardo...

— Helgi! Não!

O brado de Helga deteve a mão do guerreiro, que se projetava contra o rosto da rapariga. A vidente puxou o irmão para trás, enquanto apelava:

— Vai para casa, Gríma... Por favor, não piores as coisas! — A outra dardejou-a com o olhar, retrucando acusadora:

— Não precisas de fingir que te preocupas comigo, Helga! Sei perfeitamente que é por tua causa que o Helgi tem vindo a adiar o nosso casamento. Mas o teu domínio acabará na próxima lua cheia!

— E com a voz pejada de ira voltou-se para a dona da casa, rematando: — Põe a cadela viking na rua, Sissa, antes que os deuses te castiguem por receberes tão abominável criatura sob o teu teto!

E dito isso saiu, batendo com a porta.

O Espírito da Escuridão respirou fundo várias vezes, antes de encarar Freya e arguir:

— O que fazes aqui? Viste o sarilho que armaste?

A minha irmã suportara com valentia a agressão de Halldora e o rancor de Gríma. Porém, diante da reprovação de Helgi, lançou as mãos ao rosto e desatou a chorar. Helga puxou-a para os seus braços, exprobrando:

— Não a ouviste? Ela lançou-se às feras para ajudar o Brunn! O mínimo que podes fazer é louvar a sua coragem.

— Helga! — mastigou o irmão em tom de aviso, recordando-lhe que não estavam sozinhos. Porém, a viúva de Delling não parecia intrigada pela simpatia que a princesa devotava à escrava. Ao invés, o seu olhar expressava uma ansiedade suplicante, ao indagar:

— É verdade que essa rapariga pode salvar o meu filho?

— Ela herdou o dom de curar da sua mãe — respondeu Helga com convicção. — A maleita de Brunn evoluiu para além da ajuda das ervas ou da minha magia. Não sei se Freya conseguirá salvá-lo, Sissa... Mas, neste momento, não perderemos nada se a deixarmos tentar.

Era impossível dizer se a viúva de Delling estava mais assustada com a idéia de ver o primogênito finar-se ou de depositar esperanças numa inimiga. Contudo, acabou por se afastar e ceder espaço à minha irmã, numa prova de confiança.

Freya fitou Helgi de esguelha, com o ressentimento declarado no olhar verde, antes de se aproximar do pequeno. A respiração descompassada do príncipe denunciava a violenta comoção que o abalava. Após uma luta sem tréguas para se acalmar, também ele deixou a casa.

A minha irmã hesitou quando a porta bateu. Porém, logo de seguida, forçou-se a esquecer os dilemas do coração e dedicou-se à sua Arte, com uma mestria e devoção que não conheciam rival. Durante algum tempo observei-a a instruir Helga e a viúva de Delling. A própria vidente surpreendia-se com a mistura de ervas que Freya preparava, esmagava e espalhava sobre o peito nu da criança. Quando repousou as mãos sobre a papa verde e esta começou a brilhar, espargindo uma cintilação branca que se fundiu

com o corpo moribundo, Sissa soltou uma exclamação de perplexidade e encanto... E Helga sorriu. Não demoraria para que os olhos do pequeno príncipe se tornassem a abrir.

CAPÍTULO 2

Acordei sozinha sobre a pedra no centro da lagoa. Edwin devia continuar para lá da queda de água, recolhido no que eu imaginava ser outra gruta. Será que a saída para o exterior se fazia através de uma passagem existente naquele lugar? Não me apetecia confirmá-lo. Esgotaria as restantes possibilidades, antes de tornar a defrontar o Rei da Lua.

Enrolei a túnica com cuidado para observar o ventre. Apesar de bastante melhor, o ferimento ainda não sarara. Há quantos dias a Montanha me guardava no seu seio? Pelo menos os suficientes para o Povo da Terra escutar a floresta, tirar as suas conclusões e viajar até ao País dos Vikings. Era incrível como me sentia saciada, apesar de não comer nem beber desde a última vez que me sentara à mesa da rainha Lyria. Obviamente a caverna albergava um poder fenomenal! Eu devia explorá-la e desvendar os seus segredos. Tinha de descobrir uma forma de regressar ao castelo do rei Steinarr e salvar Freya do jugo de Aesa.

Ao nadar em direção à margem, recordei a Visão que me perturbara o sono. Fora um alívio verificar que a minha irmã desfrutava da proteção de Helga e Helgi. Se a rainha feiticeira lhe impusera que se deitasse com o Espírito da Escuridão, era porque ainda ignorava que a profecia do filho do dragão já se concretizara! Tal bafo de sorte permitia-me acreditar que, pelo menos por agora, Thorson se mantinha em segurança. Porém, também significava que Freya estava novamente grávida! E isso não era uma boa notícia, pois colocava um troféu colossal nas mãos da mestra da Arte Obscura.

Ao meu redor, formações reluzentes como lágrimas de estrelas pendiam do teto e elevavam-se do solo, desafiando a imaginação e extasiando o olhar com a sua beleza. No passado, eu já visitara esse berço de magia, em sonhos secretos. Todavia, nenhum deles

correspondia à dura realidade. Edwin e eu jamais seríamos felizes aqui ou em qualquer outro lugar! As trevas que habitavam a sua essência acabariam sempre por corromper-lhe a razão. Engoli as lágrimas, enquanto tateava cada palmo da rocha salpicada de cristais coloridos, que deslumbravam com o seu esplendor... No entanto, por mais que buscasse, por mais que palpasse e esgaravatasse, nada descobri que indiciasse a existência de uma passagem dissimulada. A saída para o cume da Montanha Sagrada não se localizava nessa galeria. E isso só podia significar...

Virei-me para a cascata, desgostosa. Não me restava outra opção, senão entrar no covil de Edwin! Então, as minhas entranhas revolveram-se. Num estalar de dedos, a água cessou de cair; simplesmente secou perante o meu olhar, deixando um enorme buraco a descoberto. A sua agradável melodia pairou no ar, resultado do eco que as rochas devolviam... e calou-se. A caverna encheu-se com um silêncio profundo, atemorizador. E esse vazio opressivo trouxe-me a certeza de que algo estava errado. O meu primo encontrava-se para lá do conforto da luz, envolto pelo negrume da bruma...

Subitamente, um grito carregado de dor deteve o meu coração.

Trepei pelas rochas, até chegar à cavidade que a Montanha revelara, bradando em resposta a Edwin. A passagem estava preenchida por uma escuridão impenetrável. Porém, não tive de me esforçar para me habituar à ausência de claridade. Mal os meus pés se atreveram ao primeiro passo, as paredes do túnel de pedra incendiaram-se.

Vacilei e quase caí, tal o horror. De imediato, ergui defesas contra o calor e o fumo sufocantes. Dir-se-ia que entrara no estômago de um vulcão! Era como reviver a minha infância; os dias em que buscara Edwin na Ilha do Fogo, para amenizar o seu sofrimento. Só que, dessa vez, não era a minha essência que enfrentava a flamas. Era o corpo! E o Rei da Lua não me aguardava com um sorriso nos lábios e a esperança no olhar... O meu primo estava a ser devorado pela rocha candente.

O poder de Edwin era insuficiente para combater as línguas de lava que o envolviam, arrastando-o para o interior do braseiro. Não

havia como sobreviver a tamanho martírio! As suas forças extinguíam-se, mais rápido do que o raciocínio. Quando tornei a apelar e me precipitei em seu socorro, ele clamou:

— Não, Edwina! Volta para trás!

Ignorei-o e continuei a avançar, tão rápido quanto a dor permitia. Esse inferno era produto da magia da Montanha. Porém, não deixava de ser letal! Eu tinha de esquecer a minha natureza humana e ser apenas feiticeira. De outra forma, pereceria antes de alcançar Edwin. A sua carne ardia diante do meu olhar. Os cabelos tinham desaparecido... Agarrei-o e tentei puxá-lo para fora da rocha. O Rei da Lua usou os braços para me afastar; a pouca força que lhe restava declarada nos movimentos débeis e na voz que se desvanecia:

— Este é o meu destino, não o teu... Salva-te...

— Não saio daqui sem ti! — rugi, conseguindo resgatar-lhe os ombros para, no instante seguinte, perde-los de novo.

— É tarde...

— Luta, Edwin!

— O mundo precisa de ti...

A sua voz apagou-se. Os dedos de fogo envolviam-lhe a garganta. Os olhos verde-floresta cintilaram só para mim, uma última vez. Depois fecharam-se. E as chamas começaram a descer-lhe pela testa. Os seus braços penderam nas minhas mãos... Ia perdê-lo! E eu não suportaria perdê-lo! O Rei da Lua era... Era parte de mim! Sem ele, a minha vida não fazia sentido! Eu podia viver longe de Edwin... Mas seria incapaz de viver sem Edwin!

— O mundo precisa de nós dois! — retruquei com toda a convicção. E mergulhei atrás dele.

Os meus braços penetraram na lava; os dedos cerrando-se em redor do pescoço de Edwin. Senti a rocha cingir-me e esmagar-me qual espartilho de flamas. Ignorei a dor e a minha mente envolveu a do Rei da Lua, entregando-lhe a única mensagem que interessava:

"Amo-te..."

O seu corpo estremeceu de encontro ao meu... Será que ainda possuíamos carne e ossos? Ou seriam as nossas essências que se fundiam? Podia jurar que escutava os nossos corações, batendo em

uníssono, enquanto a energia de Edwin se misturava com a minha, até cessar de existir uma Rainha do Sol e um Rei da Lua. Nós éramos um único ser; uma só consciência. Éramos luz e obscuridade, pulsando ao mesmo ritmo. E, nesse momento de excelsa perfeição, um coro celestial atravessou o infinito, arrastando-nos no remoinho da sua magia:

"Um futuro para aqueles que sonham; Um futuro para aqueles que amam; Um futuro para aqueles que lutam..."

"Para que aqueles que sonham, amam e lutam possam tocar as estrelas."

De repente, estávamos a cair. Já não havia fogo. Já não existia rocha. A água juntava-se a nós nessa queda no abismo e sustinha os nossos corpos. Mergulhamos numa vastidão morna e suave. Rodopiamos por entre bolhas de ar quente... E o cântico divino findou.

A melodia da cascata que alimentava a lagoa mágica acariciava-me os ouvidos. Como era possível? Sustive-me sobre um braço, respirando a custo. Estava deitada em cima da pedra que me guardara nos últimos dias... Com Edwin ao meu lado!

Vi-o escancarar os olhos, manifestando igual assombro. Levou as mãos à cabeça, ao peito, ao ventre, libertando sopros de perplexidade; a mesma perplexidade que me deixava muda e paralisada. Edwin não exibia um arranhão e o seu cabelo estava intacto, assim como as nossas vestes.

— Será... Será que sonhei? — tartamudeou, dando voz à primeira questão que me assaltara.

— Se foi um sonho — arquejei —, eu também o sonhei!

A sua mão trêmula tocou-me numa madeixa de cabelo. Não me afastei e os seus dedos deslizaram-me pela face, numa carícia quase desesperada. Mais parecia que sentia necessidade de se certificar que a mulher diante de si era real! E, antes que eu pudesse extrair um significado daquela loucura, Edwin puxou-me contra o peito e beijou-me, como se desejasse mergulhar dentro de mim e tocar o meu coração. Correspondi com arroubo. De certa forma, era bom que a nossa magia estivesse esgotada, pois, se o poder que nos

tornava Rainha do Sol e Rei da Lua se manifestasse, seria devastador.

— Meu amor... — murmurou, enquanto recuperava o fôlego. — Minha vida...

Escondi a cabeça no seu pescoço e abracei-o. Não me podia consentir um pensamento. Se o fizesse, teria de me afastar... E não queria afastar-me! Queria inspirar o perfume dos seus cabelos, assimilar o calor do seu corpo, imaginar que, de alguma forma, o nosso amor era abençoado... Que nenhum acontecimento infausto tornaria a erguer barreiras entre nós.

Estava tão enlevada, tão perdida em sensações, que me sobressaltei ao verificar que Edwin chorava. Afastei-me para encará-lo, julgando que a realidade se abatera sobre a sua consciência. Porém, quando lhe fixei o olhar, constatei que a causa da sua perturbação não era o estranho incidente que, há pouco, nos subjugara. O motivo de tamanha comoção era um cristal de forma redonda e brilho negro translúcido, que repousava ao nosso lado, em cima da pedra, como se ali tivesse sido cuidadosamente pousado por uma mão divina.

A Lágrima da Lua regressara ao seu Guardião!

O quarto de Thora era um simples aposento de soldado, com uma fresta exígua por onde a débil luz do Norte apenas espreitava. A minha irmã dormia sobre uma tábua suspensa na parede, enrolada em mantas de lã singela, e guardava os seus haveres numa arca de madeira, talhada pelo nosso pai. Em cima desta, encontrava-se uma toalha e um jarro de água. O seu escudo e armas estavam encostados à parede, à distância de um gesto rápido. Não havia tapeçarias, esculturas, castiçais ou qualquer tipo de ornato nesse recanto privado. A única coisa bela que saltava à vista repousava cuidadosamente sobre um banco — a pele prateada da loba que a guerreira matara na noite da sua iniciação.

Dominada pela estranha forma de consciência que se dividia entre a Visão e o sonho, vi o olhar da minha irmã abandonar a fresta, quando três pancadas sacudiram a porta. Respirou fundo e observou a entrada de Ivarr em silêncio, tentando escrutinar para lá da solidez

da sua expressão. O rei-lobo fechou a porta atrás de si e encarou-a, sem dizer uma palavra. No fim, foi Thora quem cedeu à ansiedade:

— Fala, Ivarr! O que resolveu o rei Steinarr? Vamos marchar contra o reduto dos Vândalos?

Ele passou a mão pela testa e a sua voz denunciou cansaço, ao replicar:

— Sem a magia da Edwina somos impotentes perante os espinheiros... Além disso, tememos que a feiticeira não hesite em matar Freya, se se sentir ameaçada.

— Quer dizer que não tencionais fazer nada? — indignou-se a guerreira.

— O meu pai enviará alguns homens à Floresta Sombria, a fim de indagar das intenções de Aesa e tentar negociar a libertação de Freya.

— E tu vais liderá-los?

— Não — Ivarr frustrou a sua expectativa, com firmeza. — Nós não sabemos o que a feiticeira planeia... Ainda creio que a captura da tua irmã foi um percalço do destino e que os Vândalos desconhecem o seu valor. A minha presença denunciaria a nossa agonia e prejudicaria Freya. Vamos agir com cautela! Talvez se consiga resolver esse impasse sem que haja derramamento de sangue. O meu pai nomeou um dos seus melhores generais para a missão... E eu concordei. Acho que, atendendo às circunstâncias, foi a decisão correta.

A Loba Prateada soprou e agitou os punhos, objetando angustiada:

— E se a bruxa se recusar a soltar Freya? E se pretender transformá-la numa criatura decrépita, sem vontade própria, como fez com o Magnor?

Ivarr retraiu-se, lembrando-se das atrocidades infligidas ao seu irmão. Depois, sacudiu a cabeça e argumentou:

— Devemos guardar a esperança de que tudo se resolverá pelo melhor! A rainha Lyria acredita que Helgi e Helga manterão Freya a salvo da feiticeira. Bem sei que eles são nossos inimigos, mas até a Edwina os tinha em elevada consideração.

Thora estremeceu e fixou os olhos no chão, tentando ocultar a dor ante a incerteza do meu destino. O desejo de abraçá-la declarava-se em cada traço do rosto de Ivarr. Porém, continha-se, temeroso de que o seu carinho fosse considerado inoportuno ou até mal interpretado. Não queria que Thora julgasse que ele tencionava ganhar vantagem, aproveitando-se da sua vulnerabilidade. Acabou por esboçar um gesto de impotência e murmurar, tomado pela emoção:

— Daria a vida para te poupar a este sofrimento!

A minha irmã suspirou e tocou-lhe levemente na face, replicando:

— A tua perda seria o meu fim.

A respiração de Ivarr alterou-se. Levou a mão à dela e pressionou-a, sussurrando:

— Amo-te tanto, minha loba! Mais do que sou capaz de colocar em palavras ou expressar por gestos.

— Eu sei — respondeu a guerreira com a voz embargada. — Sinto o mesmo.

Ivarr libertou uma exclamação abafada e estreitou-a. Eu quase podia ouvir os seus pensamentos; a culpa que os destroçava por dentro... Eram incapazes de desfrutar do amor que os unia. Cada um à sua maneira achava que o assumir desse sentimento fora a bola de neve que iniciara a avalanche que nos esmagava. Se eu lhes conseguisse falar, diria que estavam profundamente enganados. No meio de tantas adversidades, a paixão do rei-lobo e da Loba Prateada era a única coisa certa e pura; talvez a última esperança que restava ao nosso povo.

— A Edwina está bem — afirmou Thora subitamente.

— Deveras? — indagou Ivarr, fitando-a ansioso. — Ela manifestou-se, de alguma forma?

— Não — contrapôs a guerreira. — Não sei explicar... É algo que sinto!

— Mas, como? — O rei-lobo abanou a cabeça, confuso. — Por mais encantada que a Edwina estivesse pelo vosso primo, jamais permitiria que Freya se mantivesse prisioneira dos Vândalos! Regressaria a casa...

— Talvez não possa regressar! — interrompeu Thora, refletindo. — Talvez esteja ferida... Afinal, o rei Cyrus descobriu o seu sangue na floresta. Contudo, tenho a certeza de que está viva! Se não comunica conosco, é porque a sua magia se esgotou no confronto com Aesa.

Perante isto, eu jamais tornaria a questionar o poder de intuição da minha irmã guerreira! Ivarr voltava a estreitá-la, asseverando:

— Tomara que tenhas razão... Tomara!

A Loba Prateada permitiu-se repousar a cabeça no seu peito. Ivarr esboçou um sorriso triste e beijou-lhe os cabelos com ternura. O momento estava longe de ser perfeito... mas era quanto bastava para confortar os seus corações.

As marés revoltas da Visão enrolaram-me na sua obstinada determinação. Não resisti. Quem sabe se, dessa vez, Freya não se aperceberia da minha presença? Talvez eu pudesse avisá-la da intenção do rei Steinarr... Constatar que o soberano viking planeava abordar Aesa com prudência era um alívio! Tal como Ivarr alegara, sem a proteção da minha magia o seu exército seria presa fácil para os espinheiros assassinos. Um ataque precipitado ao reduto da rainha feiticeira resultaria na morte inglória de dezenas de guerreiros. Só negociando com os Vândalos, Steinarr resgataria Freya. Ainda assim, não obstante a sua argúcia, eu duvidava que a bruxa aceitasse libertar a minha irmã.

Freya continuava à cabeceira do primogênito de Delling, velando o seu sono. As cores do rosto do pequeno revelavam que, embora debilitado, se encontrava livre de perigo. Ressonava baixinho, num gemido dolente que despertava a vontade de animá-lo no colo e cobri-lo de beijos. Helga cedera ao cansaço e adormecera com a cabeça pousada na cama. A dona da casa também se rendera ao mundo dos sonhos. Dormia, sentada num cadeirão, com o filho mais novo aninhado nos braços. Quando o primeiro brado rasgou a noite, só a jovem viking o escutou.

Os olhos da minha essência viram Freya levantar-se com uma expressão alarmada. Não teve de aguardar muito, para que o grito de cruciante dor se repetisse. Horrorizada, vi-a afastar-se da cama e caminhar pé ante pé, até à porta. Tentei detê-la, quando pôs sobre

os ombros a capa mágica que a rainha do Povo da Terra me oferecera. Eu sabia perfeitamente o que aquele alvoroço significava. Aesa, mestra da Arte Obscura, estava a alimentar-se... E não desejava, de forma nenhuma, que a minha irmã presenciasse tamanha abominação! No entanto, mais uma vez falhei no esforço de me manifestar. Logo Freya perscrutava a noite gélida, antes de se aventurar no terreiro.

Não havia sentinelas na rua. Para quê privar os guerreiros do sono, se ninguém era capaz de trespassar a proteção mágica que circundava a aldeia? O fogo dos poucos archotes que ainda ardiam provocava a fúria do vento. A neve que cobria o solo era tão espessa, que engolia as botas de Freya. No entanto, ela avançava, intrigada por verificar que mais ninguém saía de casa a fim de indagar o que se passava. Hesitou, ao constatar que os apelos provinham do covil da feiticeira. Tive esperança de que tomasse consciência do perigo que corria e voltasse para trás. Porém, a minha irmã prosseguiu, sem pensar que a sua curiosidade era um desafio à morte.

A cabana de Aesa destacava-se das demais pela sua grandiosidade. Eu já estava tão indignada com a iniciativa de Freya, que acreditei que ela seria tola ao ponto de empurrar a porta e arrostar a feiticeira. Contrafeita, vi-a rodear a casa, em busca da origem dos gemidos de pungente martírio. Depois, colou o nariz às tábuas de madeira para espiar através de uma fresta... Recuou abruptamente, levando as mãos aos lábios e mal contendo um grito. O seu corpo tremia convulsivamente, tal o horror que a assaltara. Não obstante, engoliu em seco e tornou a espreitar, no momento em que outro berro arrepia a escuridão.

No quarto da rainha, um homem jazia num leito de sangue... ou os despojos do que outrora fora um homem! Os seus braços tinham sido esticados e as mãos amarradas à cabeceira da enorme cama. Estava nu e a sua magreza era tão extrema, que os ossos pareciam prestes a furar-lhe a pele. O seu peito ostentava cortes profundos, como se lacerado pelas garras de um falcão. Os cabelos grisalhos brilhavam à luz da lanterna, encharcados em suor. E o vermelho escuro e pegajoso que o cobria destacava ainda mais a cor cinzenta

luminosa do seu olhar — o único vestígio que lhe denunciava a identidade. Ao lado do infeliz, a mestra da Arte Obscura rutilava, exibindo uma expressão de puro deleite, que lhe rejuvenescia a face encarquilhada. O seu corpo banhara-se no sangue do amante e agora rendia-se à languidez da paixão consumada.

A minha irmã apreendeu a hedionda visão, num fôlego de incomensurável terror. As suas pernas bambolearam e o estômago contraiu-se em agonia, forçando-a a dobrar-se sobre si própria... Então, sem que nenhuma de nós o pudesse prever, uma sombra deixou as trevas e saltou sobre ela, capturando-a e arrastando-a para longe da casa.

Demasiado apavorada para reagir, Freya foi carregada pelos braços da noite, sufocada no próprio enjôo. Não conseguia respirar. Não conseguia ver nem ouvir nada, além do coração que lhe ribombava dentro da cabeça. A forma colossal que se movia como o vento levou-a através do povoado, até que, por fim, os seus pés tocaram novamente o solo. De imediato, tombou de joelhos e libertou o vômito. Duas mãos fortes sustentaram-na, impedindo-a de se prostrar na neve. Por entre as lágrimas de aflição, a minha irmã distinguiu o azul intenso do olhar de Helgi... E percebeu que estava em apuros. Mal recuperara o fôlego já ele a sacudia, mastigando um sussurro exasperado:

— Estás assim tão desejosa de morrer?

Extenuada, ela levou os dedos aos lábios doridos, enquanto gaguejava:

— Magnor... Era o Magnor!

— Quase deitaste tudo a perder! — cortou o guerreiro asperamente.

— Ela esquartejou-o! Bebeu-lhe o sangue!

— Fazes idéia da sorte que tivemos na outra noite, por escapar ilesos àquele ritual torpe?

— Como é possível tamanha perversidade... ?

— Seria o teu sangue que a rainha beberia, se te tivesse apanhado! — Falavam ao mesmo tempo, sobrepondo as palavras, atrapalhando-se na respiração, misturando argumentos. Freya

engasgou-se, estrangulada pelas lágrimas. Helgi prosseguiu, movido por uma inquietação distinta da sua:

— O que te passou pela cabeça, para deixares a guarda da minha irmã?

A rapariga engoliu em seco, enfrentando-o a custo:

— Tu sabias o que estava a acontecer! Não te importas...?

— Os apetites da rainha não me dizem respeito!

— Mas aquilo é... odioso, bárbaro, repugnante...

— Freya — Helgi deteve-a, envolvendo-lhe o rosto entre as mãos e respirando fundo para dominar a ira. — Magnor deitou-se naquela cama de livre vontade, depois de ter traído o seu povo e cuspidido no nome do próprio pai. Só tem o que merece! Por minha vontade, há muito estaria morto!

— Nem o mais vil dos traidores merece sofrer assim! — contestou a minha irmã, transtornada.

— Meu amor... — suspirou o guerreiro, estreitando-a contra o peito. — És tão pura, tão inocente! Quero resguardar-te desta provação... Porém como conseguirei, se insistires em desafiar a sorte? Ninguém questiona Aesa e vive para se vangloriar da ousadia! Ninguém!

A jovem entregou-se ao seu calor, murmurando angustiada:

— Dói-me o coração de pensar que terás de te unir à tua prima, por minha causa!

Helgi beijou-lhe os cabelos, replicando sobriamente:

— Não te apoquentes! Existem destinos piores do que desposar Gríma...

Talvez não tenha sido as suas palavras, mas a forma como as proferiu, que incitou o ciúme da minha irmã. Reagiu intempestivamente, empurrando-o e resmungando zangada:

— Compreendo! Realmente há sinas menos ditosas do que desposar uma mulher bonita, disposta a tudo para ganhar os teus favores!

— Freya! — protestou ele, tentando retê-la. — Não foi isso que eu quis dizer...

Porém, a rapariga tornou a estrebuchar e Helgi deixou-a partir. Ficou a vê-la entrar na casa da viúva de Delling, com uma expressão

perdida. Por mais voltas que desse à cabeça, não descortinava uma solução para aquele impasse. E eu continuava aprisionada pela vontade da magia, incapaz de ajudá-los.

Edwin girava a Lágrima da Lua entre as mãos, como se não acreditasse que o cristal tornara à sua posse.

— Achas que foi um teste? — indagou subitamente. — Terá a Montanha decidido submeter-nos a uma prova extrema, para nos avaliar?

Talvez ele estivesse certo! De que outro modo se justificava o sucedido? Depois de quase termos perecido, devorados pela rocha ardente de uma gruta que durante dias se revelara gélida e sombria, havíamos despertado sobre a pedra onde nos sentávamos, sem uma beliscadura ou um fio queimado nas roupas. Até os cabelos de Edwin, que eu vira desaparecer sob as flamas, estavam brilhantes, uma tentação para os dedos...

Deparei com o seu olhar sorridente e baixei o rosto, corando até à alma. Perante o meu desconforto, o Rei da Lua apertou-me a mão, murmurando:

— Sei que não posso remediar o que fiz... Porém, estou arrependido! Devia ter-te procurado assim que cheguei ao Norte, em vez de me submeter à chantagem de Aesa. Todavia, o meu maior erro foi não partilhar a verdade contigo e com a rainha Lyria. Tu terias ficado furiosa, mas acabarias por me desculpar. E Lyria ter-me-ia ajudado.

— Sim! — concordei, num tom mais frio do que o necessário. — Ela acreditava em ti.

— Mas tu não! — constatou, gravemente. — Sempre viste através de mim!

— Se assim fosse, não estaríamos aqui! — repliquei, mordaz. Edwin suspirou, antes de afirmar:

— Logo que deixemos a Montanha, pedirei perdão à rainha do Povo da Terra. Imagino que Aesa queira o pote para assimilar o poder das cinzas... Contudo, se nós os três unirmos forças, havemos de destruí-la!

— Para isso, a Montanha terá de nos libertar! — contestei, pungente.

A caverna mágica estava em permanente mutação. Por trás da esplendorosa cortina de água da cascata, erguia-se agora uma parede de pedra lisa como a que forrava o fundo da lagoa. A gruta onde Edwin se refugiara após a nossa discussão, prenhe de trevas ou de fogo, desaparecera sem deixar rasto.

— Por que questionas a boa vontade da Montanha? — interpelou o Rei da Lua. — Durante anos, eu vivi na exclusão desta magia, clamando de raiva porque o acesso à Pedra do Tempo me era negado. Porém, no instante em que te finavas nos meus braços, a floresta ganhou vida. Um trilho estendeu-se diante dos meus olhos e a luz que brotava do interior da terra guiou-me até aqui. Esta água recebeu-nos! Sarou o teu corpo. Apaziguou o meu espírito... Mesmo quando voltei a ter dúvidas; quando questionei se valeria a pena lutar contra o lado negro da minha essência, a Montanha recordou-me de onde vim... E comprovou a solidez do nosso elo! Porque, apesar da tua revolta, foste incapaz de me abandonar à morte, ainda que ciente de que partilharias o meu destino!

Tentei deter o seu discurso e esfriar-lhe o ardor; silenciar as palavras que me tocavam o coração. No entanto, Edwin ignorou-me e prosseguiu:

— Tu seguiste-me até ao submundo e arrastaste-me de volta à luz. Ofereceste-me uma nova vida, quando toda a esperança se perdera! A minha alma está curada, Rainha do Sol... E a prova está aqui! — Exibiu a Lágrima da Lua, com uma expressão deslumbrada. — Agora, só tenho de me prostrar diante da Pedra do Tempo e orar para que o Guardião da Montanha reconheça o meu poder.

Tal seria maravilhoso, não só para Edwin, mas para todos os que sustinham o estandarte do bem. Admitia que ver a Lágrima da Lua entre os seus dedos era o maior dos prodígios! Contudo, apesar de o meu coração estar rendido, a mente continuava a questionar cada um dos seus gestos, palavras, sorrisos e intenções. O Rei da Lua era um mestre de manipulação...

— Amo-te, Rainha do Sol!

A sua declaração esbarrou nos meus pensamentos e trouxe-me lágrimas aos olhos. O sobressalto foi tão violento, que Edwin se apossou das minhas emoções. O seu semblante ensombrou-se, tomado por uma tristeza profunda que se refletiu na voz, ao replicar:

— Tu não acreditas que a Pedra do Tempo esteja disposta a conceder-me a sua graça... Perdeste a confiança em mim!

Incapaz de encará-lo, fechei os olhos e as lágrimas rolaram-me pelas faces. Quando tornei a abri-los, Edwin era a imagem da desesperança. Estávamos tão próximos... No entanto, parecia que nunca estivéramos tão apartados. Era como se uma barreira invisível separasse as nossas essências... Não! Eu já sentira essa dor antes e por nada no mundo queria voltar a experimentá-la! Antes que a consciência me subjugasse os sentidos, inclinei-me sobre ele e cedi ao mais premente dos meus anseios.

Os meus lábios tocaram os de Edwin, numa carícia suave, numa súplica de entrega. Porém, em vez de corresponder, ele recuou. A sua respiração transformou-se num arquejo gorgolejante, como se estivesse a sufocar. E os seus olhos encheram-se de luz; tornaram-se o meu mundo: verde-floresta, verde-esperança... verde-vida! Soltei um gemido de antecipação, quando as suas mãos se fecharam nos meus braços, atraindo-me para mais perto, forçando-me a mergulhar no seu olhar, enquanto avisava roucamente:

— Não faças isso, se não tiveres a certeza do que queres! — Tentei responder-lhe, mas descobri-me sem voz. Escutava o troar descompassado do seu coração... do meu coração. Como se animada por vontade própria, a minha mão ergueu-se ao encontro do seu rosto. E Edwin não me deteve. Os seus músculos estavam tensos... Todavia, reprimia-se, ostentando um controlo extraordinário; um domínio que eu estava longe de igualar! Os meus dedos afloraram-lhe os lábios e deslizaram pela face, delineando a curva firme do maxilar, apreciando a textura da barba, afundando-se nos seus cabelos... Subitamente, fui atraída contra o peito másculo e quase gritei quando as suas mãos se enterraram na minha nuca, impedindo-me de mover, aprisionando-me no verde-paixão.

— Diz-me, Edwina! — exigiu sem cortesias. E eu rendime com um suspiro arrebatado:

— Quero-te... Quero-te!

Os seus lábios cobriram os meus e o nosso sangue transformou-se em fogo líquido. Não havia um pingo de gentileza no seu toque ou no seu beijo. Apenas uma fome louca; uma necessidade arrasadora. Bradei dentro da sua boca, enlouquecida pelo desejo. As nossas essências fundiam-se a uma velocidade vertiginosa, como se a magia que partilhávamos tencionasse consumir-nos, para renascer como energia pura. Era maravilhoso... Era demasiado! Fora esse arrebatamento que nos roubara a consciência, no castelo viking. E eu não queria desmaiar!

— Edwin... — apelei extasiada.

O Rei da Lua compreendeu a súplica e obrigou a sua magia a recuar, lenta e dolorosamente. Eu imitei-o, até debelar a feiticeira que vivia em mim; até tornar-me apenas mulher... Uma mulher nos braços de um homem! Já conseguia sentir os contornos do seu corpo, pressionando-me contra a pedra, o calor das mãos, a ternura dos lábios, a doçura da língua, o mel da saliva... os nossos corações batendo como um só.

Acaricieei-lhe os ombros largos, os músculos firmes das costas e do peito, deleitando-me com o calor úmido da sua pele. Um incêndio violento devorava as florestas do olhar de Edwin... E a madeixa rubra que rasgava a harmonia dourada dos seus cabelos deslizava-me pela face, qual animal esquivo, buscando abrigo na curva do meu pescoço. Não resisti a envolvê-la entre os dedos... E o corpo do Rei da Lua saltou como se varado por uma espada. A sensação foi tão intensa que o fez gritar, atijando-me ainda mais. Enrolei a mão na seda escarlate e puxei-a com determinação, buscando o seu olhar. A expressão de Edwin era arrebatadora! Um sorriso enfeitava-lhe o rosto abrasado pelo desejo... Um sorriso que misturava o ardor de um macho convicto de ter a fêmea à sua mercê, com a felicidade de um menino que realiza o maior dos seus sonhos e o respeito de um homem, ciente de que a mulher nos seus braços não é sua escrava, mas sua companheira.

— Não voltarei a perder-te, Rainha do Sol! — arquejou. E apossou-se dos meus lábios, tragando-os com sofreguidão. As mãos fortes cobriram-me os seios, aflagando-os sobre a lã da túnica,

fazendo-me arquear o ventre em delírio. Só o tecido rude das suas calças impedia a nossa união. Rugi, contrariada, e iniciei uma luta com o nó que as cingia. Os nossos beijos refletiam a impaciência que nos inflamava. Por fim, Edwin tentou ajudar— me... E, na veemência do nosso esforço, acabamos por rolar pela pedra, caindo desamparados dentro da lagoa.

Engoli água e principiei a asfixiar, confundida pela turbulência resultante dos nossos movimentos e das bolhas de ar quente, sem noção de onde ficava o fundo e a superfície. A luz espalhava-se ao meu redor, trespassava-me a mente, devorava-me os sentidos. Nesse instante de alucinação em que nada parecia real, a voz límpida de Thora chegou-me aos ouvidos:

— A Edwina está aqui!

Diante do meu olhar, as partículas de luz principiam a sobrepor-se, até ganharem cores e as cores definirem formas. Divisei claramente o tempestuoso céu do Norte, a exuberante Pedra do Tempo... o rei-lobo e a Loba Prateada. Tentei gritar; combater a estranha energia que me paralisava. Mesmo à minha frente, Thora asseverava:

— Tenho a certeza absoluta!

— Se a Edwina estivesse na Montanha, não nos responderia? — objetava Ivarr, pousando-lhe as mãos nos ombros para confortá-la.

— Mas eu sinto a sua presença! — replicava a minha irmã, angustiada. — É como um apelo mudo, que me ressoa dentro da mente e arrepiava...

— O que tu sentes é consequência da ansiedade que te rouba o sono — contrapôs o príncipe, sobriamente. — Tens de te acalmar ou ficarás doente!

— Ivarr...

Ele calou o seu protesto com firmeza:

— A Edwina desapareceu! E, por mais que nos doa, tudo leva a crer que...

— Não! — vociferou a Loba Prateada, sacudindo-o. — Não te atrevas, sequer, a insinuar que a minha irmã está morta!

— Thora...

— A Edwina está viva! — Rodou sobre si própria, clamando com estridor: — Edwina! Edwina, por favor, responde!

"*Thora!*" — bradei. No entanto, nenhum som rasgou o ar. Pisquei os olhos e vi-me novamente rodeada de água, incapaz de respirar. Então, duas mãos determinadas arrastaram-me para fora da lagoa. Debati-me, numa última tentativa de me agarrar à Visão. Depois, comecei a tossir; a tossir sem parar, até sentir o peito rasgar-se.

— Está tudo bem, meu amor — dizia o Rei da Lua.

— Não, não está! — refutei, entre soluços. — A magia da Montanha impede a minha essência de se manifestar!

— A Montanha deve ter as suas razões, Edwina! — retorquiu, amimando-me contra o peito. Não resisti. Necessitava de sentir o seu calor para confirmar que estava viva. No centro de tamanha loucura, começava a questionar a minha própria sanidade.

— Tenho tido Visões — confessei, frustrada. — A Freya está viva, mas corre grande perigo. Precisamos de salvá-la de Aesa...

Detive-me abruptamente, ao verificar que o incluía na minha intenção. Fixei-o, apreensiva, mas Edwin não escondia a satisfação pela oportunidade de partilhar da minha vida. Deixou a cabeça pender até as nossas testas se encostarem, declarando:

— Aconteça o que acontecer, não tornarei a decepcionar-te! — Eu já escutara essa promessa dos seus lábios...

O Rei da Lua afastou-se o suficiente para me encarar, prossequindo com solenidade:

— Lamento que Freya esteja a sofrer por minha culpa. Jamais me perdoarei, se lhe ocorrer algum mal! Disseste que tens tido Visões... Queres partilhá-las?

Comecei hesitante, mas a confiança aliviou o fardo que me vergava os ombros.

— Temo pela Freya — concluí. — Ela é ingênua e impulsiva... Não resistirá às armadilhas da feiticeira. E a filha de Halldora não me engana! Jamais admitirá que Helgi assumo um bastardo. Mal o seu casamento seja consumado, conspirará com a mãe para se livrarem da minha irmã.

Edwin inclinou a cabeça, franzindo o cenho.

— Essa Halldora... Já não estive noiva do teu pai?

Estremeci, só de recordar os tormentos que Catelyn da Ilha dos Sonhos enfrentara às mãos daquela mulher desprezível.

— Sim... Mas essa história é muito longa e complicada.

— Conte-me, por favor! —olveu ele. — Se quero entrar na casa do meu pai de cabeça erguida, como é sua vontade, é bom que conheça o passado da nossa família.

Respirei fundo e não disfarcei a ansiedade, ao interrogar:

— Serias mesmo capaz de começar de novo?

Edwin susteve o meu olhar, respondendo:

— Não me resta outra opção, se quiser ficar ao teu lado. E nós não nos tornaremos a separar... Isto é, se tu assim o desejares!

Corei ligeiramente e um sorriso subiu-me aos lábios.

— Depois do que aconteceu, ainda duvidas?

O meu primo manteve-se sério, ao revidar:

— Eu não ponho em causa o teu afeto, Edwina. Todavia, preciso de mais... Necessito da tua confiança! — Pousou-me um dedo sobre os lábios, impedindo-me de reclamar. — Quero que a nossa união seja perfeita, mas sei que tal só será possível no dia em que tu fores livre e o meu espírito esteja curado. Fazer amor contigo teria sido maravilhoso... Porém, agora, estaria a ser confrontado com o teu arrependimento. E não seria capaz de viver com tamanho pesar.

Isso era verdade! Se tivéssemos consumado a nossa paixão, eu estaria a remoer medos e incertezas; a sentir-me miserável! Não obstante o amor que lhe dedicava, ainda não me sentia segura ao lado do Rei da Lua. Ele tinha um longo caminho a percorrer, até provar que merecia a minha confiança. Será que a magia da gruta interferira mesmo no nosso desvario, forçando-nos a mergulhar na lagoa, em vez de submergirmos na loucura dos sentidos? Talvez a apreciação de Edwin estivesse correta e o nosso afastamento da realidade tivesse um propósito! No fim, nada podia fazer, além de me sujeitar à vontade da Montanha Sagrada. Suspirei e aninhei-me no seu colo, gracejando sem constrangimentos:

— O meu pai haveria de gostar de saber que a filha está sob os cuidados de um homem respeitador!

O Rei da Lua soltou uma gargalhada, entrelaçando os dedos nos meus caracóis, como fazia quando éramos crianças. No entanto, a

sua voz nada tinha de inocente, ao requestar:

— Fala-me dessa Halldora... Ou acabarei por esquecer as boas intenções e chamarei as labaredas a esse olhar de céu e de mar, que me faz perder a cabeça!

CAPÍTULO 3

Sonhei com fogo. Sonhei com ferro. Sonhei com morte. Por entre as árvores cerradas de uma floresta onde as sombras imperavam, as armas dos guerreiros cruzavam-se com uma veemência letal. Em reduzido número, surpreendidos e esmagados pela violência do ataque, os Vikings tentaram incendiar a barreira de espinheiros, de onde os Vândalos irrompiam qual enxame maligno. Porém, as flamas eram tão eficazes contra os ramos enfeitados quanto a água da chuva ou o sopro do vento. Um a um, os escudos com o brasão do rei Steinarr tombaram na lama e o sangue do meu povo alagou o solo. Quando os únicos sons que ecoavam na bruma eram os urros de vitória dos seus homens, o rei Raud queimou o estandarte inimigo, sorrindo altivo, enquanto as labaredas consumiam as figuras majestosas do carvalho e do falcão. A bandeira branca, hasteada para solicitar uma audiência com o soberano vândalo, sofreu o mesmo destino. Por fim, Raud aproximou-se dos cadáveres e iniciou a busca.

Entre os corpos tombados, um mereceu especial atenção. Tratava-se de um jovem robusto, cujos olhos verdes cristalinos ainda fixavam o rei com declarado ódio... Um ódio que não podia ser expresso em palavras, pois o guerreiro gorgolejava, sufocado no próprio sangue. Raud fez questão de arrancar a pele de lobo que lhe ornava as costas, num derradeiro ato de desprezo. Depois, puxou pelos seus longos cabelos negros, a fim de lhe expor o pescoço, para que a lâmina da espada fizesse um corte perfeito. O ferro rasgou o ar com um silvo mórbido... E o sangue jorrou em repuxo do tronco estrebuchante. Embriagado de poder, o rei exibiu o macabro troféu aos seus homens, antes de atravessar o anel de espinheiros.

A aldeia aguardava o soberano em silêncio. Até os guerreiros que o haviam acompanhado se detinham, expectando o desfecho de outro conflito igualmente arrasador.

— Helgi! — O rugido de Raud troou, qual prenuncio de tempestade. Poucos passos adiante, o Espírito da Escuridão deteve-se e voltou-se para encará-lo. Com um forte impulso de braço, o rei arremessou a cabeça decapitada para os seus pés, rugindo:

— Toma, irmão! Trouxe-te uma lembrança da batalha... Pendura-a numa estaca, à entrada de casa, para que jamais te esqueças de que envergonhaste o nosso povo, a tua família e o teu soberano.

Helgi olhou de esguelha para o despojo humano, sem esboçar um gesto. O seu rosto manteve-se gélido, mesmo quando a prisioneira viking surgiu a correr de entre a multidão, gritando aflitivamente:

— Não! Não! Ketill! Não! Porquê? Porquê?

O choro convulsivo de Freya ecoou no silêncio lúgubre, qual cometa de revolta. Assolada pelo desespero, prostrou-se na neve ao lado da cabeça do guerreiro, acariciando-lhe os cabelos pegajosos de sangue. Na sua agonia, recordava o dia em que Ketill lhe declarara um amor profundo...

— Talvez o meu rei possa explicar por que pende sobre mim tamanha vergonha? — A voz poderosa de Helgi absorveu as atenções, neutra e glacial; um claro desafio à fúria do irmão.

As faces de Raud tornaram-se escarlates sob a espessa barba acobreada, até parecer que os olhos azuis iam saltar das cavidades.

— Estás a troçar de mim? — vociferou, inflamado pela ira. — Tu questionaste a minha ordem de ataque!

— Na ausência da rainha Aesa, o rei vândalo deu a sua palavra em como escutaria a mensagem do rei viking e deixaria o general partir com os seus homens, em segurança — contrapôs o Espírito da Escuridão, sem um pinga de temor. — Nenhum sangue deveria ter sido derramado naquele encontro!

— Como te atreves? — Raud arremeteu em frente, mas Helgi não se desviou e acabou por ser o mais velho a recuar na agressão. — Aqueles cães são responsáveis pela morte do nosso pai, dos nossos irmãos... Deveria tê-los deixado partir incólumes?

— A rainha ordenou que os guerreiros de Steinarr não fossem molestados, quando viessem negociar a libertação da escrava — revidou o outro com convicção.

— Estás enganado! A rainha mudou de idéias, antes de partir para os Pântanos Nebulosos. — O soberano fez uma pausa, apreciando a surpresa do irmão. — Sim, Helgi! A sua vontade é acabar de vez com aquela raça maldita! E, mesmo que assim não fosse, tu deves-me respeito! Deves-me obediência! Como pode o homem que jurou jamais embainhar a espada enquanto um viking respirasse contestar o seu rei diante do inimigo?

— Escutaste essa nova ordem da boca da rainha? — mastigou Helgi entre dentes, ignorando a provocação.

Raud hesitou, parecendo confuso. Todavia, logo objetava:

— Não tenho de te dar satisfações! Aliás, a tua atitude só veio confirmar as minhas piores suspeitas! — O seu tom tornou-se jocoso, instigador: — Como mudaste, irmão! Jamais esperei ver o dia em que o Espírito da Escuridão, o melhor guerreiro do povo vândalo, rastejaria para se deitar com a Loba Prateada, uma reles assassina. A tua frieza não me engana! Foi por causa dessa rameira que porfiaste a minha autoridade...

A voz de Raud morreu-lhe abruptamente na garganta, quando Helgi destruiu a curta distância que os separava, afrontando-o olhos nos olhos:

— Que autoridade possui alguém que espezinha a sua honra na lama, ao desembainhar a espada diante de uma bandeira branca? O que fizeste foi indigno de um rei... Foi indigno de um homem! E mesmo que a ordem tenha partido da rainha, o que eu duvido, tudo o que provaste aos Vikings foi que o soberano dos Vândalos não tem palavra!

— Basta! — ribombou Raud, possesso. — Talvez Snari tenha razão, quando te acusa de cobiçares o meu trono! Estás a planear uma traição, Helgi? Responde!

Durante algum tempo, só o assobio do vento minaz que castigava o terreiro encheu os ouvidos da aldeia. Helgi sentiu a raiva estilhaçar o controlo que mantinha a grande custo. Teria explodido, se a energia da sua gêmea não o alcançasse e cobrisse de serenidade. Por entre os rostos ansiosos da multidão, as faces pálidas de Helga desmereciam o alvor da Lua. A vidente estava aterrada! Contudo, aguentava-se com bravura, pois sabia que um gesto precipitado

podia significar a desgraça dos dois irmãos... e a morte de Freya. Por elas, o Espírito da Escuridão engoliu o fel da ira, antes de volver:

— Se acreditas no que acabaste de dizer, é porque não me conheces! E eu também não reconheço em ti o meu irmão mais velho, compassivo e justo. É a vontade do rei Raud que governa o povo vândalo? Ou a voz venenosa do príncipe Snari lidera em seu nome? Se achas que sou um traidor por tentar chamar-te à razão, manda-me prender e julgame como tal!

— O que é que se passa aqui?

Uma voz aguda ecoou pelo terreiro, com tal estridor que mais parecia que o céu cinzento, raiado de negro, se despenhava sobre a aldeia. Aesa surgiu de surpresa, seguida por Snari e os poucos guerreiros que a haviam acompanhado na sua misteriosa empresa. O andar da feiticeira vacilava de fraqueza, mas as labaredas que lhe flamejavam no olhar afastavam quaisquer dúvidas quanto ao seu poder e malignidade. Nenhum Vândalo era capaz de manter-se indiferente diante da rainha! Algumas mulheres correram para casa. As mais afoitas esconderam-se atrás dos homens. Os guerreiros que haviam participado na batalha sustiveram o fôlego. Helga avançou até Freya, antevendo uma tempestade. A jovem viking enrolou-se aos seus pés e abraçou o pescoço de *Conselheiro*, esgotada de tanto chorar. Raud e Helgi ainda se arrostavam, mas o mais velho acabou por desviar o olhar e dirigir-se à feiticeira, vomitando rancor:

— Exijo que o príncipe Helgi seja castigado por desrespeito ao rei!

— O Helgi faltou-te ao respeito? — inquiriu Aesa como se não acreditasse.

— Contestou as minhas ordens... — prosseguiu Raud. — As suas ordens, minha rainha!

A mestra da Arte Obscura quedou-se diante do bisneto que coroara rei, resmungando:

— Não irás impressionar o povo e muito menos ganhar os favores dos guerreiros, comportando-te como um rapazola choramingas e queixinhas! A que ordens te referes, afinal? E a quem pertence esta cabeça, que encontro perdida no meu terreiro?

— Ao príncipe Ketill, minha rainha — esclareceu o soberano, engolindo em seco ante a reprimenda. — O rei Steinarr enviou o

sobrinho favorito, juntamente com um dos seus generais, para discutir a libertação da escrava...

— E tu mataste-o? — cortou Aesa, num tom cavernoso de péssimo agouro.

— Sim, senhora! — prosseguiu Raud, tão transtornado que nem se apercebeu do perigo. — Reguei o solo vândalo com o sangue dos nossos inimigos, como vós ordenastes!

— Eu mandei que não tocassem num fio de cabelo viking! — rugiu a feiticeira, agitando os punhos. — Serás tão néscio que não compreendas uma ordem tão simples? Achas que Steinarr aceitará negociar, agora que aniquilastes os seus mensageiros?

— Mas... — balbuciou Raud, assombrado; as faces passando de escarlate a cinza num estalar de dedos. — O Snari disse... Ele garantiu-me que era esse o vosso desejo!

Aesa virou-se para o vidente com os olhos em chamas. Snari era a representação da inocência; do mais profundo ultraje. Sob a observação atenta da bisavó, sacudiu fervorosamente a cabeça e objetou:

— Eu jamais faria tal coisa! Sei que a minha voz é fraca, face às acusações do rei dos vândalos, mas suplico-vos que acrediteis na minha inocência, senhora! O meu primo está a usar-me para justificar as suas falhas.

— Seu pérfido mentiroso! — vociferou Raud. E deitou a mão à espada, marchando na direção do vidente. — Vou cortar-te a língua...

— Chega! — estrondeou Aesa, tão furibunda que espargiu centelhas de luz púrpura. Raud nem viu o raio cortar o ar. Apenas sentiu o efeito da sua energia flamante em todos os músculos e ossos do corpo. Caiu desamparado e ficou estendido no chão. Estava vivo... Contudo, somente devido à força do seu sangue misto.

Helga quis precipitar-se em seu socorro, mas a rainha impediu-a, bradando furiosa:

— Quem se atrever a tocar-lhe, sofrerá a mesma sorte! Estou cansada de tanta fraqueza; farta de tamanha estupidez! A partir deste instante, ninguém tomará decisões em território vândalo, além de mim! Entendido? — O povo recuou, temeroso da sua ira. A

feiticeira já se voltava para o rei prostrado e determinava: — Quando este inepto acordar e conseguir montar a cavalo, irá pessoalmente diante de Steinarr impor as minhas condições.

Ouviu-se um burburinho atemorizado e apenas Helgi ousou manifestar discordância:

— Os Vikings irão matá-lo para vingarem o que se passou aqui!

Em menos de nada, a mestra da Arte Obscura estava diante do Espírito da Escuridão, devassando-lhe o olhar com espigões de gelo, enquanto rabujava:

— Por que o defendes, se ainda há pouco exigia o teu couro? — Helgi enfrentou-a, replicando:

— Raud é meu irmão.

— Por isso mesmo! — volveu a feiticeira com brusquidão. — Se os Vikings o matarem, o reino vândalo ganhará um líder de valor!

O Espírito da Escuridão recuou, atônito. Não podia acreditar que a bisavó se expressara como se realmente desejasse a morte de Raud... só para vê-lo tornar-se rei.

Despertei banhada em lágrimas, percorrida por arrepios de horror e espasmos de revolta. Os gritos de Freya ainda me ecoavam na mente, sobrepondo-se ao clamor da minha garganta. O que fazia Ketill ao lado do general enviado pelo rei Steinarr? Há muito que o seu rosto fora marcado pelos Vândalos, não só por ser um dos guerreiros-lobo do herdeiro do trono inimigo, mas porque os Vikings faziam questão de enaltecer o seu heroísmo, na resolução da primeira batalha que opusera Aesa ao Povo da Terra, quando, para me salvar, a sua espada derrubara Arkin, o primogênito do rei Vestein. Ivarr jamais permitiria que o primo avançasse numa missão que exigia extrema prudência e diplomacia! Como pudera, então, tamanha desgraça ocorrer?

Não tardei a descobrir que, mais uma vez, Edwin e eu partilháramos a Visão. Porém, no momento, esse fenômeno era a última coisa que me preocupava. Chorar entre os seus braços revelou-se um conforto, na turbulência do desgosto. Ketill fora um bom amigo... O seu espírito leal e brincalhão encantara aqueles que tinham tido a ventura de conhecê-lo. O rei Steinarr estimara-o como a um filho. Ivarr amara-o como se fosse seu irmão... Apesar de

desfrutar de elevada popularidade entre as mulheres, o guerreiro apenas tivera olhos para Freya. Esse amor fora tão intenso e sincero que, mesmo sabendo da existência de uma paixão secreta no passado da minha irmã, não desistira de conquistar o seu coração. Quem diria que um sentimento tão nobre o condenaria à morte? Quanto mais ponderava, mais me convencia de que Ketill agira por sua iniciativa, sem o conhecimento dos companheiros.

— Tenho de sair daqui — balbuciei, estrangulada pela angústia. — Depois do que aconteceu, é inútil alimentar ilusões. A guerra irá rebentar entre vikings e vândalos! E eu não estarei lá, para proteger o meu povo da tirania da Aesa e salvar a minha irmã...

— Vem — disse Edwin, apertando-me a mão. — Vamos procurar a saída.

Lado a lado, esquadrinhamos as paredes de rocha cintilante. Contudo, não existia uma fenda na pedra, nem prenúncio de que alguma energia mística se tencionasse manifestar.

— Não compreendo! — resmungou o meu primo, cravando os dedos nas protuberâncias dos cristais. — Tenho a certeza absoluta de que foi por aqui que entramos!

Temí que arrancasse as unhas, tal o ímpeto com que queria obrigar a rocha a ceder-nos passagem. Segurei-lhe o braço, impedindo-o de continuar. Desconhecia o que fazer para debelar a magia da gruta, mas não seria a arranhar a pedra que abriríamos um corredor para o exterior! Vi a minha desesperação refletida no olhar verde-floresta... Uma ansiedade que se foi agudizando, à medida que os dias e as noites se sucediam no mundo dos Homens, enquanto a Guardiã da Lágrima do Sol e o Guardiã da Lágrima da Lua estavam cativos da vontade da Montanha Sagrada.

Apesar de vivermos sob um resplendor perpétuo, eu conseguia sentir a energia do Sol e Edwin a da Lua. O meu corpo sarara graças à água da lagoa, sem que a pele do ventre guardasse vestígios do corte desconforme. Por seu lado, Edwin também fora influenciado pela magia que nos rodeava. Surpreendia-o mais tranquilo, mais maduro... Os fantasmas do passado jamais cessariam de atormentá-lo! Porém, aparentemente, descobrira uma forma de os silenciar.

Dia após dia falamos sobre coisas que jamais poderiam ser relatadas para lá das paredes cobertas de cristais. As confissões da mente e do coração ficariam para sempre guardadas na memória da caverna de luz, mas apartadas dos ouvidos do Homem. Por fim, eu já acreditava que nenhum segredo nos separava. O passado de Edwin, as suas motivações e passos arrevesados ainda me revolviam as entranhas. Todavia, compreendia finalmente a dor irracional que o movera... E admitia que também não me encontrava inocente da desventura que se abatera sobre nós. Se Edwin falhara por rancor, eu falhara por falta de fé.

Por vezes, as forças que nos atraíam manifestavam-se, sedutoras, ardentes... Contudo, não voltamos a deixar-nos tentar pela loucura dos sentidos. O nosso elo estava restaurado, mas havia algumas barreiras a superar, antes de podermos assumir um amor sem ressentimentos, desconfianças ou remorsos. Para o meu primo, o maior desafio era, sem dúvida, a conquista plena da Lágrima da Lua.

Ao partilhar com Edwin a extraordinária experiência de mergulhar na essência do seu cristal, confirmei que a energia que o alimentava não era adversa àquela que sustentava a Lágrima do Sol. Em tempos, a minha mãe explicara que a magia era como uma espada. A causa que a arma servia não dependia da matéria de que era feita, mas da natureza do coração daquele que a empunhava.

Durante longos anos, a Lágrima da Lua estivera à mercê de um feiticeiro negro... Porém, a sua magia não tinha de ser maligna! Na substância que distinguia a Arte Obscura da Arte Luminosa havia ensinamentos para aqueles que desejassem praticar o bem, tal como o Povo da Terra já provara.

Contudo, não obstante a minha derradeira expectativa, firmar que a Rainha do Sol e o Rei da Lua podiam ser aliados, em vez de adversários na luta contra o mal, não bastou para satisfazer os caprichos da Montanha Sagrada. Nem a mais esmerada combinação dos nossos poderes foi capaz de evocar uma saída. Entender a razão por que éramos prisioneiros na nossa própria casa decerto ajudar-nos-ia a conquistar a liberdade! No entanto, a magia primordial mostrava-se irreduzível... Enquanto isso, a lua crescia por trás das

cerradas nuvens negras que cobriam o Norte. E o tempo de Freya esgotava-se.

Ao acordar, avistei as flamas irrequietas de uma lareira e escutei o gemido lúgubre do vento que se esgueirava pelas fendas da parede de madeira. Sustive o fôlego, piscando os olhos para certificar-me de que estava desperta. Não havia dúvida! A cabana que me acolhia era tão real como o ar que me alimentava os pulmões. Senti a essência de Edwin pulsar ao meu lado, qual calor doce que me aconchegava. Voltei a cabeça ao seu encontro... E deparei com Freya.

Gritei instintivamente. Apesar de estar à distância de um braço, a minha irmãzinha não me ouviu. Nem sequer reagiu, quando tentei estreitá-la. Mais uma vez, a Visão impedia-me de interferir na sua sorte.

— *Edwin...* — apelei, assustada. E a sua voz chegou até mim, clara e segura:

— *Não receies. Eu estou contigo.*

Por um instante, a figura da minha irmã estremeceu como se feita de névoa. Para lá da sua realidade, vislumbrei o coração da Montanha Sagrada, onde o meu corpo repousava nos braços do Rei da Lua, sobre a pedra polida que rasgava a lagoa mágica. A nossa proximidade permitia-lhe olhar para dentro da minha mente e afirmar:

— *Concentra-te, Edwina! Não permitas que a Visão se extinga...*

Voltei costas ao brilho resplandecente dos cristais da caverna e mergulhei na nuvem mística que ocultava a minha irmã. Freya não se movera. Estava sozinha na casa de Helga, sentada sobre as almofadas que lhe serviam de cama, cega por lágrimas de desespero. O palor das faces evidenciava-lhe as olheiras profundas, testemunho de infindáveis noites de vigília. No terreiro, o cântico de homens e mulheres competia com o fragor da tormenta. Era dia de festa na aldeia dos Vândalos. A rainha Aesa vestira-se de sacerdotisa e celebrava o casamento do príncipe Helgi com a princesa Gríma. Eu

imaginava a satisfação da feiticeira... Finalmente, o Espírito da Escuridão vergava-se à sua vontade e desposava a prima.

De súbito, a porta abriu-se e uma sombra esgueirou-se para o interior da cabana. Freya retrocedeu, alarmada... Porém, logo o medo se transformava em horror, ante o velho decrepito que se quedava afastado da claridade da lareira.

— Magnor...

— Reconheceste-me! — articulou ele, como se tal fosse motivo de pasmo.

A minha irmã teve de respirar fundo, antes de conseguir reagir. A sua mente era assaltada pela recordação do jovem garboso que lhe estivera prometido. Os cabelos negros e sedosos, que Magnor tanto estimara, haviam-se tornado brancos e desgrenhados. O seu corpo alto e musculado era um despojo esquelético e encurvado. Contudo, os olhos cinzentos mantinham-se iguais: gélidos e determinados. Há muito que eu aprendera a não descuidar a maldade desse olhar. Em sobressalto, desejei que a minha irmã voltasse as costas ao traidor, sem lhe dar ouvidos. Porém, a generosidade do seu coração levou-a a estender a mão e a exclamar contristada:

— O que a bruxa te fez!

— Não! — silvou Magnor num tom quase doloroso, erguendo o braço para lhe impor distância. — Fica longe de mim...

Freya levou as mãos aos lábios, transtornada. O príncipe franziu a testa e resmungou:

— Eu não quero a tua piedade! Não desejo a compaixão de ninguém! Fiz a minha escolha... e hei de assumi-la até ao fim!

Chocada perante a sua rispidez, a jovem engoliu em seco e replicou:

— Escolha? Eu ouvi os teus gritos, na outra noite! Vi... Vi ao que ela te sujeita...

A garganta de Magnor emitiu um ruído esquisito, como se estivesse a sufocar. Demorei a perceber que se ria. Depois, a sua máscara de insensibilidade ruiu e o olhar acusou um sofrimento atroz, ao confessar:

— A rainha gosta de beber o meu sangue. Diz que é o mais doce que já saboreou! Acho que... só por essa razão me mantém vivo.

Freya abanou a cabeça, indagando horripilada:

— Porquê? Porquê, Magnor? Tu tinhas tudo...

O príncipe deteve-a com um gesto brusco, arrastando as palavras numa resposta azeda:

— Eu não tinha nada! Ivarr, sim! Ivarr tinha o carinho do nosso pai, o respeito do povo, amigos que dariam a vida por ele, sem hesitar... E o amor de Thora! Sim! O amor de Thora! Eu bem via a forma como se olhavam, mesmo antes da *Caçada!* Então, a feiticeira surgiu na floresta e disse o que eu almejava ouvir. Seria o seu consorte... Sentar-me-ia ao seu lado no trono e poderia vingar-me da indiferença do meu pai, da soberba do meu irmão, do desprezo de Thora... Teria os reinos vândalo e viking aos meus pés. E eu acreditei! Engoli as suas promessas de um só trago. Devorei a sedução, a luxúria... Até ser incapaz de respirar, se Aesa não estivesse por perto. Quando ela revelou a sua verdadeira face, era tarde. Eu já me submetia a tudo, pelo privilégio de me arrastar aos seus pés.

Freya sacudiu os caracóis negros, volvendo atordoada:

— Estás a dizer que nem sequer tentaste fugir?

— E fugiria para onde? — retrucou a miserável figura. A resposta da minha irmã foi tão firme que me surpreendeu:

— Tu jamais deixarás de ser um príncipe viking! Ao contrário do que pensas, o rei Steinarr sofreu muito com o que fizeste; não por se sentir ferido no orgulho, mas por gostar verdadeiramente de ti. E o Ivarr daria a vida para te resgatar! Erraste... Não existe feitiço ou loucura que justifiquem tão vil traição. Contudo, se pedisses perdão, o teu pai receber-te-ia...

— Eu não quero o perdão de Steinarr! — contrapôs Magnor, parecendo terrivelmente cansado. — O reino viking nada tem para me oferecer.

— E o reino vândalo tem? Olha para ti! És um homem transformado em... em...

— Eu sei o que sou, Freya! Não compreendes... Amo Aesa com loucura. Não posso evitá-lo! Durante algum tempo, vivi na ilusão de que esse sentimento era uma bênção... Hoje, sei que é uma maldição.

A voz faltou-lhe, denunciando o seu abalo. Havia tantas lágrimas aprisionadas por trás do olhar cinzento, que a vida que lhe restava não chegaria para chorá-las. Surpreendi-me ao verificar que, não obstante o que julgara de início, o coração do príncipe mudara. Ele bem queria manter a aparência álgida e inexorável! Porém, a exaustão traía-o. As pernas cederam e tentou agarrar-se à parede, a fim de evitar a queda. Todavia, foi o corpo de Freya que o susteve. Eu mal podia acreditar na abnegação da minha irmã, quando se lançou em frente para ampará-lo. Se Magnor tivesse surgido diante de Thora, teria sido varado pela sua espada antes de pronunciar um som; eu ter-lhe-ia virado as costas... Mas Freya era diferente! Não obstante o que sofrerá, não existia um pingo de ressentimento no seu espírito.

Orgulhoso, o príncipe recuou, declinando o seu auxílio. A minha irmã suspirou, desalentada. Magnor deixara-se cair numa armadilha fatal! Dia após dia, noite após noite, Aesa cegara-o de paixão, enquanto o enredava nas malhas sufocantes da magia negra. Nesse momento, nem toda a dor que a feiticeira lhe pudesse infligir seria tão insuportável quanto viver apartado dela.

— Se amas Aesa, por que não me denunciaste? — interrogou Freya subitamente, levando-me a suster a respiração. — Por que não lhe disseste que a sua presa não é a Loba Prateada?

O príncipe encolheu os ombros, antes de retrucar:

— A tua desventura não me traria satisfação! Já carrego demasiadas mortes sobre os ombros. Sempre que fecho os olhos, as suas faces assombram-me; os berros ensurdecem-me... — Fez uma pausa, ofegando como se a recordação dos fantasmas que lhe atormentavam a consciência bastasse para gelar o sangue. Depois, o rosto cadavérico assumiu uma expressão ativa e resoluta, ao continuar: — Não posso remediar o mal que fiz... Contudo, ainda vou a tempo de impedir a destruição do reino viking! E, para isso, é crucial que a rainha não ponha as mãos na criança da profecia... Tu tens de fugir esta noite, Freya!

Ela fixou-o, sem acreditar no que ouvia. Poderia a estranha atitude de Magnor fazer parte de uma cilada? Porém, a expectativa que se refletia no seu olhar era sincera. O espírito do príncipe estava

dilacerado pela culpa, pelos remorsos; buscava veementemente um conforto, uma redenção que lhe permitisse dormir em paz. E a sua avidez por tranqüilidade era tal, que se dispunha a contrariar Aesa.

Após um instante de ponderação, a minha irmã voltou cautelosa:

— Mesmo que o ousasse, a feiticeira haveria de me capturar mal pisasse a floresta!

Magnor negou com a cabeça, rebatendo:

— Após o casamento, a rainha tenciona embrenhar-se nos Pântanos Nebulosos e aproveitar a influência da lua cheia para celebrar um ritual. Não sei ao certo do que se trata, mas está relacionado com o pote que roubou ao Povo da Terra. Snari e Helga serão chamados a acompanhá-la, por isso não te irão deter. Helgi estará demasiado ocupado com a sua jovem mulher... E a festa há de distrair os guardas e o povo. Não voltarás a ter outra oportunidade de escapar como esta!

Dito isto, afastou os andrajos e revelou um cristal redondo, repleto de faces que adquiriram um brilho resplandecente sob as flamas da lareira. A minha irmã deixou o queixo pender diante da Lágrima do Sol. Esboçou um gesto de incompreensão, enquanto tartamudeava:

— Como... Como foi que conseguiste...?

— Esqueceste que sou um ladrão nato? — replicou Magnor, envaidecido pela sua surpresa. — Nas mãos de Snari o cristal não passava de um pedregulho. A rainha reclamou-o e escondeu-o num lugar seguro. Eu só tive de aguardar que ela se distraísse.

— Aesa vai matar-te por isto! — declarou Freya, envolvendo o cristal nos dedos trêmulos. De imediato, uma chama acendeu-se no seu interior... E a Lágrima do Sol como que despertou para a vida.

Magnor sorriu, ao observar a cintilação a envolver as mãos da jovem. Por fim, sacudiu os ombros com uma monotonia tenebrosa, replicando:

— Talvez... Mas isso acontecerá, mais cedo ou mais tarde. Não há como evitá-lo!

— Vem comigo! — desafiou Freya com convicção. Todavia, ele declinou sem hesitar:

— Não. Só iria atrasar-te... Além disso, cada passo que me afastasse da aldeia seria como um punhal a cravar-se no meu peito.

Eu não existo sem a minha deusa! Prefiro a morte às suas mãos... do que a vida longe dela!

E, sem mais, desapareceu na obscuridade. O estrondo de um trovão fez a minha irmã saltar para trás e apertar a Lágrima do Sol contra o ventre. Demorou algum tempo, até ser capaz de reagir. Por fim, escondeu o cristal no bolso do vestido e espreitou pela porta entreaberta.

Uma multidão enchia o terreiro, desprezando a violenta tempestade que se aproximava. Ninguém queria perder um instante do casamento. No topo do altar, montado e enfeitado para a ocasião, a rainha declamara bênçãos e rezas... E Gríma já recitava os seus votos:

— Amo-te desde o dia em que nasci e amar-te-ei até ao dia da minha morte. O meu corpo será o teu abrigo. Os filhos que te darei encherão a nossa casa de orgulho e alegria...

O vento carregou a voz da noiva até Freya, em sopros de ansiedade que lhe vergastaram o coração. A minha irmã cerrou os olhos...

Chegara a vez de Helgi proferir as juras. Todavia, a voz do guerreiro nada tinha de cortês, ao resmungar:

— Acabemos depressa com isto!

Pensei que Aesa se enfureceria e o obrigaria a cumprir a tradição. Porém, o Espírito da Escuridão estava tão exasperado, que a própria feiticeira não se atreveu a confrontá-lo. Sem mais delongas, ungiu os braceletes sagrados e deu por finda a cerimônia.

Freya bateu com a porta, abafando um soluço. Deixou-se cair no chão, tremendo e chorando sem controlo. Tinha medo... Tinha muito medo! Instintivamente, as suas mãos buscaram a Lágrima do Sol. Possuiria coragem e forças para lutar pela liberdade, antes que Aesa a avassalasse?

Helgi, filho de Vestein, fixava o olhar desamparado na irmã gêmea. Apesar de partilhar da sua dor, Helga nada podia fazer. A rainha Aesa ordenara-lhe que a seguisse, numa enigmática incursão aos Pântanos Nebulosos. No céu do Norte, por trás do manto cinza e escarlate de nuvens espessas, a Lua redonda e desafiadora

observava a aldeia dos vândalos. A princesa sentia a energia mística latejar e alimentar a tempestade... Um prenúncio de que algo terrível estava prestes a suceder.

O Espírito da Escuridão viu a irmã partir, com o sangue a ferver dentro do corpo. Jurara proteger Helga... Jurara proteger Freya... E ali estava, subjugado pela vontade suprema da bisavó, impotente para auxiliar, sequer confortar, as duas mulheres por quem o seu coração batia. Engoliu em seco, diante do sorriso extasiado e sedutor da noiva. Após anos de imensurável expectativa, Gríma via a sua espera recompensada. Mas de que lhe servia? Ele não a amava! Nem sequer a desejava... E, ultimamente, no meio da turbulência de tantas crispações e intrigas, até o respeito que sempre lhe devotara se perdera. Helgi olhava para a sua mulher e experimentava o mesmo despeito, o mesmo asco que nutria por Halldora.

Não demorou para que a sogra convencesse a filha a arrastá-lo até à cabana, onde estava condenado a sofrer o castigo de uma união imposta. O interior da habitação fora decorado com um esmero luxuoso, que desgostou o guerreiro ainda mais. Tamanha extravagância era inaceitável, quando as crianças da aldeia morriam de fome! Em silêncio, marchou até à lareira e sentou-se pesadamente no banco almofadado, cerrando os olhos e os punhos. Se ignorasse Gríma, talvez ela percebesse que devia deixá-lo em paz, pelo menos, até a sua raiva arrefecer e se conformar com a inevitabilidade do destino.

Ouviu a esposa deslizar sobre os magníficos tapetes que cobriam o chão... O murmúrio das penas do colchão, quando o corpo voluptuoso repousou na cama e se cobriu com as mantas de lã garrida, aguardando... aguardando... O tempo deteve-se para Helgi, enquanto se abstraía da realidade e deixava a mente fluir até um lugar secreto no espírito; um sítio que poucas vezes se permitira visitar, temendo perder a identidade de homem... e tornar-se um rei-lobo, uma fera sagrada. De repente, sentiu o ar gélido a fustigar-lhe o rosto; a neve a soltar-se sob as patas, enquanto corria e corria, misturando-se com as sombras da floresta, deixando para trás a aldeia, fugindo da raiva, fugindo da dor... O perfume da liberdade inundava-lhe os pulmões. Os dedos do vento teciam carícias no seu

pêlo negro. O homem dentro de si era um escravo... Ao lobo, jamais conseguiriam impor a servidão!

— Helgi?

O solo da floresta desapareceu-lhe debaixo das patas. A fera escutou o seu próprio uivo de desespero, enquanto se precipitava no abismo. A sua liberdade fora efêmera — uma ilusão! O lobo era tão prisioneiro quanto o homem.

— Helgi? — O apelo de Gríma repetiu-se. A pressão dos seus dedos sobre os ombros do marido tornou-se insistente, incômoda, impossível de desatender. O guerreiro abriu os olhos... Porém, em vez do brilho flamejante da lareira, deparou com dois seios alvos e intumescidos, pendendo a um palmo da sua boca. Teve de apelar a todo o controlo para não recuar. Os cabelos ruivos da esposa choveram sobre ele, enquanto a jovem lhe buscava os lábios com uma sofreguidão excitada. Impaciente, o rei-lobo fechou as suas mãos sobre a cintura nua e afastou-a; a voz rouca denunciando a indignação da fera que lhe habitava a alma:

— O que estás a fazer?

As pernas de Gríma quase falharam ante o seu ímpeto. Os olhos verde-tempestade dilataram-se de assombro, ao replicar:

— Helgi... Nós acabamos de casar!

— E depois? — resmungou o guerreiro, mordendo a ira, enquanto tirava a capa dos ombros com o propósito de cobrir a nudez da prima. — Vai dormir, Gríma! Amanhã conversaremos...

— Não! — guinchou ela, forçando-o a encará-la. — Não podes fazer isso... Eu amo-te! Tu és a minha vida...

— Pára, mulher! — rugiu o príncipe, sentindo a cabeça latejar. A fera revoltava-se, bravejava, estracinhava-o de dentro para fora. — O que queres de mim?

Gríma retrocedeu perante a sua irascibilidade. Com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces, livrou-se da capa e expôs-se aos olhos do marido, volvendo num tom trêmulo de raiva:

— O que é que eu quero? Quero que te comportes como um homem! Que me leves para a cama e me faças tua! Quero que me desejes... Quero que me ames!

O olhar de Helgi percorreu o corpo lúbrico, sem vestígio de entusiasmo. Por fim, sacudiu a cabeça e objetou entre dentes:

— Hoje dei-te o meu nome, Gríma... E, por enquanto, é tudo o que te posso conceder!

— Não... — arquejou ela, precipitando-se na sua direção. — Por que me castigas? Olha para mim... Tens de me desejar!

Antes que o príncipe pudesse reagir, a jovem saltou-lhe para o pescoço, apertou as pernas em torno da sua cintura e tentou aprisionar-lhe os lábios. Assolado por uma repulsa instintiva, Helgi empurrou-a para cima da cama, vociferando:

— Deixa-me em paz! Se querias paixão; se querias amor, devias ter escolhido outro homem!

E incapaz de suportar os berros revoltados da esposa que escabujava sobre as mantas, possuída pela fúria, o Espírito da Escuridão virou-lhe as costas e mergulhou na noite.

Paralisada pelas amarras da Visão, testemunhei a corrida desenfreada do príncipe vândalo, através da aldeia. Fundia-se com as sombras como se fizesse parte delas, invisível ao olhar dos comuns mortais que festejavam o seu casamento. Eu sabia para onde se dirigia... Apelei a Edwin para que, num esforço conjunto, a nossa energia tocasse a consciência de Helgi. Tínhamos de impedir que a fera dominasse o homem e lhe impusesse a vontade do seu coração. Porém, nada deteve o rei-lobo! Logo irrompia pela casa da irmã; o corpo trêmulo e o olhar em chamas, lutando para respirar.

Freya levantou a cabeça das almofadas encharcadas pelo pranto. A capa mágica da rainha Lyria envolvia-lhe os ombros — um sinal evidente de que tencionara partir, mas não fora capaz. Preferira resignar-se à crueldade do seu destino, do que deixar o homem que amava... O homem que, contra todas as expectativas, lhe caía nos braços, buscando o calor do seu corpo e a ternura dos seus beijos.

— Helgi...? — apelou, num misto de surpresa e inquietação. Ele demorou a responder, devastado pelas emoções que o faziam soluçar encostado ao seu peito qual criança desamparada:

— Eu... Eu não fui capaz! E como podia? Amo-te, Freya! Sempre te amei... — Fez uma pausa para recuperar o fôlego, antes de

prosseguir: — Perdoa-me! Devia ter cumprido a vontade da rainha... Fui fraco! E a minha fraqueza há de perder-nos aos dois!

Freya tocou-lhe nos lábios, impedindo-o de continuar. Sorriu levemente e contrapôs:

— Não imaginas como a tua fraqueza me faz feliz! Arrancaria o coração do peito, se lhe tivesses tocado.

Helgi sufocou-lhe o desabafo com um beijo. O olhar azul celeste fulgurava, ao sussurrar:

— Para mim, nunca existirá outra mulher além de ti... Juro-te! Enfrentarei a rainha... — Com um impulso arrebatado, livrou-se do bracelete de compromisso e atirou-o contra a parede, findando: — E se o meu amor me condenar à morte, morrerei satisfeito!

Esperei que Freya tivesse o bom senso de contrariá-lo, para seu próprio bem. Todavia, ela estreitou-o, enlevada pela declaração, e deixou-se derreter no ardor da paixão que partilhavam. Vi os dedos de Helgi hesitarem sobre a capa de Lyria... Até que as mãos de Freya começaram a debater-se com a sua túnica, buscando-lhe o calor do peito. Então, o rei-lobo perdeu a réstia de domínio que o sustinha e entregou-se à loucura dos sentidos.

Lá fora, a trovoada afastara-se da Floresta Sombria. Contudo, o vento enfurecera-se e começara a nevar. Os Vândalos que ainda teimavam em celebrar foram forçados a recolher-se. Mais uma vez, a porta da casa dos noivos abriu-se... Gríma saiu, vestida para enfrentar o ar gélido da noite, com uma expressão enlouquecida a desfear-lhe o rosto. Comecei por temer que se precipitasse contra Helgi e Freya. Depois, julguei que se dirigia à casa da mãe... Quando lhe contasse o que acontecera, Halldora seria capaz de fazer frente a Aesa e estrangular a minha irmã com as suas próprias mãos. Porém, a intenção de Gríma era ainda mais tenebrosa! Sem hesitação, deixou para trás os trilhos do povoado e rumou aos Pântanos Nebulosos.

Apavorada, senti a mente rasgar a cerração que oprimia o Norte. A princesa Gríma depressa ficou para trás, enquanto a Visão me arrastava para o âmago daquele território amaldiçoado pelo Homem e pelos deuses. Sobre a desolação dos pântanos, a tempestade de

neve era ainda mais veemente. Só o alento da essência de Edwin me impedia de tombar no desespero.

Longe dos trilhos que os guerreiros se atreviam a pisar, várias pedras sobrepunham-se, formando uma escadaria irregular que se erguia muito acima do nível da água, encoberta por esqueletos de árvores decadentes, na base, e por um nevoeiro místico, negro e espesso, no topo. A guarda da rainha dos vândalos dispunha-se em torno dessa estranha formação rochosa, assegurando-se de que nenhum batedor do rei Steinarr os surpreendia. No centro do altar maldito, Aesa assimilava a energia da Lua e invocava as Entidades perversas que sustentavam o seu poder. A poucos passos, Snari sorria extasiado, com os olhos postos nas duas aldeãs que se abraçavam, terrificadas pela chuva de raios que chicoteavam o céu. Era também nessas jovens que o olhar cego de Helga repousava. Estava gelada de medo, mas mantinha-se calada. Enfrentaria um castigo severo, se fraquejasse diante da feiticeira.

No auge do funesto ritual, as nuvens foram atravessadas por uma luminosidade púrpura, enxertada de preto e roxo, que trespassou a nevasca e caiu como um raio sobre o pote que repousava aos pés de Aesa. Até esse instante, eu acreditara que o ferro abençoado por “O Que Tudo Vê” era inviolável... Porém, este fendeu-se como um trapo gasto pelo uso. E, para meu extremo horror, os restos mortais de Gwendalin, uma das mais perniciosas e implacáveis mestras da Arte Obscura, foram libertados.

Seria de esperar que o ímpeto do vento dispersasse de imediato as cinzas da feiticeira. Contudo, estas mantiveram-se coesas; uma forma negra e densa que se agitava no ar, irradiando uma energia tremenda. Lentamente, a aberração foi adquirindo uma refulgência escarlate, crescendo e pulsando com um ardor descomunal.

Diante de tamanha monstruosidade, as aldeãs gritaram e tentaram fugir. De imediato, Snari acometeu contra elas e paralisou-as com um simples toque. As jovens eram avantajadas, mas o celerado arrastou-as sem dificuldade até Aesa. Os olhos das raparigas expressaram o seu terror, quando a rainha desembainhou um punhal e o elevou sobre a cabeça, entoando louvores à Lua. Depois, sem a menor consternação, lacerou-lhes os pulsos, forçando

as suas mãos ao encontro do abominável fenômeno. Enquanto o líquido quente e viscoso regava as cinzas incandescentes, a voz caliginosa declamava:

— Pelo poder da magia que sustenta as nossas essências, aceita a minha oferta de sangue e de carne. Toma o corpo de uma destas virgens para alimento e o outro para abrigo... Renasce mais forte do que nunca e esmaga os nossos inimigos com a tua ira. Desperta das trevas e torna à vida, Gwendalin!

Assim que o odioso nome profanou o ar, o aglomerado de partículas flamejantes precipitou-se sobre uma das aldeãs. Mesmo sob a influência de Snari, a rapariga estrebuchou de dor, ao sentir as cinzas invadirem-lhe o nariz, rasgando caminho para o interior do corpo. Por um momento, a trovoada reprimiu a fúria e até o vento reteve o fôlego, deixando os pântanos mergulhados num silêncio funéreo, enquanto os olhos da jovem se abriam desmesuradamente. Depois, a essência da feiticeira libertou-se da hospedeira, brotando-lhe da boca por entre golfadas de sangue... E a jovem expirou na prisão do braço de Snari.

Sem perda de tempo, a nuvem candente atacou a outra aldeã. Aesa esfregou as mãos de contentamento, acreditando que Gwendalin escolhera aquela que haveria de acolher o seu espírito, durante a nova existência que a magia negra lhe concedera. Porém, a barbaridade repetiu-se: as partículas chamejantes devoraram a essência da virgem sacrificada, transformando o seu corpo num despojo cruento.

Snari livrou-se dos cadáveres e berrou de aflição, quando a execrável poeira o cobriu. O rosto encarquilhado da bisavó denunciou espanto... Contudo, não esboçou um gesto para defendê-lo. Surpreendentemente, a predadora estudou a presa e recuou. Mas não estava satisfeita! Após uma curta indecisão, lançou-se contra os guerreiros que observavam o ritual com um pavor mudo. Um a um, os homens tombaram sobre as escadas de pedra, engasgados em vômitos de sangue. Os poucos que tentaram escapar não alcançaram a superfície gelada do pântano. Ao regressar ao topo do altar e encarar o olhar cego de Helga, a essência de Gwendalin já

não era um amontoado informe de matéria. A nuvem palpitante assumia-se como uma mulher perfeita... uma assassina voraz.

Helga tinha plena consciência do que acabara de acontecer. No entanto, pouco mais pôde fazer além de esbracejar em desespero, quando as cinzas a sufocaram. Descobriu que o aspecto ardente da forma nebulosa não passava de ilusão. A essência da feiticeira era como adagas de gelo a perfurarem-lhe a pele. Finalmente, Gwendalin elegeu um corpo para habitar.

A princesa tombou de joelhos; a poeira inflamada de perversidade cobrindo-a qual mortalha, até se fundir com a sua carne. Uma luz avermelhada acendeu-se no fundo do olhar branco... Porém, ainda assim, a vidente lutava pela preservação, recusando ceder a vida à mestra da Arte Obscura. Eu podia escutar as batidas descompassadas do seu coração, mas era impotente para ajuda-la. Os dedos de Helga enterraram-se na neve que cobria o altar... Como é que Aesa podia assistir impassível a tamanha selvajaria? Era o seu próprio sangue que se extinguia!

O coração de Helga quase lhe rebentava o peito. Gwendalin estava a vencer! Snari levou as mãos aos lábios, demasiado perturbado para se regozijar com a desventura da prima. A princesa prostrou-se no chão; o corpo esguio sacudido por violentas e sucessivas convulsões, que a impediam de respirar. A sua pele tornara-se cinzenta, os olhos, poços de sangue. Uma espuma amarela saltava-lhe dos lábios aos borbotões... E Aesa sorria, deliciada! O ritual não decorrera de acordo com os seus planos, mas, de qualquer forma, fora bem-sucedido.

Então, quando tudo me parecia perdido, um clarão alvo acendeu-se no peito de Helga, tão intenso e brilhante que se revelou através da lã grossa do vestido. Subiu-lhe para o rosto; desceu-lhe pelo ventre... Em menos de nada, cobria cada palmo do seu corpo, levantando-a do solo, tornando-a etérea — um ser sublime com pele de lua e cabelos de fogo. Um brado horripilante escapou-lhe dos lábios... Contudo, não era a sua voz que guinchava de dor!

Uma explosão de luz rivalizou com os raios que fustigavam o altar, tão intensa que até Aesa foi forçada a proteger os olhos. Ao recuperar a Visão, verifiquei que Helga se encontrava caída,

respirando com dificuldade. Um fio de sangue escorria-lhe dos lábios... Mas estava viva! A essência negra e rubra de Gwendalin pairava sobre ela, exuberante de maldade, palpitante de sanha. A sua investida falhara! Fora expulsa do corpo da vidente e não me parecia que ousasse um novo assalto. Aprendera, da pior forma, que a claridade que habitava a alma de Helga era incompatível com as suas trevas.

A rainha dos vândalos quedava-se, assombrada com o desfecho da contenda. Snari observava-a, trêmulo e estupefato. Até ele se questionava como a bisavó admitira que Gwendalin tentasse usurpar a vida daquela que era a sua bisneta preferida; a sua guerreira em espírito! O que faria Aesa agora, ao ver contrariada a sua obsessão de ressuscitar Gwendalin a qualquer custo, a fim de manipulá-la como no passado? Nesse instante, apercebi-me de algo terrível: a rainha feiticeira não interferira na caça sangrenta porque, ao contrário do que esperara, não exercia a menor influência sobre a vontade distorcida da hedionda criatura. A essência de Gwendalin estava descontrolada... E sedenta por vingança!

— Avó! — O apelo de uma voz chorosa trespassou o nevoeiro que encobria o altar de pedra e fez-me prender a respiração. Aesa e Snari também reagiram com surpresa, voltando-se para o vulto que quase se arrastava, tal a dificuldade em avançar sobre a podridão gelada.

— Minha rainha! — tornou Gríma por entre soluços, exausta e destroçada. — Onde está? Por favor, responda! Preciso de ajuda! O Helgi rejeitou-me... O Helgi odeia-me...

Estacou bruscamente, ao deparar com os cadáveres dos guerreiros. O seu olhar atônito seguiu o rasto de morte, através da formação rochosa, até ao cimo do altar... até Aesa.

— Avó? — ofegou, paralisada de horror. Todavia, antes que alguém pudesse reagir, a essência de Gwendalin pôs os olhos na sua figura trêmula. E arremeteu contra ela.

CAPÍTULO 4

— Não!

O clamor de Snari assombrou os pântanos, sobrepondo-se ao furor do Vento Norte. Estupefata, vi-o precipitar-se ao encontro de Gríma, galgando as pedras sem reparar onde assentava os pés, escorregando, caindo, rolando, para voltar a correr com um ímpeto alucinado. Porém, o seu esforço foi vão. Quando finalmente alcançou a jovem, era tarde para contrariar o infortúnio. A essência da feiticeira negra já se apossara do seu corpo.

— Não! — urrou o vidente como se tivesse perdido a razão, prostrando-se ao lado da irmã e apertando-a contra o peito.

Eu desconhecia se Gríma estava viva ou morta, mas o choro compulsivo de Snari era um mau presságio. Nunca me passaria pela cabeça que uma criatura tão vil fosse capaz de sofrer por alguém daquela forma arrebatada. Através do nosso elo, verifiquei que Edwin também se pasmava com a comoção do vidente. E as surpresas não terminaram aí! Carpindo de dor, Snari carregou Gríma até ao topo do altar e deixou-se cair aos pés de Aesa, estreitando a jovem, enquanto fremia com o olhar carregado de ressentimento:

— Eu amava-a... Jamais lhe perdoarei esta morte! Jamais!

Helga reunira forças para se sustentar, apoiando-se na pedra. Estava atordoada, mas viveria. Ao apreender o que acabara de suceder, o horror quase voltou a subjuga-la. Contudo, não teve oportunidade de emitir um som. Nesse preciso instante, Gríma abriu os olhos.

Snari gritou, desta feita de sobressalto e temor. O olhar que o encarava, outrora verde-tempestade, tornara-se castanho-avermelhado, intenso e perverso. Também os traços do rosto da jovem pareciam mais perfeitos, mais maduros... Era como se, de um momento para o outro, tivesse envelhecido uma centena de anos sem perder o fulgor da juventude. Essa nova Gríma sorriu para Snari

e impediu-o de recuar... Depois, atraiu-o para mais perto e beijou-o nos lábios com ardor.

Aesa já superara o espanto e exultava; as rugas do rosto sobrepondo-se de modo grotesco, repuxadas pelo riso infame. A má sorte da bisneta não a transtornara. Em comparação com a vitória alcançada, o que perdera fora insignificante!

Quando Gwendalin se afastou, o olhar azul de Snari fulgia sob a luz dos archotes, tal o desejo que o inflamava. A sedutora renascida das cinzas sorriu ante tamanho enlevo, deslizando as mãos pelo peito magro numa promessa de deleites para além da imaginação. O vidente arquejava e quase desfalecia. Eu sempre supusera que as histórias contadas sobre a facilidade com que Gwendalin era capaz de corromper o discernimento de um homem estavam adulteradas pelo exagero. Agora, deixara de questionar a sua veracidade.

Aesa já avançava, saudando-a enfaticamente:

— Minha querida, sê bem-vinda...

O olhar ígneo desviou-se de Snari e encarou a rainha dos vândalos, sem vestígio de gratidão. Quer fosse a vontade de Gríma ou de Gwendalin que imperava, Aesa não lhe inspirava a menor simpatia. Pelo contrário! A outra constatou-o, pois reprimiu o entusiasmo e prosseguiu cautelosa:

— Sou Aesa, a tua melhor amiga! Não me reconheces? Não te recordas das nossas aventuras? Eu resgatei-te à escuridão do submundo e devolvi-te a vida!

— Aesa... — repetiu a morta-viva, numa voz que se assemelhava ao canto de um pássaro. Quantas almas a perfeição desse som já teria condenado? Se desejasse, Gwendalin não necessitaria de apelar a sortilégios para enfeitiçar uma multidão... Bastar-lhe-ia falar!

Surpreendi-me ao verificar que correspondia ao gesto amistoso da rainha, continuando:

— Sim, Aesa... Lembro-me perfeitamente! Como poderia esquecer a minha companheira? — Todavia, ao darem as mãos, a voz harmoniosa transformou-se num bramido: — Jamais esqueceria a traidora que me enganou, que me usou para se apossar da magia da

minha irmã, sem ter de arriscar um cabelo... A aleivosa que me virou as costas, quando eu mais necessitava de ajuda!

Aesa gritou quando Gwendalin apelou à força do corpo jovem para sujeitá-la. Tentou evocar um sortilégio para se defender, mas a outra desfez a sua proteção com um sopro de desdém, rugindo:

— Eu acabei de me alimentar, miserável! Sinto o sangue a ferver com o vigor dos guerreiros que deixaste à minha mercê. Foste muito generosa! Não contaste com a minha fome, pois não? Após anos de privações, querias que me satisfizesse com duas camponesas? És patética! Insultas a minha inteligência... Desafias a minha paciência! E, como se tal afronta não bastasse, ainda te pavoneias com aquilo que me pertence!

Sem quaisquer cortesias, arrancou do pescoço de Aesa o colar de onde pendiam as pedras verde, laranja e violeta, guardiãs do poder da feiticeira Aranwen. A rainha dos vândalos estrebuchava debaixo das suas garras, qual coelho nas presas de um lobo. No entanto, Gwendalin ignorava-a, fascinada pela cintilação mágica que lhe atravessava os dedos e ofuscava as chamas dos fachos que iluminavam o altar.

— Eu morri por estas pedras — murmurou extasiada. — E regressei à vida por elas! Desta vez, não me escaparão! E todos aqueles que me ultrajaram; todos os que me traíram conhecerão a fereza da minha vingança!

Helga mal respirava, petrificada de terror. Snari assistia desnortado ao duelo das mestras da Arte Obscura. Foi para ele que o braço de Aesa se estendeu, enquanto gorgolejava uma súplica:

— Ajuda-me... Afasta-a de mim...

Gwendalin silenciou-a com uma bofetada. Sem dificuldade, manteve aprisionado o corpo envelhecido da rival, enquanto colocava o colar ao pescoço. Depois, afagou as pedras mágicas com movimentos lentos e lascivos, fixando o vidente e sussurrando na sua voz arrebatadora:

— Snari, meu belo príncipe... Tens um poder impressionante! E uma inteligência digna de louvor! No entanto, nunca mereceste o reconhecimento da tua gente, pois não? Nem sequer o elogio da tua rainha, a quem serviste com devoção... Pois o teu dia chegou! É

tempo de provares a tua excelência aos medíocres que te humilharam. Eu posso dar-te tudo aquilo com que sempre sonhaste! Ao meu lado, não serás apenas rei dos vândalos... Serás rei da Terra!

— Ao seu lado? — balbuciou ele; o olhar arregalado preso aos dedos da jovem que conhecera como Gríma... transformada numa feiticeira determinada e lúbrica. Gwendalin sorriu e replicou, ciente do seu desejo:

— Como meu consorte... Meu amante! Li na tua mente o quanto apreciavas Gríma... Contudo, não podias tê-la. Ela era tua irmã... Mas eu não sou! Ainda assim, parte da mulher que amas permanece em mim... E está, finalmente, ao alcance das tuas mãos! Eu posso realizar o mais ardente e proibido dos teus anseios, Snari...

— O que tenho de fazer? — atalhou ele numa voz cavernosa, com o rosto incendiado e o olhar a transbordar cobiça, como se já não suportasse esperar pela concretização dessas promessas.

— Mata a tua rainha! — respondeu Gwendalin, sem hesitar. — Prova que me serás leal até ao fim dos teus dias... E eu dar-te-ei o trono da Terra.

Aesa gorgolejou um protesto enraivecido. Todavia, foi o brado de Helga que se sobrepôs ao assobio do vento:

— Não, Snari! Não lhe dê ouvidos...

O olhar possesso do primo cortou-lhe a voz. Apavorada, a vidente forçou-se a acrescentar:

— Tu... Tu não podes... A rainha é tua bisavó! O teu sangue... — Snari cuspiu para o altar, certificando-se de que Helga recebia cada uma das suas palavras como uma machadada no peito:

— A nossa bisavó não se preocupou com laços de sangue, quando me ordenou que matasse o seu próprio neto... O rei Vestein, teu pai, estimada prima! — Fez uma pausa para apreciar o impacto da revelação, antes de prosseguir com um sorriso infame: — Desde que me lembro, cumpro a vontade da rainha sem questioná-la! E recebi alguma recompensa pela minha servidão? Não! Tu e o Helgi sempre foram os seus preferidos, mesmo quando lhe desobedeciam! — Desembainhou o punhal que trazia à cintura, num impulso pejado de

ira. — Toda a vida aguardei por um simples reconhecimento... Estou farto de esperar!

Em dois passos, destruiu a distância que o apartava das feiticeiras. Gwendalin afastou-se, com uma exclamação deliciada... E Snari deixou-se cair em cima da rainha dos vândalos, libertando um grito aguerrido e usando todo o seu peso para enterrar a lâmina.

Aesa guinchou e estrebuchou debaixo das mãos assassinas. E quanto mais se debatia, mais Snari se exaltava. Apunhalou a figura escanifrada até o sangue espirrar. Até o sangue lhe banhar os braços e as vestes. Até o sangue salpicar as faces deleitadas de Gwendalin e tingir o manto de neve que cobria as pedras do altar. Bramia desvairado, como se encontrasse a libertação na loucura daquele frenesi; uma torpe gratificação, pelas vezes em que fora obrigado a inclinar-se perante a feiticeira. E quantas vezes, ao longo da sua existência reprimida, não tivera vontade de a trucidar?

Aesa já não gritava... Aesa já não se movia... O seu coração estava desfeito, assim como o pescoço e o ventre. Todavia, Snari continuava a desferir golpes, embriagado pelo cheiro do medo que empestava o ar; alucinado pela visão do vermelho que assimilava as restantes cores; extasiado pela ilusão de ter conquistado o poder com que sempre sonhara.

Entretanto, Helga conseguira sustentar-se e recuava aos trambolhões, com as lágrimas a jorrarem-lhe dos olhos. Eu só podia imaginar o que a sua percepção superior lhe revelava... Talvez a energia vital da rainha a extinguir-se, como as chamas de uma fogueira que se finava sob a violência de um aguaceiro. Aesa buscara uma aliada na amiga de juventude... Contudo, acabara suplantada pelo rancor de Gwendalin e sucumbira às mãos do mais mesquinho dos seus lacaios.

Snari já se levantava, ostentando um sorriso triunfante. O olhar azul enlouquecido abandonou o corpo mutilado da bisavó, para se fixar no punhal que se colava às suas mãos encharcadas de sangue. Depois, fitou Helga... E o sorriso alucinado rasgou-se, ante a expectativa de se livrar de mais um estorvo para os seus planos.

A vidente decerto antecipou o funesto intento, pois precipitou-se na arrojada descida da formação rochosa, tão rápido quanto a

fraqueza lhe permitia. A eficácia da sua percepção dependia da energia que brotava das partículas que compunham os seres vivos e inanimados. Porém, naquele instante, Helga não detinha o controle dos sentidos, nem a serenidade necessária para receber os estímulos do meio que a rodeava. Isso significava que estava verdadeiramente cega! Ainda assim, o pânico concedia-lhe forças para ignorar a dor provocada pelos cortes e contusões, resultantes das inevitáveis quedas da sua fuga desesperada.

Ao ver a prima escapar, Snari lançou-se em sua perseguição. Todavia, Gwendalin deteve-o, agarrando-lhe o braço e obrigando-o a encará-la:

— Deixa-a ir — ronronou. — Trataremos dela depois. Agora, tu e eu temos outras prioridades... A magia de Aesa está ao meu alcance, enquanto o calor não lhe abandonar o sangue. Chegou o momento de consolidar o meu poder e de firmar a nossa união para todo o sempre, meu belo rei!

Eu tinha de interferir! Se Gwendalin assimilasse o poder de Aesa, ninguém a deteria. Contudo, a caprichosa Visão continuava a amarrar-me a essência... Desviei o rosto, nauseada, quando a bruxa e o seu servo se debruçaram sobre a rainha dos vândalos. Se estava condenada à inércia, também me recusava a testemunhar aquela perversão!

Entretanto, Helga deixara o altar de pedra para trás. O nevoeiro envolveu-a como uma segunda pele e as suas botas ficaram aprisionadas na neve. Terrificada, pensou que não tornaria a ver Helgi... que jamais voltaria a sentir o calor de uma lareira a acariciar-lhe o rosto. Mesmo que Snari e a bruxa não a caçassem, acabaria por se perder nos pântanos e morreria gelada, incapaz de encontrar o caminho de regresso a casa. Como alertaria o seu povo para a calamidade que estava prestes a abater-se sobre a aldeia? Então, quando a desesperança já lhe vergava as pernas, um raio de luz rasgou as trevas. Um corpo quente encostou-se ao seu, empurrando-a, incentivando-a a mover-se, enquanto um som rouco e decidido a arrancava da consumição. Helga suspirou de alívio ao reconhecer *Conselheiro*. Movida por um novo alento, enterrou os

dedos no pêlo macio do pescoço do seu fiel amigo e deixou-se guiar através da bruma.

Freya inspirou o odor da pele de Helgi com manifesto deleite, aninhando a cabeça no seu peito. Fechou os olhos, tentando aprisionar as lágrimas, enquanto os dedos do Espírito da Escuridão se entrelaçavam nos seus caracóis. Não queria pensar que o que acabara de acontecer estava errado. Não queria recordar que, em breve, a felicidade que lhe confortava o espírito e a satisfação que lhe entorpecia o corpo seriam substituídas pela dor, o abandono, o medo... Nem sequer se permitia lembrar que existia um mundo do lado de fora da cabana que testemunhara a exaltação do seu amor. Só desejava desfrutar daquele instante de perfeição.

— Perdoa-me — murmurou o príncipe, perturbando o seu enlevo.
— Não te devia ter procurado, na Festa da Renovação. Se tivesse regressado apenas com a doce recordação do momento em que te estreitei nos meus braços, na Ilha dos Penhascos, não estarias a sofrer. Todavia, o apelo do coração foi mais forte! Sempre acreditei que jamais me apaixonaria... Porém, um olhar teu e o meu mundo virou-se ao contrário; todas as convicções transformaram-se em dúvidas! — Tocou-lhe levemente no queixo, encorajando-a a encará-lo. — Não receies... Hei de descobrir uma forma de te libertar!

— Eu não quero ser livre, se isso significar ter de viver apartada de ti — objetou a minha irmã, acariciando-lhe os músculos firmes da barriga. — Morreria se te perdesse outra vez!

Helgi sacudiu a cabeça e replicou, estrangulado pela emoção:

— Tens de regressar a casa! Não consentirei que a rainha ponha as mãos na criança que cresce no teu ventre. Ela transformará o nosso filho num monstro sedento de sangue e poder.

— Então, virás comigo...

— Eu não posso abandonar a minha aldeia e o meu povo — atalhou o guerreiro. — Além disso, a tua gente jamais me aceitaria. Steinarr condenar-me-ia à morte, assim que pisasse solo viking.

— Não tens certeza disso! — contestou a minha irmã. — E, ainda que seja verdade, não permitiremos que o ódio que divide os nossos

povos nos separe. Não somos forçados a regressar ao castelo! O meu pai é um homem compreensivo e justo. Há de receber-nos...

— Freya... — protestou Helgi, mas a minha irmã resistiu:

— Se não quiseres morar na Ilha dos Sonhos, partiremos rumo a um lugar onde ninguém nos conheça, onde possamos recomeçar uma nova vida, com os nossos filhos...

Calou-se abruptamente, ao verificar que falara demais. O Espírito da Escuridão já revidava, com ansiedade:

— Filhos? Achas que será mais do que um?

Naquele instante que determinava a sorte de todos nós, Freya engoliu em seco, uma e outra vez, tentando remediar a indiscrição. Acabou a gaguejar... E Helgi apercebeu-se de que algo estava errado. Confrontou-a e a minha irmã cedeu:

— Eu falava... do Thorson.

Num ápice, Helgi imobilizava-a, envolvendo-lhe o rosto entre as mãos e trespassando-lhe o olhar, enquanto inquiria com pertinácia:

— Quem é o Thorson?

Incapaz de engendrar uma mentira, ela libertou as lágrimas e entaramelou:

— Não desejava que descobrisses assim...

— Eu fiz-te uma pergunta! — O tom de Helgi tornou-se cavernoso.

— Quem é o Thorson?

Então, Freya encheu o peito de ar e respondeu com grande coragem... ou total insensatez:

— É o nosso primogênito, fruto da Festa da Renovação.

De imediato, Helgi recuou, arquejando com uma expressão atônita:

— Não sonhei! Ele é real...

Subitamente, a porta da cabana abriu-se, cortando-lhe o desabafo. Helga cambaleou para o interior, arrastando vento e neve consigo antes de tombar no chão, sem sentidos. O seu cão-lobo lambia-lhe a cara, ganindo de aflição. De imediato, Helgi saltou de dentro das cobertas e correu ao encontro da gêmea. Freya imitou-o, encobrindo a nudez com uma manta. Assim que se certificaram de que o sangue que manchava a capa da princesa não lhe pertencia, a minha irmã apressou-se a restabelecer-lhe a consciência. Entretanto,

o Espírito da Escuridão já fechara a porta e vestia-se apressadamente, colocando as armas ao alcance das mãos. Mal o perfume das ervas curativas lhe acariciou o nariz, Helga abriu os olhos e arquejou, angustiada:

— Tens de levar a Freya para longe daqui...

— Acalma-te! — pediu o irmão, amparando-a. — O que aconteceu? Onde está a rainha?

— A rainha está morta! — exclamou a vidente, sacudindo com a veemência do desespero. — O Snari matou-a, por ordem da feiticeira que emergiu daquele maldito pote...

— Snari matou a rainha? — Helgi ergueu-se de um salto, com a mão no punho da espada.

— Gwendalin vive? — assombrou-se Freya.

— A rainha reanimou as suas cinzas — ofegou Helga, sob o praguejar ardoroso do irmão. — E o espírito da criatura usurpou o corpo de Gríma, para tornar à nossa realidade.

— Não pode ser! — vociferou o príncipe, estonteado. — Eu deixei Gríma em casa!

A confusão que agitava a cabana desembocou num silêncio tenebroso e opressivo, cortado pelos silvos ferozes do vento, quando a vidente resumiu o pavoroso ritual que testemunhara.

— Eu matarei essa abominação! — insurgiu-se Helgi.

— Não! — A irmã deteve-o, obrigando-o a escutá-la. — Tens de salvar a Freya! Estás a ouvir? Essa feiticeira anseia por vingança, para si própria e para Gríma, cujo espírito jamais cessará de clamar dentro da sua cabeça.

— Foram os meus pais que mataram Gwendalin... — sussurrou Freya, estremecendo.

— E é contigo que o Helgi está, na noite que desposou Gríma — completou Helga, justificando a convicção de que a jovem viking seria a próxima vítima do ódio da bruxa. — Suplico-te, irmão...

De repente, a porta da cabana escancarou-se com a violência de um pontapé. O rei Raud surgiu detrás de um guerreiro colossal, arrastando uma perna em consequência do raio com que Aesa o fulminara. Os guardas que o acompanhavam bloquearam a saída. *Conselheiro* agachou-se no chão e começou a rosnar, exibindo as

presas ameaçadoras. Instintivamente, Helgi colocou-se diante das mulheres, protegendo-as com o seu corpo.

— Eu não queria acreditar na traição dos meus próprios irmãos! — Já vozeava o soberano vândalo, tremendo de repulsa. — No entanto, eis que esta se declara à vista de todos!

— Que aleive estás para aí a levantar? — volveu o Espírito da Escuridão, num tom cauteloso, mas minaz.

— É escusado mentires — retrucou Raud. — Desta vez, não me deixarei iludir pelo teu poder de convicção! Snari já denunciou a tua perfídia... E Gríma confirmou que a abandonaste no início da noite, garantindo-lhe que, a bem ou a mal, a rainha haveria de anular a vossa união. Metes-me nojo! — Apontou um dedo ao irmão, determinando — Helgi, filho de Vestein, és acusado da morte da rainha Aesa! E tu, Helga, como sua cúmplice, sofrerás igual castigo pela concretização desse crime hediondo!

— O quê? — titubeou Helgi, boquiaberto.

— Foi o Snari quem matou a rainha! — redarguiu Helga, tentando repor a verdade. — E Gríma também está morta! Aquela que se faz passar por nossa prima é uma feiticeira!

— Basta de falsidades! — cuspiu o rei, voltando-se para os quatro guerreiros. — Prendei os príncipes e matai a escrava.

— Não! — Antes que alguém pestanejasse, já Helgi empunhava a espada. — Isto é loucura, Raud! Como podes cair, de novo, nos embustes do Snari?

— Snari é um bom homem que, desde sempre, foi vítima da tua soberba! — fremiu o irmão em resposta. — Ultimamente, até a rainha reconheceu que devia confiar nele e não em ti! E tu mataste-a, despeitado por já não seres o seu favorito.

— Um bom homem? Snari? — repetiu Helgi, incrédulo. — Esqueceste que foi devido à sua velhacaria que declaraste guerra aos Vikings e sofreste o castigo da rainha?

— Tomas-me por estúpido? — estrondeou o rei. — Snari sempre me foi fiel, ao contrário de ti! E, mesmo que eu questionasse a sua palavra, tenho o testemunho de Gríma. — Uma chama acendeu-se no interior do seu olhar, consumindo o azul celeste. — A coitadinha está na minha casa, chorando a tua traição, demandando justiça!

Como foste capaz de desprezar uma mulher tão formosa, tão perfeita, por causa dessa rameira...

— Tu perdeste o tino! — cortou Helgi, assombrado.

— Não — arfou Helga, por trás do gêmeo. — Ele está enfeitado! A cor da sua aura alterou-se, ao pronunciar o nome da... da nossa prima. É escusado tentar chamá-lo à razão!

— Sim... — Raud rangeu os dentes, com uma expressão desvairada. — É inútil quererem ludibriar-me, traidores! Não vos darei a oportunidade de me apunhalarem pelas costas, para se apossarem do meu trono! — Tornou a dirigir-se aos guardas, retumbando irado: — Por que esperais? Não vos ordenei que os prendessem?

Os guerreiros entreolharam-se. Sem exceção, reconheciam em Helgi um homem de grande valor, um líder nato, capaz de dar o seu sangue em defesa de um companheiro, no campo de batalha. Parecia-lhes inconcebível que fosse culpado do crime de que o acusavam. Todavia, desobedecer às ordens do soberano representava uma traição!

— Covardes! — berrou Raud, ante a sua indecisão. — Incapazes! Eu sou rei dos Vândalos! Se não me obedecerdes de imediato, farei com que as cabeças das vossas mulheres e filhos rolem no terreiro, antes de vos esventrar.

O guarda que arrombara a porta tomou a iniciativa, investindo contra Freya com a espada em riste. Helgi rugiu e bloqueou-lhe a intenção fatal, detendo a lâmina a um palmo do peito da minha irmã. Ela gritou de susto e caiu desamparada; o sangue fugindo-lhe das faces. O Espírito da Escuridão obrigou o guerreiro a recuar, mas os outros já marchavam na sua direção. A espada do rei-lobo agitou-se com veemência, como se desenhasse uma linha no ar que as quatro armas que o ameaçavam não podiam transpor. Os guerreiros voltaram a hesitar... E Raud perdeu a paciência. Com um bramido furibundo, desembainhou a sua espada e saltou sobre Helga.

Perplexa, a princesa só teve tempo de se desviar. O irmão errou a acometida, atrapalhado pela perna que não lhe obedecia, mas acabou por derrubá-la. As mãos de Helga empurraram-lhe o braço que empunhava a espada, apelando a toda a força para afastá-lo.

Os seus ouvidos eram devassados pelos sons da luta que Helgi travava com a guarda do rei; o estrépito arrepiante das lâminas que se chocavam, o clamor aguerrido dos homens, o estrondo dos pés... Era um combate desigual, mas a vidente nada podia fazer para ajudá-lo. Em cima do seu corpo, a essência de Raud abrasava-se, adulterada na identidade. O irmão mais velho usou a perna sã e o peso dos quadris para imobilizá-la, enquanto apertava os dedos em torno do seu pescoço. Horrorizada, Helga ouviu-o ordenar:

— Matem-nos! Matem-nos a todos!

Subitamente, um corpo possante e peludo chocou contra eles, prostrando Raud e libertando Helga. Dominado pela fúria do instinto, *Conselheiro* abocanhou o ombro do agressor da sua amiga humana, tentando alcançar-lhe a garganta. O rei conseguiu libertar-se e repeliu o cão com um pontapé. O animal ganiu e sacudiu a cabeça. Contudo, logo exibia as presas fenomenais e tornava a atacar.

A intervenção de *Conselheiro* permitiu que Helga se arrastasse para longe do alcance da espada. Encostou-se à parede, tossindo estrangulada, incapaz de se sustentar, com um incêndio a consumir-lhe a mente. Aos poucos, a sua magia voltava a despertar... Porém, como podia erguer a mão contra o irmão mais velho, sabendo que o seu espírito estava possuído por Gwendalin? Raud não era um homem mau... Era um homem fraco!

O rei praguejava, tentando libertar a perna das terríveis presas do cão-lobo. A sua mão tateava o chão, em busca da espada que lhe escapara dos dedos. Quando finalmente sentiu o frio do punho, não hesitou. Lançou a lâmina sobre o colosso de pêlo, garras e dentes, que lhe dilacerava a carne e os músculos... E, de imediato, o rosnado do animal transformou-se num ganido atroz, abafado pelo grito terrificado de Helga:

— *Conselheiro!* Não!!!

Raud libertou a perna e pôs-se de pé. Sangrava abundantemente, mas estava tão alucinado que nem revelava dor. Com uma crueldade álgida, revirou a lâmina da espada dentro do corpo do animal, para depois a desenterrar e exibi-la à irmã, arrastando a voz corrompida pela loucura:

— Vês o sangue do teu vira-latas a pingar? Ou só lhe sentes o cheiro, aberração cega? O nosso pai devia ter-te atirado aos lobos, no dia em que nasceste... É tempo de eu corrigir a sua falha!

— Helga! — bradou Helgi aflito, impotente para socorrer a sua gêmea. Um dos guerreiros que o defrontara jazia sem vida. Contudo, os restantes haviam-no encurralado no canto onde as jovens dormiam. Atrás de si, Freya comprimia-se contra as tábuas da parede, sobre as cobertas onde há pouco se tinham amado. Governadas pelo pavor, as suas mãos contorciam-se dentro do bolso do vestido... Então, num ímpeto desesperado, a minha irmã estendeu os braços na direção dos soldados do rei e revelou a Lágrima do Sol.

Decerto o objetivo de Freya era desencorajar os guerreiros. Acalentei a esperança de que fosse bem-sucedida, pois estes retrocederam, soltando exclamações de intimidada estupefação ante a cintilação mística que se espalhava pela sua pele. Porém, não tardaram a recuperar do choque e a investir com redobrada fúria! Aos seus olhos, o surgimento da Lágrima do Sol nas mãos da escrava era a prova irrefutável de que os príncipes tinham conspirado a morte da rainha Aesa.

Suplantado pela exaltação dos três oponentes, o Espírito da Escuridão sentiu os pés embaterem no corpo da sua amada... Já não havia para onde recuar! Freya fechou os olhos e murmurou uma oração. A poucos passos, *Conselheiro* ainda respirava, com o magnífico pelo cinzento mergulhado numa poça de sangue. As lágrimas escorriam em cascata pelo rosto de Helga, enquanto a sua percepção observava o brilho da essência do mais corajoso e fiel dos cães-lobo a extinguir-se. Raud tornava a aproximar-se da irmã, apontando-lhe a espada ao peito, envolto por uma aura que latejava em centelhas de púrpura e negro. E, por trás do seu olhar, Gwendalin gargalhava extasiada.

Do lado de fora da cabana da princesa, a aldeia despertara sob o ardor do confronto. Mais guerreiros acudiam aos apelos do rei... Então, Helgi gritou.

A luz dos cristais encandeou-me. Levei as mãos à testa com um gemido dolente. O desconforto agravou-se, ao recordar-me cativa da

Montanha Sagrada enquanto Freya enfrentava a morte. Eu vira Helgi ser ferido! Ouvira-o soltar um brado terrível... Depois, as trevas tinham descido sobre mim, no instante em que tudo se decidia.

Edwin quedava-se ao meu lado, sentado na pedra da lagoa mágica, com as pernas dobradas e as mãos apertadas em torno da Lágrima da Lua. O seu tronco estava rígido e o olhar verde-floresta encarava o vazio. O meu coração disparou a galope, ao perceber que conseguira sustentar a Visão. Pressentindo-me desperta, enunciou com esforço:

— Eles estão a salvo...

Prendi o fôlego quando a voz lhe falhou. A tentativa de se dividir entre duas realidades resultará na perda do frágil controlo que detinha. Deixou escapar um urro de frustração, enquanto o brilho negro da Lágrima da Lua se extinguia. Por fim, piscou os olhos e fitou-me, com o desalento vincado no rosto.

— Desculpa... — suspirou. — Estou exausto!

Apertei-lhe as mãos, indagando ansiosa:

— O que foi que viste? A Freya está viva?

— Sim... Eles fugiram.

— Mas como?

— Helga invocou a magia. Apesar de debilitada, conseguiu prostrar os guerreiros. Depois, embrenharam-se na floresta, sem que ninguém fosse capaz de detê-los. A... a feiticeira não se deu ao trabalho de persegui-los. Limitou-se a alimentar a nevasca; a aguardar que morram enregelados. — Fez uma pausa, acrescentando circunspecto: — O Helgi está muito ferido... Mesmo com a ajuda das mulheres temo que não vá longe.

Já não me fixava e o seu corpo tremia. Era óbvio que a alusão à feiticeira o transtornara. Estreitei-o contra o peito e ouvi-o respirar fundo, como se buscasse serenidade no meu calor. Eu estivera tão absorvida pelo horror da Visão, que me esquecera de que Edwin era filho de Gwendalin. O nosso elo revelara-lhe o renascimento da mãe... e a sua perfídia implacável. Que preço pagaria o seu espírito, pela experiência que partilhara comigo? Seria capaz de reconhecer a monstruosidade da criatura que o trouxera ao mundo?

Procurei o seu olhar e Edwin não me evitou. Pelo contrário, deixou-me surpreendida ante a convicção com que declarou, sem que eu nada afirmasse:

— Aquela mulher não é minha mãe, Edwina... Nunca foi, nem nunca será!

Aquiesci com a cabeça, disposta a ceder-lhe a minha confiança. De qualquer forma, tinha outros problemas mais importantes a atormentar-me. A minha irmã estava perdida na vastidão gélida da Floresta Sombria... Eu não podia continuar prisioneira dos caprichos da Montanha Sagrada, aguardando, qual animal enjaulado, pelas migalhas de informação que a sua magia escolhia revelar! Tinha de acudir aos fugitivos!

— Chega de assistir impassível à desgraça de Freya! — exclamei indignada. E, dominada por um impulso mais forte do que a razão, lancei-me à lagoa, nadei para a margem e corri aos tropeções, até alcançar as paredes cobertas de cristais reluzentes.

Arremeti contra a rocha, clamando de fúria... E dei por mim a trespassá-la sem que opusesse resistência. A violência da investida foi tal, que perdi o equilíbrio e estatelei-me no chão. Olhei em volta, com o coração em debandada. Qual não foi o meu espanto ao descobrir-me na gruta que outrora servira de morada a "O Que Tudo Vê"! A Pedra do Tempo reinava para lá da entrada, sob o céu tormentoso do Norte, cintilando com tal intensidade que dir-se-ia que me chamava...

— Edwina!

O apelo fez-me virar a cabeça. Edwin quedava-se a curta distância, sob a aura cintilante da caverna de luz. Via-o indistintamente, como se a parede que nos separava fosse feita de gelo. Ainda aturdida, pus-me em pé e apressei-o:

— De que é que estás à espera? Vem!

Os punhos do Rei da Lua fecharam-se sobre a barreira translúcida e o seu olhar desviou-se. A voz saiu-lhe rouca e trêmula, ao replicar:

— Eu não consigo atravessar a rocha, como tu fizeste.

Senti as forças abandonarem-me. A Montanha Sagrada libertara-me... Contudo, teimava em manter Edwin cativo, condenando-nos, mais uma vez, à separação.

— Não pode ser! — arquejei, forçando-me a reagir. — Tenta de novo! Recorre à magia da Lágrima da Lua! Se eu fui capaz...

— É inútil — atalhou ele num tom sóbrio, reunindo coragem para me encarar. — Se estás livre e eu não, é porque a Montanha ainda espera algo de mim.

— Raios, Edwin! — praguejei, exasperada. — Recuso-me a deixarte!

O estranho fenômeno que animava a rocha tornou a ceder-me passagem. Era como atravessar um nevoeiro cerrado, que se colava à pele e ardia nos olhos. No entanto, mal dera um passo já Edwin recuava, objetando:

— Não! Não voltes para trás! Quem nos garante que a Montanha te tornará a soltar? A Freya precisa de ajuda... E o teu povo necessita da magia da Guardiã da Lágrima do Sol.

Estaquei, fulminada pela sabedoria das suas palavras. Era evidente que a Montanha só me deixava partir para que salvasse Freya e os príncipes vândalos. No entanto, impunha-me um sacrifício brutal: perder o Rei da Lua novamente.

— Vai, Edwina — ordenou com firmeza, ante a minha hesitação. — Desconheço o que a sorte me reserva... Porém, garanto-te que não ficarei de braços cruzados! Hei de provar que sou digno da graça da Pedra do Tempo e cumprirei o meu destino diante do Guardiã da Montanha. Juro-te pela magia da Lágrima da Lua que, logo que tal aconteça, irei ter contigo onde quer que estejas.

— Edwin... — protestei, dividida entre dois destinos que me dilaceravam o coração.

— Amo-te, Rainha do Sol — sussurrou ele, virando-me as costas. E, de imediato, a luz da caverna de cristal apagou-se.

O meu próximo passo determinaria o futuro de todos nós! As lágrimas rolaram-me pelas faces, enquanto corria para a arca que guardava os haveres que “O Que Tudo Vê” deixara na Terra. Jamais imaginara que, um dia, necessitaria de vestir as roupas que tinham pertencido ao meu bisavô! Porém, nesse momento, a sua túnica larga, a capa comprida de lã, até as botas de pele que quase me

saltavam dos pés eram bens mais preciosos do que um rico vestido de baile, ornado a seda e ouro.

O ar gélido da noite esbofeteou-me. A magia da Montanha impedia que a malignidade da tormenta violasse a sua aura protetora. Todavia, para lá da barreira de energia emanada pela Pedra do Tempo, o caos abatia-se sobre o Norte. O vento dobrava árvores centenárias, como se os seus troncos não passassem de caules frágeis, instigava as ondas do mar contra os fiordes, com uma violência ensurdecadora. A neve jorrava do negrume do céu e sufocava a terra... Um aldeão que se atrevesse a sair do abrigo do lar, para o centro desse pesadelo, decerto enfrentaria a morte.

De súbito, um brilho fulgurante rasgou a bruma, atraindo o meu olhar para a base da Pedra do Tempo. Engoli em seco, ao compreender do que se tratava. Eu própria enterrara a pedra azul da feiticeira Aranwen no solo abençoado, certificando-me de que mais ninguém, para além daqueles que partilhavam o meu sangue, poderiam recuperá-la. Todavia, eis que ela se erguia da terra como se animada de vida! A própria Montanha Sagrada quebrara o encantamento... E eu não estava em posição de questionar os seus desígnios!

Mal coloquei o amuleto ao pescoço, um relincho avivou o ar e um magnífico garanhão preto saiu das sombras das árvores e correu até mim. Na sua visita, a convicção de Thora fora tão forte que confiara *Bravo* à Montanha Sagrada, na esperança de que eu surgisse das entranhas da terra e cavalgasse de regresso a casa. Esse gesto representava uma colossal prova de amor, atendendo a que a minha irmã jamais se separava da sua montada... Além disso, podia ter determinado a salvação de Freya!

Em outras circunstâncias, não me passaria pela cabeça montar o fogo animal... Aliás, ele nunca o permitiria! *Bravo* detinha uma personalidade forte; atrevia-me mesmo a dizer racional! Era impossível obrigá-lo ao que quer que fosse, contra a sua vontade. No entanto, revelou-se tão dócil quanto a minha égua. Perplexa e um pouco temerosa, subi para o seu dorso... E, sem aguardar uma ordem, o cavalo galopou Montanha abaixo, rumo à floresta.

Tentei não pensar no que me esperava. Neguei-me a recordar o que deixara para trás. Mal saímos do trilho mágico, deparamos com a violenta nevasca que fustigava a Floresta dos Carvalhos. Não obstante ser impossível distinguir um palmo diante do nariz, *Bravo* não hesitou. Protegi o rosto sob as suas longas crinas e deixei-me conduzir através das trevas cerradas, onde os remoinhos de vento carregavam bâtegas de gelo, assombrando o ar com os seus gemidos tenebrosos. Gwendalin instigava a tempestade, obcecada pela ânsia de enterrar Freya, Helgi e Helga sob uma mortalha de neve. A tentação de me socorrer da Arte para contrariá-la era quase incontrolável. No entanto, resisti. Se o olhar da feiticeira se mantivesse nos fugitivos, talvez eu passasse despercebida e chegasse a tempo de livrá-los da morte.

Os contornos das primeiras casas de um povoado revelaram-se subitamente, frágeis ante o rigor da tormenta. Naquele instante de extrema ansiedade, senti um aperto no peito, ao verificar quão longe me encontrava do castelo do rei Steinarr e do auxílio de Ivarr. Acabara de chegar à Terra Antiga, domínio do *jarl* Eric... Todavia, a minha angústia só durou uma batida de coração. Por entre o cansaço e a aflição, a revolta e o desencanto, concluí que a sorte me encaminhara na direção correta.

CAPÍTULO 5

Helga sentia-se à beira da exaustão. Lutava para libertar os pés do manto de neve que cobria o solo, mas tinha a sensação de que não avançava. A fuga da aldeia deixara-a sem magia na essência, à qual pudesse recorrer para contrariar o inevitável. Se não fosse a energia curativa que Freya lhe cedera, já teria desmaiado. Desesperava-a pensar que iam perecer gelados, depois de tudo o que haviam enfrentado. Se ao menos *Conselheiro* ali estivesse, correria a buscar ajuda... O seu querido amigo morreria para salvar-lhe a vida! Porém, afigurava-se que o sacrifício do cão-lobo fora vão. A sorte não os abençoava.

Freya recordava o brilho do olhar de Thorson e o calor do seu riso, tentando reunir forças para o próximo passo. O vento empurrava-os para trás. A neve cegava-os e desorientava-os. Valia-lhes a capa mágica da rainha Lyria, que como que se esticava, formando um manto protetor que os mantinha quentes no âmago da tempestade. Contudo, apesar da capacidade de alentar o corpo e o espírito, a capa não possuía o poder de sarar... E a energia curativa de Freya esgotava-se, sem que o ferimento de Helgi parasse de derramar sangue. Se não encontrassem ajuda rapidamente, acabariam por perdê-lo.

De início, o Espírito da Escuridão recusara-se terminantemente a bradar por socorro aos Vikings, convicto de que seriam esartejados antes de terem possibilidade de se justificar. Todavia, à medida que a dor o forçava a ranger os dentes e a perda de sangue o enfraquecia, fora obrigado a sujeitar-se a esse risco. Talvez os guerreiros de Steinarr reconhecessem a filha do *jarl* Throst e poupassem Helga... Quanto a si, a morte não o assustava, desde que fizesse a passagem com a certeza de que as suas mulheres estavam a salvo. No entanto, nenhum dos seus apelos obtivera resposta. Era como se todas as almas da floresta tivessem sido subjugadas pela nevasca. Só lhes restava buscar o trilho que os conduziria até ao Povo da Terra e esperar que a rainha Lyria lhes concedesse abrigo e proteção.

Helgi conhecia a floresta como a palma da mão... Porém, nesse momento, era incapaz de divisar onde se encontravam. Apertado entre Helga e Freya, começou a aperceber-se de que já não era ele quem as incentivava a avançar. Eram as mulheres que o amparavam! A sua visão turvava-se. As brumas cerravam-se diante dos seus olhos. A saliva misturava-se com o sangue e forçava-o a cuspir para evitar o vômito. Sabia que estava prestes a ceder... E sentiu medo. Se tombasse inconsciente, morreria num piscar de olhos e as jovens estariam condenadas. Isso era mais do que podia suportar! Tinha de se concentrar. Levantar um pé... Depois o outro... Respirar... Esquecer a dor e respirar...

A visão do príncipe vândalo tornou-se inútil. Frustrado, deixou-se conduzir... De súbito, o assobio tenebroso do vento cedeu lugar ao canto de um ribeiro. Helgi escutava-o distintamente, enquanto o perfume da erva virgem lhe inundava os pulmões. Como por encanto, as dores e a fraqueza que o atormentavam desvaneceram-se. Abriu os olhos e deparou com o interior de uma gruta sem teto, onde a luz quente da lua cheia realçava os verdes e os castanhos dos musgos, raízes e trepadeiras que forravam as paredes. Os seus pés nus repousavam sobre uma laje polida, que se erguia acima do nível da água. Helgi conhecia aquele lugar! Já ali estivera, há muito tempo... Como era possível que tivesse regressado à Ilha dos Sonhos?

Arfando de antecipação, virou o rosto... e deparou com a sua amada, observando-o com um enlevo ansioso. A mais bela de entre as mulheres... Não! Freya não era uma mulher! Era uma deusa! Só uma deusa seria capaz de resplandecer com tão fulgurante glória. Só uma deusa podia arrebatá-lo o coração da fera que habitava a sua essência, levando-a a manifestar-se com todo o ardor. E a deusa-menina não temia o lobo, no instante em que se entregava aos braços do homem, com um suspiro arrebatado. A sua pele branca era seda imaculada; os cabelos negros, o mais deslumbrante dos mantos... E o brilho magnífico da pedra mágica, que se aninhava entre a perfeição dos seus seios, marcava o príncipe com dedos de azul rutilante e quente, que lhe penetravam na carne e envolviam o

coração. O Espírito da Escuridão não voltaria a ser o mesmo! Helgi, filho do rei Vestein, conhecia, finalmente, o sabor da felicidade...

— Helgi! Não! — Freya chamava-o... Todavia, em vez de deleitada, a sua voz estridulava pejada de aflição.

— Helgi, abre os olhos! Resiste, irmão! Resiste...

Helga? O que estava a sua gêmea a fazer na Ilha dos Sonhos? Num ápice, o guerreiro viu o Altar da Terra desaparecer, sugado por uma escuridão nefanda e gélida. A dor fulminou-o qual raio amaldiçoado. A custo, distinguiu os rostos aterrorizados de Freya e Helga pairando sobre o seu e recordou a agonia que enfrentavam. Tentou mover-se, mas toda a sua vontade não bastou para animar um músculo.

— Continua, Helga — suplicou, com um esforço supremo. — Tu és capaz! Salva Freya... Salva o meu filho...

— Não! — atalhou Freya, por entre soluços de agonia. — Eu não irei sem ti!

Helgi ainda tentou falar, mas a língua não lhe obedeceu. As suas dores dissipavam-se, substituídas por uma dormência abençoada; um torpor que o arrastava para o esquecimento. Freya afundou a cabeça no seu pescoço, pranteando em desespero. A última percepção do príncipe foi o calor da mão da irmã gêmea sobre a testa; a sua voz terna a acariciar-lhe o espírito:

“Até breve, meu querido... Descansa em paz.”

— Não me deixes! — carpia Freya, destroçada. — Não me deixes...

Lutando contra as lágrimas, Helga abraçou-a e sussurrou:

— O Helgi deu a vida pela nossa liberdade; para que um dia possamos contar aos vossos filhos a história da sua nobreza e coragem. Por mais que nos doa, é demasiado tarde para ele... Mas tu tens de subsistir, pela criança que carregas no ventre... e pelo Thorson! Vem!

— Espera! — suplicou Freya, recusando-se a mover. — Não desistirei enquanto existir uma réstia de calor no corpo do teu irmão. Se permanecermos juntos, a capa mantê-lo-á vivo por mais algum tempo. — Foi a sua vez de sacudir a princesa, com uma convicção

inabalável: — A magia há de salvar-nos! Tens de acreditar, Helga! Tens...

Calou-se abruptamente, ao sentir uma oscilação na energia que os rodeava. A princesa também se apercebeu e buscou nas vestes da companheira a causa da súbita perturbação. A Lágrima do Sol surgiu como uma chama rompendo as trevas. O cristal palpitava, prenhe de magia... exuberante de poder! No entanto, só quando o olhar extasiado de Freya trespassou a superfície resplandecente, eu fui capaz de alcançar a sua mente e apelar:

"Aguenta-te firme, irmãzinha... Nós estamos a caminho!"

Uma cometa de alarme estrondeou assim que entrei na Terra Antiga. Não obstante o rigor da tempestade, quando cheguei à casa do *jarl* Eric já muitos guerreiros tinham saído à rua.

Ao ver-me, o meu primo foi incapaz de conter a alegria. Além da forte amizade que nos unia, Eric também devotava um incomensurável respeito à Guardiã da Lágrima do Sol. Soubera do meu desaparecimento e temera-me morta. Aliás, segundo ele, todo o País dos Vikings se convencera de que eu tombara, vítima de Aesa. De imediato, enviou mensageiros ao castelo do rei Steinarr com o anúncio da boa-nova. Depois, demandou que lhe contasse o que me acontecera. Porém, não havia tempo para tal. Por entre sopros de aflição, supliquei-lhe que me seguisse até à Floresta Sombria. Qualquer outro teria insistido em saber a verdade... Mas não Eric! A minha palavra bastava-lhe para justificar a urgência e a gravidade da misteriosa campanha.

Em menos de nada, dez homens estavam armados e a cavalo. *Bravo* continuava disposto a conduzir-me, para surpresa dos guerreiros que conheciam o temperamento exaltado do garanhão da Loba Prateada. Eric deu ordem de partida e eu respirei fundo, tentando sentir a pulsação da Lágrima do Sol. O elo que me tornava una com o cristal era a minha esperança de encontrar Freya.

A nevasca tornava o nosso progresso lento, quase impossível. Alguns homens estavam com dificuldade em controlar os cavalos. O vento carregava os gemidos dos condenados do submundo; gelava os ossos e assombrava os espíritos. Ainda assim, eu liderava com convicção, apesar de desconhecer para onde nos dirigíamos. *Bravo*

não hesitava e a feiticeira em mim já submetera a sua confiança às forças que o instigavam.

E era essa feiticeira que se arrepiava, a cada passo que nos aproximava da Floresta Sombria. “O Que Tudo Vê” sempre me admoestara para o perigo que Gwendalin representava, mesmo depois de morta, reduzida a cinzas e prisioneira de um pote de ferro escondido no coração da cidade da Gente Bela. Enganavam-se aqueles que opinavam que nenhuma mestra da Arte Obscura podia ser mais terrível do que Aesa. Essa vestira, na perfeição, a pele de uma rainha... Gwendalin não passava de uma rameira sem escrúpulos, que não recuaria diante de nada, nem de ninguém, na prossecução dos seus objetivos. A tormenta que nos sujeitava era a sua declaração de guerra, a prova de que não voltaria a existir paz na Terra, enquanto um descendente de Hakon e de Aranwen respirasse.

Mal entramos na floresta, os cavalos ganharam ânimo. As copas cerradas das árvores escudavam o solo da avalanche que tombava do céu e os troncos robustos combatiam a ferocidade do vento. Pela primeira vez, desde há muito, escutei o apelo da Lágrima do Sol; de início débil, como um tímido sussurro que receia as consequências de se fazer ouvir, crescendo em alento à medida que a proximidade garantia segurança. O temor de descobrir a minha irmãzinha gelada cortava-me a respiração. No entanto, mantinha-me firme diante do *jarl* e dos seus guerreiros. *Bravo* corria tão rápido, que as outras montadas só nos acompanhavam a custo. Porém, tive a sensação de repisar o tempo, até que a cintilação deslumbrante da Lágrima do Sol se revelou apenas aos meus olhos, avisando que o objetivo fora alcançado.

Saltei do cavalo enquanto Eric detinha o andamento dos homens. Sem delongas, comecei a escavar o monte de neve que uma árvore centenária amparava, sentindo a energia da Lágrima do Sol palpitar ao ritmo do meu coração; forte, cada vez mais forte, até o sangue se transformar em fogo vivo. As mãos de Eric juntaram-se às minhas e não tardamos a vislumbrar um pedaço de lã sob as chamas dos archotes — a capa da rainha Lyria.

Os cabelos castanhos acobreados de Helga brilharam quais flamas sob o alvor do gelo. O *jarl* puxou-a para o seu colo e eu lancei-me sobre Freya, com o ardor de uma fera que recupera a cria perdida. A voz da princesa vidente chegou-me aos ouvidos, fraca e enleada, tartamudeando algo acerca de um lobo cinzento. Contudo, toda a minha atenção se devotava à jovem que estremecia junto ao meu peito, abrindo os olhos verdes para a vida. A minha mão cobriu as suas, partilhando a magia da Lágrima do Sol, ajudando-a a recuperar a consciência, lentamente, para que a sua mente não sofresse danos.

Então, um guerreiro bradou:

— O homem é um príncipe vândalo!

Antes que eu pudesse reagir, o Espírito da Escuridão tinha três espadas encostadas à garganta. Freya soltou um gemido quase imperceptível; um apelo à minha intervenção. Voltei o olhar assustado para Eric e o *jarl* ordenou:

— Guardai as armas e afastai-vos!

Foi prontamente obedecido. Freya buscou o seu apoio, quando me abeirei de Helgi. Um olhar bastou para revolver-me as entranhas.

O príncipe vândalo mal respirava e a sua pele estava cinzenta. As roupas denunciavam que perdera muito sangue... Mesmo muito sangue! Adivinhava-se demasiado fraco para resistir ao frio, ainda que com o auxílio da capa mágica; excessivamente débil para lutar pela vida.

— Edwina... — suplicou Freya, atormentada. — Pelo amor que me tens... Não desistas de salvá-lo!

O que podia eu fazer? Pousei uma mão sobre o peito do príncipe vândalo e a outra na sua testa. O coração falhava... O espírito não respondia... A magia da Lágrima do Sol parecia não ter nenhum efeito sobre a essência de Helgi! Nessas condições, era tolice sequer pensar em desafiar a morte.

Assim que completei a observação, distingui a forma horripilante da rainha do submundo, deslizando por entre os troncos das árvores. Aproximava-se sem pressa, como se a minha angústia a divertisse. Aguardara que eu chegasse para se manifestar! Nós

tínhamos muitas contas a ajustar. E, nesse momento, a minha impotência era o seu deleite.

O grito apavorado de Freya denunciou que também ela via a figura encapuzada de negro, pairando na direção de Helgi. Os guerreiros não possuíam a nossa sensibilidade, mas pressentiam algo funesto no ar. As espadas tornaram a sair das bainhas e os olhos perscrutaram as trevas, em busca de uma ameaça. Então, sem que eu esperasse, a pedra azul de Aranwen despertou; pulsou-me contra a pele com o fulgor de um pequeno sol, emitindo um calor quase insuportável. Levei a mão ao pescoço e o fio que prendia o amuleto desatou-se espontaneamente. Com o fôlego suspenso, pousei a pedra mágica sobre o peito do príncipe... E a essência do Espírito da Escuridão acordou.

Os meus olhos de feiticeira presenciaram o fenômeno que ultrapassava a capacidade do olhar humano. O lobo negro que habitava a alma de Helgi libertou-se do seu corpo, como se de uma entidade independente se tratasse. Os músculos poderosos esticaram-se e o pelo eriçou-se, enquanto o fabuloso focinho se voltava para a rainha do submundo e a bocarra se escancarava, revelando presas do tamanho de adagas. Um rugido colossal ensurdeceu a tempestade e sacudiu a percepção de Eric, que me interpelou perturbado:

— Pelas barbas de Odin! O que está a acontecer, Edwina?

Fui incapaz de lhe responder, tal a comoção. E, obviamente, a devoradora de vidas também não contava com tamanha reviravolta nos acontecimentos. De repente, a presa que tomara como certa acometia na sua direção, espumando de raiva, com a veemência de um predador que nada tinha a perder. Guinchando terrificada, a horripilante figura ergueu as mãos descarnadas para deter o ímpeto da fera. As garras perfuraram o pelo negro e o sangue do lobo manchou o alvor abominável dos ossos. Então, sem que nada o fizesse prever, a morte recuou e empreendeu uma fuga desenfreada até aos confins do submundo.

Desaparecida a ameaça, o Espírito da Escuridão fixou o olhar em mim, depois em Freya... e saltou sobre o homem que abrigava a sua essência. Prontamente, o olho são de Helgi abriu-se e o seu corpo

convulsionou num espasmo violento, enquanto ofegava, sôfrego por ar. As suas mãos fecharam-se nas minhas, esmagando-as com o ardor da ansiedade.

— Freya... — titubeou engasgado. — Helga...

Subjugada pelo espanto e pelo júbilo, ignorei a dor e repliquei:

— Elas estão a salvo... E tu hás de ficar bem!

A sua expressão denunciou incerteza; um temor perfeitamente compreensível. Afinal, por mais que eu desejasse apaziguar os ânimos, Helgi e Helga não deixavam de ser príncipes vândalos, degredados em território viking. Ainda que subsistissem àquele pesadelo, enquanto o rei Steinarr não lhes concedesse proteção, qualquer garantia de segurança seria ilusória.

Em tempos, a Terra Antiga fora uma comunidade que prosperara sob a liderança de um valoroso chefe viking. Grim fizera grandes conquistas e trouxera abundância e satisfação ao povo que dele dependia. Os seus herdeiros, Arngrim e Thorgrim, seguiram-lhes as pisadas... Porém, os primogênitos destes possuíam valores e determinações completamente distintos. Gunnulf era um guerreiro temível, faminto por poder; Throst, um homem nobre, que sonhava com a paz. Os dois tinham combatido lado a lado, até Throst perceber que a ambição de Gunnulf era insaciável. Quando a história do povo viking começou a ser escrita, não só à custa de sangue inimigo, mas também com sangue aliado, intrigas, traições, excídios e massacres, a amizade dos primos desmoronara-se. Enquanto Throst tentara unir os clãs e criar um único reino, Gunnulf e Arnorr, seu irmão mais novo, haviam conduzido a Terra Antiga à ruína.

Não há muito, o rei Steinarr entregara a Eric, filho de Krum, o honroso título de *jarl* e a colossal tarefa de recuperar a glória do território dos seus antepassados. O jovem guerreiro levava essa missão a peito. Ao entrar desembestada naquela que, respeitosamente, continuava a chamar-se Aldeia de Grim, eu não tivera oportunidade de observar o trabalho exemplar que Eric já realizara. Agora que desfrutava do alívio de ter Freya ao meu lado, livre de perigo, maravilhava-me com os progressos alcançados.

O meu primo não só reconstruíra a morada ancestral como convencera muitas famílias a mudar-se para os seus domínios, em busca de trabalho e proteção. Os homens tinham voltado a cultivar as quintas e as mulheres dedicavam-se ao fabrico de produtos para venda, tais como tapetes, mantas e jóias, tão apreciados pelas damas do Império. Sob a mão honesta, firme e justa do novo *jarl*, as cinzas e a degradação haviam cedido lugar a casas, estábulos, celeiros... Até o velho estaleiro à beira-mar fora restaurado! O próprio rei Steinarr já fizera uma encomenda de dois navios de guerra e um de comércio para a sua frota. Ainda havia muito que fazer, mas o coração da Terra Antiga palpitava novamente, pujante de vida.

O empenho e motivação dos aldeões eram perceptíveis, enquanto se atarefavam no arranjo dos telhados que a selvática tempestade danificara. Não obstante esse entusiasmo, o receio e a desconfiança perturbavam alguns espíritos da comunidade. Dois vândalos tinham sido trazidos para a casa do *jarl* Eric. O homem era o príncipe Helgi, reconhecido entre os Vikings como o melhor guerreiro do seu povo. Quanto à mulher pouco se sabia, mas havia quem já a tivesse visto ao lado da rainha Aesa, no interior da barreira de espinheiros. No meio de tanta agitação, só existia um consenso: todos estavam satisfeitos e aliviados ante o regresso da Guardiã da Lágrima do Sol.

Eric regozijava por me ter de volta e guardar Freya em segurança. No entanto, apesar de tentar disfarçá-lo aos meus olhos, era óbvio que a presença dos vândalos sob o seu teto o inquietava. E, ao contrário do que seria de esperar, não era Helgi quem mais o afetava, mas Helga. A jovem como que o... intimidava! De início, quase se recusara a acreditar que ela era cega, devido à facilidade com que se movia. Tentei tranquilizá-lo, explicando que a princesa possuía a capacidade de enxergar com os olhos da mente. Porém, só lhe aumentei o desassossego. Acabei por dar a minha palavra em como Helga não representava uma ameaça para o nosso povo. No entanto, fiquei com a intrigante sensação de que não era o receio de uma traição que transtornava o meu primo.

A tensão que assaltava o dono da casa, sempre que se cruzavam, não passara despercebida à princesa. A fim de evitar mais

constrangimentos, Helga pedira-me que transmitisse a sua gratidão ao *jarl*, em vez de manifestá-la pessoalmente. Nesses dias conturbados, o irmão gêmeo absorvia-lhe toda a atenção. Contudo, nem mesmo a união dos nossos esforços se revelava suficiente para lhe devolver a consciência.

Após ter enfrentado a rainha do submundo, Helgi tornara a cair no esquecimento. A sua condição não se degradara, mas também não dava sinais de estar a convalescer. O corpo prostrado parecia desprezar a nossa energia curativa e alimentar-se exclusivamente do poder da pedra azul da feiticeira Aranwen. Todavia, por quanto tempo a magia do amuleto manteria o seu coração a bater? O que faríamos, no momento em que a vitalidade da pedra decaísse? Por mais voltas que desse à cabeça, não compreendia por que Helgi não reagia. Era como se, para além de energia curativa e magia, o seu restabelecimento dependesse de um ingrediente secreto; algo que escapava à minha percepção, capaz de concretizar o milagre.

Freya estava inconsolável. Era inútil pedir-lhe que deixasse a cabeceira do amado para repousar. A minha irmã vivia sob a obsessão de observar cada fôlego de Helgi, temendo fechar os olhos e surpreendê-lo morto ao despertar. Eu quase tinha de lhe enfiar a comida dentro da boca, para obrigá-la a alimentar-se! Só a lembrança de que carregava um filho no ventre lhe concedia algum alento. A sorte pregara-lhe uma partida indecente. A felicidade que sempre almejara estava a tão curta distância... Porém, adivinhava-se inatingível.

Nessa noite, enquanto Freya e Helga vigiavam o enfermo, Eric pediu para me falar. Encontrei-o à mesa, mastigando a contragosto uma fatia de pão com geléia. Passara o dia a trabalhar com os aldeões no restauro das casas. O cansaço pesava-lhe os traços bonitos do rosto e fazia-o parecer mais velho. Convidou-me a sentar e ofereceu-me a sua merenda, mas eu também não tinha fome. Algumas palavras de cortesia e avançou sem rodeios para o desagradável propósito da conversa:

— Como está o vândalo? Conseguiram reanima-lo?

Fui sincera, mesmo sabendo que tal representava sarilhos. Terminei a confessar:

— Por alguma razão, o Helgi reage como se a minha magia fosse vento; uma brisa que lhe agita os cabelos, mas é impotente para o vergar. Entendes o que quero dizer?

Eric confirmou com a cabeça e eu soprei o ar, confidenciando:

— Helga contou-me que o irmão sempre mostrou resistência à influência mística. A própria Aesa era incapaz de lhe profanar a mente. Foi essa faculdade que o ajudou a deitar as mãos às pedras de Aranwen... e a manter, durante anos, o amuleto azul ao pescoço, debaixo do nariz da sua rainha. Recentemente, até provou ser imune à terrível habilidade do Snari! Porém, nesta provação, esse dom tornou-se o seu maior inimigo.

O olhar do *jarl* cruzou o salão, até ao quarto onde Helgi repousava. Ponderou um pouco, talvez escolhendo as palavras antes de declarar:

— Odin é testemunha de que não morro de simpatia pelos Vândalos! No entanto, abri-lhes as portas desta casa a teu pedido. Sabes o quanto te estimo e respeito o teu julgamento, Edwina... Todavia, deves compreender que Ivarr continua a ser o meu príncipe e senhor. Descobrir que dei guarida a um dos seus maiores inimigos vai deixá-lo furioso! Eu esperava que, por esta altura, o vândalo já estivesse restabelecido e longe da Terra Antiga... O que acabaste de contar coloca-me numa posição delicada. — Fez uma pausa e passou a mão pela testa, desalentado. — Calculo que o Ivarr chegue amanhã. Se Helgi ainda aqui estiver, será feito prisioneiro... E não vejo como impedi-lo!

Respirei fundo e volvi com firmeza:

— Eu falarei com o Ivarr e assumirei total responsabilidade por Helgi e Helga. Prefiro enfrentar a sua ira, ao desgosto de Freya! — Estendi a mão e apertei a de Eric, determinada. — Não te inquietes. Depois de tudo explicado, Ivarr há de reconhecer que fizemos o que era devido!

— Não sei — replicou, apreensivo. — Temo que a nossa boa vontade se vire contra nós! Raios, Edwina! Para além de Vândalos, aqueles dois são bisnetos de Aesa... As suas mãos estão cobertas com o sangue da nossa gente!

Isso era irrefutável. No entanto, não bastava para subjugar a minha convicção. Mantive-me firme e objetei com serenidade:

— Não se passaram muitos anos, desde que o meu pai chegou à Grande Ilha com o coração cheio de ódio e, sob as ordens do teu tio Gunnulf, se bateu contra a família da minha mãe. Catelyn viu o irmão mais velho morrer nessa batalha... Pouco depois, era feita escrava e arrastada para uma terra hostil. Contudo, ao chegar à casa do homem que destruíra a sua vida, a primeira coisa que fez foi ajudar a tua mãe a trazer-te ao mundo. A sua bondade e o seu amor indicaram um novo caminho ao meu pai, ao teu pai e ao povo viking! Hoje, aqueles que eram inimigos são aliados...

— Jamais existirá paz entre Vikings e Vândalos, prima! — contestou Eric, sem me deixar terminar. — E dar guarida a esses dois só aguçar o conflito! Neste momento, eles são traidores para o seu povo e assassinos para o nosso. Onde quer que estejam, façam o que fizerem, serão alvos a abater!

— Tens razão — concordei desgostosa. — Porém, Helgi e Helga merecem uma oportunidade... E eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para lhes valer.

"Edwin..."

O apelo da minha mente rasgou a noite, mas não obtive resposta. Fechei os olhos, angustiada. As atribulações dos últimos dias tinham-me mantido distraída. Agora que assentava a cabeça na almofada, o meu coração era confrontado com uma miríade de emoções. Rangi os dentes, banindo os maus pensamentos. Devia confiar que o Rei da Lua se encontrava bem e que a magia da Montanha Sagrada acabaria por regenerar-lhe a essência. De outra forma, como reuniria tranqüilidade para superar os desafios que me aguardavam?

Se Eric estivesse certo, Ivarr chegaria nessa manhã... Eu devia preparar-me para enfrentar a sua ira, o seu rancor e indignação. No fim de contas, ele ainda era meu marido! E, apesar de o nosso casamento estar condenado, eu valorizava imensamente a sua amizade. Só esperava que Ivarr entendesse... Que não misturasse as nossas divergências com os problemas levantados pelo salvamento

dos príncipes vândalos. Seria muito triste se decidisse puni-los só para me magoar.

Respirei fundo e fixei as sombras que a lareira projetava no teto de colmo. O rressonar dos homens competia com os silvos do vento. Se não fosse o ar gélido, podia imaginar que estava em casa, na Ilha dos Sonhos... Sim, porque o castelo do rei Steinarr nunca fora o meu lar! Eu detestava a frieza austera das suas paredes de pedra, a forma como todos me fitavam, como se pretendessem arrancar de dentro de mim alguém que não existia. Edwina, a princesa herdeira do trono viking... Era um alívio pensar que me livrara desse fardo!

A lembrança da Ilha dos Sonhos causou-me um aperto no peito. Sentia muitas saudades dos meus pais! Se Throst aqui estivesse, seria o primeiro a defender os príncipes vândalos. E Catelyn saberia o que fazer para salvar Helgi... Pelos raios flamejantes do Sol, eu tinha de descobrir uma maneira de lhe restituir a vitalidade! Mas como? Como?

Sobressaltei-me ao ouvir passos do lado de fora da cortina que separava o meu quarto do salão. Quem, além de mim, padeceria de vigília? Deixei-me vencer pela curiosidade e os olhos da minha essência deparavam com Eric, lançando toros na lareira para alimentar as chamas que aqueciam a casa. Os cabelos encaracolados caíam-lhe desgrenhados sobre os ombros e a desordem das suas roupas denunciava as reviravoltas que dera na cama, sem que o sono o abençoasse. Eric era um homem de personalidade forte e sólidas convicções. Todavia, pensar que estava prestes a defrontar Ivarr provocava-lhe agonias. Os dois eram inseparáveis desde crianças e, apesar de se ter tornado *jarl*, Eric não deixara de pertencer à alcatéia do rei-lobo. Porém, a disputa de Thora abrira uma ferida nessa sólida amizade... Ferida essa que podia transformar-se numa chaga profunda, se o príncipe não aceitasse as suas justificações para a proteção que cedera aos vândalos.

De súbito, a cortina do quarto que acolhia Helgi foi afastada. Prendi o fôlego, ao ver Helga atravessar o salão num passo incerto, levando a mão diante do corpo para evitar os obstáculos daquele ambiente estranho. O fato de sentir dificuldade em distinguir as

formas que a rodeavam denunciava o quanto os nervos alteravam a sua percepção.

Eric observou a princesa com o cenho franzido. Helga era uma mulher extremamente bela mas, nesse instante, mais parecia uma assombração. O vestido de lã branca, que a esposa de um dos guardas do *jarl* tivera a generosidade de lhe oferecer, assentava-lhe disformemente no corpo, demasiado largo para realçar as formas esguias. Os cabelos acobreados e lisos estendiam-se até à cintura, contrastando com o palor das suas faces. Em redor dos olhos cegos, manchas negras testemunhavam a mais profunda das tristezas. A princesa estava a consumir-se em vida! Diante do *jarl* da Terra Antiga, prostrou-se em reverência e suplicou:

— Sei que não é o momento apropriado, senhor... Contudo, peço-vos que me escuteis.

A ruga na testa masculina aprofundou-se. A sua rigidez era notória, quando retorquiu com a voz presa:

— Levantai-vos! Deveis vassalagem ao príncipe Ivarr, não a mim.

O olhar branco encarou o olhar verde. A expressão de Helga revelava surpresa ante a simplicidade de Eric. O meu primo hesitou... As boas maneiras obrigavam-no a estender a mão para ajudá-la. No entanto, demorava a concretizar o gesto, como se receasse o contato. Ciente do seu desconforto, a vidente ergueu-se sozinha e deu-lhe tempo para se recompor. O silêncio pesou entre eles, até Eric reunir alento para indagar:

— Em que vos posso ser útil?

Os lábios de Helga tremeram antes de balbuciarem:

— Não pude deixar de vos ouvir, há pouco. Sei que já fizestes muito por nós, mas... Helgi é tudo o que me resta! Se morrer... — A voz principiou a falhar-lhe e terminou apressadamente: — Suplico-vos que não entregueis o meu irmão ao príncipe Ivarr! Por favor, tende compaixão...

— Sinto muito! — atalhou o *jarl*. — O que solicitais está para além do meu poder. Eu devo lealdade ao príncipe Ivarr... Será ele quem decidirá o vosso destino.

A jovem vacilou e tentou sufocar um soluço, mas os olhos alvos encheram-se de lágrimas. Suplantada pela comoção, acabou por se

arrojar aos pés de Eric, gemendo em desespero:

— Eu colocarei a minha magia ao vosso dispor, senhor! Servirei na vossa casa, até ao fim dos meus dias, se intercederdes a favor do meu irmão!

— Helga... Não...

O fraco protesto de Eric morreu-lhe na garganta. Com uma exclamação condoída, baixou-se e puxou a princesa para os seus braços. Helga tentou resistir, mas o calor desse gesto reduziu as suas defesas a cinzas. Deixou a cabeça tombar no peito do *jarl* e rendeu-se ao choro, libertando a agonia que a destroçava.

Perplexa, vi os olhos do meu primo cerrarem-se, quando o perfume dos cabelos de cobre lhe invadiu o nariz. Então, compreendi que o sentimento que o forçava a evitar a princesa do povo vândalo não era desagradado... Muito pelo contrário! E, se eu podia constatar-lo, a vidente era capaz de assimilá-lo na pele, no ardor da aura que o envolvia e se declarava à sua percepção. Ainda assim não se afastava, como se o corpo de Eric fosse o último reduto seguro da Terra. Fiquei ainda mais pasmada, ao vê-lo aproximar o rosto do seu ouvido e murmurar com firmeza:

— Compreendo a vossa apreensão, Helga! Porém, asseguro-vos que o príncipe Ivarr é um homem justo. Não obstante o abismo que separa os nossos povos, terá em consideração o que fizestes por Freya e a sucessão de acontecimentos que vos conduziram até aqui.

A princesa estava esgotada. Só a grande custo fitou Eric. Temi que o *jarl* vacilasse perante o olhar cego, mas susteve-o com determinação. E os lábios femininos tornaram a estremecer... Contudo, desta feita, as suas faces roborizaram-se e a respiração aprofundou-se. Vislumbrava para além do homem e apreciava a lisura do seu espírito... A força da sua essência.

— Acreditais realmente na equidade do vosso príncipe? — inquiriu numa voz rouca.

Eu imaginava as espinhosas recordações que tal pergunta suscitava! Todavia, o meu primo confirmou que ultrapassara quaisquer ressentimentos ou mágoas que a disputa pela Loba Prateada pudesse ter despertado no seu ser, ao replicar com uma prontidão sincera:

— Ponho a minha vida nas mãos de Ivarr.

Helga assentiu com a cabeça e retrucou com a mesma resolução:

— Então, também eu me coloco à sua mercê!

Por um instante, fixaram-se em silêncio. Depois, Helga reuniu coragem para se sustentar. Eric ajudou-a, mas demorou a deixá-la partir. Talvez quisesse assegurar-se de que as pernas não lhe falhavam... Ou, simplesmente, não conseguia apartar-se dela. Pelo menos, o tormento que carregava o semblante da princesa atenuara-se. Deslizou para longe da proteção dos braços do *jarl* e regressou ao seu quarto. Afastava a cortina quando ele apelou:

— Helga...

Os seus olhos tornaram a encontrar-se e o tempo arrastou-se. Por fim, Eric respirou fundo, exclamando simplesmente:

— Boa noite, princesa!

A jovem brindou-o com um sorriso tímido, volvendo:

— Boa noite, Lobo Cinzento.

E desapareceu antes de lhe permitir resposta. Porém, o sorriso que nascia nos lábios de Eric e a luz que lhe incendiava o olhar faziam prova do seu arroubo. Pouco depois, o meu primo tornava à cama e adormecia sem dificuldade.

A manhã mal despontara quando visitei o quarto de Helgi. Detive-me assim que entrei, paralisada de horror. Helga estava à cabeceira do enfermo, com a mão na sua testa e o rosto banhado em lágrimas. Foram escusadas palavras para justificar a sua angústia. Sobre o peito do príncipe, a cintilação mágica da pedra azul extinguiu-se. Eu sabia que esse momento acabaria por chegar, mas não imaginara ter de enfrentá-lo tão cedo, sem nenhuma idéia de como contrariar o infortúnio. O meu olhar fixou-se em Freya que dormia profundamente, sentada no chão com a cabeça sobre a cama, alheia à desdita que ameaçava o seu futuro. E a voz de Helga preencheu-me a mente, sem melodia, despida de esperança:

"É inútil, Edwina! Já tentei todos os sortilégios que conheço e entreguei-lhe a minha energia... O meu irmão vai morrer, não importa o que se faça! Não é justo! Era eu quem devia estar no seu lugar. Eu, que não tenho ninguém que dependa de mim ou chore a minha partida..."

"Não digas isso!" — ralhei. — "A vida é uma bênção. Não debes desprezá-la!"

"O Helgi foi ferido por minha culpa! Se não tivesse hesitado diante de Raud... Se tivesse reagido mais cedo... Como queres que me sinta, ao pensar que o meu irmão podia finalmente ser feliz...? E que eu, logo eu, o privei dessa ventura?"

Repousei a mão sobre a sua, replicando apaziguadora:

"Se não fosse por ti, nenhum de vós teria escapado da aldeia. Estais a salvo e não deveis perder a esperança! Temos de combinar esforços para achar uma cura."

"Que cura? Que esperança nos resta, quando a magia da Guardiã da Lágrima do Sol se revela improfícua?"

Essa era a pergunta para a qual eu não tinha resposta! Nesse instante de extrema comoção, uma trompa ecoou pela aldeia, fazendo-nos saltar de susto. Fechei os punhos e prendi a respiração, ao ouvir a forma como o toque se desdobrava, numa saudação reservada aos soberanos do País dos Vikings. Helga escondeu o rosto e começou a soluçar. Freya acordou, assustada. E eu soprei o ar, gelada só de imaginar o que me aguardava. Ivarr não podia ter chegado em pior altura!

O povo encheu as ruas, carregando archotes para iluminar a bruma da manhã e agitando as armas numa calorosa saudação ao herdeiro do trono viking. Deixei a casa e quedei-me ao lado de Eric, com as pernas bambas e a mente fustigada por dilemas. Apesar de conhecer Ivarr desde o berço, era incapaz de prever qual seria a sua reação ao encarar-me.

Thora cavalgava ao lado do príncipe herdeiro, seguida por Bryan, Ragnar e Darrin. A minha garganta enodou-se, ao recordar o destino de Ketill. De certa forma, sentia-me responsável pela morte do primo de Ivarr. Enquanto os via aproximar-se — uma mancha colorida de guerreiros a cavalo, com os cabelos desafiando o vento — pensei em como tudo teria sido diferente, se eu não me tivesse precipitado atrás de Edwin, na véspera do Festival de Inverno. Esse ímpeto não só mudara a minha vida, como interferira na sorte de Vikings e Vândalos.

Uma brisa amena aconchegou-me a essência. Reconhecia de imediato, mas não pude acreditar que fosse real. Então, verifiquei que Bryan não cavalgava sozinho. Os meus olhos arregalaram-se, num misto de receio e expectativa, ao vislumbrar Thorson apertado contra o seu peito. Por mais que a razão resmungasse que trazer o meu sobrinho para a Terra Antiga fora uma tremenda irresponsabilidade da parte de Ivarr, o coração jubilava de alegria. Pelo menos, Freya teria o consolo de abraçar o filho, nesse momento de incerteza e aflição.

Thora foi a primeira a saltar do cavalo. Sem hesitar, absorveu-me no seu entusiasmo. Correspondi ao ardor desse abraço, emocionada e confortada pelo seu carinho.

— Eu sempre soube que estavas viva — sussurrou-me ao ouvido.
— Estou tão feliz por te ver!

Pelo canto do olho, verifiquei que Ivarr descia da montada e estreitava Eric com a exaltação de sempre. Depois, a minha atenção voltou-se para Bryan. Thorson espinoteava nos seus braços, tentando saltar para o meu colo. Esmaguei-o contra o peito e afundei o rosto nos cabelos castanhos acobreados. A cada dia que passava, o meu sobrinho estava mais parecido com Helgi! Quão cruel era o destino, ao unir pai e filho tarde demais para um beijo, uma palavra de ternura... um simples olhar! A voz embargada de Thora chegou até mim:

— Sei o que estás a pensar, Edwina... Porém, foi impossível deixá-lo para trás!

Fixei-a, sem compreender. Nesse instante, Thorson suplicou-me ao ouvido:

— Leva-me ao papai, tia! Leva-me ao papai... Depressa!

O meu coração disparou a galope, enquanto a luz da esperança se reacendia. Talvez esse fosse o milagre pelo qual tanto ansiávamos.

Thorson e eu partilhávamos um segredo. Há algum tempo, a Lágrima do Sol revelara-lhe a verdade acerca do progenitor. Eu nunca contara o sucedido a Freya, receando que se deixasse suplantar pelo pânico e proibisse o filho de treinar a Arte. Marcado como estava pelo destino, Thorson necessitava da magia do cristal para equilibrar as forças que lhe pelejavam no espírito, pelo controlo

da sua vontade. Só podia imaginar o quanto o pequeno sofrerá, privado da influência da Lágrima do Sol por força dos últimos acontecimentos. Todavia, a sua excelsa percepção não parecia afetada. Apesar da tenra idade, sabia exatamente por que viera... E o que necessitava de fazer. Enquanto o carregava ao colo até ao quarto onde Helgi definhava, fui assaltada pela convicção de que Thorson seria melhor Guardião do que eu...

Isso, se sobrevivesse aos sobressaltos que decerto o aguardavam, até estar preparado para assumir a sua herança de sangue — o legado de “O Que Tudo Vê”.

Ao ver-nos entrar, Freya saltou da cama e tomou o filho nos braços, chorando compulsivamente. Helga prendeu o fôlego e o seu olhar cego voltou-se para a Loba Prateada. Instintivamente debruçou-se sobre o irmão, como se temesse que a guerreira desembainhasse a espada e acometesse contra ele. A minha presença tranquilizou-a, pois logo se atrevia a fixar Thorson, extasiada. No entanto, o pequeno não lhe prestou atenção. Mal a mãe o beijara, já se esticava na direção do enfermo. Ao meu lado, Thora justificava:

— Ainda o mensageiro de Eric não chegara ao castelo, já Thorson gritava pelo pai. De início, julguei que vós havíeis cometido a insensatez de lhe contar. Depois, descobri que é constantemente arrebatado por Visões. Nós não fazíamos idéia do que se estava a passar... Porém, Thorson sabia que tinha de vir conosco! Ivarr relutou em trazê-lo, mas eu insisti. O que sucedeu com o tio Edwin, na Ilha dos Sonhos, levou-me a acreditar que tamanha veemência tinha um propósito. Pelos vistos, não me enganei!

Como se guiado pela determinação de uma Entidade superior, o meu sobrinho pousou as mãos sobre a pedra azul da feiticeira Aranwen. De imediato, uma luz resplandecente irrompeu de entre os seus dedos, tão intensa que nos cegou. Era como se o cristal amortecido tivesse recebido uma descarga de energia e ressuscitasse, espargindo magia, latejando poder.

Escutei as exclamações de pasmo das minhas companheiras, sem conseguir reagir. Do nada, fui fulminada pela recordação de um quarto quente, onde as chamas vivas dos castiçais projetavam

sombras bailarinas nas paredes. Senti o conforto das cobertas macias em redor do corpo como se fossem reais... Depois, um homem enorme surgiu diante de mim, com cabelos de Sol e olhos de mar; um homem que, até àquele momento, eu só abraçara em sonhos. A felicidade brotou-me do peito e explodiu-me na garganta, num grito extasiado: "Papai!"

Naquela noite, na Enseada da Fortaleza, Throst, filho de Thorgrim, descobrira que tinha uma filha. A minha mãe sempre me contara essa história com infinito carinho, mas eu nunca me recordara efetivamente do que acontecera... Agora, era como se revivesse o maravilhoso instante em que abraçara o meu pai e enterrara os dedos nos seus caracóis rebeldes pela primeira vez. Ele chorava... A comoção fazia-o estremecer. E eu ria, gargalhava, saltava de felicidade, enquanto o Líder Supremo do povo viking me elevava ao encontro das estrelas, me reconhecia como sua e abençoava.

Aos poucos, fui recuperando a noção da realidade. No quarto onde Helgi repousava, o clarão azul da pedra mágica dissipava-se, restituindo a visão aos olhos encandeados. O amuleto recuperara o seu vigor... Porém, o Espírito da Escuridão continuava inconsciente. E Thorson desfalecera sobre o corpo do pai.

Precipitei-me em frente, com o coração nas mãos e o grito apavorado de Freya a perfurar-me os ouvidos. Suspirei de alívio, ao constatar que o pequeno estava apenas desacordado. A pedra assimilara tanta energia à sua essência que o privara dos sentidos.

Antes que nos pudéssemos pronunciar, a cortina do quarto escancarou-se com tal ímpeto que o tecido rasgou-se. Ivarr e Eric surgiram, exibindo expressões alarmadas. Thora apressou-se a justificar o estranho fenómeno que havíamos presenciado. O alívio do *jarl* contrastou com a irrascibilidade do príncipe. O olhar verde cristalino cravou-se em Helga, com uma animosidade fervorosa. A princesa do povo vândalo recuou, como se desejasse que a parede se abrisse para permitir-lhe a fuga. Então, Ivarr fixou Helgi com declarado desprezo... E o seu rancor manteve-se ao encarar-me. Sem uma palavra, deu-nos as costas e regressou ao salão.

CAPÍTULO 6

Ivarr conhecia-me sobejamente bem. Sabia que a sua indiferença podia ser mais dolorosa do que mil insultos ou uma agressão. Eu decerto rebateria as injúrias ou revidaria, se ele se atrevesse a ameaçar-me. Porém, era impotente contra o seu silêncio; o olhar que me atravessava como se eu fosse transparente. Essa tortura estendeu-se pela tarde e trouxe grande desconforto àqueles que conosco partilhavam a mesa, durante a refeição da noite.

O assunto que dominou grande parte do jantar também não ajudou a comida a escorregar pela garganta. Inevitavelmente Ketill foi recordado pelos companheiros, por entre gritos de louvor... e de revolta. Tive a confirmação de que o jovem seguira o general do rei Steinarr, até à aldeia da rainha Aesa, à revelia de Ivarr. As suas motivações eram óbvias e ninguém as comentou. No fim, o que importava salientar era que Ketill tombara como um herói, defendendo a liberdade de uma princesa viking... E que, mais uma vez, os Vândalos se tinham revelado bestas selvagens, que não mereciam o ar que respiravam.

Com o desenrolar da conversa, verifiquei que Eric já transmitira a Ivarr todas as informações que eu própria lhe fornecera acerca do rapto de Freya, do desentendimento entre Helgi e o rei Raud, da morte de Aesa e do ressurgimento de Gwendalin. Contudo, nem por uma única vez o príncipe me questionou sobre o sucedido ou inquiriu da minha opinião. Após o jantar, reuniu-se com o *jarl* e os restantes lobos da sua alcatéia, ignorando-me como se eu não existisse. A sua intenção de me afrontar ficou declarada, quando solicitou que Freya deixasse a cabeceira do príncipe vândalo e comparecesse diante dele.

Empinei o nariz e dirigi-me ao quarto de Helgi, ansiosa por boas notícias. Todavia, nada se alterara, para além do nervosismo crescente de Helga. A vidente parecia cada vez mais perdida. A

alegria de conhecer o sobrinho fora superada pelo temor de que o irmão jamais despertasse para abraçá-lo. Apesar do sacrifício espontâneo de Thorson, o pai mantinha-se inconsciente. Sem dúvida ganháramos algum tempo, pois a pedra de Aranwen recuperara o deslumbrante brilho azul que sustentava o Espírito da Escuridão... No entanto, mal a magia do amuleto voltasse a esmorecer, o desespero sobreviria.

Freya entrou no quarto com os olhos inchados. Ivarr interrogara-a com uma frieza implacável, exigindo saber tudo o que acontecera desde que nós as duas deixáramos o castelo viking. Contudo, enfurecera-se de tal forma ao ouvi-la falar de Edwin, que praticamente não lhe tolerara uma palavra a favor de Helgi e Helga. Inclusive, negara-se a revelar a sorte que destinara aos irmãos vândalos. A angústia de Freya foi a gota de azedume que fez a minha impaciência transbordar. Furiosa, marchei através do salão com os punhos cerrados e um nó nas entranhas. A bem ou a mal, haveria de chamar Ivarr à razão!

Ao aproximar-me, surpreendi-o a questionar Eric acerca de Helga:

— Achas que a mulher é perigosa? Afinal, não nos podemos esquecer de que se trata de uma bruxa treinada por Aesa...

Calou-se abruptamente quando me viu chegar. A sua guarda fitou-me, apreensiva. Thora disfarçou um gesto suplicante, tentando avisar que não era o momento de sanar divergências. Porém, eu não me dispunha a aguardar mais! Enfrentei o rei-lobo e mastiguei sem cortesias:

— Não era a mim que devias fazer essa pergunta? Achas que Eric está mais habilitado a certificar o caráter dos príncipes vândalos?

Um silêncio constrangedor pesou ao nosso redor. O verde límpido transformou-se em luz candente, quando Ivarr me trespassou com o olhar. A sua exprobração era tão fervorosa, que o julguei com coragem para me injuriar. Após ranger os dentes, ordenou:

— Deixai-nos sós!

Ninguém ousou contradizê-lo. Thora foi a última a afastar-se, com um suspiro de desalento. Ivarr já respondia à minha provocação, num tom baixo e gélido:

— O juízo do Eric tem muito mais valor do que o teu! Na verdade, Edwina, acho que estás tão transtornada, que devias abdicar da condição de Guardiã da Lágrima do Sol, antes que mais alguém morra devido à tua irresponsabilidade...

— Como te atreves? — atalhei. Porém, ele inclinou-se sobre a mesa, pretendendo intimidar-me com a sua robustez, enquanto prosseguia inflamado pela ira:

— Por que não és sincera, uma vez na vida? Já que abandonaste a tua casa, o teu marido e o teu povo para fugires com aquele aleivoso, devias ter a decência de assumir a vossa paixão! Arranca o teu primo do buraco onde se esconde e traga-o à minha presença! É tempo de eu conhecer o homem por quem suspiraste, durante as noites em que dormiste na minha cama. Quero olhar nos olhos do facínora que tentou matar-me e aos meus lobos; que traiu e roubou a rainha Lyria; que possibilitou o regresso à vida de uma feiticeira que pode destruir tudo aquilo que Vikings e Aliados conquistaram.

Eu tinha de manter a calma! Engoli em seco e retorqui a custo:

— Com tantas questões importantes a exigirem decisão, permites-te subjugar pelo orgulho de macho ferido? O que eu fiz está feito, Ivarr! Decerto, hoje não procederia de igual forma... Todavia, na altura, achei que estava a agir corretamente. Se te desses ao trabalho de me escutar, saberias que não segui Edwin por leviandade. E que também ele teve as suas razões...

— Não vou perder tempo a ouvir-te desculpar o teu amante! — cortou com tal ardor, que acreditei que investiria contra mim. Obriguei-me a manter a compostura e retruquei:

— Se é isso que te incomoda, fica a saber que o Edwin não é, nem nunca foi, meu amante! No entanto, é verdade que o amo... Se a Montanha Sagrada o consentisse, haveria de te receber com o Rei da Lua ao meu lado, sem desonra, pois nada tenho de que me envergonhar!

Estávamos de pé, com a mesa a separar os nossos corpos tensos, rostos ardentes e olhos flamejantes. A magia de Ivarr latejava-lhe sob a pele, intensa e selvagem; o lobo rugia furiosamente dentro do homem, desejoso de sangue para apaziguar a raiva. Contudo, o príncipe decerto preparara-se para me enfrentar... E sabia como

alcançar os seus objetivos. Surpreendi-me ao vê-lo engolir a ira e recuar. A sua respiração ainda se entrecortava quando se sentou, mas a voz já nada revelava além de um frio glacial, ao replicar com uma expressão altiva:

— O que fizeste tornou a nosso convívio insustentável. Mal regressemos ao castelo, virás comigo diante do rei Steinarr e do povo viking, anunciar o fim do nosso casamento. Nesse dia, serás livre para viver esse teu... amor. E eu serei livre para desposar a futura mãe dos meus filhos!

Mantive-me de pé, sobranceira e digna. As suas palavras magoavam-me mais do que podia deixar transparecer, não pela sua essência, mas pela forma como me haviam sido atiradas à cara. Que moral tinha Ivarr para condenar o meu afeto por Edwin, quando há muito assumira a sua paixão por Thora? Era o divórcio que queria? Pois eu teria gosto em conceder-lho!

— Será como desejas! — aquiesci com desapego.

E principiei a dirigir-me ao quarto. Todavia, após dois passos, enchi-me de coragem e voltei a encará-lo. Tinha algo entalado na garganta que não podia ficar por dizer:

— Nunca te enganei, Ivarr! Quando casamos sabias quem eu era, o futuro que ambicionava... e o passado que lamentava. Ainda assim, espero que tenhas sido feliz ao meu lado, porque eu fui feliz ao teu. Gostaria que continuássemos a colaborar, para o bem do nosso povo... E lastimarei imenso, se tal não for possível!

Ivarr franziu o cenho, atordoado com a minha reação. Apesar de magro e abatido, exalava um poder impressionante. Em tempos, fora agradável deitar a cabeça no seu peito, mergulhar os dedos nos cabelos de seda negra, fechar os olhos e inspirar a ilusão de que a sua força bastaria para me escudar de todo o mal. Porém, o afeto que partilháramos não nos garantiria satisfação, pois desenvolvera-se carregado de obrigações, imposições, revolta e culpa. Agora, tal como ele próprio declarara, eu podia buscar a felicidade, livre do peso da coroa viking... E Thora haveria de se tornar uma excelente rainha! Se, um dia, os detestáveis conselheiros do reino a tentassem manipular, seriam derrubados pelo seu rugido.

— Edwina... Fico feliz por estares bem!

A exclamação de Ivarr fez-me piscar os olhos, desconcertada. Enquanto imergira em cogitações, os traços do seu rosto tinham-se suavizado. A voz perdera o tom mordaz e soara simplesmente cansada. Ante a sinceridade refletida no olhar cristalino, engoli em seco e volvi a única coisa que me ocorreu:

— Obrigada.

A noite passou e a condição de Helgi não evoluiu. Pelo menos, a pedra azul continuava a brilhar com vivacidade sobre o seu peito. Thorson aconchegava-se junto do pai, ainda demasiado fraco para despertar, mas sem inspirar cuidados. A magia era mesmo assim! Havia um preço a pagar de cada vez que despendíamos grandes quantidades de energia. Com o passar dos anos, a experiência concedia-nos alguma resistência. Porém, até mesmo os Seres Superiores padeciam de períodos de fraqueza, após a execução de um sortilégio mais elaborado. Por essa razão, eu acalentava a esperança de que Gwendalin não se manifestaria nos próximos dias.

Ao nascer da manhã, Ivarr ordenou que Helga fosse conduzida à sua presença. Eu ignorei o desagrado do olhar cristalino e mantive-me ao lado da princesa, temendo que o interrogatório se transformasse num julgamento. Contudo, a minha intervenção foi escusada. Apesar de combalida e trêmula, Helga respondeu com firmeza às questões concisas que lhe foram colocadas. Não hesitou, mesmo quando confessou a sua participação nas batalhas que, recentemente, haviam oposto Vikings a Vândalos. Falou dos nevoeiros místicos que criara, das tempestades que alimentara, da energia que cedera aos seus guerreiros para torná-los superiores aos nossos... Felizmente, Ivarr também lhe permitiu justificar a sua influência no sonho de paz que levava o rei Vestein a propor tréguas ao rei Steinarr e as suas malogradas tentativas de escapar ao domínio da bisavó feiticeira.

Ao ser confrontada com os últimos acontecimentos, o palor de Helga tornou-se cadavérico. Ainda assim prosseguiu, contando que Aesa planeava concretizar a profecia do filho do dragão. Estremeceu de horror, ao descrever o ritual celebrado nos Pântanos Nebulosos e

a dor quase a prostrou, ao relatar o confronto com o rei Raud, que os forcara a fugir para preservar a vida. No fim, esqueceu o orgulho e arrojou-se aos pés do príncipe viking, suplicando clemência para Helgi. Eric aguardou pelo sinal do seu senhor, que lhe permitiu ajudá-la a levantar-se. Apercebi-me de que os dois já haviam debatido os argumentos de Helga... E fiquei convicta de que a jovem passara o teste de confiança. Só esperava que a sua humildade tivesse tocado o coração do Espírito da Luz. Sem a benevolência de Ivarr, os gêmeos vândalos estariam perdidos.

Amparei Helga no regresso ao quarto e, qual não foi o meu espanto, ao encontrar Thora debruçada sobre Freya. A mais nova acabara de vomitar em cima do tabuleiro carregado de iguarias que a sua gêmea lhe trouxera para o pequeno-almoço. O olhar chocado da Loba Prateada caiu sobre mim. Era óbvio que já não estava tão distraída dos assuntos das mulheres como antigamente. Concentrou-se no alívio da irmã, sem se pronunciar. Todavia, logo que a oportunidade surgiu, arrastou-me para a rua, a fim de não corrermos o risco de ser escutadas, e confrontou-me sem rodeios:

— A Freya está grávida?

Seria inútil mentir-lhe! Logo, o ventre da sua gêmea começaria a crescer e a verdade haveria de se declarar à vista de todos. Respirei fundo e confirmei com a cabeça.

— Do Helgi? — Foi a questão seguinte.

— Sim.

— Ele forçou-a?

Franzi o cenho e enfrentei o seu olhar, replicando:

— Por que não aceitas, de uma vez por todas, que Helgi e Freya se amam? O seu sentimento tem de ser maldito, só porque nasceram em lados opostos do campo de batalha? Imaginas o quanto a nossa irmã padeceu, durante os anos em que a separação lhes foi imposta? Fazes idéia de como sofre, ao observar a energia da pedra mágica que o sustem a extinguir-se? Thorson acabou de conhecer o homem que lhe deu vida e não tardará a vê-lo morrer! E o seu irmão só poderá julgar os feitos do pai através das nossas palavras.

Thora desviou o rosto e soltou uma exclamação pungente. Levou a mão à testa e esfregou-a como se desejasse arremessar para longe os pensamentos que a assolavam. Começou a marchar para trás e para diante, desassossegada pelos espectros de um rancor que alimentava desde o berço. A minha irmã crescera com a convicção de que os Vândalos eram as criaturas mais desprezíveis que pisavam a Terra. Assimilar o que estava acontecendo era-lhe bastante difícil. Todavia, eu esperava vê-la tentar...

— Por que é que o Helgi não desperta?

A pergunta ecoou-me no espírito qual chicotada. Thora parara e fitava-me, esperando uma resposta objetiva. Sacudi os ombros e desabafei a frustração que me corroia:

— Isso gostava eu de saber! Já tentamos tudo. O seu corpo sara, mas o espírito apaga-se como se a morte lhe tivesse fincado as garras...

Essas palavras fizeram-me reviver o momento em que o lobo negro se separara do homem e enfrentara a rainha do submundo; o terrífico instante em que as adagas de osso se haviam cravado no pêlo espesso, até o sangue verter. Eu suspirara, vitoriosa, quando a morte recuara. No entanto, agora compreendia que a molesta figura apenas libertara o corpo do guerreiro porque sabia que lhe tinha marcado a essência e poderia reclamá-la mais tarde. Sob a luz da revelação, percebi que era o Espírito da Escuridão, e não Helgi, quem necessitava de ajuda. Longe da solução, o problema assumia uma complexidade colossal! O homem e a fera eram incapazes de subsistir apartados... E a sua salvação encontrava-se para além do meu poder!

A magia das Entidades que possuíam os reis-lobo era singular — não obedecia às regras da Arte Luminosa, nem da Arte Obscura. Muitas vezes eu sentira a sua complexidade, enquanto vivera com Ivarr; a natureza independente, mesmo selvagem, que sempre me desconsiderara com a sua indiferença. Por isso, nenhum dos nossos esforços para restituir a vitalidade a Helgi fora bem-sucedido! Só uma energia equiparada à sua conseguiria livrá-lo da morte... E, em toda a Terra, apenas existia uma pessoa capaz de concretizar tal

prodígio! Como num sonho, ouvi Thora dar voz ao meu raciocínio com a sua simplicidade sem igual:

— Se a morte tocou o espírito do vândalo, há que libertá-lo ou ele perecerá... E como rei-lobo que é, só Ivarr tem poder para ajudá-lo.

Senti a cabeça latejar, ao exclamar sufocada de angústia:

— Ivarr jamais o fará!

Thora fixou o manto de neve que cobria o solo e engoliu em seco. O vento agreste do fim da manhã entrelaçou-se nos seus cabelos, fazendo-os esvoaçar como um estandarte de guerra. Fui percorrida por um calafrio, quando objetou num tom grave e solene:

— Há de acudir-lhe... Se eu lho pedir!

Thorson despertou a tempo de jantar conosco. Durante a refeição, Ivarr cobriu-o de atenções, num alvoroço quase obsessivo. O entusiasmo do pequeno prodígio para com o pai anunciava-se uma ameaça. O príncipe viking sempre estimara o meu sobrinho como se fosse seu filho. Pensar que podia perder o afeto de Thorson para o grande rival deixava-o roxo de ciúme. Porém, quando terminamos, o petiz mostrou-nos que sabia bem o que queria, ao correr para o quarto e aninhar-se junto do peito de Helgi.

Recolhi-me cedo, decidida a fruir de uma boa noite de sono. Thorson restabelecera-se e o seu espírito estava protegido pela magia da Lágrima do Sol. Helga e Freya velavam por Helgi, logo a minha presença ao seu lado era escusada. Se essa fosse a última noite do Espírito da Escuridão, seria passada na companhia daqueles que mais o amavam.

Deitei a cabeça na almofada, mas não fui capaz de fechar os olhos. A minha essência continuava a clamar por Edwin, sem obter resposta. Por outro lado, inquietava-me o silêncio proveniente da Floresta Sombria. O que estaria Gwendalin a tramar, escondida sob a pele da virginal Gríma? Que atrocidades o rei Raud imporia ao seu povo, agora que era escravo da feiticeira? E por quanto tempo Snari sufocaria a sua ambição de se tornar rei dos Vândalos, iludido pelas promessas da amante? O desejo de recorrer à Visão para esclarecer essas dúvidas trazia-me suores à testa. Porém, temia arriscar a

viagem da essência. Se Gwendalin adivinhasse a minha iniciativa, a curiosidade haveria de me custar a vida.

Os homens deram por encerradas as conversas. As criadas terminaram os seus afazeres. A casa adormeceu. Todavia, os meus sentidos permaneceram alerta. Não conseguia dormir! Raios, como podia restabelecer as forças, se a mente me recusava o almejado descanso?

Um ruído chegou-me aos ouvidos, tão subtil que o crepitar da lareira bastava para abafá-lo. Alguém abandonara o aconchego da cama e esgueirava-se através do salão. Sustive o fôlego ao reconhecer a energia de Thora. Após a nossa conversa, até adivinhava para onde se dirigia! Tapei a cabeça com a manta e cerrei os olhos, decidida a confiar na determinação da minha irmã. Imaginava quão difícil lhe seria interceder por Helgi diante de Ivarr. O caprichoso destino colocava novamente a Loba Prateada entre o Espírito da Luz e o Espírito da Escuridão, troçando impiedosamente dos seus sentimentos e convicções.

Contorci-me na cama, lutando contra a ânsia que me devorava a vontade. Eu não tinha o direito de invadir a privacidade de Thora e Ivarr! Então, abri os olhos... e a Visão tomou-me de assalto, deixando-me à deriva num remoinho de cores e sons. Levei algum tempo a recuperar o domínio da consciência. E, quando finalmente o alcancei, encontrei-me no quarto do herdeiro do trono viking, onde a minha irmã se detinha com o corpo trêmulo e o rosto em brasa.

O príncipe despertara com a entrada da guerreira e fixava-a, incrédulo, como se julgasse sonhar. Thora parecia incapaz de reagir sob a intensidade do olhar cristalino. A beleza selvagem e pura do homem que amava roubava-lhe o fôlego, prendia-lhe a voz. No instante em que Ivarr se sentara na cama, as cobertas tinham deslizado, expondo o peito másculo enfeitado não só com os símbolos da linhagem real — o carvalho da sabedoria e o falcão do poder, mas também com as marcas rituais que o uniam aos seus lobos —, cinco cortes perfeitos sobre o coração. Chocada, verifiquei que uma delas já quase desaparecera; o último testemunho da bravura de um guerreiro-lobo. Ivarr decerto enlouquecera de aflição, ao aperceber-se da agonia de Ketill, impotente para lhe valer.

— Thora? — apelou, incentivando-a a falar. Porém, a jovem estava perdida na visão dos cabelos que se espalhavam sobre os ombros largos, libertando reflexos de preto, azul e prata, à luz dançarina da lareira que espreitava pela cortina.

O rei-lobo sorriu levemente, perante o seu encanto. Estendeu a mão devagar, temendo assustá-la, enquanto murmurava num tom rouco e sedutor:

— Vem... Juro que não te mordo!

A guerreira correspondeu com lentidão; a respiração entrecortada empurrando os seios firmes contra a lã da túnica. O contato com os dedos de Ivarr fê-la estremecer. Mal se sentara na cama, já ele a estreitava e unia as suas testas, sussurrando:

— Imaginas como me dói estar longe de ti? — Deslizou o rosto pela pele macia, traçando linhas de fogo com os lábios. — Amo-te, minha loba... Desejo-te tanto que o meu corpo se consome só de te olhar!

— Ivarr... — arquejou Thora, tentando reunir alento para afastá-lo. — Não foi por isso que vim...

O príncipe riu baixinho, ciente do poder que detinha sobre a jovem. Rodeou-lhe o rosto com as mãos e afundou-se no seu olhar, indagando:

— Por que vieste? Diz-me, antes que esqueça a promessa que te fiz e devore essa boca que me rouba a razão.

— Vim pedir-te que ajudes o Helgi — replicou ela de um só fôlego, valendo-se da última réstia de controlo.

Um mergulho em água fria teria tido um impacto menos violento. Ivarr recuou bruscamente; o gelo substituindo as flamas no seu olhar.

— Tu sabes arrefecer o ardor de um homem! — mastigou, forçando-se a manter a voz baixa, apesar de a ira lhe colorir as faces. — Foi a Edwina quem te encomendou essa tolice?

Thora negou, tentando permanecer calma ante a fragilidade da situação:

— Estou aqui por minha iniciativa.

— O que te importa a sorte do vândalo? Já tiveste a sua vida nas mãos...

— Mas poupei-o, não foi? — interrompeu ela, segurando-lhe o braço para que continuasse a escutá-la. — E muita coisa aconteceu, desde então.

— Deixa-me ver... — ironizou o rei-lobo. — Freya foi raptada. Ketill foi assassinado à traição...

— A morte de Ketill também me dói, Ivarr! — A voz de Thora quase falhou, comprovando a veracidade do seu protesto. Teve de respirar fundo, antes de prosseguir: — Freya jura que Helgi tentou impedir o ataque aos nossos homens. Além disso, a Edwina garante a boa índole dos dois irmãos...

— Os juízos da Edwina já não me impressionam!

O corte do príncipe fez a guerreira engolir em seco. Abanou a cabeça, sustentando o olhar glacial. O silêncio pesou entre os dois, solidificando o ar ao seu redor. Por fim, Thora esboçou um gesto de desânimo e exclamou gravemente:

— Tu és o único capaz de salvá-lo!

— Sim, sou! — confirmou Ivarr num tom ferino, quase agressivo. — Mas por que raio o faria?

A minha irmã hesitou, sabendo o quanto arriscava ao volver:

— Porque és um homem justo e generoso... — Levou a mão ao rosto do príncipe, acariciando-lhe a barba com a ponta dos dedos. — E porque eu te estou a pedir!

Ivarr quedou-se como se varado por uma espada. Instintivamente, levou a mão ao peito sobre as marcas rituais. Os seus lábios tremiam, quando a interpelou:

— Tens noção das implicações da minha interferência?

A Loba Prateada mal conseguia respirar, mas retrucou com prontidão:

— Para salvá-lo terás de unir os vossos espíritos... E, para que a magia se manifeste, necessitas de fazê-lo teu irmão de sangue.

— E ainda assim insistes?

— Eu confio na sorte, Ivarr! — Thora inspirou um fôlego de coragem e envolveu as faces do seu senhor entre as mãos, submergindo no olhar verde. — Amo-te desde que guardo memória... No entanto, jamais imaginei que correspondesses ao meu afeto. Hoje, posso sonhar com o dia em que serei tua mulher;

em que receberei a bênção de carregar os nossos filhos no ventre... — Fez uma pausa para dominar as emoções que a suplantavam, antes de concluir: — Helgi foi um dos nossos inimigos mais temíveis. No entanto, acredito que o amor de Freya mudou o seu coração. É inquestionável que arriscou a vida por ela! E, agora, está à tua mercê! Dar-se-ia o destino ao trabalho de colocar o Espírito da Luz e o Espírito da Escuridão frente a frente, após o cumprimento da profecia, sem que existisse um propósito?

O rei-lobo arrastou as mãos da Loba Prateada até ao peito, replicando numa voz que aquecera sob a influência das suas palavras:

— E que propósito será esse?

Ela arfou ao sentir-lhe as batidas aceleradas do coração. Permitiu que os seus dedos se movessem sobre as tatuagens coloridas, como se apreciasse a suavidade das penas do falcão e a frescura das folhas do carvalho. Eu sabia que o elo que os unia ia muito além do apelo da carne. Arrepiei-me ao ouvi-la declarar:

— Certo dia, a Velha do Tronco Oco disse à minha mãe que Throst, filho de Thorgrim, seria pai de três reinos: um para a profecia, um para a união e um para a paz. Tenho refletido muito acerca do significado dessa predição... E hoje, ao conversar com a Edwina, tudo se esclareceu. Se o reino da paz depende de nós, o reino da união depende da Freya e do Helgi, pois jamais existirá concórdia no Norte, enquanto Vikings e Vândalos não se entenderem.

O enigma que me amofinava há anos fora interpretado pela minha irmã, em poucas palavras e com uma clareza surpreendente. Ivarr também se impressionara. O olhar cristalino não abandonou Thora, quando o silêncio tornou a envolvê-los. Ela aguardou pacientemente, enquanto o seu senhor ponderava. O ar estalava entre os dois, carregado de energia, de flamante emoção. Por fim, o rei-lobo soprou o ar e perguntou:

— Se eu aceder... estarás ao meu lado? — A resposta da Loba Prateada foi imediata:

— Estarei ao teu lado até ao fim da minha vida.

No dia em que Ivarr iniciara Thora, a minha essência observara secretamente a cerimônia que os tornara irmãos de sangue... E a intimidade daí resultante quase me enlouquecera de ciúme! Agora, os dois dispunham-se a algo diferente, já que Helgi não tinha poder de decisão. Contudo, eu imaginava que seria um ritual igualmente intenso, carnal, bastante desagradável para os olhos de alguém que não possuísse, ou fosse incapaz de compreender, a energia mística que animava os seus espíritos. Felizmente, a Visão libertou-me no instante em que o rei-lobo e a Loba Prateada firmavam o compromisso que podia salvar Helgi... ou arruinar o precário equilíbrio que nos sustinha à beira do caos.

Pouco depois, abri o meu quarto a Freya, Thorson e Helga, assumindo a difícil tarefa de explicar-lhes a razão por que Ivarr ordenara que o deixassem a sós com Thora e Helgi. A princesa dos vândalos inquietava-se por abandonar o irmão moribundo às mãos da mulher que o desfigurara e do homem escolhido pelos deuses para seu émulo. Freya não compreendia por que a proibiam de participar no ritual. Afinal, se a interpretação que Thora fizera da profecia da Velha do Tronco Oco estivesse correta, o seu lugar era ao lado de Helgi. Só Thorson se apresentava tranqüilo, como se suspirasse de alívio ante a resolução dos adultos.

Julguei que íamos enfrentar uma tormentosa e angustiante vigília. Todavia, logo Freya fechava os olhos e adormecia profundamente. Helga também não demorou a ceder ao cansaço... Thorson já ressonava. Mais parecia que uma brisa de restabelecimento soprava sobre a casa do *jarl* Eric, sarando os corpos e pacificando os espíritos. Tudo era serenidade e harmonia... E o sono que eu tanto almejava no início da noite surgiu finalmente. Porém, não da forma que era esperado! No momento em que fechei os olhos e a consciência se dissolveu no sonho, senti o odor inconfundível dos bosques; o perfume da terra, após uma chuva abençoada... E o cheiro dos lobos.

A noite enchia-se de uivos longos e afinados, enquanto eu sobrevoava a vastidão branca do Norte, salpicada pelo verde e o castanho das densas florestas. Envoltas pelo encanto da magia, três feras corriam em direção ao cume da mais alta das montanhas: uma

mancha alva, outra prata e outra negra, avançando ao ritmo das batidas do meu coração. No topo do mundo, com os olhos postos no céu de cinza e flamas, entoaram um cântico a três vozes — um hino à vida, à esperança... uma ovação à liberdade.

Quando acordei, Thorson e Freya dormiam abraçados, com expressões serenas. O sono de Helga também se afigurava tranqüilo. Aconchegada na manta de lã, com os cabelos cor de cobre dispersos sobre a almofada, a princesa do povo vândalo mais parecia uma deusa condenada ao exílio na Terra.

Deslizei para fora da cama com cautela, para não os despertar. Ao entrar no salão, verifiquei que a casa se mantinha adormecida. As criadas já deveriam estar de pé, aquecendo água para os banhos e preparando a refeição da manhã... Todavia, esse não seria um dia normal! Todos fôramos, de alguma forma, enleados pelas forças mágicas que haviam governado a noite. E eu ansiava por conhecer o desfecho do fenômeno que determinara a sorte do Espírito da Escuridão. Tinha de confiar na boa vontade divina... E na abnegação do Espírito da Luz.

Hesitei junto à cortina que guardava o segredo. Porém, o que se revelou aos meus olhos ia além do alcance da mais fértil imaginação. Estaquei, tão pasmada que não emiti um som. Helgi continuava vivo, apesar de a pedra azul lhe pender no peito, sem réstia de magia. A sua pele nua estava marcada por sulcos de sangue seco, provenientes da ferida profunda que o ombro exibia, rente ao pescoço. Sentado à cabeceira da cama, Ivarr ostentava uma marca semelhante. Uma das suas mãos apertava a de Helgi. A outra perdia-se nos caracóis de Thora, que dormia no seu colo. Prendi o fôlego quando o olhar do Espírito da Luz me fixou. O verde cristalino ainda guardava centelhas do fogo que, há pouco, o incendiara. Contudo, não existia um traço de críspação, rancor ou repulsa no seu semblante. Ivarr estava em paz!

— Chama a Freya — solicitou numa voz rouca e profunda, testemunho da fera que habitava a essência do homem. — Helgi ficará satisfeito se a tiver ao seu lado quando acordar.

Engoli o assombro e apressei-me a obedecer. Na minha cama ninguém se movera. Porém, mal lhe toquei, Freya abriu os olhos

com a ansiedade marcada em cada traço do rosto. Fiz-lhe sinal para que me seguisse em silêncio e ela obedeceu, sem delonga. Quase correu até ao quarto do enfermo, tremendo de inquietação. Eu não tinha como prepará-la para o que a esperava. No entanto, surpreendi-me ao constatar que, ao contrário do que sucedera comigo, a intimidade dos guerreiros-lobo não lhe causava transtorno. Abeirou-se da cama e acariciou a testa do seu amor, interpelando Ivarr:

— O Helgi vai ficar bem?

O príncipe respondeu com sobriedade:

— Quando o espírito da fera se libertou das garras da morte, o homem clamou o teu nome. — O olhar cristalino voltou-se para a Loba Prateada que acabara de despertar. — Confesso que não aceitei esta missão de ânimo leve. Só condescendi por amor... Todavia, se o amor vencer, terá valido a pena!

— Obrigada do fundo do coração, Ivarr! — enunciou Freya, comovida. — Helgi é um bom homem! Saberá agradecer-te...

— Eu dispenso agradecimentos, cunhada! Basta-me que o filho de Vestein reconheça a sorte que tem e aproveite este ensejo para desfrutar de uma nova vida, do teu amor e da graça de ver os filhos crescerem.

Helga chegou nesse momento. Em silêncio, vimo-la avançar até ao irmão e tocar-lhe na fronte. O seu corpo vacilou e as lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Prosternou-se diante de Ivarr, balbuciando palavras de reconhecimento, por entre os soluços do pranto. Então, Thora incentivou a princesa do povo vândalo a suster-se, declarando:

— Que este seja o início de uma nova era! Aprendamos com os erros do passado, para que, em vez de chorarem as nossas lágrimas, as gerações futuras possam partilhar do nosso riso. — O seu olhar deteve-se em cada um de nós, antes de regressar a Helga. — Hoje conquistamos uma grande vitória! Não só vencemos a morte, como enterramos o machado de guerra sobre um ódio secular. Restame desejar que este exemplo se estenda para lá da cortina deste quarto e das paredes desta casa.

A maturidade do discurso da Loba Prateada deixou-me perplexa. Há bem pouco tempo, teria sido ela a desembainhar a espada contra os príncipes vândalos. Hoje, eram as suas palavras que buscavam concórdia. Fixei Ivarr, alentada pela esperança. Se o rei-lobo encontrara dentro de si a generosidade para perdoar Helgi, talvez, um dia, pudesse superar o ressentimento e compreender o meu amor por Edwin! O seu olhar estava preso em Thora, embevecido... E a voz possante transbordava orgulho, ao afirmar:

— Falaste como uma rainha!

A minha irmã sorriu, entrelaçando os dedos nos dele. Sentime confortada ao observar o seu enlevo. Durante anos, Ivarr e eu desesperáramos, sem entendermos por que éramos incapazes de nos ajustar. Felizmente, o destino acabara por suprir esse desacerto. De outra forma, teríamos teimado em assumir o nosso casamento, até sermos consumidos pela frustração e pelo rancor, demasiado cegos para ver e ouvir a verdade, mesmo quando esta estrebuchava e bradava à nossa frente.

Cumprida que estava a sua missão, o rei-lobo e a Loba Prateada partiram. Ao sentir-se privado do apoio do Espírito da Luz, Helgi agitou-se e soltou um gemido. Contudo, não despertou. Nesse instante, Thorson afastou a cortina e espreitou timidamente. Freya estendeu-lhe a mão e incentivou-o a aproximar-se. Sentado no colo da mãe, Thorson não desviava o olhar do homem cujo rosto era um reflexo adulto do seu. Por fim, inclinou-se e pousou a mão em cima do peito do pai, exclamando num tom decidido:

— Acorda!

Os olhos do Espírito da Escuridão agitaram-se por baixo das pálpebras... E abriram-se para a realidade. Freya gritou e caiu sobre o pai e o filho, chorando de alegria. Cerrei os dentes para suster a comoção, ao ver o príncipe vândalo estreitá-los. Helga ensaiou um passo na sua direção... Contudo, acabou por recuar e sair do quarto. Segui-a, mas ela escusou a minha companhia, replicando:

— Desculpa, Edwina. Preciso de estar só.

Quedei-me pregada ao chão, enquanto ela caminhava até à porta num passo incerto e se misturava com o nevoeiro. Desde o dia da concepção, Helga e Helgi tinham vivido um para o outro. Agora, o

Espírito da Escuridão abraçava uma nova família e a possibilidade de iniciar outra existência. Por mais que se alegrasse pela fortuna do irmão gêmeo, a vidente sabia que não tornariam a desfrutar da cumplicidade de outrora. E essa percepção deixava-a à deriva na incerteza do seu próprio futuro.

Quase saltei de susto, quando a voz de Eric se elevou ao meu lado:

— Deixa-a ir, prima... Por vezes, a solidão é o melhor bálsamo para uma ferida.

Por mais que me custasse admiti-lo, ele tinha razão. A força que atraía Thorson à Terra Antiga estava satisfeita. Agora, a atenção do meu sobrinho voltava-se para a Lágrima do Sol. No quarto que acolhia Helgi, longe de olhares estranhos, entreguei-lhe o cristal para que apaziguasse a voracidade da sua essência. Assim que mergulhou na deslumbrante cintilação, foi transportado até outra realidade, onde o seu espírito podia saciar a fome de conhecimento. Por enquanto, eu devia apenas acompanhá-lo; permitir-lhe descobrir a magia, o seu encanto... e o seu peso. Aperceber-me de que Thorson estava destinado a herdar o legado de "O Que Tudo Vê" deixara-me tão satisfeita quanto apreensiva; temerosa de que a sua personalidade forte, irrequieta e pertinaz, acabasse por desviá-lo do bom caminho, nas fases mais avançadas do treino. Todavia, o pequeno aprendiz parecia sofrer uma transformação salutar, sempre que a energia da Lágrima do Sol o envolvia. Ficava calmo, seguro, determinado na vontade, contudo prudente em cada passo.

Freya não se manifestou perante o roubo do filho. Eu conhecia bem o seu pavor de ver Thorson abraçar o mundo místico. Não fora há muito que a minha irmã se negara a consentir que o petiz iniciasse o treino da Arte. Porém, também ela tivera de concordar que nada mais havia a fazer. Contrariá-lo seria bastante pior do que orientá-lo na direção da luz. As forças tenebrosas da magia negra não hesitariam em usurpar-lhe a essência, se a oportunidade as favorecesse.

Em contrapartida, Helgi parecia deslumbrar-se com o poder de Thorson. Nas poucas palavras que o príncipe vândalo cedia, descobri que o filho o visitara nos seus sonhos. Comecei por ranger os

dentos, desagradada. O meu sobrinho prometera-me que não usaria as suas habilidades para se aproximar do pai, sob nenhum pretexto. Não obstante lhe ter explicado que tamanha ousadia podia ser muito perigosa ou até fatal para os dois, era óbvio que Thorson não resistira à tentação e me desobedecera. O apelo do sangue acabara por ser mais forte do que a distância ou a separação imposta pela nossa atribulada existência. A razão ordenava-me que o repreendesse severamente. Contudo, não tive coragem para tal. Vivíamos tempos difíceis e o pequeno acabara de se comportar como um herói. Mais tarde, conversaríamos sobre esse assunto. Agora, deixá-lo-ia desfrutar da alegria de ter, finalmente, o pai e a mãe ao seu lado.

Ao invés de estar à cabeceira do irmão, Helga preferia juntar-se às mulheres da casa e auxiliar nas tarefas domésticas. A sua iniciativa surpreendeu o *jarl*. Mal acreditava que a limitação física da vidente não influenciasse a sua destreza. E causava-lhe ainda mais estranheza que uma princesa pudesse gostar de enterrar os dedos na massa do pão, ou se divertisse a cortar os legumes para a sopa e a preparar o molho do guisado. Quem não se queixava era a cozinheira, que não tardou a render-se à simpatia da hóspede.

Confortava-me verificar que a agitação que rodeava a princesa dos vândalos a distraía da sua dor. Ficou especialmente feliz, quando uma das cadelas-lobo do *jarl* decidiu que era tempo de parir a ninhada. Mais parecia que o animal aguardara a nossa chegada! Sempre atento ao que se passava na casa, Eric fez questão de ajudar a mais velha das fêmeas da sua matilha, na difícil tarefa de pôr cinco crias no mundo. E, com extrema subtileza, conseguiu que Helga lhe falasse do cão-lobo que crescera ao seu lado... e dera a vida para salvá-la. Emocionei-me ao ouvir o meu primo oferecer-lhe um dos recém-nascidos. Era um presente valioso, mas não foi essa razão que trouxe lágrimas aos olhos da princesa e lhe coloriu as faces com um sorriso. Sem sequer desconfiar, Eric acabara de derrubar a última barreira que Helga erguera em torno do coração.

Mal conseguiu levantar-se do leito, o príncipe Helgi do povo vândalo veio inclinar-se diante do príncipe Ivarr do povo viking. Não duvidei da sua sinceridade, quando expressou gratidão ao homem

que o salvara das trevas do esquecimento. Porém, existia uma amargura no olhar azul celeste impossível de ocultar. O mundo onde o Espírito da Escuridão nascera e crescera cessara de existir. Todas as questões que defendera tinham sido postas em causa. Os seus amigos haviam-se tornado inimigos... E os inimigos que baixavam as armas para o recolher jamais lhe concederiam entrada nos seus corações. Por onde quer que andasse, Helgi seria um proscrito, um estranho olhado com desconfiança e ressentimento. A forma como concluiu o seu discurso revelava desalento, mas também uma extrema solidez de caráter:

— Se assim o desejares, Ivarr, filho de Steinarr, servir-te-ei com lealdade, pois tenho para contigo uma dívida de sangue e de honra. No entanto, devo dizer-te que morrerei antes de erguer a voz ou a mão contra o meu povo!

O salão da casa do *jarl* Eric susteve o fôlego. A guarda pessoal do Espírito da Luz mantinha-se por trás do seu senhor e mais ninguém se atrevia a aproximar. Contudo, todos os ouvidos assimilavam avidamente cada palavra proferida.

Ivarr não respondeu de imediato. Os deuses haviam determinado que o guerreiro que se prostrava aos seus pés seria seu adversário, até que um dos dois tombasse. Porém, Thora mudara o curso da sorte, ao poupar Helgi na derradeira batalha que decidira os seus destinos... E voltara a alterar a rumo das suas vidas nessa noite, quando o convencera a salvá-lo. Agora, o Espírito da Escuridão já não era seu inimigo, mas seu irmão de sangue. E essa realidade pesava nos espíritos de ambos os reis-lobo com igual veemência. O príncipe vândalo era um líder... E, apesar de ferido no orgulho, a sua nobreza garantia-lhe o direito de ser tratado como tal. A ansiedade já quase nos impedia de respirar, quando Ivarr declarou com firmeza:

— És um homem de vontade forte, Helgi, filho de Vestein... No fundo, não somos assim tão diferentes! Que todos os que nos rodeiam testemunhem que te libero do sangue que me deves. Não te ajudei com o propósito de te humilhar, nem de te usar contra o teu povo, tornando-te prisioneiro de um voto de honra. Fi-lo porque

me convenceram de que tens muito para dar à tua terra e à tua gente.

— A minha gente cospe sobre o meu nome — replicou o outro, com a voz embargada pelo desgosto. — Jamais poderei voltar a pisar a terra que me viu nascer... Por isso, se prescindires dos meus serviços, ousa pedir-te que estendas a tua generosidade e me deixes partir com a minha família, a fim de iniciar uma nova vida longe daqueles que conhecem a nossa história.

Um gemido quase inaudível alcançou a minha percepção superior. Helga levava as mãos aos lábios e as suas faces empalideciam. Em contraste, Freya mantinha-se tranqüila. O seu amor era tão forte, que haveria de seguir Helgi até ao fim do mundo, sem pensar duas vezes. Surpreendido com a solicitação do vândalo, Ivarr abanou a cabeça e objetou com sobriedade:

— Deixar o Norte não resolverá os teus problemas! Pelo contrário, aqueles que te acusam de traição hão de aproveitar o ensejo para convencer os que te defendem de que a razão está do seu lado. A tua viagem será apontada como uma fuga; uma prova de culpa... Cairás em desgraça aos olhos do teu povo e, mesmo que te instales no outro lado da Terra, jamais tornarás a dar um passo com a cabeça erguida. O remorso de não teres lutado em defesa da tua honra, nem sequer tentado provar a tua inocência, irá perseguir-te e consumir-te até ao dia da morte.

Um a um, os argumentos de Ivarr foram vergando os ombros de Helgi. O seu olhar era o de um homem derrotado, ao responder:

— Tudo isso é verdade. No entanto, só assim poderei garantir a segurança da minha família.

Engoli em seco, reunindo coragem para intervir. Helgi não podia renunciar à missão que a profecia da Velha do Tronco Oco lhe atribuíra! E, como futuro Guardião da Lágrima do Sol, Thorson tinha de treinar a Arte sob a minha orientação. Todavia, o olhar de Ivarr cortou-me a voz. Foi ele quem contestou no seu tom rígido de comando:

— Discordo de ti mas respeito os teus motivos. Tens permissão para partir com a tua irmã... Porém, Freya e Thorson ficarão!

Ao meu lado, Freya saltou como se lhe tivessem espetado um ferro. Fui obrigada a segurá-la para impedi-la de se manifestar. Ivarr continuava:

— O *jarl* Throst da Ilha dos Sonhos confiou a sua descendência à guarda do rei Steinarr. Se desejares protestar da minha decisão, poderás submeter a tua causa à apreciação do soberano viking. De outra forma, terás dois cavalos, agasalhos e mantimentos à disposição, logo que recuperes as forças.

Helgi arquejava; todos os músculos palpitando sob tensão. Porém, não reagiu com a violência esperada. Talvez porque se sentisse demasiado fraco para reclamar, curvou-se diante do príncipe viking e tornou ao seu quarto. Freya libertou-se do aperto dos meus braços e seguiu-o, arrastando Thorson consigo. Helga manteve-se imóvel, com uma expressão perdida. Encontrei novamente o olhar de Ivarr e acenei-lhe em agradecimento. Sentime confortada ao vê-lo devolver a cortesia. Pelo menos por enquanto, não necessitava de me preocupar com a sorte de Freya e de Thorson. Contudo, o instinto avisava-me que permanecesse alerta. Não obstante a sujeição de Helgi, era óbvio que essa divergência de propósitos estava longe de um fim.

CAPÍTULO 7

Terminávamos a refeição da noite, quando a porta da casa do *jarl* Eric se abriu para ceder passagem a um mensageiro. O guerreiro enviado por um dos generais do rei Steinarr que montava cerco ao reduto vândalo era portador de um alerta inquietante: algo estranho se passava com a barreira de espinheiros. Os arbustos letais e fervilhantes de vida pareciam secar a cada dia, como se atacados por uma praga fatal. Seria uma armadilha destinada a atrair os Vikings para a morte? A rainha feiticeira já tentara iludir os seus inimigos, muitas vezes! No entanto, eu acreditava que as raízes dos espinheiros podiam estar, efetivamente, moribundas. Após o exílio de Aesa e a fuga de Helga, não restara ninguém para evocar o sortilégio que as alimentava. A nova senhora do destino dos Vândalos decerto possuía outras prioridades.

— Diz ao general que mantenha a posição — determinou Ivarr para meu alívio. — A rainha Aesa foi assassinada e outra feiticeira usurpou o seu lugar. Nenhum Viking deve avançar, sem que eu ou o rei Steinarr o ordenemos.

— Sim, meu príncipe! — respondeu o guerreiro, inclinando-se em reverência.

— Eric — prosseguiu Ivarr —, envia reforços para a fronteira. Não quero que os nossos homens se vejam em desvantagem, na eventualidade de um ataque.

— Talvez eu deva acompanhá-los — sugeriu o *jarl*.

— Não! — objetou o líder, esboçando um gesto na direção do quarto de Helgi. — A tua presença nesta casa é imprescindível. — De seguida, virou-se para os seus guerreiros-lobo. — Preparai-vos para regressar ao castelo. Tenho de reportar a nova ao rei. Se os espinheiros estão a definhar, esta pode ser a nossa oportunidade de tomar o reduto vândalo e acabar com a guerra.

— E a feiticeira, Ivarr? — indagou Bryan, apreensivo. — A Edwina acredita que Gwendalin é mais poderosa do que Aesa.

O Espírito da Luz mirou-me de esguelha e só depois revidou:

— Se assim for, mais uma razão para a enfrentarmos de imediato, antes que se restabeleça e absorva mais energia.

O seu raciocínio estava correto. Se o poderoso exército do rei Steinarr conseguisse atravessar o anel de espinheiros, a ameaça do povo vândalo cessaria de ensombrar os Vikings. E, quanto mais cedo se fizesse essa investida, mais hipóteses teríamos de vencer. Contudo, tal admissão era um punhal de dois gumes. Por mais que eu desejasse a paz no Norte, lamentava que esta tivesse de ser conquistada à custa de um novo banho de sangue.

O rei-lobo e a sua alcatéia estavam prestes a enfrentar a noite, de regresso ao castelo, quando uma cometa de alarme troou. O lamento agudo durou um fôlego... e cessou abruptamente. De imediato, o caos abateu-se sobre o salão do *jarl*. As criadas buscaram refúgio, guinchando em pânico, enquanto as armas voavam para fora das bainhas dos guerreiros. O chão estremeceu sob o peso das suas botas, no instante em que se precipitaram para a rua. Esqueci toda a prudência e corri no seu encalço.

Na Aldeia de Grim, as cometas exaltavam-se, assombrando as trevas. O fogo dos archotes revelava a negridão do céu, onde rios de sangue extravasavam das nuvens baixas. Os soldados do *jarl* organizavam-se, a fim de contrariarem um possível assalto inimigo. O primeiro som que arrepiara a noite fora o toque de alerta da guarda de fronteira viking, acampada na Floresta Sombria. E o modo brusco como se finara não era um bom augúrio!

Juntei-me a Ivarr e aos seus guerreiros-lobo. Thora quedou-se ao meu lado, como sempre fazia quando o perigo espreitava. Á nossa frente estendia-se uma vastidão de terreno acidentado, que terminava numa barreira cerrada de bosque. Se os Vândalos ousassem atacar-nos, seriam forçados a expor-se e sofreriam baixas consideráveis. Os arqueiros já se encontravam em posição, preparados para disparar sob as ordens da loba prateada. Contudo, aparte o vento que agitava as árvores, nada se movia no interior da floresta.

— Terão recuado ao saberem-se descobertos? — cogitou Eric entre dentes.

— Há magia no ar — anunciei, ofegante. — Adensa-se a cada momento...

A nefanda energia colava-se à pele como um espartilho e dificultava-me a respiração. Tentei concentrar-me, mas o esforço pôs-me a cabeça a latejar. De repente, escutei um apelo nas nossas costas. Helga tentava abrir caminho por entre os guerreiros. Ao mover-me para encará-la, senti o chão fugir debaixo dos pés. Amparei-me em Thora e quis gritar. Todavia, a voz saiu como um murmúrio:

— Deixai-a passar...

— Deixai-a passar! — clamou Eric, ajudando a minha irmã a suster-me.

Helga alcançou-me e fechou as mãos nos meus braços, suplicando aflita:

— Vós tendes de recuar, Edwina...

— O que estás a dizer? — interveio Ivarr, irritado.

Pisquei os olhos, combatendo a prostração. O toque de Helga era uma baforada de ar fresco a invadir-me os pulmões. Com o seu apoio, já diferenciava a magia maligna que empestava o ar e me asfixiava, como se de algo vivo se tratasse.

— Eles estão no céu! — respondeu a vidente, apontando para cima. O olhar dos homens elevou-se e os seus lábios soltaram interjeições de surpresa. As nuvens negras enxertadas de escarlate pareciam ruir sobre nós, quais pedregulhos mortais. De entre a confusão, distingui a voz do meu primo Darrin:

— Não vos assusteis! Isso é um fenómeno provocado pelo nevoeiro...

— Mantende as posições! — ordenava Ivarr.

— Atenção à floresta... — comandava Eric.

— Edwina... — balbuciava Helga, ansiosa.

Nada havia de natural na energia que nos oprimia! A minha vitalidade estava a ser devorada por uma feiticeira esfomeada por vingança e só o sustento de Helga me impedia de desmaiar. Combati o feitiço de decadência e reuni alento para suplantá-lo. A lucidez trouxe-me a consciência da dimensão do perigo. Gelei de horror, ao

reconhecer a magia que se agitava por cima das nuvens. Entretanto, Ivarr afrontava a princesa dos vândalos:

— Como te atreves a desafiar a minha autoridade?

— Ivarr! — contestei, obrigando-o a dar-me ouvidos. — Não há tempo para explicações! Temos de buscar abrigo

— O quê?

Um silvo ressoou sobre as nossas cabeças, crescendo até tornar-se ensurdecedor. Ante o pasmo dos guerreiros, as nuvens começaram a fender-se e sombras aladas tombaram do céu, quais lanças arremessadas por um gigante enraivecido.

— Disparem! — gritou Thora, empunhando o seu arco.

As setas trespassaram o ar e atingiram o objetivo. Porém, mesmo varados pelo metal, os colossais vultos negros arrojaram-se contra nós com um ímpeto assassino. Por entre o clamor de perplexidade, escutaram-se berros de dor. As chamas dos archotes revelaram pássaros que se assemelhavam a corvos, mas com uma envergadura de asas que superava os braços abertos de um homem. O vermelho flamejante dos seus olhos destacava-se das penas pretas, qual chuva de estrelas cadentes. Os bicos e garras eram armas capazes de esmagar ossos com a facilidade de machados de guerra. Possuíam menor tamanho do que a criatura que eu vira na cidade da rainha Lyria. Todavia, detinham a mesma proveniência maligna.

O meu coração quase parou, quando o brado de Thora se sobrepôs aos demais. A minha irmã foi arrastada para longe de Ivarr, por entre a agitação frenética da batalha. O príncipe tentou acudir-lhe, mas a chicotada de uma asa retardou-o. A Loba Prateada debatia-se para se esquivar do bico aguçado, enquanto as garras do corvo lhe laceravam o couro da armadura. A espada escapara-lhe da mão e jazia fora de alcance, parcialmente enterrada na neve. Ergui o braço, tencionando chamar um raio para afastar o monstro. Contudo, nada aconteceu. Incrédula e chocada, verifiquei que o sortilégio de Gwendalin não só me enfraquecera o corpo como drenara a magia do sangue. Quão poderosa era essa feiticeira? Voltei o olhar para a minha irmã, temendo encontrá-la esviscerada. No entanto, já a cabeça do corvo que a sujeitara rodopiava no ar, separada do corpo.

O guerreiro que socorrera Thora segurava uma espada com ambas as mãos e mal se agüentava nas pernas. As criaturas aperceberam-se da sua fraqueza e acometeram sobre ele. Teria sido esquarterado, se Ivarr não interferisse. Ao seu redor, a neve transformou-se em lama, tingida pelo sangue viscoso dos monstros. A Loba Prateada já se restabelecera, mas foi o príncipe viking quem ajudou Helgi a levantar-se, indagando com ardor:

— O que fazes aqui?

— Deveria estar na cama à espera da morte? — replicou o vândalo, arfando devido ao esforço. — Se os corvos invadirem a aldeia, ninguém escapará com vida!

— Juraste que não lutarias contra o teu povo — redarguiu Ivarr.

— Este não é o meu povo! — volveu o Espírito da Escuridão. E de novo brandiu a espada, impedindo que uma criatura os derrubasse, enquanto fazia ribombar a voz de trovão sobre o estridor da batalha: — Apontem à cabeça ou ao coração...

De fato, essa era a única maneira de cessar a miserável existência de uma alma penada. Ao longo de décadas, os lobos negros de Aesa haviam aterrorizado os Vikings, que os tinham julgado invencíveis. A fraqueza das bestas fora-me revelada pelo próprio Helgi, durante a batalha nos Pântanos Nebulosos. A rainha feiticeira estava morta... Porém, a maldição que evocava os espíritos danados não se finara com ela. Aesa legara o segredo do sortilégio ao seu carrasco. E Snari já provara ser um mestre nessa habilidade. Sem dúvida, os corvos estavam sob o seu comando.

— Fiquem juntos — ordenou Ivarr. — Cubram os arqueiros...

— Baixa-te! — gritou Bryan, empurrando-me a tempo de impedir que um par de garras me estraçalhassem. Arrastei Helga na queda e amparei-a. Sobre as nossas cabeças, a espada do meu primo rasgava o ar como um relâmpago. O sangue espesso e fétido da criatura encharcou-nos as vestes. Sufocada pelo susto, vi Bryan afastar o colosso de penas com um movimento brusco e arremeter contra outro inimigo. A poucos passos, um jovem berrava de agonia, incapaz de defender-se do corvo que lhe cravara as unhas no crânio e usava o bico qual punhal, descarnando-lhe as faces e furando-lhe os olhos. Ragnar tentou salvá-lo... Porém, era tarde.

— Tenho de fazer alguma coisa... — tartamudeei ao ver o rapaz tombar. — Mas o quê? Gwendalin usurpou-me a magia!

— E eu cedi-te a que possuía — arquejou Helga, com o rosto descorado de pavor. — Se o sortilégio não tiver esgotado a feiticeira, estamos...

Calou-se abruptamente e, antes que eu pudesse impedi-la, desatou a correr por entre o furor de lâminas, garras e bicos. Apressei-me no seu encaço, sem compreender a razão de tamanha insensatez. De súbito, os meus olhos depararam com Eric, aprisionado sob os cadáveres de dois corvos, estrebuchando na desesperada tentativa de se pôr de pé, enquanto outro monstro se arrojava sobre a sua cabeça.

— Não! — foi tudo o que consegui articular.

— Eric! — bradou Thora, num alerta terrificado

— Eric! — clamou Ivarr, lançando-se em auxílio do companheiro. O meu primo acabara de se libertar. Escutou os avisos, mas as suas pernas tornaram a falhar. Fixou o céu e os seus músculos paralisaram-se. Eu cessei de respirar tal a comoção. Eric ia morrer! Como num pesadelo, ouvi os sons desdobrarem-se, multiplicarem-se até ao infinito... Então, no preciso momento em que a besta concluía a ofensiva, Helga irrompeu através da minha visão distorcida pelo pânico e escudou o *jarl* com o seu corpo.

O corvo chocou contra a princesa, num tumulto de garras e penas aguçadas. O impacto foi tão violento, que ela caiu desamparada sobre Eric, com o predador a esmagá-los. Enraivecido, o monstro sacudiu a cabeça e escancarou o bico, soltando guinchos de gelar a alma. Preparava um novo assalto, com os olhos de fogo cravados no *jarl*, quando dois braços vigorosos o arrastaram de cima das suas vítimas.

Ao sentir-se sujeitada, a criatura distendeu as asas com toda a veemência. Ivarr quis impor-lhe a sua força, mas foi arremessado pelo ar e sofreu uma queda aparatosa. A aberração tornou a gritar, investindo contra ele... Contudo, a lâmina de Thora surgiu no seu caminho, ávida de sangue, desaparecendo no interior do peito negro com uma fereza brutal.

Alcancei Eric e Helga e suspirei de alívio, ao verificar que apenas estavam desacordados. O *jarl* batera com a cabeça numa pedra pontiaguda e sangrava, mas o corte não inspirava cuidados. Os ferimentos da princesa também eram menos graves do que eu receara. As garras da criatura tinham-lhe dilacerado a carne, mas os ossos haviam resistido ao embate. Helga era uma mulher forte e, graças à magia do seu sangue, depressa sararia.

Disponha-me a acordá-los, quando o mesmo silvo que desencadeara o ataque me feriu os ouvidos. Temi outra chuva de inimigos... Contudo, apenas um corvo se precipitava das nuvens raiadas de escarlate. Era consideravelmente maior do que as restantes almas penadas; tão colossal, que seria capaz de embrulhar um homem entre as asas ou de decepar-lhe a cabeça com um golpe do bico. Carregava qualquer coisa nas garras acutilantes... A luz mortiça dos archotes que ainda subsistiam ao ardor da batalha, julguei tratar-se de duas pedras.

— Por todas as serpentes do submundo! — exclamou Ivarr, atônito. — Que bruxaria é essa?

Engoli em seco, horripilada. A ameaça que acometia contra nós não era um espírito condenado a servir os caprichos do vidente vândalo... Era a criatura que atacara Edwin na cidade de Lyria! A manifestação da essência do próprio Snari! E isso significava que aquele que caísse sob a sua sanha estaria perdido.

— Dispara, Thora! — bradei. — Não o deixes aproximar-se!

A minha irmã obedeceu. Todavia, mal os seus dedos libertaram a corda do arco, o monstro largou o estranho fardo que transportava e esquivou-se.

As pedras tombaram sobre nós a uma velocidade vertiginosa. Thora rugiu de raiva e foi obrigada a desviar-se. A sua flecha trespassou uma asa da besta, sem lhe provocar incômodo. Antes que recuperássemos o fôlego, já a Loba Prateada voltara a atirar. Contudo, parecia incapaz de atingir mortalmente o alvo. Os companheiros detinham-se, perplexos ante a sua ineficácia.

— Falhaste outra vez! — exclamou Darrin, colocando em palavras o assombro dos demais.

Thora rangeu os dentes; a frustração e a ira brotando-lhe das faces como labaredas. O líder dos corvos malditos movia-se com uma destreza prodigiosa, atendendo ao tamanho descomunal.

— A magia da feiticeira protege-o — declarei. — É inútil...

Um novo silvo calou-me a voz. A essência de Snari chamava os escravos, para que estes lhe escudassem a fuga. De imediato, as aberrações suspenderam o assalto e voaram ao seu encontro.

— Isto não fica assim! — rugiu Thora. E apoiou-se sobre um joelho; os olhos fechados e o corpo inclinado para trás, como se ela e o arco fossem um só.

A minha atenção ficou cativa do céu. Porém, a cortina de penas já ocultava o manto de nuvens místicas. Se a Loba Prateada errara o alvo quando o tivera exposto, como aspirava agora obter um tiro certo?

A última flecha cortou o ar e desapareceu entre o negrume dos corvos. Os homens sustiveram a respiração, aguardando... aguardando... Então, as almas danadas chiaram uma última ameaça e mergulharam nas nuvens.

Seguiu-se um silêncio tenebroso, perturbado pela respiração ofegosa de Thora. Depois, os gemidos provenientes do campo de batalha arrebataram a nossa atenção. A luta findara e era necessário socorrer os feridos e preparar os mortos para a viagem que os levaria ao mundo dos espíritos. Alguns guerreiros dificilmente empunhariam armas nos próximos tempos. Os seus braços e mãos tinham sido descarnados até ao osso e demorariam a sarar. Contudo, viveriam para exhibir com orgulho as cicatrizes aos filhos e netos.

Eric recuperou finalmente a consciência. Sentou-se, mantendo Helga apoiada junto do peito, enquanto esfregava a testa, atordoado. Lembrar-se-ia de que a iniciativa arrebatada da princesa o preservara de uma morte violenta? Confirmei que sim, quando as suas mãos trêmulas afastaram os cabelos acobreados das faces pálidas, numa demonstração espontânea de afeto. Receei que o desvelo do *jarl* melindrasses Helgi... Todavia, a atenção do príncipe vândalo estava cativa do fardo que a essência de Snari lançara sobre nós.

Helga abriu os olhos brancos como o luar e esboçou uma careta de dor. No momento em que percebeu que era Eric quem a amparava, libertou um suspiro profundo e levou os dedos ao seu rosto. O *jarl* sorriu calorosamente, mas foi incapaz de proferir uma palavra. Em outras circunstâncias seria um conforto observá-los. Porém, Ivarr e Bryan já resgatavam da neve a carga que tanta curiosidade suscitava. Não se tratava de pedras como eu inicialmente julgara, mas de sacolas de pele. E o sangue que as manchava deixava adivinhar a perniciosidade do seu conteúdo.

Com a determinação de um líder, Ivarr desfez o nó que fechava um dos sacos. Um coro de perplexidade troou na noite, quando a cabeça decapitada de um homem ficou a descoberto. A luz bruxuleante dos archotes divulgava o suplício na expressão do infeliz. O sangue que gelara nos cabelos desgrenhados não disfarçava a sua cor acobreada, inconfundível aos meus olhos. Levei as mãos aos lábios, calando um gemido. A respiração de Eric alterou-se... E Helga esqueceu a compostura, encolheu-se contra o seu peito e desatou a chorar.

Demasiado chocada para reagir, vi Helgi tombar de joelhos como se tivesse recebido uma bordoadas nas costas. De entre os guerreiros, alguém indagou:

— Quem é esse homem?

Foi o próprio Ivarr quem respondeu:

— É o rei Raud do povo vândalo. Que nenhum viking vire a face ou se vanglorie do seu infortúnio, pois a sua morte não resultou de um confronto honroso.

Percebi-lhe a tensão na voz, nos traços do rosto, em todos os músculos do corpo... O olhar cristalino já fixava o outro saco, torturado pela dúvida. Teria o ataque dos corvos danados sido uma mera distração, para que Snari se pudesse aproximar dos seus inimigos, com o propósito de lhes lançar um desafio? A confirmar-se essa possibilidade, se uma das mensagens era dirigida a Helgi...

Ivarr revelou abruptamente o que a segunda sacola ocultava. Desta vez, o pasmo da multidão extravasou em interjeições de horror e repulsa, diante da cabeça de Magnor. Engoli em seco, ao ver concretizadas as minhas piores suspeitas. Os olhos cinzentos do

príncipe rebelde evidenciavam-se no rosto torturado, esbugalhados de pavor. Os lábios roxos escancaravam-se, num grito que jamais cessaria de ecoar nos labirintos glaciais e sombrios do submundo. A sua vida curta e atribulada chegara ao fim, do modo mais deplorável que eu conseguia imaginar.

O nosso povo não esquecerá o sofrimento e a humilhação infligidos por Magnor. Todavia, ninguém se quedava indiferente, ao constatar a aviltante morte que sofrerá. Vozes indignadas exaltavam-se, reclamando vingança. Foi debaixo desse rugido de revolta, que o herdeiro do trono viking pousou a cabeça do irmão na neve. Eric deixou Helga ao meu cuidado e dirigiu-se ao amigo. Thora cobriu os despojos humanos com a sua capa, antes de fitar Ivarr com uma expressão condolente. Um a um, os guerreiros-lobo rodearam o seu senhor... Porém, não era sobre eles que a atenção do rei-lobo recaía.

Sob o fogo irrequieto dos archotes, o olhar do Espírito da Luz cruzava-se com o do Espírito da Escuridão — flamas verdes e azuis, que deixavam transparecer um pesar, uma frustração, uma amargura e revolta incomensuráveis. Era extraordinário como ambos se continham de extravasar toda aquela energia obscura; de esmagar os comuns mortais com o poder candente das suas essências. Não obstante as divergências e rancores que separavam Vikings e Vândalos, nesse instante estabeleceu-se um entendimento mudo entre os dois príncipes; uma partilha de dor, para além da compreensão de qualquer outro Homem. Então, a voz de Ivarr estrondeou com uma ferocidade que me arrepiou por inteiro:

— De pé, Helgi! Não te resgatei aos mortos para te ver curvado de desespero.

O outro susteve o fôlego e cerrou os punhos, retrucando num tom azedo:

— A morte de Raud significa que Snari e a bruxa conquistaram a aldeia. Já não existe esperança para o meu povo...

— O novo rei castigará os assassinos e devolverá a esperança aos Vândalos.

— De quem estás a falar?

— De ti, Helgi! — revidou o Espírito da Luz com uma firmeza arrebatadora. — Ou não és tu o mais velho dos varões do rei Vestein; o legítimo herdeiro do trono vândalo?

A perplexidade do Espírito da Escuridão foi genuína. Subjugado pela comoção, nem se apercebera da reviravolta que o seu destino sofrerá. Com o coração descompassado, recordei uma conversa ocorrida na casa do *jarl* Throst, quando a sombra da guerra parecia uma ameaça distante. O meu pai e os seus amigos tinham comentado a numerosa descendência do rei Vestein. Quem poderia adivinhar que, desde então, tanta coisa mudaria? Helgi já vira perecer quatro irmãos... Agora, o dever do sangue clamava o seu nome.

— Ainda que tal seja verdade — objetou com a voz a tremer —, o povo não me aceitará. Snari convenceu-os de que eu planeei a morte da rainha.

A resposta de Ivarr foi implacável:

— Se, depois do que sucedeu com o rei Raud, a tua gente continuar a confiar em Snari e se dispuser a segui-lo, é porque merecem rastejar sob as suas ordens!

O tom do príncipe viking espicçou o orgulho do príncipe vândalo, que se ergueu de um salto e defrontou-o com arrojo:

— Mesmo que eu desejasse reclamar o trono, como o faria sozinho? — O Espírito da Luz aprofundou o olhar e volveu sem rodeios:

— Não estarás sozinho. O exército viking marchará ao teu lado.

O Espírito da Escuridão sustentou a intensidade ardente do verde cristalino... No entanto, os seus lábios tremiam e a respiração descontrolava-se, ao contrapor:

— Estás disposto a ajudar-me? O que ganharás com isso?

— A paz entre Vikings e Vândalos — retorquiu Ivarr com simplicidade. — As questões que outrora nos dividiam estão ultrapassadas. Hoje tivemos a prova de que enfrentamos o mesmo inimigo. Os meus guerreiros libertarão o teu povo do jugo dos opressores. Em troca, só peço que o rei Helgi reconheça a supremacia do rei Steinarr, com a garantia de que os Vândalos não serão escravos em solo viking, mas aliados. Como soberano, a tua

voz será ouvida nas questões que vos digam respeito. O teu povo poderá cruzar as fronteiras da Floresta Sombria, viajar e negociar em segurança. Esse era o sonho do teu pai... Tu podes torná-lo realidade!

A sua mão estendeu-se e ficou suspensa diante de Helgi. O príncipe vândalo fixou-a, ciente da importância do seu próximo gesto. Na verdade, Ivarr não necessitava de apoio e muito menos da sua aprovação para avançar. O acordo que lhe propunha era uma prova de boa vontade, reflexo da nobreza do seu caráter. O herdeiro do trono viking desejava a paz e estava disposto a fazer concessões para obtê-la. Helgi devia-lhe a vida... No entanto, não foi a gratidão nem tão-pouco a promessa de uma coroa que o fez apertar a mão de Ivarr.

Foi o respeito! O lobo negro rendia-se à superioridade do lobo branco. Não obstante a perturbação, a sua voz soou firme ao declarar:

— Aceito as tuas condições... Enfrentaremos Snari e a feiticeira, lado a lado, pela libertação do meu povo!

Para o bem ou para o mal, o destino de Vikings e Vândalos acabara de ser traçado. Observei as expressões dos guerreiros e verifiquei que várias testas se franziam, em suspeição. Não era fácil entender como adversários mortais se haviam tornado aliados, do dia para a noite. Todavia, nenhum dos lobos de Ivarr contestava a sinceridade e a solidez daquele pacto. A magia que restabelecera o corpo e o espírito de Helgi também fazia parte da sua essência. O príncipe vândalo tornara-se membro da alcatéia. A marca que ostentava provava o quanto o seu mundo se alterara com aquela partilha de sangue. Porém, só o tempo lhe conquistaria a confiança do exército viking.

Ivarr sabia a incredulidade que agitava as mentes mais resistentes à mudança. Contudo, também não duvidava que podia contar com a lealdade dos seus guerreiros. Os Vikings segui-lo-iam, pois reconheciam o seu valor como líder e como homem. Por isso, não hesitou em falar-lhes com ardorosa paixão:

— Esta noite perdi o meu único irmão... No entanto, os seus carrascos não escaparão impunes! Tamanha afronta exige resposta

imediate. Que soem as trompas e todos os guerreiros empunhem armas. Antes que a feiticeira e o seu fantoche se vangloriem do sangue dos bravos que aqui tombaram, serão esmagados pela justiça do ferro viking. As gerações vindouras recordarão o dia de amanhã como o despontar da paz no Norte. Lutaremos e venceremos com a graça do grande Odin... Pela glória do rei Steinarr!

Um clamor de fervorosa exaltação estrondeou no ar, quando os homens desembainharam as espadas e as elevaram ao céu.

Enquanto as trompas ecoavam, chamando os guerreiros dos povoados vizinhos para a batalha, várias fogueiras foram acesas por ordem de Ivarr. A Aldeia de Grim reuniu-se para prestar uma última homenagem aos homens que haviam perecido a combater as criaturas danadas. Em piras distintas, ardiam os restos mortais do príncipe Magnor do povo viking e do rei Raud do povo vândalo. Antes do fogo libertador se iniciar, o Espírito da Luz proferira palavras simples, mas pejudadas de significado:

— Por mais que o desejemos, não podemos devolver a vida aos mortos. Contudo, temos obrigação de aliviar o tormento dos seus espíritos. Faço votos para que a passagem destes guerreiros seja pacífica. Que o sublime Odin perdoe as suas faltas e fraquezas, e os receba de braços abertos, no festim da eternidade!

Perecer com uma arma na mão, no ardor do campo de batalha, era considerada a maior honra de um guerreiro. Vikings e Vândalos concordavam nesse princípio. Talvez por isso, Ivarr e Helgi fixassem as fogueiras com máscaras de frieza, para ocultarem a angústia que lhes assolava as almas. Ambos sabiam que o fim dos seus irmãos fora degradante.

Ivarr fizera questão de que Helgi se quedasse ao seu lado, durante a cerimônia. Assim declarava aos Vikings que o príncipe vândalo não devia ser discriminado no seu seio. De qualquer modo, todos tinham testemunhado a abnegação e a bravura de Helgi na contenda. E ninguém podia ignorar o fato de que fora a princesa Helga quem salvara a vida do *jarl* Eric.

Aos poucos, eu sentia as forças restabelecerem-se. O malefício de Gwendalin dissipara-se, assim como as estranhas nuvens que

havam descido do céu. A magia tornava a latejar-me no sangue, mas agora eu estava consciente da minha vulnerabilidade. Urgia melhorar as defesas e concentrar-me nas energias que nos rodeavam, a fim de antecipar um novo ataque. Não me podia distrair com os acontecimentos que eclodiam ao meu redor. Nessa noite, algumas mortes teriam sido evitadas, se me tivesse apercebido da alteração no equilíbrio das forças místicas e impedido a feiticeira de quebrar a minha vontade. Tal admissão era uma chaga na alma que jamais sararia.

Não obstante o calor emanado pelas fogueiras, as faces de Helga estavam lívidas. As lágrimas haviam secado no olhar cego, deixando marcas negras e encovadas. Freya detinha-se ao seu lado, amparando-a, ao mesmo tempo que enrolava a pedra azul da feiticeira Aranwen entre os dedos, torcendo-a e retorcendo-a sobre o peito, como se buscasse inspiração no seu brilho renovado para lhe murmurar algumas palavras de conforto... Porém, que consolo se podia oferecer a alguém que acabara de perder um irmão? Apesar de Raud se ter rendido à loucura, Helga não cessara de estimá-lo. A sua morte prostrara-a de tal forma, que nem se manifestara quando, há pouco, Freya suturara o corte profundo que lhe atravessava as costas. Eu segurara-lhe a mão para lhe atenuar a dor, enquanto a curandeira manuseava a agulha, cosendo a carne ponto a ponto com excelsa perícia. Todavia, nenhum suplício podia suplantar o horror que lhe ensombrava o espírito, ao imaginar a sorte daqueles que amava e que se encontravam à mercê da tirania de Snari.

O cheiro da carne e da madeira queimada apossava-se do ar. O fumo negro enredava-se no vento e subia em direção ao céu. O fogo libertava os espíritos da prisão dos corpos. Através das fulgurantes labaredas, deparei com o olhar compungido de Thora. Desde que a batalha findara, a minha irmã não parará de se atormentar. A sua mente esmiuçava as razões por que falhara um alvo maior do que ela própria, a tão curta distância. A minha justificação de que houvera magia envolvida não a satisfazia. A Loba Prateada orgulhava-se de possuir o arco mais certo de todo o País dos Vikings. Ultimamente, a sua destreza conseguira superar a habilidade reconhecida e elogiada do nosso pai. O seu instinto já

vencera desafios muito mais complexos. Como fora possível falhar tantas vezes, quando era crucial acertar?

Recordar Snari fez-me estremecer. A habilidade de deixar o corpo e viajar com a essência para um lugar distinto, a fim de observar ou até interferir nos acontecimentos, tinha um preço. Tamanha ousadia já quase me custara a vida, por várias vezes. Era fácil desprezar o perigo no ardor de uma contenda; esquecer que tudo o que sucedesse ao espírito se refletiria na carne. Nessa noite, Snari arriscara demasiado! A energia que investira para aumentar o poder da sua essência levava-o muito além da manifestação mística. A forma que assumira era tão real, que até aqueles que não possuíam magia no sangue o haviam escutado e visto. Se a flecha de Thora tivesse atingido o objetivo, a morte do vidente seria inevitável, onde quer que o seu corpo permanecesse resguardado.

A minha reflexão foi interrompida pela abordagem de Ivarr. Manteve um distanciamento polido, ao indagar se eu estava em condições de apoiá-lo na ousada campanha a que se propunha. Mais parecia que negociava os serviços da Guardiã da Lágrima do Sol, desprezando o fato de eu ser a mulher com quem ele partilhara momentos determinantes da sua vida. Contudo, o gelo ia derretendo no olhar cristalino... Acabara de garantir que me sentia perfeitamente bem, quando Eric se aproximou e interpelou o príncipe num sussurro:

— Tens a certeza de que não queres esperar pelo parecer do rei Steinarr, antes de investir contra o reduto vândalo?

A apreensão do *jarl* era compreensível. Sob o domínio das emoções causadas pela horrífica morte imposta a Magnor, Ivarr descuidara a prudência que, no início da noite, o levava a decidir regressar ao castelo para auscultar a opinião do pai. Todos tínhamos consciência de que aceitar o desafio de Snari seria mergulhar de cabeça numa armadilha de Gwendalin. Porém, o instinto do rei-lobo ordenava-lhe que avançasse. E eu não tinha como refutar os seus argumentos:

— O meu pai sustentará a minha decisão. Além disso, estou com um mau pressentimento! Sinto o cheiro de sangue no ar, como uma peste que se alastra ao sabor do vento. A nossa guarda de fronteira

necessita de reforços... E os Vândalos precisam da intervenção do seu legítimo rei. O pacto que firmei com Helgi trará benefícios a todos nós. Devemos acreditar que, desta vez, a amizade e a união suplantarão o ódio e conquistarão a paz.

Os guerreiros chegavam em grupos à Aldeia de Grim, ansiosos por ação. O príncipe e o *jarl* distribuíam as últimas instruções, preparando os homens para suplantar a perversidade da Floresta Sombria. Freya horrorizava-se ante a iminência da nossa partida. Porém, até ela reconhecia que Helgi tinha de enfrentar o seu destino.

Helga seguiu-me até ao quarto, para que o príncipe vândalo pudesse desfrutar de alguns instantes a sós com Freya e Thorson. Agora que as fogueiras se haviam transformado em cinzas, a princesa só se permitia pensar no confronto com Gwendalin. O receio de que a união dos nossos poderes talvez fosse insuficiente para derrotar a feiticeira pesava nas impressões que trocávamos. Sobressaltamo-nos quando Eric espreitou pela cortina e apelou:

— É tempo de partir, Edwina. Os homens aguardam a bênção da Guardiã da Lágrima do Sol... — Deteve-se, ao verificar que Helga tencionava acompanharnos. — Vós estais ferida, princesa! Deveis repousar...

— Repousar? — cortou ela, num tom quase indignado. — Como posso repousar, quando o meu povo padece a cada fôlego que inspiro? O meu lugar é na frente de batalha!

— Acalmai-vos, suplico! — pediu Eric com um gesto apaziguador. — Compreendo que estejais apreensiva. Todavia, não posso consentir a vossa presença nesta campanha. Seja qual for o cenário que encontremos, os ânimos hão de exaltar-se e não poderei garantir-vos segurança...

— Não preciso que vele por mim, senhor! Sou uma guerreira como vós!

O protesto exacerbado de Helga fez Eric vacilar. Franziu o cenho e negou com a cabeça, replicando:

— Vós não sois guerreira...

A voz morreu-lhe na garganta, ao sentir a lâmina da própria espada pressionar-lhe o peito. Helga agira tão rápido que nem eu antevira a sua intenção. Num piscar de olhos, a arma de Eric saltara para fora da bainha e voara para a mão da vidente que, com uma perícia impressionante, acometia adiante e defendia o seu orgulho, volvendo sem cortesias:

— O Helgi ensinou-me a manejar a espada, quando ainda éramos crianças, e, ao longo dos anos, fiz da magia o meu escudo. Não me tomeis por inábil, só porque não vemos o mundo da mesma forma, senhor! Sou perfeitamente capaz de me defender... E garanto-vos que estarei nessa peleja, ao lado da Edwina, contra a feiticeira que ameaça o meu povo.

O olhar de Eric flamejava. Eu conhecia-o desde criança e poucas vezes o vira tão alterado. As suas emoções ressaltavam à percepção superior de Helga, com tal intensidade que a jovem estremeceu, baixou a espada e devolveu-lha, com as faces em brasa. O *jarl* correspondeu ao seu gesto. Todavia, em vez de agarrar na arma, segurou-lhe a mão, murmurando roucamente:

— Jamais me perdoarei, se algo de mal vos ocorrer!

— Não podemos fugir da nossa sorte — declarou ela, com singeleza.

— Eu sei... — revidou Eric. — Acabastes de me provar isso, guerreira!

Sem mais, deixou o quarto com tal pressa, que dir-se-ia que o chão ardia sob os seus pés. Eu observara aquela altercação com o queixo caído. Antes que Helga se pudesse recompor, questionei-a:

— Por que lhe disseste que és uma guerreira?

A princesa encolheu os ombros, justificando confusa:

— Pareceu-me a única forma de convencê-lo do meu valor... Além disso, não menti! O Helgi mostrou-me como se usa uma espada. E a rainha Aesa afirmava que eu era a sua guerreira em espírito... Por que é que as minhas palavras incomodaram tanto o teu primo?

Eu possuía as minhas suspeitas, mas não me atrevia a revelá-las, temendo enredar ainda mais as nossas existências. Afastei da cabeça a profecia que a Velha do Tronco Oco reservara a Eric e respondi simplesmente:

— Tenho a certeza de que ele se explicará, no devido tempo.

A jornada foi rápida e silenciosa. A determinação dos guerreiros exaltava-se nos semblantes e nas passadas vigorosas que marcavam a neve virgem. Nas suas mentes plantava-se a ambição de que essa campanha pudesse trazer a paz ao Norte. Os *skald* cantariam tão nobre vitória em todos os eventos e os nomes dos homens que a haviam conquistado seriam recordados até ao fim dos tempos, e imortalizados nas Runas, como os dos grandes heróis. Envolvida pelas trevas misteriosas da Floresta Sombria, eu não partilhava dos seus sonhos de glória. Apenas uma questão me devorava a mente: Teria força e magia suficientes para proteger aqueles que amava do ferro e do fogo?

Ivarr e Helgi seguiam lado a lado; o lobo branco e o lobo negro que governavam as suas essências subjugando as defesas místicas da floresta. Ao desbravar as sombras terrificantes, era impossível ignorar a miríade de perigos que estas ocultavam. As árvores cerradas guardavam segredos e armadilhas; abrigavam seres que suplantavam a mais fecunda imaginação. A última vez que nos embrenháramos tão profundamente no seu seio, fôramos confrontados com criaturas de pesadelo: um cruzamento aberrante e grotesco entre Homem e besta, com a assustadora capacidade de sujeitar as nossas mentes. O instinto garantia-me que estávamos perto do covil desses monstros. Porém, o Espírito da Escuridão guiava-nos por um trilho inexplorado que, à primeira vista, parecera intransponível. Afinal, os obstáculos tinham-se revelado uma ilusão para dissuadir os intrusos. Dei por mim a concluir que ninguém, jamais, conseguiria mover-se nesse mundo selvagem com a destreza de Helgi.

Helga acompanhava-me sem dificuldade. Com a percepção restabelecida e os sentidos alerta, mais parecia que flutuava sobre os pedregulhos e as raízes robustas que espreitavam da neve. A sua expressão mantinha-se concentrada, impenetrável. Contudo, era fácil imaginar o turbilhão de sentimentos que se revolviam no seu peito; o temor de descobrir as atrocidades que Gwendalin e Snari haviam imposto aos Vândalos. Por várias vezes, o olhar de Eric

pousou em nós; a testa vincada por uma ruga de preocupação. No entanto, afigurava-se que não era eu a causa da sua inquietude.

Aproximávamo-nos do acampamento viking, que vigiava o reduto vândalo naquela fronteira, quando escutamos o clamor de um conflito feroz. Gritos ecoavam na bruma e o estridor das armas competia com os gemidos agudos do vento. Ivarr ordenou a investida, temendo que os nossos guerreiros estivessem sob ataque. Porém, ao entrarmos na área de contenção, deparamos com o exército do rei Steinarr num alerta silencioso. Alguns homens serviam-se das árvores como escudo; outros agachavam-se no solo com as armas em punho.

À nossa frente elevava-se a colossal barreira de espinheiros — aquele que fora o mais inexpugnáveis dos fortes. Contudo, tal como o mensageiro relatara em casa do *jarl* Eric, os ramos intrincados dos arbustos, outrora repletos de agulhões capazes de varar um homem com a facilidade de uma lança, tinham murchado... E era no interior dessa muralha cinzenta ressequida que deflagrava o caos.

Ao ver-nos, o general do acampamento mal ocultou o alívio. Inclinou-se diante do herdeiro do trono viking, sussurrando um desabafo:

— Foi o grande Odin quem vos enviou, meu príncipe! Eu não sabia o que fazer... Mais parece que os vândalos enlouqueceram e se viraram uns contra os outros!

De fato, essa era a única justificção para o tumulto que o anel de espinheiros ocultava. E as nuvens de fumo negro e espesso, que se erguiam até ao céu, deixavam adivinhar que algumas habitações tinham sido incendiadas.

— Helgi... Não!

O grito de Helga pôs-nos em sentido. Sem fazer caso do apelo da irmã, o príncipe vândalo corria desembestado, rumo à sua aldeia, passando pelos guerreiros vikings como se fosse ar. Ivarr praguejou e precipitou-se no seu encalço, ordenando:

— Sigam-me!

Não havia tempo para explicações. Nem sequer havia tempo para pensar! Vi os espinheiros desfazerem-se em pó, no instante em que Helgi os atravessou. Porém, tal não bastava para me assegurar do

fim da maldição! Apelei à magia para suplantar o avanço dos guerreiros e, com a ajuda do vento, derrubei a muralha que, durante gerações, se alimentara de sangue viking. A poeira elevou-se e tocou as copas das árvores, conspurcando o alvor da neve que enfeitava as ramagens. Os homens levaram as mãos ao rosto, protegendo os olhos e tossindo. Para além dessa nuvem parda, a voz de Helgi trovejava:

— Rulav!

O meu olhar alcançou o reduto vândalo... E deparou com o inimaginável. A aldeia estava arrasada! O fogo devorava as casas com um entusiasmo brutal, instigado pela fúria do vento. Os guerreiros batiam-se com todo o ímpeto; as armas descarregando golpes veementes, que regavam com sangue a lama onde os pés se enterravam. Os escudos quebravam-se sob a violência dos machados... No entanto, os Vândalos não se batiam entre si, como o general viking pensara.

Pelo contrário, lutavam pela sobrevivência, praticamente esmagados pela fereza dos Mercenários do Norte.

Onde estava Gwendalin? A minha percepção buscava ansiosamente a sua energia, sem nada descortinar. E onde estava Snari, que não defendia a sua gente? Então, de entre a exaltação da batalha, um homem baixo, contudo sólido como um tronco, respondeu ao desafio do Espírito da Escuridão com uma gargalhada jocosa:

— Eis que o valoroso príncipe Helgi acorre em auxílio do seu povo! Acreditas ser capaz de bater todos os meus homens, antes de eu saborear o teu sangue?

— O príncipe Helgi não está sozinho, Rulav!

A voz do Espírito da Luz rasgou a nuvem de poeira e paralisou Vândalos e Mercenários. Todos os guerreiros se voltaram para nós, com olhos arregalados de espanto. O pó começava a dissipar-se e revelava o poderoso exército viking. Uma cometa troou nas minhas costas, chamando para a batalha os generais do rei Steinarr que montavam guarda em redor do anel de espinheiros. Agora que a muralha de arbustos letais ruíra, estes podiam avançar ao encontro do seu senhor. E as ordens de Ivarr eram claras:

— Aos Mercenários, corajosos Vikings! Libertem o Norte dessa peste maldita!

Num estalar de dedos, Rulav viu-se rodeado pelos seus maiores inimigos. E percebeu que a vantagem que detinha contra os Vândalos fora irremediavelmente perdida. Sem hesitar, virou as costas aos reis-lobo e desatou a correr em direção aos Pântanos Nebulosos, berrando:

— Retirar! Retirar!

Os pântanos eram um lugar amaldiçoado pela Mãe Natureza. Se os Mercenários se moviam com destreza entre as areias movediças e os nevoeiros perpétuos, o mesmo não sucedia com os Vikings. A partir do momento em que os selvagens cruzassem essa fronteira, ficariam fora do nosso alcance. Eu podia tentar detê-los; apelar à magia para lhes retardar a fuga. Porém, o meu ouvido apurado surpreendera gritos de aflição, provenientes da casa que pertencera a Aesa. As mulheres e as crianças tinham buscado refúgio na cabana mais robusta da aldeia. Contudo, os guerreiros vândalos haviam sido ineficazes a sustar o avanço dos atacantes. E nem a mais sólida parede de madeira era capaz de resistir à avidez do fogo. Os Mercenários tinham lançado archotes sobre o telhado de colmo, transformando o abrigo numa armadilha mortal. Se eu não interferisse, a catástrofe seria inevitável...

Entreguei a resolução da batalha a Ivarr e corri por entre os guerreiros que se precipitavam atrás dos Mercenários. Ainda assim, Helga alcançou primeiro a cabana de Aesa. O seu esforço manteve o telhado de colmo no lugar, impedindo-o de ruir para o interior da casa, onde imoria uma morte atroz a dezenas de inocentes. Quedei-me ao seu lado, encarando as flamas que lambiam as paredes de madeira, horripilada pelo temor de ser demasiado tarde. Não havia tempo para evocar a chuva. Restava-me chamar o fogo e orar aos céus.

A magia inflamou-se no meu sangue. As tatuagens que me enfeitavam os pulsos animaram-se e o rugido ensurdecido do dragão que perseguia o Sol troou-me na mente. Fechei os olhos e inspirei fundo. Tudo o que me rodeava desapareceu, à exceção do calor abrasador que me escaldava as faces. Então, a negridão

silenciosa que me abraçava encheu-se com o fulgor das partículas de essência candente que alimentavam o universo. E eu atraías até me fundir com elas; até eu própria me transformar numa estrela. Abri os olhos e vi uma onda de chamas afluir ao meu corpo. Recebia de braços abertos e assimilei o seu poder destruidor. Escutei o meu nome, proferido numa mistura de brados de aflição, mas não retrocedi. O sacrifício da minha existência salvaria muitas vidas... Essa era a abnegação de um Guardiã. "O Que Tudo Vê" entregara-me a magia do Sol. Hoje, eu arderia como a fonte do meu poder.

O fogo caiu sobre mim, consumiu-me as vestes, devorou-me a carne, corroeu-me os ossos... e defrontou-me a essência. Eu sucumbia à fraqueza de cada vez que permitia que a condição humana superasse a mística. Se tal sucedesse agora, nada me poderia salvar. Por breves momentos, teria de ser tão grandiosa como um Ser Superior. O meu espírito alimentar-se-ia das labaredas, até a sua ira se extinguir. Edwina-mulher podia morrer, que Edwina-feiticeira emergiria das cinzas com redobrado vigor.

Deixei de ver. Parei de ouvir tudo, à exceção de algo que se assemelhava ao latejar de um coração. No centro do sol em que me transformara, pulsava um cristal de cintilação clara e deslumbrante, aguardando o sacrifício da mulher para sublimar a feiticeira. E, desta vez, eu não necessitava de mergulhar na sua luz, pois esse esplendor já fazia parte de mim. A Lágrima do Sol e a sua Guardiã não mais voltariam a ser Entidades distintas.

CAPÍTULO 8

O apelo insistente de Thora trouxe-me de volta à realidade. Abri os olhos e deparei com o palor das suas faces, que lhe evidenciava ainda mais o verde magnífico do olhar, herança da nossa mãe. Estivera a chorar... E a Loba Prateada nunca chorava!

— Pregaste-me um susto de morte, Edwina! — murmurou ofegante. — Mas foste excepcional...

A sua voz engasgou-se, toldada pela emoção. Afrouxou o abraço, para que eu pudesse testemunhar os resultados do meu esforço. Helga estava sentada ao nosso lado, com o rosto banhado em lágrimas, mas iluminado por um sorriso. Senti o aperto da sua mão na minha, enquanto sussurrava simplesmente:

— Obrigada, Guardiã.

Por cima do seu ombro, vi Bryan e Ragnar ajudarem as mulheres do povo vândalo a saírem dos escombros daquela que fora a casa da rainha Aesa. Todas traziam crianças pela mão ou ao colo. O pavor que os guerreiros vikings lhes inspiravam apaziguava-se ao depararem com o príncipe Helgi.

— Conseguiste salvá-los! — forçou-se Thora a continuar. — Nunca ninguém esquecerá o que aqui se passou!

Mais tarde, contou-me que eu proporcionara um espetáculo aterrador aos comuns mortais, de tal forma, que os Vikings se haviam detido a observar-me, esquecidos de perseguirem os Mercenários do Norte. Começara por gritar como se me estivessem a arrancar a alma. Depois, uma ventania arrebatadora varrera o terreiro e sugara o fogo da cabana de Aesa. As labaredas tinham-se erguido no ar como se possuíssem vida própria, para, de seguida, desabarem sobre o meu corpo qual onda bravia do selvático mar do Norte.

Durante o que parecera uma eternidade, eu quedara-me de pé como uma tocha gigante. Aqueles que tinham ousado aproximar-se

havam sido arremessados para longe pelas chicotadas do vento irascível que me envolvia. A minha irmã acreditara estar a presenciar o meu fim. Todavia, eu ardera e ardera, sem nunca me consumir. De entre as labaredas, a fulgência da Lágrima do Sol ressaltara como uma estrela alva e sublime. Aos poucos, a luz abençoada do cristal assimilara as flamas, até estas se finarem e eu tombar inconsciente sobre a neve.

Thora correria a cobrir o meu corpo nu com a sua capa. Abraçara-me e chorara, convencida de que eu estava morta. Mal pudera acreditar quando sentira o meu coração bater. Helga juntara-se a nós e ajudara-me a despertar. Os Vikings tinham mais uma história assombrosa para contar nas noites de festa... e os Vândalos rendiam-se ao poder da Guardiã da Lágrima do Sol. Diante dos seus guerreiros, Ivarr fixava-me com uma intensidade avassaladora. Por minha causa, perdera a oportunidade de eliminar a ameaça dos Mercenários. Contudo, não existia frustração no seu olhar. Antes, algo mais perturbador... tristeza, perda, amargura. Até agora, o Espírito da Luz encarara-me como uma mulher; alguém com habilidades mágicas, mas, ainda assim, humana. Depois do que acontecera, era forçado a admitir que a jovem que fora educada para se tornar princesa herdeira do trono viking já não habitava em mim. Eu era Guardiã da Lágrima do Sol, filha da Montanha Sagrada, sacerdotisa da Pedra do Tempo! E tal consciencialização levava-o a cogitar até que ponto o nosso casamento não prejudicara o meu destino... A sorte de todos nós.

Os guerreiros vândalos entreolhavam-se, confusos e transtornados. Decerto recordavam o dia em que Aesa lhes anunciara a minha morte. Afinal, eu estava viva e, em vez de me revelar a abominação que a sua rainha apregoara, acabara de lhes salvar as mulheres e os filhos. Como é que alguém que devotava a sua existência a combater os Vândalos pudera desafiar a morte para ajudá-los? Além disso, eram obrigados a admitir que a batalha contra os Mercenários tê-los-ia aniquilado, se não fosse a interferência do exército viking. Feridos, exaustos e despidos de esperança, viravam os semblantes assustados para o príncipe Helgi. Que acordo teria ele firmado com o príncipe Ivarr, que lhes valera a

proteção daqueles que eram seus inimigos ancestrais? Será que haviam sido poupados ao extermínio para tombarem na escravidão?

De súbito, um guerreiro destacou-se dos demais. A sua semelhança com Helgi era impressionante. O Espírito da Escuridão recebeu-o nos braços com uma exclamação comovida:

— Que os deuses sejam louvados, Koll! Temi tanto por ti!

— Eu vivi para honrar o nome do nosso pai — respondeu o mais novo, engasgado de emoção. — Para honrar o teu nome, irmão! Sempre soube que estavas inocente...

Não teve tempo de concluir, pois outro guerreiro com o rosto de Helgi, ainda mais jovem, pendurou-se no seu pescoço.

— Ymir... — murmurou o Espírito da Escuridão. — Juro que farei tudo o que estiver ao meu alcance para que esta tenha sido a tua última batalha!

O rapaz tentou conter as lágrimas, mas não conseguiu. Escondeu a cabeça no peito do irmão e soluçou:

— Perdoa-me... Estou sempre a envergonhar-te!

— Tu jamais me envergonhaste — voltou o mais velho, com carinho. — Pelo contrário... Sabes bem o quanto me orgulho de ti.

Ainda abraçado aos irmãos, o Espírito da Escuridão voltou-se para os guerreiros... E todos se inclinaram em reverência. Ozur, o mais idoso e respeitado dos generais vândalos, elevou a voz e discursou:

— Helgi, filho de Vestein, em nome do nosso povo saúdo-te como legítimo herdeiro do trono vândalo. Estamos à mercê da tua vontade, neste momento de provação. O que decidires será obedecido. Assim manda a lei. — Voltou-se para os companheiros e bradou:

— Honra e glória para o rei Helgi!

Um coro de louvor troou na bruma. Para meu alívio, estava carregado de sinceridade. Os Vândalos sempre tinham reconhecido o valor e a coragem do Espírito da Escuridão. A presença de Ivarr ao seu lado deixava-os apreensivos... Porém, era incontestável que, se existia alguém capaz de salvar a alma daquele povo, esse alguém era Helgi.

O novo rei inclinou respeitosamente a cabeça. Guardou um instante de silêncio para dominar a emoção, antes de volver num

tom sóbrio e firme:

— A minha honra e glória serão a honra e a glória do meu povo! Sei que muito ficou por explicar, após a morte da rainha Aesa e o meu exílio. Também sei que, neste instante, olhais em redor com desconfiança e temor pelo futuro. Porém, dou-vos a minha palavra de que tudo será esclarecido. Ficai a saber que os Vikings são nossos aliados nesta empresa, não inimigos. Eu renovei junto do príncipe Ivarr o acordo de paz firmado pelo rei Vestein, meu saudoso pai, antes da sua morte. Isso significa que aceitei a supremacia do rei Steinarr, em troca do fim do cerco imposto às nossas fronteiras e da livre circulação de pessoas e bens. — Fez uma pausa, até que serenou o burburinho resultante da surpresa que as suas palavras causavam. Só depois prosseguiu: — O orgulho e o rancor não põem pão nas nossas mesas, nem curam as doenças das crianças. O nosso povo já sofreu demais! Na nova era que hoje se inicia, haverá cooperação entre Vândalos e Vikings. Com a vossa ajuda, levantarei esta aldeia das cinzas e torná-la-ei próspera e segura. Aqueles que, de entre vós, discordem da minha resolução, são livres para partir com as suas famílias e haveres, sem que existam retaliações.

Eu esperava ver alguns homens tomarem essa iniciativa, afrontados pelo anúncio da aliança com os Vikings. Todavia, ninguém se manifestou contra a determinação do novo rei. Na verdade, os Vândalos pareciam até ansiosos por começarem a reconstruir a aldeia e prepararem a sua defesa. Os Mercenários haviam debandado, mas podiam regressar com reforços.

— Onde está Snari? — interrogou Helgi, percorrendo a multidão com o olhar. — Esse traidor tem de pagar pelos seus crimes!

Também eu me debatia com essa questão. Onde é que Snari e Gwendalin se tinham enfiado? Ainda que enfraquecidos pela evocação dos corvos danados, como haviam permitido que os Mercenários atacassem a aldeia? Apesar de a coragem não ser o seu forte, não me parecia crível que Snari tivesse conspirado toda a vida, no intuito de se tornar rei, para depois ceder o território a Rulav! Além disso, o líder dos Mercenários sempre fora aliado dos Vândalos... Algo muito estranho se passava! Estaríamos a ser vítimas de uma ardilosa conspiração? Será que a feiticeira me observava,

escondida, aguardando por uma oportunidade de tirar vantagem da minha fraqueza?

Helgi deu-nos permissão para nos instalarmos na casa do príncipe Siguror, uma das poucas que escapara ilesa à barbaridade dos Mercenários. O tio não reclamaria da sua decisão, pois tombara na batalha, assim como alguns dos melhores guerreiros do seu povo.

As reviravoltas do destino jamais cessariam de me espantar. Quem diria que, um dia, eu haveria de me deitar na cama da antiga noiva do meu pai? Esperava, a qualquer instante, ver Halldora irromper pela porta a descabelar-se de raiva, berrando ameaças e injúrias contra Throst e Catelyn. Sentia-me tão incomodada que comentei essa estranheza com Thora. Ela limitou-se a encolher os ombros, replicando:

— A história da nossa família está repleta de fenômenos esquisitos e coincidências mórbidas. A cada dia, aumenta a minha convicção de que nada acontece por acaso... Pelo menos conosco! Mais parece que as linhas da nossa sorte são entretecidas por uma criatura alucinada, que se diverte a atormentar-nos; que faz questão de nos manter em permanente sobressalto, revelando-nos a luz da felicidade sem nunca nos permitir alcançá-la. — Torceu os lábios e agitou os punhos, antes de concluir: — Se um dia me deparasse com esse ser demente, juro que lhe rebentava o focinho e partia todos os ossos do corpo!

Acabamos a rir, imaginando que não existiria curandeira que valesse à Entidade que governava os nossos destinos, se esta se visse confrontada com a Loba Prateada. Thora possuía o dom de me fazer esquecer as preocupações e as tristezas. Contudo, não vivíamos dias de calma. Pouco depois, Helgi procurava-me para agradecer a prestação na batalha. Ajoelhou-se aos meus pés e declarou fervorosamente:

— Devo-te a sobrevivência do meu povo, Guardiã da Lágrima do Sol... Sem as nossas mulheres e crianças, não haveria futuro para os Vândalos. Tamanha dívida jamais ficará saldada! Se com a minha vida ou morte puder servir-te, estarei ao teu lado sempre que necessitares.

Sorri enternecida e pousei-lhe a mão no ombro, contestando:

— Tu nada me deves, cunhado! Tal como Ivarr, tudo o que te peço é que guies os Vândalos pelo caminho da paz. O trilho que te trouxe até aqui foi acidentado! Lembro-me perfeitamente do que senti, quando te vi pela primeira vez... A tua chama ardia com tanto fulgor, que quase te consumia. Hoje és um homem diferente! E deves orgulhar-te das transformações que sofreste. Tenho a certeza de que serás um bom chefe de família e um valoroso líder.

O príncipe vândalo correspondeu ao meu sorriso e apertou-me a mão com cuidado.

— Obrigado pela confiança que depositas em mim.

Quedamo-nos em silêncio, sem desviarmos o olhar. Mesmo desfigurado pelo punhal de Thora, Helgi continuava a ser um homem atraente. Eu esperava que o espírito de Gríma não forçasse Gwendalin a persegui-lo, ou o nosso sonho de paz corria o risco de nunca se concretizar. Esse pensamento levou-me a indagar, apreensiva:

— Conseguiste localizar Snari e a feiticeira?

— Não — respondeu ele com um suspiro exasperado. — Desapareceram sem deixar rasto! Mas hei de encontrá-los, Edwina... E hei de matá-los sem dó nem piedade!

O ódio do Espírito da Escuridão era compreensível. Segundo Koll nos contara, por entre bafos de agonia, Snari desafiara o rei Raud para um duelo de supremacia, logo após a fuga de Helgi. Apesar de a sua perna não estar curada, o soberano quase rira na cara do vidente... Contudo, a vontade de escarnecer da fraqueza do primo depressa se extinguiu. Em pleno terreiro, no interior de um círculo de combate, o rei fora incapaz de empunhar a sua espada como se esta pesasse mais do que um carvalho centenário. Então, Snari evocara o terrível poder que lhe animava a essência, subjugando Raud com um simples toque. E, perante o horror da comunidade, decapitara-o sem hesitações.

Ainda ninguém recuperara do choque, já o vidente se proclamava superior aos filhos de Vestein e ao seu próprio pai, e reclamava o trono. Villi, o melhor amigo de Helgi, fora o primeiro a reagir. Destacara-se dos demais e vociferara-lhe o seu desprezo, acusando-o de mentir e matar em nome das mais perversas ambições. Movido

pelo ódio que os separava desde crianças, Snari avançara contra o reptador. Todavia, para espanto da aldeia, fora Gríma quem sujeitara Villi e o degolara, ameaçando com igual sorte todos aqueles que desrespeitassem a vontade suprema do círculo de combate. Koll jurava que, ao anunciar o seu apoio ao irmão, Gríma cintilava como uma estrela. Diante da multidão apavorada, reivindicara ser a legítima herdeira da magia da feiticeira Aesa e afirmara o seu direito de governar ao lado de Snari.

Koll quisera intervir mas Ymir impedira-o, temendo a sua desgraça. Entre os Vândalos, tal como sucedia com os Vikings, a soberania podia ser adquirida por herança de sangue ou conquistada através de um desafio. Todavia, aquele que ousasse lançar a provocação devia confiar na sua capacidade de alcançar o triunfo. De outra forma, seria o mesmo que declarar a própria sentença de morte, uma vez que o vencedor não ofereceria clemência ao vencido. No interior de um círculo de combate, os mais fracos tombavam para que não se erguessem mais fortes... E para que aqueles que assistiam ao duelo não se deixassem tentar pela ambição.

No fim, fora Siguror quem tomara a iniciativa de reconhecer a supremacia dos seus dois filhos. Ainda que desgostosa, a comunidade acabara por imitá-lo. Snari chegara ao trono de acordo com a lei... E, após a revelação do poder de Gríma, ninguém se atrevia a afrontá-la.

Realizado o mais ardente dos seus sonhos, seria de esperar que Snari se acalmasse e desfrutasse dessa glória. Contudo, lançara-se de imediato na perseguição de outro objetivo. Num discurso exaltado, alertara os guerreiros para a decadência da proteção dos espinheiros. Em breve, dissera, os Vikings haveriam de invadir a aldeia, conduzidos pelo príncipe Helgi, o hediondo traidor. Se desejassem subsistir, teriam de se preparar para combater. A destreza bélica do vidente jamais seria louvada, mas a sua habilidade com as palavras era magnífica. Não demorou a incendiar o sangue dos Vândalos. Ao seu lado, Gríma elevava-se aos olhos dos comuns mortais como uma deusa, bela e inatingível, espargindo

uma aura de sedução que faria qualquer homem, do mais jovem ao mais idoso, arrancar o coração do peito para lho oferecer.

No intuito de açular o ódio dos guerreiros e a sua devoção à campanha que lhes propunha, o rei Snari ordenara que Magnor do povo viking fosse conduzido à sua presença. Sob o olhar cerrado de Ivarr, Koll assegurara que o filho mais novo do rei Steinarr não soltara um gemido, nem cedera uma palavra, mesmo na iminência da morte. Apesar da sua vida tortuosa, o príncipe rebelde conservara a dignidade nos últimos instantes, cuspiendo sobre a ira de Snari.

Depois da execução de Magnor, o novo rei comunicara aos Vândalos que solicitara o apoio dos Mercenários do Norte, na luta contra os Vikings. Há muito que Rulav era aliado do vidente e, segundo se ciciava, amante de Aesa. A rainha feiticeira estava morta, mas existia outra mestra da Arte Obscura disposta a ceder os seus favores. No dia que coincidira com o ataque dos corvos malditos à Aldeia de Grim, Snari e Gríma tinham-se embrenhado nos Pântanos Nebulosos... E, deste então, ninguém sabia do seu paradeiro.

Nessa manhã, Rulav entrara no território vândalo, bufando de fúria e exigindo falar com Snari. Reclamava que o vidente faltara ao encontro combinado e o fizera esperar, de balde, na imundice gélida dos pântanos. Quando Siguror lhe garantira que o filho não estava na aldeia, o líder dos mercenários exaltara-se. Sem cortesias, asseverara que, se Snari não aparecesse até à tarde, marcharia sobre o povoado, a fim de exigir uma recompensa pelo incômodo de ter deslocado o seu exército em vão.

Após a sua partida, Siguror reunira os generais vândalos, tentando compreender o que se passava. Se Rulav tivesse assassinado Snari e planeasse tomar a aldeia à traição, por que se daria ao trabalho de fazer um ultimato? Por outro lado, se nada sucedera ao novo rei, por que não tornara a casa? Apenas uma certeza resultará dessa reunião: a urgência de se prepararem para defender o povoado da sanha dos Mercenários.

Mal a tarde caíra sobre a Floresta Sombria, Rulav cumprira a ameaça. Ao descobrir que os Vândalos nada tinham para lhe oferecer, nem sequer comida ou bebida, ordenara aos seus

guerreiros que pilhassem as casas e tomassem algumas mulheres e crianças como escravos. O orgulho do povo de Helgi levava-os a desembainhar as armas e a resistir. O desfecho dessa história era do nosso conhecimento, pois havíamos-na vivido na pele. Porém, ficava por explicar o que sucedera a Snari e a Gwendalin, após o ataque dos corvos à Terra Antiga.

— Descansaremos esta noite — prosseguiu Helgi. — Amanhã perscrutaremos os Pântanos Nebulosos, para nos certificarmos da retirada dos Mercenários. Virás conosco, Edwina? Sob a tua proteção, nada teremos que recear.

O Espírito da Escuridão não cessava de me surpreender. Apesar de a nossa amizade ser recente, entregava-me a sua confiança incondicional.

— Podes contar comigo — respondi determinada. — Também me sinto apreensiva; tomada por uma ansiedade que não consigo definir... Além disso, devemos trabalhar em conjunto e com os olhos bem abertos, para que a semente da paz não caia em terra árida.

— Juro que tudo farei, para que o muito que foi sacrificado em nome da nossa conciliação não tenha sido vão — volveu ele, gravemente. — O meu povo já sofreu demais! Tanta morte sem sentido... O Villi era como meu irmão! O seu infortúnio feriu-me o coração e obrigou-me a refletir. — Respirou fundo, antes de confessar: — Estou cansado de guerrear! Almejo a bênção de, um dia, desfrutar de uma existência serena, ao lado da minha família.

— E desfrutarás! — repliquei, confiante. — Pelo menos, se depender de mim! Sou testemunha das lágrimas que Freya já chorou, por viver apartada de ti... E Thorson necessita do teu apoio! Pelo que pude observar, a tua presença tranquiliza-o; deixa-o seguro e radiante. Neste momento, é crucial combatermos as sombras que perturbam a sua essência.

Era uma forma quase rude de introduzir o assunto, mas eu precisava de saber se teria em Helgi um aliado ou um adversário, na luta contra as trevas que tentavam dominar o meu sobrinho. Suspirei de alívio, quando retorquiu de imediato:

— Helga explicou-me o significado da profecia que ameaça o futuro de Thorson... E Freya contou-me que tens ajudado o nosso

filho a suportar o seu fardo, encaminhando-o na direção da luz, com a ajuda da Lágrima do Sol. Mentir-te-ia se dissesse que não temo pela sua sorte... No entanto, alenta-me saber que o tens sob a tua guarda. — Fez uma pausa e fixou o olhar no chão, entrelaçando as mãos nervosamente antes de prosseguir: — Só espero ter forças para concretizar o que esperam de mim... É tudo tão complicado! — Nova paragem, desta feita para me encarar. — Há pouco, tive de explicar aos meus homens que Thora e Freya são duas mulheres distintas. Eles nem queriam acreditar! E ainda lhes parece mais incrível que eu tenha perdoado a Loba Prateada! — Levou a mão à tira de couro que encobria o olho arruinado. — Se, às vezes, nem mesmo eu entendo a minha mudança dos sentimentos, como posso expectar que os outros a aceitem? Porém, o meu coração transformou-se, Edwina!

— Eu sei. — Procurei-lhe as mãos e apertei-as, comovida com a sinceridade do seu desabafo. — Deixa as poeiras do passado assentarem suavemente. É impossível sarar, em um dia, feridas que foram laceradas durante gerações. Porém, pela primeira vez, Vikings e Vândalos estão lado a lado, partilhando o mesmo objetivo! Hão de acabar por assumir as suas afinidades e aceitar as respectivas diferenças.

Aguardei pela entrada desembestada de Halldora na casa onde repousávamos, até ao instante da partida para os Pântanos Nebulosos. Contudo, também a inimiga dos meus pais parecia ter-se sumido. Nenhuma mulher se recordava de vê-la na cabana de Aesa, durante o ataque dos Mercenários. Havia até quem afirmasse não lhe ter posto os olhos em cima, nos últimos dias. Também não estava entre os cadáveres que os Vândalos tinham entregue ao cuidado dos deuses. Thora ralhou-me, alegando que eu me inquietava inutilmente. Acabei por pensar que ela tinha razão e releguei a pérfida criatura ao esquecimento.

Caminhar nos Pântanos Nebulosos era como estrebuchar num pesadelo e ser incapaz de acordar. A cada passo, as névoas perpétuas consumiam o alento do mais corajoso dos Homens. Eu apercebia-me da tensão dos vikings, sobressaltados ao menor ruído, com as espadas em punho, prontos a reagir se alguma ameaça

surgisse da bruma. Em comparação, os vândalos moviam-se com relativa facilidade. Durante anos, esse ambiente hostil fora a única passagem para fora do território da rainha Aesa que o rei Steinarr não conseguira controlar. Por isso, Helgi e os companheiros conheciam bem os trilhos repletos de armadilhas mortais. Com o solo gelado, podíamos avançar sem o temor de sermos sugados pelas lamas assassinas. Ainda assim, de cada vez que movia um pé eu prendia a respiração, temendo ouvir a capa de água sólida estalar.

A tarde acomodava-se no Norte quando Ivarr e Helgi concordaram que não valia a pena continuarmos a seguir o rasto dos mercenários. Estes tinham-se afastado o suficiente para não constituírem um perigo imediato. Agora,urgia combinarem esforços na proteção da fronteira, para que um eventual ataque fosse contrariado rápida e eficazmente.

Regressávamos à aldeia, quando fui acometida por um estremecimento. Desconfortada, perscrutei a obscuridade, sem nada encontrar. No entanto, o instinto avisava-me acerca de uma malignidade exacerbada, cuja energia perniciosa estalava no ar. Apertei a mão de Helga e interroguei:

— Estamos perto do sítio onde Aesa tombou?

A sua respiração engasgou-se e o semblante carregou-se, ao responder:

— Sim... Quanto mais depressa nos afastarmos desse lugar nefando, melhor!

Eu podia imaginar as más recordações que a fustigavam e obrigavam a acelerar o passo. Todavia, segurei-lhe o braço, replicando:

— Algo me diz que devemos ir até lá.

— Edwina... — tartamudeou a vidente, visivelmente assustada. — Aquele altar é maldito; uma porta aberta para os horrores do submundo! E o mal atrai o mal...

— Por favor, Helga! — interrompi com firmeza. — Não posso ignorar o que sinto!

Ivarr e Helgi perceberam a minha ansiedade e detiveram a marcha dos guerreiros. Depois de lhes explicar o pressentimento que me

inquietava, Helga acabou por condescender. Mais pálida do que a neve que cobria o solo, conduziu-nos para o interior das trevas. E logo a execrável formação rochosa surgia diante do nosso olhar.

Um arrepio gélido paralisou-me, ao deparar com o cenário de morte que se estendia à nossa frente e se entranhava na neblina. Os guerreiros que Gwendalin prostrara jaziam sobre a pedra, exibindo um indescritível tormento nas faces conservadas pelo frio. Enquanto subiam os degraus, vikings e vândalos partilhavam expressões de horripilada indignação... Contudo, o pior estava para vir.

O topo do altar guardava o cadáver de Aesa. Porém, a rainha feiticeira estava irreconhecível! O seu corpo enegrecera como se tivesse sido queimado e o rosto era uma caveira mal coberta de pele esfacelada. Faltavam-lhe os olhos e os lábios mirrados exibiam os dentes escancarados num grito mudo. As mãos encarquilhadas estavam retesadas e as unhas haviam-se cravado na pedra, tal o suplício a que fora sujeita. Os ossos do seu peito tinham sido apartados e deles pendiam dedos de gelo misturados com pedaços de carne. O ventre também fora aberto e as entranhas haviam desaparecido. Se a rainha dos vândalos tivesse sido atacada por uma alcatéia esfomeada, o resultado seria menos violento. Eu estava tão chocada com essa visão, que quase saltei das botas quando Bryan apelou:

— Ivarr, chega aqui... Não vais acreditar!

No instante em que reuni ânimo para me aproximar, já o asco dos guerreiros se tornara ensurdecador. Pisquei os olhos várias vezes, a fim de me convencer de que não tombara num delírio terrificante. Uma criatura abominável sucumbira no extremo oposto do altar. Possuía a cabeça e o tronco de um homem, mas os seus braços eram as asas de um colossal pássaro. A pele apresentava queimaduras de gelo... e vestígios de penas negras. A causa da sua morte expunha-se à vista de todos: uma seta enterrada no coração.

— Snari? — titubeou Helgi, repugnado.

Por trás de nós, a voz da Loba Prateada elevou-se, num regozijo mórbido:

— Afinal, sempre acertei!

Engoli em seco, respirando a custo. Sim! Thora acertara! A sua última flecha, disparada em condições adversas e de forma tão peculiar, atingira a essência de Snari durante a fuga. E o vidente investira tanta energia no empenho de tornar real a sua forma mística, que nem conseguira acolher o espírito dentro da carne antes de perecer. Interrompido o sortilégio, a magia abandonara-o, deixando-o preso entre duas realidades. Essa era a prova de que os danos causados à essência se refletiam no corpo. Angustiada, recordei as vezes que eu própria já arriscara a vida, por ousar demais. Será que Snari tivera consciência do que lhe estava a acontecer? A expressão de agonia que lhe desfigurava o rosto provocava calafrios.

— Por isso ele faltou ao encontro com Rulav! — exclamou Helgi, soturnamente.

Aquiesci com a cabeça, incapaz de articular um som. Desta vez, a sorte decidira a nosso favor. Se o vidente tivesse chegado à conversa com o líder dos mercenários, Helgi e os Vikings teriam passado um mau bocado ao chegarem à aldeia dos vândalos. Dois exércitos estariam a aguardá-los com as armas em punho, sob a liderança do rei Snari e da feiticeira Gwendalin. E o sonho de paz ter-se-ia perdido para sempre. Ao disparar aquela seta, a Loba Prateada mudara o curso do destino... Salvava o futuro de dois povos!

— Bem... — continuou a minha irmã, com a descontração de quem acaba de varrer a casa e pendura a vassoura. — Este bruxo está arrumado! Que venha o próximo!

O nosso olhar perplexo caiu sobre ela. Thora sacudiu os ombros e retrucou:

— O que foi? Esse aleivoso só teve o que merecia! Aposto que a feiticeira não perdeu tanto tempo a contemplá-lo como vós.

Provavelmente era verdade! Gwendalin não era tola para lastimar a morte do vidente. Mesmo que o espírito de Gríma tivesse clamado de desgosto dentro de si, a mestra da Arte Obscura depressa o silenciara. Já usurpara a magia de Aesa e apoderara-se das pedras mágicas de Aranwen... Sem Snari, os Vândalos nada tinham para lhe oferecer. Nesse instante, já devia estar longe, a preparar o próximo

assalto. E o que mais me assustava nessa conclusão era o desconhecimento do que ela planeava fazer a seguir.

Como num sonho mau, ouvi Helgi ordenar aos vândalos que reunissem os corpos dos companheiros tombados, enquanto Ivarr solicitava aos vikings que juntassem toros para as fogueiras. No fim, foi o próprio Espírito da Escuridão quem lançou fogo aos despojos de Aesa. Tal não serviria de alívio ao espírito da feiticeira, mas impediria que mais alguém abusasse do seu cadáver com funestas intenções.

Ainda que cansada, fiz questão de ajudar os homens na desagradável tarefa. Quanto mais rápido nos despachássemos, mais depressa tornaríamos à aldeia e nos libertaríamos da aura maligna dos pântanos. Pelo canto do olho, reparei que Helga se encolhera contra um dos degraus de pedra e cedera ao pranto. Todavia, desta vez chorava de alívio e não de dor.

Dois dias após a incursão aos Pântanos Nebulosos, Ivarr decidiu regressar à Terra Antiga. Reuniu os seus guerreiros e indagou sobre quem queria permanecer na aldeia dos vândalos e quem desejava regressar a casa. Dessa forma, certificava-se de que ninguém se quedaria contra vontade e evitava conflitos desnecessários. Ao invés do que eu esperava, grande parte das tropas que tinham montado guarda à barreira de espinheiros e alguns homens do *jarl* Eric ofereceram-se para ficar. Então, o príncipe entregou a Ragnar o comando desse exército, determinando perante os generais vikings que qualquer ordem do seu guerreiro-lobo devia ser obedecida com prontidão, como se tivesse sido proferida pela sua própria voz.

O anúncio de que Helgi ia acompanharnos não me espantou. O pacto firmado entre o Espírito da Luz e o Espírito da Escuridão necessitava da confirmação do rei Steinarr, a fim de ser reconhecido perante os Vikings e os seus aliados. Até ao regresso do irmão, Helga ficaria responsável pela administração do território, com o apoio do general Ozur. Ivarr instruiu Ragnar para que colaborasse com a princesa e ponderasse as suas decisões. O entendimento entre Vikings e Vândalos era crucial. Nos dias difíceis que, decerto, todos iriam enfrentar, uma reação mais exaltada ou uma palavra irrefletida, desencadeadas pelo orgulho ou pelo rancor, podiam

arruinar o frágil equilíbrio conquistado. Ainda assim, eu confiava na boa vontade de ambas as partes. Essa era uma oportunidade que ninguém desejava perder.

Dois mensageiros vikings seguiram para a floresta do Povo da Terra, com o propósito de justificarem à rainha Lyria o que estava a acontecer em solo Vândalo. A soberana era uma construtora de paz e eu tinha a certeza de que os últimos desenvolvimentos a deixariam feliz. Também esperava que ela compreendesse que o meu desejo de visitá-la teria de ser adiado, por força dos novos desafios que se estendiam à nossa frente. Na verdade, eu não acreditava que o encontro do rei Helgi com o rei Steinarr fosse pacífico! Além disso, o soberano viking devia estar furioso comigo e não me pouparia a críticas. Tinha de me preparar para enfrentar a sua implacabilidade gélida... Quando irritado, Steinarr sabia ser extremamente desagradável e cruel!

Observei a despedida de Eric e Helga e apercebi-me de quão difícil era o seu adeus. Na casa do *jarl*, a vidente jurara servi-lo com a sua magia, se ele intercedesse a favor de Helgi. Eric cumprira a promessa, mas desobrigara a jovem do seu voto. Agora que o futuro do povo vândalo se definia, Helga devia assumir-se como sacerdotisa e incutir-lhes o espírito da união e da concórdia. Sem ela, a missão do rei Helgi tornar-se-ia quase impossível.

Iniciamos a jornada através da Floresta Sombria, num passo acelerado pelo entusiasmo. Thora seguia ao meu lado, absorvida nos seus próprios pensamentos. Ninguém contestava que ela fora a heroína da campanha! Quando Ivarr lhe perguntara como conseguira trespassar a essência de Snari, encontrando-se esta fora do alcance do olhar, a minha irmã respondera que se valera de uma habilidade que o príncipe Galinn lhe ensinara, durante o tempo em que desfrutara da hospitalidade da Gente Bela. Depois calara-se... E o seu silêncio deixara o rei-lobo a remoer. Apesar de não questionar o amor e a lealdade da Loba Prateada, Ivarr ardia de raiva sempre que o nome do irmão de Lyria era mencionado. Eu esperava sinceramente que o tempo o ajudasse a superar esse amargor! Thora não sacrificaria a amizade com Galinn por causa do seu ciúme.

Sentime apreensiva, ao ouvir a ordem do príncipe para os guerreiros se deterem e acenderem uma fogueira. Apesar de a obscuridade na Floresta Sombria nunca se alterar, era durante a noite que os seus mistérios e perigos se exaltavam. Ainda assim, não obstante ser verdade que avançar com o corpo cansado tornava a mente descuidada, eu teria preferido prosseguir viagem e deixar para trás aquele lugar tenebroso.

Recolhi-me debaixo de uma árvore e busquei a Lágrima do Sol dentro do bolso do vestido. O cristal reagiu, moldando-se à minha mão. Dei por mim a estremecer. Por mais que me quisesse convencer da nossa segurança, o instinto teimava o contrário. Estaríamos a ser secretamente observados pelas criaturas que colecionavam os ossos das suas presas? Era pouco provável, pois há muito que o seu covil ficara para trás. Além disso, se esse fosse um território hostil, Helgi não teria anuído a parar. Qual seria, então, a razão do meu desconforto?

Eric veio sentar-se ao meu lado e ofereceu-me o seu pão de viagem. Agradei e não resisti a provocá-lo, com um sorriso significativo:

— Está delicioso! Foi Helga quem o fez?

O meu primo correspondeu ao sorriso e replicou:

— És incorrigível, Edwina!

— Não sei do que estás a falar! — volvi, mantendo o tom brincalhão.

Decidi não insistir e qual não foi a minha surpresa quando ele declarou:

— Começo a acreditar que Helga é a mulher que a profecia da Velha do Tronco Oco me destinou.

Por dentro, eu sentia a satisfação de uma aranha que vê a traça incauta cair na sua teia. Contudo, fiz-me desentendida e até admirada ao inquirir:

— Por que dizes isso?

— Porque ela já provou ser uma guerreira de corpo e espírito — respondeu o *jarl* prontamente. — Além disso... Acho que estou apaixonado!

— Achas? — retruquei com o cenho franzido. Eric suspirou antes de se justificar:

— As coisas não são assim tão simples, Edwina! Já me enganei uma vez, com a Thora. Se me enganar de novo, estarei a magoar Helga... E a magoar-me! Nós temos missões de vida que nos afastam. Mesmo ignorando o passado dos nossos povos, eu não posso abandonar a Terra Antiga e ela não deve deixar a sua aldeia.

— Por enquanto assim é — concordei. — Todavia, o futuro trará outra realidade. E é no futuro que deves pensar, Eric! Não acredito que exista vontade que torne a separar Helgi e Freya. Logo que eles estejam juntos, os Vândalos poderão prescindir da magia de Helga, pois ganharão uma curandeira igualmente habilidosa. — Fiz uma pausa, ponderando na melhor forma de concluir o raciocínio. — No fim, terás de ser tu a escutar a voz do coração, pois Helga jamais tomará a iniciativa. Se não lutares pelo seu amor, acabará por se retrair e afastar, com medo de sofrer.

O *jarl* mastigou as minhas palavras em silêncio. Passado algum tempo, voltou a fixar-me, confessando com um sorriso terno e o olhar repleto de luz:

— Quando tomei Helga nos meus braços, no instante em que a resgatamos à morte, ela chamou-me “Lobo Cinzento”. Na altura fiquei assombrado, sem entender como o espírito que habita a minha essência se revelara ao seu olhar. Depois, de cada vez que me encarava, eu sentia-me incomodado... como se estivesse nu diante dela! Aterrorizava-me pensar que podia ver as minhas emoções, ouvir os meus pensamentos... contemplar a minha alma. Porém, com o passar dos dias, compreendi que a sua magia não é intrusiva. E comecei a desejar a sua companhia como água e pão para a boca. Antes de partirmos, reuni coragem para lhe perguntar se a sua percepção me reconhecia como homem ou como lobo...

— E o que foi que te respondeu? — indaguei, tão ansiosa que mal conseguia respirar.

— Disse que os dois são indissociáveis. Helga acredita que eu sou um líder de alcatéia, um reconciliador... Um executor da paz como o teu pai. Assegura que só a minha mediação garantirá a concórdia entre os nossos povos. — Hesitou, antes de prosseguir: — Eu nunca

me senti especial, Edwina. Cresci à sombra do Ivarr, admirando-o como guerreiro, amando-o como amigo... Ele, sim, possuía a excelência! Pensar que uma mulher como Thora me pretendia para marido era o meu único motivo de orgulho. No dia em que descobri que ela amava o Ivarr, sentime tão insignificante, tão miserável! Abraçar a missão de *jarl* da Terra Antiga ajudou-me a superar a rejeição, a entender... a perdoar. Agora que o meu coração está sarado, já não me considero um espírito inferior. Helga ajudou-me a encontrar outro caminho.

— E tu queres percorrê-lo ao seu lado — inferi sobriamente. Eric susteve o meu olhar e, após um instante de reflexão, enunciou:

— Sim, quero percorrê-lo ao seu lado!

Voltou a sorrir, desta vez sem sombra de melancolia. Depois, estreitou-me contra o peito, murmurando jovialmente:

— Obrigado, prima... Nunca permitas que te corrijam!

Thora dormia profundamente encostada a mim, aconchegando-me no seu calor. Não me recordava de a ouvir falar desde que deixáramos a aldeia dos vândalos. Algo inquietava a minha irmã... E por mais voltas que desse à cabeça, chegava sempre à mesma conclusão: a Loba Prateada desentendera-se com o rei-lobo. Tal declarava-se na frieza dos seus gestos, no esforço que fazia para evitar o olhar cristalino. O príncipe também não estava satisfeito, pois fizera questão de repousar no lado oposto do acampamento. Eu desconhecia as razões da sua zanga, mas adivinhava-se algo bastante sério. Restava-me esperar que o novo dia lançasse luz sobre os seus espíritos.

Aparte os sentinelas, poucos homens permaneciam acordados. Eric e Helgi eram exceção. Conversavam com um entusiasmo que me fez sorrir, ao recordar as confissões do meu primo. Eu bem queria prestar-lhes atenção... Porém, os meus olhos começavam a pesar. O sono ganhava a luta contra o desejo de manter a vigília.

Sonhei com céu. Sonhei com mar. Uma infinidade de azul intenso e perfeito, sem princípio nem fim. No topo da Montanha Sagrada, eu contemplava o Norte sob a sombra protetora da Pedra do Tempo. A

tatuagem do dragão despertava nos meus pulsos; debatia-se para saltar da carne e mostrar a sua magia ao mundo. Eu era a Guardiã da Lágrima do Sol, soberana da luz do dia, protetora dos Homens de justiça e coragem...

— Edwina!

Virei-me com o fôlego preso. Edwin quedava-se à distância de um braço. No entanto, eu sabia que ele não estava realmente ali, mas sob a guarda da Montanha. A sua essência manifestava-se... Ou será que tudo isso fazia parte do sonho

— Edwina... Tens de acordar!

Franzi o cenho ante a urgência do apelo. Sobre nós, o céu escurecia; a noite tomava conta dos meus sentidos. O solo verdejante da Montanha Sagrada foi substituído pela neve que cobria a Floresta Sombria. O vento assobiava-me aos ouvidos com o furor de mil demônios... E trazia a voz do Rei da Lua:

— Procura o príncipe viking, Rainha do Sol. Apressa-te, antes que seja tarde!

Abri os olhos para a realidade, com o coração a galope. O acampamento ressonava, à exceção dos guardas de vigia que conversavam em redor da fogueira. Thora continuava abraçada a mim. Protestou quando a afastei, mas não acordou. Onde estava Ivarr? O sonho fora demasiado real, para que me atrevesse a descurá-lo. E, aparentemente, tinha razões para me inquietar. O Espírito da Luz desaparecera.

De imediato, levei as mãos ao bolso do vestido e a Lágrima do Sol quase me queimou. Sobressaltada, ponderei bradar o alarme... Contudo, algo me impediu. Dei por mim a evocar a magia para me ocultar dos guerreiros. Talvez Ivarr apenas se tivesse afastado para atender às necessidades do corpo... Não! A Lágrima do Sol estava em brasa! A sua luz verteu entre os meus dedos e espargiu para o interior das trevas, iluminando um carreiro acidentado que conduzia às entranhas da floresta. Não fora por ali que viéramos! Assustada, busquei a essência de Ivarr e respirei fundo, ao surpreendê-lo a curta distância. Aprofundei a percepção... e deparei com algo estranho. Apesar de a energia do rei-lobo ser a única que se

manifestava, o instinto garantia-me que ele não se encontrava sozinho.

Corri no seu encalço, com um ímpeto arrebatado. O brilho fulgurante da Lágrima do Sol guiava a minha corrida. Não me restavam quaisquer dúvidas de que algo grave estava a acontecer... Então, quando menos esperava, a luz do cristal apagou-se.

Estaquei, tentando recuperar o fôlego, com o coração na garganta e as entranhas a arder. Pisquei os olhos até me adaptar à obscuridade... E, subitamente, vi Ivarr sentado contra o tronco de uma árvore, com uma mulher no colo. Uma mulher que eu conhecia muito bem! Os longos cabelos negros e encaracolados de Thora caíam-lhe pelas costas desnudas, enquanto ela se movia lascivamente sobre o corpo másculo. O rosto de Ivarr contorcia-se, tal o deleite que o exaltava. Os seus dedos cravavam-se nas carnes da amante, afastando-lhe as vestes, encorajando-a a continuar...

Recuei, chocada. Como podia ser verdade...? Sem cerimônias, Thora rasgava a túnica de Ivarr e enterrava-lhe as unhas no peito, dilacerando a pele, forçando o sangue a brotar. Os lábios do rei-lobo apartavam-se, mas o grito perdia-se entre os beijos ardentes da Loba Prateada. Extasiado, ele mordia-a e provava o seu sangue... E os dois brilhavam como se a lua fizesse parte da sua essência.

Diante dos meus olhos, o homem e a mulher cederam lugar aos lobos: um majestoso macho branco e uma colossal fêmea... Parei de respirar. A fêmea era prateada, mas a sua essência estava pejada de cintilações negras e escarlates. O delírio de Ivarr cegava-o, impedia-o de se aperceber... Aquela mulher não era Thora! A minha irmã ficara a dormir no acampamento! Aterrorizada pela revelação, distingui perfeitamente a aura abominável da criatura que se contorcia sobre o herdeiro do trono viking. Ivarr estava enfeitiçado... Eu tinha de agir antes que fosse tarde!

A minha investida prolongou-se dolorosamente no tempo. Convicta da vitória, a loba sarapintada de maldade crescia até atingir um tamanho descomunal, escancarava a bocarra e engolia o lobo branco, com a mesma facilidade com que uma serpente devoraria um rato... E aquele rato ansiava por ser assimilado, tão enlevado que se oferecia à morte.

— Ivarr! — gritei com todas as forças, tentando despertá-lo, enquanto o esplendor da Lágrima do Sol renascia entre os meus dedos.

Os lobos desvaneceram-se em névoa. Um homem e uma mulher fixaram-me com atemorizado assombro. Os olhos daquela que se fazia passar por minha irmã esbugalharam-se de horror, ante a luz radiosa que se despenhava na sua cabeça. Ivarr tentou proteger a amante...

Porém, a energia do cristal atingiu-a com tal violência, que a arrancou dos braços musculados. Nada mais vi, pois o príncipe saltou sobre mim e imobilizou-me, rugindo enraivecido.

— Olha para ela! — supliquei, aflita. — Olha para ela, Ivarr!

A violência do seu aperto cessou de imediato. Apesar de atordoada, a mulher tentava sustentar o disfarce. Um fio de sangue escorria-lhe pela face, proveniente do golpe que a Lágrima do Sol abrira na sua fronte. Julgando ainda controlar a mente do Espírito da Luz, instigou:

— Essa fingida jamais aceitará o nosso amor, meu lobo! Se me queres possuir, tens de matá-la! Mata-a! Mata-a já!

Todavia, para além de me ter servido de arma, a Lágrima do Sol tocara a perversa criatura com a sua resplandecência; contaminara-a com magia luminosa. Não obstante o seu empenho, o negrume dos cabelos começou a tornar-se rubro e o verde-floresta do olhar transformou-se em verde-tempestade... E, por fim, em castanho ardente.

— Pelas barbas de Odin! — praguejou Ivarr. — Ela não é... Não é...

— Não... — Escudei o príncipe com o meu corpo, preparando-me para combater a mestra da Arte Obscura. — Não é Thora!

A feiticeira deixou cair a ilusão e pôs-se de pé. O seu olhar flamejava entre os cabelos ruivos desgrenhados. A pele alva dos seios desnudos rutilava na escuridão, contrastando com o brilho verde, laranja e violeta das pedras mágicas que lhe pendiam do pescoço. Defrontou-me e assanhou-se com o arrebatamento de uma fera. Gwendalin era muito forte! Mesmo recorrendo ao poder de Guardiã, eu necessitaria de sorte para vencê-la. Porém, estava

disposta a correr o risco, por todos aqueles que dependiam da minha proteção... E pela herança de Aranwen, finalmente ao meu alcance!

Mantive-me firme e aguardei por uma acometida brutal... Então, contra tudo o que seria previsível, a feiticeira deu-nos as costas e mergulhou nas trevas. Detive-me por um instante, demasiado atônita para reagir. Depois, esbocei a intenção de segui-la... Todavia, o gemido de dor do príncipe viking forçou-me a engolir em seco e voltar atrás. As pedras mágicas não valiam o sacrifício da sua vida!

O rei-lobo tremia tanto que era incapaz de falar. Eu acompanhara-o nas mais duras batalhas e vira-o desafiar a morte com arrojo. Contudo, nesse instante, Ivarr estava perturbado para além da razão. O sangue jorrava-lhe do peito, do nariz e dos ouvidos. Apertei a sua cabeça entre as mãos e libertei a energia curativa. Felizmente, os estragos causados por Gwendalin eram reparáveis... Mas só por um triz o Espírito da Luz não condenara a alma à escravidão!

— Como... Como é possível? — balbuciou, estonteado. Estreitei-o e pressionei-lhe as feridas do peito com as pontas dos dedos, até o sangue estancar. As unhas aguçadas haviam-lhe atassalhado a carne até aos ossos. Mesmo com o auxílio da magia, eu duvidava que do incidente não resultassem cicatrizes feias, que para sempre o recordariam do seu desvario. Logo que o perigo passou e o senti mais calmo, confrontei-o com a dúvida que me dilacerava:

— A bruxa conseguiu o seu objetivo?

O olhar cristalino fixou-me, contundido e confuso.

— Não entendo...

— Entendes, sim! — repliquei, implacável. — Gwendalin quis fazer contigo o mesmo que fez com o meu tio Edwin. Só que, para além da tua semente, também desejava a tua essência.

Ivarr fechou os olhos e rangeu os dentes. O tormento na sua expressão apavorou-me. Será que sacrificara mais do que as pedras mágicas, ao permitir que a feiticeira escapasse? Insisti com brusquidão, disposta a arrancar-lhe a verdade:

— Responde, Ivarr! Tu...

— Não! — cortou ele, impedindo-me de proferir a execrável questão. — Chegaste a tempo.

— Tens a certeza?

O verde puro do olhar cristalino concedeu-me o alívio que o seu transtorno era incapaz de prover. A voz soou-lhe angustiada e embaraçada, contudo sincera, ao replicar:

— Sim, Edwina. Juro pela minha honra! Sinto muito. Eu... Eu pensei...

— Eu sei! — Respirei fundo, permitindo-me confortá-lo. — O teu amor pela Thora...

— Não estás a compreender! — atalhou, ofegante. — Nós discutimos! Quando ela me falou do Galinn, fiquei furioso... Estava tão louco de ciúme, tão cego de paixão que quis seduzi-la; fazê-la minha, de uma vez por todas! Porém, ela resistiu... Resistiu sempre! E zangou-se... Há pouco, quando a sua voz me atraiu, acreditei que tivesse reconsiderado... — Escondeu o rosto entre as mãos e gemeu agoniado: — Isto não pode chegar ao conhecimento da tua irmã! Ela jamais me perdoaria!

— A Thora tem de saber, Ivarr! — contrapus. — E deves ser tu a contar-lhe!

— O que é que eu tenho de saber?

Saltamos desprevenidos, quando a Loba Prateada surgiu de entre as árvores, com o cenho franzido. Eu só imaginava o que lhe passava pela cabeça, ao deparar com o rei-lobo nos meus braços, longe do acampamento, nas brumas da floresta... O príncipe engasgava-se diante do seu olhar glacial. Decerto escolheria combater sozinho o exército mercenário, a ter de enfrentar novamente a ira da minha irmã. Aquiesci a dar-lhe uma ajuda:

— O Ivarr foi atacado pela Gwendalin.

A expressão de Thora modificou-se de imediato. Correu ao nosso encontro, arfando de preocupação. Só agora reparava que o rei-lobo estava ferido... E no desarranjo das suas roupas. Fixou-o com a respiração suspensa, mas foi a mim que dirigiu a pergunta fatal:

— O que aconteceu aqui, Edwina?

Hesitei, dividida entre o que achava correto e o terror de Ivarr. A minha irmã era implacável nas suas convicções e já o provara. Acreditaria que Gwendalin seduzira o príncipe através de um feitiço? Ou pensaria que ele só caíra na armadilha porque era incapaz de

resistir aos apelos da carne? De qualquer modo, não deviam ser os meus lábios a denunciar a verdade. Se Ivarr e Thora desejavam que o seu amor sobrevivesse às agruras da vida, tinham de confiar um no outro! E essa seria a primeira prova a superar.

O rei-lobo caiu finalmente em si e pediu, num tom grave e resoluto:

— Por favor, Edwina, deixa-nos sós.

Acenei com a cabeça e cedi lugar à Loba Prateada. Porém, em vez de regressar ao acampamento, enveredei pelo trilho que a bruxa tomara. Ivarr e Thora estavam tão enleados, que nem consideravam a hipótese de sofrer um novo assalto. Eu tinha de lhes guardar as costas; de certificar-me que Gwendalin realmente fugira... Nem podia acreditar que perdera a oportunidade de recuperar as pedras mágicas!

CAPÍTULO 9

Prendi o fôlego e obriguei-me a manter a cabeça erguida. Estava feito. Edwina, filha do *jarl* Throst e da feiticeira Catelyn da Ilha dos Sonhos, já não era a herdeira do trono viking.

Durante muito tempo eu ansiara por esse dia; imaginara o alívio que experimentaria no instante em que o rei Steinarr declarasse o fim de um compromisso que jamais deveria ter sido assumido. A dor era uma surpresa bastante desagradável! Porém, não podia negar que a sentia, afiada e álgida; uma lâmina a dilacerar-me o coração. Essa angústia não resultava de remorsos ou pesar pelos passos que dera... Era, tão-somente, o vazio da perda.

Eu fora prometida a Ivarr no berço e ambos crescêramos com a convicção de que seríamos marido e mulher, soberanos do País dos Vikings. O nosso amor nascera da amizade, cortês e jovial — um calor morno que nunca chegara a arder. Nenhum de nós jamais se sentira completo. Os nossos corpos repousavam sob as mesmas cobertas, mas os espíritos percorriam trilhos distintos. O carinho não trazia satisfação. E as débeis centelhas haviam-se apagado, no dia em que o rei Steinarr exigira ao filho que tomasse outra mulher a seu cuidado, por eu ser incapaz de gerar um herdeiro para o trono. O contentamento transformara-se em desprazer. O véu da resignação rompera-se... E o coração bradara mais alto! Ivarr estava apaixonado por Thora. Eu estava apaixonada por Edwin. O nosso casamento não fora um mero desacerto. Fora um erro grosseiro, que quase condenara o nosso povo à ruína; um desvio do destino que hoje se remediava. No entanto, os bons momentos passados juntos, a amizade, a lealdade, a dedicação — tudo isso enchia-me os olhos de lágrimas, agora que o enlace atingira o seu fim.

Os Vikings eram um povo de bom senso. Ao contrário do que sucedia no Império ou até na Grande Ilha, um homem e uma mulher que viviam uma união imperfeita não estavam condenados a

permanecer juntos até ao dia da sua morte. Para que o casamento se desfizesse, bastava que uma das partes justificasse essa vontade diante de três testemunhas imparciais e fidedignas. Fora assim que a minha tia Ingrior se livrara dos maus-tratos do sanguinário Gunnulf. Com simplicidade, asseio e elegância, evitavam-se lágrimas, padecimentos e crimes de sangue. Com simplicidade, asseio e elegância, Ivarr e eu declaráramos o nosso acordo em seguir caminhos diferentes, sob o olhar atento do rei Steinarr e dos seus conselheiros.

— Edwina...

A voz serena do rei-lobo fez-me estremecer. O seu olhar cristalino encheu-se de ternura, quando me estendeu os braços. Afundei-me no seu peito, sem saber se devia rir ou chorar ante tamanha prova de afeto. Os lábios quentes tocaram-me gentilmente a face e murmuraram:

— Ainda temos muitas batalhas para travar lado a lado. Porém, se um dia nos apartarmos, é meu desejo que encontres a felicidade onde quer que a busques.

Acenei em confirmação, incapaz de falar. A dor que me apoquentava era substituída por um entorpecimento aprazível, uma sensação de paz. Esse momento assinalava um novo começo para todos nós. A guerra contra o mal estava longe de findar... Todavia, a amizade haveria de nos conduzir à vitória.

Recordar o confronto com Gwendalin, na Floresta Sombria, deixava-me gelada. Em vez de se resguardar até que os ânimos arrefecessem e os seus inimigos voltassem a baixar a guarda, enquanto desfrutava da magia de Aesa e de três das pedras mágicas de Aranwen, a feiticeira escolhera arriscar tudo para plantar uma nova semente no ventre. Isso provava quão determinada estava em enraizar a sua maldade na Terra! O que faria, quando descobrisse que fora o seu próprio primogênito quem a impedira de alcançar o abominável intento?

Ivarr não tornara a mencionar o incidente. Eu bem sabia o quanto se envergonhava! Durante anos, o rei-lobo construía cuidadosamente as defesas do seu corpo e espírito, e julgara-se superior a quaisquer tentações. Gwendalin provara-o errado. Agora,

para além de lidar com as feridas do orgulho, tinha de descobrir como combater a fraqueza. Pelo menos, o ressentimento que o levara a questionar a minha amizade desvanecera-se, no instante em que eu prescindira de seguir a mestra da Arte Obscura para lhe acudir. No fim, surpreendentemente, fora Thora quem reavivara o molesto assunto, ao chegarmos ao castelo do rei Steinarr:

— Por que a bruxa escolheu Ivarr para sua vítima? — interrogara-me. — Se ela se apossou do corpo da tal Gríma e o espírito desta ainda persiste, Helgi não deveria ser uma presa mais apetecível, se não por paixão, pelo menos por vingança?

Eu ponderara longamente nessa questão e julgava ter a resposta:

— Ivarr já provou a sua superioridade face a Helgi, como rei-lobo e como líder. Gwendalin não se contenta com o segundo melhor! Além disso, sabes que a magia que abençoa o espírito de Helgi concede-lhe uma sólida resistência aos encantamentos.

— Mas, se a essência dos dois é idêntica, e já que concordas que Ivarr é mais forte, não deveria ser também mais difícil de enfeitiçar? — insistira a minha irmã, confusa.

Eu respirara fundo, tentando não melindrá-la:

— A força do Ivarr não está em causa, Thora! Foi o desejo que sente por ti que o fez cair nas malhas sedutoras da feiticeira.

A minha irmã engolira em seco, acenara com a cabeça e retirara-se, corada até à alma. Para ela, não devia ser fácil ouvir essas palavras. No entanto, eu não me sentia constrangida por dizê-las, segura do amor e do respeito que partilhávamos. De qualquer modo, a nossa conversa em nada abalaria a resolução de Thora! Se o Espírito da Luz a desejava, teria de ser paciente.

— De seguida, o rei Steinarr irá decidir o futuro dos Vândalos — sussurrou Ivarr, arrancando-me do devaneio. — Gostaria que pudesses ficar... Estou certo de que a tua presença tranqüilizaria o Helgi.

Tal declaração representava, só por si, um mau agouro. Será que o soberano ponderava refutar o acordo que o seu herdeiro firmara? Ver a esperança do povo vândalo cair por terra, a um passo de alcançar a paz, seria deplorável. Essa possibilidade era tão terrível, que eu nem me atrevia a considerá-la! No entanto, a apreensão de

Ivarr fez-me condescender a ficar ao seu lado, ignorando o esgar excruciante de alguns conselheiros do rei. Se a influência da Guardiã da Lágrima do Sol pudesse ajudar à concórdia, valeria a pena o sacrifício de suportar, por mais algum tempo, a intolerância daqueles energúmenos.

O meu coração acelerou no peito, quando a atenção do rei Steinarr tornou a fixar-se em mim. Por um instante, temi que me pedisse para abandonar a sala... Contudo, não demorou a desviar o olhar e a colocar o novo assunto à consideração do Conselho.

Na juventude, Steinarr do povo viking ficara conhecido por guerreiro-urso, uma vez que fora essa fabulosa fera que o buscara para a partilha de espíritos, durante a sua prova de iniciação. Mesmo sentado no trono, a sua robustez sobressaía de entre os demais. Os longos cabelos negros, enfeitados com fios grisalhos, misturavam-se com a barba cerrada e conferiam-lhe um aspecto ameaçador, que se severizara ao longo dos anos. Todavia, os olhos verdes, cristalinos e penetrantes, ainda guardavam alguma frescura dos tempos em que se permitira sonhar. Sentime aliviada, ao ver a benevolência com que encarava Helgi, enquanto o Espírito da Escuridão lhe apresentava os seus cumprimentos. Fixei o ancião Nereior com uma expressão minaz. O velho mesquinho desviou o rosto, ciente da minha vigilância. Os seus dentes roçavam uns nos outros e tinha de comprimir os lábios para escondê-los, tal a ânsia de cuspir o veneno que o engasgava.

Antes de Helgi entrar na sala de reuniões, o rei Steinarr discutira o acordo firmado por Ivarr com os seus conselheiros. A maioria concordara ser prudente manter uma força armada na fronteira com os Pântanos Nebulosos, para desencorajar a ousadia dos Mercenários do Norte. Também haviam sido favoráveis a que os nossos guerreiros ajudassem na reconstrução da aldeia dos vândalos... à exceção de Nereior.

Com a sua perversidade intrínseca, o mais idoso dos conselheiros opinara que o pacto firmado pelo príncipe herdeiro era ruinoso para os Vikings. Que vantagem existia em negociar com um inimigo derrotado? Os Vândalos estavam reduzidos a um punhado de guerreiros sem teto nem alento. Não se encontravam em condições

de demandar fosse o que fosse! Ao invés, deviam abandonar a Floresta Sombria e submeter-se à autoridade do rei Steinarr. Aqueles que se recusassem a trabalhar como escravos seriam executados, a fim de servirem de exemplo a quaisquer outros que se arriscassem a desafiar o domínio viking. Ivarr só não investira contra a maldosa criatura, porque o pai o impedira. Ainda assim, exaltara-se e bradara que só possuía uma palavra e não admitia que essa fosse contestada. Todavia, Nereior atrevera-se a replicar:

— Vós sois muito jovem, príncipe. Deveis escutar os mais velhos! A experiência e a sabedoria que coloco ao vosso serviço...

— Não querereis dizer a estreiteza de pensamento, o rancor e a ambição? — atalhara Ivarr, furioso. — Bem sei que procurais escravos fortes para as vossas quintas e desejais carne nova na cama. Pois nenhum vândalo será alvo da vossa tirania e luxúria enquanto eu viver, Nereior!

O miserável empinara o nariz afilado e volvera:

— Necessitarei de vos recordar que a vontade soberana do reino viking pertence ao vosso pai, príncipe Ivarr? As acusações que me dirigis não só me ofendem, como desconsideram este Conselho...

— Basta! — intrometera-se Steinarr. — É verdade que eu sou soberano, Nereior... E já tomei uma decisão. Tragam o rei vândalo à minha presença.

Até ao momento em que Helgi entrara na sala de reuniões, Nereior sorria vitorioso. Porém, no instante em que o rei viking expôs a sua resolução, a funesta criatura empalideceu e vacilou. Steinarr concluiu, reafirmando o ajuste expresso por Ivarr:

— A partir de hoje colaboraremos como aliados, Helgi, filho de Vestein. Podes contar com a ajuda do meu exército na reconstrução e proteção da tua aldeia. Além disso, os homens e as mulheres da Floresta Sombria são livres para se moverem, trabalharem ou até se instalarem em território viking. Têm igualmente permissão para caçar nos meus bosques, pescar nos rios e no mar, vender os produtos dos seus ofícios nas feiras e participar nos nossos festejos. Tu manterás a autoridade perante o povo vândalo e a administração do solo onde nasceste... Em contrapartida, imponho-te a obrigação

de respeitares as minhas determinações e de lutares ao meu lado, sempre que te chamar.

Isso representava muito mais do que eu ousara esperar da complacência do soberano viking. No fim, oferecia a Helgi as regalias e as obrigações de um *jarl*, ainda lhe permitindo conservar o título de rei. O rosto do Espírito da Escuridão também revelava surpresa e reconhecimento. Decerto julgara que o poderoso Steinarr iria subverter o ajuste de Ivarr e esmagá-lo com a arrogância da sua supremacia, uma vez que não possuía a menor necessidade de fazer cessões para vê-lo rastejar aos seus pés.

Por estes dias, existiam mais guerreiros vikings do que vândalos na aldeia de Helgi. Tal como o detestável Nereior apontara, bastaria que o rei Steinarr estalasse os dedos para acabar de vez com os inimigos de berço. Todavia, o soberano viking escolhia o caminho da honra e da paz... Em tempos, o meu pai confidenciara-me que não elegera o guerreiro-urso, para se tornar rei do nosso povo em seu lugar, apenas pela amizade que os unia e pela sua excelência guerreira. Elegera-o também pela integridade e ponderação. Hoje, eu reconhecia-lhe igualmente a magnanimidade. Respirei fundo, aliviada. Pelos vistos, Ivarr inquietara-se em vão.

Numa voz clara e tranqüila, Helgi agradeceu a generosidade de Steinarr e inclinou-se diante dele, aceitando a sua soberania e jurando-lhe obediência e lealdade. Quando parecia que a reunião fora um sucesso e nada mais havia a acrescentar, voltei a perder o fôlego, ao ouvir o Espírito da Escuridão demandar:

— Como julgo ser do vosso conhecimento, senhor, eu nutro um afeto profundo pela princesa Freya, filha do *jarl* Throst da Ilha dos Sonhos. A história do nosso passado está longe de ser perfeita... Contudo, gostaria de remediar os meus erros e assegurar-lhe um futuro venturoso. Por saber que a princesa se encontra sob o vosso cuidado, solicito que a autorizeis a acompanhar-me até à Floresta Sombria, com o objetivo de nos casarmos e construirmos um lar para os nossos filhos.

Não! Não! Não! Onde estava Helgi com a cabeça? Esse não era o momento de fazer tal pedido! E muito menos dessa forma arrebatada! O Espírito da Escuridão mais parecia um garoto que

acabara de construir um castelo de areia e, não contente com o feito, decidira saltar-lhe para cima, a fim de descobrir se este era capaz de suportar o seu peso. Compreendi finalmente por que Ivarr insistira que eu permanecesse na sala. Um burburinho desagradado elevava-se de entre os conselheiros. Nereior tornava a sorrir...

O rei Steinarr pôs fim ao rumor com um gesto brusco. O seu rosto não acusava surpresa ante a impetuosidade de Helgi, por isso deduzi que, apesar de termos acabado de regressar da Terra Antiga, Ivarr já o pusera ao corrente das aventuras de Freya e da sua gravidez. Encarou o rei vândalo e susteve o seu olhar, antes de responder num tom prodigiosamente neutro, mas detentor de uma firmeza inexorável:

— É verdade que conheço o vosso passado, Helgi... E compreendo o teu anseio de seguir em frente. Todavia, não posso condescender no que me pedes. Tal como disseste, o *jarl* Throst confiou-me a guarda das suas filhas... E sob minha guarda permanecerão, até que ele próprio me desobrigue dessa responsabilidade.

De imediato, as faces do Espírito da Escuridão incendiaram-se. Os meus receios estavam prestes a concretizar-se! Ivarr não podia interceder por Helgi junto do pai, nem tão-pouco tentar apaziguar-lhe a ira. Em qualquer das situações, estaria a menosprezar a autoridade de Steinarr e a inferiorizar-se diante dos austeros conselheiros. O soberano do povo viking falara e, há menos de nada, o rei dos vândalos jurara submeter-se à sua vontade. Uma insurreição bastaria para desfazer o acordo firmado.

"*Helgi...*" — apelei com a voz do espírito, tentando impedir a deflagração do caos. O Espírito da Escuridão não reagiu. Eu sabia que seria incapaz de derrubar as resistências da sua mente, se ele não mo consentisse. E, nesse instante, parecia fechado a argumentações. Insisti, sobressaltada:

"*Helgi, por favor!*"

Vi os seus lábios abrirem-se para gosmarem a revolta que o assolava. Porém, no último instante, arfou e conteve-se. O olhar azul celeste fixou-me, candente de indignação. Eu não sabia se o rei vândalo me conseguiria responder, mas, pelo menos, escutara-me. E

essa era a minha única esperança de chamá-lo à razão, já que também eu não me podia pronunciar. Respirei fundo e continuei:

"Não deites tudo a perder, Helgi! A tua questão é com o meu pai, não com o rei Steinarr. Pelo respeito que me tens, acata e recua..."

— Senhor, meu rei... — A voz irritante de Nereior cortou-me os pensamentos e atraiu todas as atenções. — Parece-me que o rei vândalo vos deseja responder... Não te inibas, jovem! Desfruta da graça que o rei Steinarr te concedeu, de falares livremente diante deste Conselho.

Eu odiava aquele homem! Se estivéssemos em pé de igualdade, haveria de desfazê-lo em pedaços. Verme peçonhento! Apercebera-se da hesitação de Helgi e tratara de lançar achas para a fogueira da sua raiva. Não olhava a meios para se assegurar de que o rei vândalo perderia tudo o que conquistara. Se dependesse dele, Helgi não deixaria a sala com vida! O pior é que eu achava que ia acabar por alcançar o seu intento... Foi, pois, com uma estupefação jubilosa, que ouvi Helgi replicar, num tom rouco, mas controlado:

— A vossa decisão causa-me grande transtorno, rei Steinarr... No entanto, hei de respeitá-la, enquanto aguardo pela oportunidade de provar as minhas boas intenções diante do *jarl* Throst.

— Alegra-me que assim seja! — volveu o soberano viking prontamente. — Acabaste de demonstrar que possuis garra, mas também a sensatez necessária para te tomares um líder de valor. Se nada tens a acrescentar, vai em paz ao encontro do teu povo, rei Helgi, filho de Vestein. A demanda que te espera é árdua... Todavia, estou confiante de que, até ao próximo Verão, a tua aldeia recuperará a prosperidade perdida.

O Espírito da Escuridão inclinou-se em reverência e deitou-me um último olhar significativo, antes de abandonar a sala. De soslaio, vi Ivarr suspirar de alívio. E eu própria mal continha o riso, ao deparar com o cenho de Nereior.

Logo que Helgi saiu, os conselheiros começaram a trocar impressões. Acreditei que Nereior se confessaria derrotado e guardaria o veneno para outra quizília. Todavia, ele não perdeu tempo, alardeando-se diante de Steinarr sem o menor decoro:

— Não vos avisei, senhor? Bem vistes como o vândalo reagiu, no instante em que o contrariastes. Só não se insurgiu contra vós, graças à minha interferência! É óbvio que não podeis confiar nesse homem. Há de aproveitar-se da boa vontade e generosidade do nosso povo, para restaurar as forças dos selvagens que o servem... E, ao primeiro ensejo, não hesitará em apunhalar-vos pelas costas!

O burburinho que me rodeava cessou abruptamente. Prendi o fôlego, ao ver Steinarr levantar-se da cadeirão e subjugar a mesquinha criatura com a sua sombra. Contudo, nem podia acreditar nos meus ouvidos, quando o vozeirão do rei fez estremecer as paredes de pedra:

— Há muito que desafias a minha paciência, Nereior! Tenho-te mantido ao meu lado, por atenção à tua família e por respeito à memória da minha adorada esposa, tua sobrinha. Porém, hoje excedeste todos os limites! Desrespeitaste o meu filho e não te poupaste a esforços para me aborrecer e provocar um incidente com o povo vândalo. Por isso, não voltarás a pisar esta sala na qualidade de conselheiro, nem tornarás a comer à minha mesa.

— Não! — bradou o ignóbil. E lançou-se aos pés de Steinarr, tentando beijar-lhe as botas enquanto pranteava: — Não podeis fazer-me isso! Eu sempre vos servi com devoção...

— Levanta-te! — atalhou o rei, enfasiado. — Estou cansado dos teus aleives! Farto das tuas conspirações! Desaparece da minha frente, antes que te mande prender! E nós dois sabemos que, diante de uma Assembléia, não me faltariam motivos para te condenar ao exílio.

Eu mal me atrevia a respirar. Não fazia idéia do que estava implícito na ameaça de Steinarr, mas tanto Ivarr como os conselheiros não acusavam surpresa. Pelos vistos, Nereior não se apercebera de que deixara cair a pele de lebre e exhibia as escamas de serpente. A sua culpa era tão declarada que nem se tentou defender. As lágrimas secaram-lhe nos olhos, quando se ergueu. Assumiu um porte altivo e abandonou a sala, debaixo de um silêncio constrangedor.

Na manhã seguinte, tive uma longa conversa com o Espírito da Escuridão. Congratulei-o pela força de vontade que demonstrara e

garanti-lhe que intercederia a seu favor, diante do *jarl* Throst, logo que a Primavera se instalasse e o meu pai rumasse ao Norte. Até lá, Helgi devia concentrar-se na nobre missão que o aguardava. O senhor da Ilha dos Sonhos aceitá-lo-ia mais facilmente como genro, se verificasse que ele honrara a palavra dada ao rei viking, reconstruía a aldeia da Floresta Sombria e atendera ao bem-estar do seu povo. Revoltar-se contra Steinarr haveria de lhe trazer infundáveis dissabores e nenhuma vantagem.

Helgi já ponderara no sucedido e depressa me deu razão. Porém, nenhum argumento foi suficiente para convencer Freya de que o seu amado devia partir com o espírito alentado pela certeza de que ela e Thorson ficariam bem. A minha irmã chorava com tal veemência que me dilacerava o coração. Não podia acreditar que, no instante em que Vikings e Vândalos finalmente acordavam a paz, a felicidade tornava a escapar-lhe por entre os dedos.

O dia arrastou-se penosamente. Thora veio fazer-nos companhia e desgostou-se, ao constatar a prostração da sua gêmea. Agarrou-a pelos ombros e, com uma firmeza sóbria, repetiu tudo o que eu já lhe dissera. Porém, a sua convicção acabou por sacudir a consciência de Freya, de tal forma, que até compareceu ao jantar de despedida que o rei Steinarr ofereceu ao rei Helgi.

Quando chegou o momento de nos recolhermos, segui Freya até ao quarto, tencionando alentá-la durante a noite. Contudo, a minha irmã tinha outros planos. Condescendi no seu desejo, recomendando que se certificasse de que ninguém a surpreenderia. Ela jurou-me que teria cuidado e esgueirou-se através dos corredores sombrios do castelo. Estreitei Thorson nos braços e preparei-me para dormir. Todavia, mal fechara os olhos, Thora entrava no aposento, igualmente movida pela vontade de animar a sua gêmea. Um olhar bastou para que compreendesse o que se passava. Franziu o cenho e cerrou os punhos, enquanto resmungava desgostosa:

— A Freya foi ter com o Helgi, não foi?

Confirmei, pois seria inútil mentir. Preparava-me para enfrentar a sua indignação, quando a Loba Prateada respirou fundo e se sentou ao meu lado, sussurrando para que Thorson não despertasse da tranqüilidade do sono:

— Julgo que eles merecem algum tempo a sós, depois de tudo por que passaram... Além disso, o que havia para evitar já está consumado! — Encarou a minha surpresa e não conteve um sorriso, praguejando: — Raios! Estou a ficar mole, não estou? Pelo menos deveria ter aguardado que me tentasses demover de invadir o quarto do rei vândalo e de atirá-lo pela janela, antes de ceder.

Devolvi-lhe o sorriso e convidei-a a deitar-nos conosco, retrucando:

— Não estás a ficar mole! Apenas entendes a Freya, porque também sabes o que é o amor.

Thora aninhou-se junto a mim e ficou-se num silêncio pensativo. Percebi que estivera a reunir coragem para me interpelar, quando começou hesitante:

— E tu, Edwina? Tencionas mesmo unir-te a Edwin? Tens coragem de deixar tudo para trás, por causa de um homem tão... inconstante? Desculpa... Sei que estou a espetar a unha numa ferida profunda, mas preocupo-me contigo! E se Gwendalin resolver aliciar o nosso primo? Não te esqueças de que ele é seu filho e está sujeito à tentação da Arte Obscura.

— Estou ciente disso — contestei com serenidade. — Porém, se Gwendalin decidir abeirar-se de Edwin, quero estar ao seu lado para ajudá-lo a resistir. Eu amo-o, Thora! Não será fácil superar o passado... Mas havemos de conseguir!

Ao invés de objetar, a Loba Prateada beijou-me a face com ternura, murmurando:

— Espero que tenhas razão...

O ribombar de um trovão cortou-lhe a voz. Como se irrompesse do nada, a fúria de um aguaceiro fustigou as portadas e o vento alvoroçou os reposteiros. Thorson resmungou e tapou a cabeça com a manta, mas não acordou. O relâmpago que se seguiu iluminou a penumbra do quarto. Um arrepio percorreu-me da cabeça aos pés... Um tremor quente, escaldante, que me cortou o fôlego e sobressaltou o coração.

— Pelas barbas de Odin! — exclamou Thora, alarmada. — De onde surgiu esta tempestade?

Saltei da cama e saí para a varanda. A minha irmã começou a protestar, mas calou-se assombrada. Por entre a irascibilidade do vento e as bátegas de chuva, distinguimos um céu de fogo, onde a maior Lua que alguma de nós jamais havia visto impunha o seu esplendor através das nuvens cerradas.

— Edwina... — arquejou a Loba Prateada, presentindo a magia que cavalgava a tormenta.

Os relâmpagos entrecruzavam-se na vermelhidão ardente do céu, traçando as linhas do destino do Homem. Um nevoeiro composto por partículas riosas, onde o amarelo e o azul se entrelaçavam num verde deslumbrante, formava-se sobre o mar e avançava contra a costa como se disposto a engoli-la. A Lua espargia centelhas de prata que se misturavam com a chuva e caíam sobre a nossa pele, fazendo-nos refulgir como deusas.

— Edwina! — repetiu a minha irmã com redobrado ardor. Estendi a mão ao encontro da sua, ensurdecida pela violência de um trovão. Mal consegui dominar o fôlego e recuperar a voz, exclamei assolada pelo júbilo:

— Não receies, Thora! Esta noite, o mundo místico abriu as portas... E, sob a aura magnânima da Pedra do Tempo, o nosso primo Edwin defrontou o Dragão do Conhecimento e assumiu a sua essência de Guardiã da Lágrima da Lua.

A Loba Prateada abanou a cabeça, incapaz de responder. Com o coração a martelar-me o peito, apertei-lhe as mãos e enunciei:

— Tenho de ir... Por favor, diz que me compreendes!

Thora engoliu em seco, replicando roucamente:

— Só desejo que sejas feliz... Tem cuidado!

Saí do castelo e enfrentei a tempestade, sem um pinga de temor. A exaltação que me movia era tão arrebatadora, que me cegava com lágrimas de antecipação e me emperrava o fôlego na garganta. Não tardei a embrenhar-me na Floresta dos Carvalhos e, quase no mesmo instante, o trilho da Montanha Sagrada revelou-se ao meu olhar. Deixei para trás a tormenta que assolava o Norte e penetrei naquele mundo místico, exclusivo e maravilhoso. O nevoeiro colorido que brotava do solo, aquecia a carne e alentava o espírito, envolveu-me de tal forma que mais parecia que a égua levitava em vez de

galopar. Uma brisa suave sussurrava-me ao ouvido qual coro celestial. A felicidade aguardava-me no berço da magia da Terra. Há quanto tempo eu sonhava com aquele momento, sem me atrever a acreditar que algum dia se concretizaria?

Alcansei o topo da Montanha e busquei Edwin com uma ansiedade angustiada. Deparei com o seu corpo prostrado sob a aura da Pedra do Tempo... Não se movia. Não respondia aos meus apelos. Aflita, ajoelhei-me ao seu lado e tomei-lhe o rosto entre as mãos. A sua respiração mal se percebia e o coração batia debilmente, prestes a desistir da vida. O rosto ostentava uma palidez mortal, como se o sangue lhe tivesse gelado no corpo. Impregnei-o de energia curativa, enquanto bradava:

— Edwin... Por favor, responde!

Recordei o dia em que me tornara Guardiã da Lágrima do Sol. “O Que Tudo Vê” guiara-me nessa prodigiosa aventura e ajudara-me a achar o caminho de volta à realidade. Ao despertar, eu descobrira que o meu bisavô dera a vida para me salvar. Sacudi a cabeça, afugentando os maus pensamentos. Não podia comparar a minha experiência com a do Rei da Lua. Devia, sim, concentrar-me em restabelecer a sua essência. Enlouqueceria se o visse perecer nos meus braços!

Inspirei fundo e absorvi a energia que pulsava ao nosso redor. A majestosa Lua que reinava no céu aquoso, de onde brotava o fogo divino, desceu até nós e envolveu-nos na sua luz. Arte Luminosa. Arte Obscura. Magia de vida e de morte. Eu não desejava o Conhecimento Absoluto, ainda que este estivesse ao alcance das minhas mãos. Só almejava ser amada pelo coração que batia em unísono com o meu, sob o calor dos meus dedos.

Lentamente, o sangue de Edwin aquecia e o seu fôlego estabilizava. O poder da minha essência fluía para o seu espírito como água. E o meu primo acolhia-o sem repulsa. Arte Obscura. Arte Luminosa. Magia de morte e de vida. Já não existia distinção entre o humano e o feiticeiro que habitavam dentro de nós. Eu podia render-me ao torpor que me invadia os sentidos... Essa batalha estava ganha.

Uma névoa colorida flutuava sobre mim; um vapor cinzento violáceo, laranja e rosa, salpicado de cintilações amarelas e rubras incandescentes. Pisquei os olhos e distingi duas formas esféricas que flutuavam em movimentos circulares, simétricos e perfeitos — um cristal que resplendecia com brilho alvo; outro, que rutilava com brilho negro. As Lágrimas do Sol e da Lua conviviam em perfeita harmonia, pela primeira vez em décadas.

Fascinada, ergui a mão para lhes tocar. Os meus dedos penetraram na nuvem mística e o seu calor úmido envolveu-me. Por um instante, sentime parte da harmonia daquele universo; tentada a mergulhar no infinito e deixar-me absorver pelo seu poder.

— É lindo, não é?

Voltei a cabeça para a voz que me despertara do encantamento. O coração quase me saltou pela boca; todos os pêlos do corpo se arrepiaram. Arquejei, sufocada de emoção, incapaz de emitir um som. As lágrimas brotaram-me dos olhos, sem que sequer pensasse em contê-las. Edwin deslizou para o meu lado e acariciou-me o rosto com uma delicadeza extrema. A cor regressara-lhe às faces, salientando o verde-floresta do olhar. Os dedos fortes mal me roçaram a pele, detendo a cascata de água que encharcava o vestido. Os lábios másculos ofereceram-me um sorriso deleitado, enquanto murmuravam roucamente:

— Vieste até mim!

Afundi-me no olhar deslumbrante, assolada pelo alívio e por um júbilo que me fazia estremecer contra o corpo que buscava o meu calor. Só com grande esforço consegui replicar:

— Duvidavas que eu viria?

O sorriso de Edwin alargou-se, de tal forma sedutor que me incendiou o sangue.

— Não!

Era a resposta curta e segura de um macho convicto do domínio que exercia sobre a fêmea. O Rei da Lua sabia que eu lhe pertencia; que mais nada se interpunha entre nós. Lancei-lhe os braços em redor do pescoço, buscando os seus lábios com sofreguidão. E encontrei-os dispostos a satisfazer a minha sede, a fome devoradora de uma vida de espera. O sentimento que nos fulminava era muito

mais intenso do que a necessidade física de tocar e ser tocado; mais forte do que o desejo ardente que conduz o Homem à loucura; demasiado complexo para ser expresso por quaisquer palavras ou gestos.

Rodopiei num remoinho de êxtase, com os dedos enterrados nos músculos sólidos e vivos do corpo que me fazia delirar. O solo sagrado da Montanha moldava-se a nós, qual colchão de penugem. A aura abençoada da Pedra do Tempo escudava-nos da maldade do mundo e o nevoeiro colorido ocultava-nos dos olhos dos deuses. Esse momento era nosso... Exclusivamente nosso!

— Edwin...

O Rei da Lua tremia e ofegava, ao sussurrar:

— Amo-te, Rainha do Sol... Amo-te desde o meu primeiro sopro de vida e hei de amar-te por toda a eternidade.

Não trocamos mais palavras. O seu ronco de paixão fundiu-se no meu grito de prazer, sem que os nossos lábios se separassem. A sua magia manifestou-se — um brilho negro e fresco contra o meu clarão ardente. Abri-me à essência de Edwin, com o mesmo fervor com que me entregava aos movimentos apaixonados do seu corpo. E o mundo, como aprendêramos a conhecê-lo, desvaneceu-se. Nós éramos a terra, o mar, o céu e as estrelas. Nós éramos o Sol e a Lua. Eu era fogo e água nos seus braços; luz e trevas no seu espírito. E Edwin era a minha vida!

CAPÍTULO 10

Os meus dedos entrelaçaram-se nos anéis dos cabelos de Edwin e a madeixa vermelha, que rasgava o louro dourado, rutilou na penumbra qual tortuoso rio de fogo. A sua pele estava quente e úmida devido à veemência da nossa paixão. Os seus lábios murmuraram uma última jura de amor, antes dos olhos se fecharem, rendidos ao cansaço.

Respirei fundo, apreciando a languidez que me acalentava. Fora da caverna, a luz voltava a esmorecer. Eu perdera a noção do tempo que passara, desde que subira a Montanha Sagrada em busca do Rei da Lua... Assim como perdera a conta das vezes que nos havíamos amado. Mal dormíamos. Mal comíamos. Mal conversávamos. A paixão que nos arrebatava era devastadora, insaciável, como se exigisse dos nossos corpos a satisfação negada durante os angustiosos anos de separação. Simplesmente não nos conseguíamos apartar. E, por incrível que parecesse, o ardor aumentava a cada experiência, como se não existissem limites para o prazer que dávamos e recebíamos. Ambos sabíamos que nos devíamos conter, solucionar as muitas questões que ainda pendiam entre os dois. Além disso, afligia-me a certeza de que Thora e Freya se inquietavam com a minha delonga. Todavia, no instante em que os nossos olhos se encontravam, a realidade que nos aguardava no sopé da Montanha desvanecia-se como por encanto.

Mais uma vez senti o sono vencer-me. Aninhei-me no peito de Edwin e deixei-me flutuar para a tranquilidade de um sonho bom. Diante dos meus olhos estendia-se a superfície cristalina de um lago e, sobre a minha cabeça, as copas das árvores bailavam ao sabor de um vento ameno, deixando antever o azul divino do céu, por entre o verde glorioso da folhagem. Os meus pés descalços avançaram sobre o solo úmido da margem e mergulharam na água fresca. Enterrei os dedos na terra e inspirei com contentamento. Um bando de cisnes surgiu do lado oposto da floresta, rasgando o ar com uma elegância majestosa, até pousarem ao meu lado sem temor. Não muito longe, um cardume denunciava a sua presença, perturbando o

azul aquoso com o reflexo das escamas de prata. O canto dos pássaros elevava-se, num hino de exaltação ao Sol. O zumbido dos insetos acrescentava-lhe notas de perfeição... O Lago Encantado da Floresta Sagrada da Grande Ilha era um santuário da natureza; um dos mais belos refúgios místicos da Terra. E eu tinha o privilégio de fruir das suas maravilhas!

Foi aqui que tudo começou... — sussurrou-me junto ao ouvido a voz fresca e doce de uma mulher, quebrando o meu enlevo. Virei-me para encará-la... E constatei que continuava sozinha.

Uma brisa gélida trespassou-me, provocando-me calafrios. A serenidade que experimentara transformou-se em apreensão, ao verificar que o vento fendera a água e criara um remoinho místico, de onde tinham brotado sete pedras coloridas: uma verde, uma vermelha, uma branca, uma violeta, uma amarela, uma azul e uma laranja. Adejaram à minha frente, ofuscando-me com o esplendor coruscante da sua magia. Eu via-as reunidas pela primeira vez... E, ante o colossal poder que espargiam, facilmente entendia por que suscitavam a obsessiva cobiça dos feiticeiros renegados.

É aqui que tudo deve terminar... — ciciou a misteriosa mulher, mesmo ao meu lado. Mas eu continuava a não conseguir vislumbrá-la! Então, outras vozes se elevaram, formando um coro de murmúrios. Brotavam do solo. Emergiam do lago. Dançavam com o vento por entre os ramos das árvores. Desciam sobre mim e arrepiavam-me com o seu tom de alerta:

Destrói as pedras, Guardiã da Lágrima do Sol...

Aquele que condenará a Terra à escuridão absoluta já encarnou o Homem...

Destrói as pedras, Guardiã...

Antes que seja tarde...

— Aquele que condenará a Terra à escuridão absoluta já encarnou o Homem — repetiu Edwin devagar, buscando o significado oculto por trás de cada palavra. — Achas realmente que os espíritos da Floresta Sagrada se referiam ao teu sobrinho?

— E a quem mais poderá ser? — indaguei, angustiada. — As marcas no corpo de Thorson provam que ele é o primogênito varão,

ao qual a profecia do filho do dragão se refere. Não sei o que fazer... Estava convicta de que seria capaz de orientá-lo; tão certa da sua integridade, que o escolhi para me suceder como Guardiã do Lágrima do Sol!

Edwin apertou-me as mãos e replicou:

— Se escolheste o Thorson para herdar o teu poder, então, ele é a pessoa certa para assumir essa missão. O instinto de um Guardiã não se engana!

— Duvido que o Sigarr concordasse contigo! — objetei, amofinada. Edwin torceu um sorriso, volvendo:

— A Lágrima da Lua aceitou-me, não foi? Isso prova que, apesar de eu não me ter tornado um monstro como o meu mestre desejava, a vontade divina foi cumprida. Confia no teu instinto! Se a Lágrima do Sol reconhece a essência de Thorson, também ele, um dia, será Guardiã.

Quedei-me em silêncio, confusa. Eu despertara tão transtornada, que Edwin quisera saber o que se passava. Desabafar a minha premonição, sem rodeios, fora reconfortante. E verificar o empenho do Rei da Lua trazia-me algum alívio.

— A revelação foi clara — ponderei, forçando-me a organizar as idéias. — Tenho de me apressar a destruir as pedras mágicas, pois já nasceu aquele que pode arrasar o nosso mundo. Para além de Thorson, quem deterá tamanho poder?

Edwin encorajou-me a suster, enquanto retrucava:

— Não sei... Mas a Pedra do Tempo decerto tem a resposta. Vamos perguntar-lhe?

Estar de mãos dadas com o Rei da Lua, diante da Pedra do Tempo era algo novo, tão excitante quanto aterrorizador. Sustive o fôlego, ao ouvi-lo evocar a magia como eu já fizera tantas vezes, aguardando por uma manifestação de boa vontade por parte da mestra dos nossos destinos. O meu coração ardia de amor por Edwin... Todavia, não negava que ainda existia uma centelha de desconfiança, que se cravara num canto recôndito da minha mente e me causava agonias. O pior é que eu tinha a certeza de que ele se apercebia desse conflito. No entanto, nada dizia, ciente de que

qualquer argumentação seria vã. Só o tempo curaria as feridas provocadas pelos nossos sucessivos desencontros.

Eu não questionava a lealdade do meu primo, no instante em que as nossas mãos a floravam a superfície resplandecente da Pedra do Tempo. Era o futuro que me assustava! O que aconteceria quando a Arte Obscura o tentasse? O que responderia quando, um dia, a mãe apelasse à sua ambição? Porque era indubitável que, cedo ou tarde, Gwendalin haveria de fazê-lo! Eu receava o que estava prestes a ser revelado, não só pelo mal que podia representar, mas igualmente porque nos obrigaria a deixar a proteção da Montanha Sagrada. E longe da sua aura abençoada, Edwin seria uma presa ardorosamente cobiçada pelas danosas entidades que se sonegavam nas sombras.

— Estás pronta? — perguntou gravemente.

Ao invés de lhe responder, terminei a invocação. De imediato, senti a energia penetrar-me nos dedos e trespassar-me o corpo. Era como se uma garra gigante, constituída pela mais primordial das matérias, se cravasse no meu espírito, o arrancasse da carne e arremessasse através de um espaço e tempo sem significado, à medida que a vontade da Pedra do Tempo se definia. Ela podia desvendar o passado, o presente e o futuro... Porém, em certas ocasiões, negava-se a revelar o que lhe era solicitado e denunciava outros acontecimentos, de acordo com a sua intenção soberana. Consultar a Pedra do Tempo era uma aventura sempre diferente; um mergulho no desconhecido, sem garantias nem seguranças. E, pela primeira vez, Edwin e eu saltávamos para o abismo, lado a lado.

Caímos num remoinho de negridão gélida, que parecia determinado a separar-nos. Gritei e escutei os brados do Rei da Lua, enquanto um vento perverso nos lacerava as essências. Reconheci a força colossal que nos repelia. Já a defrontara antes! Porém, desta vez, a barreira mágica que escudava o feiticeiro do Império era muito mais poderosa, como se este não se tivesse poupado a esforços para intrujar a minha percepção. Sozinha, teria fracassado em rasgar o véu compacto do sortilégio. Todavia, Esteban não imaginara que outro poder se aliaria ao meu, no momento decisivo.

A Arte Obscura não guardava segredos a Edwin. Com um domínio surpreendente, fendeu a muralha mágica que o bruxo erguera, sem permitir que as trevas o envolvessem. Aos poucos, a bruma desvaneceu-se, mostrando uma obscuridade avermelhada e mórbida. Prendi o fôlego, ao constatar o que se encontrava para lá da névoa. Formas humanas definiram-se: mulheres atarefavam-se em redor de uma jovem que estrebuchava, deitada numa cama de dossel de onde pendiam cortinados de seda branca, ornados com fios de prata.

— Tirem-no! — berrava Estrid, com as faces angelicais completamente deformadas pela dor e o suor a escorrer-lhe em bica da fronte. — Tirem-no para fora!

— A princesa tem de fazer força — replicava a anciã que se ajeitava entre as suas pernas, com a mestria de quem já pusera dezenas de crianças no mundo. — Quando eu disser...

— Respire como lhe ensinei — aconselhava outra mulher, limpando-lhe a testa.

— Estou a fazer tudo isso, suas cabras velhas! — chiou Estrid, agredindo-as com safanões e pontapés. — Ide chamar o padre Esteban!

— Mas...

— Ide ou mandar-vos-ei enforcar!

Após o impacto da surpresa, senti a vontade instintiva de ajudar a minha prima. Todavia, o Rei da Lua impediu a minha essência de se manifestar. Reprimi o ímpeto, mas uma parte de mim indignou-se ante a sua inação. Afinal, Edwin e Estrid eram meios-irmãos... Então, a porta escancarou-se para deixar passar um homem alto e escanifrado. Os olhos negros sobressaíam-lhe na pele extraordinariamente pálida do rosto, quais pedaços de carvão engastados na neve. Os reflexos das chamas da lareira torciam padrões funestos na superfície lisa do seu crânio. O traje sóbrio dos padres cristãos, que cobria a sua figura austera, nada representava além de um disfarce para iludir as mentes fracas. Esteban jamais seria um homem santo. Pelo contrário, era um feiticeiro demoníaco! E a criança que Estrid se preparava para dar à luz carregava o seu sangue maligno.

— Saia! — ordenou às mulheres que se atarefavam, garantindo que não faltaria água quente e toalhas limpas à herdeira do trono. — E tu, parteira, termina o trabalho. O futuro rei do Império já esperou demais pelo seu primeiro fôlego de vida! Eu ficarei junto da princesa, para me certificar de que a graça do Senhor aliviará o seu tormento.

Eu não me movia. Mal me atrevia a respirar! Apelava a todos os recursos da magia para me ocultar da percepção superior de Esteban. Em tempos, o feiticeiro detectara a minha intrusão num dos seus assuntos e quase me destroçara a essência. Depois de testemunhar o que sucedera a Snari, não me atrevia a desafiar a sorte. Edwin fora prudente ao impedir-me de avançar. E, ao fim de tantos anos, eu continuava a ser tola! Se tivesse interferido, movida pela piedade, provavelmente Estrid ter-me-ia denunciado ao amante.

As criadas apressaram-se a deixar o quarto. A parteira lançou um olhar atravessado ao padre, antes de se sentar novamente entre as pernas da princesa. Esteban ignorou a anciã e deteve-se à cabeceira da amante, determinando com uma ferocidade velada:

— Acalma-te, filha... Não tarda, receberás o teu primogênito no regaço.

Assim que lhe segurou a mão, as dores abandonaram Estrid e o alívio inundou-lhe o rosto, permitindo-lhe concentrar-se nas instruções que recebia. Aparentemente, o bebê não estava na posição correta para nascer. Agora, era a parteira quem suava e praguejava, amoldando a cabeça do príncipe e incitando:

— Força, princesa... Força!!!

O último esforço da minha prima foi recompensado com o clamor de vitória da anciã. Uma forma redonda, coberta de muco e sangue deu-se a conhecer. Mal a cabeça do bebê surgiu, a parteira puxou-o facilmente para longe da prisão do corpo da mãe. Porém, o sorriso terno que surgia na face encarquilhada logo se transformou num trejeito de horror, ao examinar a criança. Constatando a sua expressão, Esteban acometeu adiante... E em bom tempo, pois a mulher deixava cair o bebê, guinchando apavorada:

— Que Deus nos valha! É um monstro! Um monstro!

O feiticeiro resgatou o filho e, sem vacilar, estendeu uma mão na direção da parteira. A avantajada mulher foi arremessada pelo ar, como se não tivesse peso, e esmagou-se contra a tapeçaria de cores alegres que forrava a parede. Voltou a gritar, a dor sobrepondo-se ao choque, enquanto os seus braços e pernas se agitavam convulsivamente. O olhar denunciou o terror que a assolava... Então, Esteban cerrou o punho com ímpeto e a cabeça da sua vítima torceu-se, num movimento brusco e incompatível com a vida. O guincho da anciã extinguiu-se de forma abrupta. O som dos seus ossos a quebrarem-se causou-me calafrios. Os braços e as pernas penderam como se de uma boneca de trapos se tratasse. Por fim, a mão do falso padre recuou e a parteira despenhou-se no chão, com o sangue a jorrar-lhe dos lábios.

— Esteban... — gaguejava Estrid, pálida de susto e medo.

A criança pranteava estridentemente. O feiticeiro observou-a com o cenho franzido, como se não acreditasse no que via. Incapaz de se conter, a minha prima arrastou-se pela cama, tentando divisar o filho. Quando Esteban se apercebeu da sua iniciativa era tarde. Estrid já se lançava para trás e clamava horrorizada:

— Não! Não pode ser! Não pode ser...

O feiticeiro destruiu a distância que os separava e imobilizou-a. Puxou-lhe os cabelos sem cortesias, forçando-a a encarar o bebê.

— Este é o neto do rei William — rugiu. — O filho do príncipe John, herdeiro do Império...

— Não! — entaramelava Estrid, sufocada. — Essa coisa não saiu de mim! O que foi que eu fiz? — Cobriu o rosto com as mãos, carpindo desesperada: — Deus está a castigar-me! Deus está a castigar-nos! Tu... Tu és o culpado desta desgraça!

— Cala-te! — A mão do feiticeiro abateu-se sobre a face da amante, numa violenta bofetada que a prostrou. O seu tom souu baixo, rouco e ameaçador, ao prosseguir: — Se alguém desconfiar que este rapaz não é filho de John, será o fim dos nossos planos!

— Planos? — bramiu Estrid desvairada, arranhando as cobertas manchadas de sangue. — Quais planos? Prometeste-me um filho que conquistaria todos os reinos da Terra... Mas isso não é uma criança! É um animal... Um monstro como tu! Maldito sejas! Maldito!

Enquanto a jovem o repudiava, Esteban deitou o recém-nascido no berço e cobriu-o com a manta delicada, serenamente, ignorando o burburinho que eclodia do lado oposto da porta. A pesada tranca de madeira deslizou sem que ninguém lhe tocasse, impedindo a entrada daqueles que acudiam aos gritos da princesa. Estrid continuava a vociferar, tão desorientada que nem pressentia o perigo. Só despertou para a precariedade da sua situação, quando o feiticeiro saltou sobre ela.

O corpo alto e magro prendeu a minha prima à cama, sem dificuldade. Mesmo que Estrid não estivesse debilitada, jamais conseguiria opor-lhe resistência. Se desejasse, o bruxo podia chamar a si a força de um exército.

— És patética! — fremiu, esmagando-lhe o rosto entre as mãos. — Rejeitaste o teu próprio filho, só porque não possui a beleza que idealizaste. É perfeição que almejas? Pois eu irei mostrar-te o que significa ser excelente, impura!

Os seus lábios aprisionaram os de Estrid com uma ferocidade assassina. Incapaz de se defender, ela sentiu o poder do feiticeiro qual vara de ferro que lhe trespassava o âmago e se cravava no espírito, arrastando-o para fora da concha de ossos, carne, músculos e pele. O seu olhar esbugalhou-se, incendiado com o ardor do suplício que experimentava. A minha prima não queria morrer... Ainda mal começara a viver! O seu braço elevou-se em direção ao teto, num apelo mudo de auxílio ao seu Deus.

— Edwin... — gemi, ferida pela lembrança da tia Geimy e da sua preocupação pela filha, mesmo no leito de morte. Ainda que o destino de Estrid tivesse sido escrito pelo seu próprio punho, no momento em que firmara o pernicioso ajuste com Esteban, eu não podia assistir de braços cruzados ao seu fim, por mais que a desprezasse.

O Rei da Lua impediu-me de avançar, mas deixou o seu poder fluir pelo quarto, empurrando a tranca da porta. Esteban estava tão inebriado devido à energia que assimilava, que mal escutou o estrondo da trave de madeira contra o chão. O seu rosto refletiu o assombro que o fulminava, quando a porta se escancarou e o príncipe John entrou de rompante, seguido pela sua guarda pessoal.

Os homens soltaram exclamações de horror, ao depararem com o cadáver da parteira e o leito ensopado em sangue, onde o padre Esteban se debruçava sobre Estrid, parecendo disposto a estrangulá-la.

— Que diabo se passa aqui? — trovejou o príncipe herdeiro, sem acreditar no que via. Decerto o assassinio da sua esposa não fazia parte do acordo que estabelecera com o falso padre.

Eu já me defrontara com John e reconhecia a sua argúcia. Um olhar bastara para perceber que Esteban ultrapassara todos os limites, ainda que não lhe ocorresse, de imediato, que fora vítima da traição do seu mestre. Os guardas que o rodeavam levavam as mãos às espadas, olhando para todos os lados, como se esperassem ver surgir um exército inimigo do interior das paredes de pedra.

Esteban recuou devagar, deixando Estrid sobre a cama. Escudada pela magia da união com o Rei da Lua, constatei que a minha prima estava inconsciente, mas vivia. Se o feiticeiro pressentiu a nossa presença, decidiu ignorar-nos. Uma manifestação mística em território imperial era quanto bastava para arder na fogueira. O falso padre calculava que não nos atreveríamos a afrontá-lo diante da guarda do rei William, com medo de comprometer o Tratado de paz firmado entre os nossos líderes. Além disso, necessitava de salvarguardar o seu disfarce. Após um instante de hesitação, dirigiu-se ao pupilo, justificando brandamente:

— O demônio esteve neste quarto, John! Apoderou-se do espírito daquela pobre mulher, com o intuito de matar a princesa Estrid e o vosso filho. Consegui esconjurá-lo, com a ajuda e proteção do Senhor. Porém, as conseqüências da sua selvajaria foram terríveis! Como podes constatar, a parteira não sobreviveu à possessão. Quando entraste, eu tentava salvar a princesa Estrid... E o vosso filho também requer cuidados urgentes, que só eu posso prover.

Ao discursar, foi-se desviando até ao berço. Os guardas repetiam compulsivamente o sinal da cruz, crentes na palavra do padre que acreditavam santo. No entanto, John engolia em seco... Conhecia sobejamente bem o seu mestre para saber que lhe mentia. Então, uma voz estrondeou, vinda da porta:

— O único demônio que assombra este quarto és tu, Esteban!

Prendi o fôlego ao ver surgir o meu primo Quinn, seguido pelo rei William. O soberano do Império estava tão debilitado, que era obrigado a amparar-se em dois dos seus filhos mais novos para arrastar os pés. Um único olhar bastou para que eu reconhecesse que fora vítima de envenenamento. O seu corpo definhava e o rosto ostentava o mesmo aspecto agonizante do meu tio Edwin, quando este se encontrara às portas da morte — os cabelos a caírem às madeixas; a pele cinzenta e gretada; os olhos encovados e sem brilho, rodeados de manchas pretas; os lábios em sangue... Poderia esta aleivosia também ter sido obra de Estrid? Possuía, de certeza absoluta, a autoria de Esteban! O feiticeiro já provara dominar a perversa arte melhor do que ninguém. E, se no ataque a Edwin e a Berchan McGraw utilizara venenos de ação rápida, desta vez fora ainda mais astucioso. A corrupção lenta da saúde do rei fora decerto atribuída às mais variadas maleitas, sem que ninguém desconfiasse da origem do mal que o sujeitava. Assim, certificara-se de que William tombaria logo após o nascimento do neto, e que Estrid seria coroada rainha, como acordado.

Cinco guerreiros colocaram-se ao lado do rei e dos príncipes, garantindo a sua segurança. De entre eles, reconheci o general Simon, *Mão de Ferro*, um amigo do meu pai. Pela primeira vez, vislumbrei medo nos olhos negros de Esteban. Os seus lábios tremeram e teve de apelar às reservas de controlo, antes de enfrentar Quinn McGraw.

— Como te atreves a blasfemar contra mim, impuro? — rosnou ameaçador. — As deformações que exhibes são a prova do teu pecado; o castigo divino pela perversão do teu espírito! E a ira do Senhor voltará a abater-se sobre ti...

— É inútil, Esteban — atalhou o soberano, fraco mas determinado. — Eu vi o teu antro de bruxaria com os meus próprios olhos... Não me voltarás a enganar!

O feiticeiro rangeu os dentes e emitiu um som gutural, qual fera mortalmente ferida. No espaço de uma batida de coração, muitas coisas lhe passavam pela cabeça. O que dizer? O que fazer? Haveria forma de contornar essa adversidade? De desacreditar Quinn e recuperar a confiança do rei? E, mesmo que conseguisse iludir

novamente aqueles imbecis, valeria a pena continuar a viver como um laçao, privando-se da satisfação das suas necessidades mais prementes? A dúvida acerca da sua integridade fora plantada e criara raízes. O seu poder era colossal, mas não bastaria para domar as consciências de todos aqueles que o rodeavam, ao longo do tempo. Se sustentasse a farsa, teria de se manter em permanente alerta...

— Mata-o! — exclamou, sem que ninguém esperasse. E, de repente, John desembainhava a espada e investia contra o pai, berrando como um louco.

Nenhum dos guerreiros reagiu, tomados pela perplexidade. Os próprios príncipes que acompanhavam o pai quedaram-se inertes, perante a acometida do irmão mais velho. Foi Quinn quem se atravessou no caminho de John, barrando-lhe a intenção assassina. Num piscar de olhos, livrara-se do bordão e empunhava a espada... com a mão direita! Sem vestígios de indecisão e com a destreza do mais hábil dos guerreiros, impediu que a lâmina do príncipe herdeiro trespassasse o corpo decrépito do rei, apelando a uma força sobrenatural para o empurrar e subjugar.

Ultrapassado o pasmo, os guerreiros caíram sobre John e imobilizaram-no. Era impossível dizer se estavam mais chocados com o ataque tresloucado do herdeiro do trono, se com o súbito restabelecimento do conselheiro aleijado, que sempre necessitava do apoio do bordão para caminhar e mal fazia uso da mão direita. Eu ficara mais atônita do que os restantes, pois testemunhara o combate em que Magnor incapacitara Quinn e só por sorte não o matara. Naquele malfadado dia, a minha mãe atendera aos ferimentos do sobrinho e assegurara, com pesar, que ele jamais se tornaria um bom guerreiro, devido às seqüelas resultantes da barbárica disputa. Pelos vistos enganara-se... Ou Quinn iludira toda a gente, fazendo-nos acreditar que as suas limitações se mantinham, quando, na verdade, a magia do seu sangue as sarava lentamente. Eu tinha de elogiar a sua agudeza de espírito, que lhe permitira manter o segredo até esse instante crucial.

— Maldição! — praguejou Esteban, ao verificar o fracasso do seu escravo. E, sem mais delongas, agitou os braços e invocou o fogo.

De imediato, os pesados reposteiros incendiaram-se, assim como as portadas, as cortinas da cama, as tapeçarias que enfeitavam as paredes e os tapetes que cobriam o chão. Num estalar de dedos, o quarto tornara-se uma visão do inferno que o falso padre tão bem descrevera nos discursos aos crentes. Edwin e eu encontrávamo-nos no centro da conflagração e teríamos de recuar, ou seríamos irremediavelmente envolvidos pelas flamas. Senti a sua essência atrair-me para longe daquela realidade calamitosa e tentei resistir, na esperança de que ainda pudéssemos ajudar. *Mão de Ferro* assumira o comando e ordenava aos soldados que conduzissem o rei e os príncipes para fora do quarto. John teve de ser carregado em braços, pois desmaiara assim que o feiticeiro lhe libertara a mente. Embora a custo, Quinn conseguira resgatar Estrid às labaredas. Entretanto, Esteban envolvera o bebê nos seus braços e correria em direção ao caos. Protegido por um escudo de ar, lançou-se para o interior das chamas que devoravam as portadas, sem o menor temor. E a madeira estilhaçou-se diante dele, abrindo-lhe uma passagem para o abismo.

Nada mais vi ou ouvi, pois a energia de Edwin sobrepôs-se à minha e arrastou-me de volta à proteção da Montanha Sagrada... E à consciência de que as revelações da Pedra do Tempo acabariam por influenciar o futuro de todos nós. Aquele que haveria de condenar a Terra à escuridão absoluta já encarnara o Homem... Restava-me o consolo de saber que Thorson estava a salvo dessa maldição.

— Tens a certeza de que essa Visão foi real, Edwina?

A interpelação de Ivarr ter-me-ia ofendido, se eu não soubesse que a sua frieza em nada se devia à dúvida, mas a um misto de frustração e ciúme. Apesar de a nossa união ter sido desfeita, o rei-lobo ainda me olhava como sua propriedade. O fato de eu ter entrado no castelo viking ao lado de Edwin, sem quaisquer receios ou falsos pudores, deixara-o furioso. E, ainda mais ofensivo do que a minha ousadia, fora o modo amistoso como Thora recebera o primo.

A complacência da Loba Prateada também me espantara. Teria o seu coração mitigado, após a nossa última conversa, sabedora do

quanto o apoio da família significava para mim? Ou fora Freya, que se tornara amiga de Edwin durante a nossa estada na cidade da rainha Lyria, quem preparara o seu espírito? O fato é que Thora justificara a longa ausência da Guardiã da Lágrima do Sol diante do rei Steinarr e, no meu regresso, decidira conceder o benefício da dúvida ao primo. Todavia, tal podia custar-lhe um desentendimento profundo com Ivarr, se o príncipe enveredasse pelo trilho da intransigência, só para me contrariar.

— A Pedra do Tempo nunca se enganou! — repliquei com um suspiro impaciente. — Além disso, como vos contei, não fui a única a testemunhar o seu alerta.

Ivarr deixou escapar um rosnado, mas o pai silenciou-o com firmeza, enquanto objetava:

— Talvez a profecia da Pedra do Tempo não seja tão catastrófica como parece.

Fixei o soberano, sem alcançar o seu raciocínio. Sentado no majestoso cadeirão que dominava a sala de reuniões, com as chamas da lareira projetando reflexos de fogo sobre as madeixas prateadas e negras dos seus cabelos, Steinarr mais parecia um gigante saído de uma lenda. Eu sentira-me aliviada quando ele condescendera a que conversássemos a sós, sem a interferência dos conselheiros. Para além destes me intimidarem, não confiava na sua total discrição. As terríveis revelações que acabara de fazer poderiam causar grandes transtornos e inquietação, se chegassem ao conhecimento do povo. E os mesquinhos conspiradores, que cobiçavam o trono de Steinarr, adorariam saber que a sua sobrinha Estrid comprometera o Tratado celebrado entre os Vikings e o Império.

— Não compreendo, senhor... — comecei, mas o rei interrompeu-me:

— Há muito que alertei William para a má índole de Estrid e a perfídia de Esteban. O que aconteceu acabou por me dar razão. O fato de o bruxo ter finalmente caído em desgraça é uma vitória para a nossa causa!

— Esteban pode ter recuado — repliquei. — Porém, tenho a certeza de que não desistiu de conquistar o Império.

— Estrid jamais confessará a verdade acerca do seu primogênito, com receio de perder a vida — argumentou Steinarr. — Enquanto esse silêncio perdurar, John acreditará que o feiticeiro lhe raptou o filho e mobilizará o exército para procurá-los. Talvez a situação se resolva por si só!

— Menosprezar o engenho de Esteban pode ser fatal — contestei, alarmada. — Não vos esqueceis de como ele se apoderou de três das pedras mágicas da minha família.

— Não tenho o hábito de menosprezar os meus inimigos! — volveu o rei com frieza. — No entanto, é demasiado cedo para que me arrisque a lançar os barcos ao mar. Até que a Primavera se instale e a bonança dos dias amenos nos permita navegar, teremos de esperar que a sabedoria de Quinn McGraw descobrirá uma forma de salvar o rei William... E que a tresloucada da Estrid manterá a boca fechada.

— Nós não podemos aguardar o fim da Primavera para intervir! — protestei exasperada.

— E o que sugeres, Edwina? — retrucou Ivarr, escarninho. — Que enfrentemos incautamente as tempestades e o gelo que se oculta nas ondas? Esteban haveria de aplaudir o nosso naufrágio!

Mal contive uma resposta torta. Não negava que, por enquanto, defrontar a braveza do mar se afigurava um desafio à morte. Contudo, também confiava que a união das magias da Guardiã da Lágrima do Sol e do Guardiã da Lágrima da Lua seria capaz de superar a vontade da natureza e de conduzir um navio em segurança, até à Ilha dos Sonhos. Mesmo que o esforço nos desgastasse, ao chegarmos teríamos o apoio da minha mãe e da feiticeira Melina. Elas decerto desejariam acompanharnos até ao Império e participar no combate a Esteban. A partir da Ilha dos Sonhos, o gelo flutuante não seria uma ameaça. E, daí até à Grande Ilha, o mar serenava o bastante para nos permitir navegar sem recorrer a sortilégios.

— Se tudo correr bem — terminei sob o olhar atento dos dois líderes —, chegaremos ao Império pela mesma altura que, em condições normais, nos seria permitido deixar o Norte.

O rei e o príncipe não se manifestaram de imediato. Comecei a sentir-me afetada pelo seu silêncio, com as entranhas a retorcerem-se. Quase gritei de raiva quando Ivarr exclamou, sem um pinga de gentileza:

— Isso é uma temeridade colossal! Uma estupidez grosseira! — Abri a boca disposta a discutir, mas Steinarr insurgiu-se, contrapondo:

— Talvez não... — Fixou-me com uma intensidade que ordenava quietação e condescendeu: — Irei ponderar na tua proposta, Edwina. Agora diz-me, o que sabes acerca da criança que nasceu daquele execrável ajuste?

O soberano podia estar a tentar ganhar tempo, no intuito de evitar o meu confronto com Ivarr. No entanto, após a sua promessa, só me restava acatar e esperar uma resolução definitiva. Sofreei a indignação e confessei:

— Pouco ou nada, meu rei. A Visão não me revelou o bebê.

— Poderei inferir que carrega uma imperfeição de tal maneira terrível, que suscitou o horror de uma parteira experiente e a repulsa da própria mãe? — insistiu Steinarr, franzindo o cenho.

— Creio que sim... — confirmei, hesitante.

— Então, o feiticeiro terá forçosamente de se esconder — rebateu Ivarr, como se disposto a provar ao pai que não existia urgência na viagem. — De outra forma, não passará despercebido por onde quer que ande e depressa cairá nas mãos de William.

Todavia, a sua conclusão só fortalecia a minha causa. Dar tempo a Esteban seria conceder-lhe a oportunidade de se ocultar da nossa percepção e tranquilamente treinar o seu herdeiro, para cumprir a premonição que assombrava os povos da Terra, como Sigarr fizera no passado. Talvez o pensamento de Steinarr refletisse o meu, pois indagou:

— Confias plenamente no homem que trouxeste até nós, Edwina?

A sua interpelação cortou-me o fôlego. De soslaio, vi o olhar de Ivarr estreitar-se e os seus punhos cerrarem-se, até os nós dos dedos ficarem brancos. O rei aguardava a minha resposta e eu não podia titubear. Obriguei o ar a entrar nos pulmões e retorqui, no tom mais seguro que os nervos admitiam:

— Sim, senhor.

— E eu? — perseverou, implacável. — Posso confiar nesse homem?

Steinarr testava a minha convicção! Se eu assegurasse a integridade de Edwin, declarar-me-ia responsável pelos seus atos futuros. Expor-lhe a ínfima dúvida que me perturbava estava fora de questão! A menor dubiedade resultaria numa longa e angustiosa espera pelo fim da Primavera, em vez da partida imediata para o Império.

— A Pedra do Tempo abençoou a essência de Edwin e reconheceu-o como Guardiã da Lágrima da Lua — revidei com uma firmeza admirável. — Logo, não creio que seja possível contestar a lisura do seu caráter!

Steinarr surpreendeu-me ao sucumbir ao riso. Fiquei ainda mais perplexa, quando acenou com a cabeça e declarou:

— És mesmo filha da tua mãe!

Antes que eu recuperasse, já ordenara a um guarda que chamasse Edwin. Fixei o tapete vermelho que forrava o chão, com o coração a massacrar-me o peito. O nosso futuro, a vida do próprio Rei da Lua dependia da forma como o soberano viking o receberia. De certo modo, eu temia mais esse encontro do que o momento em que teria de apresentar Edwin aos meus pais. Throst e Catelyn haveriam de nos compreender, pois também eles tinham enfrentado mil e um obstáculos por amor. Pelo contrário, Steinarr renunciara à felicidade em prol do dever. No que se referia a Ivarr, a nossa amizade já sofrera tantos sobressaltos, que eu era incapaz de prever a sua reação. A raiva devia queimá-lo por dentro, ao constatar que, mal nos separáramos, eu caíra nos braços do meu primo. Só esperava que Edwin mantivesse a calma, ante uma eventual provocação.

A porta abriu-se, fazendo-me vacilar. O guerreiro de Steinarr anunciou o Guardiã da Lágrima da Lua e o meu primo avançou pela sala, em direção aos cadeirões onde o rei viking e o seu herdeiro se sentavam. Se estava minimamente intimidado, dissimulava-o com mestria. Diante do soberano, inclinou-se em reverência e proferiu uma saudação. Nem por um instante cruzou olhares com Ivarr. Era

desesperante verificar que mais depressa saltariam à garganta um do outro, do que se cumprimentariam.

Steinarr ergueu-se devagar, como se o tempo lhe pertencesse, e aproximou-se de Edwin. O meu primo manteve-se sereno e irredutível, mesmo quando o gigante começou a andar em seu redor, observando-o com minúcia. Por fim, o rei exclamou, aprisionando o olhar verde-floresta:

— Então, és tu o primogênito de Edwin McGraw! Já deves saber que o teu pai é um homem de honra e um guerreiro de excelência... Possuis as suas feições, sem dúvida! Porém, terás herdado algo mais do seu sangue? O que posso esperar de ti, rapaz?

O tom de Steinarr continha uma ameaça velada; o rosnado quase imperceptível de um predador que estuda a presa. Edwin devolveu-lhe o olhar e retorquiu com destemor:

— Não represento nenhuma ameaça para vós, nem para o vosso povo, senhor. O caminho que percorri até aqui foi duro, mas ensinou-me a diferença entre o bem e o mal. Compreendi que pouco importa onde nasci ou quem me criou, pois, no fim, sou o único responsável pelas minhas escolhas. A Pedra do Tempo concedeu-me a graça de me tornar Guardiã da Lágrima da Lua e não tenciono decepcioná-la. Com o poder que me foi oferecido, lutarei ao lado da Guardiã da Lágrima do Sol, contra as forças que ameaçam a estabilidade do nosso mundo. E, se vós sois aliado da Edwina, podeis contar com a minha colaboração.

Steinarr não me pareceu convencido. No entanto, aquiesceu e replicou:

— De fato, não podemos desprezar nenhuma ajuda de valor, na guerra contra o mal! Estou disposto a acreditar que és sincero na intenção que expressas e aceito o apoio que me ofereces. Porém, jamais esqueças que a confiança não é um favor que se dispensa negligentemente, mas uma mercê que se conquista com trabalho e dedicação. Estarei atento a todos os teus gestos; à mais subtil das palavras que proferires, até que não subsistam dúvidas no meu espírito acerca da tua lealdade à nossa causa. — Fez uma pausa, observando Edwin com atenção, antes de acrescentar: — Não deves interpretar a minha franqueza como uma afronta, pois apenas

representa a prudência de um homem que já assistiu a muitas reviravoltas de vontade.

Receei ver o Rei da Lua exacerbar-se, mas manteve-se calmo e até se inclinou, ao volver:

— Entendo esse cuidado, senhor. E garanto-vos que desejo participar na vossa vitória, para que possa desfrutar da tranqüilidade de uma vivência sem sobressaltos, ao lado da mulher que amo e da família que nunca tive oportunidade de conhecer.

Sustive a respiração, ao ver as faces já coradas de Ivarr se abrasarem. O olhar cristalino caiu sobre mim como um punhal e deparou com a súplica que eu não me atrevia a pronunciar. De alguma forma, a minha angústia tocou-lhe o coração, pois desviou o rosto e conteve-se. Steinarr voltava a acenar com a cabeça e concluía:

— Faço votos para que consigas enterrar definitivamente o passado, e tenhas empenho e coragem para construir um bom futuro, Edwin... Todos ganharemos com isso! Agora, restame oferecer-te a hospitalidade da minha casa. Quero à princesa Edwina como a uma filha e se ela faz questão de que estejas ao seu lado, é meu dever fornecer-vos as melhores condições para que possais praticar a vossa Arte, enquanto decido o próximo passo deste cometimento.

O meu primo encarou-me, sem esconder o pasmo. Eu também não esperava tamanha cortesia da parte do soberano e não soube o que dizer. No fim, a decisão devia ser sua, uma vez que a nossa permanência no castelo comportaria alguns riscos e dissabores. Mais do que tudo, Steinarr desejava garantir que não sairíamos debaixo do seu olhar atento... Contudo, por outro lado, oferecia-me a possibilidade de estar com as minhas irmãs e de treinar Thorson. Talvez essa experiência até resultasse em benefícios para Edwin! Assim, ele poderia desfrutar da companhia de Freya, conhecer melhor Thora... e encontrar-se finalmente com Darrin. Os dois ainda não se tinham falado e, por mais que eu puxasse pela imaginação, era incapaz de antecipar o que aconteceria. Não obstante as expectativas do Rei da Lua, temia que Darrin não reagisse bem ao súbito aparecimento do seu meio-irmão.

Edwin ficou-se, tenso e com o fôlego preso, ponderando as conseqüências de aceitar ou declinar a oferta do rei. Por fim, encarou Ivarr e afirmou:

— Aceitarei a vossa generosidade com gosto, senhor, se o vosso filho não a contestar.

O príncipe viking fixou-o, abismado. O ar à nossa volta pareceu solidificar, enquanto o tempo se arrastava num silêncio constrangedor.

— Ivarr? — O apelo de Steinarr sobressaltou-me. Com a garganta seca, vi o olhar do Espírito da Luz desviar-se do seu desafiador, até aprisionar o meu. Então, como num sonho, ouvi-o determinar com parcimônia:

— Nada tenho a opor, meu pai.

CAPÍTULO 11

O *Falcão Real* rasgava os mares do Norte com uma veemência assustadora. Até Thora, que se orgulhava de ser uma excelente marinheira, tomava precauções para que a irascibilidade das ondas não a arrastasse borda fora. A Primavera mal despontara e nenhum outro barco se atrevia a sair do País dos Vikings, pois os ventos continuavam irados e sólidas armadilhas de gelo escondiam-se na agitação impetuosa das águas turvas. Mesmo assim, Steinarr concordara em deixar-nos rumar à Ilha dos Sonhos, tal a gravidade dos acontecimentos que assolavam o Império. Mais do que satisfeita, eu ficara aliviada com a sua resolução. Não obstante a Pedra do Tempo ter anunciado que a vida do rei William se sustinha por um fio, ainda guardava a esperança de salvá-lo. O envenenamento que o consumia cessara com a fuga de Esteban e, uma vez que a sua ação fora lenta, talvez os estragos se provassem reversíveis. No fim, urgia evitar que John subisse ao trono! Sob a sua vontade, o Tratado de paz e colaboração que o pai celebrara com os Vikings e os Aliados da Grande Ilha estaria condenado.

Ivarr segurava o leme com a ajuda de Ragnar, recém-regressado da aldeia dos vândalos. De cada vez que as ondas escoiceavam o *drakkar*, para depois o largarem no vazio, a madeira nobre rangia como se prestes a desconjuntar-se. Era um prodígio como o pano da vela ainda não se rasgara em tiras! A água gélida encharcava os guerreiros até aos ossos e fazia-os ranger os dentes, num esforço sobre-humano para contrariar o frio.

Não fora fácil, mas, felizmente, eu conseguira dissuadir Freya de nos acompanhar. Nem queria imaginar como seria, se ela e Thorson tivessem de enfrentar tamanha adversidade. Ao condescender em ficar no Norte, a minha irmã mais nova suplicara-me que a desfizesse do fardo de carregar ao pescoço a pedra azul da feiticeira Aranwen. Eu começara por estranhar o pedido, pois sempre

acreditara que Freya se sentia honrada por a nossa mãe a ter escolhido como guardiã do amuleto. Contudo, depressa compreendera a sua angústia. Na nossa ausência, quem a protegeria, se Gwendalin decidisse assalta-la? Apesar de a feiticeira não mais ter dado sinais de vida, após o ataque a Ivarr, adivinhava-se imprudente arriscar a sorte. Sem as irmãs por perto, Freya era um alvo fácil e apetecível. Por isso, enquanto os homens aprontavam o *Falcão Real* para a viagem, nós tínhamos subido a Montanha Sagrada e devolvido a pedra mágica à guarda da Pedra do Tempo. Ali, a sua segurança estava garantida.

A figura alta e musculada de Edwin destacava-se à proa do navio, enfrentando sem temor a violência das ondas. Apesar de não possuir sangue viking, a robustez do meu primo nada ficava a dever aos homens do Norte. No entanto, não era o seu vigor guerreiro que me prendia a atenção, enquanto cuspiam a água salgada que me invadia o nariz e a boca. Era o ardor da sua magia! O corpo do Rei da Lua fulgurava na obscuridade opressora do caos que nos envolvia, como se uma estrela habitasse a sua essência. Só a superioridade do seu poder nos impedia de naufragar. Não há muito, eu ocupara o seu lugar, determinada a conduzir o *drakkar* até ao abrigo da enseada onde devíamos passar a noite. Porém, tivera de dar-me por vencida e deixar Edwin render-me, antes que a exaustão me impusesse a inconsciência.

Apesar de não me queixar, era obrigada a admitir que algo de errado se passava comigo. A cada instante, sentia-me mais cansada e sonolenta, como se uma força misteriosa se alimentasse da minha energia. De início, julgara que essa estranha prostração era consequência das emoções arrebatadoras a que os últimos tempos me haviam sujeitado. Todavia, estava provado que isso não correspondia à verdade. Eu conhecia as minhas capacidades, os limites da minha resistência... E hoje, a prestação da Guardiã da Lágrima do Sol fora deplorável! Se a segurança do *Falcão Real* dependesse exclusivamente de mim, estaríamos todos mortos.

Os homens observavam o Guardiã da Lágrima da Lua com um misto de assombro, temor e admiração. Nos dias que haviam antecedido a nossa partida, tinham-se habituado a vê-lo no castelo,

ao meu lado, a passear com Freya e Thorson, a trocar impressões com Thora e Bryan... De entre aqueles que partilhavam o seu sangue, fora Darrin quem mais resistira à aproximação. Quando éramos crianças, a nossa família decidira ocultar a história de Edwin aos seus irmãos mais novos, até que estes tivessem idade para entender o seu infortúnio. Todavia, em resultado dessa suposta boa intenção, Darrin e Estrid tinham crescido indignados com as ausências frequentes dos pais e aterrorizados pelos comentários perniciosos que surpreendiam aos adultos. Confrontado finalmente com o enigmático irmão, decerto que o meu primo se sentira confuso e intimidado. Acrescia a essas emoções contraditórias o receio de desgostar Ivarr. Contudo, não obstante o desacerto do passado, o apelo do coração estava a vencer. Era um alívio verificar que a confiança de Edwin e Darrin se ia aprofundando a pouco e pouco.

Apesar de todas as atenções se centrarem em Edwin, o olhar cristalino de Ivarr cravava-se em mim. O príncipe queria parecer frio e distante, mas inquietava-se, pois já percebera que eu não estava bem. Há muito que não conversávamos, uma vez que a presença de Edwin ao meu lado tornava o nosso convívio difícil, até constrangedor. Ainda assim, nos dias em que havíamos desfrutado da hospitalidade de Steinarr, não existira nenhuma provocação entre eles, como se o rei-lobo e o Rei da Lua assumissem o compromisso silencioso de uma coexistência pacífica. Nas circunstâncias em que lhes fora exigido que partilhassem o mesmo espaço, tinham-se ignorado mutuamente. Esse esforço de não agressão fora respeitado pelos demais, com o cuidado de nos mantermos à distância das enredadeiras como Otkatla.

A prima de Ivarr andava insuportável, desde que descobrira que Thora fora escolhida para se tornar herdeira do trono viking. Após o término do meu casamento, o pai de Otkatla, irmão do rei Steinarr, exigira que Ivarr tomasse a sua filha como esposa. Os ânimos haviam-se exaltado e o soberano tivera de impor a sua autoridade. Fora uma desavença feia que, por pouco, não resultará num confronto grave. Talvez por isso, Steinarr tivesse resolvido permanecer no Norte e determinado que seria Ivarr a

acompanharnos. Apesar de o rei-lobo se ter oposto à nossa partida imediata, eu ficara confortada por navegar até à Ilha dos Sonhos sob o seu comando. Em segredo, esperava que a proximidade imposta pela campanha eliminasse de vez as nossas divergências. Além disso, tinha plena confiança na destreza e lealdade da sua alcatéia. A proximidade de Thora tranquilizava-me o espírito. Se o Império se encontrasse debaixo de ferro e de fogo, nenhum guerreiro me garantiria melhor proteção do que a Loba Prateada.

— Terra à vista!

O alerta da minha irmã trouxe-me de volta ao turbilhão que sujeitava o *drakkar*. Suspirei de alívio e não fui a única. Os guerreiros exaustos ansiavam por pisar solo firme. Edwin encarou-me e acenou com a cabeça; os olhos verdes cintilando com a satisfação do dever cumprido. O seu cansaço declarava-se em cada traço do rosto, mas aguentava-se firme. O perigo ainda não estava afastado.

As formas ameaçadoras dos penedos que circundavam a ilha surgiram entre a espuma das ondas bravias. O mais pequeno desvio do leme faria com que o barco se esmagasse contra os agulhões de pedra ou rasgasse o casco nas armadilhas ocultas pela negridão do mar. A vela foi rapidamente recolhida e mãos fortes dominaram os remos, usando-os não só para empurrar o navio na direção da costa, como para afastá-lo das rochas acutilantes. Para lá do frenesi irado das ondas, a minha visão apurada distinguiu uma praia de areia fina, tão perto e, ainda assim, demasiado longe. O vento revoltava-se contra o *Falcão Real*, soprando com tal veemência que me feria a pele e quase arrancava os cabelos. Ouvei as ordens de Ivarr sob os rugidos da tormenta; o clamor belicoso dos homens, num esforço para instigarem a própria convicção; o rugido da madeira e das cordas, torturadas até ao limite da resistência; o estrépito dos remos que se partiam... E o grito de Edwin:

— Edwina... Não!

A sua voz distorceu-se na minha mente como se consumisse todos os outros sons. Numa batida de coração, percebi que fechara os olhos. Obriguei-me a abri-los e fui absorvida por uma sensação de vertigem. De repente, o chão fugia-me debaixo dos pés e o corpo

precipitava-se no vazio. A queda pareceu demorar uma eternidade, até que um mundo feito de água salgada me envolveu, sufocando-me, paralisando-me, sugando-me até às profundezas do seu estômago gélido. Tentei raciocinar, agitar os braços e as pernas na desesperada tentativa de regressar à superfície... Ou apenas pensei fazê-lo, antes de a dor me assimilar. Primeiro a voz de Edwin:

— Devo-te a vida da Edwina...

Interrompida pela de Ivarr:

— Não me deves nada! Se não fosse por ti, este mar haveria de ser o túmulo de todos nós.

E de novo a voz de Edwin, emergindo timidamente da bruma que me rodeava:

— Ainda assim, não tinhas por que te arriscar, depois do que aconteceu...

Cortada pela voz de Ivarr, mais nítida e pertinaz:

— O que aconteceu não mudou quem sou, o que penso e sinto. Edwina já não é minha mulher, mas continua a ser minha amiga e conselheira. Além disso, sou responsável pela vossa segurança, até chegarmos à Ilha dos Sonhos.

E o apelo de Thora, como música acariciando-me a mente:

— Ela está a despertar! Edwina... Edwina, estás a ouvir?

Mexi os lábios, querendo confirmar. Porém, só emiti um gemido quase imperceptível. Tive de concentrar toda a vontade na colossal missão de abrir os olhos. Quando consegui, deparei com três cabeças debruçadas sobre mim, ofegantes de ansiedade. Ao nosso redor, dezenas de vultos moviam-se desassossegados, tentando vislumbrar por entre os corpos que me cingiam. Thora ostentava um palor extremo e apertava-me a mão com um ímpeto doloroso, como se temesse que um ente maléfico me subtraísse à sua guarda. Edwin fixava-me com olhos apreensivos. Os seus dedos tremiam, ao afastarem os cabelos encharcados que se colavam às minhas faces. Senti o seu calor; o vigor da sua energia curativa que, embora fraca devido ao esforço que empreendera, bastava para me aquecer o sangue. No entanto, não era o colo de Edwin que me acolhia, nem o seu peito que me amparava. Eu estava prostrada nos braços de Ivarr e o príncipe estreitava-me como se jamais me tencionasse libertar.

— O que... aconteceu? — indaguei, mal a língua recuperou alento para se mover.

O olhar do rei-lobo encheu-se de luz, tal a perturbação que o assolava. Apesar de a questão lhe ser dirigida, foi Thora quem respondeu:

— Tu perdeste os sentidos e caíste ao mar...

— E o Ivarr mergulhou atrás de ti e resgatou-te à morte — completou Edwin, emocionado.

Eu não guardava a mais tênue lembrança do sucedido. No entanto, as minhas roupas estavam ensopadas e rasgadas. Tinha a pele esfacelada e um golpe profundo na testa... Parecia indubitável que as caprichosas ondas me haviam arremessado contra o fundo rochoso. Fixei Ivarr e vi-o engolir em seco. Nesse instante, não existiam barreiras que nos separassem.

— Obrigada — murmurei.

Ele sacudiu a cabeça e hesitou, forçando um sorriso enquanto procurava gracejar:

— Já perdi a conta às vezes que me salvaste... Era tempo de retribuir! Além disso, como poderia continuar a caçar feiticeiros sem a tua ajuda?

Inspirei um fôlego de audácia. Se não apelasse à sua consciência, agora que baixara as defesas, talvez não voltasse a fruir de outro ensejo tão azado.

— Não sou a única que te pode auxiliar na batalha contra o mal — fiz-lhe notar.

O príncipe encarou o meu primo, volvendo afável:

— Sei disso... No entanto, não menosprezando o valor do Guardiã da Lágrima da Lua, espero poder contar com o teu apoio por muitos anos, Edwina! — E, para minha total perplexidade, depositou-me nos braços do seu émulo, acrescentando: — Não percamos mais tempo. Esta noite teve um desfecho afortunado, mas a manhã reserva-nos novos desafios. Devemos recuperar forças para enfrentá-los. Assegura-te de que ela descansa, Edwin.

— Assim farei, Ivarr — respondeu o Rei da Lua solenemente. Será que o mundo se virará do avesso, enquanto eu estivera inanimada? Antes de chegarmos à ilha, Edwin e Ivarr nem se podiam ver...

Agora, trocavam cortesias e recomendações! Se eu soubesse que os dois só necessitavam de um susto para se entenderem, já me teria lançado ao mar há mais tempo!

Nenhum Viking se incomodava por ver dois enamorados partilharem a mesma cama, sem o compromisso do casamento, desde que as respectivas famílias não manifestassem oposição. No entanto, eu não tinha coragem de surgir na Ilha dos Sonhos, diante dos meus pais, impondo-lhes Edwin como meu amante. Para Throst e Catelyn já seria um choque descobrir que o meu casamento fora desfeito e que Ivarr pretendia desposar Thora. Por isso, ao deixarmos a Montanha Sagrada, Edwin e eu concordáramos em sofrer a nossa paixão. No castelo do rei Steinarr conseguíramos manter-nos afastados e evitar os comentários das línguas viperinas. Contudo, nessa noite, talvez devido ao pavor que sentira quando me vira cair ao mar, o Rei da Lua fez questão de se deitar ao meu lado e acolher-me no abrigo dos seus braços.

Eu vislumbrava o brilho esplendoroso das fogueiras através da cobertura de pele da tenda. O assobio lúgubre do vento que guerreava com a areia da praia, antes de se embrenhar na escuridão da floresta, abafava as vozes e assombrava-me o espírito. Sentia-me inquieta e angustiada, sem nenhuma justificação. Afinal, a tormenta já passara! Se o sono não me abençoasse, quando a manhã chegasse seria incapaz de proteger o *Falcão Real* dos perigos do mar.

A respiração de Edwin anunciava-me que ele dormia profundamente. Nas primeiras noites ao seu lado, eu estranhara a ausência do estrondoso ressonar característico dos homens. Agora, deliciava-me a observá-lo, tão cândido como um bebê. Amava-o para além da razão! Amava-o para além da loucura! Por vezes, achava que o meu coração ia rebentar de tanta emoção. Nesse instante, apaguei a diminuta chama de incerteza que me atormentava e rendime à convicção da plena recuperação espiritual do Rei da Lua. Edwin jamais voltaria a enganar-me! Diante da Pedra do Tempo éramos um só ser, unido pela perfeição do mais mágico dos sentimentos.

Aninhei-me no seu corpo e fechei os olhos, tentando adormecer. Quase imperceptivelmente, um torpor foi-se apoderando dos meus sentidos. Deixei-me embalar, recebendo com satisfação o almejado descanso. Todavia, uma parte do espírito rebelava-se contra a dormência. Aos poucos, um assobio declarava-se aos meus ouvidos, tão fino que devia ser inaudível para a consciência humana... Não havia dúvidas! Aquele era o apelo das sereias!

Edwin sentou-se bruscamente, quase me arrastando consigo. Dividida entre a surpresa e a urgência de compreender o que se passava, reparei que a sua testa se enchia de gotas de suor. O chamamento trazia-lhe à memória recordações aterradoras! Antes que eu reagisse, tocou-me nos lábios demandando silêncio. Depois, deslizou para a saída do abrigo, pedindo, com um gesto firme, que me quedasse no interior. Agarrei-lhe o braço e neguei com a cabeça. Nós tínhamos um pacto! Para onde quer que ele fosse, eu iria também.

Ao contrário do que seria esperado, Edwin não resistiu. Pareceu-me até satisfeito por não ter de enfrentar a noite sozinho. Mal deixamos a tenda, verifiquei com alívio que o acampamento não se encontrava sob a ofensiva do Povo da Água. Porém, todos os guerreiros tinham adormecido, avassalados pelo encanto do silvo mágico. Thora era a única que estava de pé, com a espada em punho, respirando aos borbotões. Os seus olhos perscrutavam a escuridão das águas, esperando ver surgir uma horda de criaturas minazes. No entanto, para sua e minha confusão, o assobio agudo não provinha do mar, mas da floresta. Voltei-me para encarar Edwin e indaguei, num sussurro ofegante:

— Por que foste o único homem que não sucumbiu ao feitiço? — O Rei da Lua devolveu a veemência do meu olhar e replicou:

— Porque é por mim que as sereias chamam. Tenho de saber o que pretendem, Edwina.

— Não... — comecei a protestar, mas ele atalhou:

— Se não for, o acampamento será arrasado. Olha em redor... A vantagem pertence-lhes!

Era verdade. Os guerreiros ferrados no sono não se iriam defender e nós não podíamos salvá-los a todos. Era preferível descobrir o que

o Povo da Água desejava, antes de mergulhar às cegas num conflito.

— Vou contigo — declarei resoluta.

— Não... — foi a sua vez de objetar. Contudo, um olhar atravessado bastou para que recuasse. Suspirou resignado e virou-se para Thora, alertando:

— Protege o Ivarr. Se as sereias atacarem, ele será o alvo principal.

A Loba Prateada aquiesceu, tão surpreendida quanto eu. Não obstante o receio, sentime feliz por testemunhar a mudança no coração de Edwin. Ele era capaz de ajuizar entre o bem e o mal; de desprezar as suas mágoas e frustrações em prol da comunidade.

Absorto em cogitações, o Rei da Lua dirigiu-se à floresta cerrada, que se erguia diante do nosso olhar qual fortaleza pejada de mistérios e ciladas letais. Segui-o, orando para que a estranha fraqueza que ultimamente me sujeitava não se manifestasse e impedisse de evocar a magia para nossa defesa, se disso houvesse necessidade. O que pretendaria o Povo da Água? A julgar pelo que conhecia das caprichosas criaturas, nada de bom nos aguardava!

No interior do bosque, Edwin deu-me a mão e ajudou-me a ultrapassar os obstáculos do terreno virgem. Para além dos gemidos tenebrosos do vento, não se distinguia um único som. Era como se a Mãe Natureza sustivesse o fôlego, apreensiva. Nenhum inseto, roedor ou pássaro se atrevia a manifestar. Eu sentia um desconforto na nuca, indicador de que o nosso progresso estava a ser observado. No entanto, nada se movia ao nosso redor. A magia revelava-me a presença do Povo da Água: corpos com aparência humana e rosto de peixe, que se fundiam com as trevas, aguardando, aguardando... Conforme avançávamos, íamos ficando cercados. Edwin tinha consciência disso e estacou, elevando a voz num tom ameaçador:

— Basta! Não darei nem mais um passo sem saber o que pretendeis.

De início, o silêncio opressor manteve-se. Depois, a folhagem das árvores à nossa frente foi afastada e uma criatura deu-se a conhecer. Tratava-se de um macho, detentor de uma robustez admirável. O Povo da Água possuía a habilidade de iludir a mente

humana, disfarçando a sua verdadeira forma ao nosso olhar, para que acreditássemos estar perante homens e mulheres de inigualável beleza. No entanto, este não se dava ao trabalho de dissimular a pele cinzenta prateada, lisa como a de um golfinho; os cabelos de algas enrugadas, que lhe cobriam os ombros largos; os olhos negros, profundos e frios, sem expressão; as filas de dentes afiados que os lábios mal cobriam. Dois dos seus semelhantes avançaram e quedaram-se ao seu lado. E mais dois... E mais quatro... Todos machos. Todos possantes!

A sociedade do Povo da água era governada pelas suas mulheres, cabendo aos homens a obrigação de trabalhar para o sustento da comunidade e de defendê-la. Não avistar uma única fêmea só aumentava o meu temor de enfrentar um assalto hostil.

Preparei-me para replicar ao menor sinal de agressão. Ciente do meu desassossego, Edwin apertou-me a mão. Apesar de não demonstrar receio, estava atento. Conhecia bastante bem aqueles que nos desafiavam e sabia do que eram capazes.

— És tu, aquele que ficou conhecido por Draco? — troou o primeiro macho, numa voz grave e dominadora. Tratava-se, incontestavelmente, do líder do grupo. Contudo, a sua determinação férrea e postura altiva não impressionaram o Rei da Lua, que retorquiu irascível:

— O meu nome é Edwin, Guardiã da Lágrima da Lua. E tu, quem és e por que me chamaste aqui?

Se o olhar do homem-peixe transparecesse emoções, teria chispado flamas. No entanto, o meu poder assimilava a sua perturbação, sem necessitar de vê-la exposta no rosto ameaçador. Estar perante nós desgostava-o, irritava-o profundamente. No entanto, forçava-se a controlar a agitação do ânimo, por razões que, decerto, não tardaríamos a descobrir.

— Quem é a mulher? — resmungou. — Por que veio, se não a convoquei?

Tive vontade de obrigá-lo a engolir a arrogância. Todavia, Edwin antecipou-se, contestando:

— Fala com respeito, pois encontras-te diante da Guardiã da Lágrima do Sol. E, se tens algo para nos dizer, é bom que o faças

depressa!

O tritão exibiu os dentes cerrados, como se prestes a saltar-nos ao pescoço. Porém, a firmeza do Rei da Lua fê-lo acatar a exigência:

— O meu nome é Nereus e sou um príncipe do Povo da Água. Chamei-te para conversarmos acerca da minha prima Luthia.

Por um instante, temi que a convicção de Edwin se transformasse em cinzas. O seu abalo foi tão intenso, que o suor lhe inundou a mão. Ainda assim, soou indiferente ao contrapor:

— A futura rainha do Povo da Água jurou que me deixaria em paz. Estás aqui para contestar o valor da sua palavra?

— Luthia não será rainha do Povo da Água — objetou o colosso, piscando os olhos com um ímpeto exaltado. — A profecia cumpriu-se. Um tritão nasceu com a marca da fertilidade. É ele quem deve assumir a liderança do nosso povo, unir as tribos e devolver-nos a glória de que desfrutávamos, antes de o nosso sangue ter sido conspurcado pela herança humana.

O Rei da Lua franziu o cenho, sacudindo os ombros ao replicar:

— As vossas guerras não me dizem respeito!

— De fato... Porém, tempos difíceis exigem medidas drásticas. A rainha mandou matar o meu irmão, quando descobriu que ele carregava a marca. É a própria Luthia quem lidera o exército que perscruta os mares, com o objetivo de assassinar uma criança indefesa...

— Luthia não faria tal coisa! — interrompeu Edwin, surpreendendo-me. — Bem sei que a sua mãe é implacável, mas ela tem bom coração.

— A minha prima mudou, desde a tua partida — assegurou o homem-peixe. — Em troca da tua vida, a rainha exigiu-lhe que se deitasse com outro humano, a fim de conquistar o direito de sucedê-la. Mal a vida germinou no seu ventre, Luthia sacrificou o desgraçado à Morte Branca e declarou-se herdeira do trono de coral. Está obcecada pelo poder. Despreza a voz da verdade e da razão. Para salvar o meu irmão, tive de fugir com aqueles que me são leais. Prescindimos do conforto do lar e viajamos até estas águas gélidas, na esperança de que Luthia desistisse de nos caçar. Ainda assim, ela seguiu-nos! Fui forçado a abandonar o mar e a esconder-me nesta

floresta, para sobreviver. Todavia, um lago de água doce não é um sítio digno para se educar um rei! O meu irmão deve regressar a casa e reclamar o seu direito... E, para que tal seja possível, Luthia tem de morrer.

Edwin ficou tenso e a sua voz denunciou ira, ao revidar:

— Não estás a solicitar que eu mate Luthia, em nome da vossa causa, pois não?

— Essa é a minha missão, Guardião da Lágrima da Lua — volveu o príncipe com firmeza. — Contudo, para defrontá-la, terei de atraí-la para longe do exército da rainha. E a única forma de fazê-lo será convencendo-a de que tu lhe desejas falar. Luthia não resistirá ao teu apelo e virá sem guarda, a fim de ocultar a sua fraqueza do conhecimento da mãe.

O meu primo prendeu o fôlego e o aperto da sua mão quase me esmagou os dedos. Eu compreendera a história do tritão e as suas motivações. Ao longo dos tempos, os machos do Povo da Água haviam-se tornado estéreis, sem que se descobrisse um motivo ou uma cura para tamanho infortúnio. Na desesperada tentativa de evitar a extinção, as fêmeas tinham usado magia para usurpar a semente dos humanos, seduzindo-os com a ilusão de um canto divino e uma beleza perfeita. Como as sereias faziam questão de não deixar para trás testemunhos dessa perversidade, grande parte das suas vítimas sucumbira à morte nas profundezas do mar. Os poucos sobreviventes acabavam por enlouquecer, devido à corrupção imposta às suas mentes durante o rapto. Edwin só conservara a sanidade graças à força do seu sangue.

No entanto, parecia que as regras desse jogo cruel tinham mudado! Um macho do Povo da Água nascera fértil e, segundo uma alegada profecia, devia assumir a liderança da sua gente. Todavia, a sereia rainha não se dispunha a renunciar ao trono, nem ao direito de legá-lo à filha. Por isso, Nereus pretendia matar Luthia, antes que ela matasse o seu irmão. Eu só não entendia como é que o Rei da Lua podia ajudá-lo. Fiz a pergunta e, para minha surpresa, o tritão condescendeu uma resposta:

— No dia em que o teu companheiro deixou o nosso território, Luthia ofereceu-lhe um objeto especial; um búzio animado pela

magia do nosso povo.

— O que sabes tu acerca dessa história? — mastigou Edwin com as faces em brasa.

O rosto terrífico do príncipe distorceu-se, num trejeito que desconfiei ser um sorriso.

— A minha magia torna-me distinto entre o meu povo — replicou altivo. — Muitos defendem que devia assumir-me como sucessor da Venerada Sábia, a nossa vidente. Porém, a rainha sempre se recusou a admitir que os seus antepassados tivessem confiado tamanho poder a um tritão. Ainda assim, foi a mim que Luthia recorreu, quando quis entregar-te uma mensagem. Fui eu que encantei o búzio... Logo, reconheço a sua energia e sei que, neste preciso momento, o guardas na bolsa que carregas à cintura. — O olhar de trevas voltou a fixar-me, como se expectasse recrutar uma aliada para a sua causa. — O búzio possui a faculdade de emitir um apelo, que será ouvido em qualquer parte do mar. Com o devido empenho, Luthia acreditará que é o seu amado quem suplica os seus favores... Todavia, no fim, estará a vir ao meu encontro.

Estremeci, fustigada por um calafrio, ao admitir quão eficaz e cruenta podia ser a armadilha do tritão. Após uma pausa para recuperar o fôlego, Nereus concluiu solenemente:

— Luthia era minha amiga! Antes de Okeanos nascer, eu possuía a convicção de que ela seria uma rainha bondosa e íntegra. Porém, a concretização da profecia tornou-a tão cruel quanto a mãe. Acreditem que não me agrada erguer a mão contra a minha prima. No entanto, dadas as circunstâncias, não me resta alternativa.

Baixei os olhos, perturbada. Apesar da antipatia que o Povo da Água me suscitava, eu acreditava na sinceridade do tritão. Sentime ainda mais confusa, quando Edwin retrucou:

— Lamento, príncipe Nereus... Mas não posso ajudar-te.

Os restantes tritões fizeram-se ouvir, num burburinho de revolta. A resposta do Rei da Lua deixara o príncipe do Povo da Água petrificado. Era óbvio que não esperava uma negação. Aguardei por uma reação violenta... Todavia, Nereus engoliu a ira e questionou simplesmente:

— Essa é a tua última palavra?

— Sim — volveu o meu primo, sem hesitar. E, ao ver que o príncipe lhe virava as costas, acrescentou: — Podes matar Luthia, mas a rainha acabará por nomear outra sucessora. No dia em que isso acontecer, irás assassiná-la também? Se acreditas na virtude da profecia, tens de buscar o apoio do teu povo; não dividi-lo pela guerra. Quando a razão está do nosso lado, devemos agir com lucidez e dignidade. Manchar as mãos de sangue não honrará a tua missão.

O príncipe encarou-o abruptamente e escarneceu:

— Como pode um homem que carrega as mortes de dezenas de inocentes na consciência apelar à concórdia?

Foi a vez de Edwin acatar a provocação e replicar:

— Não nego o passado... Porém, aprendi a lição que este me ensinou. O meu espírito abandonou as trevas e não me pouparei a esforços para encontrar a luz. Espero vivamente que não percorras o caminho inverso.

Dito isso, ele próprio deu a conversa por encerrada e quase me arrastou de regresso ao acampamento. Eu sentia-me tão abismada que nem me pronunciei. A atitude concertadora de Edwin espantara-me... No entanto, o que realmente me incomodava eram as revelações dimanantes do confronto.

Thora aguardava-nos com uma expressão preocupada. Sob o seu olhar inquiridor, mantive a calma e garanti-lhe que o Povo da Água não nos tornaria a importunar... Pelo menos, nessa noite! Contudo, mal entrei no abrigo, cravei os dedos no braço de Edwin e defrontei-o:

— Julguei que tínhamos acordado que não existiriam mais segredos entre nós!

— Do que é que estás a falar? — replicou como se genuinamente surpreendido.

— Do teu ajuste com Luthia! — insurgime, acusadora.

— Ajuste? — altercou ele, gesticulando com o cenho franzido. — Qual ajuste? Por acaso querias que eu tivesse alinhado no arдил do tritão? Que me envolvesse num conflito sangrento? Que condenasse o jovem da profecia, em vez de salvá-lo? Tu não conheces a ferocidade das sereias, Edwina! Abraçar um dos lados dessa

contenda transformaria a mais curta viagem sobre as águas numa aventura fatal, não só para nós, mas para todos aqueles que amamos. Esqueces que essas criaturas até já tentaram raptar o Thorson, nem sonhamos com que propósito? Nós temos demasiados problemas; demasiados inimigos, para que nos possamos dar ao luxo de sustentar outra guerra!

A sua longa exposição provava o quanto estava nervoso. Sustentei o ardor do olhar verde e objetei:

— Não me referira à posição que assumiste. É óbvio que concordo contigo...

— E então? — A voz máscula assumiu uma rispidez impaciente. — Juro que não te entendo!

— Por que nunca me falaste desse búzio? — arguí, desprezando os rodeios.

Edwin encolheu os ombros e negou com a cabeça, antes de volver:

— Não me pareceu importante. Até já me tinha esquecido...

— É por isso que o guardas com tanto cuidado?

A minha voz soou demasiado alta e abespinhada. As lágrimas subiram-me aos olhos, ao verificar que acabara de perder o controlo. Tapei os lábios com as mãos para sufocar um soluço. Nem eu própria percebera o muito que a descoberta desse segredo me afetara. Por um instante, acreditei que Edwin iria deixar-me na tenda a remoer o azedume. Porém, depois de respirar fundo, ele puxou-me para os seus braços e tomou-me o rosto entre as mãos, declarando num tom sóbrio e apaziguador:

— Eu guardei o búzio por mero impulso, pensando que, talvez, um dia, viesse a ser útil. Essa é a verdade, Edwina! Entre mim e Luthia não existe nenhuma combinação. Pelo contrário! Na última vez que a vi, esmaguei-lhe a cabeça com uma pedra. Só não entreguei o búzio ao tritão, porque acredito que o seu plano irá arruinar a causa que defende. Por favor, não questiones a minha lealdade para contigo! Não questiones o meu amor...

Estreitei-o com força, rendendo-me ao seu calor. A franqueza da sua súplica arrefecera-me a raiva, mas não eliminara a inquietação. Tentei recuperar o fôlego, antes de sussurrar:

— Acredito em ti... No entanto, não posso concordar com tamanha indolência em relação a Luthia. É óbvio que ela não te entregou o amuleto com um propósito inocente! Essa foi a forma que ideou de seguir o teu paradeiro. Para onde quer que vás, a sua magia acompanha-te... E tu és vulnerável ao seu poder! Talvez a provação que sofreste te tenha fortalecido, mas nada nos garante que Luthia não seja capaz de subjugar a tua mente.

O Rei da Lua susteve o meu olhar; o rosto denunciando perplexidade. Pela primeira vez despertava para a possibilidade de Luthia o perseguir em segredo. Sem mais refutações, tirou o controverso amuleto da sacola e depositou-o nas minhas mãos. Era pequeno, singelo e delicado. Senti a sua magia entre os dedos, qual débil palpar de um coração. Depois, o fenômeno cessou e o búzio transformou-se numa concha vulgar. Eu ainda não conseguira reagir, quando Edwin enunciou:

— Continuo a pensar que, se Luthia me desejasse atacar, já o teria feito. Todavia, não irei arriscar-me. Tu és imune à magia das sereias, por isso o búzio não te pode molestar. Guarda-o ou destrói-o, pouco me importa! Só não quero que a suspeição volte a intrometer-se entre nós.

Abri a boca para declinar, mas contive-me. Afinal, disputas à parte, o búzio estava nas minhas mãos! Ao invés de ceder ao orgulho, devia aproveitar o ensejo para libertar o mundo da sua molesta influência.

Enquanto eu refletia, Edwin deitou-se e enrolou-se na coberta. Por ele, o assunto estava encerrado. Fixei o olhar na concha que repousava entre os meus dedos e quase saltei de susto, ao ouvir a voz de Thora ecoando do exterior:

— Estás bem, Edwina? Precisas de mim?

Hesitei, ponderando na resposta. Decerto a minha irmã escutara a nossa discussão e ficara preocupada. Confiar-lhe o sucedido só aumentaria o descontentamento de Edwin. E nós já enfrentáramos demasiados transtornos para uma só noite! Elevei a voz e retorqui:

— Está tudo bem, Thora. Vai descansar.

Os passos da Loba Prateada afastaram-se e eu suspirei, resignada. A destruição do búzio teria de esperar. Sem

contemplações, atirei-o para dentro da minha bolsa e aconcheguei-me nas costas de Edwin. Ele reagiu ao meu carinho e deslizou, até me abraçar. Deliciei-me com o compasso do seu coração... Em menos de nada, estava a dormir.

CAPÍTULO 12

Estar nos braços da minha mãe era uma sensação maravilhosa, mistura de conforto, calor e paz; um banho de serenidade para o espírito, que me libertava de todos os medos e incertezas, angústias e cansaços. Por trás de nós, o burburinho elevava-se, enquanto os guerreiros desciam do *Falcão Real*. Toda a comunidade se deslocara ao porto para receber o *drakkar* e saudar o príncipe viking. Trocavam-se cumprimentos e exclamações de júbilo. Thora cingia o nosso pai como se quisesse esmagar-lhe as costelas. O tio Edwin estreitava Darrin com entusiasmo... Só então deparou com o filho mais velho, que observava a confusão que o rodeava com um ar perdido. A sua comoção foi tão intensa, que me atingiu a percepção. Sem constrangimentos, Darrin conduziu o pai até ao irmão. O meu tio abraçou o primogênito, murmurando roucamente:

— Pensei que não te tornaria a ver...

— Eu prometi que voltaria — contrapôs o Rei da Lua, igualmente emocionado.

— Tenho tanto para te contar — sussurrei ao ouvido da minha mãe.

— Eu também — volveu ela. — Mas cada coisa a seu tempo! Para já, importa dar as boas-vindas ao meu sobrinho Edwin. Há muito que anseio por este dia!

Sentime estrangulada, incapaz de lhe responder. Imaginara uma miríade de formas de apresentar o Rei da Lua aos meus pais, sem ferir susceptibilidades. Não podia alardeá-lo como meu companheiro, uma vez que Throst e Catelyn ignoravam que Ivarr e eu estávamos separados. Por outro lado, receava que Edwin tomasse a minha omissão por desconsideração ou vergonha. Nós não desfrutáramos de um instante de privacidade, que nos permitisse combinar uma estratégia, desde que deixáramos a ilha onde o príncipe do Povo da Água nos interpelara. Agora, restava-me confiar na sorte, pois o meu pai já me abraçava exultante.

Se a energia de Catelyn me tranqüilizava, a de Throst propalava segurança. Sempre que deitava a cabeça no seu peito, eu esquecia

todas as dificuldades e convencia-me de que nenhum mal, jamais, me sujeitaria. Perante o olhar azul celeste, as lágrimas sufocaram-me. Necessitava ardentemente da sua aprovação para ser feliz. Se o meu pai se declarasse decepcionado ou zangado, eu haveria de me sentir a mais miserável das criaturas.

— Throst... — O apelo do tio Edwin chegou até nós e fez-me estremecer. — É com orgulho que, finalmente, te apresento o meu primogênito.

Engoli em seco com o coração a galope, quando o Lobo Cinzento fixou o Rei da Lua. Este já se inclinava respeitosamente e tartamudeava:

— Senhor...

— Levanta-te, rapaz! — replicou o *jarl*, pousando-lhe as mãos nos ombros. — Sê benvindo à Ilha dos Sonhos e ao seio da nossa família. Espero que, desta vez, aceites a hospitalidade da minha casa...

As suas palavras flutuaram no ar como se ficasse algo por dizer. Na última visita à ilha, Edwin apenas se revelara ao seu pai, pernoitando em segredo no topo da Montanha da Magia, no interior da Gruta da Renovação. Não era agradável recordar esses dias em que vivêramos de costas viradas, trocando ameaças como dois inimigos. Porém, os maus momentos também faziam parte da nossa história; da aprendizagem a que o destino nos submetera, antes de nos unir. Restava-me esperar que jamais se voltassem a repetir.

O meu primo entendeu a mensagem implícita no discurso do *jarl*, mas manteve-se firme, replicando com sobriedade:

— Tenho muito prazer em aceitar, senhor.

Mal entráramos na casa do senhor da ilha, já Ivarr solicitava:

— Edwina e eu precisamos de vos falar em privado.

Os meus pais entreolharam-se com expressões sombrias, para depois me fitarem. Senti as faces pegarem fogo e desejei que o chão me engolisse. Chegara o momento que eu tanto temia! Baixei o rosto, mas o olhar da minha mãe permaneceu cravado em mim, enquanto o *jarl* replicava:

— O que tendes para nos dizer não pode esperar até depois do jantar?

— Receio que não — retrucou Ivarr, decidido. — Seria incorreto sentar-me à vossa mesa, sem que o assunto que pende entre nós esteja devidamente esclarecido.

Respirei fundo e encarei a feiticeira Catelyn. Ela deu-me a mão, trazendo-me à memória a Visão que me alentara na Montanha Sagrada, quando ainda flutuava na inconsciência, sob a proteção da água que sarava. A minha mãe pressentira o meu infortúnio... E a sua essência procurara-me, a fim de me encorajar a despertar para a vida. Ela vira-me ao lado de Edwin; sabia o que o Rei da Lua fizera por mim. Teria igualmente adivinhado as consequências desse encontro? Talvez o aperto forte da sua mão ocultasse um significado... Porém, se assim era, eu estava tão nervosa que não conseguia descortiná-lo.

Ante a solenidade do príncipe viking, o meu pai condescendeu:

— Muito bem... Conversemos no quarto.

Atravessei o salão, devassada pelo incômodo de quem está a ser observada. Aqueles que nos haviam acompanhado na viagem e que tinham sido convidados a instalar-se na casa do *jarl* aguardavam com ansiedade o desfecho dessa conversa. Edwin mal se atrevia a respirar, ciente de que o seu futuro — o nosso futuro — dependia da reação dos meus pais. Antes de entrar no quarto, o meu olhar cruzou-se com o de Thora. A Loba Prateada estava mais pálida do que a cera que derretia nos castiçais.

Throst fechou a pesada cortina e isolou-nos da curiosidade da casa. Percebendo que os companheiros se tinham calado no intuito de bisbilhotarem o que seria dito, o tio Bjorn elevou a voz para contar uma piada. A história devia ser hilariante, pois as gargalhadas não tardaram a ecoar. Contudo, sob o olhar penetrante dos senhores da Ilha dos Sonhos, rir era a última coisa que me passava pela cabeça.

Numa voz clara, quase desprovida de sentimento, Ivarr iniciou a sua exposição. Foi sucinto, revelando o indispensável. Há muito que nós estávamos insatisfeitos com o rumo que a nossa união tomara, por isso resolvêramos separar-nos, para que cada um pudesse buscar a felicidade. A nossa vontade fora declarada ao rei Steinarr que legitimara o ajuste. O rei-lobo lamentava que os meus pais não

tivessem estado presentes e prometia fazer o que fosse necessário, para compensá-los por qualquer dano que a nossa decisão viesse a causar. No fim, fez uma pausa e franziu o cenho, acabando a balbuciar confuso:

— Não pareceis surpreendidos...

— Nós não somos tolos! — replicou a minha mãe, estreitando a cintura do marido. — Há muito que sabíamos que o vosso casamento enfrentava sérios problemas... No entanto, guardávamos a esperança de que vos esforçaríeis por superá-los.

Verifiquei que o abraço de Catelyn não era uma carícia, mas um artifício para impedir Throst de se manifestar de forma mais impetuosa, quando ele mastigou num tom cortante:

— Essa idéia partiu de ti, Ivarr?

— Na verdade foi minha, papai — interferi, quedando-me ao lado do príncipe, a fim de corroborar a sua justificação. — Mesmo que o rei Steinarr não tivesse exigido a Ivarr que desposasse outra mulher, eu ter-me-ia afastado. Já não suportava dividir-me entre o apelo da Pedra do Tempo e as minhas obrigações no castelo! O nosso casamento foi uma precipitação... E a separação resultou num alívio profundo para os dois. A prova de que tomamos a decisão certa é que estamos diante de vós, explicando o sucedido sem embaraços nem rancores... — Fixei o olhar cristalino, antes de lhe estender a mão e concluir: — Como bons amigos que somos.

Ivarr correspondeu à cortesia e só aí me apercebi do seu tremor. Também ele receava o desenlace da reunião. Se o *jarl* repudiasse os nossos argumentos, como poderia manifestar-lhe as suas intenções quanto à Loba Prateada?

O meu coração mirrava a cada batida, ao constatar o desânimo do meu pai. Incapaz de me conter, lancei os braços em torno do seu pescoço, suplicando angustiada:

— Por favor, papai... Perdoa se te decepcionei! — Estava prestes a ceder ao pranto, quando Throst objetou na sua voz terna:

— Tu jamais me decepcionarás, querida! Bem sabes o quanto te amo. — Fez uma pausa, respirando fundo. — Gostaria que tivésseis sanado as vossas divergências. Porém, se tal não foi possível, nada posso fazer além de me conformar.

Ficamos em silêncio, desfrutando do carinho que nos unia. Ivarr respeitou esse momento de comoção, suspirando de alívio. No entanto, ambos tínhamos consciência de que os sobressaltos estavam longe de terminar. Eu ainda não dominara a respiração, já a minha mãe indagava:

— Como está a Freya e o meu querido neto? Ainda não me falaste deles, Edwina!

Arquejei, entaramelando sons sem nexo. Por fim, lá balbuciei:

— A Freya e o Thorson estão bem... — A minha garganta colou-se e a voz falhou-me. Felizmente, Ivarr veio em meu auxílio, participando com uma serenidade estudada:

— Muita coisa sucedeu no Norte, durante o Inverno. Há de agradar-vos saber que Aesa foi assassinada, o príncipe Helgi tornou-se rei e o meu pai acordou a paz com os Vândalos...

Enquanto o Espírito da Luz falava, os senhores da Ilha dos Sonhos entreolhavam-se boquiabertos. Se a desvairada sucessão de acontecimentos que haviam mudado drasticamente as nossas vidas ainda me atordoava, só podia imaginar o que os meus pais estavam a sentir. Todavia, a minha alteração não passara despercebida a Catelyn que, mal recuperava do assombro suscitado pelas novas de Ivarr, já me confrontava com uma firmeza ansiosa:

— Aconteceu algo à Freya, Edwina? O que é que não me estais a querer contar?

Engoli em seco. Dessa vez, nada do que Ivarr pudesse dizer desviaria a atenção da minha mãe da sorte da filha mais nova. Ela já apreendera a nossa hesitação... E eu resolvi terminar com a sua angústia, uma vez que era inútil adiar o inevitável:

— A Freya está novamente grávida do Helgi, mamãe. Pediu-me que vos transmitisse o seu amor... E que recolhesse a vossa bênção, para que possa aceitar o pedido de casamento que o novo rei do povo vândalo lhe dirigiu.

As estrelas ocultavam-se por trás do negrume das nuvens que forravam o céu. Aos meus pés, as ondas iam e vinham em cadências desordenadas; rebentavam umas sobre as outras, formando lençóis revoltos de espuma branca. O mar estava picado por um vento

agreste, que levantava remoinhos de areia. Os meus cabelos esvoaçavam, mas eu não sentia frio. Inspirava com agrado o cheiro da maresia, enquanto me perdia em pensamentos tortuosos.

Desde criança, a praia da Ilha dos Sonhos era um dos meus refúgios de eleição. Todavia, nessa noite teria preferido refletir na privacidade das Pedras do Mundo. Só não subira ao cume da Montanha da Magia, porque não desejava incomodar a feiticeira Melina. Segundo a minha mãe, a jovem que nós salváramos das garras de Esteban escolhera esse lugar sagrado para aperfeiçoar a sua Arte. No início do Inverno, recolhera-se em meditação e não mais descera ao povoado. Era Catelyn quem lhe levava água fresca e comida, sempre que podia. No entanto, Melina raramente tocava nos mantimentos. Preparava-se com afinco para a batalha contra os mestres da Arte Obscura, consciente de que o seu empenho podia determinar a vitória ou a sujeição daqueles que combatiam o mal.

Além de Melina, outra ausência intrigara-me ao chegar à casa do *jarl*. Descobrir que a tia Ingrior resolvera viver algum tempo junto do seu primogênito Trygve, Sacerdote da Ilha dos Penhascos, deixara-me perplexa. Segundo a minha mãe, a morte do tio Berchan abrira uma ferida profunda no coração da cunhada, agravada pelo choro saudoso da pequena Lyonnette, que perguntava incessantemente pelo pai. A tia Ingrior acreditava que a tranqüilidade inabalável daquela sociedade fechada acabaria por lhes restabelecer os espíritos. Eu estava longe de partilhar dessa convicção.

Os nativos do arquipélago eram pessoas discretas e recatadas, com costumes austeros. As suas tradições fascinavam-me tanto quanto horrorizavam, devido à sua inflexibilidade implacável. Tudo o que se desviava da norma era repudiado e castigados aqueles que ousassem distinguir-se dos demais. Por isso, Trygve e Amora tinham confiado a sua filha Oriana à minha proteção. Se o Povo dos Penhascos sequer sonhasse com o enlace secreto e proibido dos seus sacerdotes, expulsariam o meu primo da ilha e condenariam a sua amada à morte, por traição. Era-me difícil imaginar uma mulher independente e tolerante como a tia Ingrior a viver sob leis tão severas. Eu, decerto, seria incapaz de fazê-lo!

Outra penosa surpresa fora encontrar a prima Signy, esposa do valoroso Krum, a viver na casa dos meus pais, completamente alheada da realidade. Fiquei a saber que quase a havíamos perdido, durante o rigor do Inverno. Certa noite, Signy desaparecera debaixo de uma chuva torrencial e ventos capazes de arrebatam um homem ao solo. Fora a sua filha Svana quem dera o alarme. Porém, apesar dos esforços, a comunidade só conseguira resgatá-la no dia seguinte. Deambulava pela enseada rochosa onde as focas se reuniam, com as roupas rasgadas e o corpo marcado por numerosos golpes e contusões, resultantes de quedas entre as pedras. Por pouco, o mar não a reclamara! Tinham-na carregado até à aldeia a grande custo, gritando e esperneando como uma doida. Mais tarde, Signy garantira à minha mãe que saíra para passear com o marido... e que este desaparecera, deixando-a sozinha. Nem queria ouvir dizer que tal era impossível. Recusava-se terminantemente a aceitar a morte de Krum.

Os dias que se seguiram a esse incidente haviam requerido muito carinho e paciência por parte da família. Hoje, as alterações bruscas de comportamento da mãe de Eric eram controladas pelos xaropes e os chás de ervas da feiticeira Catelyn, que a mantinham tranqüila, durante o dia, e a forçavam a dormir profundamente, à noite. A minha mãe contara-me que, muitas vezes, Signy sentava-se à mesa e tinha longas conversas com uma cadeira vazia, como se o espírito do marido a acompanhasse. Nessas alturas, os habitantes da casa afastavam-se, para que ela vivesse os momentos de felicidade criados pela sua imaginação. Raramente perguntava pelos filhos. No entanto, sabia que Eric se tornara *jarl* da Terra Antiga e acreditava que Svana fora viver com o irmão. Eu tivera de segurar as lágrimas, ao vê-la debruçar-se sobre a manta colorida que não se cansava de tecer, enquanto me asseverara, com um sorriso cândido e olhos cintilantes de orgulho, que esta haveria de agasalhar o primeiro dos seus netos varões.

O sumiço de Svana, há cerca de duas semanas, pusera a casa do *jarl* em alvoroço. Logo que a sua ausência fora constatada, os guerreiros haviam passado a ilha a pente fino, julgando que, tal como a mãe, ela tivesse perdido o tino e saído sem rumo, movida

por um delírio. No fim, o *jarl* fizera uma descoberta assombrosa: a filha de Krum convencera o comandante de um navio de comércio a levá-la consigo, quando partira rumo ao sul. Furioso, o meu pai quisera lançar-se em sua perseguição... Todavia, a esposa impedira-o. Svana escolhera sacudir dos ombros todos os problemas e responsabilidades, abandonar a família e buscar uma nova vida. Obrigá-la a regressar não era solução. A jovem teria de aprender à sua custa que estava errada, ou jamais daria valor ao que deixara para trás.

Distraída pela dança irrequieta do mar, pensei que Svana não se revelara muito diferente de Estrid. O egoísmo que as governava fazia-as pensar unicamente no seu conforto, desprezando tudo o resto. Se Estrid tentara matar o pai, Svana desamparara a mãe quando esta mais necessitava de amor. O desabafo de Bryan, ao tomar conhecimento do mais recente despautério da prima, martelava-me a cabeça, qual veneno que corroia o afeto que eu sempre nutrira pela minha irmã de criação: *"Eu não vos disse que ela não prestava?"*

O grito de uma gaivota chamou-me a atenção. Pisquei os olhos e respirei fundo, tornando à realidade. A luz da manhã começava a despontar, ainda tímida, mas suficiente para denunciar as formas prateadas que serpenteavam sob as ondas. Seria um cardume? Mais gaivotas deixaram a areia, respondendo ao apelo da companheira. Todavia, em vez de mergulharem sobre a cobiçada refeição, voaram de regresso à praia, piando assustadas. Levantei-me, alarmada... E, no instante em que a minha sombra se estendeu sobre a água, os vultos desapareceram. Engoli a custo, percorrida por um calafrio. As palavras com que arrostara Edwin, na nossa última discussão, ressoavam-me aos ouvidos quais trombetas de guerra: *"Oferecer-te um amuleto animado pela sua magia foi a forma que Luthia ideou de seguir o teu paradeiro."*

Instintivamente, levei a mão à bolsa que trazia à cintura, onde o malfadado búzio repousava desde a dita noite. Eu não me esquecera da sua existência! Contudo, ainda não resolvera o que fazer. Apesar de a razão me garantir que devia destruí-lo, parte de mim desejava entregá-lo ao príncipe Nereus, a fim de ajudá-lo a cumprir a

profecia. No entanto, sabia que Edwin tomaria o meu gesto como uma agressão a Luthia e se zangaria. Com os olhos presos nas ondas, interroguei-me se não seria tempo de decidir o destino do amuleto. O meu sangue fervia, só de cogitar que as formas prateadas eram servas da princesa das sereias, enviadas para nos espiar. Bastar-me-ia atirar o búzio ao mar para encerrar o assunto. Se Luthia o desejasse, poderia resgatá-lo... A não ser que o seu primo tritão chegasse primeiro! Dessa forma, o futuro do Povo da Água ficaria entregue à sorte, em vez de pender sobre a minha cabeça.

— Edwina...

Saltei de susto ao escutar o apelo da minha mãe. Estava tão distraída que nem a ouvira aproximar-se. Larguei o búzio dentro da bolsa e voltei-me para encará-la, forçando um sorriso na tentativa de disfarçar a perturbação.

— De pé tão cedo, querida? — admirou-se, esticando-se para me beijar. — Não conseguiste dormir?

Na verdade, eu não pregara olho! Por fim, resolvera sair da cama e meditar à beira-mar. As minhas indisposições agravavam-se e comia cada vez menos. Em consequência, sentia-me fraca e sensível. Tudo me comovia. Tudo me irritava. Andava com os nervos à flor da pele, de tal forma, que até já receava estar a ser vítima de um feitiço de prostração, como aquele que Gwendalin me lançara quando do ataque dos corvos danados. Aproveitei o fato de me encontrar sozinha com a minha mãe para lhe transmitir esse temor. E a sua resposta deixou-me estupefata:

— Não te preocupes, Edwina! Isso é consequência da tua condição.

O meu coração apertou-se, ao inquirir ansiosa:

— Qual condição?

— Ora! — volveu Catelyn com um sorriso condescendente. — Não precisas de disfarçar a tua felicidade, querida! O pai e eu compreendemos o que se passou contigo e o Ivarr, e aceitamos o amor que partilhas com o teu primo. Era inevitável, já que vós estáveis destinados! Confesso que fiquei apreensiva, ao perceber... Mas o contentamento destroçou o medo! Quaisquer dificuldades que

surjam, havemos de superá-las juntos, em família, como até aqui. Ainda não contaste a Edwin, pois não?

O meu queixo pendia, enquanto ela falava. Quando terminou, tive de arquejar várias vezes para conseguir titubear alarmada:

— O que foi que eu não contei?

— Que a deusa me valha! — murmurou Catelyn, perplexa. — Tu própria não sabes!

— Estás a assustar-me, mamãe! — retruquei agoniada.

As suas mãos envolveram as minhas e, com muito cuidado, incentivou-me a sentar na areia. Aquiesci, fustigada pelo pânico. Não me ocorria nada que justificasse as suas afirmações. Então, a senhora da Ilha dos Sonhos declarou:

— Tu estás grávida, Edwina!

Parei de ouvir e a minha visão turvou-se. Se uma espada me trespassasse, não verteria uma gota de sangue! A minha mente convulsionava. Não era verdade! Não podia ser verdade! A minha mãe estava enganada. Quando é que as minhas regras tinham surgido pela última vez? Andava tão distraída que nem dera pela sua falta! Estavam atrasadas, sem dúvida... Porém, tal já sucedera antes! O meu coração quase rebentava o peito. O ar recusava-se a alimentar-me os pulmões...

— Edwina... Não desmaies, querida!

Abri os olhos e deparei com o rosto preocupado da minha mãe. Ao ver-me reagir, respirou fundo e sorriu, estreitando-me com ternura.

— Alegra-te, meu amor! Desta vez, tudo correrá bem...

— A Velha do Tronco Oco avisou-me — interrompi, sem fôlego. — Explicou que a minha união com Edwin seria imune ao sortilégio de Aesa, porque as nossas essências estavam fundidas no instante em que fui amaldiçoada. Eu não acreditei... Ou melhor, foi tudo tão rápido, tão inesperado... Eu... Eu nem pensei! Não me lembrei...

— Acalma-te! — tornou a minha mãe apaziguadoramente. — Os teus olhos dizem-me que vais ser mãe de um rapagão, forte e belo como o pai.

— E a profecia do filho do dragão? — repliquei sobressaltada. Catelyn acariciou-me os ombros, tentando serenar-me o espírito.

— Esqueces que o Thorson nasceu portador da marca? — contestou com firmeza. — Em vez de te angustiares, concentra-te em debelar a fraqueza que te sujeita. Pelo que me confienciaste, o bebê está a consumir-te viva! A magia do seu sangue deve ser extremamente poderosa, uma vez que reúne o vigor de dois Guardiães. Tens de te alimentar bem, repousar e recorrer à Lágrima do Sol, a fim de lhe forneceres toda a energia de que necessita para se desenvolver. Além disso, o Edwin deve ajudar-te...

— Não! — interrompi, espavorida. — Edwin não pode saber! Jamais consentiria que eu prosseguisse...

— Realmente, talvez seja melhor ficares aqui! — atalhou a minha mãe, determinada. — A tua gravidez pode ser um sinal de que não deves travar essa batalha. Já entregaste a mensagem da Pedra do Tempo. Que sejam outros a combater Esteban! Há muito que Melina se prepara para fazê-lo. Sob a minha orientação...

— Nem pensar! — cortei com ardor. — A incumbência de afrontar o destino pertence àqueles a quem a Pedra do Tempo fez a revelação! Além disso, apesar de Melina ser uma feiticeira, a sua magia já se mostrou ineficaz contra Esteban. Ele haveria de esmagá-la sem piedade, se a oportunidade surgisse, tal como fez com o seu irmão.

— Não subestimes Melina! — objetou a senhora da ilha. — O seu poder é maior do que imaginas e há de revelar-se de grande valia. Lembra-te que, diante dos nossos inimigos, temos de agir como uma única força. Se nos permitirmos dividir por quaisquer emulações ou soberbas, enfrentaremos a derrota certa!

Engoli em seco, descontente com a reprimenda. Catelyn entendera a minha reação como uma demarcação de território; a convicção de que mais ninguém seria capaz de contrariar o infortúnio revelado pela Pedra do Tempo, além da Guardiã da Lágrima do Sol. Contudo, isso não refletia, de todo, o meu pensamento... Assim como também não era verdade que eu achasse a minha Arte superior à de Melina! No entanto, até a minha mãe tinha de admitir que existiam diversas formas de energia... E eu possuía a convicção de que a magia da jovem feiticeira não era a indicada para defrontar Esteban.

— É óbvio que não dispense a ajuda de Melina, se ela aceitar acompanharnos — repliquei, obstinada. — Contudo, não prescindirei do meu lugar na frente de batalha... E, para isso, Edwin não pode saber que estou prenhe!

Ante a minha teimosia, a feiticeira Catelyn respirou fundo e encolheu os ombros, revidando:

— Não quero interferir nas tuas decisões, filha... Porém, acredita quando digo que omitir algo tão importante é um erro grave, capaz de comprometer aquilo que conquistaste. Só te peço que ponderes... Pensa muito bem, Edwina!

A nossa paragem na Enseada da Fortaleza foi breve, apenas o suficiente para reabastecer o *Dragão dos Mares* com água fresca e comida. O tio Stefan veio ao nosso encontro, a fim de se inteirar das novidades e matar saudades. Sorri confortada, ao ver a minha mãe cobrir o irmão de beijos. Não obstante a distância imposta pelas circunstâncias da vida, a relação que partilhavam continuava a ser especial. O tio Stefan mostrou-se inquieto, ao verificar que o tio Edwin não nos acompanhava, mas sossegou ao saber que estava de boa saúde. O terror que vivêramos no último Verão, quando Estrid tentara envenenar o pai, ainda lhe tirava o sono.

Diante do primogênito do irmão, Lorde Stefan reagiu com a generosidade que o tornava excepcional. As perguntas e afirmações que lhe dirigiu foram um incitamento para o futuro, como se o passado obscuro do sobrinho estivesse encerrado. Percebi quão grato Edwin lhe ficara, pelo carinho e gentileza demonstrados. E, mais uma vez, a sua lhaneza e empenho para se integrar na família deixaram-me carregada de remorsos.

Eu ainda não confessara a Edwin que estava grávida. Além de temer que me obrigasse a abandonar a caça a Esteban, ensombrou-me o medo de que essa criança não fosse a concretização de um sonho, mas o desencadear de outro pesadelo. A minha mãe garantia-me que nada havia a temer, no que respeitava à profecia do filho do dragão. No entanto, essa não era a única questão que me atormentava. A Velha do Tronco Oco dissera que a maldição de Aesa não findaria com a morte da bruxa e que só

a união da Rainha do Sol com o Rei da Lua teria capacidade de superar o infortúnio. No entanto, como podia eu assegurar-me da veracidade da sua convicção? E se o desfecho dessa gravidez fosse igual aos anteriores? Por outro lado, a consciência martirizava-me... Com que direito exigia sinceridade ao Rei da Lua, o fim de todos os segredos, quando eu própria lhe ocultava algo tão importante?

A minha mãe repreendia-me, afirmando que o que estava feito não podia ser desfeito. Em breve, Edwin haveria de verificar o crescimento da minha barriga. Era ridículo imaginar que seria capaz de aguardar o despontar da sexta lua cheia e a confirmação das palavras da Velha do Tronco Oco para lhe contar que ia ser pai. Quanto mais tempo passasse, pior! Porém, não obstante essa certeza, a coragem não me assistia.

Respirei fundo, ao escutar a ordem do meu pai para seguirmos viagem. Impacientava-me por pisar o solo do Império e descobrir que conseqüências haviam resultado do terrível anúncio da Pedra do Tempo. Estaria William vivo ou teria o trono caído nas garras do seu herdeiro? Se John já fosse rei, eu nem imaginava que recepção nos prestaria! Ele detestava o povo viking, quase tanto quanto me odiava. Nas poucas palavras que havíamos trocado, enunciara o desejo de me ver arder numa fogueira. Declarava-se inimigo de todos aqueles que possuíam magia no sangue... No entanto, fora criado por um mestre da Arte Obscura! John acreditara que teria o mundo aos seus pés, com o apoio de Esteban. Esteban planeava conquistar o mundo, às custas da estreiteza do espírito de John. Ambos mereciam o meu desprezo! Porém, agora que o seu pacto fora desfeito, eu não hesitaria em engolir o orgulho e aliar-me ao ignóbil príncipe, para combater o feiticeiro. Restava saber se John estava disposto a ouvir a voz da razão.

Os homens remaram para fora do porto, sob o comando do *jarl* Throst. Ivarr mantinha-se ao seu lado, mas parecia distraído da realidade. Segui o olhar cristalino e deparei com Thora. A minha irmã fixava o mar com uma expressão perdida. Eu gostaria de ter tido oportunidade de lhe falar, antes de embarcarmos. Todavia, como sempre acontecia quando sofria uma contrariedade, ela isolara-se e recusara quaisquer palavras de conforto.

Era fácil adivinhar quão duros os últimos dias tinham sido para o rei-lobo e a Loba Prateada. Após anos de contenção, haviam finalmente assumido o seu amor, esperando a aprovação dos meus pais. Contudo, o *jarl* negara-se a atendê-los. Mal o herdeiro do trono viking afluara a intenção de desposar Thora, fora silenciado por um brado que estremecera as fundações da casa. Ivarr poderia ter imposto a sua autoridade, mas, sabiamente, escolhera retirar-se e aguardar que o ânimo de Throst esfriasse. Catelyn reagira melhor. Na verdade, a minha mãe sempre soubera que era por Thora e não por mim que a paixão do príncipe ardia. Se bem a conhecia, seria ela quem haveria de apaziguar a ira do marido, convencendo-o de que Ivarr não traía a sua confiança, apenas se rendera ao apelo do coração.

Sem querer, o meu olhar regressou a Edwin e fui incapaz de conter um sorriso, ao vê-lo manobrar um remo com a mesma perícia e vigor dos restantes guerreiros. Confortava-me pensar que, na eventualidade de um confronto, o Guardiã da Lágrima da Lua saberia defender-se eficazmente com a magia e a espada. Ele surpreendeu o meu olhar e retribuiu o sorriso. Prendi o fôlego; as faces incendiando-se, tal o ardor das recordações que me assolavam. Sentia falta dos dias despreocupados que partilháramos, no topo da Montanha Sagrada; dos beijos e carícias, do sussurro apaixonado da sua voz.

O mar prometia uma viagem tranqüila, ao contrário do que sucedera até então. O vento soprava a nosso favor e as ondas empurravam-nos com ligeireza, em direção ao território do rei William. Vi a minha mãe abeirar-se de Melina e pousar-lhe a mão no braço, tentando distraí-la da reflexão que a distanciava dos demais. A feiticeira correspondeu ao seu carinho e, por um breve instante, os nossos olhos encontraram-se...

Melina e eu trocáramos poucas palavras, desde que ela descera da Montanha da Magia, na véspera do nosso embarque. Eu esperara rever a jovem que Bryan resgatara ao mar, no porto do Império; a amiga que deixara na Ilha dos Sonhos, quando tornara ao Norte. No entanto, apesar da amabilidade no trato, o calor extinguiu-se no olhar de Melina. O ódio mortal que devotava a Esteban fizera-a

aplicar-se no estudo da Arte, mergulhar nas brumas da sua origem e buscar o Conhecimento Superior da raça a que pertencia. O processo transformara o seu coração num glaciador. Nem reagira, quando Bryan a cumprimentara! Aliás, tratara-o com uma frieza despropositada, que o fizera engolir em seco e retroceder. Na altura, eu pensara que seria impossível confundi-la com uma mulher humana... Ficara até chocada com tamanha alteração de comportamento! Porém, agora que nos encarávamos, apercebia-me de algo bastante diferente.

Melina fugiu do meu olhar, apressando-se a suster as defesas que descuidara. Eu fixei o mar, com o coração apertado. Afinal, a feiticeira não mudara... Apenas quisera impingir-me essa crença! A sua carapaça impenetrável mais não era do que um subterfúgio para disfarçar o terror. Melina estava apavorada! No entanto, o orgulho, assim como a dívida de sangue e de honra que tinha para conosco, impedia-a de recuar. A veemência com que se aplicara no treino da Arte não representava o desejo de se vingar de Esteban, mas o medo de falhar, de nos decepcionar, de tombar da mesma forma inglória que o seu irmão Julien. A bem da verdade, eu teria preferido continuar a congeminar que ela se transformara numa criatura sem sentimentos... do que acrescentar aos problemas que me desassossegavam o receio de vê-la fraquejar e ceder, no momento em que o nosso destino se decidia.

Mal avistamos o porto do Império, tornou-se óbvio que muita coisa mudara. Soldados envergando as cores do rei patrulhavam o cais, onde os marinheiros se misturavam com os comerciantes, numa azáfama ordeira. Algumas mulheres vistosas tentavam convencer os homens a visitar as tabernas, seduzindo-os com gargalhadas ousadas e o bambolear das ancas generosas. O vento transportava o cheiro do peixe e do suor de uma labuta esforçada. Porém, a mais agradável das surpresas foi ver o meu primo Quinn cavalgar ao lado de Simon, *Mão de Ferro*, na comitiva enviada para nos receber.

Após a distribuição de medidas, ficamos a saber que William, o conquistador, ainda lutava contra a morte, com uma teimosia sobre-humana. Contudo, já não era ele quem tomava as decisões no

Império, mas a sua esposa Mary. Fora a rainha quem mandara o seu fiel general ao nosso encontro, para nos convidar a desfrutar da hospitalidade do castelo. *Mão de Ferro* e o *jarl* Throst eram amigos de longa data, por isso o meu pai não se coibiu de lhe colocar algumas questões espinhosas. Foi-nos revelado que o padre Esteban tinha a cabeça a prêmio em todo o território, sob a acusação de bruxaria e rapto daquele que se pensava ser o neto recém-nascido do rei. Enquanto nos guiava através das ruas largas do povoado, o general confidenciava:

— Eu estava lá... Se não tivesse testemunhado a perfídia do feiticeiro com os meus próprios olhos, jamais acreditaria, Throst! Ele apossou-se da mente do príncipe John e ordenou-lhe que matasse o pai. Só a intervenção do valoroso Lorde Quinn evitou a tragédia!

Troquei um olhar significativo com Edwin, ao ouvir o guerreiro descrever o caos que a Visão nos desvendara. Os cascos dos cavalos ressoavam nas pedras que forravam as ruas, sobressaindo do som surdo das passadas dos homens. As portas e as janelas das habitações exibiam aldeões de aspecto modesto mas robusto, que nos espreitavam com curiosidade. Da última vez que eu ali estivera, nem lhes vira a ponta do nariz, pois o medo levava-os a ocultar-se no interior das casas.

— O príncipe John recorda-se do que lhe aconteceu? — inquiria o meu pai.

— De início, receei que a sua mente ficasse afetada pela possessão — respondia Quinn. — No entanto ele lembra-se de tudo, perfeitamente bem.

E *Mão de Ferro* continuava:

— Assim que conseguiu empunhar a espada e montar a cavalo, o príncipe John reuniu-se aos nossos melhores guerreiros e a Lorde Quinn, na perseguição ao feiticeiro.

— Revistamos todas as casas — asseverou o meu primo. — Interrogamos os aldeões. Esquadrinhamos os campos... Mesmo os barcos são retidos no porto, até que existam garantias de que não transportam o danoso passageiro. Todavia, os nossos esforços têm-se revelado vãos. Parece que aquele maldito se sumiu no ar!

A cidade ficou para trás. A nossa frente estendia-se um caminho íngreme e sinuoso, que terminava num magnífico castelo de pedra brilhante. Enquanto o *jarl* e *Mão de Ferro* trocavam impressões sobre a fuga de Esteban, aguardei que a minha mãe perguntasse por Estrid. Todavia, ela mergulhara num silêncio refletivo, como se necessitasse de preparar o espírito, antes de penetrar no reduto do rei William.

O olhar violeta de Melina fixava a imponente fortaleza, cintilando com ardor. Era fácil imaginar a agonia que a devastava. Fora ali que o seu irmão conhecera a tortura e a morte. O soberano do Império podia não ter sido responsável pelo suplício de Julien, mas acobertara o seu assassino. Inclusive, promovera a caça a dezenas de outros homens e mulheres de sangue antigo, queimando-os vivos em fogueiras, no terreiro do castelo, para aprazimento dos mesmos aldeões que nos haviam saudado. Por mais que se tentasse controlar, eu divisava o seu tremor. Ela era uma feiticeira em solo flamante de intolerância. E se alguém a reconhecesse e desatasse aos berros, exigindo a sua morte? Melina estava tão perturbada, que me questionei se não teria sido um erro trazê-la na campanha.

Mão de Ferro e o *jarl* Throst teciam considerações acerca do possível paradeiro de Esteban. Os rochedos escarpados, que se suspendiam sobre o mar, eram o único sítio que não fora minuciosamente investigado. Ainda assim, enquanto falávamos, o príncipe John e os seus guerreiros perscrutavam cada buraco, cada pedra e arbusto daquele lugar de acesso quase impossível... No entanto, havia unanimidade na opinião de que esse esconderijo era o menos provável.

— O demônio não pode ter ido longe, com o jovem príncipe nos braços! — desabafava *Mão de Ferro*, numa voz cava de frustração. — Um bebê necessita de leite e cuidados para sobreviver...

— Esteban tem de estar refugiado na aldeia ou no porto! — concluía Quinn, fixando o *jarl* com um ânimo renovado. — Pode ter iludido a nossa percepção, na primeira busca que fizemos... Todavia, com a vossa ajuda, havemos de encontrá-lo e resgataremos o príncipe herdeiro.

O seu entusiasmo contagiou *Mão de Ferro*, que acrescentou:

— Sei que falo em nome do rei William e da rainha Mary, quando digo que o Império está muito satisfeito com a vossa chegada, Throst! É um alívio saber que podemos contar com o apoio dos nossos aliados, nestes dias de provação.

Incapaz de contrariar a debilidade crescente do marido, a rainha Mary chamara a si a regência do Império. E, enquanto John se empenhava na busca de Esteban e da criança raptada, era o príncipe Bernard quem ajudava a mãe a impor a ordem. Ao sabê-lo, compreendi por que o povoado me parecera tão seguro e limpo. Eu já tivera o prazer de conhecer o segundo filho varão do rei William e ficara agradavelmente impressionada. Para além de ser um guerreiro de elite, Bernard tinha uma personalidade marcante e, ao contrário do irmão mais velho, criado sob a influência de Esteban, sabia pensar pela própria cabeça. Essa era a sua oportunidade de provar aos pais que possuía espírito de líder. E, por tudo o que me fora dado a conhecer, estava a fazer um excelente trabalho.

Ao chegarmos ao castelo, a rainha do Império recebeu o *jarl* Throst da Ilha dos Sonhos e o príncipe Ivarr do povo viking, na sala do trono. Enquanto a reunião decorria, a minha mãe, Thora e eu conversamos com Quinn e constatamos o prodígio do seu restabelecimento. Segundo ele, a magia que lhe habitava o sangue fortalecera-o, até que, certo dia, se descobrira sarado. No entanto, guardara segredo da cura, temendo ser acusado de bruxaria e condenado à fogueira. Aos olhos de Isabelle, a sua regeneração surgia como um milagre; uma bênção do Senhor, que permitira a Quinn desmascarar o falso padre e salvar o Império.

A mim, pouco interessava se Quinn recobrava o vigor por artes mágicas ou divinas. Era maravilhoso vê-lo fazer uso da mão direita e caminhar sem o auxílio do bordão. A minha mãe observava-o radiante, pois nunca se conformara por não ter sido capaz de lhe corrigir as deformidades impostas por Magnor. No fim, foi Thora quem informou Quinn da morte do irmão de Ivarr. Apesar de detestar Magnor, até a Loba Prateada admitia que ele pagara um preço demasiado elevado pela traição. Por seu lado, Quinn lamentou o sucedido com verdadeiro pesar. Há muito que perdoara o príncipe rebelde por ter destroçado o seu sonho de se tornar guerreiro. A

sorte acabara por lhe abrir outros caminhos e o jovem conselheiro de William trilhara-os com sucesso. A coragem com que defrontara Esteban valera-lhe a gratidão da família real e o respeito do exército do Império. E o dia do seu casamento com Isabelle aproximava-se a passos largos. O que mais podia desejar?

Tal como até aí, Melina manteve-se afastada da agitação. Assim que a conduziram ao quarto que iria partilhar com Thora, tornou a mergulhar no seu mundo silencioso e secreto. Eu já não sabia o que pensar! A atitude da feiticeira começava a parecer-se assustadoramente com o delírio do meu tio Berchan, antes da estranha sucessão de acontecimentos que o haviam condenado à morte — um misto de temor, revolta e altivez, que nada tinha de racional. O sangue de Melina era puro, logo, devia resistir a quaisquer desafios que Esteban lhe lançasse. Porém, eu sentir-me-ia muito mais segura se ela desabafasse o que a apoquentava. Nem queria imaginar o que podia acontecer se, dominada por um impulso alucinado, Melina decidisse avançar sozinha contra Esteban. Felizmente, a minha mãe também se mostrava atenta a essa perturbação e quedava-se ao seu lado, embrenhada em confidencias que mais ninguém conseguia escutar.

A reunião dos aliados prolongou-se pela tarde. Thora juntara-se a mim, no aposento onde eu fora instalada. Era, provavelmente, um dos melhores do castelo, com vista sobre o povoado e o mar do Império. A enorme cama estava decorada com um dossel de onde pendiam cortinados de seda amarela, que contrastavam maravilhosamente com a colcha castanha bordada e os reposteiros da mesma cor. Eu tivera vontade de escusar toda aquela opulência... Todavia, fazê-lo obrigaria-me a justificar que já não estava casada com Ivarr. No fim, resignara-me e agradecera a Isabelle, certa de que a princesa se horripilaria ante tal revelação. Estava demasiado cansada para debater as divergências das nossas convicções.

— Isto não me cheira bem! — mastigava a minha irmã. — Os homens que acompanham John não são os mesmos que seguem Esteban, quando acreditavam que o feiticeiro era um padre?

Eu sabia onde o raciocínio da Loba Prateada a conduziria, pois também já trilhara esse caminho sinuoso. Confirmei com a cabeça e

a minha irmã prosseguiu:

— Não é verdade que, após a manipulação de um feiticeiro, a mente de um Homem pode voltar a cair no seu domínio, sempre que este desejar?

— Sim... — hesitei. — No entanto, também pode ocorrer o contrário! Se a mente for forte, escapará ilesa à possessão e até adquirirá resistência ao sortilégio.

Thora encolheu os ombros, objetando:

— Nesta adversidade, eu não contaria com isso! O mais provável é que Esteban se divirta a passear debaixo do nariz dos guerreiros, sem que estes o consigam ver! Se não fores tu, mais ninguém achará o feiticeiro!

Respirei fundo, antes de responder:

— Nada podemos fazer, antes de a reunião terminar. Além disso, todos concordam na improbabilidade de o feiticeiro se ter refugiado nos penhascos e asseguram que John irá voltar de mãos vazias... Só espero que o nosso pai consiga convencer a rainha a dar-nos permissão para dirigir as novas buscas.

A minha irmã sacudiu a cabeça com um suspiro frustrado. Só depois desabafou:

— Estou com um mau pressentimento, Edwina...

Nesse instante, a porta abriu-se e a nossa mãe entrou no quarto. Assustei-me ao vê-la ofegante, mas surpreendentemente pálida. Ajudei-a a sentar-se na cama, enquanto Thora corria a servir-lhe um vaso de água. A feiticeira Catelyn sorveu o líquido devagar, piscando os olhos com veemência, como se o gesto pudesse eliminar as recordações que a transtornavam. Depois de insistirmos, acabou por confessar:

— A rainha mandou-me chamar... Não estranhei a cortesia, pois conhecemo-nos há muito. Porém, em vez de me conduzir à sala do trono, o criado levou-me aos aposentos reais. — Fez uma pausa, como se se atrapalhasse na respiração, e teve de beber água para continuar: — Mal entrei no quarto, Mary caiu-me nos braços, chorando copiosamente. Disse que sabia que eu possuía o dom de restabelecer os enfermos e rogou-me que salvasse o marido, uma vez que nenhum dos curandeiros do reino fora capaz de fazê-lo. Não

tive como negar! Ela estava desesperada, quase a desfalecer de dor...

A voz faltou-lhe e Thora apressou-se a encher o vaso. Todavia, a nossa mãe não voltou a beber. Quedou-se em silêncio, fixando o vazio com uma expressão atormentada. Aflita, ajoelhei-me aos seus pés e apertei-lhe as mãos entre as minhas, apelando receosa:

— Mamãe... Não usaste a tua magia diante da rainha, pois não?

— Os olhos verde-floresta encararam-me, assombrados. A sua voz soou rouca, quase imperceptível, ao balbuciar:

— É impossível descrever-vos a condição do rei! William está muito pior do que o vosso tio Edwin, quando a morte o visitou... Contudo, ainda assim persiste, como se a rainha do submundo se divertisse a observar o seu suplício. — A emoção estrangulou-a, antes de concluir: — Eu estava disposta a evocar a magia, se essa ousadia pudesse salvar William! Porém, nada há a fazer...

Tão péssimas novas destruíam a esperança de manter John afastado do trono. No entanto, não tive tempo de me apoquentar com a conseqüente condenação do Tratado, nem sequer de lastimar o cruel destino do rei do Império, pois a minha mãe cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar. Troquei um olhar com Thora, desnorteadada. Assaltava-me a convicção de que a causa de tamanho sofrimento não era a morte de William, nem tão-pouco o desgosto de Mary. A nossa mãe escondia-nos algo grave! Eu contava pelos dedos as vezes que a vira render-se ao pranto, dessa forma arrebatada. No fim, foi Thora quem indagou:

— Afinal, por que é que choras, mamãe?

Receei que a pergunta caísse no vazio. Porém, a senhora da Ilha dos Sonhos,olveu:

— Porque compreendo o que Mary está a sofrer. Ela ama verdadeiramente o marido... E acredita que a sua vida há de findar com a dele.

Thora franziu o cenho, questionando o discernimento da mãe. Então, Catelyn suplicou:

— Preciso de ver o Throst! Tentei procurá-lo, mas faltaram-me as forças...

E essas simples palavras fizeram luz no meu espírito. Ao buscar uma solução para o infortúnio do rei do Império, a feiticeira Catelyn fora confrontada com uma revelação inesperada. Sentei-me ao seu lado na cama e embalei-a nos braços, replicando:

— Não te inquietes, mamãe. A Thora vai buscar o pai. — E como a minha irmã hesitava, insisti impaciente: — Vai!

Mal a porta se fechou, o pranto da nossa mãe redobrou de intensidade. Mordi o lábio, ponderando como interrogá-la sem lhe exacerbar a agonia. Contudo, quaisquer rodeios haveriam de se revelar inúteis, ante a enormidade da sua aflição. Acabei por desferir, quase cruamente:

— Sabes quando e como está previsto acontecer?

A minha mãe fitou-me, atordoada. No entanto, percebeu que não valia a pena negar a dor que a destroçava. Arquejou diversas vezes, antes de titubear:

— Não... A Visão não foi esclarecedora. Estava tão escuro! Distingui um quarto... Talvez uma sala... E uma mulher... Uma mulher de cabelos de fogo!

— Gwendalin?

Catelyn cobriu o rosto com as mãos, soluçando:

— Não tenho a certeza. A única coisa inteligível era um punhal. E sangue... Tanto sangue!

Segurei-a pelos ombros e sacudia levemente, obrigando-a a escutar-me:

— Não foi a primeira vez que tiveste a premonição da morte do pai. Tens de te acalmar, mamãe! Já alteraste o rumo do destino... Podes fazê-lo novamente!

— Antes, eu era uma feiticeira — contrapôs, exausta. — O pouco poder que conservei, após o castigo dos Seres Superiores, tem vindo a enfraquecer ao longo dos anos, assim como a minha percepção. Refleti muito, em busca de uma causa... E começo a acreditar que a distância das pedras mágicas de Aranwen é responsável por essa debilidade. A minha essência esteve sempre ligada à pedra azul, como a tua se encontra unida à Lágrima do Sol...

— Isso pode ser remediado — atalhei com firmeza. — O teu amuleto está em nosso poder. Antes de deixar o Norte, subi à

Montanha Sagrada e entreguei-o à guarda da Pedra do Tempo. Tenho a certeza de que, depois de explicares a causa da tua decisão, Freya não se sentirá afrontada se tomares a reclamá-lo.

— Eu prefiro que as tuas irmãs não saibam de nada, Edwina! — retrucou a minha mãe, num tom determinado que calou os meus argumentos. — Nenhuma delas está preparada para carregar o fardo de um presságio tão terrível! Promete-me que não lhes dirás...

De repente, a porta escancarou-se e o meu pai entrou a correr. Afastei-me para que Throst e Catelyn se pudessem abraçar e senti um nó estrangular-me a garganta, perante a inquietação do *jarl*:

— O que foi, Pequena? A rainha ameaçou-te?

— Não, meu amor — refutou a esposa, aninhando-se no seu peito. — Mary é uma excelente pessoa! Só estou triste por causa de William...

Deparei com o olhar inquiridor da Loba Prateada. Tentei disfarçar, mas ela não ficou convencida. Contudo, estávamos tão atoladas em problemas, que a verdade jamais lhe afloraria à cabeça. No fim, talvez a minha mãe estivesse certa! De que adiantava inquietar Thora e Freya com o fantasma de uma premonição? Às vezes, a nossa vontade de contrariar as Visões era tão forte, que acabávamos inadvertidamente por ser responsáveis pela sua concretização.

Uma mulher de cabelos vermelhos, numa sala escura, com um punhal... A morte do Lobo Cinzento! Para onde quer que o destino nos conduzisse, eu teria de manter o meu pai debaixo de um olhar atento... E orar aos céus para que esse cuidado fosse suficiente.

CAPÍTULO 13

O Império estava longe de viver dias de regozijo, por isso a rainha limitou-se a oferecer um jantar simples aos seus hóspedes. Só Melina escusou a cortesia, alegando uma indisposição. Eu desejava interrogar a minha mãe acerca das estranhas atitudes da jovem feiticeira. Porém, não tinha coragem de perturbá-la ainda mais. Como se não bastasse a Visão calamitosa que a sujeitara, desencadeada pelas emoções fortes que vivera nos aposentos dos soberanos, no dia seguinte Catelyn teria de descobrir alento dentro de si para confrontar Estrid.

Durante o jantar, consegui finalmente averiguar a sorte da minha prima. Quinn contou-me que ela se encontrava instalada num dos quartos de hóspedes, uma vez que o seu fora destruído pelo incêndio. O fogo causara-lhe queimaduras severas por todo o corpo e só recentemente os curandeiros a tinham libertado dos seus cuidados. Ninguém lhe arrancava uma palavra, desde a noite fatídica. Pouco comia e passava os dias sentada, a olhar para as paredes. Recusava-se terminantemente a sair do quarto... Agora estava proibida de fazê-lo! Dois guerreiros guardavam-lhe a porta, a fim de se assegurarem de que não fugiria. A princesa herdeira do trono acabara de se tornar prisioneira, sob a acusação de traição.

Eu imaginava o abalo da rainha, no momento em que o meu pai revelara que o bebê que os guerreiros do Império buscavam desesperadamente não era seu neto, mas filho de demônio feiticeiro. No fim, Throst acedera ao pedido do rei Steinarr e de Edwin McGraw, para que tentasse resgatar a jovem com vida. A proposta do *jarl* fora simples: os Vikings ajudariam a capturar Esteban e, em troca, Mary entregaria Estrid à família, com a garantia de que esta seria julgada na sua terra, diante do seu povo. Ainda assim, a rainha insistira em considerar, antes de decidir.

Quinn confessou-me a sua convicção de que Mary condescenderia no nosso pedido. No rescaldo da reunião, a soberana parecera até aliviada por saber que a criança desaparecida não possuía o seu sangue. A manhã seguinte decerto traria novos desafios. Como

reagiria Estrid, quando Catelyn surgisse diante dela? A minha prima era totalmente imprevisível. E, se entretanto John regressasse e tomasse conhecimento da perfídia da esposa, um novo incêndio poderia deflagrar no castelo! Eu só esperava que a rainha Mary tivesse pulso suficiente para dominar a ira do seu primogênito.

Entristecia-me verificar que Darrin não atribuía a menor importância à sorte da irmã gêmea, como se Estrid tivesse morrido há muito. Em contrapartida, mostrava um interesse crescente pelos pormenores do passado atribulado do meio-irmão. E a sinceridade com que Edwin lhe respondia ajudava a consolidar a sua confiança. Na opinião de Darrin, Estrid tivera todas as condições para ser feliz... No entanto, acabara a desprezar a mãe e a tentar assassinar o pai. Por outro lado, apesar de ter sido raptado no berço e criado por um monstro, Edwin fora capaz de superar as trevas que lhe sufocavam a alma e renascera para uma nova vida.

Procurei o olhar do Rei da Lua com ansiedade. Ele sentara-se no extremo oposto da mesa e uma das sobrinhas de Mary acomodara-se ao seu lado, desfazendo-se em risinhos sedutores a cada palavra que trocavam. Eu estava prestes a recorrer à magia para entornar a malga de guisado no colo da tola embevecida, quando Edwin me encarou, pressentindo a intensidade do apelo mudo. O seu sorriso alargou-se ainda mais, ante a minha expressão furiosa. Sem me importar com as conseqüências que daí podiam advir, levantei-me e fiz-lhe sinal para que me seguisse. Pelo canto do olho, vi que se erguia. Contudo, acabei por lhe perder o rumo, no meio dos convidados que se agitavam em torno do repasto.

Onde conversar, sem sermos escutados ou interrompidos? Hesitava entre sair para o pátio ou subir ao quarto, quando uma mão forte se fechou no meu braço e me puxou para trás de um reposteiro. Num instante, Edwin esmagava-me contra o peito e devorava-me os lábios, com um beijo avassalador, que me pôs a cabeça a andar à roda e as pernas bambas. A custo separamo-nos para recuperar o fôlego. Então, ele sussurrou-me ao ouvido:

— Tive saudades tuas.

— Deveras? — respinguei, incapaz de me conter. — Pareceu-me que te estavas a divertir com a princesa!

Os lábios tentadores esboçaram um sorriso e os olhos verdes cintilaram, ao replicar:

— Estás com ciúmes de uma fedelha que mal largou os cueiros, Rainha do Sol?

Fulminei-o com o olhar, irritada. Dizer que não seria mentir. Dizer que sim era apunhalar o orgulho. Resolvi-me pela saída mais honrosa:

— Existem razões para ter ciúmes?

Edwin manteve o sorriso, enquanto me depositava pequenos beijos na testa e nas faces, roçando a barba rala pela minha pele, até me apetecer gritar com a necessidade de sentir os seus lábios nos meus. Quando me percebeu à beira do desespero, pressionou-me contra a portada e afundou a face nos meus caracóis, arquejando:

— Amo-te! Anseio pelo dia em que viveremos juntos, longe de todos os sobressaltos.

— Vem... — arquejei, extasiada com o ardor do seu corpo. — Vamos para o meu quarto.

— Não me tentes, Rainha do Sol! — replicou, quase num gemido. — Queres ver-me pendurado na espada do teu pai?

— O *jarl* gosta de ti...

— Sim — volveu torturado. — E eu quero que continue a gostar! O Império acredita que tu estás casada com o Ivarr... Se nos vissem juntos, seria um escândalo! Imaginas o constrangimento dos teus pais, ao terem de explicar à rainha que tu estás apaixonada por um primo amaldiçoado e que Ivarr deseja casar-se com a tua irmã? Para estas mentes assombradas pelo terror do castigo divino, tal haveria de ser mais grave do que a denúncia do padre Esteban como feiticeiro!

Deitei a cabeça no seu peito, resignada. Edwin tinha razão! Não era prudente aborrecer a rainha, até porque Mary ainda me fixava com relativa suspeição, sempre que se recordava da forma como eu defrontara a sua guarda, na minha última visita. A justificação apresentada por Quinn, de que os fenômenos testemunhados no porto tinham sido obra de Esteban, com o intuito de fomentar a discórdia entre os nossos povos, não a convencera. Pelo menos, ao

abordar a minha mãe demonstrara que compreendia a diferença entre magia branca e magia negra! No entanto, eu duvidava que o seu espírito estivesse preparado para assimilar toda a verdade.

— Precisamos de conversar — afirmei, enchendo-me de coragem.
— Tenho algo muito importante para te dizer.

Edwin afastou-se o suficiente para me encarar, com uma expressão curiosa. Apesar de nervosa, sentime invadir pelo alívio. Agora que começara, já não podia parar! Ia finalmente partilhar o segredo que simultaneamente me extasiava e atormentava.

— Estás a tremer — murmurou ele, franzindo o cenho. — O que se passa?

Um clamor súbito invadiu a privacidade dos reposteiros e prendeu-me a voz na garganta. O Rei da Lua protegeu-me com o seu corpo, enquanto afastava ligeiramente o tecido grosso e pesado, para observar o salão. Soltou uma exclamação imperceptível e incentivou-me a espreitar. Por entre a abertura estreita, vi um grupo de guerreiros sujos e ensangüentados avançarem à ordem da rainha. O barulho que agitava os convivas tornara-se de tal forma ensurdecedor, que era impossível escutar Mary. Nesse instante de incerteza, busquei a mão de Edwin. Determinado, ele entrelaçou os dedos nos meus e puxou-me para o exterior das cortinas.

A confusão que nos rodeava era calamitosa. Amparei-me em Edwin e vi mais guerreiros chegarem, carregando uma padiola onde um companheiro repousava. Então, o tumulto das vozes que agitavam o salão findou abruptamente. O ar susteve-se num silêncio aterrador, mórbido... E, subitamente, Mary desatou a gritar. Tentou correr ao encontro dos guerreiros, mas o príncipe Bernard impediu-a, apertando-a entre os seus braços. A minha frente, o Rei da Lua sussurrava:

— Era só o que nos faltava!

Abri caminho para passar adiante e estaquei, chocada. No estrado de madeira, que os guerreiros tinham trazido à presença da soberana, jazia o cadáver do príncipe John, herdeiro do trono do Império.

Enquanto escutava o testemunho arrepiante dos sobreviventes da chacina, troquei um olhar significativo com Thora. A intuição da

minha irmã fora certa. Grande parte dos soldados que o príncipe John levava consigo tinha servido Esteban com devoção, acreditando estar perante um padre da nova fé. No coração acutilante dos penhascos, algo sucedera que provocara o desvario desses guerreiros. Talvez tivesse sido uma brisa maléfica ou o brilho perverso do luar... Sem nenhuma justificção, companheiros de armas tinham-se insurgido uns contra os outros, numa peleja sangrenta. Aqueles que regressavam, declaravam não ter avistado Esteban, mas que as suas gargalhadas haviam aterrorizado as trevas, ecoando sobre os rochedos e o mar. Provavelmente, John ficara tão surpreendido com a loucura dos seus homens, que nem se conseguira defender.

A minha mãe conduziu a rainha Mary para fora do salão, enquanto o *jarl* Throst e o príncipe Ivarr reafirmavam o seu apoio ao príncipe Bernard. O mestre da Arte Obscura tinha de ser detido! Gritos, lamentos e choros já reboavam pelos corredores do castelo. O desespero abatia-se sobre as mentes simples. O trono do Império perdera o seu príncipe herdeiro! Seria esse o castigo que Deus lhes infligia, por terem confundido um feiticeiro com um homem santo e seguido a sua palavra? Se o príncipe John e grande parte dos seus guerreiros tombara a perseguir Esteban, este devia ser invencível! Quem os protegeria da ira do demônio, quando o próprio rei estava prestes a sucumbir?

Ao mesmo tempo que *Mão de Ferro* organizava os seus guerreiros, o pânico instalava-se na cidade. A notícia da morte de John voara de boca em boca e a ordem estabelecida pelo príncipe Bernard fora destroçada num piscar de olhos. As pessoas abandonava as suas casas e debandavam para o castelo. O pátio encheu-se com o eco de orações fervorosamente entoadas. Suplicava-se por perdão. Pranteava-se por misericórdia. E eu observava tudo isso com uma perplexidade indignada. Mais parecia que um colossal exército marchava contra o território. Bastara um único homem, ainda que feiticeiro, para pôr o poderoso Império de joelhos.

Bernard era um bom estrategista e, ao contrário do que teria sucedido com John, não hesitou em aceitar a ajuda dos seus aliados.

Mal a manhã despontara, já recuperara o controlo sobre a cidade e o porto de comércio. Eu ocupara-me a cuidar das mulheres e das crianças que o medo trouxera ao castelo, aguardando que o meu pai ordenasse a partida para os penhascos. A luz do dia dar-nos-ia vantagem sobre o feiticeiro, mas não devíamos delongar a ofensiva, uma vez que, a cada batida de coração, Esteban recuperava as energias gastas no confronto.

Por fim, *Mão de Ferro* deu o sinal pelo qual o *jarl* esperava. Thora veio ao meu encontro, estendendo-me as rédeas de uma bonita égua malhada. A viagem seria longa e tínhamos de poupar forças para a escalada da rocha. Edwin também já estava a cavalo, pronto para demonstrar o seu valor como Guardiã da Lágrima da Lua. Despedi-me das crianças que se tinham sentado ao meu redor e levantei-me, ansiosa por partir. Porém, mal dera um passo, senti a cabeça rodopiar e o solo a ondular debaixo dos pés. Prendi o fôlego, piscando os olhos com força. Era certo que não dormira e estava exausta, devido à viagem e aos sobressaltos que a noite trouxera. Contudo, já suportara provações piores no passado! Não podia admitir que o cansaço me vencesse. Tinha de reagir! A magia da Lágrima do Sol haveria de me restabelecer...

— Edwina... O que tens tu?

Thora franzia o cenho, ante o meu cambaleio. Deixei de escutá-la, mas obriguei-me a segurar as rédeas da égua, tentando içar-me para a garupa. Ergui um pé do chão... E a luz da manhã transformou-se em trevas, ao mesmo tempo que a náusea me sufocava.

— Edwina!

Abri os olhos e deparei com a minha mãe. De onde surgira ela? Aflita, depreendi que perdera os sentidos, por breves instantes. Mão de Ferro e os seus guerreiros mostravam-se impacientes, receosos de que essa delonga resultasse na fuga de Esteban. O *jarl* Throst começava a ser pressionado para partir. Tentei suster-me, mas a minha mãe impediu-me, a tempo de evitar que tornasse a cair e causasse pior impressão. Senti o coração mirrar, quando o meu pai se abeirou de nós e ordenou:

— Leva-a para dentro, Catelyn. Ela tem de descansar!

— Não... — protestei, estrangulada. — Vós precisais de mim...

— Edwin há de distrair o feiticeiro, enquanto nos aproximamos — contestou o *jarl*. — Afinal, o seu poder é equivalente ao teu. — Elevou a mão, impedindo-me de retrucar. — A minha decisão não é discutível, Edwina! Sê razoável e responsável. Não poderei concentrar-me no combate, se estiver em cuidado contigo!

Dito isso, montou a cavalo e deu ordem aos Vikings para seguirem *Mão de Ferro*. Vi a decepção e a ansiedade no olhar dos nossos guerreiros. A indisposição da Guardiã da Lágrima do Sol era um mau presságio para a campanha. Ivarr, Thora e os meus primos inquietavam-se, julgando-me doente... E, apesar de não demonstrá-lo, Edwin estava assustado, sem entender a causa de tamanha fraqueza. De novo, quis levantar-me, angustiada por vê-lo partir assim. Todavia, voltei a cambalear e fiquei suspensa nos braços da minha mãe.

— Sossega, querida — murmurou-me ao ouvido. — Tudo se há de resolver!

Recebi a sua energia curativa, qual sopro de vida que me restituía o alento. Por que não me animara antes? Como se atenta aos meus pensamentos, a feiticeira Catelyn declarou:

— Tu irás enfrentar Esteban! Mas antes, existe algo que tem de ser feito.

Segui a minha mãe até ao quarto que acomodava Melina. No meio de tantas tribulações, até me esquecera da sua existência! Não deveria a jovem feiticeira ter acompanhado o *jarl*? Por que se deixara ficar para trás, após ter treinado afincadamente, durante meses, com o objetivo de defrontar Esteban?

Ainda Catelyn não abrira a porta, já eu pressentia a tremenda energia que se manifestava no aposento. Ao entrar, quedei-me com a respiração suspensa. Melina pairava no ar, rodeada por uma aura tão brilhante que feria a vista. Sob a influência da magia, o seu corpo parecia ainda mais longo e esguio, envolto por cabelos dourados que dançavam por entre as partículas de luz. Fascinada, sobressaltei-me quando a minha mãe indagou:

— Tens a certeza de que queres prosseguir, Melina? Não consentirei que arrisques a tua vida e a vida da minha filha, se não

estiveres devidamente preparada!

O esplendor que envolvia a feiticeira foi fenecendo. O seu corpo desceu suavemente, até os pés descalços tocarem o tapete. Só os cabelos de ouro guardavam alguma cintilação, quando os olhos de um violeta puro e deslumbrante se fixaram na minha mãe.

— Eu estou preparada, Catelyn — asseverou determinada. — E a Edwina também!

O que significava aquilo? Mais parecia que as duas andavam a conspirar nas minhas costas! Encarei a minha mãe, franzindo a testa. Catelyn conhecia-me bem demais para delongar as explicações, por isso afirmou:

— O que está a acontecer tem um propósito, querida. No entanto, deve ser a Melina a justificar-se.

Fitei a jovem com um esgar pouco amistoso. O seu comportamento nos últimos tempos confundira-me, desgostara-me até. E não era agradável descobrir que a minha mãe pactuara com o que quer que fosse que ela andava a tramar. Prendi a respiração, quando se aproximou e começou com um sorriso benévolo:

— Sei que estás zangada comigo, Guardiã. Achas que tenho agido de modo estranho... E tens razão! O que está em causa é demasiado importante para que me permitisse distrações. Esteban tem de morrer hoje, no instante em que o Sol tocar o ponto mais alto do céu. Se isso não acontecer, nem tu, nem eu... ninguém será capaz de mudar o rumo da profecia que condena a Terra às trevas e o Homem à servidão.

— De que profecia falas? — repliquei secamente.

— Da profecia que o destino teceu, no dia em que a tua bisavó Aranwen enganou o Conselho da Ilha Sagrada e criou sete pedras mágicas — respondeu Melina com simplicidade. — Ao longo do tempo, muitos tentaram evitar a desgraça anunciada. Os próprios Seres Superiores decidiram interferir, tornando a tua mãe a última feiticeira nascida na Terra. Porém, sutilmente, os servos do mal têm conseguido contrariar todos os esforços para repor a ordem. Se Esteban não for destruído, as forças místicas jamais se voltarão a equilibrar.

A expressão da minha mãe era solene; uma garantia de que devia ter as palavras de Melina em elevada consideração. Ainda assim, não alcançava o seu propósito. Soprei o ar e volvi, com uma impaciência acusadora:

— Se me tivésseis ajudado a restabelecer, eu teria partido com os guerreiros...

— E terias morrido às mãos de Esteban — cortou Melina num tom que me arrepiou. — Conheces bem os caprichos da magia, Edwina! Algumas premonições interferem no destino de todos nós, outras são estabelecidas para uma única pessoa. Gwendalin usurpou o espírito da tua tia Fiona, acreditando que ela seria a origem da sua perdição. O feiticeiro Sigarr tentou assassinar o teu pai, porque viu o seu próprio fim às garras de um Lobo Cinzento. Os Seres Superiores tentaram impedir Catelyn de amar Throst, pois pressagiaram que da sua semente brotaria a flor que daria origem ao filho do dragão. E Esteban persegue todos aqueles que possuem sangue mágico, porque sabe que o feiticeiro destinado a matá-lo se oculta sob a pele de um humano.

— Continuo sem entender! — retorqui. E ela explicou:

— O meu irmão possuía sangue misto, mas a sua capacidade de vidência era extraordinária. Na busca desesperada por alguém que pusesse termo ao jugo de Esteban, Julien foi abençoado com a Visão de uma feiticeira de cabelos louros, que usava o poder do Sol para destruir o mais funesto dos mestres da Arte Obscura. Essa era também a Visão que assombrava Esteban. Acredito que ele raptou o meu irmão pensando que, se assimilasse o seu poder, seria capaz de vislumbrar o rosto daquela que estava destinada a matá-lo... O teu rosto, Edwina!

— Como assim? — objetei. — Eu não sou feiticeira!

— A força do teu sangue é fenomenal...

— Mas não deixa de ser misto!

Melina ignorou a minha confusão e redarguiu:

— A essência de um Feiticeiro pode formar-se de duas maneiras: nascendo com sangue puro ou recebendo a dádiva mágica dos Seres Superiores, como aconteceu com a tua mãe.

— Eu não nasci feiticeira — resmunguei. — E não estou a ver os Seres Superiores a descerem da Ilha Sagrada, para me abençoarem com a sua graça!

— Há muito que desisti de contar com a justiça do meu povo — replicou ela, gravemente. — A raça a que pertença decepcionou-me de todas as formas que possas imaginar... Por isso, não tenciono aguardar que se faça luz nos seus espíritos. Até que os Feiticeiros admitam que devem ajudar os Homens a combater o mal espargido por eles próprios, ao exilarem os seus renegados na Terra, será tarde demais. — Ergueu as mãos e pousou-as suavemente nos meus ombros, concluindo com um brilho de acérrima resolução no olhar: — Se me permitires a honra, entregar-te-ei o meu poder para que esmagues Esteban de vez. A minha magia não é muito forte... Porém, acredito que a feiticeira que habita em ti saberá fundi-la com a energia da Lágrima do Sol e que tal bastará para concretizar a Visão de Julien.

Eu estava tão abismada que fui incapaz de reagir. Por cima do ombro de Melina, vi a minha mãe confirmar com a cabeça, assegurando-me que essa proposta era a única solução para o nosso problema. Ao verificar-me sem palavras, acrescentou:

— Até há pouco, guardei a esperança de que o presságio de Melina estivesse errado. Porém, quando desfaleceste no pátio, verifiquei que o destino se retorcia a favor de Esteban... Ainda assim, não obstante o que possa suceder na eventualidade de o mestre da Arte Obscura escapar, a decisão é tua, querida!

Encontrei o olhar violeta e a minha voz tremeu, ao balbuciar:

— Tens consciência do que me ofereces? Se prescindires da tua magia, deixarás de ser Feiticeira! Ficarás impossibilitada de regressar à Ilha Sagrada...

— Não tenciono fazê-lo, de qualquer maneira! — atalhou a jovem com serenidade. — Agora, a Terra é a minha casa e vós sois a minha família. Se me tornar humana, desfrutarei de uma existência livre dos sobressaltos impostos pela magia... Poderei, finalmente, ser feliz!

O silêncio engoliu o quarto. O próximo passo teria de ser meu, qualquer que fosse o rumo escolhido. Levei as mãos ao ventre,

pensando no bebê que se desenvolvia naquele abrigo quente, a cada fôlego inspirado. Ele era o responsável pela minha fraqueza... No entanto, não por sua vontade! Assim como a loucura que revolvía o mundo também não era sua culpa! Se Esteban fugisse, acabaria por se esconder como Sigarr fizera, a fim de preparar o filho para o reinado das trevas. Tal era inadmissível! Urgia deter o mestre da Arte Obscura e recuperar as pedras mágicas que estavam na sua posse. Só assim o equilíbrio seria restaurado. Só assim poderíamos viver em paz.

— Devo-te um pedido de desculpa — confessei com franqueza. — Avaliei-te erradamente! Jamais imaginei que planeasses tamanho sacrifício...

— O que te proponho não é um sacrifício — objetou Melina. — Esteban matou aqueles que eu mais amava! Ficarei orgulhosa se da perda da minha magia resultar a sua destruição. O nosso tempo esgota-se, Edwina... O que decides?

Fechei os olhos e respirei fundo, cravando os dedos no ventre. Quando tornei a mergulhar no violeta intenso, já não existia nenhuma dúvida no meu espírito. Por trás de Melina, a minha mãe suspirava de alívio. Clareei a garganta e exclamei:

— Vamos caçar o monstro!

Sem mais hesitações, a feiticeira avançou e uniu os nossos lábios.

Abri os olhos para um mundo diferente daquele que conhecia. Catelyn da Ilha dos Sonhos e Melina da Ilha Sagrada jaziam ao meu lado, privadas de consciência. A jovem sucumbira à exaustão causada pela renúncia da sua magia. A minha mãe esforçara-se por restabelecer a minha essência e acabara enredada no tumulto das energias que nos haviam assolado.

Levantei-me devagar, temendo que as pernas falhassem. Ao longo da minha existência, por poucas vezes me sentira tão embriagada de poder. Ainda era Edwina, Guardiã da Lágrima do Sol... No entanto, tornara-me algo mais! A magia queimava-me o sangue, assimilava o que persistia de humano em mim. A fraqueza que me sujeitara diante dos guerreiros desaparecera sem deixar rasto. Os meus sentidos estavam sublimados! Conseguia ver e ouvir com uma

clareza extraordinária; até escutar o eco do coração que batia no interior do meu ventre, como se esse som se desdobrasse.

Não havia tempo para indecisões. O Sol erguia-se no firmamento... Se não me apressasse, Esteban celebraria a sua vitória sobre os cadáveres daqueles que eu tanto amava. Fixei a minha mãe uma última vez. Se falhasse, não tornaria a vê-la. O que me diria Catelyn, se estivesse desperta? *"Acredita em ti, Edwina! Segue a verdade do teu coração e vencerás."*

A égua malhada que Thora trouxera das cavaliças ainda vagueava pelo pátio. Aldeões e soldados estavam demasiado assustados para lhe prestarem atenção. As exclamações de pasmo eram sucedidas de brados de terror. Em redor do Sol que iluminava o Império formava-se uma auréola rubra que se alastrava rapidamente, qual incêndio que consumia o azul acinzentado do céu. Saí do castelo num sopro de vento que passou despercebido aos comuns mortais. Por toda a parte, homens, mulheres e crianças espavoriam-se, gritando que o mundo ia acabar. E o pior é que podiam estar certos!

Devorei caminho sem hesitar, até os penhascos se erguerem à minha frente. Acabara de avistar os guerreiros, quando a terra começou a tremer. A agitação foi tão inesperada quanto violenta. Os cavalos do Império, que aguardavam o regresso dos homens na base da escarpa, empinaram-se e relincharam em aflição. Os rapazes que os guardavam foram incapazes de segurá-los. E, de repente, vi o meu progresso bloqueado por dezenas de animais possantes, que acometiam contra a égua na sua debandada.

Deitei o corpo sobre o pescoço da minha corajosa montada e deixei a magia fluir, criando uma aura protetora que nos permitiu avançar por entre os corpos colossais. Sob o meu olhar, o penedo estremecia e a rocha fendia-se. Ao som ensurdecido que preenchia o ar, juntou-se o estrondo das derrocadas. Alguns guerreiros ficaram esmagados. Outros precipitaram-se em quedas aparatosas e encontraram a morte nas rochas esguias, que as irascíveis ondas do mar revelavam. Se existiam dúvidas acerca do paradeiro de Esteban, essa súbita manifestação da ira da natureza desfizera-as.

Eu acreditara que o feiticeiro se velaria na influência da sua magia e me obrigaria a procurá-lo debaixo de cada pedra. Porém, um ataque tão feroz denunciava a sua incapacidade de se ocultar da percepção de Edwin. Ciente de que não podia escapar ao Guardião da Lágrima da Lua, tentava aniquilar o exército que o apoiava. Por cima das nossas cabeças, o céu escurecia à velocidade do pensamento. Nuvens negras brotavam do nada e multiplicavam-se, alimentando-se da energia nefanda da sua própria essência. Logo a aura resplandecente que envolvia o Sol ficaria encoberta. E a luz que iluminava o meu progresso seria consumida pelas trevas.

O solo parara de tremer, mas um vento impetuoso cavalgava as ondas e lançava-se contra o penhasco, aprisionando os guerreiros nas protuberâncias onde se tinham refugiado. Desmontei e corri para as rochas. Nesse instante, as energias antagônicas que combatiam por cima de nós chocaram-se, produzindo uma chuva de fogo que rasgou as nuvens e incendiou o céu. O estrondo da trovada tornou-se ensurdecedor... Era como se mundos opostos colidissem sobre as nossas cabeças! Não obstante, iniciei a subida com relativa facilidade. As pedras que tinham tombado revelavam pedaços das vestes dos homens esmagados sob o seu peso. Eu não podia parar! Não podia pensar que, entre os cadáveres, talvez estivesse alguém que me era querido! A voz da feiticeira que despertara em mim impelia-me com resolução. Haveria tempo para me inquietar e lastimar, quando o objetivo estivesse cumprido.

Os trilhos abertos pela erosão findaram abruptamente. A periculosidade da escalada ter-me-ia gelado de pavor, não fosse a magia que me incitava. Uma mão. Um pé. O outro pé e a outra mão. As garras do vento que tentavam arrancar os guerreiros da rocha não perturbavam o meu progresso. Pelo contrário, sempre que uma rajada me envolvia, eu esgueirava-me por entre os seus dedos maléficos, aproveitando o impulso para avançar. Ultrapassei os guerreiros mais atrasados, ignorando os seus olhares arregalados de espanto. Eram soldados de *Mão de Ferro*... E que mais seria de esperar? Os homens do Norte teimavam em subir, opondo-se a todas as adversidades. Alguns já se encontravam próximos do cume, movidos por uma determinação e coragem que não conhecia igual.

Eu orgulhava-me das minhas raízes, do meu povo, do meu sangue. Nós insistíamos em lutar, quando todos os outros se vergavam à morte. Por isso éramos temidos. Por isso éramos odiados... Por isso éramos superiores aos nossos inimigos.

Dentro de mim, a essência feiticeira consumira a essência humana. O poder que Melina me oferecera instigava-me a vontade e fazia-me rutilar na bruma que principiava a cobrir o Império. Tudo o que restava do brilho do Sol era uma sombra escarlate, dissimulada pelo negrume das nuvens. Ainda assim, eu sentia o seu fulgor. E, enquanto este perseverasse, a esperança subsistiria. Esteban podia ter anulado grande parte da ameaça que o perseguia, mas esse empenho custara-lhe recursos descomedidos de energia. Decerto, a sua magia sustinha-se por um fio. Agora, eu só teria de descobri-lo...

— Edwina!

O apelo de Thora capturou-me a atenção. A minha irmã desviara-se da avalanche de pedras, mas só conseguiria progredir se lhe crescessem asas. Acima da sua cabeça, a rocha ficara tão lisa que era impossível escalá-la. Ragnar, Bryan e Darrin estavam perto dela, em relativa segurança, assim como muitos dos homens do *jarl*. Porém, não avistei o meu pai, nem Ivarr... Não avistei o Rei da Lua!

— A derrocada separou-nos — gritou a Loba Prateada, como se me tivesse escutado. — O pai e Ivarr seguiram em frente. Edwin também... — A sua voz denunciava frustração, por ter ficado para trás. — No topo do penhasco existe um labirinto de grutas escavadas pelo vento. *Mão de Ferro* acha que é lá que o feiticeiro se esconde. O que é que nós podemos fazer, Edwina?

Se eu apelasse à magia para ajudá-los, perderia um tempo que não possuía. A sombra do Sol era pouco mais do que um círculo pálido, que a escuridão não tardaria a engolir.

— Desçam — bradei, por entre o vento e a trovoadas que se exaltavam. — Eu irei atrás deles...

— Mas como subirás? — replicou Thora, angustiada. — A rocha parece um espelho...

Ao invés de lhe responder, prossegui até não existirem mais saliências onde prender as mãos ou os pés. Em redor do cume, o

desmoronamento deixara a pedra polida e o vento esfregava-se nessa superfície, como se troçasse da impotência dos guerreiros. Então, os relâmpagos que varavam as nuvens principiaram a concentrar-se sobre o penhasco. Ouvi Thora clamar um aviso para que os homens se abrigassem, mas não olhei para trás. Cada instante da minha hesitação custava uma vida.

Fixei a parede lisa com uma impaciência irada. Seria bom se os Feiticeiros fossem capazes de voar, como nas histórias que animavam as noites das crianças. Porém, os mais habilidosos conseguiam meramente levitar, servindo-se do movimento das partículas do ar. "O Que Tudo Vê" ensinara-me essa habilidade, mas eu não tinha condições para executá-la. Além de o sortilégio requerer um tremendo dispêndio de magia, também não podia contar com o auxílio dos ventos que fustigavam o penhasco. Possuídos pela vontade de Esteban, depressa me arrastariam para o mar, onde me afogariam sob a ira das ondas. Em alternativa, tateei a pedra, sentindo o pulsar da sua energia. Sob a influência do poder de Melina, bastava-me pensar para que o meu intento se realizasse. Inspirei contentamento, quando a rocha cedeu sob a pressão dos dedos, formando nichos que me possibilitaram içar o corpo e retomar a perseguição.

Degrau após degraus, fui moldando a pedra sob o ímpeto da magia e escalando com desenvoltura. De súbito, um estrondo ecoou-me aos ouvidos, seguido por um berro arrepiante. Num ápice, as trevas transformaram-se em fogo e os relâmpagos precipitaram-se sobre os soldados que quase tinham alcançado o cume. Essa era a última tentativa de Esteban de aniquilar os seus caçadores. Pelo canto do olho, vi o guerreiro que bradara despenhar-se no vazio, com as vestes em chamas. Os relâmpagos malignos tinham feito uma vítima! Seguiu-se outra... E outra...

Prendi o fôlego, impedindo o meu poder de extravasar. Até agora, fora bem-sucedida ao ocultar-me da percepção do feiticeiro. Não podia desperdiçar a vantagem! Esteban esbanjava magia, confiante na vitória. Enquanto isso, eu aproximava-me do seu covil. Sabia que não estava longe; apercebia-me distintamente da aura perniciosa do meu émulo. Por cima da minha cabeça choviam relâmpagos; uma

cascata de fogo assassino que oscilava entre o rubro, amarelo, laranja e azul. Iluminavam a bruma por um instante, deslumbrando-a com a sua refulgência... Buscavam uma presa e atacavam. A cada clarão, seguia-se um fragor capaz de estremecer o coração da Terra. E outro guerreiro tombava fulminado.

Mais um esforço... O alívio invadiu-me, ao sentir nos dedos o relevo natural da rocha. Apesar de pouco estável, bastaria para suportar o meu peso. Consegui sustentar-me numa saliência e avancei com cautela, pois o vento enredava-se nas roupas e tentava arrastar-me para o precipício. A trovoada cessara abruptamente, mas as nuvens negras continuavam a ocultar o Sol. Se não fosse a minha visão apurada, ser-me-ia impossível vislumbrar um palmo diante do nariz. Engoli em seco, ao constatar que estava só. Uma dúvida alanceou-me o espírito. Poderiam o meu pai e Ivarr ter sido atingidos por relâmpagos, como os guerreiros que eu vira tombar?

De súbito, um uivo feroz ressoou na obscuridade do dia. Levantei o olhar, assustada pelo reconhecimento da voz do príncipe viking. Com a respiração entrecortada, aguardei que o som se repetisse. Todavia, o estridor das rajadas de vento e da fúria do mar tornaram a preencher o silêncio, deixando-me sufocada de ansiedade. Rangi os dentes e retomei a escalada com acérrima determinação. A angústia queimava-me as entranhas. Tinha de deter Esteban, antes que mais vidas se perdessem.

A minha frente, a rocha abatera sob a violência do tremor de terra. Arrisquei um salto no vazio, esquecendo a prudência que empregara até então. Consegui alcançar a protuberância que me conduziria ao topo do penhasco, mas o solo resvalou debaixo das minhas botas. Cravei as unhas na pedra e tornei a apelar à magia para me sustentar.

Depois de me içar para a segurança precária da laje açoitada pelo vento, respirei fundo e obriguei-me a serenar. Só então reparei que as nuvens perdiam o seu vigor e uma luminosidade difusa principiava a contrariar a escuridão. Um raio de Sol rompera o manto compacto que forrava o céu, incidindo sobre o penhasco, um pouco acima de onde me achava. Deslizei sobre a saliência, com o coração a açoitar-me o peito. Diante dos meus olhos estava a entrada de

uma gruta... E, do interior desse buraco evidenciado pelo estranho foco de luz que rasgava o ar, emergiam sons arrepiantes que o vento não se incomodava a abafar. A presa derrubara os caçadores e banqueteara-se com as suas carcaças.

Entrei de rompante no covil do mestre da Arte Obscura e engoli um grito. Ivarr jazia inerte no chão... Antes que conseguisse descobrir se estava vivo ou morto, dois olhos vermelhos como fogo caíram sobre mim. Esteban encontrava-se deitado sobre Edwin, sugando-lhe avidamente a essência. E não ocultava o assombro por me ver surgir à sua frente.

— Tu! — vociferou, grave e ameaçador. — Como chegaste até aqui?

— Solta-o imediatamente! — ordenei com veemência.

— Com certeza, senhora! — desdenhou o infame. — Estes imbecis já nada têm para me oferecer... Agora, chegou a tua vez de rastejares aos meus pés!

Não me intimidei. Viera até aqui para cumprir uma profecia. E, no futuro que esta ditava, Edwin e Ivarr não estavam mortos! O feiticeiro apenas tentava manipular-me a mente, enfraquecer-me a vontade. Enquanto o via levantar-se; os olhos aterradores exibindo a plenitude da sua perversidade, só pensava no suplício de Julien e nas suas palavras:

"A Guardiã da Lágrima do Sol é uma feiticeira... e há de matar-te!"

Esteban atacou com ferocidade. Decerto que ficara desgastado, após a sua monumental ofensiva, que quase dizimara o exército que o perseguia. Contudo, a energia que usurpara ao Rei da Lua renovara-lhe o ânimo. Eu reconhecia o fulgor que lhe latejava na essência; sombras negras misturando-se com um brilho escarlate. Recebi o embate do seu corpo e fui incapaz de me suster. Não obstante o aspecto escanifrado, o bruxo possuía uma força descomunal. Tombei de costas e nem resisti, quando os nossos corpos se moldaram com a intimidade de dois amantes. Esse seria um duelo de magia, não de robustez!

Os lábios de Esteban apartaram os meus. Fui invadida pela sua energia nefanda e revidei, apelando à minha luz. Ambos estremecemos, dilacerados pela dor. Duas realidades imiscíveis eram

obrigadas a fundir-se, retalhando-se e extinguindo-se mutuamente. Eu já me opusera a Aesa dessa forma... Porém, Esteban era muito mais poderoso, imensamente mais astuto. Era impossível prever quanto tempo lhe resistiria. Necessitava de ajuda ou, tal como Edwin, acabaria por ser consumida. Mas quem poderia acudir-me?

A oscilação na energia que nos rodeava chegou até mim como uma brisa amena. Esteban também a sentiu, pois rugiu e fez-me rodar sob o seu corpo, usando-me como escudo. O meu olhar enevoado viu um raio de prata rasgar a escuridão do teto da caverna e precipitar-se sobre nós, ao mesmo tempo que a voz de Ivarr me entrava nos ouvidos qual eco difuso. Parei de respirar, horrorizada, ao perceber que a espada do rei-lobo buscava sangue... e que, por capricho da sorte, eu seria a sua vítima!

No último instante, apelando à sua destreza singular, o príncipe torceu os braços e evitou o golpe fatal. A lâmina libertou faíscas ao arranhar a pedra, a um palmo da minha cabeça. Paralisada de susto, ouvi Esteban praguejar, enquanto tornava a invocar o seu poder atroz para arremessar Ivarr contra a parede. Certa de que o seu próximo assalto seria fatal, usei todos os meus recursos para prostrar o feiticeiro, no instante em que o Espírito da Luz tombava inconsciente. Esteban urrou de raiva e voltou a cobrir-me sem dificuldade, qual manto de poeira venenosa que me cegava e sufocava. Mais uma vez, os seus lábios violentaram-me e o sangue fluiu-me das entranhas, subindo pela garganta num vômito de agonia.

O feiticeiro bebeu a minha vida com ardorosa sofreguidão. A contraposição de Ivarr deixara-o receoso de ter despendido demasiada energia, durante o ataque ao exército. Queria matar-me sem delonga, para não arriscar mais surpresas. A convicção de que o meu poder resultava da Lágrima do Sol levava-o a sujeitar-me através da vulnerabilidade humana, seguro de que destruiria sem esforço o meu corpo frágil. Porém, eu possuía um segredo bem guardado! A dádiva de Melina era uma valia que me dispusera a usar apenas no derradeiro instante, quando o mestre da Arte Obscura já confiasse na vitória... E esse instante era agora!

Num único sopro, despertei a magia esplendorosa e libertei-a com toda a exaltação. De imediato, Esteban saltou para trás; a boca distendida e os olhos dilatados. Levou as mãos à garganta, como se o sangue que sorvera o estivesse a queimar. Tal não andava longe da verdade! O mestre da Arte Obscura gostava de manipular venenos... Pois, para a sua essência, o néctar da vida que acabara de assimilar era a mais nociva das peçonhas. Segui-o, num ímpeto arrebatado, saltando sobre o seu tronco magro e obrigando-o a vacilar. Desprevenido e sufocado, cambaleou até à entrada da gruta, como se escapar ao meu toque fosse crucial. E, de súbito, estávamos debaixo de um céu cinza-fogo, onde as nuvens se haviam tornado meros véus translúcidos. A tempestade mística dissipava-se, livre da influência do feiticeiro, à medida que a atenção deste se centrava em outras tribulações.

— Tu... Tu... — gaguejou num tom carregado de temor, que não se ajustava à sua arrogância habitual. — Não! Tu não és uma feiticeira!

Mirei-o de alto a baixo, vendo-o recuar tropeçadamente até à beira do precipício, como se o sobressalto causado pela descoberta da genuinidade do meu poder lhe consumisse a determinação. Vestia a túnica austera de padre e carregava ao pescoço, suspensa numa corrente, a cruz da nova fé com que iludira e enganara centenas de inocentes. Concluí que não ocultava o legado de Aranwen sob as vestes e atrevi-me a avançar, rosnando:

— Onde estão as pedras mágicas que roubaste à minha família?

O olhar negro de Esteban faiscou e os seus punhos cerraram-se. Empenhava-se em recuperar a compostura perdida. A sua voz já não tremia, quando cuspiu com desprezo:

— Julgas-me estúpido como os teus tios? Jamais as traria para o campo de batalha!

— Diz-me onde...

— Nada te direi, reles impura! — atalhou, ameaçador. — Mata-me... E nunca as encontrarás!

Sobre nós, o fino véu de nuvens deixava vislumbrar o anel candente que rodeava o Sol. As cintilações rubras, amarelas, cor de laranja e azuis pintavam reflexos no crânio liso do meu émulo. O céu

ardia sobre as nossas cabeças, numa visão tão bela quanto aterradora, capaz de paralisar o mais bravo dos Homens com a convicção de que o mundo ia terminar em chamas. Contudo, eu não podia ceder ao deslumbramento... Desviar a atenção de Esteban, nem que fosse por uma batida de coração, seria fatal! As suas palavras brutais não me impressionavam. O Império caçara-o sem lhe dar tréguas e a inospitalidade do penhasco fora o seu último reduto. Logo, as pedras mágicas não podiam estar longe! A Lágrima do Sol ajudar-me-ia a descobri-las. E, mesmo que assim não fosse, eu preferia arriscar-me a perder as pedras para sempre, a conceder ao feiticeiro a possibilidade de escapar para perpetuar a sua obra abominável.

Esteban leu essa decisão no meu olhar, na firmeza de cada passo que encurtava a distância que nos separava... e o seu rosto deformou-se numa careta do mais puro e execrável ódio. Todavia, a cada instante fortalecia-se a minha desconfiança de que o bruxo não pretendia voltar a defrontar-me. Transtornado pela concretização dos seus medos mais profundos, no cenário de uma profecia que lhe vaticinava o fim, esquecia a enormidade do seu poder e recuava... recuava... Então, compreendi o seu plano. Esteban preparava-se para fugir! Deixar-se-ia tombar no precipício e apelaria à magia que lhe restava para amenizar a queda. Os guerreiros estavam aprisionados nas saliências do penhasco, incapazes de o perseguir. E eu não podia insistir na caçada e abandoná-los à mercê de uma iminente derrocada que os condenaria à morte!

Acometi em frente, tentando detê-lo... Contudo, era tarde! Esteban lançou-se no vazio, entregando-se aos braços do vento que ele próprio sustentara. Porém, contestando todas as leis da natureza, o seu corpo não se despenhou no mar. Estaquei à beira do precipício, boquiaberta, vendo a figura alta e magra pairar como se cativa de uma força invisível e colossal. O terror na sua expressão testemunhava que não fazia idéia do que lhe estava a suceder. Talvez acreditasse ser eu quem o aprisionava! No entanto, tinha de me confessar igualmente perplexa. Olhei por cima do ombro, esperando ver Edwin restabelecido, ou Melina, ou a minha mãe... alguém com poder para executar tamanho prodígio! Contudo, não

havia mais ninguém na plataforma de rocha suspensa sobre o abismo. Voltei a encarar Esteban... E foi então que tudo aconteceu.

De repente, o Sol como que explodiu. Uma imensidão de flamas percorreu o céu em brasa e, do seu interior, surgiu uma bola de fogo que se precipitou na nossa direção. Não houve tempo para sentir medo. Não houve tempo para sentir nada! A esfera colidiu com Esteban e empurrou-o de volta à plataforma, esmagando-o contra a rocha. Eu fui arrastada pela sua veemência e acreditei que ia morrer... No entanto, continuava a respirar. Continuava a persistir... E sem experimentar a menor dor!

Atrevi-me a abrir os olhos. Não nos encontrávamos envoltos em chamas, mas numa imensidão de luz resplandecente. Esse fulgor capturara Esteban entre tentáculos de matéria cintilante e mantinha-o colado à parede do penhasco. Por entre a ausência de som que nos envolvia, distingi um coro de vozes. Entoavam uma melodia harmoniosa, que se foi elevando até me entorpecer o corpo e arroubar o espírito. Inspirei um fôlego restaurador e mergulhei numa sensação de paz que me fazia levitar. A única coisa que perturbava esse momento de perfeição era o pânico de Esteban; um horror que estava para além de quaisquer gestos de suplício ou berros de agonia.

Os lábios do feiticeiro apartaram-se desmesuradamente, num clamor mudo, no instante em que a corrente que trazia ao pescoço se quebrou. O metal desfez-se em pó, perante o nosso olhar... Todavia, o símbolo da nova fé persistiu. Enlevada pela tranquilidade que me embalava, vi a cruz suspender-se diante do rosto lívido do mestre da Arte Obscura como se animada por vida. De seguida, um raio de luz fulgurante penetrou na bolha incandescente que nos suspendia, avançando devagar, como se o tempo não tivesse importância. Atravessou a cruz, tornando-a chamejante, sem que, contudo, sofresse alteração de forma... E prosseguiu, até tocar a testa de Esteban, qual dedo de flamas com um propósito definido.

Sob a influência do sono que se apoderava da minha consciência, verifiquei que o círculo de luz que marcava a fronte do feiticeiro se expandia e, com este, a sua expressão de horror. Implacável, o fenómeno invadia o mestre da Arte Obscura e começava a consumi-

lo de dentro para fora, até os olhos negros cederem lugar a labaredas e todo o corpo se incendiar. Assisti ao suplício da pérfida criatura, sem experimentar o mais pequeno regozijo. Não havia satisfação na morte de Esteban... No máximo, existia alívio! O demônio que reclamava agir em nome de Deus, diante do Homem, não destruiria mais vidas.

O feiticeiro ardeu e ardeu, até se transformar num toro preto e carcomido. A cruz de chamas dissolveu-se num clarão azulado e, por fim, o resplendor que nos envolvia principiou a recuar. O vento conseguiu atravessar a sua aura e, assim que tocou os restos nefários do mestre da Arte Obscura, estes transformaram-se em cinzas. Porém, a esfera brilhante não permitiu que o pó amaldiçoado se dispersasse pela Terra. No momento que retrocedeu em direção ao Sol, capturou-o na sua influência e arrastou-o consigo. E, sem o apoio dos tentáculos de matéria cintilante, eu deslizei suavemente para a laje de pedra que se projetava sobre o mar, respirei fundo e adormeci.

CAPÍTULO 14

O teto do quarto, no castelo do Império, foi a primeira coisa que vi quando abri os olhos. Após um momento de confusão, em que a realidade se misturou com o sonho, a lembrança do que acontecera no penhasco tomou-me de assalto. Tentei sentar-me na cama, mas a minha mãe deteve-me com uma ordem severa. Contrafeita, voltei a recostar-me nas almofadas e submeti-me ao seu interrogatório. Sim, sentia-me bem. Nada de indisposições. Nada de tonturas. Nem sequer vestígios da fraqueza que me prostrara, nos últimos dias. Ainda assim, Catelyn mostrou-se irreduzível. Enquanto não estivesse segura da minha condição, não permitiria que me levantasse.

A nova de que eu havia despertado foi-se espalhando. Thora e o meu pai chegaram logo de seguida. Depois, Ivarr. A minha mãe já me garantira que Edwin estava bem, mas só descansei quando segurei as suas mãos. O Rei da Lua passara um mau bocado à mercê do mestre da Arte Obscura e demoraria a recompor-se. Felizmente, o duelo que travara não deixara mazelas.

— Esteban está morto — anunciei, desfazendo a dúvida que lhes ensombrava os espíritos.

As exclamações de alívio e satisfação não se fizeram esperar:

— Tivemos esperanças de que a vitória te pertencesse — esclareceu o meu pai. — Porém, como não encontramos o corpo do feiticeiro, chegamos a temer a sua fuga.

— Estás de parabéns, querida! — elogiou a minha mãe, orgulhosa. — Esse monstro era, sem dúvida, o mais terrível da sua raça maldita.

O meu coração comprimiu-se. Como podia colocar em palavras a experiência que vivera?

— Não fui eu que o matei — confessei, por fim. Seguiu-se um silêncio que só o meu pai ousou quebrar:

— Então, quem foi?

Abanei a cabeça e descrevi com fidelidade o que acontecera, concluindo:

— A minha magia não teve interferência na sujeição de Esteban. Acho que... Acho que ele tombou vítima da justiça do Deus que apregoava servir.

O silêncio ao meu redor transformou-se num tumulto de vozes, que se sobrepunham em exclamações de estupefata incompreensão. Os Vikings adoravam muitas divindades, por isso não tinham pejo em aceitar a existência de mais uma. A forma como a suposta interferência do Deus dos Cristãos se verificara é que levantava questões deveras perturbadoras. Ao ver que aquele debate não nos conduziria a nenhum resultado útil, agitei os braços para chamar-lhes a atenção e indaguei:

— Consequistes localizar o filho do feiticeiro?

O meu pai respirou fundo, manifestando a sua frustração antes de retrucar:

— Não. Os nossos guerreiros e os homens de *Mão de Ferro* continuam as buscas... O bebê só pode estar no interior do labirinto de grutas. Temos de resgatá-lo rapidamente ou não resistirá ao frio e à fome.

Todavia, o dia feneceu sem que essa demanda obtivesse êxito. E, durante a noite, o coração do Império sofreu o derradeiro golpe, com o anúncio da morte do seu rei. William, o conquistador, resistira com bravura ao veneno que lhe queimara as entranhas, mas não suportara tomar conhecimento do infortúnio do seu primogênito. Ao ofertar os meus sentimentos à rainha Mary, percebi no seu olhar o desalento e o cansaço de uma mulher para quem a vida perdera todo o significado.

Um verdadeiro padre cristão celebrou os funerais do rei William e do príncipe John. O pranto das mulheres fazia eco nas expressões sombrias dos homens, no momento em que os dois corpos foram sepultados no cemitério do castelo. Enquanto a lúgubre cerimônia decorria, eu ponderava na última confiança da minha mãe. De manhã, ela obtivera finalmente permissão para visitar Estrid. A rainha acompanhara-a, mas não dissera uma palavra no tempo que tinham permanecido no quarto.

Catelyn ficara impressionada com a condição da sobrinha. Fisicamente, Estrid estava irreconhecível. Mentalmente, parecia alheada da realidade. Por mais que a minha mãe se esforçasse, não conseguira arrancar-lhe uma reação, nem mesmo quando revelara que Esteban estava morto e porfiara a urgência da sua colaboração. Se ela não nos fornecesse uma pista acerca do local onde o feiticeiro podia ter escondido o seu filho, a criança decerto pereceria. No entanto, não obstante esses argumentos, a sobrinha agira como se ela não existisse. Catelyn acabara por sair do quarto extremamente desgostosa. E a sua angústia aumentara, ao ouvir a rainha declarar numa voz prenhe de rancor:

— Eu viverei para ver essa rameira arder até à morte!

A decisão da soberana estava tomada. E não era, de todo, aquela que havíamos expectado. No entanto, a minha mãe não argumentara, nem permitira que o meu pai o fizesse. Mary necessitava de se acalmar. O melhor que podíamos fazer era permanecer ao seu lado e amparada nesses dias de amargura. Quando o seu discernimento estivesse mais claro e o ódio abrasasse com menos fulgor, tornaríamos a apelar por Estrid. Enquanto a terra era benzida, elevei os olhos ao céu e fixei o Sol sem me deixar encandear. Os fenômenos resultantes da tempestade evocada por Esteban, e os prodígios de luz e de fogo que a sucedera, haviam espalhado o pavor pelo solo do Império. Algumas pessoas tinham atentado contra a própria vida, temendo o fim do mundo anunciado pelos padres. Todavia, se se proclamava que esse seria o momento em que Deus desceria à Terra para compensar os justos e castigar os pecadores, por que os devotos receavam a Sua chegada? Não deveriam preparar-se para recebê-Lo com júbilo, em vez de enlouquecerem de terror? Era óbvio que eu tinha muito que aprender acerca do Deus dos Cristãos... Porém, ainda tinha mais que aprender acerca da coerência do raciocínio daqueles que O adoravam!

A iniciativa de Melina tivera conseqüências graves. Se, por um lado, eu me sentia forte como um touro, por outro, ela mal conseguia erguer a cabeça do travesseiro. No entanto, não se arrependia de ter sacrificado a sua magia. Esteban estava morto!

Pouco lhe importava se perecera devido à minha intervenção ou por influência de outro poder. Na sua opinião, a premonição de Julien estava correta. A Visão que colocava a Guardiã da Lágrima do Sol no topo do penhasco com o mestre da Arte Obscura e um raio de luz vingador cumprira-se. E tal só fora possível porque ela me tornara feiticeira. O que aconteceria de agora em diante, que alterações as nossas essências sofreriam, devido à nossa escolha, nenhuma de nós era capaz de prever.

Fiquei com Melina até ela adormecer. Depois, parti ao encontro de Edwin, decidida a terminar a conversa interrompida no salão com a chegada do corpo do príncipe John. O Rei da Lua descansava no quarto que partilhava com Darrin, Ragnar e Bryan. Os guerreiros tinham saído para mais uma busca aos penhascos, por isso não corríamos o risco de ser incomodados. Ainda assim, tranquei a porta.

O meu coração apertou-se, ao aproximar-me da cama e constatar as sombras que escureciam o olhar verde-floresta. Sentei-me ao lado de Edwin e segurei-lhe as mãos, mas ele adiantou-se à minha interrogação, desabafando compungido:

— Acreditei ser capaz de dominar a mente de Esteban... E essa soberba quase me custou a vida! Nem sequer tive habilidade para lhe extorquir a informação do paradeiro do meu sobrinho... — A voz falhou-lhe, tomada pelo desalento. — Guardiã da Lágrima da Lua... Não passo de um inábil; de um néscio como Sigarr afirmava!

Sorri carinhosamente, levando as suas mãos aos lábios e beijando-as com devoção.

— Tu fizeste um excelente trabalho — contrapus. — Salvaste Ivarr e impediste Esteban de aniquilar todo o exército que o perseguia. Não te menosprezes! Ele não era um mero feiticeiro renegado... Era um monstro que, durante centenas de anos, acumulou energia e maldade. Se eu o tivesse enfrentado sem a magia de Melina, também teria sido suplantada. Aliás, possuo a convicção de que, não obstante o poder que ardia no meu sangue, o feiticeiro acabaria por me derrotar, se não se tivesse deixado sujeitar pelo medo da concretização da profecia. No fim, tanto quis ludibriar a sorte, que acabou por provocar aquilo que mais receava.

O Rei da Lua puxou-me para o aconchego dos seus braços, murmurando:

— És maravilhosa! E eu amo-te mais e mais, a cada dia que passa! Às vezes, ao acordar, tenho medo de descobrir que o sonho que estou a viver não é real; que tu não és minha...

Procurei-lhe os lábios com o ardor de uma mulher apaixonada. E ele correspondeu com uma exaltação veemente. A necessidade de sentir o seu corpo era tão forte, que não hesitei em desapertar-lhe os cordões da túnica, deliciando-me com o calor da pele. Ouvi-o arfar, lutando para reprimir o instinto, e fiz questão de aprofundar as carícias. Desejava vê-lo revirar os olhos de prazer; escutar os seus gemidos de paixão. Por que se continha, se esse momento era só nosso?

— Edwina... — ofegou, detendo as minhas mãos antes que as sensações o subjugassem. — O teu pai há de cortar-me a garganta, se nos apanhar juntos.

Engoli uma gargalhada ante o seu dilema. Edwin empenhava-se em não contrariar Throst e Catelyn. Nem desconfiava que tais sutilezas estavam ultrapassadas.

— Se o meu pai ainda não te cortou a garganta, já não o fará — repliquei emocionada.

Ele franziu o cenho e voltou:

— Não compreendo...

— Eu estou grávida, Edwin.

O queixo do Rei da Lua pendeu. Gorgolejou alguns sons incompreensíveis. Engoliu em seco e arquejou. Abanou e sacudiu a cabeça, enquanto abria e fechava a boca como um peixe a sufocar. Aguardei pacientemente que superasse o choque. Por fim, lá conseguiu articular:

— Mas... Como? Eu não posso gerar descendência! A maldição de Aesa...

Silenciei-o com um leve toque de lábios. Edwin estremeceu. O brilho no seu olhar revelava o quanto desejava acreditar. Todavia, o pavor de sofrer uma decepção coibia-o. Com serenidade, falei-lhe da premonição da Velha do Tronco Oco... E Edwin chorou, primeiro abraçado ao meu peito, depois abraçado ao ventre. O ardor da

paixão perdera-se, mas ganháramos algo mais precioso. Havia tanto para falar, emoções a partilhar... Acima de tudo, eu estava aliviada e confortada por ter desfeito o segredo; feliz por verificar a satisfação de Edwin. Talvez a chegada da sexta lua cheia nos fizesse desesperar. Porém, até lá viveríamos com alegria cada instante do nosso amor.

O tempo deu razão à minha mãe. No dia em que Throst e Catelyn se reuniram com a rainha Mary, com o propósito de discutirem os assuntos que pendiam entre eles, a irredutibilidade da soberana vacilou. Desse encontro resultaram mais benefícios do que aqueles que nos atrevêramos a almejar. O meu pai recebeu permissão para continuar as buscas no Império, enquanto considerasse necessário. A rainha concordava que o filho de Esteban tinha de ser resgatado, quer estivesse vivo ou morto. Quanto às pedras de Aranwen, às quais, polidamente, ninguém se referia como mágicas, Mary também achava que deviam ser restituídas à guarda dos McGraw, já que eram sua herança de sangue. O que não se atrevia a dizer, mas decerto pensava, era que ficaria muito mais aliviada se soubesse que tais amuletos, malignos aos olhos da nova fé, viajariam para longe do seu reino.

No que se referia a Estrid, Mary demonstrou a grandeza do seu coração, ao recuar na decisão que tomara sob a influência do ódio. Por respeito aos aliados do Tratado, a sobrinha do rei Steinarr do povo viking e filha de Edwin McGraw da Grande Ilha não seria queimada na fogueira, diante de todo o Império. Ao invés, seria enforcada no pátio, sob o olhar exclusivo daqueles a quem lesara no sangue e na honra. E essa sua determinação podia ser revogada... A fim de provar a sua bondade, Mary condescendia em deixar Estrid partir com a família, desde que o *jarl* lhe desse a sua palavra de que ela seria julgada pelos crimes que cometera, perante uma Assembléia. Para tal, a jovem só teria de se prostrar diante dela, confessar as suas falhas, admitir a traição, expressar arrependimento e implorar clemência.

Os meus pais saíram da sala do trono com o ânimo revigorado pela vitória obtida. Sem delonga, empenharam-se nas suas missões. Com a ajuda dos Guardiões do Sol e da Lua, Throst haveria de

descobrir a criança desaparecida e as pedras mágicas. Por seu lado, Catelyn teria de convencer Estrid a abandonar a letargia e a suplicar o perdão do Império. A primeira vista, não parecia difícil... Porém, os dias sucederam-se sem que as demandas dos senhores da Ilha dos Sonhos obtivessem quaisquer resultados.

O luto decretado por Mary terminou e o Império vestiu-se de festa para coroar o rei Bernard. Por essa altura, havíamos passado o território a pente fino, com a ajuda do general *Mão de Ferro* e dos seus guerreiros. Nenhuma alma vira ou ouvira falar da criança que buscávamos. E era humanamente impossível um bebê subsistir sem cuidados, todo esse tempo. Ainda assim, eu não acreditava que estivesse morto. Esteban não sobrevivera a mais de mil anos de exílio na Terra sendo descuidado. De certeza, arranjava forma de proteger os seus tesouros. A última esperança de solucionar esse enigma dependia da reabilitação de Estrid.

Os esforços da minha mãe para convencer a sobrinha da necessidade de se retratar diante da soberana tinham-se revelado vãos. Dia após dia, Catelyn visitara-a sem lhe arrebatara uma palavra. A data marcada para a execução aproximava-se a passos largos, mas a minha prima não reagia. A Estrid que eu conhecera teria saltado sobre a tia e rogado pragas infundáveis à família, pela denúncia da sua perfídia. Porém, de acordo com a minha mãe, a Estrid aprisionada no quarto transformara-se num farrapo humano.

Diversas vezes solicitei a permissão de Mary para visitar a minha prima. Contudo, esta foi-me recusada. Talvez a soberana receasse que eu fugisse a voar, rumo à Ilha dos Sonhos, com Estrid às costas! Após o confronto com Esteban, tornara-se impossível negar as minhas habilidades místicas. Além disso, os Vikings eram incapazes de manter a língua sossegada, após uns cornos de cerveja. As proezas da Guardiã da Lágrima do Sol, em batalhas passadas, já eram recontadas sob o calor das lareiras da cidade, nas noites frias do Império. Algumas pessoas encaravam-me como uma heroína. Outras, como um demônio. A rainha não questionava que o meu dom era diferente do de Esteban e confiava na minha boa vontade, mas o seu ressentimento por Estrid cegava-a. Culpava a nora por todas as desgraças que se tinham abatido sobre o Império,

esquecendo-se de que o padre feiticeiro já os enganava muito antes de Estrid nascer.

Na véspera do cumprimento da sentença da rainha, resolvi invadir o quarto da minha prima. Catelyn viera de lá consumida, perdida que estava a esperança de espezinar a consciência da sobrinha. Atormentava-me a recordação da promessa de cuidar de Estrid, feita à tia Geimy no seu leito de morte. Eu tinha de, pelo menos, tentar chamada à razão.

Iludi a percepção dos guerreiros que guardavam a porta e penetrei naquele que se tornara o mundo de Estrid: um quarto pequeno, mobiliado com uma cama e uma cômoda. Sobre esta estava um jarro cheio de água e um tabuleiro com comida que não fora tocada. Segundo a minha mãe, o reposteiro que encobria a janela ficava corrido de dia e de noite. No castiçal ardiam velas moribundas, prestes a consumirem-se. Ninguém se incomodara a substituí-las. Afinal, essa seria a última noite de vida da abominada traidora do Império.

Estrid não se moveu quando entrei. Aliás, nem sequer me encarou, continuando a fixar as cortinas com uma expressão vazia. E ainda bem que assim foi, pois eu não estava preparada para a visão que me aguardava, apesar do alerta feito pela minha mãe. Engoli em seco, incapaz de imaginar as dores atrozes que a jovem suportara. Agora compreendia por que se refugiara no quarto, mesmo quando a julgavam uma vítima. As queimaduras sofridas no incêndio haviam arruinado a perfeição do seu rosto e parte dos belos cabelos louros desaparecera. A pele exposta ao fogo apresentava-se vermelha e repuxada, também nos braços que descansava sobre o colo. A beleza imaculada de Estrid colocara dezenas de homens aos seus pés e tornara-a alvo da inveja e do despeito de muitas mulheres. Vê-la desfigurada deixava-me sem palavras, quase esquecida do motivo que me levava a desafiar a vontade da rainha Mary para lhe falar.

A minha prima permaneceu inerte quando me sentei ao seu lado. Nós nunca fomos amigas e as suas atrocidades haviam-nos distanciado ainda mais. Ela era, sem dúvida, uma mulher mentirosa, manipuladora, traidora, assassina... Porém, o seu olhar despido de

esperança inspirava-me uma forte compaixão. O que levava alguém que tivera todas as condições para ser feliz a enveredar por trilhos tão tortuosos? Estrid jamais encontrara satisfação nas suas conquistas. Almejara sempre mais... E as consequências dessa ambição desmedida estavam à vista.

Busquei-lhe as mãos e apertei-as com cuidado. Ela não correspondeu, mas os seus olhos denunciaram uma estranha comoção. Respirei fundo, ciente de que tinha de dizer algo, ainda que fosse escusado repetir os argumentos de Catelyn. Por fim, asseverei, tranqüila e apaziguadora:

— Não é tarde para dares um novo rumo à tua vida, Estrid.

Ela desviou o olhar, baixou o rosto e recolheu as mãos. Quedei-me, esperando que pronunciasse uma palavra ou um gemido; um soluço que fosse! No entanto, nada aconteceu. O meu empenho era inútil! A minha prima não estava alheada da realidade, como supuséramos de início. Pelo contrário, sabia o que a esperava e como minorar o castigo. Ainda assim, escolhia aceitar a sua sorte. Nada havia a fazer, além de respeitar essa decisão.

Afaguei-lhe o ombro, num gesto meigo de despedida, antes de me dirigir à porta. Dispunha-me a esgueirar novamente por baixo do nariz dos guerreiros, quando a sua voz dorida ecoou nas minhas costas:

— John está morto, não está?

Virei-me devagar. Estrid não se mexera, mas o seu tormento alastrara do olhar para a expressão. Acenei com a cabeça e respondi simplesmente:

— Sim.

Então, para minha surpresa, ela cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar.

Fui incapaz de resistir ao impulso de voltar atrás e abraçá-la. Estrid apertou-me com desespero. Temi que o seu pranto convulsivo alertasse os guardas, mas a porta manteve-se fechada, sinal de que estes ainda estavam sob o efeito do meu sortilégio.

— Eu amava-o... — balbuciou entre sopros de agonia. — Amava-o tanto!

Só a custo sofreei a emoção. O que podia dizer? Nem o mais profundo remorso faria recuar o tempo. Permiti-lhe desabafar, até o seu choro se transformar num lamento dorido. Por fim, afastou-se e limpou os olhos, indagando esgotada:

— É verdade que a rainha Mary se compadecerá de mim, se lhe implorar perdão?

— Ela deu a sua palavra ao *jarl* Throst — volvi. — E eu certificarme-ei de que a cumpre!

Tamanha firmeza desconcertou-a. Os seus olhos piscaram, libertando uma cascata de lágrimas sobre o rosto queimado.

— Tencionas mesmo ajudar-me, depois de todo o mal que fiz? — interpelou incrédula.

— Se depender de mim, terás oportunidade de justificar as tuas motivações perante uma Assembléia isenta — repliquei com franqueza. — Não deixarás de ser castigada, mas desfrutarás de um julgamento justo.

A minha prima baixou o rosto e engoliu um soluço, exclamando roucamente:

— Obrigada por seres sincera! A tua boa vontade é muito mais do que mereço. Eu fiz coisas terríveis, Edwina! Coisas com que vós nem sonhais... Hoje vejo que estava errada. Tanta gente sofreu por minha culpa...

A voz faltou-lhe, tal a perturbação que a assolava. Ergueu-se num impulso arrebatado e afastou as cobertas da cama, remexendo freneticamente os travesseiros, até encontrar o que procurava. Eu voltava a questionar a sua sanidade, quando tornou a fixar-me. Perplexa, vi-a esticar o braço e exhibir a pedra vermelha de Aranwen, declarando:

— Toma! Se eu não puder viajar convosco, peço-te que a entregues ao meu pai e lhe digas que lamento por tudo.

— Como... Como é que essa pedra está em teu poder? — inquiri, ofegante.

Estrid forçou um sorriso triste, que impôs um esgar estranho aos lábios deformados.

— Às vezes, quando estávamos juntos, Esteban permitia-me usá-la... No momento em que comecei a sentir as dores do parto,

assustei-me tanto que ele condescendeu em entregá-la. Eu tinha esperança de que a magia da pedra me protegesse! Como podia imaginar...? — A pergunta pairou no ar, carregada de amargor. Após uma pausa, empinou o nariz e completou: — Esteban fugiu e a pedra ficou para trás. Aqueles que cuidaram de mim desconheciam o seu significado... E eu mantive-a escondida até agora.

Como é que a minha mãe estivera naquele quarto e não se apercebera da energia da pedra? Como é que eu própria não a sentira? Só havia uma explicação. As forças que nos regiam tinham determinado que a iniciativa de entregar o amuleto deveria pertencer a Estrid, para que, ao recebê-lo, eu confirmasse a veracidade do seu arrependimento.

A herança de sangue do tio Edwin pulsou e cintilou como uma chama, no instante em que os meus dedos a envolveram. Mais parecia que o poder enclausurado no seu interior suplicava a liberdade.

— Esteban também despertava as pedras — observou Estrid pesarosa. — Contudo, nunca foi capaz de assimilar a sua magia.

— As sete têm de estar juntas, para que isso aconteça — esclareci, mal recuperada do assombro. Busquei o seu olhar e pousei-lhe a mão no ombro, acentuando a importância da questão: — Tens idêa de onde ele escondeu as outras pedras mágicas?

A omissão ao seu filho fora deliberada. Eu testemunhara o horror nos olhos de Estrid diante da criança. Ao contrário de Catelyn, possuía a convicção de que a minha prima não desejava resgatar o primogênito. Talvez dessa forma disfarçada ela cedesse a informação pela qual todos ansiávamos! O meu coração acelerou a galope, quando replicou:

— Se vós não as descobristes, aquele homem deve ter-lhes deitado a mão...

Deteve-se bruscamente e eu temi que o pavor que se expunha no seu olhar a fizesse recuar.

— Qual homem? — insisti com firmeza. — Tens de me dizer, Estrid! Sabes a importância que as pedras...

— Eu não sei quem era — atalhou, com um gesto de desalento. — Porém, imagino que deve ser alguém muito importante, para se

atrever a confrontar Esteban.

Aquiesci, tentando convencê-la a relatar os pormenores dessa extraordinária pista:

— Mas podes descrever-me? Era louro? Moreno? Alto? Baixo? Tinha barba... ?

— Não sei, Edwina! — retrucou, angustiada. — O homem trajava uma capa... Não lhe vi um fio de cabelo! Pareceu-me alto e magro, mas estava muito escuro... Esteban conhecia-o bem! No entanto, acho que não eram amigos.

— Quando foi que isso aconteceu?

— Poucos dias antes de eu dar à luz. Os dois reuniram-se longe de quaisquer olhos ou ouvidos. Eu surpreendi-os e não resisti a espreitá-los... Fiquei na sombra e percebi que o homem desejava negociar as pedras mágicas. Se Esteban as entregasse, ele haveria de lhe assegurar o perdão que lhe permitiria regressar a casa.

— Regressar a casa? — repeti, sufocada.

— Foi o que o homem disse...

— E o que respondeu Esteban?

— Respondeu que não... Não necessitava do perdão de ninguém e a última coisa que pretendia era voltar para casa, agora que o filho ia nascer.

A idéia que me acometia era terrível! Eu nem me atrevia a amadurecê-la, sem conversar com a minha mãe. Ficamos em silêncio e verifiquei o cansaço de Estrid. A minha prima fora muito mais longe nas suas confidências, do que eu me atrevera a expectar. Só me restava aflorar o assunto proibido... Soprei o ar e interroguei:

— Por que rejeitaste o teu bebê? Mesmo que possua uma deformidade...

Estrid acometeu adiante, com tal veemência que me calou. As lágrimas tornaram a saltar-lhe dos olhos e a sua voz soou áspera, ao mastigar:

— Tu não entendes! Aquilo não é uma deformidade! Aquilo é... — Agitou os braços, completamente transtornada. Depois, apontou um dedo à porta e arquejou: — Vai-te embora! Vai-te embora, por favor... Disse-te tudo o que sabia! Agora, quero ficar só.

— Eu vou, Estrid — contrapus, mantendo a calma e a determinação. — Mas antes, tens de me prometer que apelarás à mercê da rainha!

Ela deixou-se cair sobre a cama e a sua cabeça pendeu para a frente. Passado um instante, murmurou como se à beira da exaustão:

— Fica descansada, prima... Não tenciono morrer amanhã!

Suspirei aliviada perante a sua cedência e terminei:

— A rainha virá falar-te, antes de seres conduzida ao pátio. Eu arranjarei maneira de a acompanhar. Quanto à pedra vermelha, irei guardá-la em segurança. Porém, quando chegarmos à Ilha dos Sonhos, deves ser tu a entregá-la ao teu pai e a explicar-lhe o que te vai no coração.

— Regressar a casa? — A minha mãe estava tão perplexa, ante as revelações de Estrid, quanto eu ficara.

— Essas palavras só fazem sentido se tiver sido um Feiticeiro a abordar Esteban — concluí.

— Sim... — ponderou Catelyn. — Só um Sacerdote do Conselho poderia falar de perdão ao mestre da Arte Obscura e conceder-lhe a possibilidade de retornar à Ilha Sagrada. Porém, tal contraria a lei pela qual os Seres Superiores se regem. Segundo "O Que Tudo Vê" afirmava, nunca um feiticeiro renegado deixou a Terra para voltar ao paraíso místico.

— Talvez as regras tenham mudado — sugeri, a angústia aumentando a cada conjectura.

— Isso seria terrível! — exclamou a minha mãe, apertando entre os dedos a pedra vermelha que Estrid devolvera. — Teria de haver uma revolução de mentalidades e vontades dentro do Conselho, para que tal sucedesse. Não estamos apenas a falar de indulgenciar Feiticeiros que violaram a lei por amor a um humano, como os teus bisavós... Esteban era um servo da magia negra; um assassino que não tinha pejo em matar os entes da sua própria raça. O que levaria o Conselho a indultar e recolher tal abominação no seu seio? Não

pode ser o desejo de se apoderarem das pedras mágicas. Durante décadas, nunca se importaram com o seu destino!

Era verdade. Se os Feiticeiros desejassem exclusivamente as pedras de Aranwen, tê-las-iam reclamado logo após a sua morte. Assim, muitas guerras travadas em nome da cobiça da magia dessas “sedutoras de desgraça”, como o rei Steinarr lhes chamava, teriam sido evitadas. Devia haver outra justificação... Mas qual?

— Achas que esse feiticeiro se aproveitou da confusão originada pela perseguição que o Império lançou a Esteban, para alcançar o seu intento? — perguntei, sem querer ouvir a resposta. A minha mãe suspirou, volvendo apoquentada:

— É até provável que os dois tenham chegado a um acordo! Afinal, Esteban assegurou-te que a sua morte tornaria impossível o resgate das pedras.

— E para quê haveriam os Seres Superiores de querer o filho de Esteban e Estrid?

Desta vez, a minha mãe demorou algum tempo a refletir. Porém, o resultado nada teve de tranquilizador:

— Se as leis que regem a sociedade dos Feiticeiros foram alteradas, talvez eles ambicionem recuperar o território que perderam para o domínio do Homem.

— Queres dizer, regressar à Terra e escravizar-nos? — inquiri com a garganta seca.

Catelyn acenou em confirmação, antes de acrescentar:

— Tu tiveste a revelação de que essa criança traria destruição e trevas ao nosso mundo. Os Feiticeiros podem desejar garantir a concretização da profecia segundo a sua vontade. E isso significaria que, em breve, nós não estaríamos a combater os renegados da raça antiga... O Homem entraria em guerra com os próprios Seres Superiores!

Rangi os dentes, incapaz de conceber tal possibilidade. O que a minha mãe pressagiava só podia ser comparado a uma guerra com os deuses. E não existiam dúvidas sobre quem seria o vencedor! Talvez por constatar a minha palidez, ela interveio:

— Nós acabamos de solucionar um problema, querida! Não vamos angustiar-nos com o temor de outra ameaça, sem que tenhamos

fortes indícios de que essa se irá realizar. O filho de Esteban até pode estar morto! Não me admiraria se descobríssemos que o bruxo o estrangulou, na iminência de enfrentar os seus inimigos.

Sacudi a cabeça, fustigada por outro pensamento tenebroso:

— De qualquer maneira, acho que não restam dúvidas de que um Sacerdote da Ilha Sagrada desceu à Terra, em perseguição das pedras mágicas. E se aliciou Esteban, deverá igualmente tentar a sua sorte junto de Gwendalin.

A mão de Catelyn cobriu a minha, pretendendo apaziguar-me o espírito:

— A única certeza que possuímos é que a pedra amarela e a pedra branca estão desaparecidas. A azul está em segurança e conseguimos resgatar a vermelha. Se Esteban não se mostrou interessado em regressar à Ilha Sagrada, muito menos o fará Gwendalin. A ele, movia-o a ambição de dominar a Terra; ela está obcecada pelo desejo de vingança. Gwendalin já pouco se importa com o que a magia das pedras tem para lhe oferecer. O seu desejo é destruir aqueles que, no passado, contribuíram para a sua derrota. Virá ao nosso encontro, mal nos julgue distraídos. A nossa prioridade é levá-la a acreditar que nos deixamos deslumbrar por esta vitória, para que avance rapidamente, enquanto o poder de Melina palpita no teu sangue.

Respirei fundo, confessando perturbada:

— Eu não me sinto fortalecida pela magia de Melina.

Catelyn franziu o cenho, incapaz de esconder o sobressalto.

— Como assim?

Encolhi os ombros, desalentada. Era difícil explicar algo que nem eu própria entendia!

— Senti-a distintamente, no início... Todavia, ao despertar após o confronto com Esteban, o ardor desaparecera.

— Será que o fenômeno que aniquilou o feiticeiro te usurpou essa energia?

Hesitei, refletindo no pressentimento que me atordoava a mente e oprimia o coração.

— Não sei se será isso...

— Então?

Forcei-me a dominar o fôlego, confidenciando:

— A indisposição que me sujeitava desvaneceu-se. Não mais voltei a sentir-me enjoada, nem tonta ou prestes a desmaiar.

A minha mãe quedou-se, pensativa. Por fim, indagou num tom grave e circunspecto:

— Achas possível que a criança que cresce no teu ventre tenha assimilado esse poder?

— Sim... Eu estava constantemente a desfalecer, porque a minha energia não era suficiente para alimentar a sua essência. Agora que recebeu essa dádiva, o bebê como que me libertou. Eu sou novamente Guardiã da Lágrima do Sol. E o meu filho é... É algo que não sei definir!

Para minha surpresa, o rosto da senhora da Ilha dos Sonhos iluminou-se num sorriso.

— Talvez essa falha de definição esteja destinada a salvar o Homem, se a desdita de que há pouco falávamos se confirmar! A experiência ensinou-me que, quando uma profecia é gerada, outra profecia nasce para contradizê-la, a fim de garantir o equilíbrio que sustem o universo...

O seu raciocínio foi cortado por um súbito alarido, vindo do exterior. O clamor de alarme foi crescendo, até se tornar ensurdecedor. Corremos para a varanda do quarto, tentando descobrir o que se passava. O pátio do castelo estava apinhado de homens e mulheres que acudiam aos brados dos companheiros. A minha mãe libertou uma exclamação de pasmo e horror, mas eu fui incapaz de me pronunciar. Apertei os dedos em torno do parapeito, até os ossos se revelarem por baixo da pele. O galope descompassado do coração troava-me aos ouvidos, qual tambor de desgraça... Eu via. Eu ouvia. Contudo, recusava-me a acreditar... Nesse instante, a porta do quarto abriu-se de rompante e Thora entrou a correr, gritando:

— Vinde depressa! A louca da Estrid acabou de se lançar da janela!

"Fica descansada, prima. Não tenciono morrer amanhã!"

Como poderia eu adivinhar o que Estrid tinha em mente, quando a nossa conversa corraera tão bem? Ela abriu o coração, entregara-me

a pedra vermelha de Aranwen e prometera-me que apelaria à mercê da rainha Mary... Ou assim quisera fazer-me acreditar. No fim, a minha prima preferira atentar contra a própria vida, a ter de enfrentar as conseqüências dos seus atos.

Entre os nossos guerreiros corria a declaração implacável de que a princesa morrera tão covardemente como vivera. Nem Darrin parecia tocado pelo brutal desaparecimento da irmã. Ela fora demasiado presunçosa e egoísta para cultivar amizades. Aqueles que lhe desconheciam o mau feitio e se tinham deixado atrair pela sua primorosa beleza depressa haviam sido desprezados. Estrid desdenhara da família, postergara a mãe doente, envenenara o pai, traíra o marido, conspirara com um feiticeiro... Lançara a vergonha sobre o País dos Vikings, a Ilha dos Sonhos, a Grande Ilha e o Império! No seu funeral, ninguém verteu uma lágrima. Aliás, o único desgosto enunciado por alguns devia-se ao fato de Estrid ter perecido por sua escolha, em vez de ter sido arrastada aos berros através do pátio do castelo, até à forca.

Eu sentia-me frustrada, até responsável pelo suicídio da minha prima. Ficara tão abalada ante as suas revelações, que fora incapaz de prever tão funesto intento. Na noite fatídica, apesar da insistência de Thora, recusara-me a descer para observar a ruína de Estrid. Bastara-me ver a mancha de sangue no chão, que nenhum esforço de limpeza conseguira eliminar. Fora a minha mãe quem atendera aos seus restos mortais, uma vez que, por vontade da rainha Mary, o cadáver da nora teria sido atirado aos cães. No fim, a decisão de cremá-la adivinhava-se acertada. Se tivesse sido sepultada, a sua campa haveria de ser profanada pelas mãos do ódio e o espírito subsistiria, excruciado para todo o sempre.

No nosso regresso a casa, o rescaldo da campanha resultava em uma mistura contraditória de sentimentos. O rei William morrera, mas o seu herdeiro renovara a aliança celebrada no Tratado, para satisfação do príncipe Ivarr e do *jarl* Throst. Quinn deixara de ser um mero conselheiro, para se tornar presença obrigatória ao lado do rei Bernard. Apesar do seu casamento com a princesa Isobelle ter sido adiado, devido ao desgosto da jovem, mais nenhuma vontade se intrometia entre os dois. Além disso, a amizade da minha mãe e da

rainha aprofundara-se. Inclusive, Mary garantira a Catelyn que as buscas não cessariam com a nossa partida. Caso descobrissem o filho de Estrid, conduzi-lo-iam à Ilha dos Sonhos sem ser molestado. Quanto às pedras mágicas, eu perdera a esperança de resgatá-las. E a suspeita de que um feiticeiro se movia nas sombras, observando os nossos passos, a fim de tentar capturar a pedra vermelha, forçava-me a olhar constantemente por cima do ombro.

Viajamos sem incidentes até à Enseada da Fortaleza, onde demos conta das novidades a Lorde Stefan McGraw. Depois, rumamos à Ilha dos Sonhos, para contentamento dos guerreiros, que ansiavam por tornar às suas casas. Apesar dos sobressaltos resultantes da visita ao Império, poucas coisas se tinham alterado nas nossas vidas. Edwin era quem mais acusava a mudança. Não havia dúvidas de que fora finalmente aceite no nosso seio. Até Ivarr, por vezes, se esquecia de tratá-lo com frieza. No que dizia respeito ao rei-lobo e à Loba Prateada, o *jarl* começava a demonstrar maior tolerância. Eu tinha a certeza de que, muito em breve, o príncipe ousaria pedir a mão da minha irmã em casamento.

Melina continuava calada e triste. A morte de Esteban não lhe atenuara o sofrimento. Agora que me oferecera a sua magia, eu esperara vê-la aproximar-se de Bryan e ceder ao seu amor. Porém, eles mantinham-se distantes e parecia inútil aguardar um entendimento. Eu quase insistira que Melina me contasse a razão do seu desencanto. No entanto, a minha mãe assegurara-me que ela apenas necessitava de tempo para sarar as feridas e de espaço para respirar. Restava-me a esperança de que a jovem encontrasse um novo objetivo de vida, que lhe devolvesse o ânimo. O tempo ensinava-me, à custa da raiva e da dor, que me era impossível ajudar toda a gente. Por vezes, mesmo aqueles a quem se estendia a mão, não desejavam ser guiados. Com Estrid fora assim! Estaria a mentir, se afirmasse sentir falta da minha prima! Todavia, o desalento de não ter sido capaz de libertá-la das sombras que a consumiam jamais me abandonaria a consciência.

CAPÍTULO 15

No Norte do mundo, as trompas ressoavam de alegria. Havia festa em todas as ruas, satisfação em todos os rostos. Chegara finalmente o dia em que o herdeiro do trono viking ia desposar uma nova esposa. E a futura rainha não era uma qualquer princesa de um território distante! Era a Loba Prateada; a mais valorosa de entre os guerreiros-lobo, fruto do amor do Líder Supremo e da feiticeira Catelyn, salvadores do nosso povo.

De cada vez que o som agudo ecoava nas paredes de pedra do castelo, Thora estremecia. Eu tentava conter o riso ante o seu nervosismo, para que ela não se zangasse. A guerreira implacável, que não receava desafiar a morte na mais cruenta das batalhas, parecia uma donzela tímida e indefesa. Bem, na realidade, apesar de pouco ou nada ter de tímida ou de indefesa, a minha irmã ainda era uma donzela!

O fato de Thora ter preservado a sua virtude intacta, até esse dia, fora um prodígio. Ivarr sempre a respeitara... Porém, assim que obtivera permissão do *jarl* Throst para desposá-la, envolvera-a num cerco de sedução que quase a levava à loucura. No entanto, apesar da ansiedade do corpo e da agonia da mente, a Loba Prateada resistira com bravura ao ardor do rei-lobo, prova de quão sólida era a sua vontade. E tamanha determinação só aumentara o seu valor aos olhos do príncipe viking. Ivarr tinha plena consciência de que o amor que partilhavam era divino... A espera que suportara, ainda que dolorosa, sublimaria o momento da entrega à paixão.

— É mesmo verdade?

O apelo da minha irmã levou-me a buscar-lhe o olhar, com um sorriso nos lábios. Os seus olhos verdes eram poços de luz. Estava tão exaltada que se atrapalhava a respirar. Os meus dedos moldavam-lhe os caracóis negros, transformando-os em estreitas e longas trancas. Acenei com a cabeça, antes de responder:

— Sim, querida... É verdade!

Ela ergueu a mão e tocou quase a medo nos cabelos, que lhe adornavam o peito e as costas. Durante anos, as tranças tinham sido uma marca inconcussa de Thora, qual extensão da sua personalidade. No dia em que tombara no desespero, julgando-se a mais vil das mulheres por se ter apaixonado por um homem proibido, a minha irmã mandara-as desfazer. Hoje, eu tecia-lhe o meu amor nos cabelos, como se sarasse a última ferida do seu coração. Não existiam quaisquer mágoas ou incertezas entre nós. O rei-lobo e a Loba Prateada iam unir-se... E a profecia que ditava a chegada da paz ao Norte haveria de se concretizar.

— Mal posso acreditar... — murmurou, emocionada.

— Acredita! — repliquei, estreitando-a com carinho. — Tenho a certeza de que vais ser muito feliz!

A minha irmã afastou-se o suficiente para me encarar, balbuciando angustiada:

— Eu... Eu tenho medo... — hesitou, pousando a mão sobre o meu ventre. — Bem vejo a forma como o Ivarr te olha... Questiona-se... Ele quer tanto um filho! E se eu não conseguir...?

— Thora... — atalhei com firmeza, sacudindo-a para que parasse de divagar. — Não te atormentes! O reino viking há de ter muitos herdeiros, valorosos como os pais.

A minha irmã respirou fundo e tornou a aninhar-se contra o meu peito, sussurrando:

— Obrigada.

Beijei-a na testa, exclamando com ardor:

— Tenho muito orgulho em ti!

Ela acariciou-me o ventre e volveu, sorrindo:

— E eu estou muito contente por ti...

Saltamos de susto quando a porta se escancarou. Freya irrompeu pelo quarto com a camisa interior a descoberto, segurando o vestido com as mãos, para que não arrastasse pelo chão. Atrás dela vinha um séquito de criadas, guinchando aflitivamente. A mais nova das gêmeas ignorou-as, enquanto nos fixava com olhos arregalados e se lamuriava:

— Não acredito que nem sequer te vestiste, Thora! E tu, Edwina? Disseste que vinhas ajudar-me... Eu também sou tua irmã! E também me caso hoje...

— Acalma-te, Freya! — interrompi a catadupa de protestos e precipitei-me ao seu encontro. — Temos muito tempo...

Ela sacudia com maus modos as raparigas que tentavam arranjá-la. Tamanho destempero da sua parte não era normal! Mande as criadas embora, antes que Freya as agredisse.

— O que é que se passa contigo? — indaguei.

— Não estás a ver? O vestido não me serve! Ainda ontem o provei... Pareço uma vaca gorda!

— Pareces é uma vaca prenhe! — emendou Thora, gargalhando.

— Ora, sua...

— Chega! — cortei, antes que se pegassem à pancada como duas fedelhas. — Thora, vai-te vestir. E tu, Freya, pára quieta! Como queres que o vestido te sirva, se o tens todo enrolado?

— Sonhei tanto com este dia... — choramingou a mais nova, amofinada. — Queria estar linda... Ao invés, estou tão inchada que mal consigo andar!

— Mal consegues andar? — zombou Thora sem parar de rir. — Tu quase arrombaste a porta! Mais parecias um aríete...

Freya escapou às minhas mãos e desatou a correr atrás da gêmea. Suspirei, resignada, e detive-me no meio do quarto, com os braços cruzados sobre o peito, observando-as com um contentamento saudoso. Thora e Freya haviam crescido assim, entre beijos e bofetões. Nesse instante, era como se o tempo não tivesse passado por nós; como se tivéssemos de novo quinze anos e a vida se estendesse à nossa frente, cheia de promessas doces e inocentes.

Thora deixou que a irmã a derrubasse sobre a cama. Então, revidou, torturando-a com cócegas. Em menos de nada, Freya rolava-se, engasgada em gargalhadas. Tive de interferir, antes que o seu vestido ficasse completamente amarrotado.

— Comportem-se, meninas! — ordenei. — E que tal se se ajudassem? Freya, termina as tranças de Thora enquanto te ajeito o vestido.

Por fim, decidiram dar-me ouvidos. Logo o cabelo de Thora estava entrançado e eu lutava com os cordões que apertavam o vestido de Freya. A sua gravidez era impossível de disfarçar, mesmo sob uma saia rodada. Ao ver a barriga levantar o tecido, ela voltou a soluçar:

— Estou tão feia! Helgi vai recusar casar comigo...

— Pára de dizer asneiras, idiota! — resmungou Thora, antecipando-se à minha repreensão. — Tu nunca estiveste tão bonita!

— A sério?

— Juro! Olha para essa barriga tão redonda...

As gêmeas continuaram a trocar mimos, ignorando o meu olhar trocista. Pelo menos, Freya estava menos insegura e Thora esquecera os nervos. Um estranho que tentasse encontrar coerência nas mudanças de humor daquelas duas decerto enlouqueceria. Para compreendê-las era necessário amá-las. E eu adorava-as! Não fora fácil educar meninas iguais como gotas de água, com personalidades totalmente distintas. Contudo, os nossos pais tinham feito um excelente trabalho! Diante de mim quedavam-se a futura rainha do povo vândalo e a futura rainha do povo viking — os reinos da união e da paz, que hoje se fundariam sob os estandartes do amor e da paixão. Quão atribulada fora a concretização da profecia da Velha do Tronco Oco! Se a sorte trocara as voltas ao destino de Ivarr e Thora, o que dizer de Helgi e Freya?

No dia em que viajaram para o Norte, atendendo ao rogo da filha mais nova, Throst e Catelyn sabiam com o que podiam contar. Ainda assim, não lhes fora fácil encarar o rei do povo vândalo. Apesar de eu lhes ter relatado pormenorizadamente a luta de Helgi contra o domínio de Aesa, os meus pais não esqueciam que estavam diante do homem que invadira o seu território, ludibriara e matara, com o propósito de roubar as pedras mágicas de Aranwen. E se fora difícil para os senhores da Ilha dos Sonhos enfrentar as sombras do passado, para Helgi fora ainda mais complicado reviver uma situação da qual não se orgulhava, assim como reunir forças para suplicar o perdão dos pais da mulher que amava, mal se atrevendo a sonhar com uma demonstração de indulgência.

Mais tarde, Eric também afirmara diante de Throst e Catelyn a lisura de caráter do Espírito da Escuridão. Nos últimos meses, o *jarl* da Terra Antiga tornara-se um bom amigo de Helgi, uma vez que se deslocava com frequência ao reino vândalo. Essas visitas representavam uma grande ajuda na reconstrução do povoado, mas serviam igualmente de pretexto para rever Helga. O seu amor ganhara raízes profundas e Eric já só pensava em desposá-la. No entanto, sabia que a princesa não podia deixar a aldeia dos antepassados sem que Freya assumisse o seu lugar.

Os meus pais tinham feito Helgi sofrer por alguns dias, ignorando a impaciência de Freya, antes de se dirigirem à aldeia dos vândalos, para observarem a obra do novo rei. No fim, fora novamente Thorson quem derreteria o coração do avô, ao declarar que desejava muito viver ao lado do pai e da mãe, com a irmãzinha que não tardaria a nascer. Daí, até Thora e Freya decidirem que queriam casar-se no mesmo dia, fora um passo. E nenhuma delas admitira que mais ninguém celebrasse a cerimônia, além da Guardiã da Lágrima do Sol.

— Onde está a mamãe, Edwina? — apelou Freya, subitamente. — Desde cedo que não a vejo!

— A mamãe e o papai estão junto do rei Steinarr, a receber os convidados — respondi. — Parece que já não falta ninguém...

— O Galinn não veio — interrompeu a Loba Prateada, sem disfarçar o amargor. — Eu estava à janela quando a rainha Lyria chegou e procurei-o em vão.

Freya fixou-me, suplicando que dissesse algo que atenuasse a tristeza da nossa irmã. Respirei fundo e argumentei a primeira coisa que me ocorreu:

— Sabes que Galinn se responsabiliza pela segurança do Povo da Terra, quando a rainha Lyria se ausenta. Ela não podia faltar...

— E ele também não! — cortou Thora, franzindo o cenho. — Nós somos amigos!

— Galinn sempre quis ser mais do que teu amigo! — retruquei, esquecendo os rodeios. — Se o estimas, debes compreender que lhe seria penoso testemunhar o teu casamento.

— O tio Stefan já chegou? — intrometeu-se Freya, tentando arrefecer o ardor do momento.

— Sim — volvi, sem desviar os olhos de Thora. — E trouxe Aled, Melody e os garotos.

— E Svana? — indagou Freya, ansiosa e preocupada. — Souberam novas dela?

— Não — respondi com um suspiro frustrado. — Eu esperava que, por esta altura, Svana já tivesse caído em si e regressado a casa. Porém, tudo leva a crer que se mantém irredutível na decisão de mudar de vida.

Seguiu-se um silêncio pesaroso, em que mastigamos uma incompreensão azeda, resultante da iniciativa desvairada da nossa irmã de criação. Pelo menos, a prima Signy apresentava melhorias de saúde, com delírios cada vez menos freqüentes. O tio Edwin trouxera-a consigo, pois Signy expressara a vontade de regressar ao Norte, a fim de viver com o filho. Eric recebera-a de braços abertos e ansiava por lhe mostrar a nova e próspera Aldeia de Grim, bastante diferente daquela que a mãe conhecera na juventude.

Estávamos absorvidas em cogitações, quando Catelyn abriu a porta e cedeu entrada a uma multidão de tias e primas, desejosas de ver as noivas. A barriga preeminente de Freya recebeu efusivos louvores. Por sua vez, o traje de guerreira, que Thora escolhera para subir ao altar, causou admiração. Retive o fôlego, julgando que a Loba Prateada se irritaria com tantas atenções. Contudo, a minha irmã até sorriu, ao ouvir Melody dizer que ela parecia uma valquíria.

Enquanto Catelyn atendia aos últimos pormenores da preparação das gêmeas, a tia Ingridor acompanhou-me ao meu quarto, a fim de me ajudar a arranjar para a cerimônia. Há muito que não tínhamos oportunidade de falar a sós e fiquei satisfeita por saber que se sentia feliz na Ilha dos Penhascos, junto do filho Trygve. No entanto, algo a inquietava. Após insistência, confessou-me a desconfiança de que os sentimentos partilhados pelos Sacerdotes nativos fossem mais profundos do que a amizade. O seu coração de mãe estava certo! No entanto, eu jurara segredo a Trygve e Amora. Por mais que desejasse, não podia divulgar a verdade à minha tia.

Os Sacerdotes da Ilha dos Penhascos enviavam-me os seus cumprimentos e saudades. Trygve lamentava não poder assistir ao casamento das primas, mas a tradição do seu povo ditava que a Festa da Renovação, que coincidia com o nosso Festival de Verão, fosse celebrada na Ilha dos Sonhos, sob o olhar místico das Pedras do Mundo. O Povo dos Penhascos possuía muitas tradições e mistérios. Contudo, de entre estes, os rituais de Renovação eram os mais sagrados, essenciais para a sobrevivência da sua cultura.

A tia Ingrid elogiou-me a barriga, que o avental que enfeitava o vestido já mal conseguia disfarçar, jubilosa pela minha ventura. Só aqueles que me eram mais chegados tinham tomado conhecimento do meu casamento com Edwin e eu preferia que assim continuasse, por isso esforçava-me por passar despercebida. Para muitos, os laços que me uniam ao Guardião da Lágrima da Lua seriam impossíveis de entender e não estava disposta a tolerar comentários inoportunos, nesse dia tão importante. Hoje, as árvores que haviam crescido e florescido do amor de Throst e Catelyn dariam, finalmente, os frutos que alimentariam a paz entre os povos da Terra. Hoje, a profecia dos Três Reinos ganharia vida.

No topo do altar cerimonial, enfeitado com os brasões das famílias dos noivos, assim como as mais belas flores que coloriam o Norte do mundo, eu interrogava-me se “O Que Tudo Vê” nos estaria a observar, orgulhoso da sua obra. No fim, ele dera a vida para que o momento prodigioso, que íamos testemunhar em breve, se pudesse concretizar, quando me ajudara a salvar Edwin da tirania de Sigarr.

Ao longo dos muitos anos empregues na guerra contra o mal, nem tudo corraera como desejado. E, apesar dos últimos tempos terem sido calmos, o fato de Gwendalin continuar à solta angustiava-me a cada batida de coração. Por mais que Edwin e eu nos esforçássemos, diante da Pedra do Tempo, fôramos incapazes de descobrir o seu paradeiro. No entanto, estávamos convictos de que, na escuridão pútrida onde se escondia, a feiticeira planeava o mais terrível dos seus ataques. Ainda assim, ver a felicidade ganhar ânimo ao nosso redor levava-nos a acalentar a esperança de que, cedo ou tarde, a sorte haveria de nos sorrir.

Com todos os sentidos despertos, eu observava a multidão que se acotovelava até perder de vista. Muitos reis do Sul, que aspiravam firmar acordos comerciais e militares com os Vikings, marcavam presença na cerimônia. As famílias mais influentes da Grande Ilha também ali se encontravam, assim como a realeza do Império. Se os Feiticeiros realmente ambicionavam exercer domínio sobre o Homem, não existiria melhor dia para nos atacar, uma vez que os grandes líderes da Terra se distraíam com a magnificente festa organizada pelo rei Steinarr.

O soberano viking estava inchado de emoção. Nesse instante, devia sentir que tinha o mundo a seus pés! Os olhos cristalinos cintilavam de orgulho, sempre que fixavam Ivarr. Não possuía dúvidas de que o filho estava preparado para sucedê-lo. Além disso, experimentava o alívio da confiança de que, em breve, haveria de ver nascer um herdeiro para o seu trono. Apesar da estima e deferência com que sempre me tratara, Steinarr jamais escondera a predileção por Thora. E o seu carinho era correspondido. O guerreiro-urso e a Loba Prateada falavam a mesma linguagem sem rodeios, admiravam-se e respeitavam-se mutuamente.

A atenção de Steinarr deixou o filho, para percorrer a fila de convidados ilustres à sua direita. Julgando-se livre da curiosidade alheia, fixou o olhar nos soberanos do Povo da Terra, com sentimentos totalmente opostos a refletirem-se no semblante. O ódio que nutria por Cyrus era quase tão intenso quanto o amor que devotava a Lyria. Dei por mim a interrogar-me o que faria, no dia em que descobrisse que Lysander, o herdeiro do trono da Gente Bela, possuía o seu sangue.

Percebendo-se alvo da observação ardente do rei viking, Lyria encarou-o com uma frieza glacial. Porém, essa indiferença não tardou a ruir. Logo o desafio transformava-se em insegurança, em tremor... na comoção que só os apaixonados são capazes de experimentar. No fim, foi ela quem desviou o rosto e eu quase podia jurar que lutava contra as lágrimas.

Diante dos restantes líderes, Lyria impunha-se como uma mulher severa e determinada. A sua condição assim obrigava! Todavia, eu conhecia bem a grandeza e a bondade do seu coração. Mal chegara

ao castelo conseguira comover-me, ao escutar com notável complacência as justificações do Rei da Lua e o consecutivo pedido de desculpa que este lhe dirigira. O convívio com a Gente Bela mostrara-me a elevada tolerância da sua rainha. Contudo, até eu ficara surpreendida com a rapidez com que indultara Edwin.

Enquanto lembrava o momento intenso em que o Rei da Lua se retratara pelo roubo do pote de cinzas de Gwendalin, reparei que Melina se abeirava de Lyria e a cumprimentava com deferência. Trocaram algumas palavras e a rainha sorriu. Melina, que acompanhara o meu tio Edwin na viagem até ao Norte, parecia ainda mais frágil do que quando da nossa despedida, na Ilha dos Sonhos. Emagrecera e a sua pele alva tornara-se quase transparente. Só a cintilação dos deslumbrantes olhos violeta comprovava que existia uma consciência dentro daquele corpo franzino. Porém, quanto tempo demoraria, até que essa luz também se extinguisse?

As trompas sopraram com estridor. Há muito que o Norte não presenciava um festejo tão memorável. Os mais velhos recordavam o dia em que o meu pai se tornara Líder Supremo e desposara a minha mãe. Na altura, fora "O Que Tudo Vê" quem realizara a cerimônia. Hoje, cabia-me essa honra. Por vontade de Thora e Freya, o ato seria simples. Após a bênção dos braceletes de compromisso, os noivos trocariam votos e saudariam o povo. Não haveria pactos de sangue nem outros ritos que pudessem ferir as susceptibilidades das diferentes religiões que os convidados abraçavam. Celebrar um casamento com um significado tão profundo quanto o dos meus pais representaria uma afronta às crenças do Império e de alguns reis do Sul.

Ao escutar o som que anunciava a chegada das noivas, Ivarr ficou tenso. Diante dele, do lado oposto das escadas que conduziam ao altar, Helgi também estremeceu. Para mim, era uma felicidade ver o Espírito da Luz e o Espírito da Escuridão frente a frente, partilhando esse momento tão especial. O lobo branco e o lobo negro haviam provado que as profecias não tinham de ser maldições fatais, ao superarem o rancor que os condenava a perseguirem-se e a combaterem até à morte. Tanto Ivarr como Helgi tinham feito

concessões no orgulho e mostrado que a tolerância era o primeiro passo para a paz. Por enquanto, ainda não se podia afirmar que Vikings e Vândalos fossem amigos! Havia um longo caminho a percorrer, até que o tempo apagasse gerações consecutivas de ódio; até que os ressentimentos e desconfianças que os separavam se desvanecessem. Contudo, um dia, o esforço mútuo de entendimento e colaboração seria recompensado. No futuro, os dois povos tornar-se-iam um só, unidos pelo amor de homens e mulheres que, por enquanto, ainda eram crianças ou nem tinham sido concebidos.

A multidão explodiu num clamor de ovação e alegria, quando o cortejo nupcial pisou a passadeira que o levaria ao altar. Thorson e Oriana vinham à frente, carregando as almofadas forradas a pele de raposa branca, onde repousavam os braceletes sagrados, enfeitados com os símbolos das famílias de Ivarr e Helgi e os nomes dos noivos gravados em Runas. Logo atrás, o meu pai e Thora caminhavam de braço dado, exibindo sobre os ombros as peles do lobo cinzento e da Loba Prateada que habitavam as suas essências. O traje de guerreira da minha irmã, mistura graciosa de ferro e couro, cintilava sob os generosos raios de Sol que abençoavam a assistência. Os seus cabelos entrançados libertavam reflexos azuis e as suas faces abrasavam-se, tal a emoção. Esse era o sonho que ela nunca se atrevera a sonhar... E estava a realizar-se! Freya seguia Thora, pelo braço do tio Edwin. Eu sabia quão apaixonadamente os irmãos McGraw haviam disputado essa honra. No fim, Lorde Stefan cedera, pois já tivera o prazer de conduzir uma filha ao altar, algo que jamais aconteceria com Lorde Edwin. Era um gosto vê-lo, alto e musculado, com os cabelos louros entrançados a roçarem os ombros, completamente restabelecido do veneno que quase o consumira. Ao lado do tio, não obstante os defeitos que apontara à sua figura, Freya resplandecia de beleza. Os seus olhos verdes eram jóias coruscantes de ansiedade. Os caracóis negros fulguravam, acariciados pela brisa gentil que lhe acariciava as faces coradas. Tal como Thora, ela almejava este dia com toda a vontade do seu coração. E ninguém podia privá-la da felicidade que a sublimava.

Um sorriso iluminou-me o rosto, ao ver as gêmeas aproximarem-se e a comoção dos guerreiros prestes a desposá-las. Recordei o

meu próprio casamento, celebrado na Ilha dos Sonhos, sob a proteção das Pedras do Mundo. Sem querer, busquei Edwin com o olhar e encontrei o seu sorriso. Era óbvio que também ele revivia o momento mágico em que recebêramos a bênção da feiticeira Catelyn. No auge do ritual, a minha mãe lacerara-nos as mãos e o nosso sangue fundira-se, enquanto declamávamos os votos que nos uniriam para todo o sempre. Nesse dia, eu não hesitara, não gaguejara, não desfalecera. O Guardiã da Lágrima da Lua e a Guardiã da Lágrima do Sol estavam destinados a pertencer-se, desde o instante da concepção. Nenhuma força terrena ou divina voltaria a separar-nos.

Ao terminarmos, as tatuagens do Guardiã da Montanha gravadas na nossa carne tinham resplandecido. A luz rutilante libertara-se e envolvera-nos, tão forte que cegara as testemunhas dessa união sagrada. Não trocáramos braceletes nem anéis. Nenhum objeto moldado pela perícia do Homem seria capaz de simbolizar um amor que era corpo e espírito; luz e trevas completando-se num ciclo que jamais teria fim. Quando as nossas mãos se separaram, verificamos que, em vez dos cortes perfeitos que Catelyn da Ilha dos Sonhos fizera com o punhal de cobre, as palmas apresentavam marcas circulares, onde os nossos cristais se encaixavam na perfeição. Finalmente, a Rainha do Sol e o Rei da Lua haviam-se tornado uma só Entidade. O reino da profecia tinha acabado de se estabelecer.

E os reinos da união e da paz nasciam da minha própria bênção. Eu tinha Ivarr e Thora, Helgi e Freya diante de mim, trocando juras de amor eterno, sem dúvidas, sem constrangimentos, elevando a voz para que cada palavra alcançasse o céu. Perante a vontade divina que governava o universo, partilhei a energia radiosa com que fora agraciada no dia da minha união com Edwin. De imediato, o esplendor da magia trespassou-os e espargiu sobre a multidão, originando um burburinho de encanto e temor, que cresceu até se tornar ensurdecedor. Os braceletes cintilavam nos pulsos daqueles que jamais haveriam de se separar, no instante em que Ivarr e Thora, Helgi e Freya se beijaram com paixão.

Por entre o brilho que ofuscava a claridade do dia, distingui os contornos de uma criatura que não era composta de carne e osso,

mas de uma luz pura de indescritível excelência. Retive o fôlego, surpreendida ao reconhecer a aparição. Por que a Velha do Tronco Oco se manifestava na forma mística, em vez de atender ao casamento no seu disfarce de anciã decrépita? Decerto haveria de querer cumprimentar Throst e Catelyn, agora que a sua predição se concretizara! Todavia, a prodigiosa entidade revelava-se exclusivamente aos meus olhos, aconchegando-me o espírito com o calor que irradiava. E a sua voz soou-me na mente, como água cristalina cantando sobre as pedras de um ribeiro sagrado:

*"Um futuro para aqueles que sonham,
Um futuro para aqueles que amam,
Um futuro para aqueles que lutam...
Para que aqueles que sonham, amam e lutam
Possam tocar as estrelas."*

Então, tão subitamente como surgira, a Velha do Tronco Oco desapareceu.

Celebrar o casamento das minhas irmãs fora uma honra e um prazer. Porém, quando o ritual terminou, afastei-me do centro das atenções e tentei passar despercebida. A multidão ruidosa movia-se para trás e para diante, cruzava-se e entrecruzava-se... Eu devia permanecer alerta, não fosse algum ser maligno aproveitar a distração dos nossos líderes para atacar.

Absorvida em reflexões obscuras, saltei de susto quando duas mãos fortes me apertaram os ombros e uma voz rouca sussurrou ao ouvido:

— Sois vós a responsável pela magia que nos atordoou há instantes, senhora?

Suspirei de alívio ao deparar com Edwin e repliquei, sorrindo provocadora:

— Não foi a primeira vez que vós tombastes sob os meus encantos, senhor!

Ao invés de alinhar na brincadeira, ele franziu o cenho e replicou:

— O que se passa? Estás tão tensa!

O seu olhar roubava-me o fôlego, punha-me sem palavras... E eu não queria falar-lhe de Gwendalin! A última coisa que desejava era

ver a dor inundar o verde puro que me fixava com tanta ternura. Nos últimos tempos, quase estabelecêramos um pacto de silêncio sobre esse assunto. Para mim, pensar em combater a bruxa era menos aterrador do que imaginar que ela se acercaria de Edwin e o tentaria com o laço de sangue que os unia.

O rosto do Rei da Lua endureceu, ao constatar a minha hesitação. Os seus braços envolveram-me e aconchegaram-me contra o peito, enquanto murmurava:

— Não te preocupes, querida... Os nossos inimigos jamais se atreverão a revelar diante de centenas de guerreiros e entes de sangue mágico.

Estreitei-o com força e inspirei o seu cheiro quase com desesperação. Ele alcançara os meus pensamentos, por isso conhecia a causa da minha angústia. Deixei escapar um gemido:

— Temo por ti...

Os seus dedos enterraram-se nas minhas costas. Os lábios teceram-me carícias nos cabelos, antes de sussurrarem num tom cavo e resoluto:

— Se eu fraquejar, terás de me matar.

Tentei afastar-me, indignada, mas Edwin deteve-me. A sua mão deslizou delicadamente até ao meu ventre, acariciando-o com um ardor que se refletia na voz, ao completar:

— A minha vida é insignificante, comparada com tudo o que conquistaste. Ao teu lado já recebi tanto... Não almejo felicidade maior! Se uma fatalidade acontecer, farás o que tem de ser feito. Sou eu que te peço, em plena consciência e enquanto dono da minha vontade.

Consegui finalmente encontrar o seu olhar e repliquei, com um nó na garganta:

— Tu jamais voltarás a perder o controlo. Sei-o no meu coração! Logo que o Sol nasça, subiremos à Montanha Sagrada com Thora, Freya, Ivarr e Helgi. Assim que os Três Reinos forem reconhecidos pela Pedra do Tempo, não existirão mais dúvidas, nem receios, nem sofrimento...

Os seus lábios cobriram os meus, impedindo-me de continuar. Entreguei-me ao seu calor, esquecida de onde estávamos. Só nos

separamos quando um tossido insistente pôs fim ao devaneio. Sorri ao ver o Rei da Lua corar debaixo do olhar divertido da minha mãe. Catelyn estendeu-me uma malga de guisado e escusou-se a comentar a inoportunidade da nossa fogosa demonstração de afeto, dizendo apenas:

— Tens de te alimentar, Edwina. Acabaste de despender muita energia. Se desmaiases de fraqueza não causarás boa impressão.

Eu não me sentia debilitada. Desde que recebera a magia de Melina, nem sequer voltara a sofrer as indisposições próprias da gravidez. No entanto, fiz-lhe a vontade. Pouco depois, o meu pai juntava-se a nós, carregando Thorson às cavalitas. O meu coração apertou-se, ao ver que a tia Ingrior trazia Oriana pela mão. Quanto tempo demoraria a descobrir a verdade?

Em menos de nada, a nossa numerosa família rodeava-nos. Tios e tias; um nunca mais acabar de primos e primas, que tagarelavam com um entusiasmo ruidoso. Aled e Melody exibiam com orgulho os seus pimpolhos e anunciavam que outro vinha a caminho.

Bryan gracejou, afirmando que a irmã estava a competir com a mãe. Enya e Stefan tinham posto oito filhos no mundo, mas, por esse andar, os agora senhores da Floresta Sagrada acabariam por suplantá-los. De repente, Thorson pigarreou para chamar a atenção e declarou:

— Quando crescer, hei de casar-me com a Oriana e ter dez bebês!
— A minha volta, as gargalhadas soltaram-se, deliciosas com a espontaneidade do menino-prodígio. Contudo, eu sentime gelar. Tive de engolir em seco e disfarçar, para que ninguém se apercebesse da minha apreensão. O rigor comprovado da vidência do meu sobrinho sempre fora alvo de pasmo e maravilha. No entanto, o que acabara de asseverar teria consequências tremendas. Não obstante eu defender que cada ente devia ser livre para decidir o seu destino, os pais de Oriana estavam convictos de que ela se tornaria Sacerdotisa dos Penhascos. E isso significava a total proibição de se unir a um homem. Estremeci, fustigada por um calafrio de mau augúrio. Teria de manter aqueles dois debaixo de olho!

A algazarra familiar foi interrompida, quando os reis do Povo da Terra se aproximaram para felicitar os meus pais. Apesar de não

existir animosidade entre Lyria e Catelyn, não se podia afirmar que fossem amigas. Ainda assim, trocaram palavras de sincero aprazimento. Parei de respirar, ao ouvir a minha mãe indagar:

— E como está o vosso filho? Já deve ser um rapagão! Por que não o trouxestes convosco?

Lyria manteve a serenidade e até sorriu, ao volver:

— De fato, Lysander está um belo rapaz! Não nos acompanhou porque se encontra numa fase importante do seu treino, que deve ser convenientemente acompanhada pelo meu irmão Galinn. — Na tentativa de mudar de assunto, fez um sinal discreto na direção da rainha Mary e questionou: — Como convencestes o Império a participar numa cerimônia abençoada pela magia? Se bem me lembro, não há muito estariam a acender fogueiras, mal vislumbrassem um reflexo dos meus cabelos!

A minha mãe acenou com a cabeça e justificou:

— Os tempos mudaram... Após a morte do feiticeiro Esteban, o Império tornou-se mais tolerante com os entes de sangue antigo. Aos poucos, o meu sobrinho Quinn tem vindo a revelar as suas habilidades perante o rei Bernard e, apesar de este não abandonar a nova fé, já acredita que nem toda a magia é evocada por demônios, com o propósito de causar dano ao Homem.

A bem da verdade, as coisas não haviam sido assim tão fáceis! Mary e Bernard tinham-se horrorizado, ao descobrirem que eu estava separada de Ivarr. A situação não melhorara com o anúncio de que o príncipe tencionava desposar uma das cunhadas. E atingira o cúmulo, com a revelação de que eu achara a felicidade junto de outro homem. Ao juízo da nova fé, tal comportamento era aviltante, próprio das bestas que se deixavam controlar pelo instinto. Mary padecera de muitos delíquios, antes de se mentalizar que devia atender ao casamento do futuro rei viking, por uma questão de cortesia para com o Tratado que nos unia. De fato, Quinn possuía um grande poder de persuasão... e uma paciência extraordinária!

Enquanto uns se esforçavam por fomentar a concórdia, outros divertiam-se a propagar a confusão. Rangi os dentes, ao verificar que Otkatla se entretinha a pairar em torno do rei Bernard. Era como observar uma repetição da história de Estrid, com a diferença

de que a prima de Ivarr conseguia ser ainda mais dissimulada. Otkatla quase derrubara o castelo, a berrar de raiva, quando o primo anunciara o noivado com Thora. Desde então, não passava um dia sem armar distúrbios, tentando chamar a si as atenções. Hoje, fizera dos convidados imperiais o seu alvo. Só então reparei que, em vez dos suntuosos colares que sempre lhe pendiam do pescoço, ornara o vestido branco com uma cruz de madeira.

— O que é que aquela desassissada anda a tramar? — murmurei entre dentes. Edwin escutou-me e seguiu o meu olhar. Aprofundei a percepção e ignorei o burburinho das restantes vozes, até escutar Otkatla com clareza:

— É uma selvagem! Uma pagã sem salvação...

Apertei os punhos, acreditando ser a vítima da sua peçonha. Todavia, as afirmações que se seguiram demonstraram que Otkatla mais não era do que uma invejosa despeitada, carcomida pela frustração:

— Já a vi deitar-se com todos os guerreiros que a acompanham! Dia após dia, tenho de suportar essa indignidade; essa afronta ao meu pudor...

"*A Otkatla está a referir-se a Thora?*" — A voz de Edwin ecoou-me na mente, com uma ponta de malícia. Respirei fundo, sofrendo a vontade de arrancar a pele à deletéria criatura, antes de volver:

"*Assim parece! Se tais despautérios chegarem aos ouvidos da Loba Prateada, aquela miserável vai provocar o escândalo que tanto almeja.*"

"*Só se eu não puder impedi-la!*" — exclamou o Rei da Lua. E começou a afastar-se. Otkatla continuava:

— Estou certa de que o meu ingênuo primo foi embruxado. De outra forma, como escolheria a mulher que o traiu, uma feiticeira, para celebrar o seu casamento?

— Edwin — apelei sobressaltada, tentando detê-lo. — O que tencionas fazer?

— Já vais ver — revidou com um ar angelical. E desapareceu na confusão.

Ao nosso redor, ninguém dera conta do sucedido. Freya e Helgi tinham-se juntado ao grupo e, atendendo ao passado, o rei vândalo

estava a ser acolhido com uma afabilidade surpreendente. Os meus tios desejavam saber quais os seus planos para o futuro da aldeia erguida das ruínas resultantes do ataque dos Mercenários do Norte. O Espírito da Escuridão respondia com lisura...

— Por que tens o olho tapado? — indagou subitamente Carl, um dos garotos de Aled e Melody; a voz aguda e fina sobrepondo-se às demais. — Assim não vês nada!

As atenções voltaram-se para a criança que, com a desenvoltura e inocência próprias da tenra idade, questionava aquilo que não compreendia. Apesar da história da mutilação de Helgi ser do conhecimento geral, ninguém ousou explicar-lhe o sucedido. O rei vândalo também hesitou... Então, intrigado pelo silêncio dos adultos, Thorson resolveu intervir:

— O meu pai perdeu o olho numa batalha muito importante. Quando fores mais crescido, eu conto-te tudo o que aconteceu.

Helgi desatou a rir e agarrou-o ao colo, exclamando:

— Este é o meu filho! O meu orgulho!

De repente, o grito de Otkatla sobressaltou-nos. Aqueles que a circundavam afastavam-se com ligeireza, nauseados, franzindo os cenhos e cobrindo o nariz e a boca com as mãos. Não era para menos! O espaço deixado pelas pessoas em debandada permitia-me ver Otkatla, sacudindo-se e berrando desvairada. Os seus belos cabelos negros e o vestido de alvor imaculado estavam cobertos por excrementos escuros e pastosos, que exalavam um fedor insuportável. Mais parecia que um cavalo com soltura se aliviara... sobre a sua cabeça!

— A bosta caiu do céu — asseveravam uns.

— Só pode ter sido um pássaro — opinavam outros.

Os rostos viravam-se para cima. Contudo, à parte uma ou outra nuvem solitária, nada se avistava no Armamento. Eu fixava Otkatla, perplexa... Então, Edwin surgiu ao meu lado, lutando para conter o riso. De repente, fez-se luz no meu espírito. Dardejei o Rei da Lua com um olhar inquiridor e ele encolheu os ombros, retrucando:

— O que foi?

— Tu não...

— Está claro que não! — cortou, fingindo-se ultrajado. — Não ouviste? Foi um pássaro!

— Um pássaro! — repeti, abanando a cabeça em jeito de reprovação.

— Um pássaro muito, muito grande!

O brilho travesso do olhar verde-floresta fez-me sorrir cumplicemente. Entrelaçamos as mãos e, por breves instantes, a multidão desapareceu e ficamos sós, absorvidos na satisfação do amor que partilhávamos.

A noite estava tão serena quanto o dia. Se não fosse a brisa fresca que agitava os meus cabelos, podia fechar os olhos e imaginar que me encontrava na Ilha dos Sonhos. No interior do quarto, Edwin dormia profundamente, alheio ao rebuliço que agitava o pátio do castelo. Oculta pelas sombras da varanda, eu distraía-me a observar o povo que não se cansava de festejar.

Gente de muitas raças e crenças misturava-se, cantava e bailava ao ritmo da música alegre, que não silenciaria até o dia nascer. Alguns dos meus primos também resistiam à fadiga, brindando com cornos de cerveja fresca e soltando gargalhadas de satisfação. Eric juntara-se a Ragnar, Bryan e Darrin, esquecido do tempo em que o amor de Ivarr e Thora quase o enlouquecera de ciúme. Agora que Helgi desposara Freya, Helga podia finalmente deixar a aldeia do povo vândalo e buscar a almejada felicidade ao lado do *jarl* da Terra Antiga.

Um arrepio inesperado causou-me desconforto. Todos os pêlos do corpo se eriçaram, em alerta. Eu já sentira essa desagradável impressão que me tomava de assalto... Só não conseguia recordar quando. Apertei os braços em redor do peito, tencionando regressar à cama e despertar Edwin. Porém, subitamente, a minha atenção ficou cativa de uma sombra que se esgueirava por entre a escuridão dos pilares que sustentavam o terraço, mesmo à minha frente. Agucei a percepção, intrigada ao reconhecer a rainha do Povo da Terra. O que fazia Lyria ali, a meio da noite, movendo-se tão arisca quanto uma ladra?

Apelei à magia para que não se apercebesse da minha indiscrição. Em condições normais, tal seria bastante difícil. Todavia, a rainha da

Gente Bela estava tão concentrada em ocultar-se do olhar dos folgazões, que continuou, alheia à intrusão da sua privacidade. O motivo de tamanha perturbação não tardou a revelar-se. O meu queixo caiu ao ver Steinarr surgir das trevas. Prendi o fôlego, dividida entre a ordem da consciência para recuar e a vontade fremente de descobrir a razão daquele encontro furtivo. No fim, a curiosidade acabou por vencer.

— Minha rainha... — murmurava o soberano viking, levando a sua mão aos lábios.

— O que me queres, Steinarr? — cortou Lyria, libertando-se quase com brusquidão. — Espero que tenhas uma boa justificação para todo este segredo!

Em vez de responder, ele sorriu sedutor. E a sua satisfação aumentou, ao vê-la corar com veemência sob a intensidade do olhar cristalino. A rainha sacudiu a cabeça, num esforço para se libertar do enlevo, replicando:

— Se não tens nada a dizer...

— É bom verificar que ainda me desejas!

— O que...? — arfou Lyria, como se tivesse recebido um murro no estômago.

— Deixa o Cyrus. Não o amas... Nunca o amaste! Quero-te ao meu lado.

O silêncio que se seguiu denunciou a absoluta perplexidade da rainha. O seu corpo tremia tanto, que mal se sustinha de pé. Ainda assim, a sua voz soou álgida e indignada, ao retrucar:

— Se isto é uma brincadeira, não tem graça nenhuma!

O guerreiro-urso deu um passo em frente e tocou-lhe gentilmente nos ombros, ao mesmo tempo que buscava o olhar azul estrelado e asseverava, rouco de emoção:

— Nunca falei tão sério, Lyria! O Ivarr está preparado para assumir a liderança dos Vikings. Chegou o momento de eu aproveitar a vida. Sabes bem que te amo... E o ardor no teu olhar prova-me que sentes o mesmo!

A rainha baixou o rosto, sem alento para se afastar. A sua réplica foi feita num gemido:

— O que eu sinto pouco importa... Não podes apagar o passado, Steinarr! Fingir que nada aconteceu... As nossas vidas mudaram. O meu povo depende de mim.

— O teu irmão Galinn é perfeitamente capaz de governar...

— Eu tenho um filho. Não posso abandoná-lo!

— Traga-o contigo. Juro que o criarei como se fosse meu.

A determinação de Steinarr era irredutível. Se eu estava abalada, nem imaginava o que se passava na cabeça de Lyria! Ela hesitava. Lutava contra o seu anseio mais arrebatador. O rei viking acabara de se oferecer para acolher o pequeno Lysander, sem desconfiar que ele era, na verdade, seu filho! Lentamente, a rainha ergueu o olhar e fixou-o; as lágrimas escorrendo-lhe pelas faces quais ribeiros de cristal. Já desistira de combater a fraqueza... E a voz brotava-lhe em soluços de agonia:

— Tu viraste-me as costas, por seres incapaz de desamparar o teu povo... Agora que as tuas conveniências estão servidas, solicitas que abandone o meu! Como podes ser tão egoísta?

Steinarr engoliu em seco, mas agüentou a investida.

— As circunstâncias não têm comparação! Quando neguei o teu pedido, o meu povo estava em guerra... Neste momento, o Norte tem todas as condições para desfrutar de um longo período de paz, de estabilidade e de progresso. Já nada me prende, Lyria! E a ti? O que te retém? Não é o poder, pois não és uma mulher ambiciosa. Não é o amor ao teu rei...

— Steinarr, por favor...

— Eu preciso de ti, Lyria!

E beijou-a. Envolveu-a com tamanha exaltação, que mais parecia que os seus corpos se iam fundir. Eu sabia o quanto a minha amiga amava o soberano viking e sofria longe dos seus braços, vendo o filho crescer ensombrado por um logro. Essa era a sua oportunidade de esquecer as convenções e ser feliz... Então, sem que nada o fizesse prever, Lyria começou a debater-se. Steinarr ficou tão surpreendido que lhe permitiu recuar. Ela levou as mãos aos lábios, chorando compulsivamente, enquanto tartamudeava:

— Não... Não! É tarde... É demasiado tarde!

— Lyria! — O rei esboçou um gesto reconciliador, mas a soberana da Gente Bela já se afastava a correr.

— Vai atrás dela! — murmurei no meu esconderijo. — Raios, homem! Não a deixes fugir!

Contudo, Steinarr ficou pregado ao solo, petrificado pelo abalo da rejeição. Voltei as costas ao pátio, disposta a confrontar Lyria com o meu conhecimento. A mim, ela não mentiria... E eu haveria de chamá-la à razão! Era verdade que, no passado, o rei viking fora egoísta e cruel. Porém, de outra forma, existiria paz no Norte?

Entrei desembestada no quarto... E deparei com a cama revolvida e vazia. Estaquei, assustada, procurando por Edwin. De repente, a lembrança da incomoda sensação que me fustigara na varanda atingiu-me qual raio. Eu permitira que o enleio de Steinarr e Lyria me distraísse do alerta instintivo para um perigo colossal. Já me recordava do significado daquela inquietação gélida! Experimentara-a na Floresta Sombria...

Antes que pudesse gritar, uma sombra saltou sobre mim e atirou-me ao chão. Os meus olhos estiraram-se de horror, ao deparar com um olhar verde-tempestade que, num sopro de agonia, se tornou rubro como as labaredas que incendiavam os cabelos da minha agressora. Em tempos, o corpo robusto que me cobria pertencera a Gríma, princesa do povo vândalo... Agora, estava possuído pela feiticeira Gwendalin.

CAPÍTULO 16

Rolamos no chão de pedra, sob a violência do assalto. As unhas da bruxa enterraram-se no meu pescoço como garras, rasgando a carne sem contemplações. Lancei-lhe as mãos à garganta, tentando afastada. Porém, no instante em que sentiu o apoio dos meus braços, ela deixou o corpo pender, tentando cravar-me os dedos no ventre.

— Não! — gemi, desesperada. E impelida por um ânimo que só o terror pode conceder, consegui torcer-me e usar os joelhos para arremessá-la contra a cama.

A feiticeira soltou um urro, onde a dor se confundia com a frustração e a raiva. Tentou pôr-se de pé, mas vacilou, atordoada. Eu sustive-me de um salto, tencionando aproveitar a vantagem. Contudo, um tênue movimento sobre as nossas cabeças arrestou-me a atenção. Estaquei, horrorizada, ao ver Edwin aprisionado ao teto por correntes de magia, que o mantinham imóvel não obstante os esforços para se libertar. Os seus lábios estavam cerrados pelo malefício da bruxa... No entanto, os olhos avisaram-me que a besta tornava a atacar.

Desviei-me antes que Gwendalin me alcançasse. Todavia, a iniciativa encurralou-me a um canto do quarto. Sem espaço para fugir, opus-me à sua investida, usando o ar como um escudo. Depois, dobrei-me sobre o ventre, protegendo o meu filho. O corpo avantajado abafou-me qual mortalha, sem, no entanto, me tocar. Ergui a cabeça e enfrentei o olhar de flamante perversidade. E, com um esforço vigoroso, repeli a barreira invisível, arrojando a bruxa para longe de mim. Gwendalin esmagou-se no chão, soltando um guincho que me feriu os ouvidos. Nesse momento, recuperei a voz que o pavor sufocara e bradei:

— Alerta! Alerta...

— Berra o que quiseres, cabra! — assanhou-se a mestra da Arte Obscura, com um esgar enlouquecido. — Julgas que não me assegurei de que os vossos gritos jamais sairiam deste quarto? É inútil resistires! A vida que geraste devora o teu poder... Sim, sabes que isso é verdade! Por quanto tempo serás capaz de me afrontar, até que a tua magia se extinga?

As suas mãos agitaram-se no vazio e eu senti o ar acometer contra mim, qual gigantesco machado de guerra. Juntei os braços diante do peito e desviei o ímpeto da bruxa. A arma invisível chicoteou a tapeçaria que enfeitava a parede e rasgou-a em tiras, deixando a nu a pedra escoriada. Ainda tive alento para rolar e escapar ao segundo embate. Porém, o terceiro atingiu-me em cheio. Era como se o ar estivesse impregnado de agulhas que se cravavam na pele, trespassavam a carne e feriam os ossos. Deixei de ver... Os meus olhos ardiam, ao ponto da vontade de arrancá-los se sobrepôr à razão. Forcei-me a ignorar o suplício que os sentidos me impunham; a esquecer a condição humana e a enfrentar Gwendalin como Guardiã da Lágrima do Sol. Assim que o fiz, a mente de Edwin assomou a minha... E, de repente, fui capaz de enxergar através dos seus olhos.

A bruxa aproximava-se com cautela. Trazia os braços estendidos e quedava-se a um palmo do seu objetivo. Agarrei-lhe os pulsos abruptamente, aproveitando o impulso para atirá-la contra a parede. Gwendalin estrebuchou sob o meu aperto... Depois projetou a cabeça adiante; a boca escancarada como a de uma fera prestes a desferir a dentada fatal. Só que, em vez de lançar as presas à minha garganta, cuspiu um bafo de energia que me cortou a respiração.

O seu vômito de poder invadiu-me as narinas e queimou-me os pulmões. Arfei sufocada; a força abandonando-me rapidamente. A feiticeira tornou a ganhar ânimo e aplicou-se na sua intenção. A pressão das mãos malignas era quase impossível de sustar. Se me roçasse um dedo pelo ventre, a alma do meu filho estaria condenada. Eu tinha de reagir... No entanto, era exatamente isso que Gwendalin pretendia: desgastar-me, consumir o meu ânimo, esgotar-me até me deixar indefesa, à sua mercê. E não teria dificuldade em fazê-lo, pois, tal como apontara, a essência do bebê

alimentava-se da minha energia. A magia de Melina satisfizera-o até agora. Porém, esses recursos decresciam a cada batida de coração... e ele já reclamava! O meu alento estava a ser consumido por fora e por dentro! Não tardaria a esmorecer, se não descobrisse como contrariar o artil da mestra da Arte Obscura.

— Desiste! — silvou a hedionda criatura, com os lábios a um palmo dos meus. — Entrega-me a essência do meu neto. Ele reinará o mundo através de mim...

— Cala-te, ordinária! — atalhei, repudiando a fraqueza e empurrando a bruxa contra a portada aberta. A madeira estilhaçou-se e farpas voaram em todas as direções. Recuei até ao lado oposto da cama, ofegante. O sortilégio de Gwendalin isolava o quarto das consciências do castelo mas, se eu conseguisse chegar à porta e alcançar o corredor, a minha mãe haveria de me escutar, nem que despendesse a última gota de magia para tocar a sua sensibilidade.

Gwendalin sacudiu a cabeça, aturdida pelo impacto. Porém, não descuidou a ofensiva. Ciente do meu propósito, exclamou provocadora:

— Não, não! Nem penses em abandonar esta emocionante reunião de família!

Eu encontrava-me a um passo da porta — a dois passos da salvação, quando Edwin tombou pesadamente na cama, tenso como um bacalhau seco. A funesta energia que o prendera ao teto fluiu-lhe até ao pescoço e principiou a estrangulá-lo. Horripilada, vi o Rei da Lua deitar as mãos à garganta, tentando adversar o vigor da corrente mágica. O seu rosto ficou vermelho; depois, cinzento arroxeadado. Os olhos verdes dilataram-se em agonia, enquanto os lábios se abriam num grito mudo e as pernas se estorciam convulsivamente. Gwendalin ia mesmo matá-lo!

— Afasta-te da porta, galdéria — ordenou com um rosnado. — Isso... Isso!

Com um estalar de dedos, a feiticeira libertou o filho. Edwin rastejou sobre os lençóis desfeitos, até se suster de joelhos, lutando para respirar. O seu tronco nu estava coberto de suores gélidos, que lhe escorriam pela pele e encharcavam as calças de dormir. Os cabelos pingavam, como se tivesse acabado de mergulhar no mar. A

corrente feita de partículas negras e escarlates, que cintilavam na obscuridade do quarto, rolou para o chão e como que se dissolveu, originando uma poça viscosa que manchou a pedra. O Rei da Lua quedava-se entre nós duas, tremendo sem controlo. Gwendalin decerto usá-lo-ia como escudo, se eu me atrevesse a atacá-la. Ao ver-me hesitar, a bruxa prosseguiu jocosamente, com um fervor acerado:

— Há alguns anos, os vossos pais enfrentaram um desafio semelhante... Só que, desta vez, o desfecho da contenda será diferente! — Aproximou-se de Edwin e capturou a madeixa ruiva dos seus cabelos, puxando-lhe a cabeça para trás até expor o pescoço e devassar o olhar. — Sigarr ensinou-te bem! A tua essência possui marcas que jamais se apagarão. No entanto, foste incapaz de te manter no caminho certo! És muito fraco; demasiado piegas para aspirares à honra de reinar ao meu lado. A não ser que afirmes o teu valor e me proves estar enganada. Levanta-te, Edwin! É tempo de cumprires o propósito para que nasceste... O teu verdadeiro destino!

Avivado pela vontade da feiticeira, o caldo de partículas amaldiçoadas começou a borbulhar. Lentamente, o Rei da Lua desceu da cama e enterrou a mão nessa massa radiosa e palpitante. Já entre os seus dedos, a transformação completou-se. Terrificada, vi-o empunhar um espigão longo e afiado, tão ameaçador como a mais letal das espadas.

— Mata-a! — ordenou-lhe Gwendalin. — Logo que essa cadela exale o último suspiro, absorveremos a essência que habita o seu ventre. Na posse da mais excelsa das magias, nem o Mestre Supremo do Conselho dos Seres Superiores se atreverá a desafiar-nos. Fundiremos os cristais do Sol e da Lua e reinaremos na Terra, na Ilha Sagrada, por todo o Universo... Seremos deuses!

Só então Edwin ergueu o rosto para me encarar. E, em vez de verdes e lípidos, os seus olhos flamejavam, tão rubros quanto os da mãe. Dei um passo atrás, inspirando sopros de medo. Isto não podia estar a acontecer!

A bruxa continuava, excitada pelo som da própria voz:

— Com o poder dos cristais, não necessitaremos da magia das pedras. Bastará estalarmos os dedos, para prostrarmos os nossos inimigos... E todas as riquezas do mundo ficarão à nossa mercê!

Edwin bramiu e acometeu contra mim, instigado pelas gargalhadas da mãe. Tentei alcançar-lhe a mente. Contrariar a sua força descomunal. Tocá-lo o coração... Tudo em vão! Restava-me combatê-lo... Porém, se o fizesse, um de nós pereceria. De uma forma ou de outra, Gwendalin assegurava a vitória.

— Mata-a! — vociferava, inflamada de entusiasmo. — Acaba com ela, já!

Eu estava aprisionada entre a parede e o corpo febril do Rei da Lua. Uma das suas mãos esmagava-me os pulsos. A outra pressionava o espigão de magia negra contra minha a garganta. Murmurei o seu nome, numa súplica... O meu coração troava de pavor. A pele rasgava-se. O ferrão enterrava-se na carne. O sangue escorria pelo pescoço... E Gwendalin insistia, com uma impaciência crescente:

— Mata-a! Prova que és melhor do que o teu pai!

As flamas no olhar de Edwin devastavam-me a razão, trazendo-me à memória as palavras que dissera nessa tarde: "*Se eu fraquejar, terás de me matar...*" Não podia esperar mais para me insurgir. O Guardiã da Lágrima da Lua estava irremediavelmente perdido! Sorvi um último fôlego angustiado e o meu estômago contraiu-se... Então, nesse instante de alucinação, compreendi que não eram as minhas entranhas que se revolviam. Era o nosso filho que se mexia! Pontapeava-me o ventre com tal veemência, que mais parecia querer forçar a saída. Gemi de dor, sentindo-me rasgar por dentro. E, de alguma forma, Edwin também se apercebeu da manifestação de vida que estrebuchava entre nós dois. Subitamente, o seu corpo ficou tenso e o aperto da mão que quase me quebrava os ossos aliviou. Por trás do rubro ardente do seu olhar, o verde fresco tremeluziu até se impor. O ar voltou a abençoar-me os pulmões e o fogo que me abrasava a mente extinguiu-se. No momento seguinte, Edwin rodava nos calcanhares e saltava sobre a mulher que o pusera no mundo, rugindo:

— O teu tempo acabou, maldita!

O berro da feiticeira varou-me a cabeça, carregando a violência de mil execrações. O Rei da Lua recebeu toda a irascibilidade desse som e cambaleou aturdido. Acabou por se prostrar, apertando a fronte entre as mãos e contorcendo-se num suplício excruciante. Gwendalin guinchou de raiva e frustração, enterrando os dedos nos cabelos de fogo como se pretendesse arrancá-los. Sabia que perdera o domínio sobre o filho... Todavia, não pretendia bater em retirada sem o almejado troféu. Investiu, rugindo enlouquecida; o rosto deformado pelo ódio e as garras estiradas ao meu ventre.

Num esforço extremo de preservação, libertei o poder que me restava, como uma onda de energia que colheu a feiticeira no seu vôo. Vi-a tombar desamparada... Depois, tudo se encheu de névoa. O quarto rodopiou e o chão oscilou debaixo dos meus pés. Derrotada pela exaustão, nem senti a dor da queda. Ouvi Edwin gritar... Ouvi Gwendalin gritar... E obriguei-me a abrir os olhos. A bruxa levantara-se e arremetia de novo contra o meu corpo indefeso. Só que, dessa vez, o filho saltara em sua perseguição.

Sem contemplações, Edwin deteve a feiticeira, agarrando-a por trás e impedindo-a de me tocar. As nefandas mãos agitaram-se freneticamente, a um palmo da minha camisa de noite. Gwendalin chiava, obcecada pelo desejo de assimilar a essência do neto. Praguejava, debatia-se... No entanto, já não evocava a Arte danada. O seu poder devia suster-se por um fio... O confronto esgotara-nos a todos! Porém, Edwin ainda possuía força nos braços para afastá-la do seu objetivo. Subjugou-a finalmente, apelando ao vigor da compleição guerreira para imobilizá-la contra o chão. Os urros da feiticeira cessaram bruscamente. Os seus olhos esbugalharam-se de incredulidade, ao ver surgir nas mãos do filho o espigão de magia negra que ela própria lhe confiara. O Rei da Lua devolveu-lhe o olhar; o rosto desfigurado por uma fúria selvagem, os dentes cerrados, o corpo trêmulo de indignação, o suor caindo em cascata pela pele...

Agoniada, lutei para contrariar o nevoeiro que teimava em impor-me a inconsciência, dividida entre o anseio de livrar o mundo da hedionda criatura e o horror de ver Edwin matar a mãe. Tentei chamar-lhe a atenção, ciente das feridas que tal atrocidade abriria

no seu espírito. Gwendalin chegara ao limite da resistência. Bastaria quebrarmos o encantamento que nos isolava dos demais e lançar o alarme, para que fosse capturada. O *jarl* Throst e o rei Steinarr haveriam de castigá-la! Porém, por mais que tentasse, os meus lábios recusavam-se a mover, a garganta não emitia um som, os músculos estavam paralisados...

De repente, o ténue controlo que ainda sustinha Edwin ruiu. Sem desviar o olhar verde-ira do olhar rubro-ódio, concentrou todo o seu peso nos braços para empurrar a abominável arma... E, com um berro irracional, trespassou o coração de Gwendalin.

Durante três dias deambulei sem rumo pelas brumas do esquecimento. Quando despertei, a minha mãe recebeu-me no mundo dos vivos com um dos seus sorrisos que abraçavam a alma. Tomou-me as mãos entre as suas e murmurou docemente:

— Está tudo bem, querida.

— O meu filho? — indaguei assustada.

— Vós estais sãos e salvos — tranquilizou-me. — Sossega... O pesadelo terminou!

Aos poucos, fui recordando os pormenores da batalha contra Gwendalin. E senti o coração comprimir-se. Por que o Rei da Lua não estava ao meu lado?

— Edwin não sofreu danos físicos... — enunciou Catelyn, hesitante. — Mas a sua mente ficou perturbada.

— Como assim? — titubeei, sobressaltada. A minha mãe suspirou, justificando:

— Quando vos encontramos, tu estavas desacordada e Edwin chorava diante do cadáver da feiticeira... Não permitiu que ninguém o alentasse. Não proferiu uma palavra. Deixou o castelo... E não o vemos, desde então.

Quis erguer-me e ela foi obrigada a impor-se para me manter na cama.

— Tenho de ir procurar Edwin! — reclamei.

— Não vais a lugar nenhum, enquanto não te restabeleceres — replicou. — Confia no teu marido. Mau seria, se não estivesse

abalado! Apesar de tudo, Gwendalin era sua mãe.

— E se ele fizer alguma asneira? — interpelei, aflita. — E se partir para nunca mais voltar?

A senhora da Ilha dos Sonhos abanou a cabeça, objetando:

— Tenho a certeza de que Edwin só necessita de tempo para pensar e apaziguar o espírito.

Eu esperava que assim fosse! O Rei da Lua não só matara a mãe, como se apoiara na Arte Obscura para fazê-lo. E, por mais que eu desejasse acreditar que desse mal-aventurado contato não dimanara conseqüências, parte de mim temia que a semente da destruição tivesse voltado a fincar raízes na sua essência. A magia negra era como uma erva daninha. A cada evocação, apossava-se da vontade do ente que a ela recorria, até governá-lo por completo. Não há muito, Edwin vacilara a poucos passos de abismo. Uma recaída poderia ser-lhe fatal.

Respirei fundo, tentando soffrear a angústia que me queimava por dentro. Havia outra questão que necessitava de uma resposta urgente:

— O que aconteceu ao corpo de Gwendalin?

A senhora da Ilha dos Sonhos passou a mão pela testa e hesitou. Eu estava prestes a insistir, assaltada por mil temores e dúvidas, quando revelou com um gesto de impotência:

— Após a cremação, as cinzas da bruxa foram recolhidas e divididas por seis potes. Dois seguirão até à Ilha dos Sonhos. Outros dois viajarão com Lyria para a sua cidade. Os últimos ficarão à guarda de Steinarr. Cada um de nós jurou solenemente jamais divulgar o destino que lhes dará. Por minha vontade, lançaria as cinzas ao vento em partes distintas da Terra, para eliminar a possibilidade de se voltarem a fundir. Todavia, Lyria vetou essa opção, recordando o alerta de “O Que Tudo Vê” sobre o perigo de espalharmos a maldade da feiticeira pelo mundo.

— A decisão que tomastes também acarreta enormes riscos! — fiz notar. — Por muito cuidado que se tenha, nunca nada está seguro! O que aconteceu às pedras mágicas provam-no. De que serviu separadas e escondê-las?

— Eu sei! — replicou a minha mãe. — Contudo, o que mais há a fazer? Acalentemos a esperança de que a história não se repetirá! Além disso, pela primeira vez desde que guardo memória, nenhum mestre da Arte Obscura desafia a nossa integridade.

Enquanto falava, retirou três pedras coloridas do bolso do avental que lhe ornava o vestido. Engoli em seco, perante o amuleto verde que Magnor roubara do pescoço do meu primo Aled, a fim de pagar tributo à rainha Aesa. Quanto aos outros dois, eu nunca os tivera nas mãos. Há alguns anos, Helgi furtara a pedra violeta do cemitério da família McGraw, na Floresta Sagrada da Grande Ilha, e usurpara a cor de laranja à proteção dos druidas, na Ilha dos Penhascos.

— Devemos entregá-las à custódia da Montanha Sagrada, como fizemos com a azul e a vermelha, enquanto procuramos as restantes — continuou a minha mãe. — Não tornarei a desafiar o destino! Mal as sete sejam recuperadas, hei de destruí-las!

Fixei os detestáveis amuletos com um nó na garganta. Algo me dizia que, tão cedo, não nos livraríamos da ameaça que representavam. Após a nossa partida, Quinn tomara as investigações no Império a seu cargo, sem nenhuns resultados. Tudo levava a crer que o misterioso feiticeiro que abordara Esteban se assenhoreara das pedras branca e amarela, e desaparecera sem deixar rasto. Voltei a encarar Catelyn e transmiti-lhe a minha inquietação:

— Se o feiticeiro de que Estrid falou for realmente membro do Conselho dos Seres Superiores, decerto levou as pedras para a Ilha Sagrada e não condescenderá a entregá-las.

— Talvez... —olveu a minha mãe. — No entanto, se pensares bem, essa eventualidade acaba por servir a nossa causa! Ainda que não resgatemos as duas pedras que nos faltam, quem as tem está impossibilitado de alcançar as cinco que se encontram à nossa guarda. Ou seja, os amuletos não podem ser destruídos, mas também não podem ser usados. E, enquanto a magia de Aranwen permanecer cativa, a Terra estará a salvo.

Soprei o ar com força, antes de inquirir:

— Crês mesmo que o filho de Estrid está morto?

Ela encolheu os ombros e só depois retrucou:

— De que nos serve apoquentarmo-nos, Edwina? Fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para eliminarmos essa ameaça... Restamos permanecer alerta e treinar aqueles que, no futuro, poderão continuar a nossa demanda. Temos pela frente alguns anos de calmaria, até que, eventualmente, esse rapaz reapareça e se assuma como o algoz da Terra.

Procurei o conforto dos seus braços e permiti-me um fôlego de satisfação. Só agora me recordava de que a morte de Gwendalin também pusera fim ao tormento imposto aos nossos espíritos pela Visão que Catelyn tivera no Império. Mais uma vez, conseguíramos desfazer a maldição que ensombrava o futuro do Lobo Cinzento. Partilhei essa ditosa conclusão com a minha mãe, terminando emocionada:

— O papai está salvo! Já não tens de recear pela sua segurança.

Ela afastou-se o suficiente para me fixar, com uma expressão de temerosa esperança.

— Será que isso é verdade, querida? Poderei dormir descansada?

Mergulhei no olhar verde-floresta e retorqui, animada pela convicção:

— A Visão denunciou-te que o infortúnio do Lobo Cinzento chegaria pela mão de uma mulher de cabelos rubros. Quem mais poderia ser, além de Gwendalin?

A entrada tempestiva de Thorson pôs fim à reflexão. Estreitei o meu sobrinho, assolada pela ternura. Thora e Freya juntaram-se ao abraço, enquanto a nossa mãe nos observava com um sorriso pejado de alívio. Eram momentos abençoados como esse que conferiam sentido à nossa luta e nos davam alento para superar todas as adversidades.

Não tive de partir em perseguição de Edwin. Nessa mesma noite, ele regressou ao castelo e pediu para me falar. Estava tão sujo e transtornado, que os guardas decidiram chamar o *jarl* Throst, a fim de confirmarem se podiam deixá-lo passar. Foi o meu pai quem o acompanhou ao quarto onde eu ainda repousava, demasiado débil para sair da cama.

A minha mãe acabara de me trazer uma malga de caldo, feito com ervas revigorantes, e apelava ao seu poder de persuasão para me

convencer a bebê-lo. Eu sentia-me à beira das lágrimas, tal a inquietação causada pelo desaparecimento do Rei da Lua. Quando a porta se abriu, esqueci o tabuleiro que repousava sobre o meu colo, a fraqueza que me sujeitava... Esqueci tudo o que não fosse a alegria de ver Edwin a salvo.

Saltei da cama e corri ao seu encontro. A meio caminho, as pernas falharam-me e o Rei da Lua teve de se precipitar em frente para me amparar. Entreguei-me aos seus braços e chorei de alívio. Ele afundou o rosto nos meus cabelos, tremendo como um condenado prestes a enfrentar o verdugo, sem esperança de redenção.

Ouvi-o murmurar algo, vezes e vezes sem conta... Todavia, demorei a compreender que suplicava o meu perdão. Forcei-me a dominar a comoção e encarei-o. Os seus olhos estavam roxos, espezinhadados pelo tormento que o assolava. Apertei-lhe as faces entre as mãos e contraditei:

— Por que te desculpas, meu amor?

— Porque te deixei só — soluçou, atrapalhando-se nas palavras. — Eu abandonei-te, Edwina! — Uni a testa à sua e contrapus:

— O que importa é que estás aqui!

O Rei da Lua cedeu ao pranto e eu permiti-lhe desabafar. Só então reparei que os meus pais se tinham retirado. Esse seu gesto de confiança representava muito para mim!

— Fugi como um covarde! — continuava Edwin a consumir-se. — Fui incapaz de...

— Não te tortures! — objetei com firmeza, impedindo-o de prosseguir. — Fizeste o que devias!

A cabeça desgrenhada sacudiu-se em contestação. O corpo robusto comprimia-se contra o meu, como se desejasse buscar abrigo sob a minha pele. Por vezes, interrogava-me quão forte era a sua mente para preservar a sanidade. Outro espírito que enfrentasse metade das provações pelas quais ele já passara há muito teria enlouquecido. Após um instante de silêncio, o Rei da Lua teimou, desalentado:

— Fui vencido pela ira e pelo ódio. Perdi o controlo... Quebrei a promessa de jamais voltar a recorrer à Arte Obscura!

Perante isso, obriguei-o a fixar-me, retorquindo:

— A tua interferência salvou-me a vida... Salvou o nosso filho! Pouco me importa que magia usaste. Tu libertaste o mundo de um grande mal, Edwin!

— Perdoas-me porque me amas! — replicou entre sopros de amargor. — Mas... E se eu não conseguir restaurar a minha essência? E se a Arte Obscura me devorar a razão, quando menos esperarmos? Como posso ter a certeza de que não tornarei a fraquejar, Edwina? Como posso afiançar que não colocarei a tua vida em risco; que não lesarei o nosso filho, movido pelo monstro que se oculta nas trevas da minha alma?

— Não podes garantir nada! — volvi com franqueza. — Porém, debes esforçar-te para que tal não suceda. E eu confio na tua determinação! Hás-de superar novamente o lado negro da tua essência. Agora, desfrutemos da paz que acalenta o nosso povo... Desfrutemos do nosso amor!

Cinco dias após o Festival de Verão, Steinarr deu os festejos por concluídos. Emocionada, testemunhei o momento em que abraçou o meu pai e brindou à união eterna das nossas famílias. O rei e o Líder Supremo do povo viking já haviam percorrido um longo caminho, lado a lado. A amizade que os unia sobrevivera a muitas adversidades, a algumas divergências de opinião... e à paixão de Steinarr pela minha mãe. Observar o olhar cristalino, no instante em que beijava cordialmente a mão de Catelyn, provou-me que o seu desvario estava sanado. Lyria conseguira o prodígio de curar vinte anos de silenciosa obsessão. Agora, restava saber se o guerreiro-urso teria coragem de enfrentar a mais ousada das batalhas: a luta pela felicidade.

Os convidados que desfrutavam da hospitalidade do soberano viking iniciaram as viagens de regresso às suas terras. Os acampamentos montados em redor do castelo foram levantados e extensas colunas atravessaram as fronteiras, a pé e a cavalo. Os navios saíram do porto, enfeitando o mar com as suas velas coloridas. Algumas alianças haviam sido reafirmadas. Outras tinham acabado de nascer e esperava-se que prosperassem. Todos os

líderes pareciam empenhados em colaborar para o bem comum. Talvez, finalmente, eu pudesse satisfazer a vontade do meu coração e ser apenas Guardiã da Lágrima do Sol; subir à Montanha Sagrada e atender aos desígnios da Pedra do Tempo, sem me inquietar com o que deixava para trás.

De entre aqueles que nos eram mais chegados, Lyria foi a primeira a partir, sem que eu tivesse oportunidade de lhe falar. Fiquei bastante surpreendida quando convidou Melina a acompanhá-la e ainda mais perplexa quando a jovem aceitou. A minha mãe abençoou essa decisão. A verdade é que Catelyn já não sabia como impedir que a sua protegida definhasse de tristeza. Todos os esforços para que Melina se sentisse acolhida no nosso seio tinham falhado. Ela era... diferente! Não obstante a sua vontade de se adaptar, sentia-se uma estranha nos domínios do Homem. Talvez, no fim, a aura abençoada da floresta do Povo da Terra conseguisse sarar as feridas profundas que lhe marcavam o coração.

Steinarr cumprimentou Lyria e Cyrus com igual deferência. Porém, no instante em que o rei da Gente Bela lhe deu as costas, os seus dentes rangeram. Se bem o conhecia, haveria de aguardar algum tempo, na expectativa de que a rainha cedesse. Entristecia-me constatar que o seu orgulho e teimosia condicionavam o futuro de Lysander.

As lágrimas subiam-me aos olhos, sempre que pensava que teria de dizer adeus aos meus pais. Quando Throst e Catelyn anunciaram às três filhas que tencionavam permanecer no Norte, durante as próximas estações, quase os devoramos com beijos, radiantes de felicidade. Mais tarde, a minha mãe contou-me que tinham ponderado muito e concluído que não podiam regressar a casa e perder o parto de Freya, o desenrolar da minha gravidez, as mudanças que Thora ia experimentar com o casamento, o crescimento e os progressos de Thorson... A cada dia que passava, a Ilha dos Sonhos ficava mais distante dos seus corações, pois nós estávamos no País dos Vikings. E nós éramos a sua razão de viver!

Em consequência dessa determinação, os meus tios foram incumbidos de transportar os potes com as cinzas de Gwendalin e de guardá-los em lugar seguro. Na despedida, o tio Edwin obteve a

promessa dos dois filhos de que o visitariam em breve. Oriana chorava agarrada à saia da tia Ingrior, como se não suportasse vê-la partir. A senhora Doralia mantinha os olhos presos ao chão... Ou lutava contra a vontade de partilhar o seu segredo com a outra avó da pequena, ou já o fizera, e receava encarar-me! O tio Bjorn escutava atentamente as últimas instruções do *jarl* Throst, quanto à administração da Ilha dos Sonhos. O tio Stefan abraçava a minha mãe e repetia as palavras de afeto que, desde crianças, mantinham os seus espíritos unidos.

Não obstante os seus malogrados esforços para despertar o interesse do rei Bernard, Otkatla insistia em persegui-lo, mesmo quando este estava prestes a embarcar. Todavia, enquanto ela falava pelos cotovelos sobre a sua vontade de conhecer o Império, era para a minha prima Gwenneth que o olhar de Bernard se voltava. A filha mais jovem do tio Stefan entrara na idade de ser cortejada e, atendendo à sua beleza e excelsa educação, não lhe faltariam pretendentes. Vi-a corar intensamente, ao perceber-se alvo das atenções do rei. De imediato, desviou o olhar verde cintilante, atrapalhando-se na respiração. Bernard sorriu e aguardou... A sua espera foi recompensada, quando Gwenneth reuniu coragem para erguer o rosto incandescente, com um sorriso nos lábios trêmulos. De um momento para o outro, Otkatla ficou a devanear sozinha. E antes dos respectivos navios deixarem o País dos Vikings, o rei Bernard e Lorde Stefan McGraw tiveram uma longa conversa em privado.

Ao cair da noite, pedi a Edwin, Thora, Ivarr, Freya e Helgi que me acompanhassem. Fiquei aliviada quando ninguém me questionou. Apesar da minha convicção, eu desconhecia o que a sorte nos reservava. Apenas sabia que tínhamos de subir à Montanha Sagrada e, juntos, inclinarmo-nos diante da Pedra do Tempo. Só assim o destino seria consertado e os Três Reinos reconhecidos pelas Entidades Divinas que nos haviam escolhido para, cada um à sua maneira, conduzirmos o nosso povo.

Os cavalos saíram do castelo a coberto da obscuridade. Os archotes que Ivarr e Thora carregavam deixaram de ser necessários, logo que entramos na Floresta dos Carvalhos. Um nevoeiro cálido e

cintilante brotou do solo e ergueu-se no ar, suspendendo-se e girando ao nosso redor, à medida que avançávamos. Os príncipes vikings conheciam o seu significado, pois já tinham vivido uma experiência semelhante, no dia em que a Loba Prateada se rendera ao lobo branco. Porém, para Helgi tudo aquilo era novo... e assustador. Mal piscava e o seu corpo estava hirto e alerta, como se temesse ver surgir uma criatura descomunal do meio do nevoeiro místico, de bocarra aberta para nos devorar. Apoiada contra o seu peito, Freya murmurava-lhe explicações que pouco o convenciam. O lobo negro crescera sob a influência das malignidades originadas pela feitiçaria de Aesa. Apesar de a sua essência ter resistido à perversão, nunca testemunhara as maravilhas criadas pela mais pura e abençoada das magias. Por isso, eu não resistia a sorrir ternamente, enquanto o observava.

Edwin montava ao meu lado mas olhava em frente, tão ansioso que mal conseguia respirar. As recordações da noite em que combatera Gwendalin assombravam-lhe o espírito. Estava prestes a enfrentar uma prova de fogo. Se a sua essência tivesse sido conspurcada pela Arte Obscura, a Montanha Sagrada não lhe admitira entrada nos trilhos mágicos. A confirmar-se o seu mais horripilante temor, não teria unicamente de viver com a dor da rejeição, mas também com a humilhação que sofreria perante os demais. Forcei a égua a aproximar-se do seu cavalo e toquei-lhe no braço. O olhar verde fitou-me, pejado de angústia. Sem falar, movi os lábios numa mensagem que só ele podia escutar: "*Amo-te.*"

De repente, um som despertou à nossa volta. Numa primeira impressão, poderia confundir-se com o cântico suave do vento, procurando seduzir as folhas viçosas das árvores. Contudo, a manifestação não tardou a subir de tom, até ecoar aos nossos ouvidos como se estivéssemos rodeados por tocadores de flautas, cuja música se entrançava num coro de vozes divinais.

— O... O que significa isto? — balbuciou Helgi, detendo bruscamente o cavalo.

Thora estendeu a mão a Ivarr e murmurou:

— É lindo!

Edwin piscou os olhos como se acabasse de despertar de um pesadelo.

— Estou a ouvir... — sussurrou.

— É claro que estás! — repliquei com um sorriso enlevado. — É tempo de desmontarmos.

Os olhos de Ivarr e Edwin encontraram-se e nenhum dos dois se desviou. Não falaram... Porém, existiam expressões que valiam mais do que longos discursos. Era difícil esquecer o passado e fixar exclusivamente o futuro. No entanto, em silêncio, ambos concordavam fazê-lo. Talvez demorasse anos, até que pudessem ser amigos... Talvez nunca chegassem a sê-lo! Contudo, tinham noção das suas responsabilidades, do compromisso que assumiam perante a magia que nos rodeava... E das conseqüências que adviriam para os demais, se o pacto fosse quebrado.

— Helgi, vamos!

O apelo de Freya despertou-me a atenção. O rei vândalo não se mexia, como se estivesse petrificado sobre o cavalo. O nevoeiro encantado colara-se ao seu corpo e tecia-lhe carícias nos cabelos acobreados, fazendo-os esvoaçar como as labaredas de uma grande fogueira. O seu olho são estava esbugalhado de pasmo, tão brilhante que parecia transparente. Lentamente, ergueu um braço e apontou sobre as nossas cabeças, gaguejando:

— Como... Como é possível?

Segui a sua indicação e deparei com o trilho mágico.

Eu já perdera a conta às vezes que subira a Montanha Sagrada.

Todavia, nessa noite, cada passo que me aproximava do cume era especial. A mão de Edwin apertava a minha com tanta força, que quase magoava. No entanto, tal não se devia ao temor, mas à excitação do momento. O Guardião da Lágrima da Lua irradiava felicidade, porque a Pedra do Tempo não lhe retirara a sua graça. Isso significava que o seu espírito estava livre de qualquer corrupção.

Ivarr e Thora seguiam-nos, envoltos num silêncio solene. Decerto recordavam o dia em que tinham percorrido o trilho que se manifestara só para os dois, sobressaltados pela dúvida e pelo pavor de assumirem o mais ardente dos seus desejos. A crença popular de

que o corpo das jovens se alterava ao perderem a virgindade não passava de uma tolice, destinada a assustar as mais afoitas e mantê-las afastadas da tentação. No entanto, era indiscutível que Thora mudara desde que se deitara com Ivarr! Os seus olhos pareciam maiores, a pele mais brilhante, os lábios mais carnudos... até os seios e as ancas aparentavam ter crescido! A Loba Prateada estava mais bela e sedutora do que nunca. E, pela primeira vez, tinha consciência da sua feminilidade e divertia-se a atormentar o marido, com gestos subtis e olhares inflamados, que faziam o rei-lobo engasgar-se à mesa e atrapalhar-se durante as conversas com os amigos.

Por seu lado, o príncipe viking também estava diferente. Thora tornara-se o princípio e o fim da sua vida, como se nada mais existisse além dela. E esse sentimento refletia-se no olhar cristalino, ruborizava-lhe as faces, fazia-o sorrir a todo o instante... Eles estavam felizes. Estavam apaixonados. E, nesse momento, o amor que partilhavam era denunciado pelas batidas dos seus corações, troando como um só, ao ritmo dos cânticos que nos conduziam ao topo da Montanha.

Freya e Helgi vinham atrás. Apesar da gravidez avançada, era a minha irmã quem puxava pelo marido. O rei vândalo superara o temor que lhe prendera os movimentos, mas detinha-se a observar os pormenores do espetáculo que a magia nos proporcionava, a escutar os sons que acariciavam a nossa percepção, a sentir os odores que perfumavam o ar. Jamais tamanha beleza lhe fora revelada e o Espírito da Escuridão queria memorizar todas as sensações.

Quando chegamos ao topo da Montanha, perdi o fôlego ao verificar que a Pedra do Tempo se enfeitara para nos receber, estendendo-se até tocar o céu e resplandecendo como se todas as estrelas do universo bailassem no seu interior, num festival de cores que deslumbrava a visão. Aos nossos pés, o solo estava adornado com flamas que irrompiam da terra e se espalhavam como repuxos de água. Freya gritou de susto; depois, de encanto, ao descobrir que o fogo não queimava. Era até possível segurado nas mãos e deixado deslizar entre os dedos.

O nevoeiro que nos acompanhava colou-se à pele, conduzindo-nos até à mestra dos nossos destinos e dispondo-nos alternadamente ao seu redor. Helgi ficou ao meu lado, seguido de Thora, Edwin, Freya e Ivarr. Ninguém teve tempo de se interrogar acerca dessa estranha determinação, pois a vontade soberana da magia já juntava as nossas mãos, entrelaçava os dedos e estendia-os ao encontro da Pedra do Tempo. As respirações entrecortaram-se. Os corações dispararam a galope. Então, o nevoeiro místico acariciou-nos as faces... e penetrou-nos nas narinas, apossando-se das nossas consciências.

Ao flutuar entre a realidade e o mundo dos espíritos, compreendi o propósito da nossa vinda ao berço da magia da Terra. A Pedra do Tempo não tencionava reconhecer os reinos da profecia, da paz, nem da união, pois estes já se tinham declarado aos olhos do Homem e dos deuses. Desejava, sim, fundi-los, para que, sob o seu juízo, nos comprometêssemos perante o nosso próximo, estabelecendo um elo inquebrantável que se repetiria incessantemente, até ao infinito. Por isso nos colocara lado a lado; as minhas mãos nas mãos de Ivarr e Helgi, as mãos de Thora nas mãos de Helgi e Edwin, as mãos de Freya nas mãos de Edwin e Ivarr. No fim, a paixão de Throst e Catelyn não dera origem a três reinos, apenas a um: o reino do amor que todos aprendêramos a partilhar, capaz de vencer diferenças e rancores... Capaz de superar o impossível e atingir o inalcançável.

E esse foi o meu último pensamento, antes de mergulhar no universo estrelado da Pedra do Tempo e tornar-me parte dele.

Abri os olhos devagar e constatei que estava na caverna mágica, onde o meu corpo se restabelecera após o ataque de Aesa. O resplendor originado pela miríade de cristais que forravam as paredes destacava as estruturas alongadas e irregulares, que pendiam do teto e se erguiam do chão; estátuas sem forma definida, cintilantes e úmidas. Ao fundo, a cascata que alimentava a lagoa dedicava-me a mais terna das canções. A névoa colorida que a água libertava deslizava sobre o meu corpo, ajudava-me a suster, convidava-me a aproximar... colava-se à pele, cálida e molhada, impregnada com o perfume da terra virgem.

Incapaz de resistir, avancei em direção à lagoa. Mergulhei os pés descalços na água morna e apreciei as carícias das bolhas de ar que se libertavam do fundo rochoso. O meu corpo ardia de antecipação, enquanto o olhar se fixava na ilha de pedra. Eu já vivera esse momento, em sonhos maravilhosos e inconfessáveis. Agora, experimentava-o em carne e osso... Porém, com o conhecimento de uma descrição que se repetia, palavra após palavra, até o meu coração rufar como um tambor e a respiração se engasgar. Sabia que não me encontrava sozinha!

O Guardiã da Lágrima da Lua veio até mim, silencioso como uma sombra. O seu reflexo indistinto enfeitou a superfície da água, denunciando o corpo alto e forte, poderoso como um guerreiro excelso, sereno como um Sábio. E eu não o temia. Pelo contrário! Amava-o para além da razão, para além da carne e do espírito. Suspirei enlevada, quando me abraçou pelas costas e repousou o rosto nos meus cabelos. As suas mãos deslizaram-me sobre o ventre, tal como eu antecipara que fariam, acariciando o fruto do nosso amor. Inspirei o seu odor intensamente masculino, com uma ansiedade que queimava como fogo. Desejava-o com uma fome irracional, capaz de me obrigar a suplicar pelo seu ardor. Os nossos dedos entrelaçaram-se e os dragões mágicos, gravados nas tatuagens que nos enfeitavam os pulsos, animaram-se e fundiram-se num único ser magnífico, que voava em torno do Sol e da Lua, desenhando um círculo de poder que envolvia o mundo.

— Amo-te, Rainha do Sol... — murmurou o meu marido, beijando-me suavemente o pescoço. — Amo-te desde o dia em que nasci e hei de amar-te para além da morte.

Virei-me lentamente, quase como se receasse vê-lo desvanecer-se na névoa. Todavia, Edwin era real! E a nossa proximidade revelava que eu não era a única a suspirar de vontade.

— Vem... — murmurei, sedutora e esquiva, obrigando-o a seguir-me para dentro de água.

O Rei da Lua deixou escapar um urro selvagem e tomou-me nos braços, capturando os meus lábios e devorando-os com uma fome irracional. Sem nos separarmos, buscamos o apoio da ilha de pedra e apreciamos a sua frescura contra a pele ardente. O corpo de

Edwin completava o meu; guiava-me na enérgica dança da sua paixão... Até o nosso prazer extravasar da carne para água abençoada. Até o nosso amor assimilar todas as estrelas do universo.

Tornei a abrir os olhos e, desta vez, deparei com o azul infindável do céu. Sustive-me sobre um braço, inspirando o aroma das mais magníficas flores de Terra, que cresciam exclusivamente na Montanha Sagrada. O eco das vozes que nos tinham deslumbrado fora substituído pelo canto afinado dos pássaros, que voavam de árvore em árvore. Um pequeno cervo espreitava de entre os arbustos, sem mostrar receio. Os meus companheiros de aventura encontravam-se prostrados em torno da Pedra do Tempo. Porém, a ordem que o nevoeiro místico estabelecera fora alterada. Edwin estava ao meu lado e, ao fixar o seu rosto adormecido, recordei o nosso enlace na caverna de luz. Teria acontecido na realidade?

Thora acabara de acordar e espreguiçava-se languidamente. Quando me encarou, franziu a testa e olhou em redor, como se surpreendida. Quase em simultâneo, os restantes despertaram. A mão de Edwin buscou a minha e trocamos um sorriso. Ivarr ajudava Thora a levantar-se e também ele parecia atordoado. Então, o grito de Freya fez-nos saltar de susto.

Todos os olhares se voltaram para Helgi, sem saber o que esperar. O rei vândalo sentara-se e levava as mãos ao rosto. Percebi que tremia. A sua respiração acelerou com tal veemência, que se transformou num ronco profundo. Apreensiva, dei um passo em frente, tentando entender a causa de tamanha comoção. Então, ele baixou as mãos e descobriu a face.

Estaquei, perplexa, ao verificar que a cicatriz grosseira, que o punhal de Thora impusera ao lobo negro, desaparecera sem deixar vestígios... E que o seu olho cego tornara a ganhar vida; restaurara-se e cintilava, tão azul quanto o céu que se estendia sobre as nossas cabeças. Freya caiu-lhe nos braços, chorando compulsivamente. Todavia, foi para mim que Helgi olhou com uma interrogação muda, como se nem se atrevesse a erguer a voz.

— Foi verdade... — soluçava Freya. — Foi mesmo verdade! Que a deusa seja louvada!

— Como é possível? — murmurava Thora, estarecida.

Eu não tinha resposta para lhe dar e Edwin também abanava a cabeça, atônito. Após um instante de hesitação, o próprio Helgi tartamudeou:

— Eu... Eu julguei que fosse um sonho! Nós estivemos numa gruta com paredes cobertas de cristais... onde havia uma lagoa que libertava bolhas de ar quente...

— Nós também despertamos nesse lugar! — declarou Ivarr, apertando a mão de Thora.

— Pelos visto, todos passamos por lá! — replicou Edwin, em tom de gracejo.

— Mas... — Foi a minha vez de balbuciar. — Como... ?

O Rei da Lua encolheu os ombros, volvendo:

— Não sei! Talvez em momentos diferentes da nossa consciência, governados pela vontade da Pedra do Tempo. Isso pouco importa! O fato é que a água abençoada sarou o Helgi...

— Estás a dizer que essa lagoa tem poderes curativos? — atalhou Ivarr, incrédulo.

Edwin revidou sem hesitar:

— Eu acredito que a magia da Terra tem origem naquele santuário de luz. Sob a sua proteção, não sentimos fome, nem sede, nem dor. É como se o tempo parasse e nos preservasse. Por isso, o Dragão do Conhecimento que deu origem às Lágrimas do Sol e da Lua foi poupado à extinção massiva da sua raça e viveu para testemunhar a era do Homem.

Seguiu-se um longo silêncio, como se os prodígios revelados fossem demasiado extraordinários para a mente os assimilar. No fim, foi Helgi quem de novo se pronunciou:

— No instante em que mergulhei na lagoa, as bolhas de ar envolveram-me. Senti ardor, depois dormência... Contudo, isto jamais me passou pela cabeça!

Eu fixava o seu rosto iluminado de felicidade, sem parar de sorrir. E Thora não escondia o alívio! A sua mão desfigurara Helgi num momento decisivo da nossa história, quando estávamos longe de imaginar que nos tornaríamos aliados ou até amigos. Nos últimos

tempos, devia custar-lhe olhar para o cunhado e saber-se responsável pela sua mutilação.

Freya recuperara o controlo e debruçava-se sobre Helgi, inspecionando-lhe a pele com as pontas dos dedos. Ao convencer-se de que a sua cura não era uma ilusão, indagou maravilhada:

— Já pensaste nas vidas que podemos salvar com essa água, Edwina? As nossas crianças não tornarão a ficar doentes! Os velhos não sofrerão...

— Freya — interrompi, chamando-a à razão. — Isso não é assim tão fácil! A Montanha só revela a entrada para a caverna quando bem entende.

— E, mesmo que conseguíssemos levar a água a quem dela necessitasse, nada aconteceria — sustentou Edwin. — A magia só se concretiza no interior da gruta.

— Tens a certeza? — retrucou Freya, ofegante de frustração.

— Tenho a convicção...

— Mas não tens a certeza! — teimou a minha irmã mais nova, com tal ardor que Edwin acabou por se render:

— Não, de fato não tenho.

CAPÍTULO 17

A estação amena carregou as árvores de frutos, encheu os campos de verduras e cereais, engordou os animais nas pastagens e trouxe sorrisos de satisfação a todo o País dos Vikings. As jovens esposas dos guerreiros aproveitavam da melhor forma a paz anunciada. Era vê-las nos mercados, a exibirem com orgulho as barrigas redondas, que se empinavam sob as saias dos vestidos. Nos vários povoados, dificilmente se visitava uma casa onde não existisse, pelo menos, uma mulher prenhe. E as filhas do *jarl* Throst e da feiticeira Catelyn não eram exceção.

O rei Steinarr andava louco de alegria. No dia em que a gravidez de Thora foi confirmada, pensou organizar um grande banquete e reunir toda a família para celebrar. Contudo, Ivarr opusera-se terminantemente, para alívio da esposa. O príncipe já sofrera demasiadas decepções, para se prestar a festejos prematuros. Thora contou-me que valera a pena observar a cara do sogro, quando o filho lhe exigira que mantivesse a sua condição em segredo. A nossa mãe gracejava, dizendo que o rei mais parecia um caldeirão a ferver, coberto com uma tampa pesada. Um desses dias, haveria de explodir e gritar o seu júbilo aos quatro ventos.

Os meus pais também espargiam satisfação. As suas filhas tinham encontrado a felicidade e preparavam-se para lhes dar três netos. Throst e Catelyn podiam, finalmente, abstrair-se das obrigações e inquietações que, durante anos, os haviam ensombrado, e dedicar-se ao amor que os unia. A adaptação da prima Signy à Terra Antiga correria melhor do que esperávamos e não houvera necessidade de a minha mãe permanecer ao seu lado. O meu temor de que Signy não aprovasse o namoro de Eric e Helga revelara-se infundado. Um olhar bastara para que as duas ficassem amigas.

Apesar do peso e do desconforto que a gravidez lhe impunha, Freya não prescindia das suas visitas à Montanha Sagrada, a fim de

observar o treino de Thorson com a Lágrima do Sol. A evolução do meu sobrinho superava todas as expectativas. Por vezes, surpreendia-o diante da Pedra do Tempo, num silêncio reflexivo. Quando o questionava acerca do que estava a fazer, limitava-se a sorrir. Nunca me confessou se a Senhora da Magia lhe falava ou confiava Visões do futuro. E eu não insisti. Thorson era especial mas não deixava de ser um garoto. Se eu exigisse demasiado da sua essência, arriscava-me a quebrar-lhe o equilíbrio mental. Ainda que o incentivasse a aplicar-se no exercício da Arte, também tinha de conceder-lhe tempo para imaginar, para criar e brincar... para ser criança.

Não obstante estar constantemente ocupada e distraída, a minha ansiedade crescia à medida que a noite temida se aproximava. Naquele dia, os meus pais presentearam-nos com a sua visita e compreendi que tencionavam pernoitar conosco. Agradei a atenção, mas declinei com firmeza. Para o bem ou para o mal, queria estar só com Edwin, no momento em que a lua cheia se erguesse no céu. Essa seria a sexta vez que tal acontecia, desde que eu concebera. E, por mais que desejasse acreditar que a maldição de Aesa fora quebrada, era incapaz de controlar o pânico que me assolava a cada batida de coração.

O Sol desceu no firmamento e uma lua majestosa deu-se a conhecer, cintilando quase tanto como uma estrela. Com o passar do tempo, aproximou-se de tal forma da Montanha Sagrada, que mais parecia que nos desafiava a estender os braços e tocar-lhe. Ciente do meu tremor Edwin puxou-me para o interior da gruta que, no passado, servira de morada a “O Que Tudo Vê” e que, agora, se tornara o nosso lar, apelando:

— Vem... O que tem de ser já foi determinado, meu amor!

Não lhe respondi, mas permiti que me conduzisse e deitasse no conforto das cobertas. Encarei o teto de pedra com olhos apavorados. O meu corpo tremia tanto que se agitava convulsivamente. Tive de cerrar os dentes, para que estes não batessem. Esperava, a qualquer instante, experimentar a primeira picada na barriga que desencadearia a desgraça.

Edwin suspirou como se também buscasse dentro de si coragem para enfrentar o destino. De seguida, puxou-me contra o peito e afagou-me os cabelos com uma mão, enquanto a outra deslizava sobre o meu ventre. Retive o fôlego, percebendo que o nosso filho se movia ao encontro do seu calor. Acreditei que seria o fim... Todavia, nada senti, além de um leve torpor que me embalava os sentidos. O Rei da Lua entregou-me a sua energia curativa e eu não resisti. Pousei a mão sobre a sua e, de novo, o nosso filho mexeu-se. Imaginei que nós três nos quedávamos abraçados, diante da Pedra do Tempo... Depois, os meus olhos fecharam-se e adormeci profundamente.

O Verão estava a chegar ao fim. Apesar de a Primavera ser eterna na Montanha Sagrada, eu conseguia vislumbrar a queda das primeiras folhas, na Floresta dos Carvalhos. O Outono ia entrar de rompante e o Inverno desse ano nada teria de gentil. O rei Steinarr já o previa, por isso planeava percorrer o seu território, até às fronteiras mais remotas, a fim de se certificar de que nenhuma aldeia passaria necessidades durante a estação gelada. O meu pai ofereceu-se para acompanhá-lo, enquanto Ivarr ficava no castelo para atender às questões do governo. Tanto o rei como o *jarl* andavam bastante entusiasmados com a idéia. Seria uma viagem divertida e gratificante; uma aventura que faria recordar os velhos tempos da formação do reino viking.

A mais nova herdeira do trono vândalo nasceu dentro do tempo: uma menina rechonchuda e saudável que, tal como Thorson, era a cara do pai. No instante em que segurou a filha nos braços, Freya quase a virou do avesso, procurando uma marca que pudesse indiciar um mau presságio. Porém, a pequena Evalyn parecia livre de qualquer desígnio perverso da sorte.

Eu deslocara-me até ao reino vândalo, a fim de ajudar no parto. As primeiras contrações tinham apavorado Freya e, apesar de a nossa mãe estar ao seu lado, ela exigira que Helgi me fosse buscar. Só se acalmara quando me segurara a mão e, a partir daí, tudo decorrera com rapidez e normalidade. Emocionei-me ao ver o

soberano vândalo cumprir os rituais de reconhecimento e aceitação, perante a sua família e o olhar atento do *jarl* Throst. Contudo, mal apreciara a alegria de ver nascer a minha sobrinha, todas as atenções começaram a cair-me em cima.

A minha barriga estava extraordinariamente grande e o mínimo esforço punha-me a ofegar. Por vezes, tinha a impressão de que o meu ventre acabaria por rebentar ao mais leve toque. As exclamações de espanto e os comentários das mulheres da família de Helgi sucediam-se, inoportunos e incômodos. Algumas até declaravam nunca ter visto uma gravidez tão volumosa! Exasperada, deixei-as a falar sozinhas e abandonei a casa do rei, com a minha mãe a correr no meu encalço. Ao verificar que eu lutava contra as lágrimas, Catelyn sacudiu os caracóis negros e exclamou reprovadamente:

— Não acredito que te perturbes por tão pouco, Edwina!

— Estou assustada, mamãe — confessei angustiada. — Elas têm razão! A minha gravidez não é normal! Tenho medo...

Fui incapaz de concretizar em palavras o mais terrível dos meus temores. E se tivesse gerado um monstro? Alguma explicação devia haver para o que estava a acontecer! A todo o momento, a minha mente era torturada pela lembrança do horror de Estrid, quando pusera os olhos no filho. Ter-me-ia a sorte reservado um sofrimento semelhante? Será que vencera a maldição de Aesa, apenas para enfrentar outro destino abominável? As mãos de Catelyn repousaram suavemente no meu ventre. Os seus olhos límpidos fixaram-me com carinho, enquanto assegurava:

— O menino está bem, querida! Não te inquietes... É perfeito!

— Está claro que é perfeito! — gracejou Edwin, surgindo nas nossas costas. — É meu filho!

Eu saíra tão tempestuosamente que me esquecera dele. Respirei fundo quando me envolveu na proteção dos seus braços e murmurou com um sorriso terno:

— Estás proibida de dar ouvidos a invejosas! Quero ver-te tranqüila e folgada... — Voltou-se para a minha mãe e pediu: — Por favor, Catelyn, despeça-se do Helgi e da Freya por nós, e peça desculpa ao Ivarr e à Thora, por não esperarmos para cumprimentá-

los. Vou levar esta menina para casa e certificar-me de que come uma malga de sopa, antes de dormir.

A minha mãe pôs-se em bicos de pés para beijar-nos e requereu, com um suspiro de ansiedade:

— Cuida bem da minha filha, Edwin! Os próximos tempos serão difíceis... A cada dia, ela ficará mais sensível e inquieta.

O Rei da Lua aquiesceu, estreitando-me junto do peito.

— Não se apoquente, Catelyn... Eu olharei pela Edwina, de dia e de noite.

Os dias arrastaram-se. As semanas eternizaram-se. Quando o Outono trouxe os densos nevoeiros ao País dos Vikings, Thora e Ivarr vieram visitar-nos. A gravidez da Loba Prateada já se notava, mesmo por baixo da capa grossa. Apesar de se escusar a comentários, também ela arregalou os olhos, ao constatar o tamanho da minha barriga. Ivarr e Edwin permaneceram calados enquanto conversávamos. Não obstante a magia partilhada sob a aura da Pedra do Tempo, o Rei da Lua e o rei-lobo continuavam a tratar-se com frieza. Inclusive, Ivarr olhava em redor com um esgar crítico, como se questionasse a minha sanidade. Era fácil adivinhar os seus pensamentos tendenciosos: Como pudera eu rejeitar tudo o que ele me oferecera, para viver numa gruta? Como fora possível prescindir do conforto da sua cama, do colchão de penas de ganso e dos lençóis de linho perfumados, para dormir em cima de mantas cocadas, sobre um chão de pedra?

Helgi e Freya subiam regularmente a Montanha e passavam bastante tempo conosco. A amizade do Rei da Lua e do lobo negro fortalecia-se a cada dia. Os dois falavam do passado, sem constrangimentos. E essa troca de experiências ajudava-os a livrar-se das sombras que ainda lhes atormentavam os espíritos. Freya incentivava Thorson a seguir as minhas instruções no treino da Arte ou simplesmente amimava Evalyn, desejosa de que a pequenina jamais tivesse de se sujeitar às mesmas provações do irmão. Eu partilhava da sua esperança e esforçava-me por atenuar as dificuldades que surgiam no percurso de Thorson, incapaz de

sujeitá-lo à frieza e ao rigor que “O Que Tudo Vê” empregara na minha preparação.

Sempre que necessário, Edwin embrenhava-se na floresta e colhia os alimentos que nos sustinham. Na sua ausência, eu aproveitava para explorar a história do nosso mundo e estudar os incontáveis segredos que a magia ainda tinha para me revelar, através do legado que o meu bisavô deixara escrito em livros de inestimável valor e desenhado nas paredes da caverna.

Contudo, quando o Rei da Lua partiu nessa manhã, decidi atender a outra questão. Não podia continuar a adiar a resolução do dilema que tinha entre mãos. Dentro da minha bolsa estava um búzio encantado, cujo destino tinha de ser definido. Como a Montanha Sagrada não admitia objetos malignos no seu seio, eu fizera questão de submetê-lo ao seu juízo. O amuleto passara a prova, o que me obrigara a admitir que Luthia não o oferecera com intenções perversas. Ainda assim, não queria devolvê-lo a Edwin, nem conservá-lo mais tempo em meu poder. Todo o cuidado era pouco, perante a magia retorcida das sereias.

Enchi-me de coragem e trouxe o búzio à luz brilhante do dia. Dentro da minha mão, este manteve-se inerte e silencioso, como qualquer concha vazia, arrastada pelas ondas do mar até à praia. Recordei o príncipe Nereus e a sua demanda. Teria declarado guerra à prima e conquistado o trono do Povo da Água?

Caminhei até à Pedra do Tempo, com o búzio fechado na mão e a mente preenchida por pensamentos obscuros. Quedei-me diante da Senhora da Magia, orando por uma revelação que me mostrasse a decisão certa a tomar. Custava-me destruir o amuleto, agora que sabia não estar amaldiçoado. E se, tal como Edwin sugerira, nos viesse a ser útil no futuro? Pelo menos, uma coisa era incontornável: enterrá-lo sob a aura protetora da Pedra do Tempo estava fora de questão. Ali encontravam-se cinco pedras mágicas, aguardando a chegada das duas companheiras desaparecidas.

— Raios! — praguejei. — O que é que eu faço?

Senti uma brisa nos cabelos, que foi aumentando de intensidade até arrojá-los sobre os ombros. Mais parecia que o vento me empurrava na direção da floresta, para que a Montanha

providenciasse a resposta que eu tão ardentemente requestara. O que tinha a perder? Acedi ao seu impulso e deixei-me guiar.

O braço de ar encaminhou-me por entre as árvores, num trajeto irregular que me levou para o interior do bosque. Um alerta começou a pulsar-me na mente inquieta. Eu não devia afastar-me tanto de casa! A minha barriga estava tão grande, que nem via o chão onde pisava e tinha de avançar pé ante pé, a fim de não tropeçar. Se caísse, dificilmente me conseguiria levantar, para não falar nas conseqüências que daí adviriam para o bebé. Estava prestes a voltar para trás, quando o vento se ergueu do solo, agitando folhas e ramos, como se a Montanha estivesse atenta à minha apreensão. Nesse instante, o som de água fresca correndo livremente sobre um trilho de pedras chegou-me aos ouvidos, revelando para onde a magia me conduzia.

O ribeiro não era profundo, antes largo e acidentado, cheio de altos e baixos esculpidos na pedra pela correria da água. As suas margens eram instáveis e eu tinha receio de me aproximar. Porém, o espetáculo que a Natureza me oferecia era tão belo, que não resisti. Andei devagar, buscando o apoio dos troncos robustos das árvores. À minha frente estendia-se um manto oscilante de seda aquosa, resplandecendo ouro e prata. A própria rocha que lhe servia de leito cintilava como um escudo de ferro polido. A água vinha animada com muita força, o que indicava a existência de uma cascata, um pouco mais acima. Apurei a audição e escutei o seu canto veemente. Devia ser um espetáculo de deslumbrante beleza! Todavia, eu não ousava empreender a subida. Já fora tremendamente difícil e perigoso chegar até ali.

Junto à margem, deparei com uma pedra que possuía a forma perfeita para servir de assento. Deslizei sobre ela com um sorriso de satisfação. Mais parecia que a rocha se moldava ao corpo, qual cadeira almofadada, convidando ao repouso e até ao sono. A caminhada pusera-me exausta e a luz que me acariciava o rosto suplicava-me que fechasse os olhos. O búzio da princesa Luthia aninhava-se entre os meus dedos, mas a determinação da sua sorte já não parecia tão inadiável.

O som da água embalou-me, permitindo-me esquecer as inquietações. Após algum tempo, libertei a energia do espírito e viajei ribeiro acima, procurando a queda de água. Essa aventura terminou algures na margem oposta, onde uma majestosa árvore rasgava o solo pedregoso e se erguia com orgulho, até tocar o céu. Fixei o tronco robusto com um misto de curiosidade e apreensão. Algo se movia no interior do buraco que a sua base ostentava... Então, a criatura revelou-se.

Tratava-se de um felino de extraordinária beleza, menor do que um tigre mas muito maior do que um gato... e impossível de se confundir com qualquer um desses animais. Detinha um corpo musculado, patas extremamente robustas e um manto de pelo tão longo, que fazia inveja a um urso: branco, com manchas cinzentas e prateadas; algumas quase negras, outras praticamente indistintas, que se fundiam com o seu alvor. Possuía um focinho fenomenal, cheio de expressão, com tufos de pêlo nas orelhas e no queixo, os quais lhe caíam sobre o peito como a gola do casaco de um rei. Porém, o que mais me impressionou foi o seu olhar, salientado pelas riscas negras da pelagem: um abismo de luz, onde o verde e o azul se fundiam incessantemente, enquanto me fixava e decidia se eu era uma ameaça ou uma presa. Deu alguns passos cautelosos, evitando a água que nos separava. Descobri que se tratava de uma fêmea... e que estava prenhe. O seu rabo curto agitou-se nervosamente. Via-me como uma invasora no seu território. E não estava satisfeita! Emitiu um som cavo que me arrepiou da cabeça aos pés... De repente, encolheu-se e escancarou as presas, soltando um rugido aterrador.

Gritei e recuei bruscamente. Esbracejei no vazio, tentando proteger-me do possante predador. Porém, nada aconteceu. Abri os olhos e deparei com as copas das árvores da Montanha Sagrada. O ribeiro continuava a sua apressada corrida mas, da gata gigante, nem sinal. Eu adormecera e sonhara! O búzio... Onde estava o búzio?

Na minha atrapalhão, concluí que o deixara cair. O meu olhar voltou-se para a água, a tempo de surpreender o amuleto de Luthia a ser arrastado pela corrente. Ousei um passo, pensando que ainda

seria capaz de resgatado. No entanto, uma sensação de desconforto deteve-me. A minha saia estava encharcada! Será que a agitação do pesadelo me fizera escorregar para o ribeiro? Não! A água escorria-me pelas pernas... Jorrava do interior do meu corpo! Mas... Como podia ser? Ainda não era a altura devida para dar à luz! Eu tinha de regressar a casa. E depressa! Estaquei, trespassada por uma dor intensa... Era tarde demais!

— Edwin! — gritei a plenos pulmões, tão apavorada que mal conseguia respirar. — Edwin!

O Rei da Lua não devia estar longe, pois surgiu rapidamente, pálido como a neve, apelando o meu nome numa voz assustada.

— O bebê vai nascer — disselhe, mal recuperarei o fôlego.

A incredulidade cruzou-lhe a expressão. No entanto, manteve a calma e apoiou-me nos seus braços, enquanto demandava:

— Respira devagar. Vou levar-te para casa...

— Não! — repliquei, detendo-o. — Ajuda-me a deitar... E vai chamar a minha mãe.

— Mas, Edwina...

— Vai chamar a minha mãe!

E ele foi, correndo como um raio por entre as árvores da floresta. Forcei-me a sossegar; a coordenar a respiração. Já auxiliara dezenas de crianças a vir ao mundo. Era perfeitamente capaz de ter o meu filho! Além disso não estaria sozinha. Edwin e a minha mãe não tardariam a chegar. Respirar... O segredo era respirar...

— Faz força... agora!

A noite caíra sobre o País dos Vikings e a Montanha Sagrada. Porém, a Lua estava tão cheia e resplandecente que contrariava a obscuridade. Sobre nós, as copas das árvores agitavam-se suavemente, ao sabor de uma brisa gentil. Durante muito tempo, eu fixara o olhar nos ramos e tentara abstrair-me de tudo o resto. Respirara... Respirara... Até esquecer o medo. Respirara... Até esquecer a dor. Quando a ajuda chegara, encontrara-me tranqüila e preparada para o desafio que tinha de enfrentar. Afinal, estava em vantagem, comparada com as restantes mulheres! Estas tinham de suportar com bravura os suplícios do parto. Eu podia recorrer à magia para amenizá-los.

— Agora, Edwina! — repetiu a minha mãe. E eu obedeci. Escutei a exclamação de entusiasmo da senhora Doralia, que insistira em acompanhar Catelyn, ao ouvir Edwin anunciar a minha condição. Thora também viera, mas mantinha-se um pouco afastada, cumprindo as instruções das parteiras. Eu imaginava o quanto isso lhe custava. Dentro de algum tempo, seria ela quem ocuparia o meu lugar... Não fora a atribulação do momento, as suas caretas de horror haveriam de me provocar gargalhadas. Ainda assim, aguentava-se com firmeza.

A parte da minha percepção que divagava pelo exterior da realidade física distinguia a voz do meu pai, tentando serenar Edwin:

— Não te inquietes, rapaz! Muitas crianças escolhem nascer mais cedo...

— Edwina! — bradou a feiticeira Catelyn. E eu esqueci tudo, a não ser a força descomunal que afluía ao centro do meu corpo.

A dor rasgou-me ao meio, sem que houvesse magia que me acudisse. Sucederam-se exclamações e gritos que me sacudiram a consciência. Depois, o alívio sobreveio. Finalmente, um choro límpido, agudo, perfeito... O meu filho nascera!

— Parabéns, querida — murmurou a minha mãe, enquanto eu ainda pairava na doce dormência. — É um rapaz perfeito...

Não tive tempo para apreciar o conforto dessa informação. Num estalar de dedos, as dores regressaram com o dobro da intensidade, cortando-me o fôlego, fazendo-me bradar sem querer. Em menos de nada, eu voltava a ter duas mulheres entre as pernas... E o rosto lívido de Thora pairando sobre a minha cabeça qual fantasma terrificado.

— Ainda não acabou! — exclamava Doralia.

— Como foi que não me apercebi? — balbuciou a minha mãe. De imediato, deslizou para junto do meu rosto e tomou-o entre as mãos, dizendo: — Vais ter de te esforçar mais um pouco, Edwina! Vem aí outra criança...

— O quê...? — comecei, mas fui interrompida por uma nova contração.

— Respire, menina! — ordenava Doralia. Mas eu não conseguia. Estava esgotada... E suplantada pelo pasmo e o receio. Gêmeos! Por

isso a minha barriga crescera tanto! Por isso estava a parir antes do tempo! Como é que algo tão importante nos escapara?

— Faz força, Edwina! — apelou Catelyn, sem esconder a aflição.
— Tens de fazer força já!

O aviso ficou suspenso. Todavia, eu compreendia perfeitamente o seu significado. Estava prestes a perder o meu segundo filho...

— Edwina! — Thora prostrou-se de joelhos e apertou-me a mão.
— Tu és capaz! Esta é a mais importante das tuas batalhas... Luta, mana! Luta!

Ao longe, pareceu-me ouvir o rugido de dor de uma fera... A loucura fundia-se com a razão. Cerrei os dentes e obriguei-me a concentrar. Esse era, de fato, o mais importante de todos os combates que eu já travara. Perder não era opção! Com um urro determinado, fixei o olhar ardente da Loba Prateada... E lutei.

O teto da caverna onde Edwin e eu vivíamos ganhou forma, à medida que a consciência me sustentava. Como sempre sucedia quando era necessário, a minha mãe estava ao meu lado, alimentando-me com a sua energia curativa. Acariciou-me a testa e sussurrou:

— Não te esforces, querida... O perigo já passou!

O meu pai apertou-me a mão e declarou:

— Estou orgulhoso de ti! Foste muito valente, minha guerreira!

Abri a boca para perguntar pelos meus filhos, mas não cheguei a fazê-lo, pois Thora surgiu com um pequeno ser enrolado numa manta. Sentou-se entre os nossos pais e sorriu, exclamando num tom enlevado como eu nunca lhe escutara:

— Esta é a prenda que os deuses te ofereceram... Uma menina linda!

Deitou a bebê sobre o meu peito, com cuidado. As lágrimas subiram-me aos olhos, ao ver a minha filha pela primeira vez. Era, na verdade, uma prenda divina... A melhor surpresa que eu tivera em toda a minha vida!

— A mãe diz que ela é tal e qual a Freya e eu, quando nascemos
— afirmou a loba prateada, envaidecida.

De fato, além do seu aspecto franzino, a menina tinha cabelos negros como a noite. Quando lhe acariciei a face alva, fixou-me com o maravilhoso olhar verde-floresta, característico da família McGraw. Fez beicinho mas não chorou. A minha mãe já enunciava, satisfeita:

— É muito sossegada. Ainda não a ouvimos gritar. Já o irmão... Só se cala ao colo do pai! Edwin, vem mostrar o vosso filho à Edwina.

À medida que falava, a voz de Catelyn foi assumindo uma estranha rispidez. Seria impressão minha? Thora voltou a segurar a sobrinha com manifesta satisfação. Então, o Rei da Lua surgiu, embalando o nosso filho sem grande habilidade. Porém, não foi a sua falta de jeito que me impressionou. Foi o seu olhar! Edwin lutava contra as lágrimas... E não eram lágrimas de comoção, nem de alegria! O meu coração alvoroçou-se ante a sua hesitação. Impaciente, a minha mãe estendeu os braços para lhe retirar o bebê. Ele cedeu sem uma palavra e a sua expressão de pânico fez-me ofegar, aflita:

— O que foi? Há algo errado com o menino?

— Não, querida! — atalhou Catelyn, pousando o neto sobre o meu peito como Thora fizera. — O vosso filho é grande, robusto, perfeito...

— Mas? — indaguei, ciente de que, apesar de zangada com a atitude de Edwin, também ela não tivera coragem de concluir o que ficara por dizer.

O Rei da Lua desviou o rosto, com os braços caídos ao longo do corpo, num desalento impossível de justificar. Apressei-me a observar o meu filho. Foi então que vi os riscos negros na sua pele... E, simplesmente, parei de respirar.

— O menino trouxe a marca da profecia, tal como o Thorson — continuou Catelyn, resoluta. — Porém, mais do que a Freya, tu deves compreender que tal não tem de ser uma maldição!

Eu olhava para as costas do bebê e repetia que estava a viver um pesadelo. Ia acordar! Ia despertar e abraçar os meus filhos, sem aquela sensação de horror que me usurpava o contentamento; sem medo de olhar em frente e ver um futuro de trevas e destruição.

— O Thorson está a andar na direção da luz — prosseguiu a minha mãe, com uma firmeza inabalável. — O vosso filho fará o

mesmo! O destino estabeleceu as suas opções, mas não governa a nossa vontade. Essa é, apenas, mais uma barreira que teremos de derrubar!

O seu olhar severo ficou preso em Edwin, até que ele reuniu alento para se aproximar. Engoliu em seco, antes de se debruçar e envolver-nos no seu abraço. Nesse instante, os meus pais afastaram-se, concedendo-nos privacidade.

— Perdoa-me... — murmurou o Rei da Lua, junto do meu ouvido.
— Nem sei o que dizer! Só sei que te amo. Queria que fosses feliz...

A voz falhou-lhe, sufocada por um soluço. Virei o olhar para o menino... A semelhança com Edwin era impressionante! Os cabelos ralos que lhe enfeitavam a cabeça cintilavam como ouro e os olhos verdes piscavam, irrequietos. Respirei fundo e repliquei:

— Eu sou feliz... E o nosso filho também será! Ele é fruto do nosso amor... E receberá tanta luz, que jamais conhecerá a escuridão. — Acariciei-lhe o rosto torturado, antes de firmar: — A minha mãe tem razão, Edwin! Até hoje, as forças caprichosas que regem o nosso destino nunca levaram a melhor. E havemos de nos certificar de que assim continuará a ser! Nós somos uma família... E hoje vivemos a maior alegria que um homem e uma mulher podem partilhar!

Consegui arrancar-lhe um sorriso e permiti-me sorrir também. Edwin soprou o ar e volveu, com tamanha convicção que me arrepiou:

— Sim! Tu deste-me a maior alegria que um homem pode receber! Juro que jamais permitirei que algum mal se acometa sobre vós.

— Eu confio em ti — asseverei. E procurei-lhe os lábios, provando que nada abalaria o nosso amor. Quando tornei a observar o menino, os riscos que lhe marcavam a pele já não me pareceram um prenuncio de desgraça. Assim que os meus pais e Thora regressaram com a pequenina, Edwin dirigiu-se ao *jarl* e expressou o respeito e admiração que lhe devotava, terminando emocionado:

— Vós sabeis que eu não fui educado como devia. Não aprendi como fazer parte de uma família, nem o que é necessário para ser um bom pai...

Throst interrompeu-o, pousando-lhe as mãos sobre os ombros e replicando sobriamente:

— Para seres um bom pai só tens de amar e prover. E eu sei que jamais permitirás que algo falte à minha filha e aos meus netos. Quanto ao amor, a vossa história fala por si! — Sacudiu-o levemente, encorajando-o a encará-lo. — Nunca te contei, mas eu conheci Sigarr muito bem, privei com ele, combati ao seu lado... Apenas faço uma pequena idéia do que sofreste, mas tenho a certeza de que só um homem de extraordinária força e riqueza de espírito conseguiria sobreviver íntegro a tamanha provação. Não te preocupes... Nós estaremos ao teu lado, sempre que necessitares de apoio.

Com lágrimas nos olhos, vi o meu pai e Edwin abraçarem-se. Apertei a mão da minha mãe e sentime privilegiada por ser filha de Throst e Catelyn da Ilha dos Sonhos. Eles sabiam o verdadeiro significado do amor e, para além de o viverem intensamente, ainda possuíam a capacidade de partilhá-lo; de desbravarem os caminhos da felicidade, para que nós pudéssemos trilhá-los sem incidentes. Comovi-me, ao escutar o apelo rouco do Rei da Lua:

— Eu não sei o que fazer ou dizer quando uma criança nasce. Seria uma grande honra, se o Throst aceitasse celebrar os rituais de reconhecimento dos meus filhos. O *jarl* sorriu carinhosamente e respondeu:

— A honra será minha, pois também eles são minha carne e meu sangue! Aguardemos até o Sol nascer, para que recebam a luz divina e cresçam sob a sua proteção.

E assim foi. Mal a aurora despontou na Montanha Sagrada, o *jarl* Throst conduziu-nos até à Pedra do Tempo e, sob o seu testemunho, elevou os filhos dos Guardiães das Lágrimas do Sol e da Lua aos céus, pedindo que a bênção dos deuses e a sabedoria dos nossos antepassados os guardassem de todo o mal. Thora e Edwin ampararam-me, para que eu pudesse assistir a esse ritual mágico. No meu peito, a alegria fundia-se com a ansiedade e o temor. Aqueles pequenos seres eram o meu mundo e eu tudo faria para preservá-los e garantir-lhes o contentamento.

Ao lado do meu pai, a feiticeira Catelyn segurava a neta, enquanto Halvard recebia o toque da luz divina, que sustentava a vida e nos

libertava das garras gélidas da escuridão. Eu escolhera o nome do meu filho com cuidado, na esperança de que determinasse o seu futuro. Ele seria o guardião da Pedra do Tempo, o defensor dos cristais do Sol e da Lua, em vez daquele que os haveria de destruir, condenando, conseqüentemente, os povos da Terra à perdição.

A escolha do nome para a menina não fora fácil, uma vez que não esperávamos a graça de a ver nascer. No fim, a sugestão da minha mãe para que se chamasse Kelda recolheu aprovação imediata. Ela seria uma nascente pura, uma fonte de vida... Seria o apoio do irmão, se as trevas o aliciassem.

A minha mãe aguardou que eu me sentisse mais forte, tanto física como emocionalmente, para comunicar com extrema delicadeza que, devido às complicações originadas pelo parto, não poderia gerar mais filhos. Catelyn receava que a notícia me deixasse prostrada, mas limitei-me a acenar com a cabeça e pus o assunto para trás das costas. Na verdade, esse infortúnio não era, de todo, inopinado! A prática ensinara-me que, após uma experiência como a que eu suportara, as mulheres ficavam tão maltratadas que raramente tornavam a conceber. A minha mãe passara pelo mesmo, quando do nascimento das gêmeas. Para ela, tal anúncio fora devastador, pois sempre acalentara a esperança de gerar um filho varão. Comigo, tal não sucedia! Atendendo a tudo o que já sofrerá, ter dado vida a duas crianças saudáveis era uma verdadeira bênção.

Para além da aparência distinta, Halvard e Kelda também detinham personalidades opostas. Ele possuía um temperamento aguerrido, que exigia constante atenção e uma imaginação crescente, de forma a contrariar os seus berreiros ensurdecadores. Em contraste, ela era tão serena e contemplativa que chegava a tornar-se assustadora. Durante os primeiros dias, eu receara que fosse muda, pois ninguém conseguira arrancar-lhe um som. Agora, eventualmente, já se queixava quando tinha fome. E até na altura de alimentados as diferenças emergiam! Kelda era comedida e fácil de satisfazer, ao passo que Halvard mamava constantemente, com tal ímpeto, que eu temia não ter leite suficiente para saciado.

Por mais que a minha mãe ponderasse, não compreendia como a neta escapara à sua percepção. Certo dia, Thora gracejara, alegando

que o sobrinho fora tão dominante dentro do ventre, que a irmã tivera de se subjugar aos seus desígnios, escondendo-se deliberadamente a fim de sobreviver. Está claro que eu não acreditava em tamanha tolice! Devia existir uma explicação coerente para o fato de Kelda ter passado despercebida. Estaria relacionada com a magia de Melina? De que forma o poder da feiticeira influenciara as essências dos gêmeos? Teria Halvard absorvido a totalidade da energia? Só o tempo responderia a essas questões.

Dia após dia, eu observava o meu filho, como se ainda expectasse que os traços negros, desenhados nas suas costas pela mão pérfida do destino, acabassem por desaparecer. Contudo, tal como sucedia com Thorson, estes haveriam de se desenvolver lentamente; mudariam de forma e de espessura, assumindo tons que se assemelhavam às cores magníficas das asas de uma borboleta.

Freya chorara copiosamente quando descobrira o infortúnio do sobrinho. Mais parecia que já o imaginava a combater Thorson, num duelo de morte, movidos pela ambição de concretizarem a profecia do filho do dragão. Felizmente, ao contrário da esposa, Helgi não se deixara afetar por essa nova. O Espírito da Escuridão sabia bem o que era viver assombrado por um presságio... E provara que a sorte podia ser alterada! As palavras que proferira tinham-me coberto de alívio:

— Os dois devem ser criados como irmãos, treinar juntos e assimilar os mesmos conhecimentos. Se a fatalidade sobrevir, a sua amizade pesará no instante de todas as decisões... E prevalecerá!

Nesse dia, ficou estabelecido que Thorson viria morar conosco, logo que Halvard tivesse idade suficiente para iniciar o treino da Arte. Eu esperava que Freya opusesse alguma resistência, mas ela condescendeu sem argumentar. Decerto admitia que viver apartada do filho seria melhor do que vê-lo assassinar o primo ou ser morto por este. Quanto a Thorson, a idéia entusiasmou-o de tal forma, que já nem queria partir! A sua essência encontrava-se ligada à Pedra do Tempo e era na Montanha Sagrada que se sentia bem. O nascimento de Halvard não alterara a minha convicção de que Thorson estava destinado a tornar-se Guardião da Lágrima do Sol. Talvez o meu filho se revelasse compatível com a Lágrima da Lua... No entanto, eu

não podia opinar e interferir numa decisão que pertencia exclusivamente a Edwin.

O elo que se estabelecera entre Thora e a minha pequenina era surpreendente. Eu ainda me recordava de ouvi-la clamar aos quatro ventos que não tinha paciência para cuidar de pirralhos. A gravidez moldava a personalidade da minha irmã, tornava-a mais tranqüila e condescendente. Talvez por ter ajudado Kelda a vir ao mundo, sentia-se responsável por ela e não prescindia de visitá-la, sempre que os afazeres de herdeira do trono viking o permitiam. A certa altura, Ivarr engoliu a obstinação e começou a acompanhá-la. Comovi-me ao vê-lo com os meus filhos ao colo, exibindo ternura no olhar cristalino. Era bom saber que a amizade especial que sempre nos unira sobrevivera a todas as atribulações.

CAPÍTULO 18

O rei Steinarr e o *jarl* Throst eram recebidos com entusiasmo e aclamados por todo o País dos Vikings. Mesmo nas aldeias mais longínquas, as colheitas tinham sido proveitosas e as rotas de comércio encontravam-se restabelecidas. Os celeiros estavam cheios; os espíritos tranqüilos. O nosso povo preparava-se para enfrentar o rigor da estação gelada com um sorriso nos lábios. Tudo corria bem... Até aquele dia maldito mudar para sempre as nossas vidas.

Acordei com uma forte dor de cabeça. Apesar de ser noite cerrada, uma luz intensa irrompia pela entrada da caverna, espalhando a sua candência sobre o nosso ninho. Ergui-me devagar, olhando em redor. Edwin e os bebês dormiam profundamente e eu não queria assustá-los em vão. A Montanha Sagrada tinha muitas formas de se manifestar... Por alguma razão, eu fora a única que escutara o seu apelo.

Dirigi-me ao exterior com o coração alvoroçado. O nevoeiro colorido, que sempre nos dava as boas-vindas, assumira um tom escarlate e crepitava-me aos ouvidos, provocando-me calafrios à medida que me envolvia. Era como andar por entre labaredas... Só que, em vez de escaldante, a manifestação era tão álgida que cortava a pele. Diante dos meus olhos, a Pedra do Tempo flamejava qual fogueira que se estendia até ao céu. Rompi o nevoeiro e corri até ela, forçando as mãos a atravessarem as chamas, com um pressentimento danoso a torturar-me o espírito. De imediato, perdi a noção do que me rodeava e penetrei no universo das revelações.

Mal o olhar se habituara à brusca alteração de realidade, quase gritei de susto ao deparar com uma bola de fogo, que acometia contra mim a grande velocidade. Levei a mão ao rosto, na débil e improfícua tentativa de me proteger... Então, percebi que se tratava de um archote. E mais se seguiram, enquanto o grupo de guerreiros

desbravava a floresta cerrada, incentivando os cavalos a acelerarem o passo. Chovia torrencialmente e o ar gélido dificultava-lhes a respiração. A tempestade atrasara o seu progresso e ensombrara-lhes o ânimo.

Há muito que o meu pai, Steinarr e a sua guarda deviam ter chegado à última das aldeias que planeavam visitar nessa campanha. O chefe daquela terra era um homem valoroso, considerado um herói pelo nosso povo. Sempre que a ameaça da guerra mantivera o Norte em sobressalto, nunca falhara na resposta ao apelo do soberano com a sua força de armas. Agora, permitia-se finalmente descansar e desfrutar da honra de receber o rei e o Líder Supremo na sua casa.

O rio surgiu diante deles, selvagem, estridente, ameaçador. O abundante aguaceiro aumentara consideravelmente o fluxo das águas, fazendo-as galgar a ponte. Porém, não seria a fúria do rio, nem a impetuosidade do vento, que desviariam os vikings do seu objetivo. Os guerreiros atravessaram em fila, pisando as tábuas quase submersas com intrepidez. Já na outra margem, apressaram as montadas. A aldeia ficava para lá da barreira de árvores... Após uma viagem tão longa e dura, mal podiam esperar para ferrar os dentes num pedaço de veado assado e sentirem a cerveja fresca a escorregar pelas gargantas.

A vedação que delimitava o povoado estava iluminada por archotes, assim como as ruas no seu interior. Para além do assobio lúgubre do vento e das bátegas de água que a tempestade libertava, escutava-se o rufar de tambores, sinal de que a festa já começara. Ao avistar o rei e os seus homens, os guardas tocaram as cometas e abriram os portões, permitindo-lhes a entrada. Lá dentro, uma multidão de guerreiros ergueu os seus escudos e armas, saudando os visitantes. Porém, à medida que avançavam em direção à casa do chefe da aldeia, o soberano e o *jarl* foram franzindo o cenho e contendo as passadas dos cavalos. Algo estava errado! Por que é que o amigo não saíra de casa para recebê-los? E por que todos os homens ostentavam os seus elmos numa noite de festa? A não ser... que pretendessem esconder as feições! Steinarr e Throst trocaram um olhar significativo e levaram as mãos às espadas. Nesse preciso

instante, um homem irrompeu da sombra de um esconderijo, bradando a plenos pulmões:

— Emboscada, senhor! Emboscada...

Calou-se abruptamente; a cabeça estropiada por um machado arremessado com admirável perícia. Abri os olhos e deparei com um novo dia. A minha volta, não existiam vestígios da cintilação do nevoeiro místico, nem do fulgor ardente da Pedra do Tempo. O céu estava carregado de nuvens, que se sobrepunham e adensavam. Esse prenúncio de tempestade trouxe-me à memória a terrível Visão que me sujeitara. Se a tormenta ainda não se iniciara, talvez fosse possível evitar a desgraça! O meu pai... O meu querido pai...

— Edwin! — gritei com todas as forças, tentando sustentar-me. O solo balançou sob os meus pés, como o convés de um *drakkar* fustigado por ondas bravias. Caí prostrada, com um vômito a subir-me à boca. O Rei da Lua chegou nesse instante e tomou-me nos seus braços, indagando aflito:

— O que foi, Edwina? Diz-me!

— Uma Visão — ofeguei. — O rei Steinarr vai ser alvo de uma cilada...

— Quando? — interrompeu ele, sacudindo-me levemente para que fosse concisa. — Onde?

Contei-lhe o que me fora revelado e terminei entre soluços de agonia:

— Tens de me ajudar a chegar ao castelo. Thora e Ivarr devem partir de imediato...

— Tu não podes descer a Montanha — atalhou o Rei da Lua com firmeza. — Além de estares fraca, os nossos filhos precisam de ti. Eu irei.

— Edwin... — protestei, devastada pelo pranto.

— Sabes que tenho razão — retrucou. — Juro que tudo farei para salvar o teu pai! Pede por ele à Pedra do Tempo...

E desatou a correr, deixando-me para trás. Vi-o desaparecer, sem alento para mover um dedo. Por mais que me custasse, Edwin tomara a decisão certa. Arrasada como estava pela fraqueza e a comoção, só atrasaria o salvamento... Se ainda fosse possível salvar alguém! Os Mercenários do Norte eram guerreiros implacáveis e

estavam sedentos de vingança. Agora eu compreendia por que os esforços do rei Steinarr para lhes reencontrar o rasto tinham saído frustrados. O líder das bestas estava muito longe dos povoados que, há gerações, sofriam sob o seu jugo. Enquanto os Vikings firmavam a paz com os Vândalos e as nossas mentes se ocupavam com a caça aos mestres da Arte Obscura, os Mercenários tinham contornado o território e atacado a mais remota e improvável das fronteiras.

Um choro agudo rasgou o silêncio daquela manhã tenebrosa. Halvard acordara e exigia atenção. Levantei-me com cuidado, para que as tonturas não me derrubassem, e cambaleei até à caverna, com o coração apertado e a cabeça a latejar de dor. Por enquanto nada podia fazer, além de orar para que a minha terrível premonição não se concretizasse.

O céu vestiu-se de negro e as nuvens absorveram a tênue claridade do dia. Eu acabara de amamentar os meus filhos pela segunda vez, quando a feiticeira Catelyn surgiu à entrada da caverna, com uma expressão assombrada e olhos em sangue de tanto conter as lágrimas. Avançou até nós, qual alma penada forçada a percorrer o trilho da danação. Estendi-lhe os braços e o seu corpo descaiu sobre o meu, exausto, abatido, esmagado por um temor mais cruel do que qualquer martírio físico. No aconchego domeu peito, permitiu-se finalmente chorar. E o meu pranto juntou-se ao seu, inundando as nossas almas de desespero. Não trocamos uma palavra durante bastante tempo. Só quando Halvard acordou novamente, gritando como se lhe estivessem a arrancar a pele, a minha mãe se obrigou a reagir.

Kelda despertou com o berreiro do irmão, mas aguardou pacientemente a sua vez de mamar. Enquanto eu a alimentava, Catelyn embalava o neto e fitava as paredes da gruta com um olhar perdido. Senti os pêlos da nuca arrepiarem-se, quando se manifestou, numa voz trêmula e desprovida de esperança:

— Thora prometeu-me que galopariam como o vento e não se deteriam perante nada. Todavia, a aldeia que a Visão te revelou fica muito distante. Mesmo recorrendo a atalhos, será impossível lá chegar antes de a noite cair.

A pequenina bebia do meu seio com tranquilidade e delicadeza, ao contrário do irmão que quase sempre me magoava. Terminou e fixou-me com o seu olhar incrivelmente verde... Mais parecia que tinha algo para dizer, mas não conseguia! Engoli em seco, antes de encarar a minha mãe e replicar:

— Eu acredito que a Pedra do Tempo me avisou com a antecedência necessária. De outra forma, de que serviria o alerta? A tempestade ainda se está a formar... Devemos ter fé na clemência divina, mamãe! Após tudo o que lutamos; depois do que sofremos em nome da justiça e da paz, não merecemos tão brutal destino.

Catelyn baixou o rosto e acariciou os cabelos dourados do neto. Decerto as minhas palavras restituíram-lhe alguma confiança, pois a sua voz recuperou o ânimo, ao confessar:

— Eu pedi ao teu pai que não partisse. Até lhe falei nos netos, tentando demovê-lo! Porém, ele sorriu, como sempre faz quando argumento para mantê-lo ao meu lado. Replicou que, de todas as viagens que já empreendera, essa haveria de ser a mais segura. O que podia correr mal, agora que o seu sonho de concórdia se tornara realidade? Ele ama esta terra! É apaixonado pela sua gente... E adora o Steinarr! Não teve coragem de se recusar a acompanhá-lo.

O silêncio tornou a envolver a caverna, pois eu estava demasiado comovida para me pronunciar. Kelda adormeceu. Halvard rabujou e a minha mãe presenteou-o com uma canção de embalar. Enquanto a sua voz doce e límpida me acariciava os ouvidos, busquei alento para dispersar a névoa que me toldava o espírito. Afinal, por que nos deixávamos prostrar, quando nada estava perdido? O prenuncio da Pedra do Tempo era negro, mas a esperança ainda não fenecera! Quando a cantiga terminou, respirei fundo e declarei o que me passara pela cabeça, concluindo:

— O vosso amor foi abençoado pelos deuses, mamãe. Nenhum Homem vos há de separar!

Catelyn sacudiu a cabeça e voltou com amargor:

— Esqueces que eu testemunhei a desventura do teu pai, numa Visão?

— Às mãos de Gwendalin! — contrapus, obstinada. — E a bruxa está morta! Além disso, não existem mulheres no exército dos Mercenários do Norte. Logo, não me parece que devamos rezear esse infortúnio! Temos de nos acalmar e restabelecer as nossas essências, para que, mesmo distantes, possamos lançar luz sobre aqueles que amamos.

Nesse dia, orei à Pedra do Tempo, aos deuses dos meus antepassados e até à estranha força que prostrara o feiticeiro Esteban, na esperança de que alguém me escutasse e atendesse. A minha imaginação voava, conjecturando mil possibilidades. Talvez Ivarr e Thora conseguissem interceptar os nossos pais antes de chegarem ao rio. Na Terra dos Carvalhos mal chovera, apesar de o céu estar carregado de nuvens negras. Parecia que a tormenta se concentrava a sul, tal como a Visão me mostrara.

A conversa com a minha mãe deu-me alento para reagir. Quando a noite chegou, sentei-me diante da fogueira e abracei a magia que me palpitava no sangue. Os gêmeos tinham acabado de adormecer, por isso dificilmente seria interrompida. Sem que necessitasse de chamá-la, Catelyn surgiu ao meu lado, pálida como cera. Durante anos, eu habituara-me a ouvir aqueles que nos rodeavam elogiarem a sua beleza delicada e imaculada frescura. A idade parecia não ter passado pela minha mãe, graças à sua ascendência feiticeira. Contudo, ao longo desse dia, eu vira a sua pele perder o brilho, as rugas vincarem-lhe a testa, os lábios secarem e decaírem...

— Edwina...

A ansiedade no seu apelo fez-me respirar fundo. A ignorância era uma agonia que matava em silêncio. Tal como a minha mãe, eu já não suportava a escuridão gélida do desconhecimento. Ergui a Lágrima do Sol diante do peito e fixei o olhar verde-floresta uma última vez. Catelyn haveria de se manter ao meu lado em todas as tribulações. A sua mão pousou na minha perna, pronta a ceder-me energia, se necessário. Tremia. E eu tremia com ela. O nosso futuro podia estar a decidir-se nesse preciso instante! Vi as chamas da fogueira refletirem-se na superfície cintilante do cristal... e libertei a mente, num mergulho alucinante através das trevas da noite, em busca da essência do Rei da Lua.

A luz oscilante dos fochos perturbava as sombras da floresta cerrada. Ivarr e Thora cavalgavam sem hesitação, auxiliados pelo instinto dos lobos que habitavam os seus espíritos. Ragnar, Bryan, Darrin e Edwin seguiam-nos com igual destreza. E, atrás dos príncipes vikings e da sua guarda, galopavam todos os guerreiros que se encontravam nas imediações do castelo, na altura em que a funérea mensagem fora entregue.

Mal toquei a mente do Guardiã da Lágrima da Lua, esta abriu-se para me receber. Julguei que tentaria convencer-me a recuar... Porém, consentiu a fusão das nossas essências, permitindo-me ver com os seus olhos, escutar com os seus ouvidos, sentir com a sua pele... O conflito das energias que guerreavam na tempestade não lhe passava despercebido, deixando-o nervoso e apreensivo. A sua expectativa de alcançar o rei viking e o meu pai estava perdida. Restava-lhe alimentar a esperança de chegar a tempo de evitar a consumação da desgraça.

Os príncipes avistaram finalmente o rio que os separava da aldeia. Parará de chover, mas o vento não dava tréguas, soprando com uma ferocidade irascível. A ponte que permitiria a passagem do exército viking acabara de desaparecer, destruída pela água que corria com uma violência brutal. As tábuas de madeira tinham sido arrancadas dos pilares e as cordas grossas que ajudavam na travessia flutuavam revoltas, sob o ímpeto da corrente.

— Pelas barbas de Odin! — praguejou Ivarr.

— Maldição! — vociferou Thora, à beira do desespero.

— E agora? — indagou Ragnar, fitando o rio com olhos esbugalhados de pasmo.

— Não há outro lugar onde possamos atravessar? — questionou Darrin.

— Há — respondeu Bryan, rangendo os dentes tal a frustração. — Mas fica demasiado longe.

— O que vamos fazer? — tornou Ragnar, desnorteado.

— Vou passar, nem que seja a nado! — rugiu Ivarr, descontrolado pela ira.

— Estás doido? — objetou Bryan, segurando-lhe o braço como se receasse vê-lo concretizar esse intento. — Se as rochas não te

rasgassem ao meio, morrerias afogado!

— Eu posso ajudar — intrometeu-se Edwin.

— Ai, sim? — porfiou o rei-lobo com maus modos. — És capaz de fazer surgir outra ponte, com um estalar de dedos?

O Rei da Lua mirou-o de esguelha, mas não revidou. Sem delonga, cruzou a margem alagada e lamacenta, quedando-se mais próximo da veemência do rio do que a prudência aconselharia. Encharcado até aos ossos, agachou-se e mergulhou as mãos na água. Darrin correu no encalço do irmão, receoso de que este fosse arrastado pela corrente. Ivarr apertou os punhos; as faces corando de fúria à medida que o tempo passava e nada sucedia. Preparava-se para rugir de impaciência, quando Thora o deteve. Darrin libertou uma exclamação de pasmo e encanto, ao ver o rio saltar sobre as mãos de Edwin.

— Ele está a forçar o ar a entrar na água — murmurou Bryan perplexo, enquanto a parede aquosa se erguia no vazio, para voltar a cair um pouco mais à frente. O arco perfeito deixava o leito pedregoso a descoberto, formando uma passagem suficientemente larga para que dois cavalos caminhassem lado a lado.

A Loba Prateada libertou o braço do marido e tornou a montar o seu garanhão negro, contestando num tom repreensivo:

— Não é uma ponte, Ivarr, mas serve perfeitamente!

O aparecimento de um corredor sob a exaltação do rio pusera os Vikings boquiabertos. O príncipe obrigou-se a recuperar da sua própria surpresa e deu ordem para prosseguirem. O barulho resultante da subida e queda da água era ensurdecador. Thora bem que apurava a audição, tentando escutar para além do estridor que a rodeava. No entanto, era impossível saber se, mais à frente, uma batalha se desenrolava.

Ao passar por Edwin, Ivarr gritou do cimo do seu cavalo:

— Devo-te um pedido de desculpa.

O Rei da Lua encarou-o, com a testa banhada de suor devido à concentração que o sortilégio exigia. Estreitou o olhar verde e replicou sem cortesias:

— Poderás agradecer-me quando o teu pai estiver salvo. — Afrontado, o príncipe instigou o cavalo a galopar sobre o leito do rio.

O exército seguiu-o. Quando o último homem alcançou a margem oposta, Edwin susteve-se. Só então se apercebeu de que Darrin permanecera atrás de si, aquietando o seu cavalo. O jovem guerreiro sorriu com sinceridade e declarou:

— Tenho orgulho de ser teu irmão!

O Rei da Lua não contava com tal afirmação. Engoliu em seco e volveu comovido:

— Obrigado. O teu afeto significa muito para mim.

Cavalgaram através do corredor de água... E o rio fechou-se nas suas costas, com um fragor enraivecido.

Incapaz de aguardar que o progresso dos guerreiros os conduzisse ao seu destino, a minha essência deixou o Rei da Lua para trás e rasgou a floresta. No interior da vedação iluminada por archotes, os Mercenários do Norte festejavam. Devoravam a comida que o chefe da terra mandara preparar para servir de repasto ao rei Steinarr e à sua comitiva, e brindavam com gargalhadas estridentes, usando os cadáveres dos guerreiros vikings como assento para os traseiros e apoio para os pés.

A porta da casa grande fora deixada entreaberta e, na principal parede do salão, os invasores expunham o senhor do povoado... Ou o que dele restava! Os mercenários haviam-no pregado à madeira com punhais e usado o seu corpo como alvo para o arremesso de machados. Alguns pedaços do cadáver estavam presos às tábuas, outros tinham tombado no chão. Para onde quer que se olhasse, havia pessoas esquartejadas. A maior parte eram mulheres e crianças: as esposas do chefe viking e os seus filhos, as irmãs e os sobrinhos, as criadas que se preparavam para servir o repasto, no instante em que a aldeia fora atacada.

Forcei os olhos da essência a percorrerem o cenário atroz, com as entranhas reviradas e o coração a ribombar no peito. Um movimento subtil capturou-me a atenção e atraiu-me para a zona mais reservada do salão. Um homem acabara de acender um rolo de ervas de fumar e levava-o aos lábios, inspirando o fumo com ruidoso êxtase. Apesar de não ser alto, era largo e sólido como um tronco. Os seus cabelos pretos e sebosos realçavam a pele pálida do rosto desbarbado, onde olhos escuros e rasgados cintilavam de excitação.

O seu entusiasmo era alimentado pela visão de dois guerreiros vikings, que se encontravam atados com cordas grossas aos pilares que suportavam a estrutura da casa, frente a frente, de modo a observarem com clareza o sofrimento infligido ao companheiro.

A cabeça do rei Steinarr pendia para o chão, encoberta pelos longos cabelos negros. Um fio de sangue escorria-lhe dos lábios, formando uma poça aos seus pés. Estava inconsciente... ou morto. Obriguei-me a avançar até ao prisioneiro que sabia ser o meu pai. Throst, filho de Thorgrim, batera-se com grande valor e decerto prostrara muitos inimigos, antes de receber a bordoadada na testa que lhe rachara o crânio. A ferida sangrava abundantemente e impedia-o de abrir um olho. O outro, tão azul quanto o céu da Ilha dos Sonhos, fixava o seu algoz com uma indiferença gélida. Um a um, o *jarl* vira morrer os seus homens e não guardava ilusões quanto à própria sobrevivência.

Gritei. Bradei o meu horror com todo o ímpeto da essência, até o clamor se sobrepôr à razão. Depois, através do elo que partilhávamos, senti o choque da minha mãe e a sua dor: um tormento cruciante, que destroçava a alma e rasgava o coração. Acreditei que ia perder os sentidos... Então, através da cortina de névoa que me toldava a consciência, a voz de Edwin atingiu-me, prendendo-me àquela abominável realidade: "*Aguenta-te firme, Edwina! Nós estamos a chegar!*"

— Este fumo é excelente! — A voz do líder dos mercenários chicoteou-me a percepção. Tentei respirar com calma e suplantar o temor. O Rei da Lua tinha razão. Se nos vergássemos ao desespero, que esperança restaria ao meu pai?

— Os Vikings tratam-se bem! — continuou a repugnante criatura. — Comida, cerveja, erva e mulheres com fartura! Não admira que estejam a ficar moles!

Aproximou-se do meu pai e soprou-lhe o fumo para os olhos. Throst conteve-se de piscar, mas revidou, cuspidando-lhe contra a cara. O outro recuou e levou a mão à face, rosnando qual cão raivoso. Girou nos calcanhares como se pretendesse afastar-se... Porém, voltou-se de repente e usou todo o impulso do corpo para aplicar um murro no estômago do *jarl*, que o fez perder o fôlego e

inclinou-se sobre as cordas. Quando teve a cabeça do meu pai caída ao nível da sua, agarrou-lhe uma madeixa de cabelo e fremiu ameaçador:

— Sabes por que ainda vives, Lobo Cinzento? Não é, decerto, por minha vontade! Contudo, devia um favor a uma velha amiga... E nunca se recusa o pedido de uma senhora!

Ante essas palavras, a cortina do quarto mais próximo abriu-se de rompante e uma mulher deu-se a conhecer. Era alta, ruiva e voluptuosa. Os seus olhos verde-tempestade coriscaram de deleite, ao depararem com a sujeição do *jarl*. Não obstante o esforço que fazia para se manter impassível, o meu pai foi incapaz de esconder a surpresa e o asco que o fulminavam, ao encarar a sua antiga noiva. Eu gelei, terrificada... E a onda de fúria que percorreu a minha mãe turvou-me a visão. Quando a recuperei, já a mulher se quedava diante do *jarl*, fixando-o com um sorriso triunfante, ao indagar:

— Recordas-te de mim, Throst?

Orei para que ele não lhe respondesse. Porém, desta feita, não se conseguiu dominar. A sua voz vibrou, alterada pela revolta:

— Como te poderia esquecer, Halldora?

O sorriso da viúva do príncipe Siguror do povo vândalo tornou-se jocoso. Sem o menor decoro, ergueu os braços e envolveu as faces do meu pai entre as mãos. Depois, apreciando o momento, beijou-o nos lábios com exaltada paixão. Contudo, o seu ardor foi fenecendo, ao compreender que, por mais que se esmerasse, não seria correspondida. Retrocedeu, por fim, deixando a cabeça tombar para trás e soltando uma gargalhada azeda, antes de motejar:

— Tempos houve, em que eu teria morrido por um beijo teu! E tu, Throst, algum dia imaginaste que a tua morte seria ditada por um beijo meu?

O *jarl* sacudiu a cabeça e volveu, num tom pejado de repulsa:

— Como é que te podes orgulhar de chafurdar na podridão?

Halldora empinou o nariz e retrucou, altiva:

— Tu fizeste de mim a mulher que sou, primo! Por tua causa, passei de senhora a escrava... Tive de aprender a sobreviver! Era pouco mais do que uma criança, quando fui vendida aos Vândalos...

Aesa estendeu-me a mão e ensinou-me muitas coisas! Deu-me a vida que eu merecia, em troca de pequenos favores.

— É por gratidão a Aesa que serves o assassino do teu marido? — replicou o meu pai, secamente. — Ou a traição corre-te no sangue?

Os olhos de Halldora piscaram, denunciando que fora apanhada desprevenida. As afirmações do *jarl* feriram de tal forma o seu orgulho, que sentiu necessidade de se justificar:

— Eu não podia continuar na aldeia, após a morte da rainha! Snari odiava-me... e a minha própria filha insurgia-se contra mim! Siguror não me deu atenção, quando lhe falei das ameaças que recebera. Estava demasiado preocupado com o destino do seu povo! Por isso, decidi partir e pedir proteção ao rei Rulav... — Trocou um olhar com o mercenário, que eliminava quaisquer dúvidas quanto à natureza dos favores que cedera a pedido de Aesa. — E ainda bem que o fiz! Os Vândalos venderam a alma aos Vikings... Porém, mais depressa eu me lançaria ao mar, do que me vergaria diante de ti e de Steinarr!

— És, sem dúvida, uma mulher muito corajosa! — escarneceu o meu pai. — Nas profundezas do submundo, Gunnulf e Arnorr hão de estar orgulhosos...

O berro de Halldora sobrepôs-se ao vozeio dos cruentos festejos dos mercenários. Num ímpeto furibundo, esbofeteou o *jarl* com tanta força que lhe rebentou os lábios. Depois, deteve-se a olhá-lo, tremendo de ira e frustração, enquanto grazinava:

— Filho de uma cadela! Odeio-te... Odeio-te tanto, que suportei anos de humilhações só porque sabia que, mais cedo ou mais tarde, o destino me recompensaria com a oportunidade de te matar! — Tornou a abeirar-se do meu pai; o rosto deformado de sanha, ao acrescentar: — Agora que o nosso momento chegou, não te arrependes do mal que me fizeste? Não vais implorar por clemência, primo?

Throst bufou de desprezo, replicando:

— Tu és a única responsável pela tua desgraça! Não esperes ouvir uma súplica da minha boca... Já devias saber que não temo a morte! A vida deu-me muito mais do que eu almejava ou merecia. Conheci o verdadeiro significado do amor, da felicidade...

— Basta! — sibilou Halldora, levantando a mão para repetir a agressão.

— Basta, digo eu! — vociferou o líder dos mercenários, agarrando-lhe o braço. — Esta conversa mais parece um arrufo de namorados... Quero ver sangue, mulher!

Dito isso, pôs a adaga que trazia à cintura na mão da amante. Halldora fixou Rulav com os olhos a chamejar. Por um instante, acalentei a esperança de que uma luz lhe iluminasse o espírito. Se ela matasse o mercenário e libertasse o *jarl*... Todavia, o ressentimento da pérfida criatura jamais lhe permitiria um vislumbre de razão. A cada fôlego, ficava provado que Halldora não esquecerá o meu pai. Ainda o amava! E porque o amava, odiava-o pela sua indiferença, pelo seu desdém... Odiava-o porque jamais desfrutaria do seu amor! E esse era o rancor mais perverso que podia envenenar um coração.

— Pois sangue vereis, senhor! — arquejou, rouca de comoção. Virou-se para o meu pai com a adaga em punho... Então, um tumulto agitou o povoado. O ressoar de vozes e o estrondo de armas foi crescendo de intensidade, até se tornar impossível de ignorar. Halldora ficou-se, com um esgar interrogativo... E o mercenário bramiu uma praga, marchando para a porta:

— O que raio...?

A porta escancarou-se, saltando dos gonzos. Ivarr surgiu, tão colossal quanto o lobo branco que habitava a sua essência, empunhando a espada com uma exaltação feroz. De imediato, Rulav desembainhou a sua arma e acometeu adiante. O Espírito da Luz empenhou-se na luta, forçando-se a ignorar o pesadelo que os olhos lhe impingiam. Já lobrigara os nossos pais amarrados, ao fundo do salão... Todavia, nada podia fazer para ajuda-los, enquanto o selvático líder inimigo não tombasse.

Mais guerreiros irrompiam pela casa. Mercenários e Vikings batiam-se, num recontro final. Thora livrou-se do colosso que lhe barrara o caminho e precipitou-se para o nosso pai. Só então viu Halldora, que se ocultava por trás do *jarl*. E a adaga que esta empunhava...

— Afasta-te! — ordenou, aproximando-se com cautela. Contudo, em vez de se atemorizar, a mulher urrou ensandecida.

Agitou a adaga com uma irascibilidade enérgica e ameaçadora, tentando impedir o avanço de Thora. Sutilmente, a Loba Prateada levou a mão esquerda ao punhal que guardava no cinto, oferecido pelo nosso pai no dia da sua iniciação. Teria de ponderar muito bem o arremesso, uma vez que Halldora continuava a usar o corpo do *jarl* como escudo.

— Afasta-te! — repetiu a minha irmã, ofegante de indignação. — Não te tornarei a avisar...

De súbito, Halldora guinchou; a voz esganiçada sobrepondo-se à estridência que perturbava o salão. Sem que ninguém o pudesse prever, acometeu com toda a garra... E enterrou a arma no peito exposto do *jarl*.

Estaquei petrificada, com o brado da minha mãe a ecoar-me na mente. Edwin acabara de chegar... Eu sentia-o, mas não o distinguia, tal o horror que me tragava. A minha essência rodopiava, totalmente desnorçada, completamente perdida. Ivarr trespassava Rulav com a sua espada, uivando de fúria. Thora investia contra Halldora, que desenterrara a adaga encharcada de sangue e preparava-se para desferir outro golpe. Catelyn gritava por Throst dentro da minha cabeça. O meu pai... Eu não conseguia ver o meu pai!

A Loba Prateada derrubou a mulher de cabelos rubros, impondo-lhe uma queda aparatosa. A assassina deixou cair a adaga e nem tentou defender-se. Com um sorriso desvairado, enfrentou o olhar da minha irmã e vangloriou-se:

— Throst não será meu... Mas também não será de mais ninguém!

A lâmina do punhal de Thora resplandeceu à luz das tochas... E desapareceu dentro do crânio de Halldora. Depois, sem perder tempo, a minha irmã acudiu ao nosso pai. Ivarr acabara de chegar junto de Throst. Bryan e Darrin já se apressavam a desatar as cordas que o prendiam ao poste. Engasgado em sangue, o *jarl* pedia ao príncipe que socorresse o rei. Desfaleceu nos braços da filha

guerreira, que o amparou com os olhos esbugalhados de pavor, estrangulada na própria respiração.

— Papai...

— Thora... Querida Thora...

— Não fales! — suplicou ela. — Poupa as forças para o regresso a casa.

Através das lágrimas que a minha essência não podia chorar, vi o meu pai sorrir. As suas mãos feridas apertaram as da Loba Prateada, enquanto cuspi o sangue que lhe inundava a boca, para conseguir murmurar:

— Desta vez não... A jornada do Lobo Cinzento terminou.

A minha irmã desatou a chorar, sacudindo a cabeça em negação. No salão infestado de morte, a batalha chegara ao fim. Os Vikings tinham chacinado os Mercenários do Norte. No entanto, ninguém festejava. Não existia garganta capaz de articular um som. Apenas os soluços desesperados de Thora feriam o silêncio. E a voz rouca do *jarl*:

— Escuta... Tu és forte! Protege a nossa família... Guia o nosso povo... — Tossiu e só a custo prosseguiu: — E diz... Diz à tua mãe que parto satisfeito, porque ela me mostrou a luz... Agora sei para onde caminhar! E ficarei à sua espera... Até que o destino nos torne a unir...

As suas palavras já mal se percebiam. O fôlego atrapalhava-se e falhava. O olhar azul celeste revirava-se. Eu, Guardiã da Lágrima do Sol, era capaz de gelar rios, de abrasar florestas, de mover montanhas... Porém, nada podia fazer para salvar o meu pai!

— Throst! — Edwin ajoelhou-se ao seu lado, apertando-lhe a mão e impondo-lhe energia curativa com tal ardor, que o obrigou a reagir. — A viagem do Lobo Cinzento não tem de terminar aqui! Eu posso ajudá-lo a chegar ao castelo... Por favor, não se entregue ainda!

A respiração gorgolejante do *jarl* voltou a ecoar no silêncio oprimido do salão. O seu olhar mortíço fixou Edwin, como se enxergasse para além dele e se apercebesse da minha essência; da aura da sua amada esposa. Os lábios lacerados estremeceram, ao balbuciar:

— Ver Catelyn... Seria... um sonho...

— Juro que tornarei esse sonho realidade — asseverou Edwin, com uma determinação férrea. — É o mínimo que posso fazer por si!

Os dedos do Lobo Cinzento envolveram-lhe a mão, enquanto afirmava:

— És um bom homem! Tens a minha gratidão...

E os seus olhos fecharam-se, já sob a influência do encantamento lançado pelo Guardiã da Lágrima da Lua. A viagem de regresso seria longa e o meu pai devia preservar a réstia de alento que ainda o animava, se queria concretizar o seu último desejo.

Steinarr era um homem rijo. Poucos guerreiros teriam subsistido à tortura que lhe fora infligida. Apesar de não correr risco de morte, movê-lo estava fora de questão. Por essa razão, Ivarr decidiu ficar com o pai na aldeia de fronteira. De qualquer maneira, acompanhar Throst seria inútil, uma vez que nada podia fazer por ele. Só Edwin detinha o poder de segurar o *jarl* à vida.

Nesse dia de pesadelo, Thora também foi confrontada com uma escolha terrível. O esforço da campanha, combinado com as violentas emoções que experimentara, afetara-a profundamente. Começou a sentir picadas na barriga, cuja intensidade aumentava a cada fôlego. Se teimasse em montar a cavalo, decerto perderia o bebê. Com o coração despedaçado, disse adeus ao pai e viu-o partir, escoltado por Edwin, Bryan, Darrin e uma dúzia de guerreiros empenhados em garantir a segurança e o conforto do Líder Supremo, na sua derradeira viagem.

Apesar de vitorioso, o exército do príncipe Ivarr tinha pela frente a penosa tarefa de separar cadáveres e certificar-se da passagem digna dos seus companheiros. Não obstante a morte em combate ser considerada a maior das honras, quando se tornava necessário cremar famílias inteiras, a revolta sobrepunha-se a quaisquer sentimentos de glória. Nem os bebês haviam sido poupados à bestialidade dos Mercenários. As poucas mulheres e crianças que tinham fugido para a floresta regressavam e choravam os pais, os maridos, os filhos e os irmãos perdidos. Se essa era a paz que a profecia dos Três Reinos anunciara para o Norte, a Guardiã da Lágrima do Sol começava a duvidar seriamente da sua vocação.

CAPÍTULO 19

Eu segurava a mão do meu pai, como se fosse o tesouro mais precioso da Terra. Freya chorava desalmadamente, prostrada de joelhos, com os braços sobre a cama onde o *jarl* repousava. Ao nosso lado, Catelyn da Ilha dos Sonhos fixava o marido, destroçada por uma agonia que jamais conheceria alívio. As suas lágrimas tinham secado nos olhos negros de sofrimento. Em breve, o grande amor da sua vida partiria para nunca mais voltar.

O sonho de um breve reencontro ficara por concretizar... Não por culpa de Edwin! O Rei da Lua fora muito além das suas reservas de magia, na tentativa de sustentar o meu pai. Contudo, o ferimento do *jarl* possuía tamanha gravidade que, por mais energia que lhe cedêssemos, nunca era suficiente. Edwin tombara sem sentidos ao entrar no castelo e eu tomara o seu lugar. Catelyn ordenara que o marido fosse conduzido ao quarto e, desde então, não consentira a entrada de mais ninguém, além de mim e de Freya.

A pele do meu pai começava a adquirir o alvor acinzentado da morte. A sua respiração era quase imperceptível. Os olhos estavam cerrados, assim como os lábios. Cada batida do coração exausto e ferido podia ser a última. Eu ainda tinha energia curativa para lhe oferecer, mas o corpo moribundo recusava-se a aceitá-la. Era como despejar bâtegas de água sobre uma mão que, a cada instante, apartava mais os dedos sem nada conter. As lágrimas tornaram a subir-me aos olhos quando a minha irmã soluçou, completamente destroçada:

— Se a Edwina pudesse realizar o feitiço que a rainha Lyria lhe ensinou e salvar o pai, como salvou o primo Aled...

Freya referia-se a um sortilégio que resultava de uma mistura de Arte Luminosa com Arte Obscura. Embora fosse extremamente perigoso, eu não hesitaria em evocá-lo, se oferecesse a mais ínfima esperança de restabelecimento ao meu pai. Contudo, para além de

requerer uma energia muito superior àquela que nós as três podíamos prover, os seus resultados seriam seguramente nulos. O corpo de Throst persistia à custa da magia da Guardiã da Lágrima do Sol... Mas o seu espírito já virará as costas à nossa realidade.

Devagar, denunciando exaustão, Catelyn explicou à filha mais nova que o feitiço do Povo da Terra não devolveria a vida ao *jarl*. Só nos obrigaria a partilhar do seu triste destino. Porém, à medida que falava, a sua voz foi-se animando. Surpreendida, apercebi-me do brilho estranho que se acendia no seu olhar. Se apenas há um momento a minha mãe se prostrava, oprimida pela angústia, agora, parecia ganhar alento a cada fôlego. Franzi o cenho, incapaz de compreender tão abrupta mudança. No entanto, não tive tempo de questioná-la, pois Freya susteve-se de um salto, exclamando com o rosto iluminado de entusiasmo:

— Já sei! A água da lagoa que sarou o Helgi... Que te salvou, Edwina! Se levássemos o pai até à Montanha Sagrada...

— O seu coração não resistiria — atalhei, esmorecida. — Mesmo alimentado pela magia, está demasiado fraco para deixar a cama...

— Então, temos de trazer a água até aqui! — interrompeu ela, gesticulando excitada. — Eu subirei a Montanha. Estou convicta de que a minha súplica será atendida.

Suspirei, exasperada. Teria a minha irmã consciência de que, quando regressasse, o pai já não estaria entre nós? Dispunha-se a perder os últimos instantes da sua companhia, para correr atrás de uma ilusão?

— Freya — repliquei, tentando despertá-la do devaneio. — Já te disse que a Montanha não se rege pelos nossos desígnios...

— A tua irmã pode estar certa, Edwina!

A intromissão de Catelyn espantou-me. Ela sabia tão bem quanto eu que tal cometimento seria vão! Por que alimentava a fantasia da filha? Abri a boca para reclamar, mas a senhora da Ilha dos Sonhos silenciou-me com um gesto firme, concluindo:

— Se existir uma esperança, ainda que pequena, vale a pena persegui-la!

— Não percamos mais tempo! — exclamou Freya, debruçando-se sobre o *jarl* e acrescentando com a voz pejada de emoção: —

Aguenta-te, papai... Nós vamos salvar-te!

Catelyn estreitou-a com força, murmurando comovida:

— Boa sorte, querida! Pede a Bryan e a Darrin que te acompanhem... E tem cuidado!

A filha correspondeu ao abraço, replicando:

— Prometo que não demoro.

Desatou a correr para a porta e só o apelo da mãe a deteve:

— Freya... — Quando os seus olhos se encontraram, Catelyn acrescentou: — Amo-te muito!

A minha irmã forçou um sorriso e respondeu:

— Também te amo, mamãe. Não percas a fé...

E saiu, rumo a uma missão nobre, mas inexecutável. Fixei a minha mãe, incapaz de retirar um sentido do que acabara de acontecer. E estremeci ante a determinação no seu olhar.

— Tens algo em mente, não tens? — confrontei-a, acusadora. — Incentivaste Freya a ir, para que não testemunhasse o que planeias fazer!

— Sim — admitiu ela, sem rodeios. — Ainda acredito que é possível salvar o teu pai.

Enquanto falava, debruçou-se sobre o marido e enterrou os dedos na túnica retalhada pela adaga de Halldora. Com um gesto decidido, rasgou o tecido grosso de alto a baixo, expondo o peito ferido. Engoli em seco, ao ver o golpe profundo que condenara o meu pai. Já não sangrava, graças à magia. Ainda assim, tinha um aspecto horripilante.

— Mas como? — interpelei-a desorientada. — Mesmo que, por milagre, Freya trouxesse a água da Montanha Sagrada e o corpo do papai sarasse, como resgataríamos o seu espírito?

— Já o fiz uma vez, Edwina! — declarou a minha mãe, com uma resolução que me arrepiou. — Terei de fazê-lo de novo! Não vou perder o Throst... Não vou!

Se eu largasse a mão do meu pai, ele morreria de imediato. Tive de me esticar para agarrar o braço da minha mãe, impedindo-a de continuar a preparação para aquela loucura estulta. As suas últimas afirmações haviam lançado luz sobre o meu espírito. Já descobrira o seu intento... E de modo nenhum podia admitir que o concretizasse!

— Eu conheço o feitiço de que falas! — contestei, obrigando-a a encarar-me. — “O Que Tudo Vê” avisou-me dos perigos que acarreta. É ainda mais traiçoeiro do que o sortilégio de Lyria, pois impõe uma marca à essência que só a própria morte pode apagar. E tu ficaste marcada, quando salvaste o papai das trevas do submundo, após a batalha na Grande Ilha. Outro mergulho nas sombras ser-te-á fatal!

Ela suspirou, reprimindo a vontade de libertar o braço para continuar a despojar o marido das roupas, uma vez que aquele terrível feitiço exigia que nenhum artefato humano se intrometesse entre os dois.

— Quem nos garante que tal seja verdade? — objetou gravemente. — Tu e eu sabemos quão matreiros são os Seres Superiores! Podem muito bem ter cultivado essa idéia, para evitar que o sortilégio fosse usado ao acaso, acabando por interferir na ordem natural do universo. Todavia, ainda que o perigo seja real, estou disposta a arriscar-me pelo teu pai!

— Os Feiticeiros usurparam-te o poder — volvi, horrorizada. — Mesmo que ousasses desafiar o destino, como invocarias uma magia que já não está ao teu alcance?

— Por isso preciso da tua ajuda, Edwina! — revidou ela, sem pestanejar. — A união das nossas energias abrirá as portas do mundo proibido e a luz da Lágrima do Sol há de guiar os meus passos até Throst...

— Não contes comigo! — soltei-lhe o braço, abanando a cabeça numa negação veemente. Mal conseguia encher os pulmões de ar, de tão perturbada. Dilacerava-me virar as costas à minha mãe. No entanto, essa parecia ser a única forma de impedi-la de se atirar para os braços da morte. Estrangulada, vi-a recuar, chocada com a minha recusa. Depois, endireitou os ombros e empinou o nariz, contrapondo num tom capaz de esfriar o Sol:

— Então, avançarei sozinha!

— Mamãe!

O meu protesto indignado ecoou pelo quarto. As lágrimas saltaram-me dos olhos. Catelyn respirou fundo, tentando controlar-se. A postura gélida com que me afrontara derreteu, ante a minha

aflição. Tomou-me nos seus braços e choramos juntas. Depois, a sua mão deslizou até aos caracóis louros do marido, afagando-os com ternura, enquanto soluçava:

— Como posso deixá-lo partir assim? Sem um beijo... Sem um adeus... Sinto que fui cortada ao meio! Que estou a morrer por dentro! — Os olhos verde-floresta procuraram os meus, assolados pelo desespero. — Tenho de tentar salvá-lo, Edwina! Preciso de ver o brilho dos seus olhos, nem que seja só mais uma vez; de ouvir o som da sua voz... De lhe dizer que o amo! Porque, se não o fizer, jamais conseguirei viver com a incerteza, com a frustração, com a dor da perda... Se não tentar salvá-lo, nunca me perdoarei!

— E se o sortilégio se apossar da tua vida também? — volvi cruamente, rouca de emoção. E a minha mãe refutou com uma simplicidade extraordinária:

— Throst jamais desistiria de lutar por mim. Eu não desistirei de lutar por ele!

De repente, senti um calor úmido na mão que me ligava ao meu pai. Fitei-a, alarmada... E deparei com um líquido vermelho e espesso a gotejar entre os nossos dedos. Ofeguei, assustada, e o meu assombro agravou-se, quando Catelyn me estendeu a sua mão, para revelar a cicatriz em forma de meia-lua que a unia a Throst, sangrando como se tivesse sido lacerada por um punhal invisível. No passado, a magia marcara-os para lhes provar que se pertenciam. Hoje, tornava a fender a sua carne... Seria um sinal de que a esperança persistia?

Esse era o momento de todas as resoluções. E o olhar da minha mãe assegurava que a sua decisão estava tomada. Eu queria demovê-la, mas já não possuía argumentos. Por mais que a mente se rebelasse, o coração compreendia-a. O amor de Catelyn e Throst era sagrado e eterno. A partir do instante em que ele se finasse, ela definharia, até nada restar da mulher que todos adorávamos. No fim, não seria essa sina pior do que a morte?

— Edwina, por favor... — suplicou, pousando a mão sobre a minha... em cima da mão do seu homem. E, com o sangue de Throst e Catelyn a escorrer entre os dedos, eu entreguei a nossa sorte à vontade divina.

A senhora da Ilha dos Sonhos livrou-se das vestes. Observei-a com as entranhas a contorcerem-se. Mal podia acreditar que ela me convencera a alinhar na sua loucura! Não era tarde para parar... Contudo, também eu não suportava a idéia de cruzar os braços e aguardar pelo último suspiro do meu pai.

Na verdade, a determinação de Catelyn, aliada à manifestação mística que relembrou a aliança sagrada que a unia ao marido, acabara por plantar a semente da esperança no meu peito. Se a combinação dos nossos poderes conseguisse resgatar Throst às sombras do submundo, a felicidade voltaria a abençoar a nossa família. O coração da minha mãe impunha-lhe que tentasse... E eu tinha o dever de ajudá-la! Afinal, estava provado que os seus pressentimentos eram muito mais fiáveis do que os meus. Se lhe tivesse dado ouvidos, em vez de baixar a guarda e repousar à sombra da convicção de que Gwendalin era a mulher de cabelos ruivos, destinada a impor a morte ao *jarl*, o meu pai talvez estivesse vivo. Após tantas batalhas travadas e uma infinidade de valorosos e feros inimigos prostrados, quem haveria de acreditar que a ruína do Lobo Cinzento chegaria pela mão de alguém tão mísero e insignificante quanto Halldora?

A feiticeira Catelyn despertou o poder que lhe habitava no sangue e este manifestou-se como uma cintilação, que fez as suas mãos rutilarem na obscuridade do quarto. Lentamente, estendeu os braços sobre o *jarl*, sem tocá-lo... E a pele pálida brilhou em resposta. Tal reação era muito mais do que eu obtivera sob a influência da energia curativa! Prendi o fôlego, quando ela encostou os dedos à testa do marido e o esplendor se espalhou pelo corpo moribundo. A força da sua magia fluiu pelo meu pai e entrou em mim, através do elo que o prendia à vida. Por enquanto não passava de uma sensação morna, agradável, até restauradora. Fixei a minha mãe num último apelo, para que ponderasse o salto que se propunha dar em direção ao abismo... E vi a minha própria fulgência refletida no seu olhar. Nada a faria recuar!

Sem hesitação, Catelyn deitou-se sobre Throst e repousou a cabeça no peito agonizante. Depois, entrelaçou os dedos nos dele, unindo as cicatrizes das suas mãos como no dia em que tinham

celebrado o pacto de sangue... E era esse mesmo sangue que acabaria por conduzir a feiticeira ao encontro do guerreiro abençoado!

Suplantei a apreensão que me tolhia os movimentos e fechei uma mão sobre as suas, enquanto a outra apertava a Lágrima do Sol. De imediato, a minha mãe começou a entoar o sortilégio que jamais deveria ser repetido. Porém, tal como eu previra, o castigo dos Seres Superiores limitara bastante o seu poder. Sem a minha ajuda, a magia deixá-la-ia a oscilar entre realidades. Cerrei os olhos e respirei fundo, libertando a minha energia... E a fusão das nossas essências concretizou-se.

Bradei sem querer, tal a violência do suplício que me assolou. Contudo, o que eu estava a sentir era insignificante, comparado com o tormento de Catelyn. A minha mãe fazia todos os possíveis para me escudar da dor provocada pela condição do meu pai. Ainda assim, era demais... Cortava a respiração. Subjugava o pensamento. Incendiava o corpo e dilacerava o espírito. Esmagava o coração.

Para lá dos limites da consciência, deparei com Catelyn, pairando ao meu lado num vazio lúgubre e glacial. Os nossos corpos rodopiavam à deriva, açoitados por rajadas de vento que carregavam o fedor da morte. Só a luz que brotava da minha essência impedia o negrume de nos consumir. Concentrei-me em manter essa chama acesa, para que as garras do desespero não nos atassalhassem. Ambas sabíamos que, para descobrir o Lobo Cinzento, teríamos de percorrer o caminho que ele já trilhara e experimentar a tortura que o sujeitara... Porém, eu não estava disposta a ceder ao martírio. Era Guardiã da Lágrima do Sol... As brumas fétidas do submundo não haveriam de ensombrar o meu fulgor!

Mal o clarão da minha essência se sobrepôs às trevas, desatamos a correr de mãos dadas sobre a podridão informe. Catelyn já aqui estivera e conduzia-me sem indecisões. Braços de nevoeiro denso acometiam contra nós, vindos de toda a parte. Contudo, assim que roçavam o esplendor luminoso, silvavam e recuavam, não se atrevendo a repetir o ataque. Eu esperava ouvir os gritos excruciantes do meu pai, a qualquer momento. Todavia, no instante

em que rasgamos a cortina que bloqueava a passagem, em vez dos gemidos dos condenados escutamos um cântico melodioso, que nenhuma garganta humana seria capaz de entoar. Uma luz resplandecente ofuscou o meu brilho... E, quando os nossos olhos se habituaram à intensa cintilação, foi possível vislumbrar o Lobo Cinzento.

No centro da radiação fulgurante, o meu pai quedava-se de olhos fechados, como se adormecido. Já não sofria. Percorrera incólume o corredor de horrores e preparava-se para atravessar a última fronteira.

— Throst!

Ao escutar a voz da minha mãe, o olhar azul celeste escancarou-se de surpresa. A alegria do reencontro sobrepôs-se outra emoção menos salutar: o medo.

— Não devias estar aqui, Catelyn! — declarou, estremecendo de emoção.

— Eu estou bem — replicou ela, avançando. — A luz da Edwina mantém-me segura.

— Não por muito tempo... — avisou o *jarl*.

— Bem sei! Por isso temos de nos apressar.

A minha mãe estendeu as mãos... E o meu pai recuou, impedindo o contato. Ela arquejou, sobressaltada, e a sua voz quase falhou, ao apelar:

— Throst... Vem! Vamos para casa!

O silêncio que se seguiu fez o meu coração mirrar. Começava a adivinhar que todos os nossos esforços e esperanças tinham sido malogrados. A minha penosa suspeita confirmou-se, quando o *jarl* abanou a cabeça, sorriu complacientemente e objetou:

— Desta vez não, querida.

As pernas da minha mãe vergaram-se, tal o sobressalto. Teve de se apoiar em mim para não cair; o ar escapando-lhe dos pulmões como se tivesse recebido um pontapé no ventre.

— O que queres dizer com isso? — gemeu, transtornada.

O meu pai aprofundou o sorriso triste e respondeu:

— A missão do Lobo Cinzento foi cumprida... Não posso regressar. Contudo, não temas por mim, meu amor! Ficarei a aguardar...

— Não, Throst! Não!

— Mãe! — Ainda gritei, tentando segurá-la. Mas foi inútil! Com um ímpeto arrebatado, a senhora da Ilha dos Sonhos lançou-se em frente e trespassou a fulgência que rodeava o marido. E, antes que o meu pai a pudesse deter, caiu-lhe nos braços, chorando compulsivamente.

Eu fiquei onde estava, paralisada de medo, fulminada pelo horror. Além de confrontada com a perda do meu pai, acabara de ver quebrado o precioso contato que mantinha com a minha mãe! Como podia protegê-la agora? Que conseqüências adviriam da sua precipitação, do seu arrebatamento, do incomensurável desespero que a impedia de raciocinar com clareza? Nesse instante em que o coração governava a mente, Throst estreitou Catelyn com ardor e enterrou o rosto nos seus cabelos, murmurando:

— Pequena...

— Meu guerreiro... — soluçou ela, angustiada. — Meu amor...

O *jarl* afastou-a levemente, contestando com os olhos marejados de lágrimas:

— Tens de regressar, querida. A tua missão não terminou...

— Então, vem comigo e ajuda-me a concluí-la!

— Catelyn...

Ela prendeu o seu rosto entre as mãos e contestou, revoltada:

— Nós juramos pelo nosso sangue que, na vida e na morte, partilharíamos o mesmo destino. Eu não posso viver sem ti!

O *jarl* fitou o olhar verde-floresta e volveu, confrangido:

— O vigor que sustenta todos os seres já abandonou o meu corpo. Eu não tenho escolha!

Os dedos de Catelyn moveram-se sobre as faces do seu homem, numa carícia apaixonada, antes de retrucar com uma firmeza inabalável:

— Mas eu tenho... Ficarei contigo, Throst!

— Mamãe! — Escutei o meu próprio grito, qual eco tenebroso que se repetia miríades de vezes. Nem queria acreditar no que acabara de ouvir! Dei um passo, tentando alcançar os meus pais. Porém, a cintilação que os rodeava como que solidificou, formando uma barreira que me impedia o avanço. Sob os meus dedos, o resplendor

consistente tremeluziu, exibindo um padrão aquoso onde as cores do arco-íris se misturavam com indescritível beleza e perfeição. O meu coração debandou numa corrida desgovernada, enquanto as unhas arranhavam a cortina luminosa, incapazes de rasgá-la. Tudo isso era demasiado terrível para ser verdade!

Do outro lado do escudo colorido, os dois apaixonados pareciam alheios à minha aflição. Throst fixava Catelyn com um olhar enlevado e sussurrava roucamente:

— Não me tentes, Pequena! Sabes bem o que isso implicaria...

— Sei — cortou ela, com uma serenidade que lhe enchia o olhar de estrelas e plantava um sorriso nos lábios. — E não me importo! Prefiro existir como essência e estar ao teu lado, partilhando a tua sorte por toda a eternidade, do que regressar à carne e viver um único dia sem ti.

O meu pai fechou os olhos, combatendo o apelo do coração. A voz saiu-lhe como um gemido torturado, ao enunciar:

— Se contrariarmos o destino, seremos ambos castigados.

— Eu sei — afirmou a minha mãe. — Mas não tenho medo... Nada temo, porque estou contigo!

Os seus olhos voltaram a encontrar-se e Catelyn exibiu a mão que ostentava a marca mística que os unia. A cicatriz aberta continuava a sangrar, como se as forças que governavam o universo os convidassem a renovar o voto de amor eterno. Com as lágrimas a escorrerem pelas faces pálidas, a feiticeira confrontou o guerreiro sagrado e inquiriu:

— Não queres estar comigo, Throst?

O meu pai engoliu em seco e revidou:

— Minha Pequena... Atravessar a eternidade ao teu lado é tudo o que desejo!

E beijou-a com uma paixão que não conhecia limites. Ia para além do corpo. Ia para além do espírito. Ia para além de tudo o que eu imaginava e concebia! Perante o meu olhar terrificado, os meus pais uniram as mãos e o seu sangue misturou-se, consolidando o pacto que os tornava indivisíveis... Firmando o ajuste que os apartaria de mim!

Cerrei os punhos e esmurrei a barreira fulgurante, berrando de agonia. Só então eles se recordaram da minha presença. Aproximaram-se e colocaram as mãos contra as minhas. Catelyn foi a primeira a falar... Porém, o som da sua voz já não chegava até mim. Throst também se pronunciava... Contudo, nem recorrendo à magia eu conseguia escutar as suas últimas palavras! Repousei a cabeça na parede coruscante, sentindo-me esgotada. A renovação do seu elo apartara de vez as nossas realidades. Eu não voltaria a abraçar os meus pais... Nunca mais desfrutaria do seu carinho, do seu calor...

Decerto a minha mãe compreendeu o que acabara de suceder, pois começou a exprimir-se por sinais. Lentamente, para que eu lhe acompanhasse os movimentos dos lábios, pronunciou os nomes das filhas e dos netos. Enquanto se expressava, a transparência da barreira luminosa principiou a corromper-se. A cada fôlego que me engasgava, as figuras dos meus pais tornavam-se mais indistintas. Catelyn terminou, colocando a mão fechada sobre o peito, antes de a estender ao meu encontro. Voltei a pôr a mão sobre a mancha imprecisa em que a sua se transformara e balbuciei, devastada pelo pranto:

— Também te amo, mamãe...

O *jarl* imitou-lhe o gesto e eu correspondi, soluçando:

— Amo-te, papai...Vou sentir tanto a vossa falta!

As cores luminescentes adensaram-se, escondendo por completo o que se passava para lá da muralha de energia. E a última imagem revelada foi o sorriso dos meus pais.

— Edwina...

A expressão aliviada de Edwin recebeu-me de volta à vida.

— Pelo esplendor abençoado da Lágrima da Lua, julguei que te tinha perdido!

Apertou-me contra o peito, respirando com dificuldade. Tremia tanto que seria incapaz de se sustentar. E eu não estava melhor! Sentia o corpo desfalecido e um peso brutal na cabeça. Aos poucos, as recordações foram regressando... E a percepção do que acabara de

suceder caiu sobre mim qual derrocada de um penhasco. Torci-me nos braços de Edwin, com os olhos esbugalhados e um gemido de temor, só para descobrir que a dor que me sujeitava não dimanava de um pesadelo. Throst e Catelyn jaziam sobre a cama, abraçados, inertes... mortos!

Comecei a gritar... Gritei e gritei, sem conseguir parar. Alguns guardas irromperam pelo quarto, prontos para repelirem a ameaça de um inimigo. Os seus rostos testemunhavam o pavor que os petrificava, ao depararem com os cadáveres dos senhores da Ilha dos Sonhos. Caída no chão, eu continuava a bradar, perante o flagelo atroz que se abatera sobre as nossas cabeças. Enquanto Edwin ordenava aos guerreiros que saíssem, rastejei de volta à cama. Os meus pais estavam rígidos e gelados, prova de que a vida os abandonara há muito. Por quanto tempo a inconsciência me prostrara?

O Rei da Lua atraiu-me de volta aos seus braços e tentou acalmarme. Eu clamava e chorava. Chorava. Chorava. Os meus pais estavam mortos... E a culpa era minha! Devia ter-me mantido firme na recusa de apoiar a loucura da minha mãe... Ou, pelo menos, devia tê-la obrigado a recuar, quando ainda havia tempo!

Edwin deixou-me prantear, até que a exaustão me venceu. Também ele estava horrorizado e abatido pelo desgosto. No entanto, a sua voz não revelava aspereza, ao indagar:

— O que foi que aconteceu, Edwina?

Tive de respirar fundo várias vezes. Sem coragem para encará-lo, soluzei a grande custo:

— A minha mãe acreditava que podia salvar o meu pai... E mergulhou nas trevas do submundo para resgatá-lo. Eu... Eu quis dar-lhes a oportunidade de se verem... De se falarem uma última vez! Agora... Agora perdi os dois!

Escondi o rosto entre as mãos, com a cabeça a latejar. Aguardei as palavras duras de Edwin; uma crítica severa à minha ingenuidade e imprudência. Porém, ele embalou-me no seu carinho e declarou sobriamente:

— Lamento, querida! Sinto por todos nós! Ainda assim, apesar da falta que os teus pais nos irão fazer, eu entendo as razões que

moveram a tua mãe. Se Catelyn tivesse regressado, o seu espírito ter-se-ia afastado de Throst. Talvez nunca mais se encontrassem!

— Ele teria esperado por ela! — protestei, quase sem voz.

— Acredito que fosse essa a sua intenção — replicou o Rei da Lua.

— Contudo, sabes bem que também podiam acabar a vaguear, buscando-se eternamente em vão. Desta forma, nada os há de separar!

Engoli em seco, fixando a cama com um olhar perdido. Throst e Catelyn haviam sido o meu porto seguro; a fortaleza inexpugnável, que sempre me recolhera nos momentos de aflição. O que faria sem eles?

— Os meus pais enganaram novamente o destino — murmurei, exaurida. — Receio que as forças divinas os castiguem por isso.

Edwin tocou-me no queixo, buscando o meu olhar antes de replicar:

— Faremos tudo para ajudá-los a seguir o rumo que desejam. Para já, certificar-nos-emos de que atravessam a passagem juntos.

Assenti, contemplando os meus pais mais uma vez. Os cabelos negros de Catelyn misturavam-se com os cabelos dourados de Throst. Pareciam... adormecidos. E, no fim, tal não andava longe da verdade. Era incontestável que a sua essência persistia. Talvez até nos estivessem a ouvir!

— Deves preparar-te para a reação das tuas irmãs — prosseguiu Edwin, sobressaltando ainda mais o meu coração. — Podes dizer-lhes que fui eu que condescendi ao pedido da tua mãe.

— E por que haveria de lhes mentir? — retorqui, franzindo o cenho, sem entender o propósito daquela sugestão.

— Porque elas não irão compreender — justificou o Rei da Lua, complacente. — Com o tempo, talvez acabem por aceitar que a vontade de Catelyn e Throst tinha de ser respeitada. Contudo, até lá irão revoltar-se, dizer e fazer coisas que te vão ferir! Deixa que a sua raiva se abata sobre mim. Não me importo de...

— Não! — objetei, firme na convicção. — As minhas irmãs têm o direito de saber o que aqui se passou! E eu tenho a certeza de que, não obstante o sofrimento que temos de enfrentar, elas ficarão ao

meu lado. Como poderia ser de outro modo? Thora e Freya hão de perceber que tudo o que fiz foi por amor!

Os dias que se seguiram persistiram na minha memória como sombras difusas, que se confundiam, ressaltando em lampejos de dor. Por vezes o sofrimento é tão forte, que não existem gestos para extravasá-lo ou palavra para descrevê-lo. Algumas pessoas enlouquecem, outras sublevam-se... Eu sentia-me dormente, como se vivesse a ilusão de estar aprisionada dentro de um sonho mau que, a qualquer instante, teria de terminar. Quando abrisse os olhos, encontraria a minha mãe sentada à cabeceira da cama, com o meu pai ao lado. Cairia nos seus braços e choraria de alívio.

Porém, o tempo arrastava-se, sem que o pesadelo me libertasse. Não havia abraço que me consolasse. Não existia alívio que me confortasse. As pessoas passavam diante dos meus olhos como névoa dissipada pelo vento. Algumas falavam... Todavia, as suas vozes eram ecos imprecisos, que a minha consciência não conseguia decifrar. No fim, acenava com a cabeça. Agradecia as manifestações de pesar. E orava pelo instante em que me seria permitido deitar a cabeça na almofada e dormir. Apenas dormir.

Não obstante a tempestade que assolava o Norte, multidões rumaram ao castelo de Steinarr, vindas dos quatro cantos do reino, a fim de prestarem uma última homenagem aos meus pais. Os mais duros entre os Vikings vertiam lágrimas, incapazes de manter a compostura, ansiosos por um último vislumbre daquele que fora o maior herói do nosso povo e da mulher que o apoiara na sua nobre missão. Muitos declaravam que Throst, filho de Thorgrim, superara a benevolência e a determinação de Thor; a força e a coragem de Odin. Quanto a Catelyn, filha da Grande Ilha, era reconhecida pela sua inteligência e bondade. Por muitos anos que passassem sobre a nossa história, o Líder Supremo e a sua esposa jamais seriam esquecidos.

Uma vez que o *Dragão dos Mares* partira para a Ilha dos Sonhos, sob o comando do tio Edwin, Steinarr ofereceu o *Falcão Real* para a realização da cerimônia fúnebre. Era seu desejo que Throst e

Catelyn viajassem até ao mundo dos espíritos com as honras de um rei e de uma rainha. Apesar de mal se suster, devido às seqüelas provocadas pela tortura que lhe fora imposta pelo líder dos Mercenários, certificou-se de que o melhor *drakkar* da sua frota era enfeitado com as mais belas sedas do reino, as jóias mais valiosas, as peles mais deslumbrantes, as armas mais fabulosas e os animais mais possantes dos estábulos do castelo.

Na aldeia de fronteira, o soberano desesperara quando recuperara a consciência e tomara conhecimento de que nenhum dos seus guerreiros sobrevivera à pérfida armadilha de Rulav. E o mais rude dos golpes aguardava-o no regresso a casa, com o anúncio da morte do seu Primeiro Homem. O desgosto de Steinarr agudizou-se de tal modo que, em vez de se regozijar por a sorte o ter poupado, reagia como se desejasse ter perecido também. A angústia apossara-se da sua razão e impedia-o de raciocinar. Diante dos corpos enlaçados de Throst e Catelyn, deitados sobre um luxuoso altar montado no convés do *Falcão Real*, prostrara-se e soluçara como uma criança abandonada. Eu sempre soubera que o afeto de Steinarr pelos meus pais ia além da amizade. Todavia, nunca imaginara que fosse tão profundo, tão sincero e ardente.

O mar estava de tal modo enfurecido, que o rei decidiu manter o *drakkar* no ancoradouro, temendo que se afundasse antes do fogo garantir a libertação dos espíritos dos senhores da Ilha dos Sonhos. Vagas erguiam-se como montanhas e esmagavam-se contra os penhascos, partindo gelo e rocha na sua veemência. A parte os clarões dispersos das tochas empunhadas pelos vikings, a escuridão imperava. Nessa manhã, a claridade não se manifestara, condenando o dia à opressão das trevas. A neve caía, associando-se ao ímpeto do vento que fustigava o Norte. Porém, ninguém arredou pé. Mais do que respeitoso, o silêncio das centenas de gargantas era penoso, como se a multidão estivesse demasiado angustiada para respirar.

Apesar de destroçada, reuni forças para entoar uma bênção aos meus pais. Freya sucumbiu ao pranto e as suas lágrimas dilaceraram o coração do nosso povo. Helgi estreitava-a, fixando-me com um olhar apouquentado. Eu estava grata pelo seu esforço de

reconciliação. Contudo, já pouco podia ser feito, além de permitir que o tempo sarasse as chagas abertas na minha relação com Freya.

No dia fatídico, a minha irmã regressara da Montanha Sagrada com as mãos vazias e a mente num tumulto. A sua convicção de que o berço da magia da Terra a receberia de braços abertos e lhe revelaria a entrada para a caverna de cristal, de onde recolheria a água abençoada que haveria de curar o nosso pai, fora totalmente frustrada. Diante da Pedra do Tempo, Freya orara, suplicara, gemera, carpira, bradara... para nada. E ao entrar no quarto do castelo de Steinarr, de onde partira iluminada pela esperança, descobrira que, além do pai, tinha perdido a mãe.

Eu explicara-lhe o que acontecera; falara-lhe da determinação de Catelyn em arriscar tudo para salvar o seu amor, e de como, ao constatar que tal era impossível, escolhera partilhar o destino de Throst, para que pudessem ficar juntos por toda a eternidade. Freya escutara-me... e trespassara-me com a sua ira. Segundo ela, eu devia ter impedido a nossa mãe de ousar tamanha temeridade, nem que tivesse de amarrá-la ou prostrá-la inconsciente. De nada servira alegar que não possuíamos o direito de interferir nas resoluções dos nossos pais. Freya revidara que, se não fosse a minha precaução, ainda poderíamos ter desfrutado do carinho de Catelyn por muitos e bons anos, não obstante a dor imposta pelo infortúnio de Throst.

Após essa altercação, tínhamos trocado poucas palavras. O meu único consolo era verificar que Thorson se mantinha ao meu lado, apertando-me a mão como se a assegurar-me de que nada fizera de errado. Ao chegarmos ao porto, Freya tentara puxar o filho para junto de si, mas acabara por desistir. Agora, para além da mágoa com que me olhava, também parecia melindrada com a atitude inocente do pequeno.

E, se a mais nova das gêmeas reagira mal à decisão da nossa mãe e à minha cedência em ajudá-la, o que dizer da mais velha? No dia seguinte, Thora chegara ao castelo juntamente com Ivarr e o rei Steinarr. Não obstante já ter observado a gravidade do ferimento do pai, parecia haver guardado a expectativa de que Edwin conseguiria mantê-lo vivo e de que eu realizaria o milagre de salvado. Ao

deparar-se com a fatalidade, varara-me com um olhar que dispensava palavras e dera-me as costas. Não a via desde então.

Depois da sedição de Freya, eu preparara-me para ouvir da boca de Thora as maiores atrocidades e acusações. O seu silêncio fora totalmente inesperado e doera mais do que mil urros de revolta. Um desabafo esvaziaria a fúria da Loba Prateada e abriria o trilho da reconciliação. Contudo, a minha irmã escolhera engolir a dor. Eu só esperava que o rancor não a envenenasse.

Oprimida pelo choro de Freya e sem a menor idéia de onde Thora se enfiara, que nem viera ao porto despedir-se dos pais, recordei que Edwin sugerira que eu lhes mentisse, para preservar-me do seu ressentimento. Ainda assim, se pudesse voltar atrás, manteria a decisão que tomara. Amava Thora e Freya e jamais haveria de enganá-las. Da mesma forma, esperava que o afeto que me devotavam lhes permitisse superar a intransigência e entender as minhas razões.

Terminei as orações e recuei para os braços de Edwin. A multidão voltou-se para o soberano viking, aguardando que ordenasse o fogo dos arqueiros. Contudo, Steinarr parecia incapaz de fazê-lo. O olhar cristalino fixava-se na mortalha de seda que cobria os corpos de Throst e Catelyn, onde os símbolos do reino bordados a ouro sobressaíam sob o fulgor dos archotes. Então, a sua voz soou como um gemido, sem vestígios da pujança que punha os seus súbditos em sentido e incutia terror nos nossos inimigos:

— Nunca esperei ver nascer este dia, Lobo Cinzento! Salvaste a minha vida tantas vezes... Por que não me foi concedida a honra de salvar a tua? Lembro-me bem do dia em que me arrancaste das garras gélidas do rio; em que me protegeste com a tua força, aqueceste com o teu calor e animaste com as tuas palavras... E foram as tuas palavras que uniram o nosso povo, Throst! Foi a tua bravura e coragem, a tua paixão pela nossa terra e pela nossa gente que nos libertou da fome, do frio, da fúria incessante da guerra... Fizeste de mim um rei! Mas o verdadeiro rei dos Vikings foste tu, meu grande amigo! Meu querido irmão... Aos teus pés deponho as minhas armas e a minha coroa, pois, agora que partes, tudo o que

sou deixou de fazer sentido. Espero que reencontres a felicidade na outra vida, ao lado da tua mulher...

A alusão à minha mãe toldou-lhe a voz, como se estrangulado pelas recordações. Fez uma pausa e teve de engolir em seco para continuar:

— Minha doce Catelyn... O que fizeste não me surpreende. Lutaste até ao fim! E que ninguém duvide que venceste! O vosso amor será recordado até ao fim dos tempos, como o maior tesouro oferecido ao reino viking. Pela muitas alegrias que me destes, vos agradeço... Obrigado pela honra de ter desfrutado da vossa amizade, de ter partilhado da vossa mesa, aprendido com a vossa sabedoria, testemunhado o vosso amor... Sou um homem abençoado porque conheci Throst e Catelyn! E guardarei essa bênção no coração como o meu bem mais precioso. Ela será o meu conforto, até ao dia em que o grande Odin me chamará também, para empreender a última jornada. Em Valhalla, voltarei a ter o prazer de me sentar à vossa mesa... De sentir o conforto da vossa amizade...

Com os olhos cheios de lágrimas, vi Steinarr vacilar como se as pernas se recusassem a suportar o peso do seu corpo. A emoção calou-lhe o discurso e teve de se amparar em Ivarr. O silêncio do povo era mortificante. Os Vikings pranteavam com o coração. Ao constatar a incapacidade do pai para prosseguir, Ivarr assumiu-se como líder e fez sinal aos arqueiros para que aprontassem as setas incendiadas. Os meus olhos fixaram-se no *Falcão Real*. Esse seria o último vislumbre que teria dos meus pais.

A ordem do príncipe herdeiro, os guerreiros ergueram os arcos... Então, inesperadamente, uma onda gigantesca estourou contra a proteção natural dos rochedos e acometeu sobre o porto, com um rugido ensurdecedor.

A multidão surpreendida e apavorada apressou-se a fugir à fúria da água que alagava o ancoradouro. Os arqueiros foram colhidos e arrastados terra dentro, antes que tivessem oportunidade de disparar. Vi Steinarr agarrar-se a um poste... Depois, também eu fui derrubada. Nesse momento de terror, só pensei na segurança de Thorson. Cingi o meu sobrinho e protegi-o o melhor que pude da

violência do mar. Um instante depois, tudo terminara. Edwin ajudava-nos a levantar, atordoado de assombro. Aflita, busquei aqueles que me eram queridos e suspirei de alívio ao verificar que estavam bem. Ivarr já apoiava Steinarr, com uma expressão perplexa. No entanto, a justificação para o inusitado fenômeno só se revelou à minha mente quando busquei o *Falcão Real*... e verifiquei que já não se encontrava amarrado ao abrigo.

Gritei de horror ao ver o *drakkar* afastar-se, à deriva sobre as ondas colossais. Steinarr escutou o meu brado e voltou-se para o mar, com o cenho franzido e o queixo caído. O vento soprava com tal ímpeto, que seria de esperar que o navio fosse arrastado e se desfizesse contra os penhascos, ou soçobrasse perante a irascibilidade das ondas. Todavia, seguia sem rumo mas em segurança, como se um ente invisível e poderoso governasse o seu leme. Estava revelado o castigo que as forças divinas pretendiam impor a Throst e Catelyn, pela ousadia de desafiarem a sua vontade: os seus corpos repousariam juntos... mas os espíritos jamais conheceriam a paz!

— Meu rei... — apelei em pânico. — Os arqueiros têm de disparar já! Não podemos permitir que o navio se afaste, sem que o fogo liberte os meus pais.

Porém, o que fazer? A maior parte dos fochos apagara-se e as setas estavam ensopadas. Steinarr estacara, tão atormentado quanto eu. Corri para os arqueiros... Talvez a minha magia ainda pudesse impedir a concretização da desgraça. Só teria de reacender o fogo das flechas e guiá-las. Estas haveriam de alcançar o *Falcão Real*, nem que tivessem de persegui-lo até aos mares do Sul!

— Edwina... Olha!

O apelo de Freya capturou-me a atenção. Com o coração em debandada, vi um raio de fogo rasgar o céu, superando a tirania do vento.

— Thora... — murmurou Ivarr ao meu lado, com a voz carregada de orgulho.

Tive de auxiliar-me da Arte, para distinguir a minha irmã no topo do penhasco, empunhando o seu arco. Afinal, a Loba Prateada

sempre viera despedir-se dos nossos pais! E a sua interferência podia ser decisiva para salvá-los da perdição.

— Ela não vai conseguir — gemeu Freya, caindo-me nos braços.
— O vento é mais forte...

— Não... — mastiguei entre dentes. — Não é!

E libertei a magia ao encontro da pequena e frágil haste de madeira. A flecha de Thora lutava para superar o frenesi das correntes de ar, que se entrecruzavam na tentativa de desviá-la do seu objetivo. Envolvia, finalmente, e alimentei o fogo que já quase se extinguiu. No instante em que o ferro abrasado atingiu o *drakkar*, cravando-se no altar onde os meus pais repousavam, recuei e deixei a natureza seguir o seu curso. Um clamor de alívio elevava-se ao nosso redor, enquanto o *Falcão Real* se transformava numa majestosa fogueira, que resistia à loucura arrebatada das ondas.

Entre os meus braços, Freya respirava fundo. Estreitei-a com carinho, sentindo as lágrimas escorrerem-me pelas faces, mais salgadas do que água do mar. Por um momento, a essência de Thora aflorou a nossa e a chama da esperança avivou-se no meu coração. Fechei os olhos e vi distintamente os nossos pais, à minha frente: Throst, alto e robusto, com longos cabelos louros e um olhar azul que ofuscava a beleza do céu; Catelyn, pequena e franzina, com os seus caracóis negros e rebeldes caídos sobre os ombros, e o olhar verde-floresta carregado de amor. Sorriam... E, por entre as lágrimas, eu retribuí o sorriso.

No fim, talvez tivesse valido a pena... Talvez o amor fosse realmente capaz de superar tudo; de alimentar a vida, vencer a morte e persistir por toda a eternidade.

CAPÍTULO 20

— Não podes estar a falar a sério!

A voz de Ivarr soou quase indignada. Fitava o pai e estremecia, sem acreditar no que acabara de ouvir. Porém, Steinarr nem piscou os olhos, ao revidar num tom pejado de convicção:

— Alguma vez me viste brincar com a sorte da nossa gente? Esse dia tinha de chegar... E tu nada tens que recear, pois estás bem preparado para enfrentar os desafios que se erguem à tua frente...

— Fez uma pausa e fixou o rosto corado de Thora, corrigindo: — A vossa frente!

O fato de Steinarr anunciar que pretendia abdicar do trono a favor do filho não me surpreendia. No instante em que fora chamada à sala de reuniões, e verificara que o rei convocara os seus conselheiros e a família mais chegada para uma declaração, adivinhara, de imediato, a intenção. Ele já a afirmara, no decurso da conversa secreta com a rainha Lyria. Contudo, os meses tinham-se passado, sem que concretizasse a sua resolução. Eu desconfiava que Throst o convencera a aguardar pelo nascimento do neto. Nessa altura, os dias estariam mais amenos e o ânimo do povo receptivo à mudança. Todavia, agora que o amigo o deixara, Steinarr não tinha motivação para continuar, tal como propalara no emotivo discurso com que homenageara os meus pais. Ivarr já provara ser um líder nato. Haveria de conduzir os Vikings com retidão e sabedoria.

— Estás a pensar em partir, não é verdade? — indagou o príncipe, com um suspiro pesaroso.

O rei forçou um sorriso, agradado pela intuição do filho.

— Sim — respondeu sem rodeios. — Tenciono aproveitar o Inverno para preparar uma grande campanha. Quando a Primavera chegar, viajarei com os guerreiros que me quiserem seguir, rumo a norte. Pretendo fazer uma visita-surpresa aos territórios dominados pelos Mercenários e eliminar de vez a sua ameaça... Quem sabe se

não acabarei por descobrir novas terras; outros povos que desejem partilhar a sua cultura conosco?

Essa confiança pôs-me de queixo caído. As motivações do rei nada tinham a ver com aquelas que eu imaginara. Será que desistira de lutar pelo amor de Lyria? Ou o seu desejo de vingança sobrepunha-se ao apelo do coração? Steinarr falara como se não pudesse descansar, enquanto um mercenário respirasse ao cimo da Terra. Surpreendia-me ouvi-lo planejar viagens e futuras batalhas, a busca de outros territórios, quando sempre o conhecera como um homem reservado e devoto à família, que preferia negociar a guerrear... Para não falar da sua aversão pela água, quer as obrigações o ficassem a navegar por mar ou através de um rio!

— Estarás ausente quando o teu neto nascer? — Desta feita, o tom do príncipe era acusador. Porém, o pai manteve o sorriso ao replicar:

— Talvez... Mas vós ireis falar-lhe de mim. Além disso, não tenciono desaparecer, Ivarr! Hei de regressar a tempo de o agarrar ao colo e de lhe ensinar as primeiras palavras. Nada me privará desse prazer!

Pouco depois, o rei encerrava a reunião. Um a um, os convocados foram saindo. Quando dei por mim, estávamos sós. Steinarr sempre me intimidara e os acontecimentos do último ano em nada tinham favorecido a nossa convivência. Ele até podia respeitar-me como Guardiã da Lágrima do Sol. Todavia, enquanto mulher, jamais veria em mim algo mais do que uma decepção. Até admirava que não me tivesse achado culpada do infortúnio da minha mãe! No entanto, estava a tempo de tecer acusações, se eu lhe concedesse esse ensejo. Por que raio é que ainda me quedava diante dele, oferecendo-me como um alvo fácil à sua censura?

— Precisas de alguma coisa, Edwina?

Engoli em seco, ante a sua interpelação. O que responder? Nem eu própria sabia por que estava pregada ao chão. Mentira! Sabia perfeitamente! Só não tinha coragem de confrontá-lo...

— Estás com receio de falar? — insistiu o rei.

Senti as faces pegarem fogo, debaixo do olhar cristalino. Não existia nenhuma forma subtil de abordar o assunto que me

atormetava a consciência. Mais valia acabar depressa com aquela agonia e enfrentar o seu aborrecimento pela minha indiscrição.

— Por que planeais viajar para longe daqueles que vos querem bem, em vez de lutardes pelo que realmente desejais?

Steinarr teve a graça de parecer desconcertado, mas depressa revidou:

— E o que é que eu realmente desejo, senhora?

Baixei o olhar, envergonhada, antes de confessar:

— Eu sei o que se passa entre o meu rei e a rainha Lyria do Povo da Terra.

Estremeci quando Steinarr soltou uma exclamação, que tanto podia ser uma risada amarga como um rosnado de desagrado. Ele não esperou que me recompusesse para retrucar:

— Se sabes do meu afeto por Lyria, também deves ter conhecimento de que ela rejeitou a minha atenção. Nem todas as histórias de amor têm finais felizes, Edwina! A vida não é um conto de fadas. — O seu tom amenizou-se, ao concluir: — De qualquer modo, agradeço o teu cuidado. Sei que és bem-intencionada. — A sua abertura deu-me forças para encará-lo e contestar:

— Nem sequer pretendeis falar-lhe, uma última vez?

Steinarr franziu o cenho, dissecando-me com o olhar.

— E por que o faria? Nada mais há a dizer! A rainha Lyria é uma mulher casada. E a antipatia que nutro pelo rei Cyrus é recíproca. Não posso invadir o seu território e reclamar os favores da sua esposa. Seria o mesmo que declarar guerra ao Povo da Terra! E, neste momento, aquilo que menos necessitamos é de semear a discórdia entre os nossos aliados. — Fez uma pausa e avançou um passo, acrescentando num tom grave e profundo: — A não ser que tenhas algo para me contar?

Era a minha oportunidade de lhe revelar a existência de Lysander. Todavia, tal implicaria falsear a confiança de uma amiga que sempre me valera nos dias de aflição. Por mais que a decisão de Lyria me revoltasse, não podia contrariá-la dessa forma. Mordi a língua até quase sangrar... Enquanto isso, as rugas na testa de Steinarr foram-se aprofundando. Ele era um bom entendedor. E eu dissera muito

mais do que meia palavra! Ao verificar o meu desconforto, assentiu com a cabeça e condescendeu:

— Ponderarei visitar a rainha Lyria antes de viajar para norte, se isso te deixa mais tranqüila.

Inclinei-me diante do rei, com o coração a martelar o peito. Se Steinarr surgisse na casa de Lyria, talvez ela escutasse a voz da razão. Lysander tinha o direito de conhecer o seu verdadeiro pai, assim como o soberano viking devia saber que tinha um filho pequeno, antes de se lançar numa temeridade que podia custar-lhe a vida. Murmurei uma despedida e dirigi-me à porta, sentindo o olhar cristalino queimar-me as costas. Estava prestes a sair, quando Steinarr me chamou. Virei-me para encará-lo e a minha garganta enodou-se, ao ouvi-lo dizer:

— Fico feliz por constatar que o teu desacordo com Freya está praticamente superado. Quanto à Thora, não te exasperes. Logo a sua cabeça há de esfriar e concluirá que fizeste o que devias. Catelyn era uma mulher de acérrimas convicções. Teria perseguido o seu intento com ou sem a tua ajuda. Não te recrimines! Pelo menos, graças a ti, temos a garantia de que a tua mãe está bem e em segurança, ao lado do teu pai.

A transigência de Steinarr era uma agradável surpresa, no meio de tanta dor. Jamais esperara que me apoiasse, quanto mais que me elogiasse! Voltei a agradecer-lhe e saí com o espírito apaziguado. Talvez o seu coração estivesse a mudar... Talvez!

Edwin e eu deixamos o mundo do Homem para trás e subimos a Montanha Sagrada. A decisão de trazer a senhora Doralia e Oriana conosco surgira de forma natural. Uma vez que Freya e Thorson se haviam mudado para a aldeia dos vândalos, a minha protegida não tinha com quem brincar. Além disso, eu queria-a ao meu lado, para observar o seu desenvolvimento. E com dois bebês a requererem atenção permanente, a ajuda da avó de Oriana era valiosa.

O nosso receio de que a Montanha se recusasse a acolher a nativa do Povo dos Penhascos não se concretizara. Quanto a Oriana, era um gosto vê-la brincar com os pássaros e as borboletas que se cruzavam conosco. Após viver entre as austeras paredes de pedra do castelo viking, a pequena descobria agora um mundo que em

muito se assemelhava ao das suas origens, pleno de beleza e cheio de maravilhas por explorar. Era um enlevo vê-la saltar, cantar e rodopiar, com os pássaros a voar sobre a sua cabeça e os cabelos enfeitados com borboletas de mil cores. Porém, o que mais nos extasiava era o seu riso. A própria Doralia não se recordava de já a ter ouvido gargalhar com tamanha satisfação. Pela primeira vez, na sua jovem e inocente existência, Oriana parecia realmente feliz.

A adaptação das nossas hóspedes foi imediata. Habituada a dormir ao relento nos verões quentes da Ilha dos Penhascos, Doralia instalou-se de imediato no exterior da gruta, sobre um nicho que a rocha animada de magia formara de propósito para a receber, como se a dar-lhe as boas-vindas. Oriana fez a sua cama ao lado dos gêmeos, a quem dedicava a maior parte do tempo livre que o treino da Arte lhe concedia. O meu temor de que os magoasse sem querer depressa se dissipou. A pequena ajeitava-se melhor com os bebês do que certos adultos. Não obstante ser dedicada a Halvard, a sua preferência recaía sobre Kelda, tal como sucedera com Thora, talvez conquistada pela serenidade da menina. Invariavelmente, adormecia a segurar-lhe a mão como se desejasse protegê-la. Também nunca me questionou acerca das marcas de Halvard e eu decidi não despertar a sua atenção para esse fato. Um dia, Oriana acabaria por descobrir o verdadeiro significado dos desenhos que evoluíam nas costas do meu filho e de Thorson. Não havia necessidade de assustá-la tão cedo, falando-lhe de profecias, até porque o seu destino estava condicionado por uma que não seria fácil de contrariar.

O Outono findou e a estação gélida impôs-se com extrema violência. Eu nunca testemunhara um Inverno tão impiedoso! Steinarr e o meu pai haviam-no antecipado, por isso tinham percorrido o território, assegurando-se de que o povo se preparava para as dificuldades que ia enfrentar. Restava-me o conforto de saber que o sacrifício do *jarl* Throst não fora vão, pois muitas crianças sobreviveriam à fome e ao frio, devido ao seu cuidado.

No topo da Montanha Sagrada, a Primavera persistia. Certo dia, enquanto observava a nevasca que fustigava o Norte, sob a aura protetora da Pedra do Tempo, fui surpreendida pela visita de Thora.

Olhamo-nos sem proferir uma palavra. Recebia nos meus braços e despimo-nos de toda a mágoa. Choramos até que as chagas abertas nos nossos corações principiaram a sarar. A minha irmã estava linda, com o ventre a empinar-se orgulhosamente por baixo da túnica. Senti o movimento do seu bebê contra a minha barriga e soltei uma exclamação encantada. Ela sorriu, enunciando com a voz carregada de satisfação:

— Este traquina está a fazer-me passar um mau bocado! Já não bastavam os enjôos, o peso, o desconforto, o ter de correr para a privada a todo o momento, agora decidiu não me deixar dormir. Volto-me para a direita, recebo um pontapé; viro-me para a esquerda, uma joelhada nas costelas... Não sossega um instante! Eu digo que sai ao pai. Ivarr diz que sai à mãe. Se for uma mistura de nós dois, em menos de nada ficaremos com os cabelos brancos!

— Não te preocupes — repliquei ternamente. — O vosso filho será um grande homem! Verás que trará muitas alegrias à nossa família e a todo o reino viking.

O sorriso da minha irmã tornou-se triste. Suspirou como se criasse coragem para prosseguir. Por fim confessou, num tom solene e comovido:

— Os nossos pais surgiram-me em sonhos, Edwina. Pude declarar-lhes o meu amor... E a nossa mãe ralhou-me por estar magoada contigo! Garantiu-me que, cada dia que passasse sem que te viesse falar, me cortaria uma trança.

Atordoada pela revelação, fiquei a vê-la remexer na bolsa. Ao exhibir-me uma das pequenas tranças que eu própria entrançara, no dia do seu casamento, prendi a respiração com as lágrimas a jorrarem-me dos olhos. E Thora concluiu:

— Quando acordei, isto estava caído sobre a minha almofada! — Voltamos a abraçar-nos, rindo e chorando ao mesmo tempo. Eu não questionava a veracidade do testemunho da Loba Prateada. A minha irmã nunca mentia! No fim, só me sentia um pouco enciumada por ter sido ela, e não eu, a escolhida para receber a visita dos nossos pais. Ainda assim, compreendia a opção de Throst e Catelyn. Das suas três filhas, Thora fora aquela que sofrerá em silêncio após o

seu desaparecimento, sem permitir que ninguém, nem mesmo o marido, lhe estendesse a mão.

— Eu estava tão triste! — confessou com um suspiro profundo. — Não me conformava com a idéia de que o meu filho jamais haveria de conhecer os avós e aprender o muito que tinham para lhe ensinar. Agora sei que os nossos pais não nos deixaram, Edwina. Throst e Catelyn continuam entre nós! Hão de orientar-nos e proteger os netos, ainda que não os consigamos ver.

Thora passou a tarde com a minha filha ao colo, contando-lhe a história dos espíritos sagrados das grandes feras, que escolhiam os seus campeões entre os Homens, concedendo-lhes a possibilidade de fazer coisas excepcionais para proveito dos povos da Terra. A pequenina fixava a tia com os olhos bem abertos, como se a entendesse. Da mesma forma, Oriana sorvia as palavras da Loba Prateada. De repente, declarou na sua voz plena de convicção:

— Kelda também é uma menina especial!

A sua afirmação podia ser inocente, mas teve o poder de agitar algo dentro de mim. O meu coração acelerou no peito e a pele arrepiou-se. Alheia à minha perturbação, Thora replicou:

— Eu sei, querida... Tenho a certeza de que será uma excelente guerreira!

A gargalhada do Rei da Lua sobressaltou-me. Ele sentara-se ao nosso lado e escutara a última parte da conversa, replicando sem hesitar:

— Só se for nos teus sonhos, Thora! Nunca vi uma criança tão pouco aguerrida... A serenidade de Kelda há de fazer dela uma grande vidente, isso sim!

A Loba Prateada fixou-o e sorriu trocista, antes de contrapor:

— Eu não sou adivinha, Edwin... No entanto, ficarias surpreendido se soubesses quantos dos meus sonhos já se tornaram realidade.

Helgi trouxe Thorson para passar alguns dias conosco, desfrutando dos ensinamentos dos cristais do Sol e da Lua, e da mística da Pedra do Tempo, como havíamos combinado. Depois de me cumprimentar com um beijo, o petiz correu em busca de Oriana, saudoso da companhia da amiguinha. Eu escutei as novidades do rei vândalo, satisfeita por saber que, pela primeira vez em anos, o rigor

do Inverno não estava a afetar o seu povo. As casas novas garantiam segurança e conforto. Livre da influência de Aesa, a terra despertara da sua inércia e proporcionara excelentes colheitas. Freya reunira as mulheres e ensinara-lhe alguns truques para conservar os alimentos, de modo a que pudessem ser consumidos muito depois do que seria normal. Além disso, a caça abundava na Floresta Sombria. Devido à quantidade excepcional de neve que cobria o solo, os animais tinham dificuldade em achar comida e aproximavam-se cada vez mais do domínio do Homem. Helgi gracejava, dizendo que, um desses dias, só teria de abrir a porta de casa e um veado tombaria dentro do seu caldeirão.

Edwin juntou-se a nós e fez a pergunta que eu já desistira de colocar:

— Freya insiste na recusa de subir a Montanha?

O Espírito da Escuridão encolheu os ombros e respirou fundo, antes de volver:

— Ela não compreende por que a magia não se manifestou, quando pediu a salvação para o pai. Está muito magoada... Diz que se a Pedra do Tempo não a ajudou, no momento em que mais necessitava, também não tem de vir aqui prestar-lhe vassalagem.

— Mas podia vir visitar-nos! — protestei, desgostosa.

— Dá-lhe tempo, Edwina — objetou Helgi, apaziguador. — Estou convicto de que, brevemente, Freya sentirá necessidade de subir a Montanha e fazer as pazes com a Pedra do Tempo. Até lá, devemos ser condescendentes com a sua revolta. Lembro-me bem de como o seu olhar brilhava, no dia em que a lagoa mágica me sarou. Ela convenceu-se de que tinha descoberto a cura para todas as maleitas físicas. Sofreu um grande choque, ao suplicar por um pouco de água para livrar o pai da morte, sem obter resposta.

O rei vândalo despediu-se logo de seguida. Apesar de agradáveis, as suas visitas eram curtas devido às inúmeras responsabilidades que o chamavam a casa. Antes de partir, procurou Thorson para lhe dar um abraço. Encontramo-lo sentado diante de Oriana, com as mãos a apoiarem o queixo e um sorriso extasiado a enfeitar-lhe o rosto, enquanto escutava a canção que a pequena lhe dedicava. Doralia fixou-nos com um olhar significativo... E eu fui fustigada por

um calafrio, quando Helgi sussurrou, ostentando um sorriso inocente e jovial:

— Esse maroto teima que se há de casar com a tua protegida, Edwina... E, cada vez que os vejo juntos, convenço-me de que sabe do que está a falar!

Fiquei a vê-lo despedir-se do filho e tentei sorrir ao dizer-lhe adeus, pedindo que entregasse o meu amor a Freya. Não queria que desconfiasse da angústia que as suas palavras me tinham causado. Uma parte de mim avisava-me que devia desencorajar o afeto de Thorson e Oriana... Todavia, a consciência reclamava que seria pura crueldade separá-los, pois a amizade que partilhavam equilibrava e animava as suas essências.

— Não te preocupes, querida — sussurrou Edwin, adivinhando-me os pensamentos. — Eles são demasiado jovens para saberem o que realmente desejam.

— Por acaso nós não sabíamos, quando tínhamos a sua idade? — objetei.

O Rei da Lua sorriu e assentiu com a cabeça, antes de retrucar:

— É verdade. E, no fim, não existiu força humana ou profecia capaz de nos deter. Se Thorson e Oriana sentirem esse apelo, será inútil contrariá-los. Ao invés, devemos ajudá-los, para que não tenham de sofrer o mesmo que nós!

Era isso que o meu coração desejava ouvir! Deslizei para os braços do meu marido e descansei a cabeça no peito robusto, apreciando o aconchego que só ele me proporcionava. Alentava-me saber que, mesmo que o futuro me reservasse duras batalhas, não teria de travadas sozinha.

Há muito que Thorson e Oriana nos pediam que os levássemos a passear ao lugar onde Halvard e Kelda tinham nascido. Após uma semana de treino intenso da Arte, Edwin decidiu que o seu esforço e bom comportamento merecia essa recompensa. A senhora Doralia preparou uma merenda com pão, queijo e fruta, e separou duas mantas, para que pudéssemos descansar com maior conforto. Antes de sairmos, fiz os meus protegidos jurarem que se iriam comportar

bem. Por fim, o Rei da Lua pôs uma corda às costas e segurou Halvard ao colo.

— Para que queres a corda? — perguntei intrigada, enquanto pegava em Kelda.

— É surpresa — replicou. — Vamos! Não percamos tempo precioso de brincadeira.

O Inverno continuava a torturar o Norte e, no topo da Montanha Sagrada, a manhã também estava fria. Ainda assim, o entusiasmo dos pequenos não esmorecia. Thorson gargalhava, enquanto Oriana cantava e dançava pelo trilho fora, sempre rodeada de pássaros e borboletas, com os longos cabelos a esvoaçarem ao sabor das carícias do vento. Para não variar, Halvard estava mal disposto. Rabujava no colo do pai como se quisesse ir para o chão e caminhar pelo próprio pé. Kelda mantinha-se tranqüila. Apenas os seus grandes olhos verdes se mexiam, voltando-se em todas as direções, observando... sempre observando.

Chegamos finalmente ao ribeiro e o meu coração apertou-se, ao recordar as emoções que ali vivera. Fechei os olhos e chamei à lembrança o rosto delicado da minha mãe, a ternura do seu toque, a determinação da sua voz. Sentia tanto a sua falta, que bastava pensar nela para as lágrimas me afluírem aos olhos. Sacudi a cabeça e fui ajudar a senhora Doralia a estender as mantas.

Halvard já gritava com fome. Enquanto lhe dava de mamar, vi Edwin estudar as árvores e percebi o que planeava. Escolheu uma com ramos sólidos, um pouco afastada das demais, e trepou-a com admirável ligeireza. Atou as duas pontas da corda a um tronco robusto e acenou aos garotos, que seguiam todos os seus movimentos com crescente curiosidade. Depois, desceu com igual destreza e piscou-me um olho. Eu sorri em resposta. Halvard estava satisfeito. Chegara a vez de Kelda.

Assim que entreguei o meu filho à senhora Doralia, ele anunciou a sua presença a toda a Montanha Sagrada. O seu choro era tão intenso que cortava o coração. Só se calou quando regressou ao meu colo. Os seus pés pontapearam a gêmea, como se para afastá-la do meu seio. Tive de entregar Kelda a Doralia e alimentá-lo de novo, pois buscava o mamilo com uma sofreguidão desesperada. No

entanto, mal teve o que desejava, tranquilizou-se, fechou os olhos e adormeceu. Se Halvard não fosse apenas um bebê, eu haveria de concluir que todo aquele estardalhaço tivera o único propósito de tomar o lugar da irmã.

Entretanto, Edwin achara um pedaço de tronco perfeito para servir de assento. Encostou o dedo a uma das extremidades e usou a força da mente para inflamá-lo. O calor daí resultante abriu caminho através da madeira, perfurando-a o suficiente para se passar a ponta da corda e dar um nó. Depois, chamou Thorson e explicou-lhe que desejava que ele evocasse a magia e fizesse o mesmo, no lado oposto do assento. Era um grande desafio para o meu sobrinho, mas Oriana estava a vê-lo e o garoto não queria fraquejar diante dela.

Até a senhora Doralia sustinha o fôlego, enquanto Thorson apoiava a madeira sobre as pernas e pressionava o dedo contra o ponto indicado pelo mestre. O tempo passou. A testa do pequeno prodígio encheu-se de suor. Nada acontecia. Oriana estava quase a chorar... Fixei Edwin com uma expressão suplicante, para que pusesse termo ao sofrimento de Thorson. Seria preferível mandá-lo parar agora, enquanto ainda guardava a esperança de ser capaz, do que vê-lo desistir por sua própria iniciativa, enfrentando o desencanto do fracasso e o medo de voltar a tentar. Contudo, o Rei da Lua negou com a cabeça. Por ele, Thorson devia ir até ao fim e, se necessário, enfrentar as consequências do seu fracasso.

Eu já me dispunha a intervir, quando o cheiro inconfundível da madeira queimada se misturou com o ar. O pedaço de tronco começou a fumar... E, no instante seguinte, uma cintilação rubra apossou-se do dedo de Thorson. Oriana gritou, saltou de entusiasmo e bateu palmas, ao ver a madeira ceder sob a vontade do primo. Então, ele gritou vitorioso e exibiu a tábua ao mestre, revelando o buraco feito pelo seu dedo, tão redondo quanto o primeiro.

Suspirei de alívio. Edwin já sorria e elogiava o pupilo. Nunca duvidara que ele seria capaz de superar o objetivo que lhe propusera. Os garotos seguiram-no até à corda pendurada na árvore e, entusiasmados, observaram-no a terminar o balanço. Passada essa comoção, a minha atenção centrou-se no ribeiro. Estávamos um pouco abaixo do local onde eu perdera o búzio da princesa

Luthia. Pensei em procurá-lo, mas logo desisti da idéia. O amuleto passaria despercebido na margem repleta de seixos. Além disso, regressara ao seu elemento! A água apaziguaria qualquer desequilíbrio da sua magia. Se Luthia decidisse apelar a um sortilégio para buscar Edwin, só escutaria a canção do riacho. Acrescia o fato de que, na Montanha Sagrada, o búzio repousava a salvo das intrigas do Povo da Água. Assim, o resultado da quizília que opunha sereias a tritões não pesaria sobre a minha consciência.

O Rei da Lua entregou Thorson e Oriana aos cuidados da senhora Doralia e veio sentar-se ao pé de mim. O seu braço rodeou-me os ombros e os dedos entrelaçaram-se nos meus caracóis. Fixei o olhar verde-floresta e constatei a sua felicidade. O amor que me inundava o coração transbordou num sorriso enlevado. Devagar, apreciando a forma como a minha pele se arrepiava sob o seu toque, Edwin aproximou os lábios do meu ouvido e murmurou:

— Estar aqui contigo e com os nossos filhos é muito mais do que eu alguma vez me atrevi a almejar. É o mais perfeito dos sonhos tornado realidade! Amo-te com todo o meu coração, com toda a minha alma! De bom grado voltaria a sofrer o que sofri, para estar hoje ao teu lado. Obrigado por não teres desistido de mim!

— Eu jamais desistirei de ti — sussurrei. — Tu és a minha vida! — Os seus lábios traçaram-me um rasto de fogo na face, até se apossarem da boca e me silenciarem. Halvard e Kelda dormiam profundamente entre nós dois, completando o nosso amor. Entreguei-me àquele beijo como se nada mais existisse. Nós merecíamos essa satisfação, depois de tanta luta, de tanta dor...

De repente, Halvard abriu os olhos e escancarou a garganta. Kelda despertou sobressaltada, mas aconchegou-se ao meu seio e tornou a adormecer, como se as birras do irmão já não a incomodassem. Edwin afastou-se, gracejando com um sorriso resignado:

— Lá se foi a perfeição do momento! Deixa-te estar, querida. É a minha vez de acalmá-lo, antes que a Montanha decida expulsar-nos por causa desse berreiro.

Sorri-lhe, agradecida pela iniciativa. Sentia-me cansada e sonolenta. A curta distância, Thorson e Oriana deleitavam a floresta com as suas gargalhadas. Ela voava no balanço, com os cabelos ao

vento, cantando... sempre cantando. Ele empurrava-a gentilmente, deliciado com a harmonia da sua voz. Doralia fazia coro com a neta, embevecida. Edwin afastava-se, embalando Halvard, até que conseguiu o prodígio de o silenciar.

Fechei os olhos. Obriguei-me a abri-los. Kelda rumorejava na inocência do sono. Ela era a minha princesinha abençoada... Arrepiei-me, ao recordar as vezes que, jocosamente, Aesa me chamara assim. Depois, apertei a bebê junto o peito e soprei para longe as névoas que marchavam sobre a minha mente. Não permitiria que o passado nos ensombrasse! Aesa estava morta, assim como Esteban e Gwendalin. O desaparecimento de três mestres da Arte Obscura, no decorrer de um ano, devia desencorajar a ousadia dos restantes feiticeiros renegados que devotavam a existência ao mal. Durante algum tempo, a paz acalentaria os nossos espíritos... Até que outra entidade funesta decidisse alterar o equilíbrio das forças naturais. Sim, porque eu não guardava ilusões! A calma de que desfrutávamos seria sucedida de uma tempestade. E os principais instigadores desse caos encontravam-se ali mesmo, sob o meu encargo.

Quem poderia prever o que ia acontecer, quando Thorson e Halvard crescessem? Seriam aliados? Tornar-se-iam inimigos? Os desenhos que se desenvolviam nas suas costas eram como raízes malignas que se multiplicavam por baixo da pele. Nenhum deles escolhera a sua sina... mas ambos teriam de arranjar forças para superar o destino, ou este acabaria por devorados sem dó nem piedade.

Para além dos meninos marcados pela profecia do filho do dragão, também me inquietava a sorte do primogênito de Estrid. A Pedra do Tempo era testemunha de que eu não lhe queria mal, ainda que ele possuísse o sangue amaldiçoado de Esteban. No entanto, seria imprudência, até incúria, desprezar a ameaça que advinha dessa criança. Eu fora avisada de que as suas mãos lançariam as trevas sobre a Terra. Se esse rapaz sobrevivera,urgia descobrir a identidade daquele que o resgatara, pois, quem o guardava sob a sua proteção também se assenhoreara das pedras branca e amarela da feiticeira Aranwen.

As restantes pedras mágicas estavam a salvo da cobiça de Homens e Feiticeiros, sob a aura abençoada da Pedra do Tempo. Eu própria as entregara ao solo, uma a uma, segundo o padrão das estrelas. Não fora necessário enterradas. A terra abriu-se e engolira-as. No coração da Montanha Sagrada, as cinco aguardariam pelas companheiras, até chegar o dia em que as sete seriam finalmente destruídas e a sua história de ambição e morte chegaria ao fim. Eu sofria com a antecipação desse instante, pois adivinhava que, até lá, muitas lágrimas haveriam de rolar e o sangue daqueles que me eram queridos correria em torrente sobre os solos deste mundo que tanto nos dava... e tanto nos tirava.

A imagem dos meus pais voltou a emergir-me à mente, rodeada de luz. A sabedoria popular apregoava que o tempo sarava todos os males. Eu comprovava que isso era falso! Havia padecimentos para os quais não existia cura. O tempo apenas nos ensinava a viver com o tormento, a mágoa, a eterna saudade, até que a dor passava a fazer parte de nós e, em vez de nos consumir, dava-nos alento para continuar a lutar, a sonhar, a sorrir... E, acalentando a minha filha, eu sorria para Throst e Catelyn e eles sorriam em resposta. As suas mãos esticaram-se para acariciar as faces de Kelda. Ao longe, uma fera soltou um rugido, poderoso, vibrante, que estremeceu o âmago da Terra... E a figura dos meus pais desvaneceu-se.

— Ouviste isto? — De súbito, Edwin estava ao meu lado, envolvendo-me na proteção dos seus braços, para que Halvard e Kelda ficassem escudados pelos nossos corpos.

Pisquei os olhos atordoada. Juraria que me deixara dormir e que o bramido estridente fizera parte do sonho! Todavia, parecia óbvio que assim não fora, pois a senhora Doralia também corria para junto de nós, com Thorson e Oriana pela mão.

— Não sabia que aqui existiam animais ferozes! — exclamava, pálida de susto.

— Nem eu — murmurei, sufocada. Começava a interrogar-me quanto do sonho que tivera, antes de dar à luz, fora produto da imaginação. Poderia a grande gata branca, com o deslumbrante pêlo manchado de negro, cinza e prata ser real?

Então, com a lucidez que lhe reconhecíamos, Thorson fez uma pergunta extraordinária:

— Por que receais? Se essa fera pertence à Montanha Sagrada, jamais nos fará mal!

EPÍLOGO

Por breves instantes, o feiticeiro de cabelos cor de ouro e olhos azuis celestes deixou-se deslumbrar pela beleza da paisagem que se estendia à sua frente. O esplendoroso castelo de cristal erguia-se imponente sobre um jardim exuberante de vida e cor, atravessado por ribeiros de águas cristalinas. Todos os Seres Superiores podiam desfrutar das maravilhas do jardim, mas apenas os membros do Conselho tinham o privilégio de residir no castelo. Durante anos — muitos, de acordo com a contagem dos seres humanos — ele pertencera a essa elite restrita. Depois fartara-se da arrogância, do fingimento, da futilidade. Fartara-se da mediocridade.

Se os Feiticeiros se olhassem realmente nos espelhos que usavam para se enfeitar, vomitariam em cima do seu reflexo. Era inacreditável, a quantidade de imperfeições que apontavam aos seres inferiores, quando as bases da sua sociedade estavam corroídas pelas mesmas maleitas. Havia mais inveja sentada à mesa do Conselho do que num continente da Terra. Existia mais rancor no seio de qualquer família da Ilha Sagrada, do que ódios a separar os reinos rivais do Homem. Ele conhecera o melhor e o pior desses dois mundos... E concluía que os humanos eram, de longe, mais puros do que os Feiticeiros, uma vez que não escondiam a sua verdadeira natureza por trás de um manto de falsas virtudes.

Ainda assim, fora bom regressar a casa. Ver o brilho incomparável que as cores assumiam sob a influência da magia. Sentir os odores que enlevavam os sentidos. Escutar o cântico mavioso das aves que viviam sobre as nuvens... A Terra também possuía os seus encantos e tesouros. Porém, por mais que desejasse negá-lo, parte do seu coração nunca abandonara a Ilha Sagrada, mesmo quando acreditara que jamais lhe seria permitido voltar.

Antes que pudesse evitá-lo, os lábios torceram-se num sorriso desdenhoso. A sua presença ali era a prova de como os mais nobres

e acerrimamente defendidos valores da sociedade etérea tinham apodrecido. Os Seres Superiores deviam estar desesperados, para permitirem o retorno de um proscrito ao seu seio. E o mais hilariante de tudo é que ele não era um renegado qualquer! Ele era a verdadeira face do terror que prostrava o Homem e fazia recuar os Feiticeiros... O mestre entre os mestres da magia maldita!

Uma leve deslocação de ar bastou para que se apercebesse de que já não se encontrava só. Cumprimentou o recém-chegado com uma expressão cordial:

— Saudações, primo! A reunião correu bem?

O Sacerdote do Conselho Superior aproximou-se, antes de responder:

— Creio que sim. O Mestre Supremo não me permitiu ficar com as pedras, mas, de qualquer forma, já o esperava. Quanto ao resto, tens permissão para continuar.

O renegado fixou o primo, redarguindo jocosamente.

— Deveras? As coisas por aqui mudaram bastante!

— Bom para ti... — retorquiu o outro, no mesmo tom. — Ótimo para mim!

Partilharam um sorriso cúmplice e os olhos do mestre da Arte Obscura fulguraram, ao exclamar:

— Estás a revelar-te um tremendo facínora, Ingimar!

— Por isso nos entendemos tão bem! — revidou o Sacerdote, sustentando a intensidade do olhar celeste que refletia o seu.

O feiticeiro negro virou o rosto para o jardim. Regressar à Ilha Sagrada, rever parte da família e daqueles a quem, no passado, chamara "amigos", perturbava-o mais do que se podia dar ao luxo de deixar transparecer. E a magia do primo era suficientemente poderosa para capturar uma emoção insurgente! Se Ingimar conseguira ocultar dos restantes membros do Conselho, inclusive do Mestre Supremo, a tendência para o lado obscuro da magia, a ambição desmedida, a frieza implacável, então, merecia o seu respeito. Estavam a jogar um jogo perigoso; uma caçada, na qual a sua posição de líder dos predadores tinha de ficar marcada.

— Agora que tens a anuência do Conselho, quando pretendes ir buscar o rapaz? — perguntou o Sacerdote, arrancando-o às suas

cogitações.

O mestre da Arte Obscura ponderou um pouco, antes de replicar:

— Não há pressa! Deixemo-lo crescer... Que seja a mãe a limpar-lhe os cueiros, até que o seu poder se manifeste. Só nessa altura poderá iniciar os treinos.

— E não corremos o risco de vê-lo rebelar-se contra nós, se avançar na idade?

O feiticeiro negro libertou um som, que oscilava entre a risada e o grunhido de desprezo.

— Pelo contrário! Quanto mais tempo passar, mais a sua natureza o afastará daqueles que o rodeiam... e o aproximará de nós. Além disso, durante os próximos anos irei estar bastante ocupado!

A perfeição do rosto de Ingimar distorceu-se num esgar de asco, ante a alusão do primo. Nem tentou disfarçar a repulsa, ao indagar:

— A criatura está em segurança?

Desta vez, o mestre da Arte Obscura não se conteve de escarnecer:

— Não te inquietes pelo Erebus! Preocupa-te, antes, com a integridade dos que o rodeiam!

— Erebus? — repetiu Ingimar, com um sorriso em que o motejo se conjugava com a surpresa. — “O Criador das Trevas”?

— É um nome adequado, atendendo à sua condição. Estou convicto de que o apreciará, quando tomar consciência das próprias capacidades.

O riso do Sacerdote morreu-lhe nos lábios e a sua voz aprofundou-se, ao declarar:

— Devo admitir que não te falta inspiração para nomear os teus protegidos... Só espero que, desta vez, tomes as devidas precauções e não te deixes enganar!

O feiticeiro negro rangeu os dentes, antes de mastigar com uma frieza calculada:

— Estás preocupado comigo? Ou questionas a minha competência para executar o teu plano?

Sem pressa, Ingimar destruiu a distância que os separava e mergulhou no olhar azul celeste, retrucando:

— Se não confiasses plenamente na tua idoneidade, estimado primo, jamais me teria dado ao trabalho de convencer o Conselho a eleger-te para a missão de recuperar a magia que o Homem nos usurpou. Acredita que havia opções menos contestadas pelos outros Sacerdotes.

Sem se desviar, o feiticeiro negro objetou:

— Tu não queres saber da magia de Aranwen! Só te empenhaste nesta missão porque desejas resgatar o título que o imbecil do teu irmão colocou nas mãos de uma impura.

— Não é essa também a tua motivação? — reptou o outro. — Recuperar a tua herança de sangue? Reconquistar o poder e o respeito que te pertencem por direito? Sentares-te uma vez mais à mesa do Conselho... e cuspir na cara daqueles que te condenaram ao exílio?

— Mesmo que o teu plano resulte e me seja permitido viver na Ilha Sagrada, o Mestre Supremo jamais admitirá o meu regresso à mesa do Conselho... Eu quebrei todas as leis que ali foram estabelecidas!

— Se o plano resultar, eu tornar-me-ei Mestre Supremo e tu há de sentar-te à minha direita, primo.

Os dois homens pararam de ciciar, despertados pelo riso das crianças que brincavam por baixo da varanda.

— Vamos para dentro — apelou Ingimar. E entrou no aposento. O feiticeiro negro respirou fundo. Quando Ingimar o procurara, com a promessa de vingança na Terra e redenção na Ilha Sagrada, acreditara que a proposta se devia ao fato de o primo estar impossibilitado de pôr em prática o plano que idealizara, uma vez que a quebra do juramento que fizera diante do Conselho, de jamais voltar a pisar a Terra, comprometeria irremediavelmente a sua honra perante os demais. Todavia, o mestre da Arte Obscura começava a desconfiar que existiam outros fundamentos menos racionais por trás da motivação do Sacerdote.

Seguiu o primo, determinado a pôr a capa que o agasalhava no Inverno da Terra sobre os ombros e partir. A causa daquele encontro estava ultrapassada. O Conselho resolvera a seu favor e seria

imprudente sequer pensar em algo que deitasse a perder o que já fora conquistado.

Porém vacilou, ao verificar que Ingimar acabara de servir o néctar das vinhas sagradas em dois vasos de cristal, tentando-o:

— Brindemos ao triunfo que alcançamos hoje... E às vitórias que o futuro nos reserva!

O feiticeiro negro estreitou o olhar. No dia em que deixara a sua casa para enfrentar o exílio na Terra, Ingimar era um rapazote, segundo os padrões feiticeiros. Agora, diante de si estava um homem vibrante de juventude e beleza, com uma mente sagaz e uma resolução férrea. De novo, pensou que devia voltar-lhe as costas... Porém, quando o Sacerdote se aproximou, foi incapaz de recuar. Aceitou o vaso de cristal e elevou-o, replicando:

— Brindemos, então, ao nosso sucesso! À tua ascensão a Mestre Supremo e ao meu regresso ao Conselho dos Seres Néscios!

Bebeu o néctar de um só trago. Ingimar imitou-o e, sem delonga, tornou a encher os vasos, confessando:

— Há muito que almejo aprender o que tens para me ensinar... Desde o tempo em que visitavas o meu irmão e suspiravas por Aranwen, que queria ser como tu!

O mestre da Arte Obscura sacudiu a cabeça, contraditando no mesmo tom carregado de significado:

— Tem cuidado com o que desejas...

Ingimar ergueu o vaso cintilante numa saudação e contrapôs:

— Eu nasci para vencer! Não tenciono, jamais, conhecer o sabor de uma derrota!

O mestre da Arte Obscura gargalhou, levantando o seu vaso em resposta:

— Ao feiticeiro Ingimar, Guardiã da Lágrima do Sol e Mestre Supremo da Ilha Sagrada!

E o primo volveu:

— Ao feiticeiro Sigarr, Guardiã da Lágrima da Lua e meu braço direito. Juntos, restituiremos ao nosso povo a glória perdida... Reafirmaremos o domínio dos Seres Superiores sobre todos os povos da Terra!